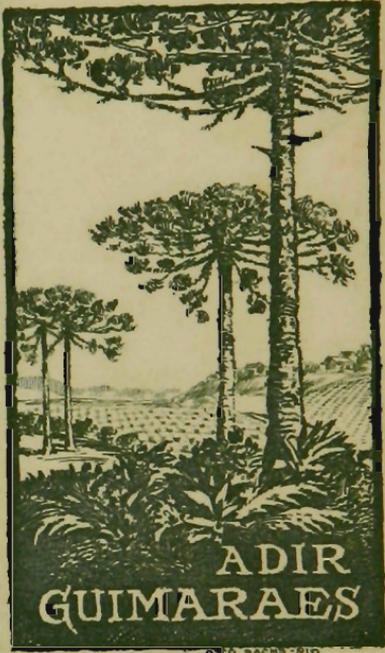
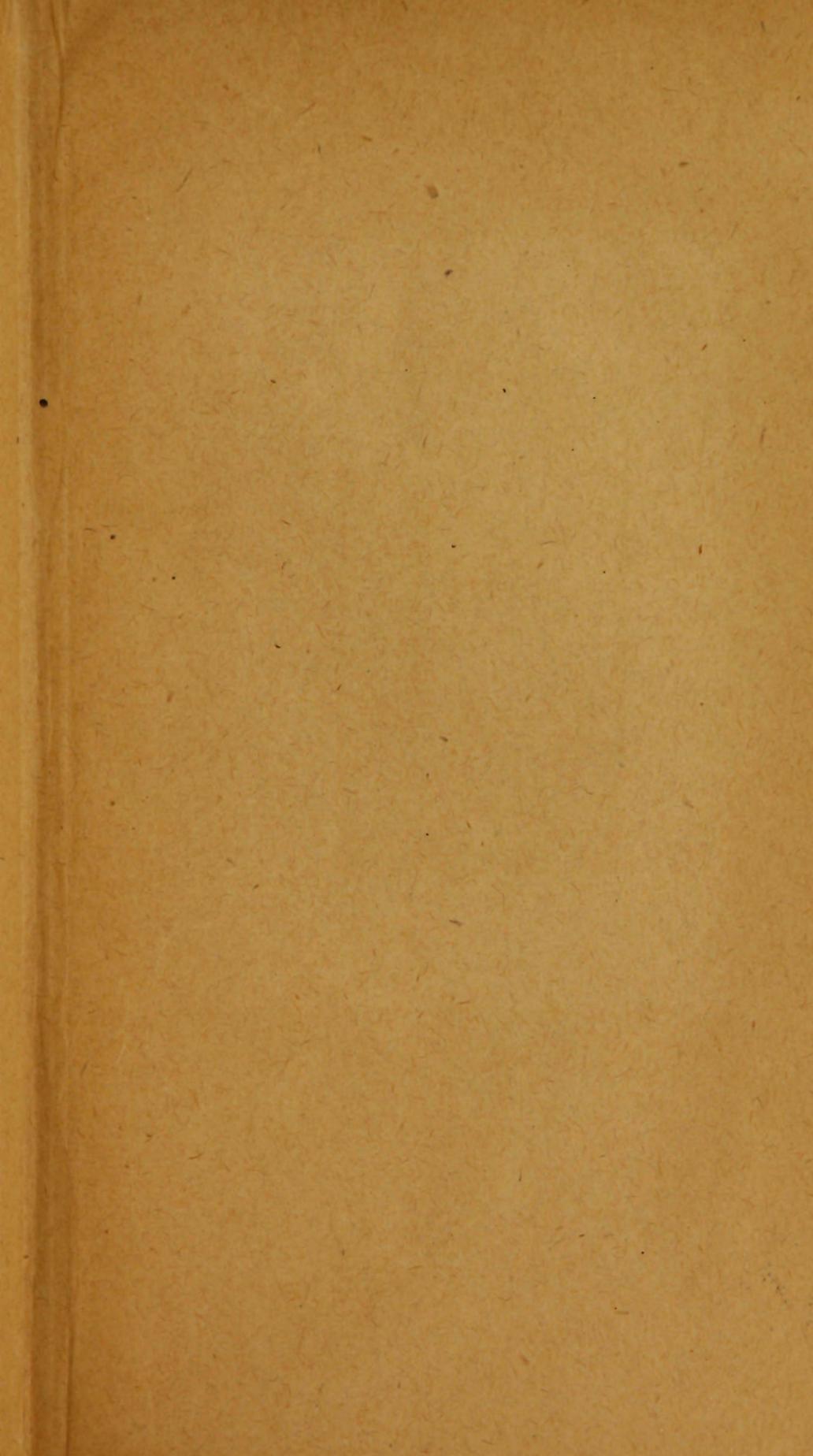


LA TROBE UNIVERSITY
LIBRARY



PAPELAGIA
PAUL NATHANZIO





MUCIO TEIXEIRA
BARÃO ERGONTE

OS

GAÚCHOS

O MEIO PHISICO — O MOMENTO HISTORICO — A VIDA
PAMPEANA — O PARTHENON LITERARIO
— O CANCIONEIRO POPULAR E SYNTHESE BIOGRÁPHICA
DOS RIOGRANDENSES ILLUSTRES

TOMO II



EDIÇÃO DA
GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO
RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19
(ant. Santo Antonio)
RIO DE JANEIRO
1921



OS GAÚCHOS

OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA

LIVROS DE POESIA

Vozes trémulas, 1 vol. de 212 págs. — *Violetas*, 1 vol. de 200 págs. — *Ondas e Nuvens*, 1 vol. de 250 págs. — *Sombras e Clarões*, 1 vol. de 296 págs. — *Novos Ideaes*, 1 vol. de 400 págs. (4.^a edição) — *Prismas e Vibrações*, 1 vol. de 236 págs. — *Hugonianas*, 1 vol. de 494 págs. (2.^a edição) — *Contos em Cantos*, 1 vol. de 242 págs. — *Poesias e Poemas*, 1 vol. de 238 págs. (2.^a edição) — *Celajes*, 1 vol. de 361 págs. (em lingua castelhana) — *Poesias de Don Mucio Teixeira*, traduzidas por poetas de Venezuela, 1 vol. de 250 págs. — *Campo-Santo*, 1 vol. de 519 págs.

POEMAS

Cérebro e Coração, 1 vol. de 212 págs. (3.^a edição) — *Fausto e Margarida*, 1 vol. de 210 págs. (4.^a edição) — *O Inferno Politico*, 1 vol. de 224 págs. — *Intermezzo Lyrico*, 1 vol. de 284 págs. — *Um Sonhador do Século*, 1 vol. de 182 págs. — *O Tribuno-Rei*, 1 vol. de 126 págs. (2.^a edição) — *Os Inconfidentes* (fragmentos), 1 vol. de 92 págs. — *Mulheres do Evangelho*, 1 vol. de 262 págs. (2.^a edição) — *Pequenos Poemas de CAMPOAMOR*, 1 vol. de 325 págs. — *O Girafa*, 1 vol. de 110 págs. (2.^a edição) — *Leviandades de Clymene*, 1 vol. de 82 págs. — *Caprichos de Mulher*, 1 vol. de 46 págs. — *O Kaiser perante a Historia*, 1 vol. de 25 págs. — *Terra Incógnita*, 1 vol. de 408 págs.

DRAMAS

O Filho do Banqueiro (5 actos) — *Alvaro, o Farapo* (5 actos) — *A Flor de um dia* (4 actos e em verso) — *Tempestades Moraes* (3 actos) — *A virtude no Crime* (5 actos) — *O Sobrinho pelo Tio* (3 actos) — *Montalvo* (3 actos) — *Chimica Conjugal* (1 acto e em verso) — *A Urucubaca* (3 actos, em prosa e verso).

LIVROS EM PROSA

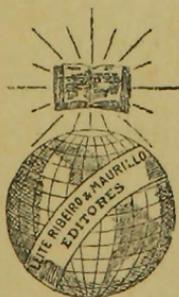
Memorias dignas de memoria, 5 vols. — *Poetas do Brasil*, 3 vols. — *Synthese histórica da Literatura Brasileira*, 3 vols. — *Vida e obras de Castro Alves*, 1 vol. — *Biographia de Bethencourt da Silva*, 1 vol. — *Relatorio da Exposição de 1900*, 1 vol. — *La administracion del Doctor Rojas Paúl en Venezuela*, 1 vol. — *O Brasil Marcial*, 1 vol. — *O Imperador visto de perto*, 1 vol. — *Os Gaúchos*, 2 vols. A ENTRAR NO PRELO: *Homens do meu tempo*, 3 volumes e *Tratado elementar de Ciencia Occulta*, 1 volume ornado de numerosas gravuras.

MUCIO TEIXEIRA
BARÃO ERCONTE

OS
GAUCHOS

O MEIO PHISICO — O MOMENTO HISTORICO — A VIDA
PAMPEANA — O CANCIONEIRO POPULAR E
SYNTHESE BIOGRÁPHICA DOS RIOGRANDENSES ILLUSTRES

TOMO II



Edição da grande livraria editora de
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
3, Rua Santo Antonio, 3
RIO DE JANEIRO
1921



920.08165

T266g

1920

6.2

LA TROBE UNIVERSITY

LIBRARY



PRÓLOGO DO TOMO II

A ESTA obra, que termina neste segundo tomo, seguir-se-á outra, intitulada *Perfis Gaúchos*, que já tenho em adiantada via de elaboração, na qual trato dos meus patricios illustres que ainda vivem, não os misturando aqui com os mortos sinão pelo simples facto de ficar esta obra muito volumosa, pois penso como o padre Antonio Vieira, que não ha distincção entre uns e outros.

«Os mortos são pó, e nós tambem somos pó. Em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó cahido; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz.

Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquietta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, vôa; entra por esta rua, sai por aquella; já vai adiante, já torna atraz: tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mette, sem aquietar nem socegar um momento, emquanto o vento dura.

Acalmou o vento, cai o pó; e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? — Assim é. E que pó e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, cahiu o pó. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó cahido; estes são os mortos. Os vivos pó; os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó cahido; os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra».

MUCIO TEIXEIRA.

IX

ESTADISTAS E PARLAMENTARES

As fórmulas de governo, tanto a monárquica como a republicana, dentro de poucos annos serão substituídas por um regimen definitivo, que obedecerá ás imperiosas leis da evolução: cabendo a victoria ao que applicar ao socialismo os processos da adaptação ao meio colectivo, mantendo uma disciplina que domine os excessos democraticos e reprima os abusos dos governantes.

Esse partido, infiltrado do espirito doutrinário que caracteriza a cultura allemã, repellirá os sophismas dos sonhadores da raça latina, impondo os severos principios da nova doutrina, para que a sua acção possa ser tão efficaç e duradoura como a da sábia organização da Igreja Cathólica, que é a mais perfeita instituição humana.

MUCIO TEIXEIRA

BARÃO DE QUARAHIM

PEDRO RODRIGUES FERNANDES CHAVES, Barão de Quarahim, nasceu em Porto Alegre a 27 de Abril de 1810 e falleceu em Pisa a 23 de Junho de 1866. (*) — Chamavam-lhe os contemporaneos pelo nome de Pedro Chaves, devido á lei do menor esforço, e foi o chefe politico de maior prestigio no Rio Grande do Sul, que ainda hoje venera a sua memoria, embora salpicada de violencias, que eram impostas pela necessidade da manutenção da ordem, como garantia do progresso. Os liberaes, porém, prepararam-lhe uma lenda hyperbólica.

Si o Brasil contasse na sua historia politica meia duzia de homens da tẽpera de Pedro Chaves, estaríamos hoje occupando o logar que nos compete no congresso das primeiras nações do mundo. Infelizmente, porém, as coisas foram outras, de modo que o maior de todos os brasileiros, o sabio e incomparavel Imperador D. Pedro II, chegou a dizer que já se sentia cansado de carregar maus governos...

«As proprias forças conservadoras (diz o gaúcho que actualmente dirige a Academia de S. Paulo), devem tomar a si, afim de poder dirigi-las, as justas reivindicações das massas. Conservar não é resistir cega e obstinadamente, mas sim evitar movimentos bruscos e radicaes. E' preciso evolver, para não revolucionar». Foi

(*) Os seus restos mortaes foram recebidos no cemiterio de S. Francisco de Paula, do Rio de Janeiro, onde jazem, desde 30 de Outubro de 1866, tendo sido o cadaver embalsamado.

o que fez Pedro Chaves, no brilhante periodo da sua longinqua mocidade.

Este illustre gaúcho, depois de fazer os estudos preparatorios em Porto Alegre, começou na Universidade de Coimbra o curso de direito, que veio acabar na Academia de S. Paulo, onde fez os tres últimos annos, sendo um dos 9 estudantes brasileiros que vieram daquella Universidade para a nossa recém-creada Academia. E tanto lá como cá fez bôa figura, como tambem na magistratura, onde se distinguiu desde que foi nomeado juiz de fóra na cidade do Rio Grande.

Juiz de direito em Porto Alegre, de cuja Relação foi um dos primeiros desembargadores, desempenhou commissões diplomáticas nas repúblicas do Uruguay e dos Estados Unidos da América do Norte, foi deputado provincial e geral, presidente das provincias do Rio Grande do Sul e da Parahyba, chefe do partido conservador e finalmente senador do Imperio.

A sua escolha, para a representação do Rio Grande do Sul na câmara vitalicia, foi discutida, pois na lista triplice figurava o glorioso nome do immortal Conde de Porto Alegre, com 222 votos, o dr. Vieira da Cunha com 186 e Pedro Chaves com 261. O ministerio, que era conservador, mas temia a eloquencia de Pedro Chaves, propendia para a escolha do seu correligionario Vieira da Cunha, que a ninguem assustava; si o *poder pessoal* existisse, como se dizia injustamente, o escolhido seria o Conde; mas as razões de Estado determinaram a victoria de Pedro Chaves.

«De indole ardente e cavalleirosa, espirito alevantado, como o são na generalidade os brasileiros dos Pampas, o dr. Pedro Chaves (diz um dos seus biógraphos), a despeito das responsabilidades da sua posição, e da sua cultura intellectual, não conseguia por vezes conter os impetos do seu temperamento impulsivo». — Começa agora a lenda, creada pelos liberaes históricos, com os seguintes incidentes anecdóticos:

«Em certa occasião, accusado em termos violentos na Assembléa Provincial de Porto Alegre, pelo dr. Ubata, seu collega, ali mesmo tirou o immediato disforço, esbofeteando-o, quebrando-lhe os óculos; e ao ami-

go deste, a quem o offendido delegara poderes para desafial-o para bater-se em duello, expulsou de casa, ameaçando atiral-o pela escada a baixo.

Noutra occasião, injuriado por uma folha do partido contrario, Pedro Chaves procurou dominar a súbita cólera que d'elle se apoderou, para, com a possível calma apparente, pôr em execução a mais terrivel vingança. Foi ter com o redactor em questão, e, por elle recebido na propria sala da redacção, encetou a palestra em tom de queixa, sem recriminações:

— Ora, sr. Fulano, a sua folha foi muito violenta e o sr. não me poupa...

— Que quer, sr. senador? é uma contingencia dos tempos...

— Bem desagradavel para mim, ha de convir.

— E tambem para mim, sr. senador; acredite V. Ex..

— Pois então, já que o sr. é tão amavel, ha de fazer-me o favor de dar-me um copo d'agua.

— Tão pouco?

— Mais alguma coisa...

Satisfeito o pedido, Pedro Chaves collocou o copo sobre a mesa da redacção, e tirando calmamente da algibeira uma tira de jornal, amarrotou-a, fez della uma bola, que offereceu ao espantado jornalista.

— O complemento do favor é este: engula! E' o artigo injurioso que escreveu contra mim. A agua daquelle copo lhe facilitará a ingestão da pílula, que ha de acalmar-lhe os nervos.

— Que é isto, sr. senador? E' um gracejo de mau gosto...

— Engula! ande, sinão... (e tirou o revólver do bolso).

O pobre diabo, trémulo de medo, preferiu capitular, sujeitando-se á estranha therapêutica que The era imposta. Muitos annos depois, no palacio presidencial do Recife, consta que o sr. Barbosa Lima parodiara Pedro Chaves, impondo a outro polemista a mesma expiação.

Pedro Chaves era commendador das ordens de Christo e da Rosa, e teve o titulo de Barão de Quarahim, com as honras de grande do Imperio. Dois de seus filhos vieram a occupar posição elevada na politica e na magis-

tratura, o conselheiro Alfredo Chaves, que foi deputado geral e ministro da guerra, e o desembargador Paulino Chaves, que tambem foi deputado á Assembléa Geral.

Dizem alguns biógraphos que sobre a personalidade de Pedro Chaves o juizo inflexivel da historia tará cahir o peso do desencadeamento da revolução dos *Farrapos*. Mas isso não é lógico, pois essa revolução vinha sendo trabalhada desde 1831, como consequência immediata dos acontecimentos de 7 de Abril, só se dando a explosão a 20 de Setembro de 1835; e naquella época, Pedro Chaves, contando apenas 21 annos de idade, ainda era estudante em S. Paulo, fazendo parte da turma acadêmica de 1828-1832. O mais que se pode dizer é que foi nas mãos d'elle que estourou a bomba, por outros atirada, depois de um lento preparo.

Voltando aos seus dignos filhos, dos quaes privei na intimidade, occorrem-me, estes factos: Paulino convidou-me para ir com elle e sua familia á festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre, no bairro do mesmo nome. Podia-se ir de carro ou de bonde, mas fomos numa lancha a vapor, por se tornar assim mais pitoresco o passeio. Ao chegarmos lá, fundeámos á grande distancia, e mettemo-nos num bote, que virou com-nosco, falizmente em Togar onde se tomava pé. Mas ficámos inteiramente molhados, o que nos obrigou a voltar immediatamente.

Querendo eu ir para a minha casa, que ficava tão distante d'ali como a d'elle, obrigou-me a ir com elles, (podendo vestir a sua roupa), dizendo-me a sua esposa que tinha para mim uma agradavel surpresa, ao jantar. A sua mesa fazia lembrar a de Lucullo, e não havia adegas particular que encerrasse vinhos de tão comprorada longevidade.

Eu nesse tempo ainda era magro, e Paulino já era gordo, com aquelle abdomen sacerdotal que fazia lembrar o do Barão do Rio Branco. Digo isto para que imaginem o meu susto, ao vestir aquellas roupas, temendo ser recebido por uma gargalhada geral. Tal, porém, não aconteceu, porque a respeitavel Dona Marocas e a linda Marietta (que ainda era solteira) estavam vi-

vamente impressionadas como o nosso quasi naufragio. Si o leitor quer fazer uma idéa exacta da minha figura, imagine o sr. Ruy Barbosa vestido com o collete do sr. Oliveira Lima.

Quanto ao Alfredo Chaves, ordenou, quando ministro da guerra, que todos os officiaes se recolhessem aos respectivos corpos. Meu cunhado Pedro (major Pinto Peixoto) que estava com a mulher enferma, pediu-me para arranjar-lhe um mez de licença, tempo bastante para o restabelecimento da esposa. Pedi, mas o ministro negou. Ia sahindo, visivelmente contrariado, quando elle, querendo emendar a mão, me chamou, dizendo:

— Não ha motivo para te zangares, porque a ordem já foi dada, tem de ser cumprida; mas... ha um meio de seres servido sem eu abrir uma excepção odiosa: dá-me o nome d'elle, que vou já nomeal-o meu ajudante de ordens, e dize-lhe que se apresente amanhã, para ser empossado. Isto andou de bôca em bôca, e a officialidade da guarnição não me deixava a porta, uns com pedidos razoaveis, outros com verdadeiros absurdos.

Entre elles, appareceu-me um tenente, Delphim de Carvalho, filho de um almirante do mesmo nome, que se tornou o meu melhor amigo, dizendo a todos *que me devia a vida*... O caso foi este: era noivo em Curityba, ia para o Rio Grande, pedia para interromper apenas a viagem, casando-se logo, e proseguiria (no vapor immediato). Achei razoavel, servi-o, dizendo-lhe que no dia seguinte seria dada a concessão. O ministro, porém, esqueceu-se, e elle teve de seguir para o seu destino.

Fui a bordo, acompanhar um parente que embarcava, e o Delfim interpellou-me. Garanti-lhe que naturalmente fôra esquecimento, mas podia ir descançado, que a ordem seria dada por telegramma. E assim aconteceu. Elle desembarcou em Paranaguá, seguiu para Curityba, casou-se e foi com a esposa no primeiro vapor. Mas... Estava escripto lá em cima que elle não tinha de morrer debaixo d'agua! o vapor, dois dias depois de deixar o porto de Paranaguá, naufragou, não se salvando um só dos 120 passageiros que seguiam para o Rio Grande do Sul! Escrevi, então, o poema *Tragedia no Oceano*, que está no meu livro — *Poesias e Poemas*. Quem o sal-

vou foi a sua boa estrella, mas elle queria que fosse eu...

Dizem que o Brasil não tem sido abalado por movimentos scismicos. Historias do nosso Observatorio Astronômico, sem esquecer o que disse o sabio Agassis. Uma noite, jantava eu em casa do conselheiro Alfredo Chaves, que era então ministro da guerra, e morava no Cattete, defronte do actual palacio do mesmo nome (que era a residencia do Visconde de Nova Friburgo), quando ouvimos, ás 7 e meia mais ou menos, um rumor estranho, mas tão forte, que a casa estremeceu...

A idéa que a todos occorreu foi que se tivesse dado na rua o abalroamento de dois caminhões, não nos passando pela mente que fosse um tremor de terra. Mais tarde, ao chegar á minha casa (no Campo de S. Christovam) estranhei que a familia ainda não se tivesse acomodado, pois já passava da meia-noite. Encontrei todos apavorados, porque ali, além do rumor, o estremecimento foi tão forte, que as janellas rangeram e uma das paredes da sala de jantar estava fendida de alto a baixo. No dia seguinte os jornaes publicavam telegrammas de diversos pontos, noticiando a mesma coisa.

FERREIRA VIANNA

ANTONIO FERREIRA VIANNA nasceu na cidade de Pelotas a 11 de Maio de 1833 e falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Novembro de 1903. Cathólico praticante, como elle mesmo se dizia, foi o político mais irônico do segundo reinado e talvez o estadista de mais espirito do seu tempo. Eu, que tive a ventura de conhecê-lo de perto, sempre tive o seu fervor religioso numa esphera de dúbida philosophica, para não dizer de crystallizado scepticismo, como o de tantos outros cathólicos apostólicos romanos, que saboream os melhores cachos da vinha do Senhor, resguardados pela clássica folha da parreira.

Bacharel em letras pelo Collegio Pedro II e bacharel em direito pela Academia de S. Paulo, Ferreira

Vianna defendeu these e com a nota *plenamente* obteve o grau de doutor em sciencias juridicas e sociaes. Foi promotor público na côrte do Imperio, entregando-se então á imprensa e depois á advocacia. Filiado ao partido conservador, bateu-se a vida toda pela realisação das idéas mais liberaes, chegando mesmo a escrever o celebre pamphleto revolucionario da *Conjerencia dos Divinos*, salpicado de ironias e sarcasmos contra os seus proprios correligionarios, as instituições e até a propria personalidade do soberano.

Procurou mais tarde justificar-se de tamanha imprudencia, quando escreveu, isto: — «Em verdade muito hei falado e escripto no intuito de restaurar o poder do parlamento, quebrando a cadeia pesada da centralisação pagã, que nos opprime e atrasa. Desta idéa, sustentada com coherencia e firmesa, não se pode tirar o conceito de ser eu *um dos mais vigorosos sapadores da monarchia*. Estou convencido, e em consciencia o digo, que os sapadores da monarchia são aquelles que, por condescendencias supersticiosas ou por egoismo, tudo attribuem ou esperam do poder, que cresceu mais do que convem á sua segurança».

Mas, irônico e sarcástico sempre, defendendo-se da accusação de ser infenso á corôa, ainda disse: — «Quanto á pessoa do Imperador, declaro sinceramente a esta câmara — que sou tão affecto, tão dedicado a Sua Magestade, que por Elle me sinto capaz de fazer todos os sacrificios... que o Imperador seria capaz de fazer por mim». De intuição prophética, disse, em 1877, em pleno parlamento: — «Sr. Presidente, não sou inclinado a novidades, nem em matéria de religião, nem mesmo de fórmulas de governo; mas tambem não sou idólatra, comprehendendo o Brasil sem Monarchia, não comprehendendo, porém, a Monarchia sem o Brasil.

Philósopho, tenho direito a certas temeridades, que o são hoje, e talvez não o sejam amanhã. O que posso affirmar sem orgulho, é que no dia de uma grande desgraça, creio que estarei junto ao desgraçado; mas accrescento que não são sacerdotes desta causa e antes seus adversarios aquelles que, accumulando sacrificios sobre sacrificios, até chegar á ruína, não cuidaram de tor-

nar esta fôrma de governo penhor visível do nosso bem-estar, da nossa liberdade, da nossa grandesa. Por esta razão, na hora do exílio, das abidicações e das proscricções, não ha um só soberano que se tenha queixado dos vencedores que o substituíram, mas dos ministros que o serviram.

Eu, sr. presidente, sou de idéas conservadoras arraigadas pela convicção a mais sincera e a mais pura. Conservador não retrogrado, por quanto do que está na Constituição não renuncio um ceutil. Para adiante, além... hei de ir com tacto e de bordão. O partido liberal é o da sciencia, nós somos da experiencia. Um investiga, o outro resolve. Um, como na esculptura, desbasta o mármore; o outro dá o toque artistico, aperfeiçoa a estatuã».

Malicioso outras vezes, até no parlamento, quando, em 1883, a interposição de uma nuvem, que despejou forte chuva, prejudicou a observação da passagem do planeta Venus pelo disco solar, disse: — «Venus, por pudicícia, envolveu-se em veus e não quiz que os brasileiros observassem o seu primeiro contacto externo e o último interno com o sol; si alguma coisa se sentiu, foram as suas lágrimas, pelo muito que soffreu».

Outras vezes era paradoxal. Estávamos um dia, no seu escriptorio da rua da Quitanda, o dr. Eunapio Deiró, o Arthur de Oliveira e eu. Arthur disse umas coisas de tal ineditismo, que Ferreira Vianna, para dar-lhe corda, ou para não se deixar vencer em nenhum assumpto, como o nosso commum amigo acabasse de dizer que jamais seria capaz de desfolhar uma corôa virginal, elle, com aquelle ar severo de santarrão, apontando para a caveira que sorria sobre a estante fronteira, depois de persignar-se, disse, pausadamente:

— «Pois eu, meus filhos, Deus que me perdõe, mas em verdade vos digo que seria capaz de deflorar a filha do meu melhor amigo...

— ?!...

— Sim, para que não fosse pošta em dũvida a honestidade da minha esposa. Ora, imaginem vocês que por alta noite, estando eu aqui, entregue ás minhas orações ou aos meus estudos, de repente se abraisse aquella porta

e me apparecesse no esplendor da mais completa nudez uma menina de 15 annos de idade, sorrindo-me, com olhares e gestos provocadores...

O meu primeiro movimento seria naturalmente de assombro e de indignação; em seguida sentiria pena da endemoninhada, que só por artes do diabo poderia vir tentar-me no meu isolamento. Mas, reflectindo maduramente sobre o caso, a única coisa que eu tinha a fazer era abrir-lhe os braços, embora fechando os olhos num deslumbramento, para que ella não duvidasse da paternidade dos meus filhos!».

Diz um dos seus biógraphos: — «Estava arraigada nas rodas politicas a crença de que Ferreira Vianna não seria jamais ministro, ao menos durante o segundo imperio. Davam-no como proscripto pelo Imperador; e elle mesmo, segundo parece, compartilhava essa opinião corrente. E' possivel que tal prevenção actuando, quiçá, no espirito dos organisadores de gabinetes, tenha contribuido para que elles mesmos, por conta propria, tenham afastado das combinações sujeitas á approvação da corôa aquelle distincto nome.

Como, porém, se originou essa lenda? Dizem que, por occasião das preliminares da organisação do ministerio S. Vicente, em 1869, esse eminente estadista submetteu á consideração da corôa a lista dos nomes por elle lembrados para o governo; que no dia seguinte recebeu das mãos do monarca a restituição da lista ministerial, com a declaração de que estava muito boa. Divulgou, então, o Marquez de S. Vicente os nomes dos seus ministros. Reparou, porém, posteriormente, que na lista que lhe devolvera o Imperador estava riscado a lapis (dahi o epitheto de *lapis fatidico*, ao lapis imperial) o nome de Ferreira Vianna».

Posso garantir que essa versão é falsa. A verdade é esta: Ferreira Vianna, durante o largo tempo em que foi presidente da Câmara Municipal da côrte, prejudicou bastante a poderosa empresa do *Jornal do Commercio*, retirando-lhe todas as publicações da municipalidade. Este jornal, naquelle tempo, era dirigido por um homem de valor, o dr. Luis de Castro, que não pedia favores aos ministros, os quaes mais de uma vez lhe bateram á

porta, de chapéu na mão, como vi, quando ali eu era folhetinista.

O Imperador viu o nome de Ferreira Vianna na lista dos ministros do futuro gabinete S. Vicente, e não o riscou; mas o redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, correndo ao organisador do ministerio, poz a sua folha incondicionalmente ao serviço do novo governo, desde que Ferreira Vianna não fosse ministro; e o organisador do gabinete em questão teve a fraquesa de concordar com isso, do que mais tarde o proprio Ferreira Vianna veio a ter certeza.

Era este illustre patricio um *causeur* delicioso. A sua palestra interessava, não só pela profundeza dos conceitos, como pela maneira engenhosa com que sabia impregnal-os de subtilesas maliciosas, que faziam fir, sem que elle perdesse a solennidade que mantinha, imperturbavel. Foi o único secular que obteve do Vaticano a graça de poder subir aos púlpitos revestido de vestes ecclesiásticas, preferindo sempre o pesado hábito dos monges de Santo Antonio (com que foi enterrado), em cujo convento tinha uma cella, que lhe fôra cedida pelo nosso commum amigo fr. João do Amor Divino, outro scéptico, alto, gordo, alegre e folgasão, com o qual Ferreira Vianna e eu passávamos horas esquecidas, quasi todas as tardes, na confeitaria Meneres, do largo da Carioca.

Quando o conselheiro João Alfredo convidou Ferreira Vianna para a pasta da Justiça, no seu glorioso ministerio abolicionista, o novo ministro, que recebeu o convite na sua cella, foi communicar o facto a fr. João, que lhe recordou ter sahido daquella mesma cella o proprio João Alfredo, para o gabinete do Visconde do Rio Branco.

— Cala-te, frade! cala-te pelo amor de Deus, que isto não conste lá fóra, sinão este convento será pequeno para conter os deputados que correrão a pedir-te agasalho.

Uma noite, quando se recohia ao convento, uma triste mulher da vida alegre chamou-o com repellidos *psios*; voltando-se, e como, ao sorriso convidativo e a um piscar de olhos se seguisse o tradicional — *Entra, sympáthico*, elle, persignando-se, apressou o passo, correndo a con-

tar o caso a frei João, pedindo-lhe de mãos póstas que orasse por ella a S. Francisco de Assis, para que a afastasse da via dolorosa.

Diz Almeida Nogueira: — «Poucos dias depois da proclamação da República, tendo havido uma insubordinação de praças no quartel do 1.º regimento de cavallaria da guarnição do Rio de Janeiro, recahiram suspeitas de instigações sobre alguns dos mais proeminentes vultos politicos do Imperio. Nesta occasião ouviu o conselheiro Ferreira Vianna baterem á porta da sua cella. Era um official do exército, que o procurava.

— O sr. conselheiro Ferreira Vianna?

— E' o proprio. Que deseja?

— Venho prendel-o por ordem do sr. ministro da guerra.

— Bem; então dê-me licença que eu acabe de resar o Santo Officio.

Pouco depois, entrava elle no quartel-general, fazendo-se acompanhar por fr. João, caso houvesse de ser fuzilado. Antes, porém, de ser interrogado, cruzou os braços sobre o peito, diante da officialidade ali reunida, e com ar piedoso disse ao seu amigo:

— Meu provincial, deite-me a sua benção.

Frei João do Amor Divino abençoou-o. No interrogatorio, respondeu que era conservador e monarchista, com a graça de Deus, e que não conhecia militares, á excepção do coronel Malvino Reis, coronel da Guarda Nacional, que também era cathólico e temente a Deus Nosso Senhor. E que na manhã do dia em que se dera o movimento de indisciplina, estivera a acolytar frei João durante a santa cerimonia da Missa».

Os officiaes, não sabendo si aquillo era a representação da mais irônica comedia, ou a sincera manifestação da verdade, uns perplexos, outros indecisos, todos humilhados diante de tanta superioridade moral, dispensaram-no de outros depoimentos, deixando-o voltar em paz, com o seu dedicado amigo, para o convento, onde ambos foram orar e render graças ao Altissimo por aquelle desenlace.

Annos depois, quando os chefes monarçhistas foram convidal-o para tomar parte numa conspiração, que mallogrou, elle, escusando-se, disse-lhes:

— Fico de fóra, para poder prestar-lhes maior serviço.

— Não comprehendemos...

— Vão já comprehender. Não me metto nisso, para estar em condições de requerer o *habeas-corpus*.

Falando-se um dia sobre a capacidade dos primeiros presidentes da República, disse: — «No dominio da espada, vimos depois de um soldado analphabeto, um soldado sabichão; no dominio dos bachareis letrados, depois de um bôbo triste (Prudente de Moraes), um bôbo alegre (Campos Salles). Assim, como não ha de ir ao fundo a canôa do poder, que substituiu a nau do Estado?...

Diz Carlos de Laet: — «Parlamentar conceituosíssimo, cuja palavra acerada tinha por vezes surtos demosthénicos; advogado sagacissimo, que acudia com o amparo das leis aonde quer que periclitasse o direito; jornalista de rápida concepção e phrase burilada; philósopho christão profundamente embebido na verdade cathólica, tal o perfil de Ferreira Vianna.

Com tamanhos dotes è predicados, era um orgulhoso e muito mal soffria quaesquer offensas que The magoassem os melindres. Uma intriga politica fel-o acreditar que o Imperador o repudiara, quando o escolhiam para fazer parte de um gabinete. Era isso mentira, mas foi acreditado. Ferreira Vianna desde então transcendeu a linha da opposição constitucional e nada poupou para lacerar a pessoa legalmente irresponsavel do Imperador.

Anecdotas e sarcasmos, pilherias e invectivas contra o decantado *poder pessoal*, de tudo usou, nesses discursos que eram verdadeiros libellos. E tudo tambem resvalava por sobre a couraça do estoicismo de Pedro II, que, na intimidade, chegava a applaudir a audacia dos disparos que o alvejavam. No gabinete João Alfredo, constituido péla Princesa Imperial Regente, teve entrada Ferreira Vianna.

Volvendo o Imperador, finalmente se encontraram, frente á frente, o soberano invectivado e o parlamentar

pamphletista. Homens superiores, ambos elles, mediram-se com um olhar e comprehenderam-se. O Imperador nada tinha que perdoar: nunca se sentira offendido. E no coração de Ferreira Vianna, o reconhecimento de pretéritas injustiças abriu logar á mais completa, á mais sincera, á mais dedicada admiração.

Quando a revolução sobreveio, inopinada como o saltador que ataca o viandante, nada mais facil a Ferreira Vianna do que aproximar-se dos vencedores, como tantos outros monarchistas indignamente então fizeram. Ferreira Vianna, porém, austeramente se conservou fiel á Monarchia succumbida.

Na Europa, para onde seguiu em 4 de Janeiro de 1890, longamente praticou com o Imperador. Mais e mais se lhe foi radicando a admiração. Fez-se veneração o que era respeito. Quando se lhe falava de D. Pedro II, ou descobria a cabeça ou solennemente se erguia. Taes sentimentos (bem o sãbem aquelles que o rodeavam) effe os conservou até os seus últimos dias.

Ferreira Vianna foi tambem um grande jornalista, como se pode ver nas collecções do *Correio Mercantil*, do *Diario do Rio de Janeiro* e da *A Nação*.

Num banquete politico foi saudado como tal por outro notavel jornalista, o conselheiro e senador Torres Homem, depois Visconde de Inhomirim, com o qual teve alguns pontos de semelhança, nos rasgos da violencia pamphletaria.

A sua obra de publicista dá assumpto para muitos volumes. Existem reunidos em folheto os célebres *Libellos Politicos*, pugnando por varias reformas, principalmente a da eleição directa. A proposito do processo da conspiração monarchista, escreveu outro pamphleto sensacional, notavel pela erudição juridica, elevação dos conceitos e estylo lapidar.

Além de publicista e orador parlamentar, era notavel orador sagrado. São conhecidas as suas conferencias relativamente a S. Francisco de Assis, ao irmão Ignacio, á Obra da Expição dirigida pelo cardeal Mauning, á missão do arcebispo de Damasco; no Circulo Cathólico da Mocidade, a pedido do arcebispo Monsenhor Arcoverde, fez uma conferencia a respeito da liberdade de consciencia.

Elevada é a somma dos serviços que prestou a esta capital no exercicio do cargo de presidente da Camara Municipal e nas pastas da Justiça e do Imperio, no ministerio de 10 de Março.

Foi o fundador das escolas municipaes de S. Sebastião e S. José, em 1870 e 1871; do Necroterio em 1871; dos hospitaes de S. Sebastião e da Jurujuã; dos Asylos Conde de Mesquista e S. Bento, na ilha do Governador, nos terrenos concedidos pelos religiosos beneditinos e herdeiros do Conde de Mesquita; da Casa de S. José, para crianças abandonadas nas ruas; do Instituto de Hygiene; do Laboratorio do Estado; dos tres edificios onde funcionam os desinfectorios no Matadouro, nas ruas da Relação e João Clapp; da Maternidade (que deixou em construcção) na praia da Lapa; do hospital destinado ao tratamento exclusivo das crianças (plano e projecto que foram approvados em 1889); da Inspecção de Hygiene da Infancia Escolar, cujas instrucções foram determinadas por decreto de 28 de Março de 1889; de 15 postos médicos para prompto soccorro, durante a quadra epidémica, á população indigente desta capital.

Foi fundador ainda da Associação Protectora das Crianças Pobres, em 1870, que annualmente fornecia roupa aos meninos das escolas de S. José e S. Sebastião; promotor e fundador de um Albergue Nocturno para dormida dos infelizes sem tecto. Reformou, como ministro da justiça, os regulamentos do corpo militar de policia, garantindo aos officiaes os seus postos; a Casa de Detenção e o Asylo de Mendicidade. Iniciou a inspecção dos hospitaes e casas em que são recolhidos os loucos, no sentido de garantir-lhes a liberdade e bens. Elaborou os seguintes projectos: reforma judiciaria, lei de repressão da vagabundagem, reforma da camara municipal (adoptada como projecto substitutivo pela opposição liberal no senado e na camara dos deputados); reforma da administração das ex-provincias; reforma financeira sobre estradas de ferro e telégraphos do estado e de iniciativa particular.

Mandou restaurar a capella imperial: restituiu ao culto a igreja de S. Joaquim, depois de 61 annos de interdicção. Era grande protector do Hospital dos Lázaros, da igreja da Candelaria e da Veneravel Ordem Terceira

da Penitencia. Defensor e protector da liberdade individual, mandou destruir as *escuras* da Casa de Detenção, convocar jurys extraordinarios e prohibir as prisões sem nota de culpa.

Na sua viagem á Europa percorreu a França, a Italia, a Hespanha, a Inglaterra, a Baviera e Portugal. Varias vezes foi recebido pelo Soberano Pontifice Leão XIII, com distincção particular, e no Vaticano encontrou como sub-secretario de estado monsenhor Muncenni, seu amigo desde o tempo em que occupou no Brasil o cargo de internuncio apostólico.

Na audiencia especial que lhe deu o cardeal Manning e na qual o conselheiro Ferreira Vianna foi acompanhado pelo padre Vaughau, falando o cardeal sobre o protestantismo na Inglaterra e o proselytismo que a religião cathólica ia alcançando, perguntou a Ferreira Vianna: — Como sabe si eu tambem sou um converso?

— Sei que Vossa Eminencia foi um converso como S. Paulo.

Esta resposta, sem pestanejar, fez o cardeal sorrir.

Poucos oradores têm conseguido os triumphos que enfloraram a carreira de Ferreira Vianna, não só na advocacia e no parlamento, como tambem no púlpito; ficando, assim, como o principe do atticismo, da elegancia, da graça, da ironia e da eloquencia. Ninguem manejava com mais subtileza e maestria o florete da malicia, nem tão pouco sabia parar com mais destresa os golpes do adversario. Era um fino atheniense este glorioso gaúcho.

GASPAR MARTINS

GASPAR DA SILVEIRA MARTINS nasceu (em territorio da antiga provincia Cisplatina) a 5 de Agosto de 1835 e falleceu em Montevidéo a 23 de Julho de 1901. Para descrever a tumultuosa existencia deste grande tribuno e famoso parlamentar, é mister acompanhar todas as lutas que se desencadearam no scenario da politica rio-grandense, desde 1868 até o fim da revolução *federalista*, por elle dirigida.

Não me julgo com a precisa competencia, para tratar da sua tão discutida personalidade, porque fomos inimigos, durante mais de dez annos, perseguindo-me elle do alto da sua posição, repellindo eu os seus formidaveis golpes com a serena coragem de quem se firma no terreno das convicções, atacando-o de frente, animado pelo exemplo bíblico do pigmeu que venceu o gigante. Não tenho a vaidosa pretensão de haver pretendido esmagal-o, mas resta-me a certeza de que tambem não me deixei esmagar.

E para que se veja que o meu ódio desapareceu de todo, desde que a sua figura leonina desappareceu num túmulo, em terra estranha, além da homenagem que lhe prestei, em verso, naquelle dia de luto para a nossa terra, vou aqui reunir o que delle disseram os mais autorisados. Creio que me não será negado o direito de dizer, em synthese, o que elle sempre pareceu ser aos meus olhos, como vou explicar:

O grande tribuno e parlamentar gaúcho era, com aquelle seu liberalismo arrojado e intransigente, um anticipado e talvez inconsciente socialista, arrastado por generosos sentimentos, mas tolhido nos fortes ímpetos pessoaes pela acção do meio physico e do momento histórico. Si Gaspar Martins fosse inglez, no reinado de Carles I, eclypsaria Cromwell; na Allemanha, disputaria a Bismarck o titulo de *chancellor de ferro*; italiano, reuniria em si o cérebro de Cavour e o braço de Garibaldi; francez, na revolução, seria a um tempo Mirabeau e Robespierre; espanhol, daria mais fogo ao verbo de Castelar!

Diz Azevedo Castro: — «Logo em menino revelou precoce intelligencia. Coursou os estudos secundarios no Rio de Janeiro, e formado em direito na Faculdade de S. Paulo, entregou-se a principio á advocacia na côrte, onde foi em seguida nomeado juiz municipal pelo Marquez de Muritiba, ministro conservador, que assim se collocou ácima das idéas liberaes do novo magistrado. Mas a magistratura não era a vocação de Gaspar, que de bom grado trocava as Pandectas e as Ordenações pelas orações de Demósthènes e de Cicero. Entretanto, as decisões que proferiu eram revestidas de tal çunho juridico que durante o quinquennio de exercicio não teve

uma única sentença reformada, um único agravo provido. Isto diz muito em abono do modo como desempenhara as funções de juiz. A sua possante envergadura carecia de arena mais vasta do que o âmbito de uma sala de audiência; seus pulmões queriam ar livre, espaço onde resfolegar á larga. A aguia só podia adejar nas alturas. A natureza o creara tribuno, sua inclinação o arrastava para as assembléas populares; ahí estaria no seu elemento. Arrojou de si a toga pretoriana para envergar a tribunicia e atirou-se de corpo e alma á politica, que não devia mais deixar.

Natural de uma provincia, cujos filhos justamente se orgulham do seu titulo de briosa, elle ali organisou o partido liberal, que dirigiu com summa habilidade, posto que o censurassem muitas vezes de o manejar autocraticamente, a modo do boyardo capitaneando os servos. A verdade, porém, é que o partido marchava unido sob a direcção de tão prestigioso chefe; era férrea a disciplina, mas ninguem ousava murmurar: os bisonhos submettiam-se voluntariamente, certos de que na occasião da batalha tel-o-iam combatendo a seu lado.

A malignidade, que nunca é escassa na politica, pretendia que a sua principal habilidade consistia em ameaçar na Provincia o partido com o Governo, e no Rio o Governo com a partido na provincia. De Pedro Chaves disseram o mesmo: o que prova que tanto o chefe liberal como o conservador calçavam por igual fôrma. Mas aqui o vituperio seria antes homenagem a predicado em outros deficiente.

Comtudo, era na tribuna parlamentar que Gaspar Martins se manifestava com a maior vantagem. Sua eloquencia electricitava o auditorio; a possante voz de que era dotado ora ribombava como o trovão, ora ciciava em modulações de um encanto infinito; aqui torrente impetuosa precipitando-se através de rochedos escarpados, ali ribeiro suave a deslizar mansamente entre as margens floridas de vasta campina. Ao terminar uma dessas philippicas, que elle tinha o costume de proferir perante a Camara dos Deputados, sentava-se offegante, mas com o sorriso de triumphador nos labios.

Tão pouco era falho de eloquencia juridica. A primeira vez que o ouvi foi no tribunal do jury. O presi-

dente convidara-o a tomar *ex-officio* a defesa do accusado, que a carencia de recursos deixara sem patrono. Elle acccitou, subiu á tribuna e com um tom calmo e grave começou o exordio por estas palavras, que se gravaram em minha memoria: «Senhores, de todas as corôas com que aprouve a Deus dotar o homem, a mais bella, a mais nobre, é incontestavelmente a do talento...» e discorrendo sobre esse thema, mostrando os serviços que essa faculdade podia prestar, atacou o processo, reduziu-o a migalhas e alcançou a absolvição do seu cliente de occasião.

Ministro da Fazenda do gabinete Sinimbú, seu papel, um tanto apagado e antes de um justador, não esteve na altura das suas notaveis qualidades intellectuaes. Supprimiu na verdade certos abusos, não recuando quando se tratava de alguma demissão, por mais poderosos que fossem os protectores dos funcionarios; mas foi tudo. Achávamo-nos então a braços com uma crise financeira, e o único recurso de que lançou mão para conjural-a consistiu em uma larga emissão de papel moeda, expediente denodadamente combatido pelo seu proprio partido na opposição. Agora no poder elle o adoptara, e o que é mais singular, reproduzindo no texto do decreto, que referendou, as mesmissimas expressões de que se servira em conjunctura idêntica o ministro do gabinete adverso.

No começo da tarefa ministerial muito se aborrecia por ter tanta papelada a assignar. Mostrou-me uma vez no seu gabinete um montão de papeis diante de si, exclamando comicamente: «Eis aqui, meu amigo, como passo agora o tempo, assignar, assignar, sempre assignar». Não era como aquelle Lyra, de Pernambuco, que achava facil o exercicio da presidencia da provincia, porque só lhe traziam officios á assignatura. Depois, as idas e as vindas a S. Christovam, as conferencias com os collegas, as audiencias em dias determinados, todos os grandes e pequenos deveres de suas elevadas funcções em summa, irritavam a natureza do *gaúcho* habituado aos ares francos dos pampas do torrão natal.

Entretanto o ambiente do gabinete ministerial convinha ainda menos a seus pulmões, que o do pretorio. O logar era por demais estreito. Ali estava como o leão na

jaula. Os proprios que com elle trabalhavam o reconheciam. «O Gaspar não é homem de ficar parado» cochichavam. Aproveitou-se, pois, de uma questão em que o seu nome não estava de modo algum envolvido, mas o do Barão de Villa Bella, ministro de Estrangeiros, para acompanhá-lo na retirada.

Lia muito e de tudo. Os livreiros o tinham como um dos mais assíduos visitantes. Possuia assombroso talento de assimilação e vasto conhecimento das literaturas e linguas estrangeiras, si bem não as falasse com igual correccão. Tratava, como erudito, dos assumptos os mais variados; a sua conversação tinha uma attractivo irresistivel: ninguem se cansava de ouvi-lo; elle presente, todos se calavam, quando muito davam um ou outroq aparte; a palestra era scintillante de espirito, fornecendo-lhe a prodigiosa memoria numerosas anedotas, divertidas e chistosas na maior parte. Falava horas consecutivas. Nunca se esgotava. Contaram-me que, durante uma travessia para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor que o transportava, falou um dia inteiro, tanto e tão alto, que no fim já tinha a voz rouca.

Orador, elle o era incontestavelmente em toda a extensão da palavra. Desse incomparavel dom tirava certa vaidade, de que dá testemunho a phrase seguinte de uma carta politica que no tempo circulou pela imprensa: «Trata-se agora na Camara (escrevia elle) de saber qual de nós dois é o melhor orador, si eu ou o Nabuco». Cicero tel-o-ia facilmente classificado no seu opúsculo *De optimo genere oratorum*, mas de preferencia no gênero dos gregos, pois era ardente, prompto, impetuoso; arrebata a victoria, esmagando o adversario.

Recordaremos a sessão do debate com o visconde de Mauá: em seguida a uma discussão vehemente com o seu collega na deputação, Gaspar Martins o desafiou a appellar sobre a contenda para a provincia do Rio Grande. Mauá levantou a luva, mas foi derrotado. Foi elle quem verberou as pretensões de certos myrmidões politicos com o estigma de *illustres desconhecidos*. E' ainda seu este conceito a respeito de uma creatura nulla, mas enfaçada: «Não passa de um pobre diabo carregado de esteiras velhas». Tinha lancinante o epigramma, ou na propria ex-

pressão a proposito de uma objurgatoria, empregando o neologismo de sua fábrica — *escrapinante*».

Diz Gusmão Lobo: — «Gaspar Martins acompanhou a situação liberal, mas nem sempre como ministerialista. Resistiu á propaganda abolicionista com o seu célebre syllogismo « o Brasil é o café e o café é o negro ». Mas a abolição fez-se, e o café subiu em producção, e o Brasil não desapareceu. Subindo ao poder o gabinete Ouro Preto, com o programma de extinguir a propaganda republicana e de preparar o advento, que parecia próximo, do terceiro reinado, Gaspar Martins foi nomeado presidente da provincia do Rio Grande. Não tendo noticias da conspiração que se tramava na côrte, deixou a provincia para vir occupar a sua cadeira no Senado, no dia 11 de Novembro de 1889.

A noticia da revolução o surpreendeu em viagem, em Santa Catharina, onde foi preso por ordem telegraphica do Governo Provisorio. Só lhe consentiram a liberdade no exilio. Esteve na Europa, de onde voltou depois do movimento de 23 de Novembro de 1891, sendo recebido pelo marechal Floriano. Constou então que elle não insistia nem protestava por fórmãs de governo. Com effeito, em toda a sua vida política nunca se mostrara idólatra da monarchia, que só comprehendia pela fórmula de Thiers, tão querida dos liberaes do Imperio — com um rei que reinasse sem governar.

A sua idolatria, a sua religião, o seu devotamento era pelo Rio Grande. Pode-se dizer, sem diminuir o seu grande patriotismo, que foi mais rio-grandense do que brasileiro. Elle serviu e sempre procurou servir especialmente o Rio Grande do Sul; e era na grandeza da sua provincia natal que elle via a grandeza do Brasil».

Diz Pedro Moacyr: — «Gaspar não foi simplesmente um tribuno extraordinario, como de nenhum outro podem orgulhar-se os brasileiros desde 1865; foi tambem um estadista, um constructor, de largas vistas práticas, attingindo com seu olhar de aguia os mais longinquos horisontes da politica de sua pátria e trabalhando, no Imperio e na República, sem o menor repouso, pelos seus ideaes de liberdade, progresso e renome do Brasil.

Os seus serviços são innumeraveis, especialmente ao seu idolatrado Rio Grande, que muito lhe deveu, du-

rante largos annos. Sem a sua influencia captivante, baseada apenas na força da opinião, no amor do povo, na espontaneidade de uma immensa maioria de suffragios, o Rio Grande do Sul não chegaria tão rapidamente a conquistar, como conquistou, na Monarchia, um logar proeminente no scenario politico das provincias.

Nas azas possantes de sua eloquencia, que excitava o delirio dos enthusiasmos populares, o Rio Grande adiantou-se em cultura geral, em instrucção, em colonisação, em ferro-vias, em poder politico, de maneira a poder pesar, com suas tradições de independencia, de civismo e de quasi selvagem amor á liberdade, nas deliberações da alta politica do paiz em momentos bastante difficeis de sua evolução. Foi ahi, nessa obra de liberalismo progressista, cujo theatro de lutas e de victorias foi o parlamento numa época em que elle, á força de selecções explicaveis, reuniu o escól da intellectualidade brasileira; foi ahi que elle firmou para sempre seus créditos e tornou-se o idolo dos rio-grandenses, cujas qualidades e defeitos de raça e de meio — ninguem como o extinto soube resumir em tão alto grau.

Em Gaspar Martins pode-se estudar a psychologia interna do Rio Grande. A fascinação exercida pelo tribuno-estadista não foi devida a uma estúpida adoração das massas, porém que elle a provocou, além dos seus serviços á liberdade e á sua terra, tambem pelos excepcionaes dotes de seu intellecto. Gaspar Martins seduzia a quem quer que com elle confabulasse pela enorme multiplicidade de seus conhecimentos; não foi só um politico, absorvido pelas tarefas do partidarismo, foi um sociólogo vivaz, um cultor apaixonado de todas as literaturas clássicas, um philósopho respeitado, um critico clarividente da politica internacional e, ultimamente, um criador e agricultor, embebido dos mais recentes trabalhos europeus sobre estes assumptos. Admiro como aquelle velho de 65 annos — velho apenas na carne, no invólucro material, conservava a juventude eterna do espirito, atravez das mais cruciantes vicissitudes da vida».

Diz Pinheiro Machado (seu adversario), no discurso em que pediu ao Senado um voto de pesar, e que se suspendesse a sessão em homenagem á memoria do nosso patricio: — «Não é uma individualidade vulgar essa que

a morte acaba de ferir. Desde moço Gaspar Martins fulgura no firmamento politico de nossa patria, onde foi um astro de incontestavel valor. Era antes de tudo um orador eloquente, com o espirito trabalhado por enorme erudição e possuindo um coração eminentemente patriota. As convicções desse grande espirito, por isso mesmo que eram inabalaveis, fizeram com que elle morresse sem ter vindo para o regimen novo.

A firmeza accentuada desse character conservou-o sempre monarchista, arguto e habil, ferindo de frente os seus adversarios sem tergiversações e sem fraquezas. Foi elle o primeiro que, em uma assembléa politica reunida em Bagé, desfraldou a bandeira parlamentar, propondo a revisão constitucional. Si gloria ha nesse facto, o orador quer reivindicar-a para a terra que foi berço do notavel cidadão».

Diz Joaquim Nabuco: — «Elle é o seu proprio auditorio, sua propria *claque*; respira no espaço illimitado da sua individualidade, da sua satisfação intima, dos seus triumphos, decretados com justiça por elle mesmo e depois homologados pela massa obediente, como o gaúcho respira nos pampas, onde, no horisonte inteiro, nada vem interceptar, opprimir o seu largo hausto. E', em uma palavra, uma figura fundida no molde em que a imaginação poética vasara as suas creações. E' o Samsão do imperio. Desde logo é preciso contar com elle, que é, nesse momento, o que em politica se chama *povo*, isto é, as pequenas parcellas de povo que se occupam de politica.

Quando o espirito que elle encarnou o deixa e vai além animar e suscitar contra elle mesmo outras figuras, elle será tão intensamente odiado pela revolução quanto fôra antes querido; mas em um tempo, entre 1868 e 1878, foi elle em nossa politica o idolo de tudo que tinha a aspiração republicana, que sentia a emoção, a vibração democrática, e como idolo o autocrata. Annos depois elle será, talvez, dos nossos politicos o mais *conservador*, sem deixar de exercer sobre os que entraram em contacto com elle, o magnetismo de sua personalidade.

Ninguem, entretanto, pode commandar dois grandes movimentos em sentido contrario: um no sentido da revolução e outro no sentido da autoridade; e assim, apesar

de seus grandes esforços, impotente para a reacção, o assignalamento da passagem de Martins na nossa historia contemporanea ficará sendo o impulso, o vigor extraordinario que a sua eloquencia inflammada, o seu sopro dantoniano, o seu ascendente sobre as multidões, imprimiu ao espirito de revolução no decennio de 1868 a 1878, e que elle em vão depois se offereceu para reprimir».

Diz José do Patrocinio: — «Na vida livre e saudavel da *estancia*, desenvolveu-se até que teve de entrar para uma escola da cidade de Pelotas; depois veio proseguir os seus estudos no afamado *Collegio Victorio*, nesta capital. Contava-se que, sendo-lhe perguntado nessa occasião que carreira se preparava, respondera: — «Quero ser Ministro!» Regressando ao Rio Grande do Sul, em 1870 fundou em Porto Alegre *A Reforma*.

A Reforma foi o orgão do partido liberal; e com os seus companheiros de pensamento Florencio de Abreu, Timotheo da Rosa, Eleutherio de Camargo, Felisberto Pereira da Silva, Carlos Chaves e outros, energicamente disciplinou o partido e popularisou-se enormemente em toda a provincia.

Em 1872, foi eleito deputado geral e muito se distinguuiu na grande opposição que com tanta intrepidez hostilidou os ministerios conservadores Rio Branco e Cotegipe. Foram memoraveis os discursos que proferiu nas duas legislaturas; sua eloquencia tribunicia rivalisava com a de Castelar e Gambetta. E' quando Gaspar Martins encontrava no campo adversario o romancista, orador e jornalista José de Alencar. Travaram ambos um duellio na tribuna, que fez recordar as lutas do parlamento inglez, sustentadas por Eduardo Burk, Fox, Sheridan, Pitt e outros que glorificaram a tradição liberal da Grã-Bretanha.

Gaspar Martins, com a facundia do seu talento, era um orador implacavel. Nesta phase de nossa vida parlamentar, a sua eloquencia desencadeia tempestades, e suas palavras incandescidas, pensamento em fogo, sahem convulsionadas pela paixão; sua voz toma os tons cavos e longinquos de uma tormenta que se avizinha, e todo o seu gesto e expressão denunciam as forças oratorias em agitação.

Um momento depois os seus periodos fulgem como relâmpagos, suas sentenças fuzilam como raios, ferindo os pincares mais elevados, e a sua voz toma as trepidações do trovão que ribomba no seio das nuvens e resôa nas encostas côncavas da serra. Ah! o systema parlamentar presta-se a estes esplêndidos torneios da palavra, em que os talentos e as illustrações mais notaveis tinham occasião de sobresahir, de avultar na opinião e na imaginação popular».

Diz o nosso patricio Mario de Artagão, descrevendo a entrevista que teve com Gaspar Martins, poucos dias depois da proclamação da República: — «Foi isto alguns dias depois do grande crime. Um nevoeiro muito denso algodoava os morros de Botafogo. A caminho da praia, espalmavam azas algumas pírogas de pescadores. O sol havia morrido, numa formidavel congestão, tingindo de sangue alguns farrapos de nuvens. Grande silencio em torno.

— E' ali; — disse-me com secura o conductor do bonde. Estremeci e saltei.

E o carril, a seguir e a desaparecer ao longe, mandava-me, atravez do vidro da lanterna, um olhar vermelho, um olhar estriado de sangue, muito pavoroso, naquella minha solidão de amigo dos exilados. — E' ali; tinha dito o conductor; e eu vi na minha frente um casarão, de janellas corridas, silenciosas, ladeado por jardins. Naquelle momento havia vultos cruzando o meio da rua.

— Secretas! pensei, e empurrei o portão de ferro.

Uma criança acudiu a receber-me.

— E' aqui que mora o conselheiro Gaspar Silveira Martins?

Eu quizera ter perguntado: — E' aqui que enjaularam o leão? — Mas a criança não me teria comprehendido, e demais eu receiava inspirar-lhe medo. Nessa época do terror eram suspeitas todas as palavras cabalisticas do patriotismo.

— E' o papai que procura?

— Sim! o papai! — respondi, e tive impetos de beijar aquella criança.

— Dê-me o seu nome.

Disse-lhe que vinha como representante da *Tribuna Liberal*; e momentos depois era eu introduzido numa

grande sala, muito elegante, no seu tapete de ramagens cinzentas e muito quente, no estofado pesado de seus reposteiros de seda. Ao fundo, um piano escancarava o teclado muito branco, num grande riso de sarcasmo. Aproximei-me; e folhas abertas dormia sobre o banco o velho hymno do Imperador exilado.

Agitou-se um reposteiro, e, a passo firme, mãos no paletó de alpaca, avançou, sorrindo, o grande gaúcho, o grande irmão nosso, o grande Gaspar Martins. A mão do tribuno parecia tremer, ou melhor: — era a minha que tremia.

— Que noticias me traz? — perguntou elle, descansando-me no hombro essa mão, que tanta liberdade havia defendido. E eu falava-lhe pela primeira vez. Fitei-o de rijo, allucinado.

— V. Ex. quer fugir?

E, como resposta, elle teve um sorriso heroico de infinita dor.

— Não quer fugir? — repeti. — Não o seduz a liberdade dos nossos pampas? Não o seduz, lá em baixo lá no meio dos gaúchos, a idéa de uma reacção legitima e desesperada?

— E' tarde, meu amigo!

— Mas, sabe V. Ex. que neste momento assigna-se o seu decreto de deportação?

· — Suspeitava-o!...

— E não tendes saudades da vossa... da minha terra?

Neste momento, estávamos juntos da última janella ao fundo, do lado esquerdo. Elle abriu-a; e, ambos, irmãos na mesma dor, atravez dos morros enneoados, lançámos o olhar nostálgico para o mar, para esse caminho da terra que era o nosso berço, para essa terra onde o gaúcho fôra sempre livre, e que tão distante estava do proscripto e de mim, que representava a agonia de uma causa que mar em fóra ia morrendo, com o exílio do velho Imperador.

Na qualidade de escriptor politico do único jornal que tinha uma lágrima para os patricios deportados, aspirava por entrar no pensamento desse homem que, havia trinta annos, estava representando uma das figuras mais culminantes do patriotismo na historia da nossa Patria.

— Já que assim o quer, falemos de politica... exclamou elle.

E o tribuno, como se meditasse ao principio, foi desenrolado, com calma, gesto pacato, olhar sereno, a historia da revolução, até que a pouco e pouco entrando na apreciação dos homens que se tinham constituido usurpadores, encrespam-se-lhe os labios, sibilou-lhe a palavra, e, arrebatado, nervoso, cilijs carregados, accento caloroso, deu-me a felicidade de ouvi-lo, incomparavel na majestade do talento, admiravel na vehemencia das cóleras supremas!

Eu ali o tinha, no meio da sala, sublime de indignação, a zurzir sem piedade a cobardia indecorosa dos tráfugas, que na véspera gastavam os tapetes do paço com as solas dos sapatos, e que hoje vís, hoje traidores, cuspiam nos juramentos, estrassalhando a constituição que durante sessenta annos nos outhorgara a maior somma de liberdades de que se pode orgulhar um povo!

— E a mim, continuou o tribuno trovejando, a mim, que só vivia pela ambição de poder ser útil á minha Patria, a mim, que desde a fortuna até á popularidade tudo sacrifiquei, para impulsionar o progresso da estremecida terra do sul; a mim, que timbrei em ser o mais franco e ousado dos conselheiros em redor do soberano, a mim, que nunca quebrei a espinha na curvatura da bajulação; a mim, que tenho o orgulho de ser mais democrata que toda essa enxurrada de declamadores modernos; a mim, de quem se devia esperar que fosse tão bom patriota no Brasil-República como o fui no Brasil-Imperio, porque a felicidade da Patria eu a sei collocar acima das fórmulas de governo; a mim, finalmente, que no cabimento de todas as forças estava disposto a evitar as convulsões que porventura viessem atrasar o longo periodo de paz que tantos progressos nos concedeu; a mim, por todo esse passado de serviços, por todas as garantias do presente, por todas as boas intenções do futuro, ousa o Governo Provisorio, como recompensa immorredoura, atirar-me despótica e deshumanamente para o Calvario do degedo!...

E o formidavel tribuno extenuado pela indignação fez uma pausa dolorosa. — Patria desgraçada!... Liberdade tutelada nos quartéis... Democracia militar... Irrisão!..., Mentira! — A custo, muito em sardina, foi murmurando

essas palavras, arrancadas á prophécia do desespero. Depois, accentuando as syllabas numa pungente abstracção de martyr, juntou:

— Todavia a República ainda se podia conciliar com a felicidade do povo.

— Como assim? indaguei, curioso, quasi magoado.

— E' um segredo, meu rapaz!... é um segredo, que guardo para melhores dias.

Hoje comprehendo: — naquelle instante, já começava a ser estruturado o problema do parlamentarismo... Fazia-se tarde. Despedi-me, e pedi-lhe que me deixasse publicar o transumpto da nossa entrevista. Prohibiu-m'o, aconselhando-me prudencia».

Quando Gaspar Martins morreu, em paiz estrangeiro, senti uma emoção tão forte, que me esqueci de mim, a quem elle fez tanto mal, para só me lembrar do nosso Rio Grande, a quem fez tanto bem. A morte dos grandes homens é o resgate de todos os seus erros. Escrevi, então, estes versos:

A GASPAS MARTINS

I

Errare humanum est.

Eu sentia por ti esse odio grande e forte
Que persegue na vida e que esquece na morte;
Quiz mesmo te cravar a ponta duma lança
Que herdei de Juvenal: o gladio da vingança,
A Sátyra! uma setta, a sibillar fremente,
O florete, que mata, e vive eternamente.

Mas, vendo-te morrer longe da nossa Patria,
Que parece não ter quem niel idolatre-a...
Num impulso de dor, dobro o joelho em terra,
Deslumbrado ao fulgor que o teu prestigio encerra.

Quando esta geração de crimes, de impiedades,
Na voragem rolar das futuras idades;
Quando os nossos pygmeus, que se julgam gigantes,
Arderem na infernal fornalha doutros Dantes;
Quando a Lei e a Justica, a Razão e o Direito
Obrigarem o Vicio a abandonar o leito
Onde tenta violar a Liberdade, afflita,
Que agita os braços, ergue o olhar ao ceu, e grita...
Pedindo em vão auxilio a um cavalleiro ousado
Que a leve em seu corcel, num galope sagrado,
Como o Attila, outr'ora, ou o Mazeppa destro,
Que o Byron refundiu no fogo do seu estro,
Parecendo voar nas caligenas da insania...
Sôlta a crina ao tufão, nos steppes da Ukrania!...
Teu vulto de tribuno ha de surgir de novo,
Para tranquillisar o coração do Povo.

II

Eripuit cœlo fulmen sceptrumque tyrannis.
Turgot—a Franklin.

Foi Silveira Martins—leão e águia!
Foi o jequitibá
Soberbo e solitario nas savanas;
Foi o Minuano das regiões pampeanas...
Onde o valle tereis de Josaphat!...

Activo, triumphal, glorioso, impávido,
Impoz-se ás multidões;
Seu verbo tinha as fúrias do Pampeiro!
Foi o maior tribuno brasileiro;
Deu aos modernos Cíceros—lições.

Na sua larga frente de Demósthènes
Ferviam idéaes...
Em prol das liberdades populares,
Tinha no verbo—os impetos dos mares...
Tinha no olhar—o brilho dos punhaes!...

Orgulhoso, por ser dessa provincia
De genios e de heróes,
Amou-a, com delirios de heroísmo:
Por ella—rolaria num abysmo...
Por ella—apagaria os altos sóes!

Grande da Patria e Senador do Imperio,
Quando o Imperio cahiu,
Cahiu, com elle, em trágica tristeza!
E errou por longes terras... na certeza
De não ver lá o que entre nós se viu!...

Amortalhado na bandeira egrégia
Das glorias do Brasil,
Dorme o somno da morte em terra estranha.
Quem, de pé, sobre o alto da montanha,
Guiar podia este rebanho hostile...

Repousa em paz, no frio do sarcóphago
Dos mortos immortaes;
Teve na vida as palmas da victoria,
Terá na morte as páginas da Historia
E as bênçãos nacionaes.

Minh'alma é como a árvore do sândalo
Da lenda oriental:
Perfuma o proprio ferro—que a golpeia...
Lacremeja no espaço que a rodeia,
Refrigerando o férvido areal.

Rio, 24 de julho de 1901.

FLORENCIO DE ABREU

FLORENCIO CARLOS DE ABREU E SILVA nasceu em Porto Alegre a 20 de Outubro de 1839 e falleceu no Rio de Janeiro a 12 de Dezembro de 1881. Feitos os seus estudos preparatorios na terra natal, seguiu para S. Paulo, onde se bacharelou, depois de um brilhante curso, na tradicional Academia de Direito.

Diz um dos seus biógraphos: — «Voltando á terra natal, prestigiado pelo bom nome que deixara na Paulicéa, filiou-se ao partido liberal, collaborando activamente na *Reforma*, órgão das idéas mais adiantadas daquella época, ao lado do dr. Antonio Eleutherio de Camargo e outros.

Diversas vezes foi eleito á Assembléa Provincial e á Camara Temporaria, sendo em 1880 escolhido senador do Imperio pelo Rio Grande do Sul. Em Abril de 1881, foi nomeado para presidir a provincia de S. Paulo, sendo a sua escolha recebida com applausos por gregos e troyanos.

O desempenho dessa delicada commissão, na época em que se ia pôr á prova a lei eleitoral Saraiva, foi uma distincção que honrou sobremaneira o illustre senador rio-grandense. E, por tal forma procedeu, durante o pleito, que mereceu os mais justos louvores dos próprios adversarios».

Agravando-se a tuberculose pulmonar, que desde a mocidade lhe vinha minando surdamente o organismo, viu-se obrigado a interromper os trabalhos da sua tão rápida quão fecunda administração, vindo procurar na côrte um alivio aos seus padecimentos. Mas já era tarde, o mal tinha cavado cavernas nesse generoso peito, vindo a morrer poucos dias depois de ter chegado.

A provincia de S. Paulo, agradecida aos grandes serviços que lhe prestou o presidente Florencio de Abreu, além de tributar-lhe as maiores homenagens, por occasião da morte de tão preclaro estadista, mandou dar o seu nome a uma das ruas centraes da grande capital, querendo assim recommendal-o ao reconhecimento das gerações futuras.

Conheci-o, quando elle redigia *A Reforma*, em Porto Alegre. Era alto, magro, de olhar brilhante e húmido, onde o fogo do talento parecia inflammado pela febre dos tuberculosos. Era mais administrador do que politico; mas, infelizmente, para poder administrar, teve de passar pelas forcas caudinas da politica, ferindo os pés nas sarças desse pedregoso caminho.

Pedi-lhe uma vez apontamentos para biographar o seu fallecido irmão João Vespúcio, que era poeta, companheiro de Felix da Cunha e Ignacio de Vasconcellos numa revista semanal de Porto Alegre — *O Guahyba*. Mostrou-se commovido, mas acabou dizendo, com imparcialidade e criterio: — Tinha vocação poética pronunciada, mas os versos que deixou, carecendo de lima, não dão a idéa exacta do seu talento. E' preferivel deixal-o em silencio, mesmo porque nem sei o que se poderia dizer da sua triste e curta existencia».

As nossas relações, mantidas por elle com o maior carinho e por mim com o devido respeito, foram bruscamente cortadas, quando rompi com o seu grande amigo Gaspar Martins, a quem elle se conservou sempre fiel, ao ponto de ajudal-o a amargar os últimos dias de seu velho amigo o General Osório... *Parce sepultis*.

Orador e jornalista, Florencio de Abreu era conciso na tribuna, sem enthusiasmo nem exaltações; e prolixo na imprensa, examinando minuciosamente os assumptos, que descrevia com claresa. Conhecedor do meio e do momento da sua acção de estadista, vóitou-se de preferencia para a colonisação.

A colonisação é um elemento indispensavel no progresso dos paizes em formação. Enquanto os povos permanecerem presos aos grilhões do patriotismo, que é o maior obstáculo que se antepõe ao mais transcendente dos ideaes, que é a demonstração prática da solidariedade humana, teremos necessidade de lançar mão desta reciprocidade, afim de que não permaneçam estacionarios diversos pontos do planeta, entrementes outros se desenvolvem de maneira frenética e avassaladora.

As colonias, como se sabe, são geralmente núcleos de estabelecimentos reunidos em pontos convidativos do interior das nações estrangeiras, e ahi fundados e desenvolvidos por individuos que emigram voluntariamente, em

grupos mais ou menos numerosos; ou determinados braços contractados para esse fim, antes de trocar pelo lugar a que se destinam o paiz de que são oriundos, mas em que não encontraram o campo propicio á acção da sua actividade.

Differentes e variadas são as causas que determinaram a formação de colonias em diversos paizes e épocas. Roma e Grecia dão disto a prova. Naquelle paiz, a colonisação foi imposta pelo direito de conquista; neste, as colonias foram formadas espontaneamente, por cidadãos que se viram na dura obrigação de abandonar a patria pela violencia e furia dos partidos politicos dominantes. Isto nos tempos idos, ao passo que de então por diante esses núcleos foram formados para dar emprego conveniente ás populações superabundantes. Outras colonias ha que representam exclusivamente a necessidade urgente e inadiavel de se estender cada vez mais o circulo das transações commerciaes.

As nossas, porém, são o resultado lógico e complementar dos descobrimentos fundamentaes. As suas relações subseqüentes explicam os motivos de formação inicial e desenvolvimento gradativo, attentas as condições de relatividade entre as tradições da mãe patria e a observancia á lei de causa e effeito, que se observa reflectida nas mais longinquas possessões ultramarinas; ou, finalmente, em obediencia ao principio de interesses reciprocos, que é a base positiva das migrações e emigrações.

Os primeiros estrangeiros que pisaram o nosso solo, escusado é dizer que foram os seus inconscientes descobridores. Digo isto, porque a severidade da historia não deve consentir que se apaçonem com vistosas plumagens as aves de vôo baixo e curto, que são pintadas em altitudes aonde nunca poderiam se erguer, pois ninguem ignora que o portuguez Pedro Alvares Cabral foi atirado ás nossas costas pela violencia de uma tempestade, quando seguia em demanda das Indias, conforme as ordens e o roteiro que recebera do celebrado Vasco da Gama.

A obra do acaso foi secundada pela incompetencia dessa nação, tão carinhosamente bafejada pela sorte, que assim lhe deu de mão beijada um mundo, cem vezes maior e mais rico do que tudo quanto possuía: e de que

hoje apenas guarda orgulhosas recordações, tal a serie de consecutivas perdas que tem soffrido, sem a Torça precisa para reaver o que lhe tem sido arrancado, sem luctas que ao menos lhe pudessem disfarçar os vestigios dessa *austera, apagada e vil tristeza*, de que se lamentou o seu grande poeta épico.

Sendo por demais insufficiente a população do paiz empossado destas incomparaveis regiões, viu-se o governo da metrópole na impotencia de occupar siquer duas partes do vastissimo litoral da immensa patria que uma tempestade lhe offerecera. E foi por isso que a insaciavel ambição de outros estrangeiros, nomeadamente os hollandezes e os francezes, fez que voltassem as suas vistas cubiçosas para os incomparaveis thesoiros da nossa riqueza, quasi fabulosa; tentando aquelles se apóssar do Norte e estes do Sul deste adormecido gigante americano.

Os hollandezes chegaram mesmo a fundar numerosas e consideraveis colonias, desde a Bahia e Pernambuco até o Ceará e Maranhão, nellas se conservando como senhores pela força das armas. E si os francezes não tograram outro tanto, nas suas atrevidas aventuras do Sul, é porque encontraram uma resistencia verdadeiramente selvagem nas tribus capitaneadas pelos oriundos desta parte regional do Brasil, que os expulsaram, a custa de muito sangue.

Passaram-se assim tres séculos e quasi mais um decennio, da mais criminososa inercia da parte dos empossados do nosso solo, que se limitaram a devastar-o estupidamente, sem cultivar-o, de tão embriagados que jaziam nos festins da indolência e da incapacidade, extorquindo-nos o oiro e a pedraria preciosa das nossas prodigiosas minas, que em caravellas e galeões eram enviados para a enfartada e cada vez mais ávida metrópole.

Um espirito superior appareceu, então, á frente dos exploradores ineptos e criminosos: o intelligente e honesto principe regente, mais tarde rei D. João VI, de abençoada memoria, veio com a sua côrte para o Rio de Janeiro. O rei D. João VI, por decreto de 26 de Novembro de 1807, annunciou a resolução de mudar a sua côrte para o Brasil, nomeando uma regencia para governar o reino em seu nome; transferiu para cá os ar-

chivos, o thesouro, toda a real bibliotheca da Ajuda e os *effeitos mais preciosos da corôa*, embarcando com sua familia no dia 29 do mesmo mez, com destino ao Rio de Janeiro.

Até á chegada desse augusto príncipe, tão liberal quão desditoso, a entrada no Brasil era interdicta a todos os estrangeiros, e reservada aos portuguezes e negros africanos (que começaram a ter entrada em 1583, importados como escravos dos portuguezes), mancha esta que enodoôu as páginas da nossa historia até o dia 13 de Maio de 1888, em que a princesa Isabel — a Redemptora, secundando a vontade de seu magnânimo Pai, o sabio e glorioso imperador D. Pedro II, decretou a abolição completa do elemento servil.

Durante mais de tres séculos o governo portuguez não se importou de povoar a sua grande e riquissima colonia, «preferindo anferir della, por meios faceis, a sua riqueza espontanea». Não deixou mesmo de contribuir grandemente para o estacionamento do Brasil a circumstancia de que os poucos colonisadores enviados da metrópole fossem, esses mesmos, tirados quasi todos dos presidios portuguezes e mandados para a immensa colonia como si fossem para um logar de degredo.

Só em 1744 a côrte metropolitana fez uma tentativa séria de colonisação, enviando para as capitãncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina 4.000 familias da Madeira e dos Acores. Apesar do êxito desta tentativa, ella não teve prosequimento. A colonisação official só foi encarada seriamente, e com continuidade, a partir de 1818, quando, já aberto o paiz aos estrangeiros, se começou a cogitar na suppressão dos escravos e sua substituição.

A 28 de Janeiro de 1808 foram abertos e tranqueados a todas as bandeiras das nações amigas e alliadas da metrópole os portos do Brasil, sendo este o primeiro passo dado por nós no terreno da civilisação e do progresso, e como que o primeiro brado da nossa independencia politica. Esta medida, como criteriosamente observa Teixeira de Mello, «não podia deixar de ser impugnada e combatida *totis viribus* por aquelles a cujos immediatos interesses vinha ella ferir de golpe».

Grande celeuma se levantou nas cõrtes portuguezas, e todos os representantes do governo protestaram em algazarra, tentando despoticamente embaraçar a sua decretação autorizada pelo poder legislativo; mas Silva Lisboa, mais tarde Visconde de Cayrú, ao lado dos irmãos Andradas, e dos outros deputados brasileiros ás cõrtes de Lisboa, defendeu-a em phrases tão cheias de eloquencia e de justiça, que assim pulverisou com os recursos da sua vastíssima erudição os capciosos argumentos dos seus numerosos e apaixonados adversários, disparando flexas luminosas contra esses preconceitos enraizados.

Deve-se a iniciativa do movimento de colonisação official ao imperador D. Pedro II, que sempre foi o primeiro a instar com os seus ministros para que vòstassem as vistas para os mais adiantados processos de assimilação ao viver das nações mais cultas da Europa; emquanto que a colonisação privada é devida aos senadores Vergueiro e Visconde do Rio Grande, que já em 1847 contractavam na Allemanha numerosas famílias para as suas fazendas.

Um jornalista houve, no Rio Grande do Sul, o notavel escriptor e erudito Carlos von Koseritz, redactor do *Rio Grandense* e mais tarde da *Gazeta de Porto Alegre*, que poz a sua penna ao serviço de todas as idéas liberaes, tornando-se o propagandista da colonisação daquellas privilegiadas regiões, o que cooperou poderosamente para se estender uma forte e consecutiva corrente emigratoria, não só da sua patria nativa, que era a de Goethe e Wagner, como tambem de outros paizes europeus, onde havia falta de terras e abundancia de braços.

O movimento, que começou no Rio Grande do Sul, observou-se em seguida em S. Paulo, só mais tarde se manifestando em Santa Catharina, no Paraná, em Minas Geraes e no Rio de Janeiro, de onde se estendeu até ao Estado do Espirito-Santo. O clima do Norte é hostil ao estrangeiro, razão pela qual só o braço nacional cultiva as vastas e ubérrimas regiões que vão desde a Bahia até ao Amazonas.

E tanto no Rio Grande do Sul como em S. Paulo, Florencio de Abreu cooperou poderosamente com as suas luzes e esforços; no Rio Grande pela imprensa, em S. Paulo na administração da provincia, de maneira tão ef-

ficaz, que são estes actualmente 'os dois únicos Estados da União Brasileira onde a colonisação é um dos fortes elementos do progresso nacional.

PINHEIRO MACHADO

JOSE' GOMES PINHEIRO MACHADO nasceu na cidade da Cruz Alta a 8 de Maio de 1850 e falleceu no Rio de Janeiro a 8 de Setembro de 1915, covardemente apunhalado, pelas costas, por um vil assalariado, ao serviço de um *complot* composto de individuos altamente guindados ás posições politicas, e que por isso até hoje não foram devidamente punidos.

Pinheiro Machado, depois de Pedro Chaves e Gaspar Martins, é a figura que mais se destaca nas regiões pampeanas; e si aquelles vultos do Imperio se contentaram com o dominio da provincia, este chefe republicano levou mais longe a sua acção dominadora, podendo-se dizer que dirigiu a seu talante a politica de todos os Estados da União Brasileira.

O mais curioso é que tamanha somma de poder nas mãos de um homem só, não era o resultado de uma educação politica convenientemente dirigida, nem de um talento fóra do commum e robustecido por notavel illustração. Pinheiro Machado é o exemplo mais edificante do poder de uma vontade superior, guiada pela tenacidade da mais singular energia. Sabia querer, e isto consistir todo o seu êxito.

Não era um colleccionador de idéas alheias. Não entulhou os escaninhos da memoria com palavras e opiniões dos outros. A sua mente, de estudante vadio, sahio da academia perfeitamente límpida e apta para receber mais tarde as verdadeiras impressões que lhe poderiam ser úteis, podendo assim ver claramente os caminhos que conduzem ao êxito, sem nunca encher a cabeça com os pensamentos amontoados nos livros. O que vemos na carreira commercial, em que os que menos sabem são os que mais lucram, tambem se observa na

esphera politica, onde os *não preparados* tomam a frente dos sabichões.

O menino que repete de memoria um dictionario inteiro, é como o papagaio que diz o que ouve, sem saber o que diz. Os mestres sobrecarregam-lhe a memoria, que é uma placa photographica, obscurecendo-a numa promiscuidade de idéas confusas, diminuindo assim a sua capacidade para abrir caminho por suas proprias mãos, pois a instrucção não é mais do que um simples auxilio, não um poder efficaz que nos colloque na vanguarda dos que avançam em demanda de suas proprias aspirações.

Não fosse Pinheiro Machado tão imperativo, não se servisse elle de processos tão violentos, estaria ainda á frente dos destinos da nação. Mas, provocando simultaneamente individualidades e multidões, dando combate franco e leal a individuos que dispunham de elementos de resistencia, e a collectividade representativa, intervindo discricionariamente na vida intima dos partidos constituídas em Estados autônomos, o resultado não podia deixar de ser fatalmente esse.

Eu, seu amigo leal e desinteressado, mais de uma vez disse-lhe isto, que agora escrevo, e ainda fiz mais: como visse que elle continuava a fazer ouvidos de mercador á voz da amisade, rompi um dia com elle, para ver si, atacando-o pela imprensa, as minhas vozes chegariam assim a ecoar na consciencia de outros amigos seus, de maneira a interromper o unisono côro de louva-minhas, que o ensurdeciam, num ambiente saturado de lisonjas, desses numerosos asseclas que dia e noite dobravam o joelho á sua passagem.

Escrevi-lhe, então, duas *Cartas Abertas*, pelas columnas da *Revista dos Estados*, numa das quaes dizia: — «Faltaste á tua promessa, ferindo a minha confiança com o punhal enferrujado do pouco-caso: não estranhes, pois, que eu te lembre o que Firducy disse a Mahmud: o propheta tinha razão quando ensinou que «todas as coisas humanas revelam a sua origem». A alma do tropeiro, acostumado a levar as tropas por diante, a gritos e rebencadas, é a mesma que do alto de uma confortavel curul senatorial quer conduzir os seus pares por um despenhadeiro fatal, onde não tardará a ouvir o estouro da boiada.

Olha, meu amigo, a planta de succo amargo distilla sempre fel; arranca-lhe um ramo, transplanta-a no bosque do paraiso, mergulha em mel as novas raizes, rega-a com nectar, produzirá sempre fructos amargos. Tira os ovos da gralha ao seu fúnebre ninho, e que a mãe os vá chocar ao ar livre de embalsamadas regiões; que a cria seja alimentada com os mais saborosos frutos e beba a agua das mais crystallinas fontes; que uma atmospherá de aromas lhe aqueça o ninho: do ovo, fiel á sua origem, fatalmente sahirá outra gralha sinistra.

Deus quer que todos os entes se conservem fieis á sua natureza. Em vão a serpente desenvolve as suas espiraes á sombra da deliciosa roseira; em vão o nocturno mocho, arrancado do seu escuro buraco, é exposto ao sol; aquella traspassará com o agudo dente o seio que a aqueceu, e este estenderá as pesadas e negras azas para voltar ao seu tenebroso asylo. O âmbar perfuma, o carvão ennegrece; tudo tem o character indelevel que lhe é proprio.

Na outra carta, eu começava assim: — « Já que compararam os dois chefes rio-grandenses, dos últimos annos do Imperio e dos primeiros annos da República, dizendo que Julio de Castilhos era o continuador da obra sociolátrica de Gaspar Martins, venho reivindicar um direito que te pertence, tanto pelo fatalismo das coincidencias pessoases como pela anályse dos factos em evidencia.

Não o faço para lisonjear-te, pois do confronto, em que poderias colher os mais sasonados fructos (devido a lei de progresso) cabem as palmas mais viridentes ao teu glorioso antecessor; mesmo porque, nem a lisonja se coaduna com o meu character, nem a receberias tu de bom grado, attentos os teus louvaveis escrúpulos de susceptibilidade moral.

O meu objectivo é mais impessoal do que parece á primeira vista; e tão alevantado o é tambem, que, podendo até contrariar-te agora, mais tarde será o éco perdido de uma voz amiga, que abençoará, si lhe deres ouvidos, e que lamentará, si permaneceres em orgulhosa surdez...

Julio de Castilhos não pode nem deve ser considerado como o continuador da obra complexa de Gaspar Martins, não só porque não ha o mais leve traço de se-

melhança entre essas duas personalidades políticas, como porque Julio foi de uma envergadura mais sólida, que bem se poderia dizer marmórea, ou brônzea, tal a sua luminosa rijeza de diamante não lapidado, mas ásperamente mondado pelo fogo das paixões na jazida escura do positivismo.

Além disso, esse meu saudoso companheiro de infancia e teu leal amigo até á morte, tão grande e tão mau, tão illustrado e tão intolerante, tão honesto e tão despótico: verdadeiro Jano, de duas faces, mas sempre superior, único, como um deus olympico a accender os raios da vingança na forja colossal de uma tremenda guerra civil, na qual tomaste parte tão brilhante e tão satânica, que deixou nos rastos do teu corcel de guerra sinistros relâmpagos de bravura allumiando escuras poças de sangue. . Julio foi de uma grandesa única, original, incomparavel.

Quem se der ao trabalho de manusear o meu livro sobre *A Revolução do Rio Grande do Sul*, verá logo nos primeiros capítulos que não ha o mínimo ponto de paridade entre esses dois caudilhos-estadistas, educados em escolas que se repeliam, collocados em arraiaes onde tremulavam bandeiras inimigas; um, commandando veteranos disciplinados, o outro recrutando para as suas improvisadas fileiras os elementos abandonados pelo seu antecessor, compostos na sua grande maioria de tráfugas e de ambiciosos. A lógica daquelle meu livro é robustecida pela coherencia destas cartas.

O único chefe republicano que deve ser considerado o continuador da obra e das tradições do formidavel tribuno imperialista — és tu, que tens com elle tantos pontos de contacto, embora não tenhas querido imital-o na colheita de bençãos — que chovem sobre tão gloriosa memoria.

Elle parecia um Titão, á frente de uma verdadeira legião de homens de talento, de character, de acção, cada qual mais patriota, honrando todos as posições conquistadas. Tu permaneces solitario como Mario sobre as ruínas de Carthago, cercado de desmoronamentos moraes e ruínia intellectual... E's um Gigante, meu amigo, no meio de uns pygmeus que nem te chegam aos joelhos. Gaspar abraçava os seus, de cabeça levantada; tu tens

de curvar a frente e dobrar e espinha dorsal sempre que apertas a mão de qualquer dos teus auxiliares.

Posso dizer como Victor Hugo «que ha candura nas minhas palavras», mesmo quando chiamo como ferro em brasa sobre pústulas moraes. Sei que ellas farão chorar e gritar, mas não é porque eu não quizesse que ellas só fizessem sorrir a esses que apenas reconhecem nas coisas humanas o que chamam necessidades políticas e razões de Estado. No meu parecer, a honra do regimen dominante, o triumpho pleno da civilização, a gloria da Patria seria chamar para as cadeiras da representação nacional os mais competentes pelo talento e pelo character, que são precisamente os que andam exilados dentro da propria terra natal.

Não te esqueças do que disse o grande poeta que acabo de citar: «A nossa época tem visto todos os espectáculos que a fortuna pode dar aos homens. Pode acontecer tudo, porquanto tudo já aconteceu. Parece que o Destino, sem ser a Justiça, tem uma balança tambem: quando sobe uma concha, a outra desce».

Os que estão hoje em baixo podem vir a ficar amanhã em cima; e os que estão em cima podem ficar em baixo... Depois do que o padre Severiano disse do pedante Darcy, a concha, em que o guindaste, desceu ao nivel mental em que se arrasta o Haslocher, na immundicie moral em que apodrece ao sol que o Varela fez bater nelle em cheio..

Não penses que o vento leva estas palavras... Ellas são úteis, antes de tudo. Ellas devem talvez surgir de novo em todos os olhos, illuminando com uma luz viva todos os espiritos, apagando as necessidades políticas e mostrando o lado nobre e puro das questões humanas, que nunca deveria apagar-se, nem mesmo empallidecer.

Quanto a mim, vendo degradar-se as consciencias; reinar o dinheiro; estender-se a corrupção; as mais altas posições invadidas pelas mais baixas paixões; vendo as miserias do presente e ponderando nas grandesas do passado, como não queres tu que eu tenha saudades da Monarchia? Si a República (da qual fui um propagandista) volta-me as costas quando lhe abro os braços, e, vendo-me sedento, só me offerece a esponja de tel?

Ha tantos annos carrego aos hombros a cruz do ostracismo pelo Calvario das aspirações, e nem me mandaste o auxilio de um Cyrineu, consentindo até que me correm de espinhos. — «Perdoai-lhes, meu Pai, que elles não sabem o que estão fazendo», disse o suave Rabino; eu tambem esqueço os que me querem crucificar e cravo o olhar em ti, que és poderoso, e que, a um simples gesto, poderias evitar que eu continuasse a andar de Herodes para Pilatos...

Voltemos, porém, ao encetado estudo comparativo da tua personalidade com a de Gaspar Martins. Não tens a eloquencia com que elle arrebatava as multidões; mas dispões desse maravilhoso dom suggestivo com que arrastas, como hypnotisados, todos os que prestam ouvidos á tua linguagem ponderada e lacônica, persuasiva e dominadora.

Nenhum chefe político dispoz de tanta popularidade como elle; nenhum atualmente ousa disputar-te tamanho prestigio. E' tão singular a tua posição politica neste momento histórico, que um ex-senador da República acaba de perguntar, tropejando do alto da tribuna popular: — «Quem é o chefe da Nação, — é o sr. Affonso Penna, ou o sr. Pinheiro Machado?»... Esta interrogação é a synthese da admiração com que todas as vistas se voltam para ti.

Outra coincidencia: Gaspar sempre teve de um lado uma burra cheia de oiro e do outro uma espada cheia de louros; tinha á esquerda o Visconde de Almeida e á direita o general Portinho. Tu tambem tens á esquerda uma burra, recentemente recheiada, a do Conde Modesto Leal; e á direita uma espada, ainda novinha em folha, a do general Hermes...

Gaspar encontrou um dia pela frente a visão homérica de um Osorio; tu tambem viste atravessar-se em teu caminho a figura ameaçadora de um Carlos Telles. A morte, porém, apressou-se em arredar do caminho de ambos esses grandes embaraços; Gaspar continuou sobranceiro, tu prosegues imperturbavel.

Gaspar esquecia-se de si, pensando só no nosso Rio Grande; tu tambem te lembras mais da nossa terra natal que dos proprios interesses pessoaes; mas elle, avolu-

mando nos estreitos âmbitos do bairrismo o seu abnegado intuito altruista, contentou-se com ser o mais evidente chefe de uma Provincia; ao passo que tu, ampliando cada vez mais o extenso campo de acção, parece que não te contentas com ter nas mãos o destino de todos os Estados da Federação.

Só uma mudança radical do regimen, levando de vencida as próprias instituições, poderia fazel-o baquear de tão firme pedestal; só a organização de um grande partido, disciplinado e composto de fortes cerebrações (como o que se trata de fundar) poderá tomar-te o bastão de commando, que só assim passará das mãos de um individuo para as dos dirijentes de uma cõllectividade.

Os ventos que semeaste no último reconhecimento de senadores e deputados federaes, ferindo de morte a autonomia dos Estados, cujos representantes foram repellidos, rasgados assim os diplomas legítimos, para engrassar as fileiras do *Blóco*, desde que sobre rijo o tufão das reivindicações, receio que os ímpetos da tempestade cáiam sobre ti, meu amigo, uma vez que os raios preferem as culminancias.

Ha ainda outros pontos de contacto entre Gaspar Martins e Pinheiro Machado: aquelle, tinha um talento fulgurante, tu tens uma intelligencia nítida; elle tinha uma tenacidade invencivel, tu tens uma perspicacia singular; elle tinha uma auréola parlamentar, tu tens uma lenda guerreira; elle era audaz, tu és valente; elle era franco e expansivo, tu és cauteloso e prudente; (estas condições são antagonicas, mas os seus resultados são homogêneos).

Só não sei si elle era bom e justo, porque nunca pñveí na sua intimidade, e esses dons do coração só podem ser vistos de perto; mas uma dessas qualidades pelo menos elle devia possuir, desde que deixou dedicações incondicionaes e perduraveis; pois estes sentimentos não podem ser inspirados sinão por um justo, ou um bom. Sabem todos que tu, tão grande e tão poderoso, não és justo; sei eu, infelizmente, (depois do que se passou, este mez, no encerramento da Exposição Rio Grandense, e hontem, no Senado), que tambem não és bom.

Não és justo, porque collocas nas mais altas posições os nullos e os pedantes, com sacrificio dos illustra-

dos e dos competentes. Não és bom, porque permaneces indiferente e frio diante das súplicas dos que tem fome, e que só uma palavra de teus labios poderia arranca-los á miseria. Esqueces-te de que a bondade coincide sempre com a grandesa, ou então a grandesa política é talhada por moldes em que não cabe a grandesa moral. Lembra-te, meu amigo, que o Imperador D. Pedro II é respeitado, porque foi justo; e é adorado porque foi bom. Porque não procuras, sem perda de tempo, (porque amanhã se morre), reunir aos teus ruidosos títulos de grandesa política esses modestos e puros dons da grandesa moral?

Parece que o proprio ceu te preparou para isso: negou-te filhos, para que o egoismo natural da paternidade te não tolhesse os passos na estrada do bem, podendo espalhar beneficios e até mesmo esmolas sem prejuizo da prole. Lembra-te que, si amparares os fracos de hoje, elles serão os fortes de amanhã; e que á frente de fortes, por tí fortalecidos, tu serás então mais poderoso ainda. Proteger nullidades é semear na areia das praias ou na crôsta dos rochedos; amparar os homens de talento é emprestar ao Futuro.

Convido-te a fazer uma boa acção, não só para dar mais realce ao teu bello character dominador, como para que sintas o bem que se sente quando se faz bem. Tu és grande, és célebre, és invejado; mas... não és amado. — E é tão bom sentirmos no íntimo que somos intimamente queridos! Geus, que é Deus, não exige de suas creaturas sinão amor. Pois quando Elle quer ser amado, porque não havemos nós de querer tambem que nos amem?

Isto, enquanto vivemos. Quando menos esperamos, chega a morte... Tu, então, que não tens filhos que te venham cerrar os olhos com lágrimas e beijos, nesse momento em que desaparecem as grandesas humanas como as imagens de um animatógrapho na escuridão, ou os sons do phonógrapho num prolongado silencio... certamente terás arrependimento, sinão remorsos, de tudo quanto (não direi fizeste de mal, porque, si não és bom, tambem não és mau), mas por tudo quanto não fizeste de bem, quando podias e devias ser util aos que confiavam em ti, no teu valimento e no teu valor.

Caminhamos a passos largos para as solidões sinistras do Além... Que nos espera, depois desta penitenciaría da vida?... O Nirvana? A eternidade? Sempre o Desconhecido, com todo o seu escuro cortejo de Mystérios, numa silenciosa precisão de Dúvidas!... Mas, ácima de todas as conjecturas e hypótheses philosophicas está a realidade symbolisada na Consciencia, Juiz que não dorme, que mede todos os nossos actos. Faço um appello á tua Consciencia. — Rio, 25 de Julho de 1907. — *Mucio Teixeira*».

Já ficou dito que Pinheiro Machado não teve o preciso preparo mental, nem uma intelligencia brilhante. Falta-lhe tambem a eloquencia, que para outros tem sido a chave mágica que abre de par em par as portas do poder. A eloquencia é a vida da linguagem, que tanto se manifesta na palavra como na escripta; naquella de maneira rápida e passageira, embora vivaz; nesta, de effeito permanente e muito mais efficaz; pois, si a palavra convence e enthusiasma, ainda assim não passa de uma sombra incorporea e fugitiva, que nasce nos labios de um para morrer nos ouvidos de outros; ao passo que a linguagem escripta é o gesto individual gravado e fixo, perpetuado no papel, numa materialisação indelevel do character, determinando os estados da alma.

E como foi que elle, não se servindo da voz nem da penna, conseguiu arrastar exércitos atraz de si, dominando os que melhor falavam e mais brilhantemente escreviam? Da maneira mais simples e incisiva. Atilado e perspicaz, profundo psychólogo á custa de muita observação, lendo nos actos humanos o que não se encontra nos livros, supriu pela intuição o que não podia armazenar pela deducção; e vendo em cada homem um livro aberto, manuseando noite e dia essas páginas não escriptas, tornou-se o mais sabio e profundo conhecedor das miserias sociaes.

Só tres coizas exigia Sócrates de seus discipulos: — «prudencia no ánimo, vergonha no rosto, silencio na lingua». — E perguntado Xenócrates porque motivo se fazia mudo, respondeu: — «Porque muitas vezes me pesou de haver falado, e nunca de me ter calado». — Sei que Pinheiro nunca perdeu tempo com a leitura destas coizas, quando era mais práctico ler os *Annaes* do Con-

gresso e os *Relatorios* dos ministros. Mas a sua intuição era verdadeiramente genial.

E só pela intuição foi que elle tambem se convenceu de que realmente *não ha coisa mais escrupulosa no mundo do que papel e penna*, como disse o assombroso padre Antonio Vieira: — «Não é necessario para falsificar uma escriptura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto, ou uma virgula. Exemplo — *Surrexit, non est hic*: Resuscitou, não está aqui.

Com estas palavras diz o Evangelista que Christo resuscitou: e com as mesmas (si se mudar a pontuação) pode dizer um herége que Christo não resuscitou. *Surrexit? Non. Est hic*: — Resuscitou? Não. Está aqui. De maneira que só com trocar pontos e virgulas, com as mesmas palavras se diz que Christo resuscitou, e é fé; e com as mesmas palavras se diz que Christo não resuscitou, e é heresia. Quão arriscado officio é o de uma penna na mão! Officio que, com mudar um ponto ou uma virgula, da heresia pode fazer fé; e da fé fazer heresia. Oh que escrupuloso officio!».

A's vezes chego a convencer-me de que é melhor fechar para sempre esses pesados in-folios e volumosos tomos de uma sciencia que falha, tanto nas premissas como nas conclusões; e melhor ainda seria o não ter lido nada de tudo quanto se tem escripto, para não misturarmos as idéas innactas com os pensamentos alheios, perdendo fatalmente com isso o character proprio e o proprio sentimento, na indecisão de que sejam nossos os pensamentos que nos tumultuam no cérebro, ou reflexos de alheio modo de sentir e pensar.

Os falsos cientistas andam ás tontas, procurando no escuro labyrintho de seus erros a lei da Historia. Não sabem a quem possam perguntar a que principio obedece a interminavel serie de factos que se succedem na marcha da humanidade. Ignoram qual seja a mysteriosa directriz dos acontecimentos e phenômenos sociolâtricos. E perguntam como é que o homem, dispondo do livre arbitrio, é impotente para modificar essa ordem de factos que se encadeiam de maneira tão lógica. Que poder despótico é esse, que nos tolhe o direito e a li-

berdade de dirigir os acontecimentos que fomos nós que realisámos?

E o caso de perguntar, como Selgas, «que lei absurda é essa, que colloca as tribus selvagens atraz dos séculos cultos? Porque batem os persas ás portas de Babylonia, quando Balthasar assombra o mundo com o esplendor de seus festins? Porque razão a Grecia, que soube resistir aos exércitos de Xerxes, cai sob as patas dos cavallos de Roma, precisamente quando nas suas Academias se ensinava tudo, tudo se discutia, e se duvidava de tudo? E porque é que por traz da grandesa da Roma pagã se levanta o baixo imperio?»

Que não caprichosa embrulha o sceptro brilhante dos Césares nos sujus farrapos da plebe? Porque hão de vir todas as dictaduras atraz de todas as liberdades? Porque, finalmente, quando uma sociedade chega a entrar na posse de todos os seus direitos, como a Allemanha de hontem, ha de uma conflagração universal se desencadear no theatro illuminado onde se representava o grande drama da civilização, recuando o mundo cem annos, sendo preciso avançar outros tantos, para chegar de novo ao ponto onde se achava?

Ante o atraso dos povos de outr'ora e esta barbaria das nações civilisadas do presente, como que um vento de loucura sopra por todas as cabeças; e somos forçados a tremer de espanto, ameaçados pela lei desconhecida que determina taes atrocidades. O dilemma que se impõe a todos os raciocinos é o fatalismo e a Providencia. E ninguem sabe dizer qual é, dessas duas forças occultas, a que faz com que cada acontecimento não se desligue do que o procedeu, preso um ao outro por um élo inevitavel, formando assim o mundo uma cadeia de calcetas, que obriga o homem a representar o seu papel, sem saber ao menos que papel representa.

Pinheiro Machado nasceu numa *estancia* das livres regiões onde sopra o *minuano*, mais impetuoso do que os cavalleiros daquelles descampados. Creou-se ao ar livre das cochilhas, respirando desde o berço uma atmospheria saturada de liberdade. Fez os estudos preparatorios nos pagos nataes e seguiu para S. Paulo, resolvido a bacharelar-se em direito na tradicional Academia.

Rebentando por esse tempo a guerra do Paraguay, assentou praça e foi para a campanha, como cadete de cavallaria. O mesmo fez outro patricio nosso, Antunes Ribas; outro tanto fez em Pernambuco o acadêmico Maciel Pinheiro, celebrado por Castro Alves na ode em que diz:

Deus acompanhe o peregrino audaz!

Ribas e Pinheiro Machado pouco se demoraram nos campos de batalha, voltando ambos a S. Paulo, onde completaram o curso acadêmico, o primeiro com talento, applicação e uma interminavel serie de diabruras; o segundo, sem dar na vista, misturado na turbamulta dos estudantes vadios. Apenas deu que falar por umas aventuras amorosas com a filha de um padre, e brigas com os collegas, que o respeitavam pelos impetos do genio e a força muscular, ao serviço de uma coragem arrogante.

Completado o curso, tarde, em 1878, quando já contava 28 annos de idade; metteu o diploma no canudo de todos os bachareis, e, sem vocação para o exercicio da advocacia, fez-se tropeiro, conduzindo o gado da *estancia* paterna para as feiras de Sorocaba, entregue inteiramente ás lides do campo, como dextro cavalleiro, começando, então, por onde passava, a espalhar as sementes da propaganda republicana, que defendia com sincero enthusiasmo, até que foi proclamado o regimen da sua predilecção.

Julio de Castilhos, que acompanhava todo o movimento político da provincia, sabendo com quem podia contar no momento da acção, reclamou o auxilio de Pinheiro Machado, que se poz resolutamente á sua disposição, apparecendo juntos no Congresso Constituinte, onde ambos se tornaram logo notaveis; Julio, pelo talento e a illustração, Pinheiro, pelo criterio e o desprendimento.

Pode-se dizer que Pinheiro Machado surgiu da noite para o dia, no seu novo campo de acção; e revelou tão singulares aptidões, que o seu nome rapidamente se impoz á popularidade e ao respeito de todos os novos correligionarios. Passou da Assembléa Constituinte para o Senado Federal, e nessas duas casas da repre-

sentação política deixou provas indeleveis do seu grande valor cívico.

Assim que os *federalistas*, capitaneados pelo famoso caudilho Gumerindo Saraiva, entraram de armas na mão na fronteira do Rio Grande do Sul, em 1892, Pinheiro Machado trocou a sua cadeira de senador pela barraca, nos acampamentos, montou a cavallo á frente da sua *Legião do Norte*, e de espada desembainhada fez triumpante a marcha épica dos tres Estados, o Rio Grande, Santa Catharina e Paranaí.

Coisa curiosa: durante aquelles tres annos de guerra, os chefes que mais se distinguiram, tanto de um lado como do outro, foram os paizanos Pinheiro Machado e Gumerindo Saraiva, a cujas ordens obedeciam velhos e aguerridos soldados. Com Pinheiro estava o heróico marechal Isidoro Fernandes, e os bravos generaes João Telles, Menna Barreto, Bacellar, Pego e Gomes Carneiro; com Gumerindo os almirantes Saldanha da Gama e Custodio, os generaes Silva Tavares, Luis Salgado e Piragibe.

As lutas civis são sempre mais violentas que as guerras internacionaes, porque os combatentes se conhecem, ha odios pessoaes e contas a ajustar, tornando-se por conseguinte muito mais accesas as paixões, ao ponto de nem se poupar a vida aos prisioneiros. Na revolução *Federalista* os crimes foram hediondos, de parte a parte, o que na dos *Farrapos* só se via na quadrilha do portuguez *Menino Diabo*, degollador e ladrão, que se dizia revolucionario para locupletar-se á custa da vida humana.

A industria das revoluções e dos *pronunciamientos*; como se diz no Uruguay e na Argentina, é lucrativa e próspera nas republicuetas continentaes, principalmente no Paraguay, onde é tão commum como as sêccas do Ceará. Entre os seus mais *renombrados* caudilhos destacam-se Gumerindo, com seu irmão Aparicio, e *el jeneral Santos*. Outra coincidencia: Gumerindo, nascido no Estado Oriental, adoptou o Brasil por patria; Santos, nascido no Rio Grande do Sul, adoptou por patria o Estado Oriental do Uruguay, onde chegou a ser presidente da república.

Terminada a revolução *Federalista*, com a morte de Gumerindo, ferido pela força de Pinheiro Machado, que o perseguiu sempre, até vencel-o; o senador gaúcho veio

retomar a sua cadeira no parlamento, sendo recebido como os antigos triumphadores romanos, com os louros e palmas dos herões. Não ha nada mais suggestivo, para hypnotisar as mulheres e as multidões, do que o valor dos guerreiros. Assim, o nome de Pinheiro Machado correu de bôca em bôca por todo o Brasil, engrinaldado numa auréola de poesia e lenda.

Como, porém, as glorias empapadas em sangue não se firmam, no terreno que o proprio sangue vai tornando balôfo, pouco tempo depois Pinheiro Machado era recolhido preso ao estado-maior da Brigada Policial, quando foi assassinado numa praça de guerra o ministro da guerra marechal Machado Bittencourt, tambem rio-grandense, sendo esse crime attribuido a um *complot* dirigido pelo proprio vice-presidente da República, dr. Manuel Victorino, que teve de esconder-se.

Pinheiro justificou-se, sendo immediatamente posto em liberdade. Isto deu maior realce ao seu nome, que aos louros do guerreiro juntou a corôa de espinhos do martyr. Atilado como ninguem, tirou o maior partido daquillo, firmando-se na popularidade até morrer, de maneira trágica, como Cesar, sem desprender um ai, nem um gemido, apostrophando o *canalha*, que o apunhalou pelas costas. Foi uma morte olympica!

«Quem com ferro fere, com ferro será ferido», disse Jesus; e isto eu lhe repeti, numa das cartas em que o prevenia da imminencia do risco que corria. Eu examinara-lhe a geographia da mão, em 1902, o que me levou a dizer-lhe que morreria de morte violenta, porque as linhas da Vida, do Coração e da Cabeça nasciam num mesmo ponto, e tinha uma cruz no monte de Saturno e uma estrella na primeira phalange do dedo médio. Em cada anno novo, elle me perguntava si chegaria ao dia de S. Silvestre, até que em 1915 eu lhe disse que tomasse cuidado. E em fins de Julho, vendo que o perigo se aproximava, deixei de visital-o, sem coragem de dizer tudo.

Mas em Setembro, quando o phenômeno esotérico ia cahir da esphera astral, transformando-se em facto consumado no plano material, não pude conter-me e corri ao Senado. Elle presidia a sessão; chameio-o por um gesto; passou a presidencia ao secretario e fomos para

a sala do café, onde o vice-presidente da República (Urbano Santos) escrevia uma carta, e o senador Raymundo de Miranda fumava um charuto, no sofá. Pinheiro estendeu-me a mão, e eu disse-lhe, nervoso: — «É' agora que te matam!» Elle cahiu, apavorado, numa poltrona. Depois, perguntou:

— E não ha um meio de evitar isso?

— Ha. Si não houvesse, eu não te assustaria inutilmente.

— E qual é?

— Ires hoje mesmo para a tua fazenda.

— Isso não faço; seria fugir, e eu não fujo.

— Então... custa-te a vida!

Urbano Santos interrompeu a carta, levando-me para a saleta contigua, mandando servir-nos café, e disse-me:

— Pela maneira porque você falou, vejo que diz a verdade. Teimoso como elle é, só nos resta um meio de salvar-o: é ir você hoje mesmo ao morro da Graça, que a esposa poderá obrigar-o a partir.

— Bem lembrado. — Voltámos á sala, e despedi-me, ficando de ir jantar com elle. Mas, á hora em que devia sair de casa, senti tal indisposição, que resolvi escrever-lhe. Era a minha Bôa Estrella, que queria que um factó de tamanha importancia não se limitasse ao testemunho de duas únicas pessôas, devendo ficar, como ficou, o documento escripto!...

Na carta, que lhe foi levada por um dos meus filhos (a quem aconselhei que a entregasse na presença da esposa do destinatario), eu confirmava o que lhe dissera de viva voz, terminando por aconselhar-lhe *que não entrasse em hotéis*. — E foi no Hotel dos Estrangeiros que o assassinaram.

Antes que me esqueça: houve um tempo em que eu costumava ir, quasi diariamente, tomar café no Senado com os meus amigos Lopes Trovão, Ellis, Martinho Garcez, Quintino, Glycerio e Pinheiro Machado. Estes dois últimos andavam meio brigados, e eu punha agua fria na fervura sempre que discutiam mais acaloradamente, (Glycerio chegou a dizer que não servia de *pingente de candelabro*; e o Pinheiro lhe retrucou que elle tinha syllabas de mais no nome, bastava dizer *Gly*,... o *serio* era superfluo)...

Numa dessas occasiões, o Pinheiro disse-me que se eu morresse antes delle, antecipadamente tomava o compromisso de mandar fazer a minha estatua, para ser collocada numa das principaes praças de Porto Alegre; mas o Martinho Garcez pôz á prova a sinceridade desse rasgo de dedicação, propondo-lhe que me fosse dada por elle uma simples casa, em qualquer bairro modêsto da cidade do Rio, compromettendo-se elle (Martinho) a mandar erigir-me a estátua pósthuma... Rimo-nos todos, e eu, sem a casa, naturalmente ficarei tambem sem estátua. Não sinto a menor falta disso, mas — *amicum perdere est damnorum maximum*.

Outra vez, como o Lopes Trovão nunca se prestasse a votar contra a propria consciencia, mesmo em assumptos da maior conveniencia política, o Pinheiro chamou-me de parte e disse-me: — Eu sei que é no teu escriptorio que o Trovão se esconde, sempre que precisamos do seu voto. Vê bem que este anno acaba o seu periodo senatorial. Elle não quer que o serviço funerario passe da Santa Casa para um particular, mas isso é imprescindivel; e assim, si elle amanhã não votar comvosco, não será reeleito.

Eu, sabendo que, si o meu amigo não fosse reeleito, correria risco de morrer de fome, no dia seguinte muito cedo fui visital-o, contando o occorrido e exigindo em nome da nossa velha amisade o sacrificio do seu voto, Trovão reluctou, mas por fim cedeu. Começou a vestir-se, disposto a sahir commigo depois de termos almoçado, e repentinamente atirou o collete ao chão, bradando: — «Pois que não seja reeleito! não vou! tem paciencia, meu amigo, eu não sou o teu homônimo, para queimar a mão no brazeiro daquella urna, ao dar um voto contra a minha consciencia.

— Olha que se trata do teu futuro, e o Pinheiro é homem que faz o que diz.

— Bem. Ha um meio de chegarmos a Roma sem ser por esse caminho. Tu lhe dirás que me encontrei de cama, doente, e que eu lhe peço como especial favor que mande um médico da sua inteira confiança examinar o meu estado. O meu titulo de *doutor* ha de servir-me um dia ao menos. O collega que vier examinar-me, por mais que entenda do riscado, sahirá convencido de

que estou... com uma nevralgia intercostal, que não me permite sair da cama. E eu nella me conservarei até que elle venha.

O Tróvão não foi votar, mas também não foi reeleito. O Pinheiro mostrou-se implacavel, como sempre, sacrificando os seus mais dedicados amigos ás conveniencias da política. Estas e outras, foram as causas que determinaram os mais funestos effeitos. A indifferença com que abandonava os seus melhores amigos, contrastava com a alegria que saboreava sempre que lhe batiam á porta os mais implacaveis inimigos da véspera, aos quaes não regateava favores. A prova disto está na actual representação do Rio Grande no Congresso, onde todos os *pinheiristas* de hoje, com excepção de um só, eram hontem *federalistas*...

Ninguem subiu tão alto, nestes últimos vinte annos, como o Chantecler do morro da Graça. A sua residencia parecia um palacio real. Mal anoitecia, começavam a chegar os automoveis, de onde desciam as sumidades políticas, os pretendentes a empregos, os recém-chegados do sul e do norte, trazendo cartas de recommendação firmadas por presidentes e governadores. Todos eram recebidos no gabinete, onde figuravam numa panoplia as armas de Gumercindo, a espada com o talim, e a pistola no còdre, sobre os arreios do seu cavallo de guerra.

Ali se acotovelavam todos os que iam ao beija-mão... Elle a todos recebia, com phrases que desembaraçavam os tímidos e lisonjeavam os vaidosos.

O olhar arguto do hospedeiro penetrava no íntimo dos hóspedes. Já ficou dito que era um psychólogo, como o demonstrou na hora do perigo, dizendo: — «Si quem matar-me, que não errem o golpe, porque, si eu cahir ferido, o meu ferimento determinará a revolução; morto, podem dormir socegados, que ninguem se lembrará de vingar a minha morte». — E assim aconteceu. Diante do seu sarcóphago pronunciei estes versos: (*)

(*) Pinheiro só lia dois poetas: Camões e eu. Sabendo da sua predilecção pelos *Lusíadas*, terminei cada estrophe com um verso de Camões. Isto deu-me trabalho, mas foi mais uma homenagem.

O CESAR DOS PAMPAS

No festival de um teu anniversario
Eu disse um dia o que repito agora,
Vendo o morro da Graça, hoje Calvario:
Ali manda, ali reina, ali demora.

E hoje, não vendo mais ali, radiante,
O teu vulto que olympico parece,
E' que já na saudade passa errante,
Si os olhos ergo, a vêr se inda apparece...

A saudade nos mostra o que não vemos,
A embalar-nos num triste e ledô encanto!
E' nma doirada gôndola sem remos,
F em mim converte em choro o doce canto.

Eu não venho hoje só: trago commigo
O grão cantor dos séculos passados,
Que disse outr'ora o mesmo que hoje digo
Das Armas e os Barões assignalados.

Queimar não venho o incenso dos louvores,
Porque nem sei qual é mais excellente,
Si ter sido o Mentor de altos Mentores,
Si ser do mundo rei, si de tal gente.

Talhado ao molde dos varões extinctos,
Quanto mais o teu nome se alevanta,
Mais ecôa por todos os recintos:
— Cesse tudo que a Musa antiga canta!

Góucho errante nos nativos pagos,
Depois de encher de glorias a savana
Derramaste o fulgor de uns brilhos magos
Nesta occidental praia ex-lusitana.

Com os verdes laureis da Academia,
Pastor, na estancia, dirigiste o gado;
E viu-te o Paraguay com bizzarria
Destro na lança mais que no cajado.

Alcibiades foste, entre os mais fortes
Que espedaçaram dos torreões as trancas,
Qual, mais cheio de vida, espalha mortes,
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

E mais bello na paz, sempre altaneiro,
A meditar sobre as questões do Estado,
Desenredavas, habil medianeiro,
O baixo trato humano embaraçado —

E com esporas d'ouro, ou de casaca,
Nos festins, nos congressos ou na arena,
Teu perfil dominante se destaca,
Numa mão sempre a espada e noutra a penna.

Si da calúmnia no horisonte escuro
Feriu-te o raio da perversidade ;
E' que só vêm as bênçãos do futuro
Depois de procellosa tempestade.

Attineste uma esphera constellada,
Montando dos applausos o tributo ;
E assim chegaste ao termo da jornada,
De teus annos colhendo o doce fruto.

Na dura disciplina de um partido
Optimo chefe e director superno,
Sentiste o amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno !

O sol dirige os planetarios vultos
No centro do systema equilibrado :
Guiaste os que só a ti prestavam cultos,
A mandar mais, de palmas coroado !

Numa epopéa, que imagino agora,
Si a tanto me ajudar engenho e arte,
Todo o brilho ideal que em ti se enflora
Cantando espalharei por toda parte.

E... guarda na alma o que te diz tão triste
O velho amigo, ó meu saudoso Ausente !
*Si lá no assento ethéreo onde subiste,
Memoria desta vida se consente.*

Pinheiro Machado, na última manifestação que recebeu, teve estas palavras prophéticas: — «E' possível que durante a convulsão que nesta hora sacode a República em seus fundamentos, possamos submergir, — é possível! E' possível mesmo que o braço assassino, impellido pela eloquencia das ruas, nos possa attingir.

Afirmamos, porém, meus nobres correligionarios, que, si a esse ponto chegar, saberemos ser digno da vossa confiança e tombaremos na arena, olhando para a grandesa da nossa patria serenamente, sem ambições nem despreso, sentindo tão somente compaixão para com aquelle que avilta assim a nobresa innata do brasileiro. Não occultaremos, como Cesar, a face com a toga, e de frente olharemos fito a treda e ignobil figura do bandido, do sicario!».

JULIO DE CASTILHOS

JULIO PRATES DE CASTILHOS nasceu em Villa Rica, na campanha gaúcha, a 29 de Junho de 1860 e falleceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1903. Fez os estudos preparatorios no *Collegio Gomes*, onde fui seu companheiro, e seguiu para S. Paulo, formando-se em direito, depois de um curso brilhantissimo, revelando-se jornalista desde os bancos da Academia.

Assim que se formou voltou á provincia, fundando em Porto Alegre *A Federação*, de sociedade com seu cõllega e cunhado Assis Brasil, redigindo ambos esse orgão republicano, que se tornou mais tarde a folha official, desde a proclamação da República até hoje.

Diz um dos seus biographos: — «São memoraveis os encontros que o moço jornalista teve de sustentar com os velhos e experimentados polemistas Carlos von Koseritz e Ignacio de Vasconcellos. Aquelle era o publicista profundo, o polygrapho de reputação mundial; este, o chronista leve, o poeta irônico, o estylista endemoninhado que se comprazia em lançar no papel o sarcástico riso de Voltaire, de par com a zombaria cáustica de Rochefort, o último mosqueteiro do jornalismo.

Mas Julio de Castilhos a todos enfrentou, sem perder o prumo. A sua penna privilegiada não se embrenhava nos caminhos escusos, ia pela estrada direita e clara. Apanhava os assumptos, commentava-os com criterio, apoiando-os ou repudiando-os conforme serviam á sua orientação política; e si era caso de polêmica, respondia ac adversario oppondo-lhe argumentação vivaz, forte, erudita ou arteira, conforme o motivo na tela».

As folhas políticas da imprensa porto-alegrense, naquelle tempo, fluctuavam á tona d'agua, num mar adormecido e manso, onde bordejavam as naus desarvoradas dos dois partidos monarchicos (*liberal* e *conservador*), á semelhança desses navios mercantes, em horas de calmaria morta, cahidas do alto dos mastros as velas enrugadas, na expectativa monótona e ociosa de um vento de feição, ou de um rebôjo que os leve na direcção interrompida do rumo incerto.

Uma ou outra brisa tardia vinha, de vez em quando, empolar os compridos pannos que se desfraldavam de chôfre e encolhiam-se bruscamente de novo, como si fossem as grandes azas de uns pássaros phantásticos, sacudidas no azul das alturas para manter o equilibrio de um vôo largo.

Appareceu, então, Julio de Castilhos na imprensa, onde se conservou até ser proclamado o actual regimen, no qual veio representar tão saliente papel, revelando-se um dos maiores estadistas do Brasil. Jornalista, poderão ver que era dos mais brilhantes, sinão o *primus inter pares*, quando forem reunidos em livro os seus artigos intitutados: — *O Imperio e o Exército*, — *A questão militar*, — *Altivez perante o arbitrio*, — *Solidarios na honra*, — *Catão ás avessas*, — *Que Júpiter!* — *O Converso*, e outros, que foram tiros de misericordia dados no cadaver moral de Silveira Martins.

Proclamada a República, Julio de Castilhos passou da imprensa para o parlamento e do parlamento para a administração, mostrando sempre a mesma superioridade moral e mental. Elle e seus companheiros não podiam approvar a attitude enigmática do sr. Ruy Barbosa, na pasta da Fazenda, que se obstinava na imposição feita ao paiz, do seu monstruoso plano financeiro, de tão espectacular e compromettedora serie de medidas in-

trincadas, de que elle mesmo não sabia como havia de libertar-se, o que levou o genial Annibal Falcão a comparal-o a um cão que girasse em torno de si mesmo, querendo morder a propria cauda.

O dictador collocou-se ao lado do seu ministro da Fazenda; e Demetrio Ribeiro, ministro da Agricultura, restituiu-lhe a pasta que por elle lhe fôra confiada, voltando para o grupo dos seus patricios, proferindo, então, alguns discursos violentissimos, que Julio não applaudiu, por não considerar ainda consolidado o novo regimen, que estava nas mãos de um rude sargentão, que acabava de sahir das fileiras retrógradas do partido conservador, e que a fatalidade collocava ao lado do sr. Ruy, tambem sahido da política do Imperio. Assis Brasil, ministro na república Argentina, enviou ao dictador este telegramma: — «Tendo necessidade de ficar ao lado dos leaes defensores da República, repudiados pelo governo, peço me dispenseis da commissão diplomática que me confiastes».

Julio fez, em Porto Alegre, o célebre discurso em que diz: — «A República foi feita soõ o influxo perseverante dos republicanos, que, em longos annos de efficaz doutrinação política e de incitamento ao patriotismo dos brasileiros, prepararam a opinião do povo e do exército para a revolução victoriosa de 15 de Novembro. A República foi proclamada pelos republicanos, foi feita pelos republicanos, estamos no inicio de sua organização institucional; e, entretanto, quem é que governa? são os republicanos? Não!».

No dia 9 de Maio publicaram os gaúchos o seu *Manifesto á Nação*, que começa assim: — «Estamos fóra do poder, mas estamos dentro da República»; e termina por este tópico: — «Para servir á nossa causa, para cumprir o nosso dever, não conhecemos barreiras, nem mesmo as maiores violencias que porventura tenhamos de fazer ao nosso coração». Nessa mesma data Ramiro Barcellos pediu demissão do logar de ministro diplomático em Montevidéo, e Julio voltava ao seu posto de jornalista, onde se conservou até ser eleito chefe do Estado.

Julio de Castilhos, no Congresso Constituinte, onde deixou de apparecer na tribuna para trabalhar na sala das commissões, elaborou o seguinte plano de emendas á

Constituição Federal: — «Compete á União tributar a importação, correios e telégraphos somente, aos Estados tudo o mais. Unidade das câmaras. Suppressão das incompatibilidades eleitoraes, que uma lei ordinaria regulará. Iniciativa das leis communs aos poderes legislativos e executivos, que publicarão projectos, submittendo-os ao exame da opinião. Suppressão das prohibições relativas aos religiosos e jesuitas. Voto extensivo aos analphabetos. Liberdade de testar e de adoptar. Ensino leigo, livre. Liberdade professional».

A 20 de Setembro de 1891 enviou Julio de Castilhos a sua primeira mensagem á Assembléa dos Representantes, que é notavel. O golpe de Estado de 3 de Novembro, apeou-o do poder. Deposto na manhã de 12 de Dezembro, ao grupo revolucionario que entrou triumphante no seu palacio, recebeu com a mais apparente calma, o que fez com que um dos oradores populares lhe dissesse: — «Dr., deixe esse lugar, caia no seio do povo, que amanhã todos lhe farão justiça».

Julio de Castilhos proferiu então o seu melhor discurso. Os amigos e os proprios adversarios, que o cercavam, pareciam suspensos nas azas de tão alta eloquencia. Disse-me Alfredo Varela que nunca mais poderia sentir emoções tão violentas. E repetiu-me entusiasmado muitas das suas expressões estupendas. Julio naquelle momento parecia Eschilo, quando arrebatava os espectadores nos lances supremos das suas tragedias geniaes. E quando lhe perguntaram:

— Doutor, a quem entrega o governo?

— A quem?!... bradou Julio, com rugidos na voz e relâmpagos no olhar: — A ninguem!... A' anarchia!... E propheriu em seguida estas palavras prophéticas: — «E tenham a certesa de que para aqui voltarei, pelo voto de meus amigos políticos, sinão reclamado por todos vós!».

E voltou, logo no anno seguinte. A 17 de Junho de 1892, Julio reassumi o governo do Estado, e por decreto dessa mesma data renunciou o cargo, que depoz nas mãos do seu substituto legal, o vice-presidente, por elle nomeado. Quatro dias depois era a cidade de Porto Alegre bombardeada pelo navio de guerra *Marajó*, commandado pelo capitão-tenente Candido Lara, hoje almi-

rante reformado, que o marechal Floriano demittiu, sendo nomeado para substituí-lo o capitão-tenente Nolasco da Cunha, a quem Lara não passou o commando.

O ataque, porém, da *Marajó*, foi heroicamente repellido pelo povo, as forças do exército e da guarda cívica, durando o combate apenas meia hora, levantando ferro o navio revoltado, que desapareceu na altura das Pedras Brancas, rumo da cidade do Rio Grande, onde se rendeu, sendo presos os seus officiaes.

Julio veio tomar assento no Congresso Federal (a 8 de Agosto), regressando em Dezembro; mas só reasumindo o governo em Janeiro de 1893, conservando-se á frente dos destinos do Rio Grande até morrer, pois o presidente que mandou eleger, ao terminar o seu periodo governamental, não era mais do que uma figura decorativa, da fórmula constitucional, a quem dava as ordens por traz do respeito, assim como fizera Gusman Blanco, em Venezuela, durante os seus vinte annos de dictadura.

Ao ir tomar posse do governo, em 1902, Julio convidou-me para seguir em sua companhia, seduzindo-me com a promessa de facilitar-me os meios precisos para eu me vingar das perseguições de Gaspar Martins. Aceitei, e partimos no mesmo vapor. De chegada a Porto Alegre, tendo de assumir a redacção em chefe da *Federação*, não o fiz, para não tirar a espada da mão de um valente batalhador, Pedro Moacyr, que só então vi pela primeira vez, mas a quem logo fiquei estimando.

Julio, á vista da minha reluctancia, fez Alfredo Varela seguir, como tenente-coronel de um corpo de voluntarios, para a campanha que acabava de ser invadida, assumindo eu o posto que elle occupava, de redactor-chefe da *Folha Nova*, onde recommeci a minha luta com o grande tribuno do Imperio, ao mesmo tempo que prestava todo o apoio ao governo de Julio de Castilhos, negando-me apenas a atacar os meus amigos Assis Brasil, Demetrio Ribeiro e Barros Cassal, que se haviam tornado inimigos de Julio.

Julio e eu embarcámos a bordo do Itaipú a 11 de Dezembro de 1892 e na manhã de 15 chegámos a Porto Alegre. A *Folha Nova*, no dia seguinte; disse; — «Com o dr. Julio de Castilhos chegou hontem, vindo da Capital Federal, onde reside, o laureado poeta Mucio Tei-

xeira. Não ha entre os rio-grandenses quem desconheça as geniaes producções do nosso patricio, aliás conhecidas e justamente apreciadas por todos que se comprazem com a literatura.

Alma apaixonada por todas as idéas nobres, Mucio Teixeira é por isso fanaticamente dedicado á grandesa e á prosperidade do Rio Grande do Sul, e foi o desejo de cooperar na debellação dos perigos imminentes que corre a nossa terra, que lhe foi berço, o incentivo que ora o trouxe aos nossos lares.

Coube á *Folha Nova* merecer do nosso denodado patricio a aceitação ao convite para illumina-la com as fulgurações do seu primoroso estylo. No próximo dia 1.º de Janeiro Mucio Teixeira assumirá o cargo de nosso redactor-chefe». — Nessa data publiquei o meu primeiro artigo, de que transcrevo em seguida os tópicos essenciaes, em que digo:

«O programma da *Folha Nova* continúa a ser o mesmo traçado no seu primeiro número pela máscula e vibrante penna de Alfredo Varela. (*) Isto, porém, não quer dizer que o caminho até aqui percorrido por elle e pelo nosso commum amigo dr. Gomes Pereira, seja o mesmo que pretendo trilhar de hoje em diante!

Circumstancias imprevistas que provocaram de prompto as mais graves consequencias, deixando até agora por serem resolvidos os mais complicados e melindrosos problemas, alteraram por tal fórma a marcha dos negocios públicos, que os meus illustres antecessores, intimamente ligados ao partido político que dirige actualmente os destinos do nosso Estado, viram-se na rigorosa contingencia de abandonar a linha recta, que percorreriam a passo firme em condições normaes, tomando de então para cá o atalho escabroso das conveniencias partidarias, ora retaliando com pena de Talião offensas que impunham imperiosamente castigo análogo, ora embrenhando-se pelas incendiadas veredas das mais arrogantes paixões, que desviam do curso natural das idéas de paz e de ordem, que os republicanos devem ter por divisa, e de progresso e fraternidade, que é o nosso ideal».

(*) O dr. Alfredo Varela passou do commando de um corpo de patriotas para o Congresso Federal, e é actualmente consul do Brasil em Lisboa.

Conservei-me nesse posto durante 'dois annos, até que Julio um dia me encarregou de uma missão meãindrosa perante o marechal Floriano Peixoto. Tratava-se da vida íntima da sua administração, que a lealdade manda silenciar, sendo-me apenas permittido dizer que, entre numerosas coisas, havia necessidade urgente de substituir o ministro brasileiro na Argentina (que era Assis Brasil) por alguém, que não trouxesse tantos embaraços ao governo do Rio Grande do Sul, pedindo Julio que para esse posto fosse o dr. Fernando Abbot.

O marechal Floriano era meu amigo, como já demonstrei nas minhas *Memorias dignas de memoria*; e o Julio sabia disso, tendo mesmo visto os telegrammas que eu trocava com o chefe da nação, sobre assumptos da revolta no Rio e no nosso Estado. Tive a felicidade de conseguir do marechal tudo que Julio pedia, modificando apenas um ponto, que era a pessoa escolhida para substituir Assis Brasil, com o que deixei de attender ás conveniencias políticas regionaes, para prestar um serviço á patria, e completar a obra da minha guerra a Gaspárt Martins.

Pedi ao marechal a nomeação do meu amigo Fernando Osorio, que jazia no mais prolongado ostracismo desde a morte de seu glorioso pai; o meu pedido foi logo satisfeito e regressei a Porto Alegre immediatamente; mas, assim que cheguei, por um simples trocadilho como se vai ver, deixei de ser *persona grata* para o constitucional dictador do Rio Grande do Sul, que, por não ser attendido só num ponto, de que aliás a parte essencial fôra satisfeita, esqueceu todos os outros serviços que lhe prestei, alguns da maior importancia, tornando-se meu inimigo.

- E a nomeação do Fernando? (perguntou-me).
- O Fernando acaba de ser nomeado.
- Falo do Fernando Abbot!
- Pensei que fosse o Fernando Osorio...

O que então se passou, na presença do illustre general Moura, que era o ministro da guerra, do coronel Trajano Cesar, que era tenente e commandava o piquete do ministro, de Aurelio Bittencourt e dr. Parobé, foi de tal gravidade, que eu me vi moralmente obrigado a dizer-lhe:

— Olha, Julio, hoje mesmo abandono o jornal que me entregaste e vou ostensivamente para uma das folhas da opposição. E pensa bem nas palavras que te digo: — De todos os nossos companheiros de infancia, sou eu o único que me tenho conservado contigo até hoje. Brigaste com o Assis, teu cunhado, com o Demetrio, o Antão, o Cassal, o Homero, dos quaes continuó a ser amigo. Qual de nós andarás errado, tu, que nenhum de nós pode supportar, ou eu, que de todos elles continuó a ser amigo?!...

No primeiro vapor tomei passagem para o Rio de Janeiro e nunca mais voltei a Porto Alegre. Até esse dia, Julio, apesar da sua intransigencia, querendo a todos impor a sua vontade, era comtudo um homem exemplar, de vida íntima immaculada, honesto e escrupuloso como ninguem, sem falar no seu extraordinario talento e na sua admiravel illustração.

Dizem-me, porém, que de então para cá não era já o mesmo... Cada vez mais entranhado nos circulos de ferro do seu orthodoxo positivismo; negando pão e agua aos adversarios; só se cercando de quem se prestasse a executar as suas ordens, sem o direito de discutil-as; sacrificando assim o mérito e a competencia, para desembaraçadamente impor a sua soberana vontade, orgulhoso e imperativo, parecia dizer como aquelle despótico rei de França: — *O Estado sou Eu!*

Já desde 1895 elle impunha a sua vontade a todos, como o demonstram os seguintes tópicos da sua *Mensagem* de 20 de Setembro de 1896, em que um dos nossos mais illustres generaes sentiu o duro guante da energia castilhistas, quando disse do general Galvão, que fôra combinar as bases da pacificação do Estado: — «A sua irritada parcialidade trahia-se desde o primeiro momento. E dia a dia, a contar dos seus passos iniciaes, até o embuste que empregou para simular a deposição das armas rebeldes, accentuou-se o seu criminoso designio de abater ou desprestigiar a ordem constitucional do Estado.

A's suas palavras, assistidas por uma descommunal indiscripção, correspondiam directamente os seus actos, todos tendentes a alentar e fortalecer os impenitentes inimigos das nossas instituições, com os quaes havia assumido delictuosamente o insolúvel compromisso de lhes fazer

chegar ás mãos a direcção governamental do Rio Grande do Sul.

Os seus insidiosos manejos durante a pñase em que combinou as bases da pacificação; a adulteração proposital a que expoz o pensamento do sr. presidente da República, reproduzindo-o infielmente na acta de 23 de Agosto, o que provocou uma solemne rectificação officialmente publicada; o seu cerebrino telegramma dirigido ao Congresso Nacional sobre a necessidade de ser reformada a Constituição do Estado, como condição essencial á consolidação da paz, no mesmo dia em que era esta por elle proprio proclamada como definitiva; o cuidado meticuloso que desenvolveu em evitar o effectivo desarmamento dos rebeldes; as artimanhas de que fez uso para promover a dispersão anárchica das forças civis que ainda estavam ao serviço da União: tudo isso obedeceu aos ditames daquelle funesto compromisso».

Para substituir o general Galvão, assim tão severamente tratado por Julio de Castilhos, foi nomeado outro illustre general brasileiro, o porto-alegrense marechal Cantuaria, que figura na galeria d'Os Heróes, desta obra. Julio foi o primeiro a dizer que a escolha deste bravo soldado «fôra acolhida por entre demonstrações de geral apreço, despertando a mais sympáthica expectativa em torno da sua pessoa», o que não impediu que bem depressa rompesse com elle, a quem disse, irónico e arrogante:

— «Resguardando a autonomia do Estado, cumpreme dizer-vos que com o regimen republicano federativo, tal como está consagrado na Constituição de 24 de Fevereiro, não se coaduna o exercicio da *alta função politica* de que dizeis estar investido, isto é, a função de garantidor da lei da amnistia com as suas inevitaveis consequências.

Isso importaria uma acção interventora, que só pode ser exercida legalmente nos casos do art. 6.º da mesma Constituição, nenhum dos quaes occorre actualmẽte. Não me sendo licito attribuir-vos o proposito de uma intervenção inconstitucional na existencia autonômica deste Estado, rogo que me esclareçaes sôbre a natureza da referida *função politica* a que expressamente alludistes».

O general a isso nada respondeu, e pouco depois deixava o commando do Districto, licenciado pelo governo da União. « Julio de Castilhos era assim (diz um dos seus biógraphos), de um estocismo spartano quando se tratava de defender a constituição e a autonomia rio-grandenses. São ainda da mesma *Mensagem* as seguintes memoráveis palavras, dirigidas aos membros da Assembléa dos Representantes:

— «Aproveito a occasião para assegurar-vos que, emquanto me couber a summa honra de exercer a Presidencia do Rio Grande do Sul, não vacillarei um instante em zelar digna e acuradamente a autonomia e prestigio do Estado, harmonizando sempre a observancia desta impreterivel obrigação de honra com as inspirações de prudencia reclamada pelas grandes responsabilidades da investidura presidencial.

Jamais deixarei de fazer sentir praticamente que neste amplo e fecundo regimen federativo, do qual tive a ventura de ser um obscuro collaborador, quer na doutrinação de propagandista, quer nos trabalhos da gloriosa Constituinte Nacional, não ha lugar para baralhamento de funcções, porque estão lucidamente discriminadas na lei magna da República, que prescreve onde termina a acção das autoridades federaes nos Estados e onde começa a competencia dos poderes locais».

E porque assim sempre agiu, com indefessa tenacidade e honorabilidade incomparavel, poude o insigne estadista gaúcho, a despeito da guerra civil e da tormentosa situação que, depois de terminada aquella, crearam os seus adversarios em torno da sua acção administrativa e civica, manter «a autonomia e a dignidade rio-grandense, impollutamente, com a altivez imposta pela sua vigiante resalva»; conservar «a firmeza inabalavel do crédito do Estado, manifestada na continua valorisação e conhecida procura de seus titulos»; apresentar sempre abundantes saldos orçamentarios nos cofres do Thesouro; reorganizar condignamente os serviços da administração nos varios ramos; pôr em prática muitos melhoramentos materiaes, estudar os projectos de outros, e promover e incitar a educação republicana, quer civica, quer industrial, em todo o vasto territorio do Rio Grande do Sul.

Emfim: o glorioso Estado gaúcho, que é tido na conta de poder servir de modelo á República, nasceu do incomparavel patriotismo de Julio de Castilhos — o Patriarcha. A elle se amolda, com magnífica precisão, o diamantino verso do immortal épico:

«Ditosa Patria que tal filho teve».

Perguntei-lhe, logo que chegámos a Porto Alegre, ao ver o pessoal que mais assiduamente frequentava o palacio presidencial, como recebia aquella gentinha, e mais que tudo aquelles perversos, ambiciosos, bajuladores, covardes e deshonestos? Respondeu-me que bem os conhecia, para resguardar-se convenientemente, mas não podia de prompto romper com elles; sinão, ficaria abandonado, sendo ainda muito cedo para poder separar o joio do trigo, fazendo a selecção.

Retrucando-lhe eu que me sentia asphixiado naquella atmospherá de promiscuidade de caracteres, em que as aptidões eram postas de lado para que a incompetência pudesse avançar, appellou para a nossa amisade, exigindo o sacrificio de silenciar e fechar os olhos a tudo, compromettendo-se a dar-me públicas demonstrações de que ninguem melhor do que elle «sabia tomar o meu caracter na devida conta, exaltando diante de todos o meu talento, a minha illustração e a minha lealdade; pois bem sabia do quanto é capaz o reconhecimento de um amigo sincero, com talento e dedicação, mormente de um amigo em tão singulares condições, disse, dispondo de tamanha popularidade dentro da patria, renome no estrangeiro, com o segredo de commover pela poesia, arrebatá-la pela eloquencia, convencer pela lógica e empolgar pela suggestão».

E foi assim que *os não preparados* tomaram o logar da frente. A vida humana não é mais o que o natural desencadeamento de uma serie de phenômenos e factos, que obedecem á lei de causa e effeito. Julio de Castilhos foi grande, mas não era bom. Si fosse bom, estaria com os bons, e saborearia os fructos do bem; mas, como era mau, preferiu os maus, e foi tragado pelo mal, porque — *qui amat periculum, in illo peribit*. E nem lhe restava o

extremo recurso de poder procurar um porto de abrigo ante o furor crescente da tempestade, que provocou, no oceano encapellado da revolução *federalista*, onde correu risco de afundar-se a desarvorada nau do Estado, sacudida pelos ventos da opinião contrária, que deixavam a maruja desalentada, rôtas as velas, desencordoados os mastros, apagadas as caldeiras, o leme sem palinuro, o capitão sem roteiro.

Tudo ao azar, tudo! menos as finanças estadoaes, que a sua extraordinaria competencia e aquella honestidade pessoal indiscutivel, souberam felizmente safvar do grande naufragio moral, o que até hoje contrasta com o triste espectáculo que se representa no scenário de todos os outros Estados da União Brasileira, a começar por S. Paulo, o mais adiantado delles, cuja producção maravilhosa não conseguiu ainda encher os cofres públicos, que a politicagem conserva vasilios.

Eram-lhe familiares os clássicos, o que me faz estranhar que não se lembrasse de que Heitor Pinto diz: — « Assim como o cavallo se rege pelo freio e a nau pelo leme, assim o homem se ha de reger pela razão e pela verdade. O coração que despede de si os beneficios que lhe fizeram e fica com as lembranças das injurias, é como coadouro que, deixando passar o limpo licôr, retêm as fezes e immundicias. Assim como não conhecemos a finesa do alambre, sinão si o esfregamos, assim não conhecemos a verdade do amigo, salvo si o experimentarmos ».

O historiador, quando tiver de estudar o caracter de Julio de Castilhos e a sua acção pessoal no governo do Rio Grande do Sul, poderá repetir estes conceitos de Carlos de Campos, o político paulista de mais esclarecido talento, quando diz: — « Cabe extirpar da saudavel ambiencia obtida qualquer aberrante ânimo de conquista que, contra o sereno e benéfico intercambio das populações, tentou restaurar a rapina do forte contra o fraco, não exorbitar, resvalando para condemnaveis vindictas, no amanhã laborioso, mas compensador, de um justo e util pacifismo; e afirmar, segura e duradoura, a média, tão exacta quanto possivel, do equilibrio social, pelos seus elementos de trabalho, capital e communs garantias legais.

Nem ha negar quão profunda e accentuadamente actúa essa máxima feição política sobre a vida brasileira, no que toca ao paiz e ás suas unidades federativas, entre as quaes, pelo exemplo este Estado, cujo intenso labor e consequente progresso lhe assignalaram maiores compromissos no estudo e adopção dos democráticos preceitos de governo.

Mas a politica, pelos seus militantes no Brasil, tem tido erros, como clamam impenitentes censores. Quaes, onde, como e quando? Não se o disse ainda, com claresa e prova de conceítos. E tão vaga generalidade já é, de si mesma, cabal defesa em contrario...

Por demais: qual essa única e insuspeita política, sem falhas nem jaças, entre todas as inevitaveis imperfeições terrenas? Accresce que, em política, affirmam pensadores, os erros, tantas vezes adoptados, concretisam acertos, porquanto a immobilidade é impossivél.

Os surtos evolutivos transformam o desacerto de hoje em verdade de amanhã, pois que toda a idéa — é tambem advertencia philosophica, que contém uma negação e uma affirmação. Aquella, derribando a idéa anterior; esta, dispondo a vindoura.

E' que o homem, dentro de si, traz sempre o germen de um reaccionario contra o passado e de um revolucionario pelo futuro. O que não se pode, todavia, contestar, é ser a política a essencia da vida das nações. Compõe-lhes a atmospherá em que nascem, respiram e medram as instituições garantidoras do individuo e da communhão, assim como o ar está para a vida physica.

Por isso, a política comporta a sua Sciencia — que é a synthese sociológica dos phenômenos que lhe são peculiares; a sua Arte — que é uma processualistica de acções e reacções; a sua Religião — que é o culto patrio; o seu Direito — que é a cidadania, em todas as suas relações; a sua Justiça — que é o julgamento da Opinião; a sua Ethica — que é o conjuncto das normas disciplinares de todos e de cada um; a sua Economia — que é a arithmética financeira e orçamentaria; e a sua Linguagem — que é a oratoria dos comicios, da tribuna parlamentar e das falas governativas.

Por isso, ella tambem conta o seu pèlourinho, o seu Calvario — que é essa maldizente e suppliciante apre-

ciação dos homens públicos, como execráveis reus, relaxados aos mais rudes e injustos commentarios. Sem política, as nações viveriam em confuso bárathro intimo; e em medonho cháos, na sua obrigada inter-dependencia.

Sem política, somente venceriam as aventuras da força, da audacia, da astucia ou da traição. Seria a eterna balburdia entre os homens. Seria o negro quadro de um apocalypticó pandemonium. E não ha política... sem políticos».

Perguntado Solon, qual era o excellente reino? respondeu: — « Aquelle onde os bons são animados com premio e os maus abatidos com pena». — Julio não poderia vencer, com os *caxerenguengues* enferrujados de um João Francisco e de um Xaxá Pereira, que degolavam na campanha, enquanto o Carvalho Maluco e o pernalto Germano, o *Girafa*, parolavam nas ruas e praças de Porto Alegre, provocando tumultos. Si não fosse o poderoso auxilio das forças do exército, não seria por certo com patrioteiros daquelle calibre que havia de continuar a dirigir o Estado, enfrentando a crescente e avassaladora onda revolucionaria que como uma avalanche ameaçava leval-o na enxurrada bulhenta e espumante de sangue humano!

O seu nome andava de bôca em bôca, num tóro de pragas e maldições, entre as próprias esposas e filhas dos seus asseclas e apanignados; havia muitas que o detestavam, pedindo a Deus em suas orações o mesmo que pedia a velha de Siracusa. Contra dois terços da população do Estado, tinha elle comsigo ostensivamente um terço, mas, de facto, nem isso. Para os Tigelinos da sua policia, bastava um Petronio para fazel-os recuar, a golpes de ironias. E... já que o seu positivismo diz que os mortos dirigem os vivos, — *Ave, Caesar, morituri te salutant!*

RIVADAVIA CORREA

RIVADAVIA DA CUNHA CORREA nasceu na cidade de Sant'Anna do Livramento a 9 de Julho de 1866 e falleceu em Petrópolis a 9 de Fevereiro de 1920, sendo o ca-

daver transportado no dia seguinte para o Rio de Janeiro e enterrado no cemiterio S. João Baptista, onde jaz no carneiro número 5.777.

Feitos os estudos preparatorios em Porto Alegre, seguiu para S. Paulo, onde se formou em direito. Durante o seu brilhante curso acadêmico, fundou e redigiu o hebdomadario abolicionista *Ganganelli*, de collaboração com o poeta e occultista Horacio de Carvalho e Falcão Junior, que veio a ser lente da faculdade de direito, e tambem morreu moço.

Bacharelou-se Rivadavia em 1886 e no anno seguinte doutorou-se em sciencias juridicas e sociaes, abrindo banca de advocacia na Paulicéa, onde se casou com uma das moças mais ricas da captial, nunca mais se preocupando com a advocacia.

Proclamado o actual regimen, que nelle contava um dos seus mais ardentes propagandistas, foi eleito deputado á Constituinte estadual, collaborando activamente no *Correio Paulistano*, em cujas columnas manteve forte discussão com o jornalista carioca Ferreira de Araujo.

Em 1895 o Rio Grande do Sul elegeu-o seu representante no Congresso Federal, onde se destacou como uma das figuras mais representativas, Deixando de ser reeleito, em 1906, quando já era viuvo e sem filhos, o que o privou do goso da grande fortuna de sua esposa; viu-se em difficuldades para poder manter-se ao abrigo das mais urgentes necessidades, sendo, a pedido de Pinheiro Machado, nomeado advogado do Banco Hypothecario, até que finalmente contrahiu segundas nupcias, com uma viuva rica, recomeçando então a sua interrompida existencia de esplendor e magnificencia.

Rivadavia era um typo de bellesa varonil, que impressionava vivamente as mulheres, tirando partido disso, deixando na sua passagem um rasto de aventuras galantes que o tornavam o encanto de certas mulheres e o terror de alguns maridos menos tolerantes.

O pobre difficilmente consegue enriquecer; mas o rico tem todas as facilidades de augmentar consideravelmente a sua fortuna. Rivadavia, que experimentou as grandes privações da pobreza, assim que se viu na posse de nova fortuna, tratou intelligentemente de augmental-a, o que conseguiu, em pouco tempo, causando suspeitas que

lhe eram desairosas, mas injustas, pois foi sempre escrupulosamente honesto.

Voltou-se de preferencia para o problema das habitações no Rio de Janeiro, que era o mais interessante do momento, attenta a deficiencia de predios e a densidade crescente da população. Além do cynismo inqualificavel dos proprietarios gananciosos, que abusavam criminosamente, como ainda hoje abusam, das vantagens consequentes da escassez de casas, forçando a inevitavel alta que se baseia na lei de offerta e procura; os preços do aluguel já eram tão elevados que não havia mais remunerador emprego de capitaes, resolvendo elle então comprar grande número de predios, além dos que mandou construir.

Espalhou-se, por isso, a lenda de que, depois da Santa Casa de Misericordia, ninguem pagava mais direitos prediaes do que elle... Isto levou-me a publicar a seguinte sátira, que apenas belisca o ministro da Fazenda, possuidor de tantas casas, carregando a mão no caso da casa dada ao presidente Dudú, na rua Guanabara, com chave de oiro, e o predio do terreno do fundo, que elle mandou demolir para augmentar o seu quinta!; sem esquecer a da ilha Francisca, que tambem lhe foi dada de mão beijada. — Eis os meus versos:

O DIALOGO DAS CASAS

PRIMEIRA CASA

Eu sou a casa da camisa,
Com botões d'oiro e de brilhantes;
Sempre engommada, dura e lisa,
Alva, de brilhos scintillantes.

SEGUNDA CASA

Sou a casa de baixo, do collete,
Que a moda não quer mais abotoada:
Mais inutil, assim, que um alfinete,
Apesar de me vêr sempre espetada.

TERCEIRA CASA

Eu sou uma das casas da casaca,
Casaca preta, que é de ponto em branco;
E si as abas soltei, no *Corta-Jaca*,
Os cothurnos troquei pelo tamanco.

QUARTA CASA

Eu sou a casa que se casa ao caso
Do quintal do visinho... e a *chave d'oiro*...
Que o Conde da Central, vermelho e loiro,
Deu ao do Minhocão soldado raso.

QUINTA CASA

A casa sou da franciscana ilha,
Talvez do mundo a oitava maravilha!
Que o mundo vai ficar maravilhado
De um presidente assim avacalhado...

SEXTA CASA

Eu sou a casa de tolerancia...
Sabem? — alugo quartos por hora:
Sou um florido Jardim da Infancia;
E a abelha-mestra? certa senhora
Que me procura, sempre com ancia...
Mas entra ás pressas... e vai-se embora...
Si vai-se ou vem-se, não sei ao certo;
Só sei que muitas... moram bem perto.

SÉPTIMA CASA

Cheia de padres, mulheres,
E bachareis e mascates,
Que fazem seu *pé de alferes*...
Eu sou a casa de Orates!

OITAVA CASA

Mais rubra que as vivas brasas,
Das nuvens por sobre o veu,
Sou uma das doze casas
Do Zodiaco, ou do eeu!

NONA CASA

De má gentinha bem frequentada,
Eu sou a Casa de Detenção.

DÉCIMA CASA

Eu, cheia, escura, sempre fechada,
Eu sou a Casa de Correção.

CORA DAS CASAS

Somos as casas que não vêm ao caso,
Sem décimas pagar á Prefeitura...
Que o Riva vai deixando tudo raso,
No Engenho Novo e Gávea e Cascadura!

A verdade é que Rivadavia Corrêa augmentou consideravelmente os bens do casal, com intelligencia e honestidade, servindo-se apenas do aspecto econômico absorvido pela crise de habitações, que, além de augmentar o preço dos alugueis, tomava um aspecto ainda mais grave, forçando grande número de familias a morar em conjuncto, com flagrante violação dos principios de hygiene e de moralidade, numa promiscuidade lamentavel e perigosa.

O patriotismo liquifizez-se nas almas modernas, refractarias a toda a abstracção e impregnadas de anarchismo philosophico. O espirito de aventura, tão commum no passado ás raças fortes, não tem mais onde exercer-se. A propria sciencia, que fez recuar as suas balizas extremas para os limites do cognocivel, assumiu um aspecto de rija severidade que subtrai todo o encanto á especulação. «Vivemos entre as ruínas de tudo quanto os nossos ascendentes presaram e que lhes encheu fartamente a vida. A nossa actividade material e intellectual somente se exercita como função do egoismo».

Havia neste estadista gaúcho mais um administrador do que um politico. A sua passagem pelo ministerio da Fazenda, num momento crítico para o paiz, quando a baixa do cambio e o desencadeamento da guerra mundial anormalisaram até as nações neutras, como o Brasil, que só mais tarde foi arrastado pelos politiqueiros sem patriotismo a tambem entrar na aventura guevreira, que nos devia custar tanto dinheiro, e a vilania de um dos alliados, a ambiciosa França, que nos roubou os navios, que até hoje conserva, com violação das leis de solidariedade e até de honra; revelou então Rivadavia Corrêa qualidades notaveis nas funções do executivo.

Tambem como Prefeito, o Districto Federal deve-lhe assignalados serviços. A par da mais escrupulosa severidade no exame dos papeis submettidos ao seu criterio, principalmente aos que se prendiam ao systema discricionariamente adoptado na arrecadação das rendas do municipio, elle revelou a maior competencia, ligando o seu nome a varios melhoramentos materiaes da grande e bella capital da União Brasileira, como a Avenida do Rio Comprido, por elle iniciada, e só concluida pelo seu successor.

No Congresso Federal foi o relator do tratado sobre a lagôa Mirim, escrevendo a respeito extenso parecer e defendendo-o em documentado discurso. Foi tambem membro da commissão dos 21, incumbida de dar parecer sobre o Código Civil, cabendo-lhe o capitulo sobre o *regimen hypothecario*.

Nomeado ministro da Justiça e dos Negocios Interiores, em 1910, Rivadavia Corrêa decretou, por delegação do poder legislativo, as reformas do ensino e da justiça local no Districto Federal, notavel por estabelecer a liberdade profissional, desde que haja demonstrada competencia.

Em 9 de Maio de 1913, dirigiu interinamente a pasta da Fazenda, sendo nomeado effectivo em 11 de Agosto seguinte, em cuja data se exonerou do ministerio do Interior.

Findo o quadriennio presidencial, foi convidado a 15 de Novembro de 1914, pelo novo presidente, para prefeito do Districto Federal, cargo que exerceu até ser proclamado senador federal pelo Rio Grande do Sul, a 11 de Maio de 1916, na vaga aberta com a trágica morte do general Pinheiro Machado.

Rivadavia Corrêa esteve doente uns quinze dias antes, na sua residencia da rua Casimiro de Abreu, em Petrópolis; a molestia já estava em franco declinio, quando sobreveio inesperadamente uma syncope cardiaca, que o matou quasi instantaneamente.

PEDRO MOACYR

PEDRO GONÇALVES MOACYR nasceu em Porto Alegre a 29 de Junho de 1870 e falleceu no Rio de Janeiro a 24 de Julho de 1919. Era bacharel em direito pela faculdade de S. Paulo, onde se formou em 1891, deixando entre os seus collegas a dupla reputação de brilhante orador e esperançoso jornalista.

Regressando á terra natal logo depois de formado, Julio de Castilhos confiou-lhe, em 1892, a redacção do orgão official do seu partido politico, mandando em se-

guida elegeo-o deputado estadual, de cuja Assembléa, onde muito se distinguio, passou dois annos depois para o Congresso Federal, representando ahi saliente papel.

Espírito independente e aberto ás mais generosas aspirações, não poude por muito tempo amoldar-se aos rigores da disciplina partidaria, rompendo com estardalhaço e arrojo contra as severas imposições orthodoxas do castilhismo triumphante do Rio Grande do Sul.

Censuravel seria o seu procedimento, si acompanhasse a maioria dos actuaes políticos riograndenses, passando do ostracismo para o poder ali enraizado; mas, abandonando os arraiaes victoriosos para se metter nas fileiras de uma opposição, a que até hoje se tem negado pão e agua, só isto é bastante para desenhar-lhe o character abnegado e nobre.

Assim, rompendo com a situação dominante no Estado, levantou a bandeira da revisão da Constituição. No *República*, jornal que fundou em Porto Alegre, defendeu brilhantemente os seus ideaes, conseguindo em breve ser um dos mais prestigiosos chefes do partido federalista, que por duas vezes lhe renovou o mandato de deputado federal, em competencia com candidatos prestigiados pelo partido dominante.

Em 1915, não tendo podido ir ao Rio Grande pleitear a sua eleição, na Capital Federal, porque perdera o tempo á frente do *Diario de Noticias*, numa das mais sérias campanhas políticas, o Estado do Rio de Janeiro, para que elle não ficasse fóra da câmara, elegeu-o deputado pelo 1.º districto e então, no Congresso, travou pelepas homéricas, em que não se sabia o que mais admirar, si o fogo que dispendia com enthusiasmo, si o encanto de sua phrase incisiva e vigorosa.

Bello e insinuante, com aquelle typo varonil de um Mephistópheles illuminado pelo talento, na pujança da mocidade, orador e tribuno ardente, brilhante, imaginoso, a quem o aparte dos velhos parlamentares não fazia desnortear, tornou-se logo um nome popular e respeitado.

A sua phrase era sempre polida na fórmula e no conceito, elegante e por vezes mordaz; na polémica enfrentava o adversario, atacava-o com vigor, sem uma palavra de offensa, mas sempre timbrando na bizzarria da phrase

polida e cortante. A sua palavra era seductora e por isso mesmo gosava no seio do Congresso de um alto conceito.

Foi no meio de um dos seus mais formidaveis discursos que uma súbita congestão lhe cortou a palavra, prostrando-o na tribuna, leão ferido em pleno peito.

Conduzido numa ambulancia para a sua residência, só aos cuidados médicos e ao carinhoso tratamento dos seus entes queridos, que eram a sua familia, conseguiu poder levantar-se. Dizia-se restabelecido, mas a morte espreitava-o de perto... e assim, depois de uma enfermidade de tres dias, expirou, rodeado da desolada familia.

O governo do Estado do Rio de Janeiro, grato aos serviços que lhe prestara o gaúcho desterrado dos seus *pagos*, pediu para fazer os funeraes á sua custa, o que a familia, embora agradecida, não poudo aceitar por já ter tratado do enterro. Diante disso, o governo fluminense mandou collocar sobre o féretro uma riquíssima corôa.

A imprensa carioca foi unânime em prestar-lhe as merecidas homenagens, e nas duas casas do Congresso Federal os seus méritos foram carinhosamente enaltecidos.

O *leader* da bancada riograndense iniciou o seu discurso dizendo que era com profunda emoção, com verdadeiro sentimento de pesar, compungido, que vinha comunicar á Camara dos Srs. Deputados a morte do grande tribuno riograndense, o notavel sr. Pedro Moacyr.

— «Difficil se torna fazer o elogio fúnebre de uma personalidade como a do preclaro cidadão, cuja vida foi uma agitação contínua em prol de seus ideaes, desdobrando o seu invejavel talento em várias espheras de actividade, da tribuna parlamentar á tribuna judiciaria, da cadeira de jornalista de pulso á de professor de direito, sempre em destaque, sempre brilhante, sempre illuminado.

E morre moço, aos quarenta e nove annos incompletos, quando ainda podia ensinar por muito tempo, agora que o seu grande espirito se equilibrara na luta que vinha travando para vencer, porque mais cedo ou mais tarde elle venceria na vida, com as suas perigrinas qualidades de talento e com aquelle coração grande, generoso e bom que todos conhecemos.

Delle disse Ruy Barbosa que era — «uma figura parlamentar inconfundível, o mais completo dos oradores quando se erguia na tribuna. Tinha fogo no olhar e fogo no coração. Dominava toda a gente quando, nos bellos tropos de uma oratoria parlamentar castiça, jorrrava dos labios a palavra candente, bella na fôrma, profunda no conceito, capaz de arrastar multidões».

Era o successor legítimo do verbo empolgante de Gaspar Martins. Na Historia, o seu vulto ha de apparecer ao lado do velho tribuno da Monarchia, cada qual synthetizando o seu tempo, a sua época, iguaes ambos no brilho.

Morreu com majestade. Foi ferido de morte neste recinto, e o braço se lhe paralysoou, por uma ironia da sorte, nesta tribuna, quando se erguia num daquelles gestos tão expressivos e tão originaes no grande orador parlamentar».

Outro illustre patricio nosso, o festejado escriptor Alcides Maya rendeu, em seguida, a sua homenagem individual ao illustre morto. Era um preito pessoal de admiração e de saudade, ao inconfundível e brilhante vulto político que vinha de desaparecer.

Alcides Maya foi buscar carinhosamente o illustre parlamentar nos seus inicios literarios, quando acadêmico em S. Paulo. Os seus contos psychológicos, admiraveis, mereceram dos mestres qualificativos que sã conquistavam trabalhos de notabilidade da hora literaria. Estudou a sua acção no Rio Grande, integrando-se na vida política do seu Estado. Mesmo nessa intensidade de vida não esqueceu do cultivo das letras, em que começara a avultar na Paulicéa.

«Foi brillantíssima a estréa daquelle moço — na imprensa do Rio Grande. Era evidente a sua superioridade mental. Então, naquella aspérrima acção política, de ódios incendiados, conquistava posição originalíssima no seio da política do Rio Grande. E apesar da violencia do estylo, que então caracterisava as paixões deflagradas pelos jornaes, quer federalistas, dissidentes ou republicanos, conseguiu Pedro Moacyr imprimir relevo e fulgor raro em eloquencia propria, enleando e encantando a sanha das paixões nas terras riograndenses».

Coelho Cavalcanti, o intrépido caricaturista da penna (que nas suas mãos é florete), disse isto: — «Moacyr foi o typo authêntico, perfeito, absoluto, no engenho e na bondade, de sua raça de fortes. Herdou da natureza plútica da terra gaúcha, que nativo céspede lhe fôra, todos os movimentos rhythmicos de grandeza maravilhosa.

Há na Historia do Rio Grande do Sul inapagavel traço de união entre a vida de dois homens: Silveira Martins e Pedro Moacyr. Mestre e discipulo, encontraram-se companheiros na pugna suprema do ideal; fizeram-se soldados da mesma linha de batalha; desceram no mesmo instante a Rocha Tarpéa, e subiram juntos, glorificados, ao Capitolio.

Foram ambos, no parlamento monárchico e republicano respectivamente, as duas figuras centraes. Defenderam por amor ao Brasil, a sua autoridade tutelar quando esta dentro da lei, ou melhor, dentro do direito, no só intuito de darem estabilidade e disciplina á vida civil.

Tentaram a perfeita organização do seu povo: queriam a liberdade sem licença, a autoridade sem abuso. Bateram com a irradiação de sua palavra e a irreductibilidade de sua lógica, com a maravilha de sua imaginação creadora a fôrma estreita das leis do paiz.

O genio de um completava o genio do outro. E eram ambos do mesmo tamanho, perfeitamente iguaes, como as duas azas de um condor. Gaspar arrebatava mais; Moacyr encantava mais.

Aquelle afugentava o adversario a todo o correr; um esquadrão de cavallaria a dispersar arruaceiros desarmados; rajada a desfolhar, em galope, as árvores; este, Platão acadêmico, o super-homem de Nietzsche na figura ideal de Emerson, zéphiro a acariciar a flôr».

O autor deste livro, que acompanhou *pari passu* a marcha triumphal de Moacyr pelos labyrinthos encochilhados da política, conhecendo-o na intimidade, quando o leão deixava de rugir para que se pudesse ouvir o arrulhar do pombo, no momento doloroso em que o seu corpo descia á sepultura, disse-lhe o adeus de despedida, triste por vel-o partir tão cedo para o Além, alegre por vel-o entrar radioso nas páginas da nossa Historia.

XI

POETAS E PROSADORES

O talento é um pára-raios exposto ao furor das tempestades: attraí as faíscas eléctricas, que fuzilam com estrondo retumbante, e permanece firme, amparando a todos que se abrigam sob a sua lança de ponta erguida para o ceu. Podem chover sobre elle as iras das mais surdas invejas, que a sua perenne imperturbabilidade é como a dos senadores romanos que pareciam estatuas ao choque das cavallarias de Attila.

(MUCIO TEIXEIRA)

DELPHINA DA CUNHA

DELPHINA BENIGNA DA CUNHA nasceu na *estancia do Pontal*, municipio de S. José do Norte, quando o Rio Grande ainda era capitania, a 17 de Junho de 1791 e falleceu na cidade do Rio Grande a 13 de Abril de 1857. Era filha do capitão-mor Joaquim Ferreira da Cunha Sá e Menezes, ficou cega quando contava apenas vinte mezes de idade (por effeito da variola) e viveu solteira.

Vendo-se em 1833 órphan de pai e mãe, ficou só no mundo, sem um irmão siquer que lhe guiasse os passos na dupla noite da cegueira e orphandade. Revelou nos mais verdes annos a sua admiravel vocação poética, improvisando décimas e sonetos quando contava apenas 12 annos de idade, illustrando o seu prodigioso talento, de então por diante, tanto quanto o permittiam o meio e o momento.

Publicou tres volumes de poesias; o primeiro dedicado ás senhoras rio-grandenses (1834); o segundo ás senhoras brasileiras (1838); e o terceiro á Imperatriz viuva de D. Pedro I (1846), época em que se achava residindo no Rio de Janeiro, de onde regressou á nossa terra, querendo adormecer no último somno no mesmo logar que lhe servira de berço. Durante a sua demorada residencia na côrte, sendo visitada pelo illustre poeta Visconde de Castilho, tambem cego, mostrou-se elle arrependido de tanto ter atacado as mulheres, no poema *Ciumes do Bardo*.

Delphina da Cunha, sorrindo, respondeu-lhe que não havia motivo para arrepende-se, desde que o punira, matando o ciumento bardo nas aguas de um lago. D. Pedro I, logo que morrera o pai da nossa poetisa, estabeleceu-lhe uma mesada, que lhe permittia viver modestamente; essa pensão foi generosamente mantida por D. Pedro II, a quem Delphina da Cunha consagrou mais de uma das suas inspiradas poesias.

Que mais se pode dizer de uma mulher, que atravessou a vida sem encontrar um homem que a comprehendesse, para nesse coração encerrar o thesoiro do seu amor de poetisa? O meu exclusivismo não se limita aos quatro *k k* do grande Kaiser allemão Guilherme II, para quem a mulher não deve ir além de *kinder* (criança), *kache* (cozinha), *kirsche* (igreja) e *kleider* (roupa). E si não applaudo todas as conquistas do feminismo na Europa e na América do Norte, comtudo admitto que a mulher não deve permanecer estacionaria no limitado circulo em que vivia outr'ora.

Diz um proverbio oriental que «a mulher deve estar dentro do lar, como o coração dentro do peito». — Em caso algum deve ella empregar-se em qualquer coisa que não seja perfeitamente adaptavel ao seu sexo, já como especie, já como grau de trabalho. Eduardo Bellamy, no interessante livro que intitulou *D'aqui a cem annos*, diz: — «Os homens devem á belleza e á graça das mulheres o mais delicado sabor da existencia. Os sexos agora encontram-se com a facilidade de una igualdade perfeita, não se requestando um ao outro sinão por amor».

O sentimento de responsabilidade, que os séculos anteriores nunca reconheceram, tornou-se uma das grandes idéas éticas de certas raças, reforçando com a convicção do dever o impulso natural que leva a mulher a procurar o casamento com os melhores e mais nobres. Quero mesmo que ella nos acompanhe de perto na marcha evolutiva, mas sem ultrapassar os limites da sua missão, que é mais restricta que a nossa. Só tenho louvores para aquellas mulheres da Virginia que levaram uma petição ao senado francez solicitando a Legião de Honra e uma pensão á toda a mulher que dê á patria mais de oito filhos, a exemplo do que fazia a prisca Roma.

As americanas... oh! essas, como diz o meu confrade e amigo Fernandes Costa, cantor d'*O Eterno Feminino*, «não têm papas na lingua, e vivem a importunar o governo com as mais descabidas exigencias. Agora mesmo acabam ellas de pedir a decretação de leis que prohibam ou autorisem aquillo que as incommoda ou agrada, considerando direitos sagrados do sexo exigencias frivolas como estas: editaes da prefeitura que obriguem as com-

panhias de viação a collocar mais baixos os estribos dos carros, para que as damas elegantes possam mais facilmente subir e descer com as suas saias apertadas por imposição do figurino.

Mais natural me parece a vigorosa campanha que a *Liga das Contribuintes*, de Cincinnati, empreendeu a favor dos passageiros que vão de pé nos carros eléctricos (que entre nós denominamos impropriamente *bonds*), por não haver bancos sufficientes nesses carros, exigindo para o caso uma diminuição no preço das passagens. Todas as mulheres são a mesma, não ha variedade sinão nas circumstancias. Xisto V dizia que canonisaria a mulher que nunca tivesse querido ser mais imperativa que o marido. Nenhuma mulher é capaz de conversar duas horas sem repetir sempre a mesma coisa.

O feminismo invasor, frenético de combatividade, ainda não tinha encarnado, naquelle tempo e em nosso meio social, os direitos da mulher, cuja acção era restricta ao cumprimento dos deveres, proporcionando-lhe assim uma modesta meia claridade, que emprestava mais realce aos fulgores da intelligencia, numa esphera de paciente e resignada virtude, que só depois de cem annos, ao influxo inquieto e insaciavel do nosso tempo, havia de rebentar do roseiral espinhoso na sementeira ubérrima das exigencias das actuaes suffragistas.

Os nossos estadistas são mais corriqueiros do que os proprios caciques das tribus selvagens; acabam de negar o direito de voto á professora Leolinda Daltro, que os mandou plantar batatas, e disputou o logar de membro do Conselho Municipal, sahindo o seu nome das urnas eleitoraes com uma victoria de quasi dois mil votos. Não devemos esquecer que a primeira mulher eleita para o parlamento británnico, a Condessa Markievicz, de origem polaiica, representante dos Sinn Feiners, não quiz tomar posse, só para não prestar juramento de fidelidade ao rei e á Inglaterra. A segunda mulher que trocou o lar pela política é a Viscondessa de Astor, que acaba de entrar na Camara dos Communs, quebrando assim a tradição secular, no paiz que mais tem mantido as tradições.

Voltando á nossa primeira poetisa, que nenhuma outra no Brasil venceu até hoje em espontaneidade e inspi-

ração, cumpre salientar que nenhuma outra também soube manter o fogo sagrado da poesia numa pyra de tão castos fulgores. Não é que não fosse ella uma sensual, como toda a mulher intelligente e nova que nasce e vive sob o sol das nossas regiões; mas o exemplo materno, uma educação religiosa e os seus proprios sentimentos de pudor, afastaram esses delicados pés das urzes do caminho seguido pela maioria das poetisas, desde Sapho, que deu nome á enfermidade das *lésbicas*, até essas poetisas da actualidade, que, si não dizem coisas tão nuas e cruas como Bocage, no *sétimo volume*, málfisfarçam a nudez impura dos seus desejos sob o véu transparente de um symbolismo nymphomaniaco.

Na minha obra intitulada *Poetas do Brasil*, ao tratar da poetisa Beatriz Brandão, digo: — «Tenho observado que ainda nenhum poeta conseguiu pintar a vehemencia dos sentimentos eróticos com a intensidade e o frenesí das poucas poetisas que têm tido a coragem de exprimir suas paixões nimiamente hystéricas. Não ha nos *Amores* de Ovidio estrophes mais lascivas que as de Sapho; e a cubana Gertrudes de Avellaneda, ao descrever o cíume, com emoção dantesca, burilou versos artisticos e apaixonados até á allucinação». Delphina da Cunha não desceu da esphera constellada dos seus sonhos de mulher honesta, onde entoou o hymnario da virtude nas aras da familia, da patria e da humanidade, para macular os labios, onde floriã orações, com palavras de dupla significação, que revestissem idéas impuras. — Eis um dos seus sonetos:

Vinte vezes a lua prateada
 Inteiro rosto seu mostrado havia,
 Quando o terrivel mal, que já soffria,
 Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o ceu e o sol sendo privada,
 Cresceu a par de mim a magua ímpia;
 Desde então a mortal melancolia
 Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
 E a fortuna, cruel sempre commigo,
 Me negou toda a sorte de ventura.

Nem siquer um prazer breve consigo;
 Só para terminar minha amargura,
 Me aguarda o triste, sepulchral jazigo.

ARAUJO PORTO ALEGRE

BARÃO DE SANTO ANGELO

MANUEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE, Barão de Santo Angelo, nasceu na villa do Rio Pardo a 29 de Novembro de 1806 e falleceu no consulado geral do Brasil em Lisboa a 30 de Dezembro de 1879. Chamava-se Manuel José de Araujo, até aos 16 annos de idade; mas, seguindo o exemplo dos patriotas que, ao ser proclamada a independencia, trocaram o appellido paterno, de origem portugueza, por nomes como estes: — Cansação de Sinimbú, Gê Acaiaba de Montesuma, Japiassú, Bocayuva, etc., passou a chamar-se Manuel de Araujo *Pitangueira*, que ainda veio a ser posto de lado, porque, segundo diz um dos seus biógraphos: — «ante os remques do padre Antonio Vieira da Soledade, senador do Imperio pela sua provincia, em cuja companhia veio residir na côrte, preferiu afinal á myrtacea indigena o topônimo *Porto Alegre*. Neste facto, aparentemente mínimo, já se revelava, sob a fórmula bairristica, o seu *brasileirismo*, ideal excelso que lhe acalentou toda a nobre trajectoria objectiva».

E' tão complexa a personalidade artistica de Araujo Porto Alegre, que a índole desta obra me obriga a destacad-a, em duas partes, tratando aqui apenas do poeta e prosador, devendo o pintor figurar mais adiante, na galeria dos artistas, como se verá em lá chegando. Poeta, deixou um livro de poesias — *Brasilianas*, e um poema em 40 cantos — *Colombo*. Tanto nas lyricas como na epopéa, ha pouca poesia em tão numerosos versos, que, mesmo assim, eram dos melhores daquella época, servindo de fonte de inspiração aos seus amigos e companheiros Gonçalves Dias e Domingos de Magalhães, o primeiro parodiando as suas quadrinhas na *Canção do exilio* e a *Lenda do Anhanguera* no *Canto do Piaga*; e o segundo, talhando o seu soporífero poema — *A Confederação dos Tamoyos* pelos moldes do adamastórico *Colombo*.

Este gaúcho, com o carioca Magalhães e o maranhense Dias, formam o triumvirato da primeira tenta-

tiva de poesia nacional, não só por emancipal-a da pesada tutela dos clássicos d'além-mar, como por permanecerem no seio da floresta virgem, onde encontraram a pedra filosofal de suas inspirações regionaes. Porto Alegre era dos tres o que tinha mais talento; Magalhães destaca-se pelo sentimento e Dias pelo brilho da imaginação e a flexibilidade da métrica. A obra poética de Porto Alegre compõe-se do volume de poesias e do poema citados. A sua admiravel prosa ainda não foi reunida em livros, exparsa nas *Revistas* do Instituto Histórico, na *Minerva Brasiliense*, na *Nova Minerva*, no *Iris*, na *Guana-bara*, na *Revista Brasileira*, na *Chrônica Literaria*, na *Nictheroy*, na *Lanterna Mágica* e nos jornaes *O Ostensor* e *A Reforma*.

Voltou-se tambem para o theatro, escrevendo a ópera lyrica *A Noite de S. João*, posta em música pelo maestro Giovanni; o drama *O prestigio da Lei*, partiturado por Francisco Manuel, o inspirador autor do nosso incomparavel *Hymno Nacional*; o drama *Os Voluntarios da Patria*, e as comedias *O sapateiro politico*, *Angélica e Firmino*, *A estatua amazônica*, *Dinheiro é saúde* e *O espião de Bonaparte*. (*)

O nosso poeta tambem cultivou o humorismo e a sátyra, sendo notavel a que fez á nau *Vasco da Gama*, que desarvorara na entrada da nossa barra, sendo preciso ir um pequeno rebocador da esquadra soccorrel-a, trazendo-a por um cabo, o que levou Porto Alegre a dizer que o grande navió sossobrara devido ao peso dos *pés de chumbo* que trazia a bordo, e que era destino dos brasileiros. — «Trazer os portuguezes pelo freio»... o que não impediu que vivesse na intimidade da melhor sociedade lisboeta, quando nella appareceu no character de nosso consul geral. Esteve tambem muito em voga uma sátyra que fez aos italianos no Brasil, e o seguinte *lundú*, posto em mú-

(*) « Conhecem-se delle (diz Sylvio Romero) os versos debicatorios da antiga colonia portugueza do Rio de Janeiro sobre a decantada nau *Vasco da Gama*, a maravilhosa nau, diziam elles, que vinha impor admiração e respeito aos *brasis*, e antes de entrar neste porto encalhou lá fóra, avariando-se, e sendo rebocada por um pequeno vaso de guerrra nacional. E' tambem deste número a introduccão do poema *O ganhador*, contra o jornalista Justiniano José da Rocha».

sica pelo insigne compositor carioca José Mauricio Nunes Garcia. (*) — Eil-o:

FORA O REGRESSO

Aprender artes, officios,
 Estudar annos inteiros,
 Enriquecer aos livreiros
 Só o faz rombo sandeu...
 P'ra ser rico nobre e sabio,
 Com mil outros galardões,
 Basta só nas eleições
 Fazer papel de Judeu...
 Cartinhas
 Amaveis,
 Chapinhas
 Estaveis,
 Troquinhas
 Notaveis,
 Urninhas
 Mudaveis,
 E os maganões
 Espertalhões,
 Com mangações
 Aos toleirões!
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

Mil Mirabôs d'enfiada
 Por vapor fazem discursos,
 E vencem nestes concursos
 Empregos e carachás.
 Modesto patriotismo
 Hoje em dia não faz vasa;
 Escrever jornaes a rasa
 E' caminho dos Baichás!
 Juristas
 De capa,
 Legistas
 De chapa,
 Fretistas
 De lapa,
 Chupistas
 De rapa,
 Seu monarchismo,
 Brasileirismo,
 Patriotismo
 Sem egoismo,
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

(*) A música deste lundú está publicada no segundo volume do *Brasil-Theatro* do Dr. Pires de Almeida, á página 529.

Padres, carolas, coveiros,
 Vão todos plantar batatas;
 Já temos homœopathas,
 Já não morre mais ninguém.
 Sangrias, bichas, cauterios,
 Em bolhinhas se mudaram,
 As pharmacias se acabaram,
 E o brusselismo tambem.

Ascitis
 Bojuda,
 Bronchitis
 Pontuda,
 Gastritis
 Aguda,
 Rachitis
 Que muda...

E os humoristas,
 E os solidistas
 E os organistas,
 E os rasoristas,
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

Modernos operadores
 Fazem queixos de tarracha,
 Põe corações de borracha,
 Curam vesguelha e surdez;
 Mudam as linguas aos gagos,
 Trocam tripas, pernas, braços,
 Cortam a gente em pedaços
 E cosem-na uma outra vez.

Entranhas
 Viradas,
 Com banhas
 Lavadas,
 Façanhas
 Cortadas,
 Patranhas
 Curadas...

Lithotomias,
 Lithotricias,
 Pathologias,
 Phrenologias,
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

Nova carreira se abriu
 Além das trêtas e ronha;
 Um pelintra, um sem vergonha
 Se improvisa um redactor.
 Unidos a outros ciganos,
 A penna immunda vendendo,
 Calumnias mil escrevendo.
 Quer campar por grão senhor!

Rabisca
 Ladrando,
 Faisca
 Bramando,
 Marisca
 Ganhando,
 Lambisca
 Trepando...
 Os publicistas,
 Os estadistas,
 Os moralistas
 Idealistas,
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

Decora um rapaz seis phrases,
 De um autor ou libellista,
 Eil-o já com longa vista,
 Novo regenerador.
 Promettendo o sol e a lua
 Cabala, sai deputado;
 Vende o voto, é magistrado;
 E já visa a senador.
 Que moço
 De tino!
 E' um poço
 De fino!
 Menino
 De trôço!
 Carôço
 Ladino!
 Chegou a idade
 Da liberdade;
 Que f'licidade
 P'ra humanidade!
 Tudo agiganta o progresso;
 Viva Amor! Fóra o regresso!

Porto Alegre era um prosador realmente notavel, ostentando-se sobranceiro numa geração em que se destacava um Alvares de Azevedo, um Manuel Antonio de Almeida, um Torres Homem e um Francisco Octaviano. O poeta, porém, não corresponde á nomeada que chegou até nós, porque lhe faltaram dois elementos que considero indispensaveis: a sinceridade no sentimento e a espontaneidade na fôrma. A sua prosa, porém, é correcta e vibrante, com periodos mais bellos do que os melhores de Garrett e Herculano. Mas o seu verso é frio e monótono, raras vezes desprendendo uns brilhos de luar de inverno, nunca o lampear dos raios abrasadores do sol.

E' tambem áspero, ou frouxo; raríssimas vezes harmonioso, nunca musical.

Esta Musa não parece ter vindo dos Pampas: prefere o píncaro frio das cordilheiras á suave planura das savanas natalicias. Ainda estou por encontrar quem saiba de memoria uma poesia das suas *Brasilianas*. E Byron bem sabia a razão que tinha para dizer que o maior elogio que se pode fazer a um poeta é decorar-lhe as poesias. O *Colombo* começa por este bello verso:

Troam na Iberia os hymnos da victoria!

Mas, sem obediencia ás regras mais comesinhas, misturando assonantes com consoantes (como o fazem actualmente os mais afamados parnasianos, que a ignorancia de certos críticos denomina de *impeccaveis*); interrompendo dezenas de versos soltos, com um terceto rimado, que é logo seguido por outros sem rima, comõ quando diz, na página 5:

Sobre o punho do alfange temeroso,
Tauxiado em Damasco, entre saphyras,
Flammeja do Indostão rubim monstruoso.

De longe em longe, na escuridão dessa monotonia prolongada, scintilla um relâmpago de inspiração, como neste onomatópico verso:

Trovejando no espaço ronco horrendo!

Já ficou dito e demonstrado que Gonçalves Dias e Magalhães se inspiraram mais de uma vez nos versos de Porto Alegre. Na famosa ode de Magalhães a Napoleão, ha uns versos que não são outra coisa sinão a reproducção destes, do canto I, do *Colombo*:

E co'a dextra, que o leme gloriara,
No mappa das nações traçou vidente
Novos imperios, do porvir assombro!

A mesma coisa fez Gonçalves Dias, no *Canto do Piaga*, dez annos depois de ter Porto Alegre escripto esta estrophe das *Brasilianas*:

Sobre o fumo nos ares descreve
Um phantasma terrível, medonho!
Não é medo cobarde, nem sonho,
O' guerreiros da tribu Pury! (*)

Diz A. X. Rodrigues Cordeiro: — «Ha cabeças leoninas. Era deste número Porto Alegre. Olhai para o seu retrato. Assim era a de Mirabeau e a de Luis Veillot; assim é a de Victor Hugo. O Barão de Santo Angelo era um homem d'antes quebrar que torcer, de grandes afeições e grandes virtudes, um adorador da natureza, ora desvairado pela paixão das bellas artes, ora embriagado pelo amor da poesia».

Sylvio Romero observa que nenhum outro poema da lingua portuguesa é tão longo, tão massante em alguns pontos e eriçado de um maravilhoso tão extravagante; nenhum outro, porém, possue de longe em longe versos tão sonoros, vigorosos e valentes, e tantas passagens tão nutridas, tão elevadas, tão fortes, tão eloquentes. *Colombo* é uma galeria, uma pinacotheca cheia de bellísimos quadros perdidos, prejudicados no meio de telas mal dispostas e mal acabadas. O poeta revela grande imaginação, grande vigor, muita leitura, muita instrucção, sem nenhuma synthese poética.

Mas no fim de contas Porto Alegre incorreu na mesma falta dos maiores poetas de qualquer paiz, em todos os tempos. Tirando ao *Inferno* do Dante os episodios da *Francesca de Rimini* e da *Torre de Hugolino*, além de mais alguns tercetos; ou tirando aos *Lusiadas* de Camões os episodios do *Adamastor*, da *Ignez de Castro*, da *Ilha dos Amores*, dos *Doze pares de Inglaterra* e mais algumas oitavas destacadas, o que fica é de uma monotonia que só produz bocejos. O mesmo se dá na epopéa gaúcha, onde ha versos notaveis, como estes:

A pernalta cegonha que se aninha
No ingente capitel do templo de Apis.

(*) Isto, além da *Canção do exílio*, levou o criterioso Wolf a dizer que Gonçalves Dias tinha haurido as suas inspirações iniciaes nas *Brasilianas* do poeta rio-grandense.

*
* *

Brilha na fronte do hierophante um astro ;
Os vícios fogem ; resplandesce a deusa
Num claro elysio que deifica as almas.
A scena é outra : a formosura a esmalta,
Vivem as graças em paineis divinos,
Matizados de luz, de amor e encantos,
Como um chuvaireiro de brilhantes flores.

*
* *

Bate as azas no ceu a aguia flammante,
Troveja no remigio : as pennas vôam
Pelo ar, em coriscos transformadas,
E luminosa Cruz no ceu respande !

*
* *

As entranhas do tempo são fecundas.
Quando a phalena busca o lume, ai della !
Cresta as azas, e expira sobre a flamma :
O Rei ha de matar o Padre em breve !
Casulo de ammbições ha sido o claustro,
E o psalmo um epinício as vezes impio.
O peito humano é como um labyrintho
De avenidas confusas, tão contrarias
Que vão aos polos donde o ceu e o inferno
Os seus raios de luz e trevas cruzam :
O fio conductor tem nos extremos
Uma rosa e um espinho ; o espinho mata,
E no trânsito a rosa se desfolha.

— Nas tuas mãos, Senhor, deponho esta alma. —
Houve um grande silencio... E quando olharam,
Tinha o Anjo da morte nos seus labios
Dado o beijo que sorve a luz da vida.

*
* *

O TRIUMPHO

Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.
Jaz vencida Granada! A Cruz guerreira
Da moderna Cruzada resplandece
No rubro cimo da atalaia altiva,
Que domina de Alhambra os régios muros,
E os zimbórios vidrados das mesquitas
Assentadas no gremio augusto e bello
Da abatida sultana do occidente!
Jaz vencido o koran: no santo aprisco
Repousa a Espanha á sombra do Evangelho.

Na ridente esplanada, ovantes, firmes,
Como troncos de ferro, ao sol fulguram
Pautados esquadros, lúcidas armas.
Ribombam no horisonte em densas nuvens
Os estrondos da rouca artilharia,
Que, dos rinchos equinos augmentados,
E do rijo clangor das marcias tubas,
D'alto a baixo as montanhas estremecem!

Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras
Estala o diadema eterno e frigido
De niveas carabinas: geme a terra;
Revolve o Darro o antigo leito, e mescla
De áureas palhetas as sangrentas aguas,
Onde exangues cadáveres fluctuam.
Retremem os zimbórios esmaltados
Dos islâmicos templos! Pavorosa
A sombra de Almansor, banhada em sangue,
Do poento jazigo em que dormia,
Se ergue, e lá foge ao funeral de um throno,
Que o seu braço escudara em cem batalhas.

Jaz vencida Granada! A Providencia
Quebra a espada de Islam nos frageis muros
De Santa-Fé, erguida após o incendio.
O drama porfiado, que oito séculos
Ensanguentara a Hesperia, se desfeca;
Cai aos pés de Isabel estrebuchando
O orgulhoso colosso desse imperio



Que o braço de Fernando avassalara.
 Na incude marcial não bate o malho
 Do mourisco alfagem ; acerbas lágrimas
 O ferro mal temperam ; só resôa
 Através desses muros derrocados,
 O tinir das cadeias dos escravos,
 Em cuja mente a liberdade antiga
 Não ousa aos ceus erguer dubia esperança.

No regio acampamento o afan redobra :
 Preliba a festa a marcial phalange
 Aprestando mil jogos. Sobre carros
 Rolam selvas dos flancos das montanhas,
 E os tardos bois e os férvidos cavallos
 Movem acervos de pesados troncos.
 Rangem as serras, os machados talham,
 Cava-se o chão, e os artefactos sobem.

No regaço gentil, nas mãos mimosas
 Das felizes donzellas se engrinaldam
 Odoras flores e laureis virentes ;
 E em seus dedos a agulha industriosa
 Nos pendões e divisas emblemava
 Com empenho amoroso imos arcanos.
 Séricas tendas, pavilhões heráldicos,
 No ar tremulam as doiradas franjas.
 Ascendentes palanques contorneam
 O precinto faustoso da estacada,
 Que o arauto firmara em torno á liça,
 Onde em breve travando as áureas lanças
 Ha de em preito amoroso, em destros jogos,
 Turba heroica ostentar valor e arte.
 Domina a teia o cadafalso regio,
 Adornado de telas brazonadas,
 Que feitos e victorias preconizam
 Dessa prole de herões á cruz votada,
 Que o crescente eclipsou co'a dextra invicta !

Era no dia que o christão memora
 A maga epiphania. Ao som festivo
 Das Iberias trombetas, fronticurvo,
 Da tarima real descia o Mouro,

Vendo em seu throno o desengano e a morte,
E a gloria avita como um sonho illuso!
O férreo guante do espanhol pesava
Sobre as ameias do rendido alcáçar.
Consummado era tudo! Escravo o bronze,
Que ainda ha pouco nas hostes inimigas
A morte vomitava, aguarda o mando
De seu novo Senhor, que ovante marcha
E ás portas bate da purpúrea Alhambra.

Murzellos e frisões, ajaezados
Com maurisco primor, o Rei e a esposa
Fecham a marcha triumphante e grave,
Que ao som das charamellas e timbales
Soberana desfilia. No ar retinem
Os hymnos da victoria. A' frente marcham
Os reis d'armas, arautos, passavantes,
Sobre os hombros sustendo as massas de oiro.
Nas férreas armaduras das cohortes
Que as alas ornam do real cortejo,
Se espelha o sol em fogaréus ardentes,
E as lanças e as espadas dos guerreiros
Ephêmeros cometas no ar lampejam.

Hoste briosa, de afamada stirpe,
Como estatuas de bronze augmenta a côrte,
E o préstito realça o regio Musa.
Mensajeiro da paz, leão na guerra,
Ali ostenta do oriente as galas :
Sobre o punho do alfange temeroso,
Tauxiado em Damasco, entre saphyras
Flammeja do Indostão rubim monstruoso :
Vale o xairel de meio reino as terras,
E o seu dono e o ginete um vasto imperio!

Em negros alfarazes, a seu lado
Trinta Alarifes vão, de mouro sangue ;
Ressumbra-lhes no rosto abaçanado
O desdem que o valor innato exprime.
Em castanhos corceis, Aldoradinis,
Alabezes, Vanegas e Maliques,
E os heróicos Gazules arrematam

O séquito maurisco. Commandando
 Provados martes, senhoreia o préstito
 O sagrado pendão de Santo Iago,
 A' cuja sombra preito e homenagem
 Deve um dia render metade do orbe!

Entre jograes e menestreis marchava
 Co' a lyra de oiro um Bardo, último garfo
 Da caledonia estirpe, escapo ao ferro
 Que Eduardo cruel brandira em Galles.
 Com garbo marcial a pompa illustram
 Equestres campeões d'alta linhagem.
 Das pupillas vertendo fero lume,
 E ao som dos hymnas que o valor deificam,
 Do tinir das espadas, dos arnezes,
 Os briosos corceis se engalam, rincham,
 Ondeam, e nas fronte dos guerreiros
 Fluctuam docemente as brandas plumas,
 Qual formoso palmar que a brisa afaga.
 A passo tardo macilento monge,
 Coberto de burel, a Córte segue:
 Ximenes é seu nome: o resto a Espanha
 Ha de em breve dizel-o ao mundo inteiro.

De odoras flores, de virentes palmas
 Se junca a estrada, que margeia os muros
 Da vencida Granada, onde o cortejo
 Triumfante alardeia augusta pompa;
 E mal vingado havia asp'ra montanha,
 Eis que da terra, que a seus pés ecôa,
 Prorompem, surgem lamentosas vozes!
 Eram brados christãos, christãos escravos,
 Que da noite hedionda das masmorras
 A' luz do dia saudações mandavam!
 Livres ordena que a seus lares voltem
 A piedosa Isabel esses captivos,
 Que no equíleo da dor, da fome, e em trevas
 Pela pátria gemeram largos annos;
 E esse monte de Mártires chamou se!

CALDRE E FIAO

JOSE' ANTONIO DO VALLE CALDRE E FIAO nasceu em Porto Alegre a 22 de Agosto de 1813 e falleceu na cidade de S. Leopoldo a 20 de Março de 1876. Na minha obra intitulada *Poetas do Brasil*, de página 183 a 188 do tomo I, prestei-lhe a minha homenagem de gratidão, que só agora posso firmar de maneira mais duradoura.

Era doutor em medicina pela Academia do Rio de Janeiro e foi um dos chefes mais eminentes do partido *liberal progressista* do Rio Grande do Sul, onde havia então tres partidos militantes, o *liberal-progressista*, o *liberal-histórico* (composto da dissidencia daquelle) e o *conservador*; todos elles chefiados por vultos que já passaram para os annaes da historia. No partido de Caldre e Fiao se destacavam o Conde de Porto Alegre, Lopes Teixeira e Felipe Nery; no liberal-histórico, o general Osorio, Felix da Cunha e Luis da Silva Flores; e no *conservador* o coronel Pinheiro Machado, o dr. Cunha Bittencourt e Carlos von Koseritz, que mais tarde se passou para as fileiras liberaes.

O doutor Caldre e Fiao, ao regressar a provincia (de onde se conservara ausente durante mais de trinta annos), já vinha precedido de uma reputação firmada no Rio de Janeiro, onde collaborara activamente na imprensa diaria, como político e literato, além da publicação dos seguintes livros: — *A Divina Pastora*, novella rio-grandense, um vol. de 250 págs. (1837); — *O Corsario*, romance rio-grandense, um vol. de 296 págs. (1841); e *Elementos de Pharmacia Homeopáthica*, um vol. de 300 págs. (1846).

Convencido de que a medicina official não podia ser classificada scientificamente, sinão como *arte*, desde que tinha leis geraes para casos particulares, foi o primeiro médico, no Brasil, que se voltou corajosamente para o caminho que acabava de ser aberto por Hahnemann, travando discussões acaloradas com os mais eminentes clínicos da côrte do Imperio, nas quaes provocou uma verdadeira revolução no campo da therapêutica, vendo os seus esforços coroados pela confiança de uma clínica crescente.

A homœopathia baseia-se sobre uma simples lei natural de acção e reacção; mas o tratamento não se faz por meio da acção directa do remedio, e sim actuando sobre a força vital, estimulando-a no sentido da cura. E' como a vaccinação: os bacillos mortos inoculados não curam a doença, mas estimulam a força vital, que fazem agir no sentido contrario aos venenos produzidos pela molestia.

E' fóra de discussão que a acção mollecular é a base da acção vital. Com essa pequena subdivisão, as numerosas molléculas de um medicamento têm mais larga esphera de actividade, e portanto adquirem maior energia, como o demsonstram o vapor e os explosivos. Ellas difundem-se atravez do corpo, como as molléculas de oxygenio atravez do sangue e dos tecidos. E' a lei natural de expansão. A subdivisão mínima não implica a destruição; ao contrario, reparte pelas molléculas o poder de diffusão.

Tudo na natureza actua por meio de agentes mínimos, como se vê na potencialidade das vibrações transmitidas por um aparelho radiográphico. Assim, pouco importa a pequenez das doses, desde que seja escolhida a lei dos semelhantes. E é indiscutivel a acção da pequenina dose, levando a força vital ao órgão irritado. O arsênico, contido em fermentos na proporção de 1 para 100, detém a actividade vital; na proporção de 1 para 300 a 1 para 500, impede essa actividade; emquanto que, na de 1 para 10.000, ou ainda 1 millionésimo, estimula a vitalidade.

E', pois, illógico sophisticar sobre a quantidade da dose, a qual depende da natureza do medicamento, da doença, do organismo humano e do grau de homœopaticidade contido no proprio remedio. Os médicos allopathas orthodoxos teimam em dizer que este systema é insufficiente, chegando alguns a attribuir os seus resultados á suggestão, quando indiscutivelmente as curas pela homœopathia se observam até nos casos em que o enfermo já perdera a fé na sua cura, invadido do mais profundo sceptismo. Ainda últimamente, entre nós, na invasão epidêmica da grippe, que só nesta capital ceifou mais de 30.000 vidas em menos de dois mezes, de cem pestilenciosos tratados pela allopathia morriam

noventa, e de cem tratados pela homœopathia morriam dez!...

O doutor Caldre e Fião era um fervoroso convencido, que não cedia um palmo no terreno das suas convicções, provando que não ha mais do que *uma medicina*, e esta é a prática da homeopathia simplificada, descansando inteiramente os seus principios racionais numa relação de similaridade entre os effeitos physiológicos do medicamento e os symptomas da enfermidade. Transferindo o seu consultorio para Porto Alegre, a corrente de consultantes era tão numerosa, que, si não fosse o generoso desprendimento que o caracterisava, em pouco tempo poderia nadar em rios de dinheiro.

Distinguiu-se tambem por um outro aspecto nobre, que o tornou saliente naquelle tempo, e que quasi o sacrificou, como vou demonstrar: — era abolicionista, isto é, foi um dos que primeiro deram combate ao esclavagismo no Brasil, tendo por únicos companheiros nessa humanitaria cruzada os conselheiros França e Leite, Marquez de S. Vicente, Torres Homem e Nicolau Moreira, além do imperador, que os applaudia.

No mais renhido da primeira luta abolicionista, em 1848, alguns possuidores de escravos offereceram-lhe grandes sommas para que um dos seus romances fosse retirado da circulação; mas Caldre e Fião, que atravessava um momento de difficuldades materiaes, repelliu a offerta e continuou com maior enthusiasmo a sua tenaz propaganda, pelas columnas do seu jornal *O Philantropo*, o que lhe angariou tal perseguição e tão repetidas ameaças de morte, que os amigos o obrigaram a não continuar a expor-se, o que o levou a transferir a sua residencia para a terra natal.

De chegada a Porto Alegre, não podendo cruzar os braços ante os grandes problemas sociaes que reclamavam a sua acção individual, estudou o programma dos tres partidos em luta e alistou-se nas fileiras onde combatiam os seus amigos Lopes Teixeira, Felipe Nery e Conde de Porto Alegre. Ouçamos o que diz de Caldre e Fião o autor dos *Homens illustres do Rio Grande do Sul*:

«Tendo mudado de terra, não mudou de idéas, continuando a trabalhar sempre, com a mesma vehemencia

pela causa dos opprimidos. Viveu pobremente, quando podia ter todo o conforto, quando podia acabar os seus dias comendo em pratos de oiro. Como médico, de grande clínica, jamais exigiu retribuição dos seus serviços. Sua digna esposa fizera de um pequeno sitio, que possuia em S. Leopoldo, a sua habitual vivenda, asylando ahi as crianças libertas pela lei de 28 de Setembro e abandonadas pelos *senhores* que exploravam as mãis escravas.

Em 1866, quando o *chólera-morbus* invadiu a nossa cidade, ninguem o excedeu em abnegação, desprendimento e sentimentos de humanidade. A' noite, na embocadura das ruas e praças, enormes fogueiras, alimentadas pelo alcatrão, davam á cidade uma apparencia sinistra, como si um medonho incendio lavrasse ao mesmo tempo em diversos pontos. E ainda para mais vivamente impressionar o espirito já abatido da população, ouvia-se de quando em quando o ranger da grilheta dos encarcerados, que cruzavam as ruas conduzindo em padiolas as vítimas da peste.

E á luz apavorante das labaredas das fogueiras, que ardiam nas ruas desertas e silenciosas, via-se passar apressado, ao lado de um auxiliar, o Dr. Caldre e Fião, que ia soccorrer os atacados da epidemia, sobre cujas cabeças elle espalmava as azas do seu carinho e da sua caridade infinita. — Como homem de letras, occupa um logar saliente na geração do passado.

Apesar da névoa dos annos branquear-lhe a cabeça, era um espirito sadio, forte, potente, no vigor da juventude. A' proporção que o corpo envelhecia, sua alma parecia rejuvenescer dia a dia.

No meio dos moços, com quem convivia na mais franca intimidade, era o mais moço de todos pelo coração. Não havia idéa grande e generosa que elle não acariciasse, no férvido devotamento das convicções profundas. Os que buscavam ridicularisar a sua dedicação em favor das grandes causas sociaes chamavam-lhe desdenhosamente *O Visionario*... como si os utopistas não fossem os videntes privilegiados por um poder superior».

A *Reforma* de Porto Alegre, órgão dos *liberaes historicos* (seus adversarios), noticiando-lhe o passamento,

diz: — «Dotado de excellentes dotes intellectuaes, homem de estudo e de vontade, sahiu moço da provincia, deixando a pharmacia que administrava, para seguir o curso médico, onde se doutorou, no Rio de Janeiro, e inspirado sempre pela idéa de liberdade, foi um grande batalhador, dominado pelo espirito de civilisação e independência. Mais tarde tomou parte nas lutas políticas da provincia e foi um dos mais proeminentes chefes do partido *liberal progressista*, que diversas vezes o fez seu representante na Assembléa Provincial e deputado á Assembléa Geral Legislativa do Imperio».

Não posso esquecer que o primeiro elogio, que me foi feito pela imprensa, sahiu dos diamantinos bicos da sua generosa penna de poeta. Eu havia, até então, publicado apenas meia duzia de composições em verso, quando fiz imprimir na *Revista do Parthenon Literario* umas estrophes consagradas á Minha Mãe; e grande foi a minha surpresa, quando, poucos dias depois, num dos seus folhetins semanaes da *Reforma*, o Dr. Caldre e Fião escreveu as seguintes linhas:

«*A' Minha Mãe* é um hymno de amor filial que o menino Mucio Scévola Lopes Teixeira eleva até á sublime grandesa da Mulher-Mãe. Cumprimentamos o filho intelligente de um amigo prestimoso, de que ainda guardamos sinceras saudades». — Isto escrevia elle 12 annos depois do fallecimento de meu Pai; isto a minha gratidão manda-me reproduzir agora, 44 annos depois do seu fallecimento. O velho amigo de meu Pai, cuja amisade tive a ventura de tambem merecer, mais de uma vez deu-me públicas demonstraões da sua generosa estima, honrando-me com uma encomiástica poesia, intitulada *A Mucio Teixeira*, que foi recitada por sua filha no 7.º Saráu Literario do Parthenon a 22 de Novembro de 1873, publicada na *Revista do Parthenon*, (anno II, 2.ª serie, á pág. 504), e reproduzida, em 1902, na edição de minhas poesias feita em Paris pela casa Garnier.

O dr. Caldre e Fião distinguuiu-se como poeta, romanista, orador, jornalista, parlamentar, médico, e mais que tudo como um dos primeiros abolicionistas do Brasil. Chegou a opportunidade de dizer que a primeira campanha emancipadora, por elle dirigida, só ensarilhou as armas depois de decretada a lei de 1840, que prohibiu o

tráfico de africanos. Mais duas épocas de lutas renhidas teve esse grande facto da nossa historia, na segunda ainda se manifestando a acção pessoal do Dr. Caldre e Fião.

Em 1868, os moços do Parthenon, dirigidos por elle, deram o grito de alarma, em Porto Alegre, então ainda vibrante dos hymnos de victoria com que eram recebidos os nossos heróes que voltavam da guerra do Paraguay. O brado dos gaúchos repercutiu em S. Paulo, onde encontrou éco no peito da mocidade acadêmica, á cuja frente se destacavam Castro Alves, o immortal cantor d'*Os Escravos*, Ferreira de Menezes e Joaquim Nabuco, oradores e jornalistas, além do Dr. Antonio Bento e do glorioso negro Luis Gama, o defensor da sua raça. Esta segunda phase da campanha abolicionista determinou a liberdade do ventre da mulher escrava, que a mais alta das mulheres do seu tempo, a Princesa Imperial Isabel de Bragança, na sua primeira regencia, decretou a 28 de Setembro de 1871.

Em 1880 irrompeu mais viva a fogueira abolicionista, que reduziu a cinzas a secular Bastilha da escravidão no Brasil. Esta última phase da campanha abolicionista, como Caldre e Fião já não vivia, foi chefiada por Ferreira de Menezes, que tinha a seu lado batalhadores da envergadura de André Rebouças, Joaquim Serra, Annibal Falcão e José do Patrocínio, que foi de todos o mais atrevido no assalto e pertinaz na acção. Isto determinou a victoria completa do abolicionismo, graças á energia da imperial Princesa Isabel — a Redemptora, que mandou riscar, a 13 de Maio de 1888, esse borrão que maculava as páginas da nossa historia.

Para que se possa avaliar o quanto foi renhida essa prolongada luta, basta dizer que nós, os abolicionistas, tivemos pela frente, nos arraiaes do esclavagismo, estadistas que se chamavam Paulino Soares de Sousa, Andrade Figueira, Cotegipe, Martinho Campos e Silveira Martins, que ousou dizer, no Senado. — «Não posso ser abolicionista, porque amo mais a patria do que o negro!» — E Cotegipe chegou a ter intuições prophéticas, como na occasião em que disse que não queria a abolição, porque ella traria fatalmente a proclamação da república... e pediu, depois do facto consumado, que, si assim não

acontecesse, então gravassem no seu epitaphio a palavra — *Visionario*...

ZEFERINO RODRIGUES

ZEFERINO VIEIRA RODRIGUES nasceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1825 e falleceu na mesma cidade em 1896. Foi funcionario público, tornando-se notavel pela sua honestidade, sahindo pobre, depois de ter exercido o cargo de conferente da Alfandega de Porto Alegre, onde quasi todos enriqueciam naquelle tempo. Militou nas fileiras do partido liberal, aposentando-se e nunca mais se envolvendo em política desde o inicio do actual regimen.

Collaborou em diversos jornaes e revistas literarias de Porto Alegre, principalmente no *Guahyba*, onde publicou numerosas poesias; e deu á publicidade os seguintes livros: — *Riachuelo*, poema, em versos rimados, 1 volume, (1868); *Traducções*, em verso, de Byron e Lamartine, 1 volume (1883); *Os animaes palradores*, poema político, 1 volume (1886); *As Estações*, quatro poemets, em versos rimados, cantando a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno (1891); e *Ulricheida*, poema satyrico em oitavas camoneanas, contra um inspector da Alfandega de Porto Alegre chamado Ulriche.

Poeta fecundo e de altos vôos, deixou numerosas poesias lyricas, algumas publicadas em folhas porto-alegrense, outras inéditas, além de um poema, que em 1894 tinha em adiantada via de elaboração, do qual me leu tudo quanto já tinha escripto até então, cujo assumpto era o militarismo, que profligava com ardor patriótico de monarchista intransigente.

Conheci-o desde a minha juventude, mas só privei na sua intimidade durante os tres annos que passei em Porto Alegre, durante a guerra federalista. Eramos visinhos, e todas as tardes, depois do jantar, tomávamos café juntos, ora em minha casa, ora na delle, sahindo depois a dar o nosso passeio nocturno pela cidade ou no arraial do Menino Deus, entregues ambos á literatura e aos acontecimentos políticos de tão agitado momento revolucionario.

Lamentávamos ter estreitado as relações já tão tarde, quando havia tamanha solidariedade na nossa maneira de analysar os homens e as coisas sociaes. Mas isso não poderia ser durante o Imperio, privando elle na intimidade dos meus inimigos políticos. Depois de aposentado, entregou-se ao exercicio da medicina, pelo systema homœopatha; e como a todos tratava gratuitamente, e contasse grande número de curas notaveis, não havia médico de tamanha clinica em Porto Alegre.

Era uma verdadeira alma de poeta, que atravessou a vida a cantar, sem nunca sahir de dentro da torre de crystal do seu sonho de acordado. A bondade do seu trato intimo contrastava com a critica mordaz dos seus versos satyricos. Era de uma severidade de costumes e de uma honradez que se impunham ao respeito de todos, e de uma delicadesa de sentimentos que tornava encantadora a sua convivencia. A sua morte, pouco depois que sahi pela última vez da nossa terra, causou-me funda consternação.

A altivez do character estóico de Zeferino Rodrigues transparece até mesmo na dedicatória que faz do seu poema *Riachuello* ao sabio D. Pedro II, cujo degredo lhe inspirou mais tarde novas e sentidas estrophes; eis a demonstração do que digo:

Poucas vezes, Senhor, vê-se na Historia
Os Monarcas cobrirem se de gloria
Pelo brilho perenne de seus feitos;
Corrompem-se do luxo na moleza,
Da justiça renegam os preceitos,
Olvidando, nos vícios e defeitos,
As leis da Natureza!

Na prudencia os teus actos modelando,
Reflectes o character venerando
Que a indole mais nobre representa;
Nunca indiscreto, no verdor dos annos,
Sempre distincto, como a luz, que augmenta,
Revelas o prestígio — que afugenta
A norma dos tyrannos.

.

Custou-me muito saber a data do seu nascimento, sendo elle um dos meus mais íntimos amigos, occultando a todos o segredo da sua idade, o que não é commum, pois geralmente na mocidade é que costumam diminuir-a, começando a augmentar-a depois de certa idade, para que pareçam bem conservados. Os mais velhos dos poetas gaúchos eram o Barão de Santo Angelo e o Dr. Caldre e Fião; Zeferino Rodrigues vinha logo atraz delles, mas preferia figurar á frente do nosso grupo; e sempre que eu lhe falava nisso, sorria, dizendo: — «Sou um homem sem biographia».

A verdade, porém, é que, tendo nascido na segunda década do século XIX, em 1894 ainda era forte: dava longos passeios a pé, comia com appetite, e attendia á qualquer hora da noite aos chamados da sua numerosa clinica. Era implacavel com os nullos e mais ainda com os deshonestos. Citava-lhes o nome, nas polêmicas, antepondo-lhes os de Lafayette e João Alfredo, dois estadistas da Monarchia, ainda vivos, para amesquinhar os maiores vultos da República, repetindo o que disse Ferreira Vianna:

— «No Imperio se condemnava, e com razão, o exercicio da advocacia administrativa, mesmo perante os tribunaes, aos senadores e conselheiros de Estado, por serem pessoas poderosas, não devendo por esse motivo exercer coacção sobre os juizes em favor dos seus constituintes». Houve um juiz, chamado Andrade Pinto, que não consentia que esses titulares requeressem em seu juizo, por força da Ord. L. III, part. 2, que diz: — «Mandamos que nenhum homem poderoso pela razão do officio, não advogue nem procure em público, nem em secreto, nem aconselhe, nem diga seu parecer em coisa que lhe seja perguntada acerca de demanda movida ou por mover».

Nos tempos desta ordenação philippina era considerado um acto reprovado, e como tal nullo, o exercicio da advocacia áquelles que pelo cargo que exerciam poderiam produzir coacção contra os julgadores. Infelizmente o exemplo dos homens do Imperio não foi seguido pelos senadores da República, com o sr. Ruy Barbosa á frente... Os actuaes deputados e senadores são procuradores dos seus expertos constituintes, que assim

vêm os seus interesses garantidos, com o sacrifício dos direitos da nação. *O tempora, o mores!*

Ha um facto que o caracteriza, cuja transcendencia moral não pode ser negada á publicidade, não só por ser a dignificação de um homem honrado, como porque merece ser conhecido, para que sirva de exemplo a todos os burocratas. Zeferino Rodrigues, no exercicio do seu cargo, era o espantallo dos espertalhões que o cercavam por todos os lados, dentro e fóra de uma repartição onde os que entravam pobres saíam ricos, pelo hábito ali enkystado de passar para o bolso dos contrabandistas e seus associados conferentes, dois terços, si não mais, das rendas aduaneiras. O nosso pœta, logo de entrada, foi correndo os vendilhões do templo do trabalho, ora com a sua fiscalisação intelligente, ora com a vergasta da sátyra com que os chicoteava.

Outra coisa: tratando de suprimir certas exigencias inuteis e capciosas, que apenas serviam para retardar a marcha do expediente, não despachava a mais simples petição nem dava o seu parecer sobre o mais ligeiro papel, sem primeiro lê-lo attentamente, procurando soletrar e ver nas entrelinhas onde pudesse estar escondida a serpente de qualquer negociata bafejada pelos poderes públicos, orientado sempre pelo firme propósito de simplificar, economisar, e zelar pelo interesse da collectividade.

Era elle o homem que Diógenes procurava, de lanterna accesa á luz meridiana. Sem arredar um pé do terreno duro onde se firmava cada vez mais no conceito dos seus concidadãos, pouco se lhe dava que tramassem contra elle uma surda conspiração, desde que tinha por si a consciencia do dever rigorosamente cumprido, na mais elevada e limpida esphera da intransigencia moral, mantida com pulso de ferro, fazendo ver que os cargos públicos não são creados no interesse dos individuos que os exercem, mas do paiz, que os estipendia para que trabalhem com honestidade e efficacia.

Viuvo e sem filhos, não sei em que mãos pairam os seus copiosos e preciosissimos manuscriptos, que seria um crime não recolher quanto antes, para dal-os á publicidade, enriquecendo assim o patrimonio literario de

nossa terra, tão fecunda em heróes e genios, mas tão pródiga de louros com aquelles quão mesquinha com estes.

CARLOS VON KOSERITZ

BARÃO VON KOSERITZ

CARLOS JULIO CHRISTIANO ADALBERTO VON KOSERITZ, segundo Barão von Koseritz, nasceu em Dessau, capital do ducado de Anhat, a 7 de Junho de 1830 e falleceu em Porto Alegre a 29 de Maio de 1890. Chegou ao Rio Grande do Sul em 1851 e fixou residencia na provincia, onde se casou com senhora porto-alegrense, naturalisando-se desde logo cidadão brasileiro.

Foi inspector geral das colonias do Rio Grande, director das Exposições Provinciaes de 1866 e 1875, presidente da Exposição Brasilico-Allemã de 1881, capitão da guarda-nacional e deputado á Assembléa Provincial em tres legislaturas. Era presidente da Sociedade de Geographia de Porto Alegre, membro fundador do Parthenon Literario, director honorario da sociedade Gymnástica-Allemã, do Instituto de Geographia de Berlim e socio correspondente do de Dresden, da sociedade Ethnographica de Leipzig e mestre do *Freie Deutsche Hochstift* de Frankfort.

Jornalista notavel, fundou e dirigiu em Pelotas o *Brado do Sul* e o *Noticiador* (1852-1856); o *Éco do Sul*, na cidade do Rio Grande (1857); e as folhas diarias de Porto-Alegre *A Ordem* (1858); o *Mercantil* (1860); *Jornal do Commercio* (1868); o *Rio-grandense* (1875); a *Gazeta de Porto Alegre* (1875-1888); e o *Deutsche Zeitung* (1864 a 1885), escrevendo diariamente em allemão e no nosso idioma, com o qual se familiarisou logo de chegada. Collaborou nos hebdomadarios *A Acacia*, *A Lanterna*, *A Sentinella do Sul* e *O Combate*, além de tambem ser um dos redactores da *Rejorma*, orgão do partido liberal.

Publicou numerosas poesias em allemão, e no nosso idioma os seguintes livros: — *Nini*, drama, (1859); *Ignez*, drama (1860); *Laura*, perfil de mulher (1872); *Um dra-*

ma no mar, romance (1873); *A Donzella de Venesa*, romance (1874); *A véspera da batalha*, romance (1875); *Roma perante o século*, philosophia e historia (1871); *A Terra e o Homem*, obra de cosmogonia, combatendo o dogma e a evolução, a partir da negação do Génesis (1878); *Bosquejos Ethnológicos* (1884) e mais ainda, em allemão: — *Rathschlage für Auswanderer nache Sud Brasilien*, conselhos aos emigrantes allemães (1880); *Bilder ans Brasilien* (1885); *Deutscher Volkskal* (1886) e *Rom von dem Tribunal des Jahrhunderts* (tradução por elle feita da sua obra em vernáculo).

Como se vê dos differentes assumptos, magistralmente tratados em seus copiosos livros, Carlos von Koseritz era um notavel polygrapho, cuja sabedoria tanto transparecia nas obras literarias como nas de maior profundez scientifica. Tive a ventura de conhecê-lo nos meus verdes annos, distinguindo-me elle desde então com a mais viva sympathia, que com o correr dos annos se transformou em verdadeira amisade. Fez publicar o meu retrato, seguido de lisongeiro juizo crítico, numa illustração de Berlim, quando eu contava apenas 17 annos de idade. E não parou ahi a sua generosidade.

Auxiliou-me, na paráphrase que fiz, a conselho seu, do *Fausto* de Goethe, na parte interpretativa, que differe dos traductores hespanhóes e franceses. Tendo um jornal annuciado o próximo apparecimento de um drama meu, de assumpto naturalista, escreveu-me uma *carta aberta* pelas primeiras columnas do seu jornal, onde ha os seguintes tópicos:

«Tenho acompanhado com verdadeiro e grande interesse os passos que tendes dado na florida senda da poesia. Nascestes poeta; aos 15 annos trinaveis versos, que podiam invejar-vos poetas de certo renome. Aos 20, tendes dotado a literatura patria com alguns volumes de poesias entre as quaes se encontrãam verdadeiras pérolas de inspiração. Ha pouco ainda me mandastes uma traducção de Goethe, que prova quanto sois mestre da fórma, e como versos irreprehensiveis baixam dos bicos da vossa inspirada penna, sem constrangimento nem esforço, ainda mesmo em traducção.

Devo entretanto observar-vos que tenho visto, com pesar, como a passo acelerado vos afastais da escola idea-

lista. Tenho sempre lamentado esta pronunciada queda para o espirito byroniano, que se nota nos jovens que ensaiam seus primeiros passos na senda da poesia. Também passei pela mesma provação, e sei quanto custa vencer-se tal inclinação. Entretanto acho isto ainda natural; quero admittir que vós, meu joven amigo, já pela precocidade do vosso talento, já pela vida que tendes tido desde vossos verdes annos, tenhais mais algum direito ao espirito byroniano do que muitos dos vossos collegas. Creio mesmo que a esse espirito devestes algumas de vossas melhores inspirações.

Mas, meu querido poeta, o que realmente me assustou, foi a nova de que estais escrevendo um drama realista. Pois vós, o joven inspirado, quereis tão cedo passar para as fileiras do realismo? Si Byron devia formar a ponte que do idealismo vos tem de levar ao realismo, lamento profundamente que o houvésseis conhecido, e elle proprio o lamentaria, si visse e vos conhecesse. Porque Byron, não obstante todo o seu scepticismo, não obstante o seu systema pessimista no ajuizar dos homens, das coisas e do Universo, era idealista da mais pura agua.

Ora, um joven poeta, cheio de nobres inspirações como vós, meu amigo, si tiver de escrever dramas, deve filiar-se á escola idealista, nunca, porém, á realista. Deixai esse ramo aos que, gastos pela vida e corrompidos pelos excessos, já não têm inspirações proprias, já não concebem idéas, e, em vez de poetas, se tornam simples copistas da realidade

Não tenho a filaucia de julgar as minhas singelas palavras assás poderosas para afastar-vos do vosso proposito. Obedeci, porém, á voz da consciencia, manifestando-vos os meus sentimentos. Protesto contra esse desvio em que ides penetrar, porque amo o vosso talento — e entendo que valeis mais do que a maior parte dos que por ahí se intitulam poetas. — Adeus, meu Poeta. Vosso bom genio vos inspire. — Porto Alegre, 1878. — *Carlos von Koseritz*».

Este allemão-brasileiro prestou mais serviços ao progresso moral e material do Rio Grande do Sul, do que muitos dos mais illustres oriundos da terra que tanto

amou e que escolheu para patria de seus filhos, tornando-se assim digno de figurar na galeria dos que mais souberam honral-a. A sua acção civilisadora, na imprensa, na tribuna parlamentar e em tantos outros departamentos que illuminou com os fulgores do seu enorme talento e de tamanha capacidade de trabalho e de erudição, symbolisa meio século de serviços memoraveis.

Koseritz, adaptando-se de coração ao nosso meio social, que tanto lhe deve, começou por estudar os mais transcendentos problemas que dependiam de immediata solução, encarou-os por um aspecto inteiramente inédito entre nós, e tratou de resolvel-os pelos processos assimilativos de mais fecunda applicação. A colonisação era o elemento essencial do momento histórico, naquelle meio physico. Só os povos que permanecem presos aos grilhões de um falso patriotismo, é que não comprehendem a necessidade primordial da solidariedade humana, para poderem avançar desembaraçadamente pelo caminho da evolução social.

Eu já tive occasião de dizer (*), que as colónias são geralmente núcleos de estabelecimentos reunidos em pontos convidativos do interior das nações estrangeiras, e ahí fundados e desenvolvidos por individuos que emigram voluntariamente em grupos mais ou menos numerosos; ou de determinados braços, contratados para esse fim, antes de trocar, pelo logar a que se destinam, o paiz de que são oriundos, mas em que não encontraram o campo propicio á acção da sua actividade.

Carlos von Koseritz chegou ao Rio Grande do Sul no momento mais opportuno, ali apparecendo como si fosse enviado pela Providencia, mal podendo presentir que tão relevantes serviços e tamanha abnegação teriam como recompensa a prisão e a morte, como se vai ver.

A sua acção pessoal, como director-geral das nossas colónias, ou na sábia direcção que deu ás Exposições Provinciaes, que foram como que o caminho aberto para se chegar até á grande Exposição Brasilico-Allemã de 1881, demonstraram o nosso adiantamento agrícola e in-

(*) *O Rio Grande do Sul Colonial*, pág. 54, da grande edição de luxo feita em Barcelona, 1918.

dustrial, que hoje em dia nos colloca na vanguarda de todos os Estados da União Brasileira. As Exposições são syntheses da actividade dos povos. Ellas representam o duplo papel do esforço individual na esphera especulativa, e da consagração moral do trabalho, que é o principal agente da paz e do progresso. «As Exposições (diz Theóphilo Braga) são os concilios e os jubileus da intelligencia e da actividade humana».

Entre nós, no mundo industrial, a *theoria* é nada, e a *prática* é tudo. Esquecem-se os nossos homens de que a *theoria* é a experiencia que resulta da prática reflectida, que a *philosophia* desenvolve; e que a prática é a *theoria* revelada no terreno da abstracção. As artes, fechadas no limitado circulo da prática, permanecem *estacionarias*; dependentes do criterio de um mestre tornam-se *systemáticas*; e só quando se firmam na *theoria* e na prática dos artistas é que são *positivas* e *philosophicas*.

Além do enorme serviço que Carlos von Koseritz prestou á colonisação e ás Exposições regionaes, o Rio Grande do Sul deve-lhe os mais productivos ensinamentos de agronomia e horticultura, nos milhares de artigos em jornaes e centenas de discursos que proferiu na Assembléa Provincial e sociedades scientificas e literarias de Porto Alegre, Berlim, Leipzig e Frankfort, nas quaes fez a mais efficaz propaganda do Brasil, durante a sua última viagem á Europa. Deixou tambem notaveis relatorios e memorias sobre morphologia, ethnologia, economia política, além do patriótico volume dos seus *Conselhos aos Emigrantes Allemães*, que publicou simultaneamente na nossa lingua e no idioma de Goethe, sob o titulo de *Rathschlage für Auswanderer nach Sud Brasilien*.

E qual foi a recompensa que teve? A prisão logo que foi proclamada a República, pelo crime de tel-a combatido durante o Imperio, levando á parede os seus propagandistas, que em vão tentavam arrastal-o nas discussões para o terreno pessoal, mantendo-se elle sempre na esphera dos principios, doutrinando e rebatendo os mais violentos ataques do adversario sem nunca perder a compostura, como fidalgo de sangue, que o era, e sabia demonstral-o.

Que Julio de Castilhos o mandasse prender, vá, porque, si a vingança é o prazer dos deuses, não é de estranhar que o seja tambem dos simples mortaes; mas ser essa prisão decretada pelo Visconde de Pelotas, seu cor-religionario da véspera e amigo de tantos annos?!... *Horresco referens*... Mettido no infecto calabouço de uma praça de guerra, os officiaes que lhe serviam de carcereiros divertiam-se em dizer, perto das grades, de maneira que elle escutasse, que a junta militar o havia condemnado á morte, devendo o fuzilamento dar-se dentro de poucos dias... Koseritz, que soffria de uma lesão cardíaca, além de enfraquecido pela má alimentação, morreu dentro do cárcere, si é que não foi ali assassinado... por um derramamento cerebral. — *Sic transit gloria mundi!*

FELIX DA CUNHA

FELIX XAVIER DA CUNHA nasceu em Porto Alegre a 16 de Setembro de 1831 e falleceu na mesma cidade a 21 de Fevereiro de 1865. Era bacharel em direito pela Academia de S. Paulo, onde teve a ventura de conhecer o maior talento da literatura brasileira, esse admiravel poeta e estupendo prosador que se chamava Alvares de Azevedo, cuja precocidade não tem precedentes em nenhuma literatura.

Felix da Cunha era poeta, orador e jornalista. Fez a sua vigília das armas literarias na tradicional Paulicéa dos estudantes e das serenatas em noites de garôa e frio. Ao regressar á terra natal, logo depois de bacharelado, já ia precedido na fama de brilhante talento, que soube manter na imprensa e na tribuna parlamentar, faltando-lhe apenas mais alguns annos de vida para se tornar uma das figuras mais representativas do duplo scenario da oratoria e da política.

Alistando-se nas fileiras do partido liberal, Felix pouco tempo depois recebia as dragonas de chefe, por serviços prestados na imprensa e na tribuna. Havia, então, nesse partido personalidades da grandesa de um Conde de Porto Alegre, Lopes Teixeira, Caldre e Fião, Flores, Brusque, Felipe Nery e Osorio.

Diz Achylles Porto Alegre: — «Durante mais de dez annos, Felix da Cunha consagrou-se á grandesa do partido liberal rio-grandense, até ao dia em que rompeu com Lopes Teixeira, e travou com este memoravel campanha na tirbuna e na imprensa. A victoria coube á Lopes Teixeira», etc. A luta ia accesa em ambos os arraiaes políticos o entusiasmo campeava, de braço com a intriga...

Infelizmente a esse tempo já a enfermidade, que havia de matar Felix da Cunha, lhe desfibrava o organismo delicado e exaustivo. O seu resentimento com Silveira Martins e a luta titânica que se lhe seguiu, encheram-no de desgostos e desenganaram-no dos homens, porque, desgraçadamente, os poetas só muito tarde é que vêm a conhecel-os. Patriota, doía-se de ver a zisania e a intriga fazendo quartel no seio dos partidos políticos de sua terra.

Em toda parte é assim, mas o poeta quizera ver o seu torrão natal indemne dessa syphiles corruptora... A justiça, viesse de onde viesse, ou fosse de onde fosse, enchia-o de tempestuosas revoltas. Pelas columnas do *Mercantil* verberou energicamente a guerra movida contra o general Osorio, e latejou com vehemencia a insaciavel ambição que se superpunha a todo o gesto patriótico.

Em fins de 1864 o grande rio-grandense estortorava no seu leito de agonia. A tuberculose sugava-lhe as derradeiras energias vitaes. E eram as compridas insomnias... os copiosos suores... as extenuantes, violentas hemoptyses... e... no dia 21 de Fevereiro de 1865, quando a cidade festejava a tomada de Paysandú, com girândolas, salvas, repiques de sinos, bandas marciaes pelas ruas, espalhando no espaço as notas gloriosas do *Hymno Nacional*, o enfermo ouve, e interroga, com os olhos, os circumstantes.

Um curva-se sobre elle, e sussurra-lhe ao ouvído: — Festejamos a tomada de Paysandú. — O olhar do moribundo illuminou-se. Pelos labios arroxeados roçou-lhe um sorriso feliz, e, semi-erguendo o busto, exclamou com o fio de voz, que ainda lhe restava: — «Que gloria! que gloria... para a nossa patria!»! — Foram as suas últimas palavras».

De tudo que escreveu, em prosa e verso, nada collecionou durante a sua curta existencia, tendo abando-

nado a poesia, que só cultivou durante o período académico, escrevendo apenas duas ou tres odes, depois de ter entrado no campo da política, onde dispersou as energias do seu bello talento numas lutas inglorias, que só lhe trouxeram desgostos e arrependimento. Depois de morto, seu digno irmão Francisco Cunha deu á publicidade dois livros de Felix, a collecção de *Poesias* e o drama *Victor*, ambos dados ao prelo em 1874.

O orador era superior ao poeta; mas, mesmo assim, pode figurar entre as melhores poesias do seu tempo o soneto que fez ao *Sete de Setembro*, em que evoca os manes do patriarca da Independencia, que quebre a lousa, para recuar de espanto diante das miserias da patria, que elle dizia estar sendo devorada pela corrupção que a avassalava.

Das numerosas peças elegiacas feitas em S. Paulo, por occasião da morte de Alvares de Azevedo, nada iguala o bello discurso de Felix da Cunha, proferido na sessão fúnebre do *Ensaio Philosophico Paulistano*, celebrada a 23 de Maio de 1852, onde falaram oradores como Ferreira Vianna, Antonio Carlos, José Bonifacio, Teixeira Junior, Sá e Benevides, Paulino de Sousa, Manuel Francisco Corrêa, Lindolfo França e Rodrigues Costa.

Disse, então, Felix da Cunha: — «Senhores. — Ha dores tão pungentes e tão íntimas que o coração se parte no delirio do desespero, tão agudas que elle lá se vai a derreter em lágrimas na cruz do ataúde onde o filho do *nada* se prosterna para beijar uma campa! Ha momentos na vida em que o homem, gasto de amarguras, tomba esmorecido no horto do soffrimento, olha a Providencia como uma sombra vaga, que rarêa nas trevas, e em seus labios de atheu — christão de outr'ora — desenha-se a blasphemia da incredulidade num sorriso d'escarneo: — é quando a Providencia fere, cega como a fatalidade!

Ha cisuras na alma tão fundas, que os bálsamos não fecham e nem a poeira do olvido, coada pelo tempo, pode seccar: — é o passamento do genio! Não daquelle que viveu da embriaguez dos triumphos, que teve um leito de louros por tumba, os hosannas e gemidos de um povo por hymnos de morte. Não desse, porque cumpriu a sua missão e passou. Não de Cesar, symboli-

sando um povo; de Goethe, se moldando no *Fausto*; de Raphael, revivendo num quadro! Mas do genio em botão, que as ventanias de gelo penderam da hâstea, por que é uma lyra sem cordas, uma flor sem aroma, um firmamento sem luz!

Do genio que encosta a cabeça macilenta em travesseiro de pó, joven de vinte annos! De vinte annos! — quando as illusões entre sorrisos desbotam da fronte e vão-se evaporando aos poucos, como os écos de uma lyra dedilhada no ermo! Vinte annos! — quando o fogo da inspiração lhe desce num raio de primavera e vai derramar seus reverberos em cordas de oiro.

E' então que o genio se pranteia. E' então que os goivos resequidos pedem lágrimas íntimas, que a cruz pede saudades! E, pois, lágrimas e saudades vamos nós, os vivos de hoje, entornar sobre a lousa de um irmão que nos cobrirá tambem a nós, os mortos de amanhã. Seu nome? a dor o cinzelou nos corações; e quantas vezes e entre soluços não terá elle atravessado vossos labios, imprecando a negra sina que desbotou a mais em-balsamada flor da nossa grinalda acadêmica!

Era um genio! Não vergado pela caducidade sobre o pó do passado que lhe borrija o sudario, mas altaneiro e gentil como a palmeira d'Abyssinia, viçoso e frondente como um cedro novo do Lybano, recostado aos velhos troncos dessas atalaias dos séculos; um genio embalado pelas nossas brisas, rico de inspirações como esta natureza virgem que lhe tecera o berço, fulgente como o seu ceu de chrysólithos.

Não foi mister ir assentar-se nos mármores desabados do Parthenon, ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*, a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade de Solon; não foi, como o cantor de *Jocelyn*, remoçar o alaúde ao murmurio das ondas do Bósphoro que vão oscular Stamboul em suas muralhas eternas. Não! Na terra abençoada de seus pais, sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio, no último raio do sol a bruxolear nas vagas, qual pállida lâmpada no sacrario do templo.

Eram as notas de sua harpa tristes ás vezes como as lágrimas do Tasso nas pedras da masmorra, ou como

as recordações de Chénier na véspera do supplicio; outras vezes — altivas e sombrias como os vapores de Byron, cujos cantos, no dizer do poeta allemão, semelham o adeus do cysne na hora do passamento. *Childe Harold* foi-lhe o poeta do coração.

Um dia, correndo as cortinas de seu leito, elle se alevantou cantando a aurora que lhe sorria fagueira como um labio de noiva, mas seu canto era lúgubre como o pio do mocho que presagía o morrer, tão triste como o gemido extremo de extremo soluçar. O sol *foi-se* encravar em chão de negro; e a morte, baixando em nuvens pretas, quebrou sua lyra no ângulo dos maosoléus, destemperou suas cordas com o fétido bafo que exhalou das tumbas e sua voz descahiu... e morreu...

Que importa?!... Seu canto, perpassado de melodiosa angustia, eterno ecoará nas fibras da alma, como a prece do peregrino nas abóbadas sombrias das catacumbas de Roma! E' uma lápida que o Brasil deve aquecer de pranto! Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio num leito de cal: foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias, um astro de menos no ceu de seu porvir, uma cabeça que lhe sonharia um monumento, e uma penna que o gravaria em mármore: — foi um cysne implume que se alou nas azas dum anjo, deixando os louros da terra para perfumar-se dos risos de Deus!

E que saudades tão tristes nos deixou!... E o peito de um pai que rala angustias, que segredava um futuro tão cheio de encantos e luzimento nessa fronte engrinaldada pelo talento, abrilhantada pelo genio, aformoseada pela esperança de amanhã!... E a desolada mãe, que crava beijos de fogo em labios frios, que estreita um cadaver em angustiado transe, pedindo vida a uma pálpebra chumbada, falando embalde e sempre a um corpo exánime... enregelado... quedo...

Pobres! — Não ha conforto aqui na terra que serene esse vulcão de suspiros, que seque a fonte em vosso amor! — Chorai!... chorai um sol que se apagou, um lirio murcho, um presente sem vida, uma vida sem futuro! — Chorai!... pregados á cruz da vossa afflicção e

desespero, como Magdalena abraçada no Gólgatha, e olhai para Deus, até que Elle vos diga: — basta!».

Felix da Cunha chegou a Porto Alegre precedido da brilhante reputação de orador e poeta, que conquistara entre os estudantes de S. Paulo, o que lhe facilitou alistar-se nas fileiras do partido liberal como uma das suas figuras mais representativas, assumindo em pouco tempo o bastão de commando, quando o partido se dividiu em dois grupos, o dos *históricos* e o dos *progressistas*».

Alma sonhadora de poeta, não encontrando na terra os seus sonhos do ceu, rebelou-se contra todos e tudo, vendo em cada homem um inimigo e em cada mulher a serpente do paraíso, como deixa transparecer em seus versos, como naquelles em que manda a sua bem amada afogar-se nas loucas valsas, perguntando-lhe, saciado: — «Que vale um beijo?» E exclama, diante dos vultos da política do seu tempo, com José Bonifacio, o moço:

Nesta Roma tribunicia
Já não vive um Scipião:
Enterrou-se a liberdade
No sepulcro de Catão!

De genio impulsivo, muito cedo mordido nos pulmões pela tuberculose, que lhe foi devorando a existencia, tornou-se impertinente e aggressivo, afastando da sua intimidade as mais dedicadas affeições e provocando lutas violentas, de que nem sempre se sahio bem.

Correndo-lhe nas veias sangue de guerreiro (era filho do general Francisco Xavier da Cunha), sempre que não podia vencer com a palavra ou a penna, queria disputar a victoria pelas armas, chegando a desafiar para duellos os coroneis Lopes Teixeira, Felipe Betbesé de Oliveira Nery e o dr. Laurindo Rebello, que acceitaram o desafio, tendo Felix da Cunha de dar o dito por não dito.

O desafio ao *poeta Lagartixa* revestiu-se de ridiculas consequencias, porque, sendo esse illustre repentista um homem que dizia a todos não ter nascido para heróe, assim que recebeu as testemunhas de Felix da Cunha, correu apavorado á casa do coronel João Sabino Menna Barreto, pedindo conselho e auxilio moral, em momento

de tamanha seriedade para os seus nervos... *O What a noble minde is here overthrown!*

João Sabino e seus irmãos Frederico e Cincinnato, procurando acalmal-o, disseram-lhe que os desafios do Felix eram rompantes andaluzes, meras hespanholadas, que não passavam de floreios rhetóricos em platônicas justas de cavalleiros andantes, menos impetuosos que Dom Quixote... E citaram o mallogro das tentativas anteriores, quando Lopes Teixeira e Felipe Nery acceitaram o desafio, recuando Felix da Cunha, deixando assim as suas testemunhas em serios apuros.

Laurindo, ao saber disso, transfigurou-se de poltrão em mata-mouros, arregalando os olhos, a gesticular, entusiasmado, a andar de um para o outro lado da sala, disposto a investir contra moinhos de vento e exércitos de carneiros, como o heróe de Cervantes. E pediu papel e tinta, escrevendo immediatamente ás testemunhas do seu provocador, dizendo que sim, estava disposto a bater-se, não ao primeiro sangue, mas num duello de morte! mas... exigia que o seu adversario, antes do encontro, saldasse as suas dividas de honra com Lopes Teixeira e Felipe Nery.

Felix da Cunha, diante dessa sahida airosa do seu antagonista *valiente*, não teve outro remedio sinão mais uma vez metter a viola no sacco, que de tão cheio de taes rompantes, mais parecia ser um sacco de gatos! O conflicto com Lopes Teixeira, como os contendores mantivessem a compostura nas mais accesas discussões, continuou, mesmo depois de não realisado o duello, sem nunca descerem dos principios a essas rasteiras referencias pessoaes, que irritam, e a ninguem aproveitam.

Reveste-se agora de oportunidade o seguinte facto, que a ambos caracteriza: Lopes Teixeira esteve sempre de pé, até mesmo no dia em que morreu; e como ainda ninguem soubesse da gravidade da sua molestia, sinão os que o cercavam, o jornal de Felix da Cunha, na manhã do dia fatal, atacava-o com vehemencia. O artigo editorial não estava firmado, mas via-se pelo estylo que era do redactor-chefe. Lopes Teixeira, acabando de lel-o, disse ao coronel Victorino José Ribeiro, seu sogro, que se conservou sempre a seu lado:

— Veja como o Felix me dá o último adeus... Coitado! como vai ficar compungida a sua alma de poeta, quando souber esta noite da minha morte!...

E assim foi. Logo que Felix da Cunha recebeu a inesperada noticia, escreveu um notavel necrológio, mandou tarjar de luto a primeira página da sua folha e apresentou-se mais tarde na câmara-ardente, acanhado e confuso, manifestando funda consternação. Acompanhou na tarde do dia seguinte o pomposo enterro (sendo conduzido o corpo á mão até ao cemiterio), pronunciando eloquente discurso á beira da catacumba.

O soneto, a que já me referi, é este:

SETE DE SETEMBRO

Silencio! não turbeis na paz da morte
Os manes que o Brasil quasi esquecia!
E' tarde!... Eis que espedaça a lousa fria
De um vulto venerando o braço forte...

Surgiu!... a magestade traz no porte,
Onde o astro da gloria se irradia--
Vem, grande Andrada! adivinhaste o dia,
Vem juntar aos da patria o teu transporte!

Recúa? não se apressa em vir saudal-a?
Cobre a fronte brilhante de heroismo?
E soluça?! que tem? ... Eil-o que fala:

«Oh! patria que eu salvei do despotismo!
Só vejo a corrupção que te avassala...
Não te conheço!»—E se afundou no abysmo.

BERNARDO TAVEIRA

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR nasceu na cidade do Rio Grande a 5 de Junho de 1833 e falleceu na cidade de Pelotas a 19 de Setembro de 1892. Dedicou-se muito cedo ao magisterio primario, leccionando linguas e historia em varios collegios, até que conseguiu fundar e dirigir um estabelecimento de instrucção na cidade de S.

Gabriel, de onde quatro annos depois regressou a Pelotas, ahí se conservando até morrer, sem nunca ter ido á capital da nossa provincia.

Era um homem alto, espadaúdo, de calva lustrosa e barbas longas e pretas, quando o conheci, em 1873. Usava cabelleira, que lhe cobria a gola do casaco; falava muito, acompanhando as palavras de gestos violentos, queixando-se da ingratição dos contemporaneos, que lhe não faziam a devida justiça, atacando os moços do Parthenon, que pareciam querer enrolar o seu nome na mortalha do silencio.

Disse-me um dia que o único homem capaz de reconciliar-o com a humanidade, que detestava, era Carlos von Koseritz, *um estrangeiro!* frisava, iracundo, como si gryphase a palavra pronunciada. E gabava-se de prendas que não possuia, fingindo não saber que louvor em bôca propria é vituperio: — Tenho mais de 40 livros, á espera só de um editor, affirmava, quando todos os seus manuscriptos podiam ercher tres ou quatro volumes, si tanto.

Intelligencia vulgar, sem idéas proprias, nem sabendo tirar partido do dom assimilativo, que possuia, era estudioso e chegou mesmo a ser um homem illustrado. Fez a sua tardia estréa litteraria, depois dos 30 annos de idade, com a traducção das *Memorias* de Garibaldi, que publicou em 1864. Cinco annos depois, quando estava quasi batendo á porta dos 40 annos, publicou o seu primeiro livro de versos, com o titulo de *Americanas* (1869); só mais de vinte annos depois publicando o seu segundo e último livro de versos, que intitolou *Provincianas*.

Deu tambem á publicidade mais um livro de versos, mas de lavra estranha, o volume de *Poesias Allemãs*, traduzidas em verso e prefaciadas por Carlos von Koseritz. Essas traducções são fieis, mas a leitura dellas é enfadonha, por não terem ellas o fogo sagrado que illumina os originaes, assim desfigurados. Antes, porém, de tratar do traductor, que foi a face principal da sua individualidade, responderei a um dos seus biógraphos, que, no intuito de exagerar-lhe os méritos, faltou á verdade, como se vai ver:

Diz delle (um literato de almanachs, cujo nome não vem ao caso): — «Têm *verdadeira originalidade* as *Pro-*

vincianas, em que, com rara habilidade, se descrevem as scenas do viver do *gaúcho*. Ahi não ha influencias estranhas, mas uma larga concepção da poesia nacional». Ora, os iniciadores da poesia pampeana são Apollinario Porto Alegre e Mucio Teixeira, que em 1873 se voltaram para essa fonte de inspiração, só 13 annos depois apparecendo Taveira no mesmo caminho, já então percorrido por outros, como Bernardino dos Santos, Lobo da Costa, Theodoro de Miranda, Araujo Vianna e Caldas Junior.

Meu muito amado filho Alvaro Teixeira, no seu consciencioso trabalho que intitulou *Reinvindicações*, fala mais desembaraçadamente deste assumpto, nos tópicos em que diz: — «Sylvio Romero, Carlos Jansen e Carlos von Koseritz escreveram sobre as *Flores do Pampa* de Mucio Teixeira. Apollinario vivia naquella época em Porto Alegre, gosando de justa popularidade em toda a provincia como escriptor de costumes regionaes, tendo fundado a *Revista do Parthenon*, em cujas columnas eram estudados os assumptos gaúchos.

José Bernardino dos Santos, grande alma de poeta, fundou em 1870, em Porto Alegre, a interessante revista intitulada *Murmurios do Guahyba*, onde collaboravam Bernardo Taveira, Apollinario Porto Alegre e Bittencourt Sampaio. Nas suas columnas encontraram-se bons trabalhos de assumpto gaúcho, como *O Monarca das Cochilhas*, de Apollinario, e o *Canto do Gaúcho*, do sergipano Bittencourt Sampaio. E de Taveira Junior não ha uma producção talhada pelos mesmos moldes!

Si as *Provincianas* tiveram inicio em 1865, porque o autor não as publicou em 1869, em substituição ás poesias *Americanas*?!... Neste livro não ha nem tendencia para o gênero gaúcho. As peças dessa pequena collectanea são: — *Visões*, *Cunhambebe* (o célebre indio temido pelos chefes de tribu, seus visinhos, e até mesmo pelos europeus); o *Canto das Amazonas*, *Aynára*, *O Membira*, *O Guarany*, *O Aymoré*, *O Cayapó*, *Jacy* e *Sete de Setembro*. No seu vocabulario ha muitas palavras indigenas: Tupã, Anhangá, Tupy, Pagé, Piaga, taba, guaré, cauim, acangapes, aiucára, maracá, enduape, canjoeira, manitôs, tacape, boré, tajupares, paracéa; e outros termos selvagens ainda apparecem nessas composições. Até

nos versos ao *Sete de Setembro* não ha a mais leve allusão ao gaúcho; é do indio que Taveira trata exclusivamente.

Com o livro das *Americanas* o escriptor não pode figurar entre os vates gaúchos; ahi vemos apenas o discipulo de Araujo Porto Alegre e Gonçalves Dias, imitando constantemente os mestres. Das *Provincianas* destacamos *O rancho*, que lembra a poesia de Apollinario *Um rancho*; — *Carreiras*, a sua melhor producção, com verdadeira *cor local*, e *O Cavallo Moribundo*, bello assumpto para um poema, infelizmente mal explorado pelo autor, que não possuia a envergadura de um bom poeta. Suas qualidades notaveis eram: — sinceridade, observação e grande amor á sua provincia. Lobo da Costa dá-nos poucos exemplares de *poesia gaúcha*, nas *Auras do Sul*, impregnados, entretanto, de um brando e delicioso lyrisimo meridional.

A poesia da provincia, de *cor local*, já enriquecia o cancionero rio-grandense, quando Apollinario e Mucio (este com mais fogo) começaram a cultivar-a, ampliando-a, dando-lhe uma feição inteiramente nova e artistica, de accordo com a raça, o meio e o momento, (etc.), só muito depois apparecendo Taveira e Lobo da Costa, que não possuiam as qualidades creadoras e artisticas dos dois primeiros, apesar de ser Lobo mais inspirado do que Apollinario». — Demonstrado, pois, que Taveira, depois de imitar Araujo Porto Alegre e Gonçalves Dias, não fez mais do que imitar Apollinario e Mucio Teixeira, vejamos o traductor.

Ao tomar o quarto banco do bonde, para não receber no rosto a baforada dos fumantes, ouvi uma conversa de dois passageiros, que iam no terceiro, um dos quaes dizia, no seu sotaque de estrangeiro, que ao acabar de ler a descompostura do senador Fulano no candidato Beltrano, nos apedidos do *Jornal do Commercio*, o vendedor do *bicho* lhe dissera que tinha acertado na centena do Jacaré, mas que o *banqueiro* fugira para Jacarepaguá, ou Guaratinguetá...

— Pois meu amigo, replicou-lhe o outro, pode gabar-se de que já viu tudo quanto temos de *nacional*, sem falar no hymno, porque o mais que nos resta é estrangeiro, ou para melhor dizer, francez: vestimos á francesa, co-

memos á franceza e falamos já quasi em francez... para inglez ver e allemão ouvir. A Avenida Central é uma edição mal traduzida do *boulevard*... Aqui tudo se imita, tudo se importa do velho mundo, principalmente o que não presta para nada, como certas modas, que são como as aguas mineraes, que não produzem effeito sinão nas fontes nativas.

Nisso, parou o bonde, para tomar assento a meu lado uma linda rapariga, na flor da juventude, mas tão pintada que parecia um fresco do Café Bellas Artes; vestida, para não dizer despida, pelo último figurino da *Cidade Luz*, que por signal a guerra deixou ás escuras até hoje dois annos depois da victoria... dos americanos. Não exa-gero, dizendo que ella exhibia aos olhos de meio mundo aquillo que devia reservar para a surpresa do marido na noite nupcial: o collo, o seio, a espadua, com um signal-zinho na altura das apophyses espinhosas da última vértebra lombar, os hombros, a barriga das pernas, tudo em plena mudez, pois até as meias sahiram de scena para dar entrada ás sandalias. E não dizia palavra que não fosse gallicismo, idiotismo, anglicismo e o mais que acaba em ismo.

A transformação da linguagem vai reflectindo a differença característica dos povos, com seus usos e costumes. Caminhamos, sem sentir, para uma fusão completa de hábitos e de idéas. E cada vez é maior o número dos pedantes, que dizem não encontrar em sua propria lingua as palavras que representem as suas idéas, como si elles tivessem idéas! Todas as linguas têm os seus elementos de expressão, sonoros e enérgicos, precisos e eloquentes, poéticos e musicaes, onomatópicos e retumbantes, conforme os sentimentos que exprimem ou as idéas que corporificam na fórma verbal ou gráphica.

As linguas, como os individuos e as nações, têm as suas épocas de prosperidade, de engrandecimento e decadencia. Os escriptores são espelhos da sociedade em que elaboram; e como não podem sahir dos moldes do seu meio nacional, não passam de simples *phraseólogos*, mais ou menos brilhantes, limitados a themas de importação estrangeira. Por isso, as traducções se tornam cada vez mais faceis. As de obras scientificas, então, não encontram a menor difficuldade, porque a sciencia é a demons-

tração da verdade, e a verdade é universal. O mesmo se dá com a poesia, que também é universal.

Mas, mesmo assim, as traducções nunca nos agradam tanto como os poemas no original. E' admiravel a traducção do *Fausto* de Goethe por Gérard de Nerval, que reflecte em francez as idéas do poeta allemão; mas, mesmo assim, a sua leitura é como a reproducção phonográfica de uma ópera de Wagner. O *Don Quixote* agrada em qualquer lingua, mas só em castelhano é que faz rir e chorar. E' que cada idioma possúe as suas cores características, differindo umas das outras, como differem os individuos e todos os sêres da criação, até os que pertencem á mesma especie.

Os homens distinguem-se uns dos outros, não só pela figura, como pelos sentimentos, os gestos, o tom de voz, a maneira de olhar, etc. Os proprios signos alfabéticos, que são communs a todos, traçados pela mão de um não são iguaes aos traçados pela mão de outros. Assim também o mesmo facto, narrado por diversos individuos, é desfigurado ao sabor de cada um, de conformidade com as suas predilecções em determinadas minudencias. Si até os membros de uma só familia apresentam differenças physicas e moraes! Nem ha duas folhas iguaes em todas as árvores do mundo. A *differença* vai da familia ao povoado, do povoado ao municipio, do municipio ao Estado, do Estado ao paiz, do paiz ao universo.

A nossa imaginação vai aonde quer. E' mais facil imitar do que crear, por isso, quem não tem pensamentos proprios, recorre aos alheios. D'ahi as traducções. Mas para que a traducção agrade, não basta o conhecimento da lingua de que se fez a versão: é preciso que se chegue a *pensar* nessa mesma lingua, porque até um sentimento, ou uma mesma idéa, não se exprimem por uma só fórmula, como se pode verificar na simples maneira de cumprimentar-se dos differentes povos. O allemão diz: — *Wie befinden Sie sich?* (Como se acha o Sr.); o espanhol: — *— Cómo está Usted?* (Como está o Sr.); o francez: — *Comment vous portez vous?* (Como passa o Sr.); o inglez: — *How do you do?* (Que faz o Sr.?) e nós: — *Como tem passado?*

A propria differença na simples pronunciação das mesmas palavras, demonstra as diversas nacionalidades,

não sendo igual o inglez dos inglezes com o inglez dos americanos, como tambem não o é o portuguez falado por brasileiros e portuguezes. Nós não trocamos o b pelo v, nem o v pelo b; não engulimos syllabas, como elles, quando dizem *receção* (desapparecendo o p de recepção), ou *set'óras* (por sete horas); *aiagua*, (por agua); *mó pai* (mesmo escrevendo *meu pai*); e papá, mamã e titi, por papai, mamã e titia, em que a terminação em i torna mais branda a palavra.

A differença que existe no que poderíamos chamar o mecanismo das linguas é o maior obstáculo em que tropeçam os traductores, justificando assim o aphorismo italiano que diz — *traduttore, traditore*, significando que toda a traducção é fatalmente infiel e trai por consequencia o pensamento do autor original. Nem todas as linguas são compostas dos mesmos verbos, nem das mesmas expressões adverbias. Ha, além disso, um grande número de verbos e sustantivos que não têm equivalente exacto nas outras linguas; o emprego de palavras de dupla significação, indispensaveis nos graciosos trocadilhos, sem esquecer que só na lingua de Camões é que ha a palavra — *saudade*, que não é precisamente a *remembrance* do inglez, o *recuerdo* do espanhol, nem o *ricordo* do italiano.

Além das lindas *Poesias Allemãs* traduzidas nos monótonos versos de Taveira, este nada mais publicou em livros, sinão os citados volumes das *Americanas* e das *Provincianas*; mas escreveu os romances *Celio*, *Joanninha*, *O Engeitado* e *Scenas Trágicas*, traduziu o *Guilherme Tell* de Schiller e deixou em manuscripto os dramas *O novo jogador*, *Coração e Dever*, *A Soberba*, *A Virtude*, *Celina* e *Luisa*.

A menos monótona de todas as poesias de Bernardo é esta:

MENINA NA WALSA

No baile, sorrindo, menina formosa
Da walsa ao convite *não faz-se* rogada; (*)
Ligeira,
Faceira,
Na sala esplendente, de flores ornada,

(*) Esta collocação do verbo anteposto ao pronome, depois do adverbio, dá a prova do quanto era ignorante em grammática o velho professor Bernardo Taveira. Quanto a mistura arbitraria de rimas breves e agudas, isso caracteriza o versejador. — M. T.

No seio do par co'a fronte pousada,
Qual ave que ensaia voar pelo espaço

Balança
Na dança

Marcando o compasso.

De chofre, qual penna que o vento arrebatá,
Mais leve que o fumo, mais leve que a brisa,

No espaço deslisa ;
Seu pé pequenino mal toca no chão,
Ligeira perpassa, semelha o clarão
De um raio fuga-se que os ceus illumina,

Que após se esvaece,
Que logo apparece,
De novo na esphera
Com luz peregrina.

Que linda, faceira, na walsa walsando !
Um floco de neve nas azas de um sonho
Parece, nos ares subtil doudejando,
Gentil borboleta, fugindo inconstante;

Lá vôa,
Revôa ;
Girando
Da dança
Nas azas
Não cança.

Lá corre, não pensa, delisa, resvala

Na sala ;
Corando,
Snspira

E ás vezes parece
Que o ar lhe fallece ;

Mas sempre louquinha, travessa walsando,

Da dança
Nas azas
Não cança.

Acaba-se o baile termina-se a walsa,
E della a menina lá fica saudosa ;
E á casa chegando, no leito sosinha,
Suspira, adormece, sonhando mimosa,

Que vôa,
Revôa
Que ainda
Da dança
Nas azas
Não cança,

IGNACIO DE VASCONCELLOS

IGNACIO DE VASCONCELLOS FERREIRA nasceu na freguesia da Capella de Viamão, a 26 kilômetros de Porto Alegre, no dia 29 de Fevereiro de 1838 e falleceu em Porto Alegre a 8 de Novembro de 1888. Ao começar este trabalho, sem encontrar a data do seu nascimento,

já estava disposto a não insistir, quando a minha boa memória veio em meu auxilio.

Lembrei-me de que no dia em que Ignacio de Vasconcellos completou 40 annos de idade, convidou alguns amigos para um jantar íntimo, nos baixos do theatro S. Pedro, onde residia, e do qual era o arrendatario. A' hora dos brindes, respondendo ás nossas saudações, queixou-se alegremente da injustiça que lhe faziam todos, dando-lhe tão avançada idade, quando, em rigor, era aquelle o seu *décimo primeiro anniversario natalicio*, pois nascera num dia 29 de Fevereiro, mez que só de quatro em quatro annos é que não termina no dia 28,

Não podia, pois, lógicamente contar a sua idade, si não pelos annos bissextos; não podendo em qualquer dos outros fazel-o de véspera nem no dia seguinte, desde que o dia accrescentado todos os quatro annos a esse mez, que só então consta de 29 dias, não pode ser o 28, nem 1.º de Março. O 29 de Fevereiro, composto de quatro vezes seis horas, que a terra emprega, addicionalmente a quatro vezes tresentos sessenta e cinco dias, em fazer quatro giros pela sua órbita, foi collocado immediatamente antes de 24 de Fevereiro, pelos romanos, por ser o sexto dia antes das calendas de Março, denominando-se por isso bissexto, ou intercalar.

Em 1857 Ignacio de Vasconcellos seguiu para S. Paulo, no proposito de se formar em direito; mas, mettendo-se em pândegas, em vez de completar o curso preparatorio, de lá voltou, sem se ter matriculado na Academia de Direito. Nunca mais sahio de Porto Alegre. Fez a sua estréa em poesia nas columnas do *Guahyba*, hebdomadario de Carlos Jansen e João Vespucio, collaborado por Felix da Cunha, Zeferino Rodrigues, Passos Figueirôa, Leonel, Capistrano Filho e as poetisas Clarinda de Siqueira e Rita Barém (1859-61).

Em 1863 publicou Ignacio de Vasconcellos o seu primeiro volume, intitulado *Um Livro de Rimas*, firmado apenas pelas iniciaes, invertidas: — F. V. I. Essas poesias são inspiradas e espontaneas, mas ha uma, que é claramente plagiada da *Minhi'alma é triste* de Casimiro de Abreu, o que eu deixaria de salientar, si fosse apenas um simples plagio, mas que encerra uma imperdoavel injustiça, pela nota no fim do volume, em que o nosso

patricio falta á verdade, no criminoso intuito de querer responsabilisar o poeta das *Primaveras* pela falta do autor de *Um Livro de Rimas*.

Nessa capciosa nota elle diz que essa *sua* inspiração fôra publicada em 1859, e que o livro das *Primaveras* só appareceu em 1860. Isto é verdade; mas tambem é verdade que a poesia de Casimiro de Abreu fôra publicada, em 1857, na *Illustração Luso-Brasileira*, de Lisboa, e tres annos depois reunida ás outras flores das suas *Primaveras*!

Eu sentia desde a minha infancia viva *sympathia* e justificada admiração pelo poeta porto-alegrense, por isso, aquella injustiça me ficou como uma espinha na garganta; e só mais tarde, quando já éramos amigos, usei da franquesa precisa, dizendo-lhe que retirasse a tal nota de uma futura edição. Ignacio mostrou-se arrependido, e eu, procurando desembaraçal-o, fiz a apologia do plagio, com o mesmo ardor com que certos advogados defendem os criminosos.

Lembrei-lhe estas palavras de Campoamor: — «Sou uma pobre abelha literaria que procura alimento em todos os jardins cultivados pela intelligencia humana, e, dando menos importancia do que se pensa á *originalidade*, cultivo *a arte somente pela arte*; e com o fim de engrandecer os limites do imperio da poesia, na falta de pensamentos proprios, tomo os alheios». — Citei o caso de Byron, accusado por Chateaubriand, de que o plagiara em páginas inteiras sem lhe citar o nome, accrescentando que nas obras immortaes do cantor de *D. Juan* havia poemas inteiros de outros poetas, como o célebre soneto á *Italia*, etc.

E fui por ali á fóra, dizendo que não mostra nenhuma habilidade quem copia em prosa o que está escripto em prosa, trasladando idéas de uma forma trivial para outra igual; e muito menos copiar em prosa o que foi feito em verso; o quanto é meritorio transfigurær a prosa em verso, transportando o pensamento de baixo para cima. No fim de contas, a quem pertence a paternidade das idéas secundarias, que tomamos uns aos outros? — a ninguem. Para mim a melhor poesia é a prosa mais pura, accrescentando-se-lhe apenas o *rythmo*, *rythmo* e idéa que, muitas vezes, como se vê em alguns dos pensamentos que tomei de outros autores, nem siquer ha

que alterar nelles uma só phrase para que sejam uns excellentes versos.

« Não sou plagiario, dizia Byron. Quando acho alguma idéa ou alguma phrase que me *convêm* ponho-a no logar que entendo. Mas fiquem sabendo os meus adversarios que si as não tivesse achado já escriptas em outras obras, tenho bastante engenho e arte, além da *originalidade* precisa, para tel-as applicado em primeira mão. Que culpa tenho eu de que outros me precedessem? e oxalá não venham depois de mim fazer com as minhas idéas o mesmo que faço com as dos outros: dar-lhes bôa companhia ao realçal-as com as minhas ».

Que vem a ser o plagio? Isto explica-se bem em theoria, mas é quasi impossivel determinál-o com precisão na prática. Schiller era um plagiario quando tomava qualquer assumpto do romanceiro hespanhol, para, em vez de melhora-l-o, deital-o a perder. Seria o mesmo Rossini, quando disse aos críticos que o accusavam de ter tirado o que havia de melhor em Mozart, — « Não! tirei o que havia de peór ». — E si lhe apontavam as passagens, que copiava na íntegra, respondia orgulhoso: — « E' verdade que elles as escreveram, mas fui eu quem as tornou dignas de applausos ».

Calderon de la Barca, tomando integralmente do conto tradicional o bêbedo, com elle escreveu o seu admiravel drama *La vida es sueño*, inspirando-se e copiando os melhores versos de Lope de Vega. Uma idéa em prosa é um engeitado que o poeta ampara dando-lhe o seu nome. A theoria da *originalidade* é um bêco sem sahida na cidade da Arte. Os poetas mais subjectivos e originaes são os menos dignos de ser imitados. Um poeta para ser bom não precisa ser original. Virgilio, Horacio, Garcilaso e Lafontaine não têm uma só idéa sua, que se saiba, e são os poetas mais perfeitos e geniaes do mundo.

E' preciso saber que o poeta, hoje em dia, tem necessidade de estudar muito, de ser quasi um encyclopédico, para poder seguir de perto os passos de um Goethe, de um Heine, de um Byron e de um Leopardi. Tem de fazer o que fez Victor Hugo, que na sua larga e gloriosa trajectoria, consagrada a todos os ramos do saber humano, plagiou as idéas antigas e modernas, todas as

sciencias e artes, para poder movimentar tamanha legião de idéas. E observem que a enormidade do genio de Voltaire só pode ser comparada á enormidade dos seus plagios.

Ignacio de Vasconcellos, além do livro em questão, que encerra graça natural, espontanea facilidade, ironia e malicia, malicia que até ultrapassa as raias da conveniencia lyrica, como naquella historia do primo que ia armar a urupuca no fundo do quintal da priminha curiosa e leviana; e outras visivelmente inspiradas no aroma aphrodisiaco das *Flores e Fructos* de Bruno Seabra; tem páginas vibrantes como a das estrophes ao *Cámpara*, um assassino e ladrão italiano que se tornou famoso na nossa terra, deixando um rasto de aventuras de valentia e generosidade, que a tradição oral engrandeceu, a quem o nosso poeta diz:

Gôsto, bandido, dessa nobre audacia
E dessa força de vontade tua,
Correndo os bosques ao romper da aurora,
Dormindo as sextas ao clarão da lua.

Si te perseguem pelo campo raso
E o tigre ruge nos sertões d'além,
Tens doze tiros no revólver certo
E de aço fino tens punhal tambem !

.

Ladrão te chamam; este nome, é pena,
Creio, bandido, que te quadra bem :
Mas a metade deste mundo infame
Ladrão acaso não será tambem ?

Ignacio de Vasconcellos publicou ainda os seguintes livros: *Contos e Cantos; Selecta Brasileira*, de collaboração, para uso das escolas; a traducção do romance de Daudet — *O Immortal* e um *Manual do cultivador do algodão*. Além de poeta, foi tambem um jornalista notavel, redigindo o *Jornal do Commercio* e *A Reforma*, onde travou memoraveis discussões com Julio de Castilhos, Eudoro Berlink e Carlos von Koseritz. Serviu muitos annos como secretario da Camara Municipal e foi eleito deputado á Assembléa Provincial, numa legislatura.

Era um bello typo: robusto, claro, de faces rosadas e bigode preto, o olhar meigo e penetrante, sabendo pro-

longar as palestras de maneira interessante, que fazia esquecer a passagem das horas. Vivia mais de noite que de dia. Solteirão, variava de amantes, até que finalmente uma actriz conseguiu prendel-o, acompanhando-o, carinhosa e dedicada, até á morte. Uma noite, retirando-se já de madrugada na direcção de sua casa, na rua da Floresta, distante do centro da cidade, foi atacado, mas não deu parte de fraco.

O caso foi assim: seguia ao trote curto do seu cavallo, cabeceando de somno tanto o cavallo como o cavalleiro, mas este sempre com o charuto na bôca, quando se lhe atravessou repentinamente na estrada deserta um bandido, que tomou as rédeas do animal, exigindo a bolsa ou a vida... não como os salteadores de estrada, mas como um elegante gatuno das cidades, servindo-se do delicado pretexto de pedir-lhe o fogo.

— Com o maior prazer, disse o poeta (tirando do bolso o seu revólver), mas como não tenho o prazer de conhecê-lo, e o logar é ermo e sombrio, nestas horas mortas, o meu charuto não dispensa esta piteira. — E ia queimal-o, si o miseravel não corresse, desaparecendo numa cerca de maricá que marginava o caminho. Chegando eu á casa, em outra madrugada, encontrei uma carta com a declaração de urgente.

Abri-a. Era de Ignacio de Vasconcellos, que me fazia a honra de distinguir-me de maneira inesperada, que muito me lisonjeou. E para que se comprehenda o alcance moral dessa gentileza, torna-se necessario explicar que, uma das coisas que mais me enchiam de indignação, era chegar ao meu conhecimento que se dizia, que as minhas poesias eram feitas por José Bernardino dos Santos ou Ignacio de Vasconcellos, poucos acreditando que um menino de 15 annos pudesse escrever esses versos... E' que *na sua terra ninguem é propheta*, — nem poeta!

A perversidade de certa gente não se contenta com duvidar, atreve-se a affirmar, calumniando infamemente: Pode-se agora avaliar o meu contentamento ao ler esta carta:

«Porto Alegre, 5 de Dezembro de 1873. — Mucio. — Escrevo-te *in extremis* (não te assustes, que não é o caso de teres de comprar uma corôa fúnebre para o meu enterro). Imagina tu que me comprometti com

um amigo a fazer uma poesia para ser recitada por uma de suas filhas, no dia dos exames, e a Musa recusa-se a bafejar-me o estro. A solemnidade do encerramento das aulas é no dia 8, que está a bater-nos á porta, e eu confesso-me inteiramente incapaz de fazer mais um verso na altura dos que sabia fazer outr'ora.

Lembrei-me de ti, que és o único que me pode salvar nestes apuros. Tem paciencia, meu amigo, faz uma poesia referente ao assumpto, e propria para ser interpretada por uma menina de 8 annos; e como não quero ficar mal collocado aos olhos de um amigo, a quem devo favores políticos, leva a tua abnegação ao extremo de consentir que a poesia passe por ser da minha lavra, correndo o risco de ser assim publicada, o que muito nos fará rir.

No fim de contas, a culpa não é só do meu prosaismo actual, é principalmente da tua brilhante e espontanea inspiração, que sabe fazer uns versos tão bonitos que a gente tem vontade de ficar com elles para si. — Teu amigo — *Ignacio de Vasconcellos*».

Eu estava a cahir de somno áquella hora da noite; mas a gloria dessa preferencia, e a satisfação de poder ver os meus versos perfilhados por um nome já consagrado, tudo soprou repentinamente o fogo divino da inspiração que me inflammou as idéas, e dentro de um quarto de hora estava a poesia feita e passada a limpo, sendo na manhã seguinte entregue ao portador, que tinha ordem de levar a resposta da carta que entregara na véspera.

O mais interessante é que no mesmo dia e no mesmo collegio foram recitadas duas poesias minhas e *essa de Ignacio*, cada uma por differente alumna, e o *Jornal do Commercio* do dia seguinte, ao noticiar a festa collegial, disse: — «A menina *Fulana* recitou uns admiraveis versos do nosso grande poeta Ignacio de Vasconcellos, e as meninas *Sicrana* e *Beltrana* recitaram poesias do esperançoso sr. Mucio Teixeira... *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*.

A sua poesia *A Porto Alegre* começa assim:

Hosanna! valente cidade guerreira,
Que alerta vigias nas raias do Sul:
Os campos mais verdes te servem de esteira,
Te serve de abóbada o ceu mais azul!

BIBIANO DE ALMEIDA

BIBIANO FRANCISCO DE ALMEIDA nasceu na freguezia de Belém-Velho, (suburbio de Porto Alegre), a 12 de Setembro de 1838 e falleceu na cidade do Rio Grande a 3 de Maio de 1892, tendo passado quasi toda a vida em Porto Alegre, de onde sahiu um anno antes de morrer. Latinista profundo como o dr. Castro Lopes, e poeta bocageano, como Laurindo Rebello, era o companheiro inseparavel de Ignacio Vasconcellos, nas noitadas do bilhar do *Chacaluga*, nos baixos do theatro S. Pedro.

Improvisava com facilidade, e as poucas poesias que deixou foram todas escriptas *currente calamo*, mas ainda assim eram inspiradas, simples, de uma graça natural e nova, tornando-se por isso populares em Porto Alegre, onde as suas extravagancias não conseguiam abalar-lhe a consideração a que se impunha, pela erudição e a severidade de que se revestia quando subia á sua cadeira de professor de latim e portuguez, no collegio de que era director e em outros estabelecimentos de instrucção pública.

Conquistou os fóros de latinista e philólogo, sem andar a fazer *phrases feitas* ou a citar Horacio e Virgilio a cada passo, mas ensinando com proficiencia e modestia, captando logo a estima dos discípulos e a confiança dos pais que lhe entregavam a instrucção dos filhos. Havia nelle uma dualidade interessante: o mestre parecia repellir o homem, o homem que se deleitava, á noite, nos prazeres mais licenciosos, transfigurava-se durante o dia seguinte num severo Mentor.

Os seus versos, quasi todos obscenos, inspirados na Musa de Gregorio de Mattos, ou de Bocage, no famoso *sétimo volume*, corriam de mão em mão, ora manuscritos, ora impressos em avulsos, que se vendiam profusamente, chegando muitos a ser decorados pela rapaziada de Porto Alegre, que tambem cantava ao violão a sua sátyra *A Pancha*, uma célebre mundana do tempo, que mais tarde se aposentou como abadessa de um conventiculo do becco do Poço, onde tambem se jogava *o sete e meio* e o *víspera*.

O chefe de policia, que era meu amigo, o dr. Antonio Antunes Ribas, depois de um banquete em que estivemos juntos, como morasse perto e quizesse fazer a digestão, convidou-me a dar umas voltas pela cidade, a pé, já de madrugada. Passando por ali, não sei si de propósito ou por acaso, lembrou-se de entrar na casa da Pancha, para verificar si ali se jogava mesmo a dinheiro, como havia dito um jornal. Lembrei-me logo do Bibiano, que naturalmente lá devia estar, e pedi-lhe que me deixasse entrar sosinho na frente, não penetrando ali sem que eu voltasse. Elle comprehendeu o meu intuito e disse sorrindo: — «Sim, mas só o Bibiano».

E como ao entrar não visse mais ninguem, a não ser as odaliscas do serralho, disse-me ao sahir: — «Levaste muito longe a compaixão». — Não (retorqui-lhe) preveni só o meu amigo; os outros, vendo-o sahir precipitadamente, naturalmente desconfiaram e não quizeram ser apanhados na ratoeira. Muitos annos depois, sendo o meu amigo ministro do Tribunal Superior, demos boas risadas lembrando o mallogro da expedição policial com o proprio chefe de policia em pessoa, na moralisadora e improvisada tentativa de acabar com um vicio que zomba das mais argutas autoridades.

Bibiano de Almeida publicou uma *Grammatica da Lingua Portuguesa*, que teve repetidas edições e foi adoptada nas escolas públicas e particulares, mas incontestavelmente inferior aos seus conhecimentos philológicos. Interroguei-o, estranhando que fizesse aquillo; respondeu-me que fôra obrigado a isso para se ver livre de uns credores impertinentes; que era o fructo de tres ou quatro noites em claro, fumando e bebendo durante a elaboração. Mas que havia de emendar a mão, o que fez, publicando em seguida o seu *Compendio de Grammatica*, que deu muito dinheiro ao editor Rodolpho José Machado. Mais tarde ainda fez imprimir outro livro, um pequeno volume de *Regras de composição latina*.

Bibiano foi sempre um bohemio, cheio de talento, de espirito, de erudição e bondade. Vivia mais de noite que de dia, ou para melhor dizer, só de noite é que vivia a seu gosto, passando os dias a trabalhar. Não sei si tambem dormia, embora sonhasse tanto!... Tinha a palavra facil e synthética, a pilheria mordaz e esfusiante,

não raro o epigramma ferino e descabellado, levando á parede o mais pintado que se atrevesse a querer pararlhe os golpes florentinos da ironia, ou os rudes assaltos da provocação. A um poetastro, que quiz fazer-lhe frente naquelle terreno, esquecido de que tinha sido seu discipulo, atirou-o de pernas para o ar, no mais desconcertado ridiculo, improvisando a sátyra que começa assim:

O' João Damasceno
 Vieira Fernandes!
 O' monstro pequeno,
 De idéas tão curtas e orelhas tão grandes!

Um hebdomadario da cidade do Rio Grande dá na primeira página o retrato de Bibiano de Almeida, seguido de um brilhante artigo de Arthur Rocha, onde ha este tópico: — «Vai para vinte annos que o conheço, e ainda não pude, nesse espaço ja consideravel de tempo, descobrir e apurar onde está a verdadeira superioridade de seus múltiplos méritos: si nas excellencias da alma, sempre aberta ás expansões do bem, si nos primores do espírito, sempre ávido de saber. Esteve por um triz para ser padre; salvò-o dessa desgraça (porque para elle seria uma desgraça), o sorriso de uma donzella, que mais tarde foi sua esposa». (*)

Bibiano de Almeida padre!... So de pensal-o arripiam-se-me as carnes e eriçam-se-me os cabellos... Verdade é que o diabo depois de velho se fez frade. Mas com o meu amigo o caso era outro, essa diabólica idéa passou-lhe pela mente no ardor da juventude, quando maior era o perigo para elle e principalmente para a sisudeza do nosso clero, que contava entre os seus luminares um padre José Ignacio de um Santa Bárbara! era o caso de invocar *S. Jerônimo* e *Santa Bárbara*, quando desabasse aquella tempestade, que toldou passageiramente os horisontes da sua mocidade.

Bibiano de Almeida, sempre desregrado na vida, era excellente chefe de familia, sem que ninguem possa explicar-me como era isso. Milagres do talento guiado pela bondade! Era, como ja ficou dito, de rara vernaculidade, não encontrando em toda a nossa provincia quem co-

(*) A *Semana Illustrada* de 3 de julho de 1887.

nhecesse melhor que elle os clássicos latinos e soubesse recitar os versos de Ovidio com tantas sonoridades de dicção. O dr. Graciano de Asambuja, que era homem de finas letras e variado saber, escreveu isto: — «Outro tivera sido o seu programma, ao entrar na vida social, mais consentaneo com a sua educação e a sua instrução, tão bem cuidada, outra teria sido a sua passagem pela terra.

Character franco, extremamente folgasão, Bibiano de Almeida era por todos estimado, principalmente pelos rapazes, seus discípulos, que o tornaram popular. Era geralmente considerado provector latinista e abalisado grammático. Foi um professor distinctíssimo, cuja proficiencia se patenteava sempre que subia á cáthedra magistral, hoje de luto por quem em vida tanto a honrou. Feliz a seu modo, fez sempre o bem; so para si foi mau». (*)

Sinto não poder figurar aqui a sua interessante sátyra intitulada *Telegramma ao Papa* (Pio IX), e a que improvisou, na minha presença, contra um teimoso versejador e peçonhento crítico, que Bibiano não deixava pôr os manguitos de fóra, trazendo-o sempre numa roda viva. Tem por titulo o nome da celebrada vítima e terminam as estrophes pelo estribilho: — *Ai, damas... cebo! vi... eira!...* Mas si algum dia me sobrar o tempo preciso para substituir as obscenidades por variantes menos nuas e cruas, dal-a-ei á publicidade, bem como o seu poema heróe-cômico intitulado — *O Brito Fresco*. (**)

Neste poema, que faz lembrar *A Ribeirada* de Bocage, ou *O Frade da mão jurada* de Francisco Muniz Barreto, ha episódios magnificos, principalmente na disputa de dois irmãos, que em público e raso, por questão de herança, só não se chamaram de filhos de mulher honesta. E' de provocar o riso a cômica intervenção de *Dom Mariano*, do canto da rua a excitar os contendores, como que procurando apazigual-os, mas atiçando-os cada vez mais. (A acção deste poema passa-se em Porto Alegre, na época da terminação da guerra do Paraguay).

(*) *Annuario do Rio Grande do Sul* de 1.93.

(**) Fez ainda outra sátyra, a um *Mariano* do Canto, muito conhecido em Porto Alegre, que discutia pelos *apedidos* dos jornaes assumptos da vida alheia.

E' datada de 10 de Junho de 1865, quando ainda os poetas não se preocupavam com a mistura de rimas breves e agudas, a seguinte sátira, que demonstra o quanto o seu verso era simples e natural:

O CAÇADOR E O GATO

Por fugir á armadilha da tristeza,
Que já quasi a minh'alma tinha presa,
De casa retirei-me em certo dia,
Querendo ver si achava essa alegria
Que dizem só nos campos habitar.

Eu, desde a infancia destro no caçar,
Nos hombros puz as armas venatorias,
Contando que das feras as victorias
A alegria de outr'ora me trariam.
E de acabar, assim me lfvrariam,
Immolado aos furores da tristeza,
Contra a qual só ás vezes tem defesa
A razão do philósopho profundo.

Lembrei-me que p'ra mim não ha no mundo
Arma mais poderosa do que a caça,
(E não pensem que o digo por chalaça)
Com que possa domar qualquer paixão,
Por damnada que venha como um cão.

Co'a espingarda na mão julguei-me o rei
Dos campos e dos bosques, onde entrei
Com valor nunca em mim exp'rimtado,
Tendo já da tristeza triumphado.

Ou a timida corça perseguisse,
Ou o feroz leão ante mim visse,
Sempre o mesmo inimigo parecia,
E nem de fera alguma eu fugiria.

Mas ah! que até agora estou tremendo...
(Riam-se, embora, do que vou dizendo)
De horror de certo bicho que lá vi,
Não sei como os sentidos não perdi.

Era um Gato... meu Deus! mas era um Gato,
Não desses que chamais gato do matto:
Era um Gato Pingado... e tão medonho
Que inda, ao lembral-o, me parece um sonho!...

Ao vel o possui-me de tal medo
Que pulei para o cume de um rochedo,
E bradei-lhe delá: — O' bicho horrendo!
Como igual nunca vi, nem tão tremendo,
Que causas tanto susto a um caçador
Qual eu sou, de ousadia e de valor! —

Assim me respondeu : — « Suspende a mão,
 Não temas, caçador ; tem compaixão
 Deste triste vivente malfadado,
 Que de homem foi em gato transformado,
 Vindo aqui nestes bosques se embrenhar,
 Por se julgar indigno de habitar
 Em aldeias, em villas, em cidades,
 No centro de quaesquer sociedades.

Aqui nesta provincia fui nascido ;
 Para outras depois fui remettido,
 Onde sabem mui bem que sou casado,
 E.....

Minha mãe foi senhora tão honesta
 Como é de uma carroça qualquer besta ;
 Havendo ha pouco tempo enviuvado,
 Casou-se com um mulato, já surrado
 Na cadeia da nossa capital...
 Assim costuma vir tamanho mal
 Aquem, inda sujeito ao captiveiro
 E', como era o Vicente, desordeiro.

Voltei á nossa terra abençoada,
 Onde a maior infamia é tolerada ;
 Uma hora no dia escrevo a rasa ;
 Não me falta dinheiro ; tenho casa ;
 Ando sempre janota e asseado ;
 Passeio em bom corcel, bem aperado :
 A mulher do marido separando,
 A donzella e a viuva deshonrando,
 E' como até aqui tenho vivido,
 Devendo já no inferno estar mettido,
 Ou em negra masmorra encarcerado,
 Por agua, pão e trevas sustentado.

Indigno de entre humanos habitar,
 Hoje vejo-me o diabo transformar
 Neste bicho que vês — GATO PINGADO,
 Que a todos tanto tem horrorisado.

Desce, desce, valente caçador,
 Não mais tenhas de mim tanto terror ».

Vêde, amigos, si eu tinha ou não razão
 Em fugir, fosse gente, ou bicho, ou não...

Cada vez no rochedo mais subindo,
 Fui assim o tal gato despedindo :

— A' vista dessa historia que contaes,
 O mundo não vos deve ver jamais :
 Pão e agua na terra se vos negue,
 E o diabo para o inferno vos carregue ! »

Dando um estouro ! e chammas levantando,
 Foi-se o GATO... e fiquei ali resando.

EUDORO BERLINK

EUDORO BRASILEIRO BERLINK nasceu em Porto Alegre a 28 de Setembro de 1840 e falleceu no Rio de Janeiro, repentinamente, quando ceava num restaurante que havia defronte do Jardim Botânico, em 1880. Distinguiu-se desde muito joven como jornalista, terçando armas nas justas do pensamento com as mais fulgurantes pennas do seu tempo, travando polémicas em Porto Alegre com Carlos Koseritz, Ignacio de Vasconcellos e Francisco Cunha, e no Rio de Janeiro, logo de chegada, com Reynaldo Carlos Montoro e Ferreira de Araujo.

A sua discussão com este, que era o redactor-chefe da *Gazeta de Noticias*, sendo Eudoro Berlink o redactor-chefe d'*O Cruzeiro*, foi uma das mais completas victorias do jornalista gaúcho, que assim se tornou célebre logo de chegada á côrte, esmagando o advesario, que acabava de vencer Quintino Bocayuva, numa questão de principios, que soube transportar do terreno das idéas para o da ironia, que manejava com vantagem.

Vendo Ferreira de Araujo que com Eudoro Berlink o caso era mais complicado, pois em qualquer terreno o encontrava firme e resolutu, desafiou-o para um duello, na Ilha d'Agua, que, não sahindo ferido nenhum delles, cahiu no ridiculo, sendo o caso muito commentado, já ninguem mais dizendo o duello da Ilha d'Agua, mas da Aguadilha...

Eudoro Berlink fez as suas primeiras armas, como literato, nas columnas do hebdomadario *O Guahyba*, de Porto Alegre, até que assumiu a redacção em chefe do *Rio Grandense*, órgão do partido conservador da nossa provincia, onde firmou a sua reputação de polemista temivel e temido; o que fez com que fosse convidado para dirigir na côrte do Imperio uma das mais consideradas folhas, *O Cruzeiro*, que foi indiscutivelmente um jornal bem feito, com escolhido corpo de collaboradores, vasto serviço telegráphico e noticioso, dispondo de bastante dinheiro para manter-se independente.

Quando o *Parthenon Literario* exigia dramas e comedias dos seus membros, que eram levados á scena, no theatro S. Pedro, de Porto Alegre, para com o pro-

ducto dos espectáculos libertarmos escravos, Eudoro Berlink escreveu e fez representar os seus dramas *Georgina* e *Mulher e Mãe*, sendo o papel da principal personagem confiado á eximia actriz brasileira Ismenia dos Santos, que arrancou frenéticos applausos, ao interpretal-o com intelligencia e arte, com a mesma proficiencia que acabava de manifestar na *Morgadinha de Val-Flor*.

Eudoro Berlink é tambem o autor de um *Compendio de Geographia* da provincia do Rio Grande do Sul, que foi adoptado para tiso das nossas escolas e teve numerosas edições. Publicou o romance intitulado *Vingança de um Médico*, e uma interessante biographia do Visconde do Rio Branco, além de outros trabalhos literarios, que se encontram na collecção das revistas do *Parthenon*.

Eudoro Berlink teria figurado com maior brilho nos nossos fastos literarios, si o jornalismo não lhe roubasse quasi todo o tempo. O seu século, como diz Andrew Lang, foi uma época de resoluções, de desasocego social e político, de quasi miraculoso desenvolvimento das sciencias phisicas e do poder de dirigir mecanicamente as forças da natureza e da sociedade».

Um cháos de novas idéas, como esse, pode tomar fórma em literatura, mas muitas das novas idéas do século XIX ainda hoje se acham demasiado embryonarias para a expressão artistica. Além disso, como disse o pensador citado, «o conhecimento mecânico do tempo é hostile á literatura, porque é hostile ao ócio e á solidão. De anno para anno tornamo-nos mais precipitados, mais vulgares, mais acostumados a só ler jornaes».

A nossa época fez da literatura uma profissão. Nos séculos anteriores os homens de talento escreviam porque tinham ou pensavam ter alguma coisa a dizer, sentiam praser nesse trabalho mental e almejavam a gloria. A consideração do dinheiro só entrava em linha de conta para o editor. O século passado foi grande nas letras, mas as suas maiores glórias ainda não foram bem estudadas; e a literatura actual só num sentido é animadora: em não poder ser peor. E' a escuridão que precede a aurora.

MACEDO JUNIOR

JOSE' JOAQUIM CANDIDO DE MACEDO JUNIOR nasceu em Porto Alegre a 10 de Março de 1842 e falleceu no Rio de Janeiro a 4 de Março de 1860, contando apenas 18 annos de idade. Poeta da mais viva inspiração, era amigo íntimo de Casimiro de Abreu, que poucos mezes depois foi procural-o nas mysteriosas caligens da morte, morrendo tambem na flor da sua gloriosa mocidade,

A admiração de Casimiro de Abreu por Macedo Junior, transparece na poesia que tem por titulo o nome do nosso joven conterraneo, na qual o cantor das *Primaveras* se compara ao indio saudando o sol nascente, chama-lhe carinhosamente de irmão, e tem estrophes como esta:

Quando tão cedo, no raiar da vida,
 Já doce cantas com o aroma doce
 Das pállidas cecens,
 Podes, criança, erguer a fronte altiva :
 Como André Chénier no craneo augusto
 Alguma coisa tens !

Macedo Junior acabava de contratar a impressão do seu primeiro volume de poesias, que intitulara *Açucenas*, quando desapareceu repentinamente do scenario da vida, victimado pela febre amarella.

Frequentava assiduamente a casa de meu tio França e Leite, (*) a quem viera recommendado por meu Pai, quando abandonou a terra natal com o intuito de estudar medicina na Academia do Rio de Janeiro. Era um rapaz tímido, de pequena estatura, franzino e pálido, de cabelleira romântica á moda do tempo, vestindo-se com caprichosa elegancia, de olhar vivo e penetrante, voz de uma sonoridade musical, sabendo recitar os seus versos de maneira communicativa.

Quatro dias antes de morrer tinha estado em casa dos meus parentes, onde todos estranharam a sua alegria nessa occasião, que contrastava com a habitual tristeza, que a todos impressionava. Retirou-se, accusando forte dor de cabeça. Seu irmão, o distincto pintor Antonio Candido de Macedo, que estudava na Escola de Bellas

(*) Conselheiro Nicolau Rodrigues dos Santos França e Leite.

Artes, appareceu ali tres dias depois, como louco, annunciando a gravidade da molestia, que no dia seguinte teve o desfecho fatal. Casimiro de Abreu consagra ao seu joven amigo Macedo Junior uma das melhores poesias das suas lindas *Primaveras*.

O Rio Grande do Sul perdeu nesse juvenil poeta uma das suas mais fundadas esperanças, pois Macedo Junior surprehendia a todos, em tão verdes annos, com o seu estylo natural e corrente, sem o êmphase das pompas exageradas, tão communs nos principiantes; era a claresa do estylo e a precisão dos termos em que traduzia as suas idéas elevadas, um dos caracteristicos da sua inconfundivel personalidade poética.

Os seus versos, admiraveis pela sinceridade no sentimento e de um brilho intenso na opulencia das imagens, eram de uma inspiração nervosa e quente, que o tornavam notavel no meio de uma geração onde havia, além de Casimiro de Abreu, um Teixeira de Mello, um Pedro Luis, um Luis Delfino e um Francisco Octaviano. Era uma natureza inquieta e curiosa, na ância do ideal que o deslumbrava, prescrutando os fundos arcanos do coração feminino, na sua insaciavel sêde de amor, para poder traduzil-os fielmente nesses versos que lhe saham da alma como os gorgeios sahem da garganta do sabiá.

Aos 15 annos de idade já Macedo Junior conhecia a tortura dos amores funestos, como o que descreve na sua poesia *Morta!* e tinha as exigencias do amor que não conhece plural, no egoismo dos que querem tudo, como se percebe na poesia *Agora eu te quero amar*. São da mais perfeita structura plástica as onomatópicas estrophes da *Valsa vertiginosa*, onde mostra que bem conhecia a choreographia, ou para melhor dizer, a orcheso-graphia, na descripção desses volteios suaves e rápidos, que parecem dar azas ao movimento do par, enlaçado e offegante, que percorre o salão, e vem, e vai, e perde-se e reapparece, como que levado nos sons da música voluptuosa e frenética.

Causava admiração a todos que o viam, pela pallidez macerada do rosto de criança, de cuja fronte arejada já brotavam pensamentos de homem; e os seus olhos vivos e ao mesmo tempo sonhadores, pareciam olhar para este mundo, de onde ia sahir tão cedo, com a curiosidade

de um recém-chegado, que talvez ainda guardasse consigo as revelações de outro mundo, superior a este.

O cantor das *Açucenas*, trazendo os cabellos ainda agitados pelo vento dos Pampas, entrou na cõrte como um propheta que apparecesse de repente, sombrio, no meio de uma saturnal, fugindo espavorido do rumor da festa para se esconder no seu modesto quarto de estudante, a estudar e a fazer versos. Não era desses talentos precoces que enganam com a fantasmagoria de imagens decalcadas num rimario esfusiante, tecendo grinaldas de umas flores que brotaram em gálhos que não dão fructos; era uma intelligencia sólida, que despertou antes do tempo, não lentamente, conduzida por um estudo paciente, mas repentinamente e com audacia. Só a morte poderia fazer cahir a noite sobre essa aurora sem crepúsculo.

Dos novecentos e tantos verzejadores que actualmente abarrotam as livrarias de folhetos (que elles intitulam livros), não falando na versalhada que espalham por jornaes e revistas; meia duzia, si tanto, têm aptidão poética, sem que nem um só possuía a envergadura de azas capaz de levantar o alto vôo da inspiração em demanda da posteridade.

O mais interessante, porém, é que esses *almojadinhas* do Parnaso pensam que a Arte estava á espera delles para entrar em scena nesta triste comedia da *poesia actual*, falando com pedantesco pouco caso dos grandes poetas do romantismo (os maiores que temos tido até hoje), na ridícula ignorancia do valor mental de seus gloriosos antecessores.

Quando fiz a minha estréa litteraria, já se ouviam uns surdos rumores desta subterranea barulhada, que só agora atrõa retumbante, *ladrando pela ponta dos penedos...* ou antes, uivando como cão agourento, que cava o chão defronte da janella do quarto onde agonisa o seu dono, ou qualquer fâmulo da casa mal assombrada...

Dos meus numerosos companheiros de então, dos quaes apenas restam dois únicos nomes com direito de figurar na nossa historia litteraria, e que pensavam, comigo, que era mister muito esforço para attingir a esphera radiante onde se ostentavam os poetas que nos precederam, todos os que se julgavam *aves raras* cahiram do poleiro da sua gaiolinha de vaidosa presumpção, de-

pennados uns pela crítica, outros com a aza cortada, como frango que foge do gallinheiro por cima do muro do jardim.

Aos melindrosos poetinhas da actualidade o bom senso popular atravessa uma penna no pescoço, como se faz com o frango, que amanhece com *symptomas* de gôgo...

Além desses abundantes poetrastros, ha tambem uma súcia de escrevinhadores em prosa rasteira, que se consideram criticos, só porque vão alinhavando mal e porcammente uns períodos sem grammática nem idéas, de que destacarei um exemplar nesse pretencioso rapasola que accaba de plagiar a grande obra de Sylvio Romero, sugando-lhe o sangue como vampiro e apresentando, como si fôra de propria lavra, uma pequena historia da nossa literatura.

Não vi essa ignomínia literaria, nem sei si já vi o seu autor mais gordo, antes de lhe terem dado milho numa das báias da burocracia; mas, si realmente é elle filho de um velho camarada meu, que o Moreira Cesar mandou fuzilar em Santa Catharina, na trágica fornalha onde tambem arderam dois dos seus filhos, então este moço é um ingrato, esquecendo o nome de um velho amigo de seu pai, que tantas vezes o acariciou na infancia, enxugando com piedosos beijos as lágrimas da sua orfandade.

Estes improvisados intellectuaes, com fumaças de genios da última hora, julgam da mentalidade dos fortes, unicamente pelo ineditismo *snóbico* deste tempo de *football* e outras capoeiragens *sportivas*, quando melhor fariam si entrassem pela porta aberta do templo da Arte, como os *neóphitos* da antiguidade ao penetrar silenciosos no solenne *adita* onde o hierophante, palpitante de gloria e divindade, falava das coisas do ceu e da terra.

E assim não continuariam a desempenhar um triste papel nesta comedia tão mal representada, caricaturados em reis da creação, traindo-se a cada gesto nos seus bamboleios de palhaços, como si tivessem o rei na barriga (o rei Alberto ou o de copas), na crença de que Deus fez as estrellas para embellesar-lhes as suas noites escuras passadas em claro.

Assim, tambem, certos cientistas modernos são de uma venalidade fraudulenta em relação aos sabios da antiguidade, não só da Assyria, Chaldéa e Babylonia,

como daquelles cuja personalidade se perde na noite dos tempos prehistóricos, de que apenas nos restam documentos de pedra nas portentosas esculpturas das ruínas dos pórticos de Persépolis e de Ecbatana, cujo palacio real tinha o telhado de prata, as columnas de oiro e o lampadario de naphtha, que resplandecia como os raios do sol, ostentando-se essa maravilha de architectura no centro de uma muralha circular de 96 kilómetros de extensão e 25 metros de altura. Isto faz lembrar a pretensão barrenta de uns caricatos Jannuzzes diante dos severos mármores de Buonarotti.

Os *novos* não querem convencer-se de que não têm outra coisa a fazer, sinão renunciar ás suas descabidas pretensões, saturadas do mais ridiculo pedantismo, diante da incontestavel documentação cerrada dos trabalhos accumulados pela geração precedente. O homem só attinge o seu completo desenvolvimento depois dos quarenta annos, quando são produzidos os *Lusiadas* e o *Fausto*, o *Paraiso Perdido* e a *Divina Comedia*. Antes disso, apenas são esboçadas, em tímidos ensaios, vagas promessas de uma realisação problemática.

Poderão objectar-me que a precocidade de Alvares de Azevedo é a demonstração do contrario; mas assiste-me o direito de retorquir, sem diminuir o valor desse extraordinario talento, verdadeiramente genial, bastando para isso lembrar que não ha regra sem excepção, e que o prodigioso poeta da *Lyra dos Vinte Annos*, transgredindo uma lei geral, foi um caso especial, sem precedentes, nem consequentes, até hoje salitario na nossa historia literaria.

Esta revelação imprevista, na phrase do meu mallogado amigo Gomes dos Santos, que acaba de morrer em S. Paulo, «modifica consideravelmente as idéas vulgarmente concebidas sobre a existencia, e rehabilita a velhice, restituindo-lhe o prestigio que ousadamente lhe negavam». Assim, não mais supportaremos, com a resignação de antanho, a inercia humana disfarçada sob um hypothético peso dos annos. Não mais ouviremos declinar as ásperas tarefas sociaes sob o pretexto de que ellas são incompativeis com o cansaço dos cincoenta annos e com o prenuncio da obesidade.

Em nome da physiologia, reclamaremos dos concidadãos de valor o seu contributo de trabalho. Quanto mais

próximos da meia idade, maior obrigação têm de nos dar, em formas perfectas e definitivas, o succo concentrado do genio. E' curioso notar que as conclusões da physiologia foram precedidas pelas reivindicações da literatura. Os escriptores modernos não têm a intuição desta triumphal conquista da sciencia; vagamente suspeitam da existencia de um facto, que só muito tarde a physiologia vem estabelecer com solidez.

As peças mais applaudidas do theatro contemporaneo põem em scena... quem? Galãs de cabellos grisalhos, dotados da finura da experiencia que lhes dá irrecusavel superioridade sobre os amorosos do passado. O marquez de Priola — *excusezmoi, s. v. p.* — marca os seus triumphos numa idade em que, outróra, o coração necessitava, em lugar de paixões, de um pouco de digitalis e talvez tintura de iodo. Dom Ruy Gómez da Silva teve o seu outoniço amor cantado em versos de Victor Hugo:

«Oh! mon amour n'est point comme un jouet de verre
Qui brille et tremble; oh! non! c'est un amour sévère,
Profond, solide, sûr, paternel, amical,
De bois de chêne, aisi que mon fatéuil ducal!»

Os Titãs da antiguidade tentaram escalar o ceu, mas não puderam entrar. Rolaram uns dos píncaros do Pélion e do Kessoro, cahindo espedaçados nas pedras da Thessalia; outros foram acorrentados ao Cáucaso, como o Prometheu, com as entranhas devoradas pelo abutre. Saibam os poetinhas de hoje que os nossos grandes pœtas de hontem, e de amanhã, e de sempre, são os Titãs de todas as épocas, eternamente revoltados contra os preconceitos de uma sociedade que se desmorona aos seus clamores olympicos, ora idealizando o concreto, ora materializando o abstracto. O poder da inspiração faz milagres: fascina, empolga, arrebatada, dilatando-se numa suggestão collectiva, como que hypnotizando as almas somnambulizadas.

Só os poetas sabem converter os astros em aranhas... mas devem de preferencia converter as aranhas em astros. Só elles saltam do pensamento ao infinito, do sonho á aspiração, do real ao ideal, numa divina embriaguez produzida pelo pantheismo, mas um pantheismo feito de pura idealisação. Macedo Junior não teve tempo sinão

para cantar em surdina, como a ave ao alvorecer, apenas começando a cantar baixinho os deliciosos martyrios do amor. Vivesse elle mais alguns annos, cantaria em voz alta e sonora os heróes da patria e a liberdade dos povos, que para tanto lhe não faltavam cordas na lyra e firmeza no pulso.

O átomo, simples ponto mathemático, fluctuando no espaço, arrastado pela vibração universal, segue uma viagem mysteriosa, desde que parte do abysmo, onde fermentam infusorios, até chegar ao cérebro, onde brotam idéas, ou ao coração, onde latejam sentimentos: e só ahi é que se evapora em versos e orações, que se evolvem pelo azul e descem á terra, em constante evolução, ora como o incenso que sobe dos turybulos sagrados, ora como a chuva que as nuvens derramam nas sementeiras abrazadas pelo sol, sobre as quaes já não palpitavam azas nem pipillavam ninhos, na viuvez das rôlas adormecidas em pétalas de goivos e saudades.

A poesia é como o universo, que tanto nos mostra o infinitamente grande (pelo telescópio), como o infinitamente pequeno (pelo microscópio); e a olho nú — o espectro solar. Os poetas chegam pela intuição ao mesmo ponto que os philósofos attingem pela deducção. A intuição forja as inspirações na fornalha da alma, sendo as estrophes as martelladas que imprimem maleabilidade ao ferro em braza da idéa coruscante. A reflexão exige prolongado recolhimento para a alma que se desdobra do corpo, e o tempo da nossa vida é muito curto para podermos percorrer o vasto campo da aspiração humana;

A intuição é para os poetas o que era antigamente o mysterio para os mysticos, o silencio para os contemplativos, a revelação para os prophetas. Só ella pode explicar-nos a origem de todas as coisas. Ninguém consegue demonstrar a sua propria existencia por meio de outra faculdade. Em que verdade se encerra esta verdade evidente, de que as linhas parallelas não se encontram jamais nem no infinito? Que geômetra já viu o ponto mathemático que serviu de ponto de partida á geometria? Que physico apontou o átomo de cujo germen brotou a grande e frondosa árvore do universo?...

A materia é tão mysteriosa como a alma. Si a natureza gasta séculos para produzir um diamante, a intuição,

em menos de um minuto, produz uma idéa. A vontade tem a mesma origem da força. Querer é poder. A questão é educar a vontade, para saber-se como se deve querer. Em cima de cada coisa ha uma idéa: e em cima do conjuncto de todas as idéas é que se ostenta o ideal, que é o cantar do mudo, o olhar do cego, a voz do silencio, a eloquencia da mudez do pensamento, a lei de harmonia que entrelaça o som e a cor, numa atmosphera de rosas invisiveis, que só é respirada pelo olfacto da intuição.

As seguintes estrophes de Macedo Junior são da poesia intitulada *Agora eu te quero amar*, escriptas poucos dias antes da sua prematura morte:

E's muito linda ! teu labio
Tem um riso de matar !
Quando tu choras, donzella,
Quem fica sem soluçar ?
Tens feitiços de magia,
Mas eu não te posso amar.

Eu amo o deserto augusto
Repetindo a voz de amores
Da canção do pintasilgo :
Eu amo os prados, as flores,
Amo o riso em labio triste,
Amo o gemido dos dores.

Amo o que é melancolia,
Tudo que sinto chorar,
As vozes tristes da noite,
Que só Deus pode escutar ;
Si eu amo tudo que é triste,
Como é que te posso amar ?

— Amas a flor desmaiada,
Na campina soluçando,
Junto ao regato, pendida,
Seus amores descantando,
Onde a brisa pouse alegre
E sáia triste e chorando ?

Pois eu sou a flor pendida
Que tem a dor por altar ;
Sou a rolinha singela
Que vive de soluçar . . .
Vendo, agora, que sou triste,
Não me podes inda amar ?

.....
— Não és, bem vejo, ó donzella,
Não és borboleta, não ;
E's mariposa encantada
Nas chammias de uma paixão ;
Não tens azas, borboleta ?
Eu te dou meu coração !

MENEZES PAREDES

JUVENCIO AUGUSTO MENEZES PAREDES nasceu na cidade de Pelotas, a 6 de Setembro de 1843 e falleceu na de S. Gabriel em 1882. Viveu na maior pobreza durante a infancia e juventude, até que finalmente começou a sorrir-lhe a ventura, quando já contava quasi trinta annos de idade, podendo só de então por diante viver desembaraçadamente. Fundou um collegio em S. Gabriel, que dirigiu até 1874, casando-se em seguida com uma herdeira rica, que ainda se aparentava commigo, prima em grau afastado, cuja familia o fez deputado á Assembléa Provincial.

Conheci-o quando pela primeira vez foi a capital, em 1873, para ahi fazer imprimir o seu livro de versos, que intitolou *Parietarias*. Era tuberculoso, mas apparentava certa robustez, sendo de estatura acima da mediana, cheio de corpo, o rosto redondo, mas de côr macilenta, as pálpebras pesadas sobre umas olheiras fundas. Estava no período mais feliz da sua curta vida. Era noivo de uma linda joven: amava e era amado, — que mais podia desejar um poeta? Além d'isso, aquelle casamento promettia-lhe uma vida menos trabalhosa do que a que tinha arrastado até ali.

A mocidade do Parthenon recebeu-o de braços abertos, sendo a crítica dos companheiros demasiado benévola com o seu fraco livro de versos, pois o talento que manifestava nas palestras promettia mais do que aquillo. Frequentava as nossas reunões em casa do Apollinario, mostrando-se alegre, engraçado, folgazão, dando umas enormes gargalhadas ao citar passagens do Camillo Castello Branco, que era o autor da sua predilecção, e contando umas aneddotas, nem sempre espirituosas, mas picantes, salgadas, apimentadas de uma malicia dura e inconveniente. Explica-se o caso: não tomara *chá em pequeno*, como dizia o Visconde de Castilho. Falava pelas tripas e cotovellos de Judas. E tanto falou, no nosso grupo, que esgotou tudo quanto tinha a dizer, nada ficando para a Assembléa Provincial, quando voltou como deputado e completou o mandato sem nunca ter pedido a palavra.

Tinha ás vezes presentimentos de morte; lembrava-se de Dutra e Mello, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Macedo Junior, Castro Alves e Plinio de Lima, todos mortos em flor, dos quaes recitava os versos propheticos, annunciando o seu próximo fim. E mais triste ainda ficava lembrando-se dos nossos conterraneos Felix da Cunha, João Vespucio, Capistrano Filho, Leonel e Ferreira Neves, o Antonio, que acabava de morrer em S. Paulo, picado pelas bexigas, no seu primeiro anno de direito. Frisei o nome baptismal, para não confundil-o com o Ferreira Neves dos *Threnos* e das *Rimas Innocentes*, que se chamava João, mas este nome não figura nos seus livros. E escreveu, então, versos como estes, o pobre Menezes Paredes:

Hei de morrer, bem sei, na flor dos annos,
 Na quadra em que o viver deslisa em flores;
 Succumbirá meu peito aos desenganos,
 Sem fé, sem esperança e sem amores,
 Hei de morrer, bem sei, na flor dos annos!

Sem irmão, sem irmã, sem mãe querida,
 Ganharei do martyrio a dura palma
 Quando a morte ceifar a minha vida;
 E sentirei sosinho as dores d'alma,
 Sem irmão, sem irmã, sem mãe querida!

Diante da cruz da minha sepultura,
 No fim desta romagem transitoria,
 Não se ha de ajoelhar a virgem pura
 Que amei... De mim não restará memoria,
 Diante da cruz da minha sepultura!

O primeiro (e último) verso da segunda quintilha allude á morte de um irmão, mais novo que elle, e da irmã de 16 annos, pela qual ainda trajava luto, ambos físicos. Além do volume das *Parietarias*, único que publicou, Menezes Paredes deixou um drama, em prosa, intitulado *Corôas de Martyrio*, que foi representado em Pelotas e S. Gabriel. Nós, naquelle tempo ainda entusiasmados com os versos de Soares de Passos e a prosa de Herculano, preferíamos, da geração portugueza daquella época, em poesia Guilherme Braga e em prosa Pinheiro Chagas. Mas o Paredes não, o seu predilecto em verso ainda era o Garrett e em prosa o Camillo Castello Branco.

— «Oh! o Camillo! o incomparavel Camillo!» dizia; mas o seu ídolo, que era de barro, quebrou-se bem depressa, esphacelando-se-lhe aos pés e salpicando-o de lama, no dia em que lhe chegou ás mãos o *Cancioneiro Alegre*, em que o ingrato Camillo lhe pagou tamanha admiração com o mais brutal pontapé atamancado, escrevendo estas pesadas graçolas de maroto avinhado:

— «Menezes Paredes escreveu um volume chamado *Parietarias* por se chamar Paredes. E' o poeta que explica e satisfaz. Elle pede afogueado um beijo a Carolina. Bem se vê que o queima o sol do outro hemispherio. E' brasileiro. Recebe beijos, mas não casa com Carolina, porque, diz elle,

O casamento em purgantes
Transforma os beijos de amor.

Que lhe preste a metamorphose. Depois melhorou de costumes. Faz sextilhas *A uma rapariga*, que o persegue como Margarida Logny a lord Byron. E elle, fugindo-lhe com a cruesa de José 2.^o do Egypto, diz-lhe:

Vai-te! um homem positivo
No amor não acha algarismo
Que iguale á força de um x.

Affirma que o namorar é uma *pepineira*, e diz um derradeiro adeus ao amor, tal qual como Byron: — *Love's last adieu*. Não é o cynismo que petrifica Paredes; é o algarismo. Elle não irá morrer em Missolonghi pela redempção dos gregos, nem a Moçambique pelas liberdades patrias como o seu patricio Gonzaga. Ha de ser víctima da falencia fraudulenta de um mascate. Neste livro ha uma página triste e repellente; é a dedicatória de taes poesias que a uma joven irmã fallecida offerece o seu *triste irmão Juvencio*. Elle chama-se Juvencio. Este nome podia ficar na lista dos fataes, si não fosse o algarismo: D. Juan de Marana, Lovelace, Saint-Preux, Juvencio Paredes, etc.

Os romances do século XX falariaem de Juvencio, o devastador de florestas virgens de sinhás, desde a Tijuca e Corcovado até ao Curuzú e ao Curupaity, escalavrando corações em Mamanguape, no Ariró, no Ouricuri, no Mu-

riahé, no Merity, em Jacarépaguá e talvez no Gravatahy e na Quitinhonha».

A graça deste apagado luzeiro luso, como se vê, cifrava-se na nomenclatura indígena dos nossos rios e logares, que elle tão ingenuamente mistura com algumas regiões paraguayas, movendo o estafado realejo das suas boboseiras ao descompassado compasso do mais atamancado sapatear de fadista tripeiro naturalizado alfacinha. O mais grave, porém, é que este amontoado de calumniosas injurias, cahindo em cheio com todo o peso da perversidade de um estylo agigantado pela admiração da víctima, apressou-lhe a morte.

Menezes Paredes, ao ler isto, ficou perplexo, attônito, como si lhe cahisse um raio em casa, ou si ainda extremunhasse ao despertar de um pesadelo. Dava pena vel-o; basta dizer que ninguem mais o viu sorrir, até que não poudes mais resistir ao peso de tamanho ridículo — e morreu. Fiquei tão indignado, que publiquei um folhetim de análise ao seu triste *Cancioneiro Alegre*, salientando-lhe as incongruencias, os disparates, e até erros grammaticaes do clássico em cochillos homéricos, defendendo não só Paredes como também Fagundes Varella, o nosso glorioso poeta a quem maltrata como si fosse um *João Ninguem*. E para ser bem comprehendido por elle, de fórma que não perdesse o meu latim, desci ao nível da sua linguagem de arreeiro, esporeando-o com injustiças, dizendo-lhe ver nelle «um *camello* escoucear num deserto literario... *de castello branco*...

O Varella ja dormia na sepultura, quando o insaciavel vampiro das occidentaes praias lusitanas veio profanar-lhe o cadaver para sugar-lhe a sanie, dizendo isto: — «Os apreciadores portuguezes da Iyra brasileira distinguem com especial louvor Fagundes. E' bastante citado este paulista, (*) e tão lido cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefacio de 1861. O autor, querendo bem graduar a futilidade da poesia e atenuar a ousadia de a dar á estampa, a instancias de amigos, (**) pergunta: — «Qual é o estadista, o homem de negocios, que não

(*) Por signal que nasceu na provincia do Rio de Janeiro.

(**) E' falso, Varella não escreveu isso.

se sentiu uma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pálida Magdalena ou Julietta, esquecendo-se dos algarismos e da estatística, não se lembrou que *haviam* brisas e passarinhos, illusões e devaneios? — E gramática. Também seria bom lembrar-se *aos ouvidos* das Magdalenas e Juliettas que *havia* regras para o verbo *haver*».

Indubitavelmente Varella claudicou neste ponto, confundindo o verbo transitivo com o substantivo. Mas não estava só nesse terreno falso, desde que ahí se encontrava o proprio Camillo Castello Branco, que no seu romance *Amor de perdição* mostra a mesma ignorancia de que *havia* regras para o verbo *haver*. Outra coisa: este erro do nosso poeta não está em nenhum dos seus versos, foi catado na prosa com que abre o volume das *Vozes da América*; e Camillo, no mesmo *Cancioneiro*, diz que «não se deve censurar um poeta pelos seus escriptos em prosa».

APOLLINARIO PORTO ALEGRE

APOLLINARIO JOSE' GOMES PORTO ALEGRE nasceu na cidade do Rio Grande a 29 de Agosto de 1844 e falleceu na cidade de Porto Alegre a 23 de Março de 1904. Estudava em S. Paulo, quando o fallecimento paterno o obrigou a interromper o curso jurídico, para assumir a responsabilidade de chefe da familia, composta de mãe, uma tia materna e tres irmãos mais moços, vendo-se de então por diante forçado a trabalhar para a manutenção dos seus.

Apollinario fundou na capital da provincia o *Collegio Rio Grandense*, que depois passou a denominar-se *Instituto Brasileiro*, onde, na phrase de um dos seus biógraphos: «o mestre querido, ouvido sempre com acatamento carinhoso pelo grande número de discípulos, lhes dava não somente a instrucção como também a educação cívica, com abundancia de saber e em estos de enthusiasmo». Eu fui um dos seus discípulos, frequentando o *Collegio Rio Grandense* como meio-pensionista,

posso dar o testemunho pessoal da bondade com que nos tratava a todos, e do patriótico ardor com que procurava inculcar no maleável espírito infantil o ideal republicano, de que foi o mais abnegado propagandista desde os verdes annos.

Ainda não havia na imprensa da provincia um jornal republicano; ainda o actual regimen político não passava do vago sonho de meia duzia de visionarios, como chamavam então aos seus platônicos adeptos; e já Apollinario fazia bizarro e efficaz proselitismo, endeosando diariamente o ideal democrático, citando-nos os mais brilhantes trechos de Hugo e Castelar, carregando a mão na tyrannia dos reis despóticos e aureolando as figuras sinistras de Cromwell, Robespierre e Juárez, com os fulgores que a sua imaginação de poeta lhes emprestava, o que calava profundamente na sensibilidade dos que o ouviam, pois era sincero, dizia aquillo com fogo, convencido íntimamente de que dizia a verdade. Também commemorava solennemente, no seu collegio, as datas da revolução franceza e da guerra dos *Farrapos*, da Conspiração Mineira, do movimento de 1817, dos Palmares e da república do Equador.

Talento de eleição, robustecido de constantes e pacientes estudos, dispondo de memoria notavel e de eloquencia arrebatadora, tudo isso realçado por um caracter de proverbial altivez e de sincera bondade, o erudito e estimado mestre sentia-se á vontade no meio dos seus alumnos, como si fosse um pai amado entre os filhos obedientes, dando-nos assim as lições de qualquer disciplina escolar (elle substituiu nas aulas a todos os professores de faltavam), ensinando-nos a historia e a geographia, a arithmética e a philosophia, a chimica, a physica, as sciencias naturaes, o allemão, o francez, o inglez, o latim e a lingua vernácula, que tinha nelle um dos seus mais brilhantes cultores, íntimamente familiarizado com os clássicos e muito attento a tudo quanto se publicava na patria e no estrangeiro, recebendo por todos os vapores livros novos e revistas nacionaes e européas, que nos emprestava, discutindo connosco assumptos scientificos e literarios.

Era vasto o seu saber, como era enorme o seu talento, que se expandia em catadupas luminosas, na lição,

na palestra, na imprensa e no livro. A sua bibliotheca era opulentíssima, o seu museu scientifico uma preciosidade. Tinha as collecções numismática e mineralógica em numerosas vitrinas, com tudo especificado e classificado por elle. Vi-os, muitos annos depois, em 1893; jaziam infelizmente em lamentavel abandono, pelos grandes compartimentos da *Casa Branca*, onde funcionara nos últimos annos o *Instituto Brasileiro*, a sua predilecta vivenda, de onde elle se achava então afastado, no seu voluntario exilio em Montevidéo, durante os tres annos da guerra federalista, pois seria fatalmente assassinado si ousasse regressar á nossa terra, naquelles tempos de prisões e degollamentos.

Proclamada a república, que teve nelle o seu mais antigo e sempre um dos mais desinteressados propagandistas, viu esse bello sonha da gloriosa mocidade transformado no horrendo pesadelo da sua trabalhosa e antecipada velhice. Depois de tantos annos de triumphos e de relativa abastança, viu-se forçado a fechar as portas do *Instituto Brasileiro*, dedicando-se ao magisterio particular, para alimentar a familia, pois a recompensa de tanto esforço e tamanha abnegação, quando chegou o dia da victoria para os outros, entre os quaes alguns dos seus discipulos foram os heróes do momento, começou para Apollinario o ostracismo, com o duro cortejo de ingratições, de injustiças, de injurias, calumnias, miseraveis intrigas e tenaz persiguição. Apollinario não era homem talhado para ser solidario com os exploradores da patria. Revoltou-se, inflammado na mais sagrada indignação, e vergastou os vendilhões do templo do seu ideal, com a sua penna justicadora.

Começou, então, a sua odysseá de martyrios lentos, de que só descançou quando o deitaram nas tábuas do caixão fúnebre. Tambem ainda não se viu entre nós lutador mais brilhante e tenaz, sempre em conflicto com os poderosos do dia.

Cabeça pensante de um numeroso grupo de dissidentes, como houvesse imperiosa necessidade de engrossar essas fileiras, para poder dar combate em terreno decisivo ao governo republicano, foi ao extremo de se ligar aos seus proprios adversarios da véspera, os monarchistas dirigidos por Gaspar Martins, pois precisava

de um nome de prestigio em todo o paiz, que era o do glorioso almirante Luis Felipe de Saldanha da Gama, e de uma espada ínclita, que era a de Gumerindo Saraiva.

Foi nos rudes embates da política partidaria, em dias funestos que se desenrolaram em annos de tremendas convulsões intestinas, que refulgiram com brilho deslumbrante os seus singulares dotes de polemista temivel e invencivel. Assumindo a redacção da *Reforma*, antes e depois da revolução *Federalista*, illuminou com as irradiações do seu grande talento e profundo saber as columnas desse órgão de reacção aos desmandos da tyrannia.

A golpes de verdade e de justiça, no desassombro de uma coragem indômita, engalanando idéas e ensinamentos com as pompas de um estylo rigorosamente castiço, convincente, suggestivo, empolgante, dominador, teve repetidos e assignalados triumphos jornalísticos, é certo, mas tambem curtiu amaríssimos dissabores... Foi preso. Teve de abandonar a familia e a patria. Esteve quasi a ser víctima da hecatombe de Santa Catharina, em que foram assassinados os seus companheiros e amigos, entre os quaes estavam o marechal Lobo d'Eça, Barão de Batovy e o capitão de mar e guerra Frederico Lorena, ambos rio-grandenses tambem.

Emigrou dali para o Rio da Prata, onde demorou quasi tres annos, até que serenassem de todo as lutas armadas. Assim que amainou a tempestade da guerra civil, regressou a Porto Alegre. Era ainda o mesmo homem de vasto saber, mas alquebrado já, mais pelos soffrimentos do que pelos annos, com enfermidade monda a minar-lhe surdamente o organismo quasi esgotado por tantos abalos e provações. O espirito tambem se resentia, sem comtudo apagar-se a luz da mentalidade. Todo elle resumbrava os estragos de um scepticismo invencivel. E assim, taciturno, triste, desilludido, descrente, irritadíssimo, entregou-se a um abandono e deu-se a uma esquivaça, que eram os últimos traços da tragedia de um vencido!

Mas porque o abandonaram e perseguiram assim? Porque teve a hombridade de dizer que *estava tudo errado*... que a República *não era aquillo*... E com-

bateu com ardor e violencia tudo quanto faziam os adherentes e históricos, que tripudiavam de mãos dadas naquelle festim de lama e sangue! Como podia elle consentir que o ditador mandasse dar quatro mil contos do erario público a uma das suas amasias? Como poderia deixar de desmentir a falsidade de que o Governo Provisorio se serviu para poder decretar o banimento do Imperador deposto do throno?... E a jogatina do *encilhamento*?!...

Aquillo parecia o baixo imperio romano.

Quando o prenderam pela primeira vez, houve quem reclamasse prisão especial, mas o governo do nosso Estado mandou encerral-o no xadrez, *porque não era um bacharel formado*, nem tinha patente da Guarda Nacional... O governador que mandou prendel-o, e o chefe de policia que executou a ordem, ambos haviam sido seus discípulos; ainda me lembra o carinho com que os tratava no seu collegio e a confiança que lhe inspirava a intelligencia de um delles. Tenho nojo de citar os seus nomes. A consciencia delles deve ter sido muito severa no castigo de tamanha ingratição.

Apollinario, assim que sahiu do cárcere, fulminou-os, com o notavel artigo intitulado *A minha gloria*, onde se encontram os seguintes tópicos, que devem figurar nas páginas de uma anthologia política, para lição da posteridade: — «Em trajecto para a masmorra ia-me lembrando de Sócrates, que, como eu, educava a mocidade de Athenas no principio da democracia e na crença de Deus, e fôra, como recompensa dos serviços á patria, atirado em horrivel calabouço. Havia, no emtanto, uma differença: Sócrates tivera a seu lado alguns discípulos, e eu... a mim não me era reservada essa consolação.

«Os que eu aceitara gratuitamente durante vinte e nove annos de magisterio, que eu educara á minha custa, com o intuito de fazer ampla propaganda republicana, foram quiçá os primeiros e os mais exaltados em promover minha prisão. Podem tambem matar-me, os snr.^s Julio de Castilhos e Bernardo Vasques. Não os temo. Digo-o á face de Deus, á face de todos os brasileiros, perante a consciencia de todos os homens, no seio da humanidade. A nossa causa é a da liberdade e da demo-

cracia. Morrem homens, mas não se degollam idéas, nem se estrangulam os sentimentos que elles symbolisam.

E si eu tombar na luta, varado pelo punhal do sicario, ficai scientes de que minha vontade, que é uma força que não morrerá, ainda ha de transformar meu cadaver, no periodo de decomposição, em flores, para coroar vossa victoria!» Este enérgico artigo, firmado com o seu nome por extenso, na primeira columna da *Reforma* de 11 de Junho de 1892, da qual era elle então redactor ostensivo, foi datado da sua residencia, na célebre *Casa Branca* do Passo da Areia, antigo quartel-general da república de 1835, onde por tantos annos floresceu o *Instituto Brasileiro*, mas que naquelles pavorosos tempos era apenas a obscura e solitaria habitação do primeiro propagandista, no Rio Grande do Sul, desta república... e uma das suas primeiras victimas. *Accipias præstat quam inferas injuriam*, ou antes, como disse Florian, — *Il vaut encore mieux souffrir le mal que de le jaire*.

Deixou o meu mestre e amigo as seguintes obras: — *Historia da Revolução dos Farrapos* (4 volumes); *Bromelias*, poesias, com o pseudonymo de *Iriema* (1 vol.); *Paizagens*, contos gaúchos, com o mesmo pseudonymo (1 vol.); *O Creoulo do Pastoreio*, lenda gaúcha (1 vol.); *O Vaqueano*, romance gaúcho (1 vol.); *Sensitiva*, drama em 3 actos; *Os Filhos da Desgraça*, drama em 5 actos; *Ladrões da Honra*, drama em 5 actos (3 vols.); *Mulheres!* comedia em 1 acto; *Tobias*, comedia em 3 actos (3 vols.); mais um romance de costumes rio-grandenses intitulado *O Vaqueiro*, publicado na *Fevista do Parthenon*, o poemeto *América*, de que apenas conheço fragmentos e mais um livro de poesias — *Flores da Morte*.

Apollinario era alto, magro, moreno, de larga testa protuberante e enrugada desde a mocidade, bem cedo ampliada numa calva sem brilho, deixando cahir sobre as orelhas e a nuca uns finos cabellos pretos, que precocemente encaneceram, tornando-se completamente alvissimos aos quarenta annos. Bastava apparecer aquella figura sympáthica e insinuante, com um ar de modesta superioridade, para logo se impor ao respeito de todos. A sua bondade escondia-se nuns sorrisos irônicos, que

Ihe arregaçavam uma das estremidades do labio, e o seu olhar faiscava nas discussões. Era sinceramente bom. E justo. Durante a juventude e a virilidade, foi sempre sóbrio, comedido, recatado, nímiamente escrupuloso. Dizem-me que nos últimos annos, depois de tantas injustiças e perseguições, dera em beber, chegando a perder a compostura.

Acredito, porque são muitos a dizel-o. Quando publiquei este perfil, em 1911, nas columnas da *Imprensa* do Rio de Janeiro, recebi a seguinte carta de um dos seus filhos: — *Carta aberta a Mucio Teixeira*: — Muito saudar. — Estando o *Diario* desta capital transcrevendo d'*A Imprensa* dessa gloriosa metrópole excerpts de sua *autobiographia*, topo, no ponto referente aos tres irmãos Porto Alegre, com tão forte inverdade contra o meu finado pai, Apollinario Porto Alegre, que me não é possível deixar passar em silencio, sem fundo e justo rancor.

A infamia estupenda deve desaparecer, a bem da verdade. Parece incrível que se mostrando altamente entusiasta do character impolluto, da envergadura moral e do vasto saber de tão respeitavel varão, dê curso a uma boçal infamia que alguns adversarios políticos sem escrúpulos Ihe assacaram.

De rija têmpera e character indomavel, typo raro de energia, nada podendo dizer seus desaffectedos políticos, em desabono de tão temivel adversario, que não os poupava um momento, tão treda accusação Ihe levantaram que ninguem, entretanto, nunca acreditou aqui pelas paragens sulinas.

Filiado a um partido poderoso, hoje em completo esphacelo, pelo qual tudo sacrificou — bens, saude e tranquillidade — lutando pela realisacção da sua victoria com impavidez admiravel, bizarra galhardia, denodo sem par e pasmosa temeridade, não arreceio de affirmar, quasi até aos seus últimos dias de existencia modelar, soffreu de alguns dos seus inimigos políticos formidaveis accusações calumniosas e dos seus cobardes co-religionarios que tanto o açulavam á luta rubra, criminoso retrahimento, em grande medo cervical.

Foi um forte sem segundo. Sempre na brecha, em franca opposição ao governo, após a extincta revolução federalista, de regresso ao Rio Grande, que tanto

quiz, viu-se isolado, criticando sempre com a mesma coragem indômita e valentia leonina os actos governamentais, pela *Reforma*, especialmente.

Apenas Julio Magalhães, um arrojado gaúcho de poucas luzes, mas extremado gasparista, e Carlos Maximiliano, então redactor da *Reforma*, lhe deram algum descanço, frechando impiedosamente a situação republicana,

Sendo assim um dos poucos pundonorosos que se expunham á furia desabrida, infrene e insensata dos dominantes, em uma época ainda de acirrada luta partidaria em que a paixão, cegueira e ódio político, tudo escureciam, sendo o único nome de valor em foco, explica-se o facto de chover sobre elle as mais clamorosas injustiças infamantes, indo ecoar ao longe, pelo que parece, baixas e repulsivas vilanias.

E assim lutando, sem desacorçoamento nem vacillações, com invejavel desprendimento patriótico, morreu pobre, mas com dignidade e nobresa, sem nunca haver uma falha na sua vida, brilhante exemplo para quem quizer ser homem de bem, fulgurante padrão de gloria para a terra que lhe deu o berço.

E, com o seu desaparecimento da vida terrena, mortal golpe abalou o partido federalista, perdendo o seu maior intellectual, já fundamente combalido com a morte do seu chefe Gaspar Martins e dos caudilhos Gumerçindo Saraiva, Juca Tigre, Pinna e outros, acabando de desaparecer com o fallecimento do general Joca Tavares, a quem coube a honra de tomar, em momento difficil o bastão de mando, extinto o emérito tribuno.

Existe agora um agrupamento insignificante, sem valor, sem ideal, de ambições vulgares, que não sabe cultivar a memoria dos seus grandes, devorando-se em um lutar incessante, máxime em vésperas de eleições federaes, quando dão um alento de vida, visando a deputação como um supremo bem que todos almejam, ligando-se hoje a Fernando Abbott, velho inimigo, e já aceitando pramenteiramente á candidatura Menna Barreto.

Que respeito pode uma aggrémiação que não sabe prestar homenagens aos seus pro-homens mortos, deixando correr mundo inverdades ascorosas sobre o modo de proceder dos seus maiores, sem um protesto, sem um brado de indignação?! Nenhum.

Meu pai tinha um ideal. Por elle se bateu desde o verdor dos seus annos até a sua velhice honrada. Por elle morreu. Não ha homem de sã moral que conhecesse o meu genitor que assegure a nauseabunda mentira.

Alcides Maya que ahi se encontra, convivendo aqui com o fúlgido genio calumniado, que lhe diga algo sobre tão prestimosa existencia, que foi sempre uma esteira de luz, onde não se encontrava uma sombra, uma falta, siquer. Vivem ahi tambem muitos adversarios da aguia já sem vida.

Hoje que a procella política amainou, e em meio mais adiantado, si quizerem falar verdade, prestando um grande preito a ella, elles lhe dirão que aquellas aggressões ferinas não eram mais que uma arma de combate para aniquilar um encarniçado inimigo que só a morte poude vencer.

Do admirador e patricio agradecido: Porto Alegre, 29 de Novembro de 1911. — *Alvaro Porto Alegre*.

E' natural e louvavel o proceder deste digno filho de tão illustre pai. Pode-se mesmo, quanto á attitude que toma na defesa de uma causa sagrada, ser-lhe applicado o verso de Camões, dizendo «que de tal pai tal filho se esperava». Mas não retiro uma só das linhas que escrevi, porque, da idoneidade das pessoas consultadas nesse sentido (excepto Alcides Maya) foi unânime a declaração de que, infelizmente, Apollinario acabou os seus tristes dias da maneira lamentavel que descrevi: — *Amicus Plato, sed magis amica veritas*.

Acredito, por serem muitos a dizê-lo, até alguns que privaram na sua intimidade. (*) Mas ainda me parece impossivel! elle, tão digno, como sempre o conheci, com a mais nítida noção dos deveres moraes, que nunca arredara um pé do caminho da honra, traçando em luminosa esphera a linha recta da sua trajectoria pelo meio social; que a todos dava a lição e o exemplo; como foi que o

(*) Um distincto coronel de cavallaria, amigo e admirador de APOLLINARIO, contou-me que uma noite, já pela madrugada, vendo um homem a ser espancado por soldados de policia, na rua de Bragança esquina da rua Nova, reconheceu APOLLINARIO, que mal se podia manter nas pernas, de tão embriagado. O coronel prendeu os miseraveis soldados e conduziu o nosso amigo á sua casa, delle, Apollinario.

meu sabio mestre se desviou assim, já no fim da estrada da sua existencia?

Como deixou Apollinario Porto Alegre passar para o rol dos vencidos o seu nome estimavel e estimado, que figurou até então á vanguarda dos vencedores? Tanto pode a ingratição dos homens! Demais, a enfermidade e a pobreza completaram a obra da destruição, embaciando o brilho immorredouro de uma das mais rijas e límpidas pedras de toque do diadema da soberana do Guahyba, em cujo seio dorme o batalhador *á sombra dos louros* que colheu.

Eu tinha saudades delle. Senti não o encontrar em Porto Alegre, quando por lá errei a última vez. Indaguei do seu paradeiro, pedia noticias suas a todos que vinham do Rio da Prata. Mas, a ter de vel-o assim, não invejo os que o viram nos seus últimos tempos. Vi-o pela derradeira vez em 1882, quando lhe fui dar o abraço de despedida na *Casa Branca*, ainda o *Instituto Brasileiro*, cheio de vida e fulgor, que mais tarde fui ver no mais frio e apagado abandono. Prefiro, porém, que se tivessem prolongado as saudades que sempre tive delle, a quem amei e admirei com verdadeiro devotamento, a ter de encontrá-lo como costumavam andar o Fagundes Varella, o Bernardo Guimarães, e tantos outros poetas da escola byroniana.

Soffro quando ouço dizer que o meu grande amigo e mestre arrastou os seus últimos passos por um despenhadeiro de intolerancia, de abandono do seu glorioso passado e de indiferença pela sua propria gloria. E andar assim embriagado, nas horas mortas da noite, á fazer S S pelas ruas, cambaleando, cahindo, mal podendo erguer-se, até que algum conhecido o levasse á sua casa, «onde sobrava o genio e faltava o pão», como diz o poeta: como isto é horrivel!... E profanando a sua eloquencia, a conversar com individuos desclassificados, que naturalmente haviam de chamar-lhe por *tu*, já que bebiam juntos á mesa de uma tasca, esvasiando garrafas de *caninha de Santo Antonio*, a *Agua Milagrosa* de que tanto gostava o Julio de Castilhos, que tambem bebericava, desde manhã até a noite, no seu palacio do governo de Porto Alegre...

Para que vieram dizer-me tudo isso? Para que não me sáia mais da lembrança uma scena, que a cada instante a imaginação teima em pintar ao vivo na minha memoria, parecendo-me até vel-o e ouvil-o, a beber, a beber, cuspidando palavões contra os que o arrastaram até ali, provocando barulhos, dando murros na mesa, applaudido por um auditorio igual ao de Bocage nas tavernas alfacinhas; correndo risco de ser preso, arrastado ás delegacias, até que finalmente era levado em braços para casa, já quasi ao amanhecer, num estado de verdadeira animalidade inconsciente... E como terminou a tragedia? — indo morrer no cátre de um hospital, na Santa Casa de Misericordia!...

Foi melhor para mim não ter assistido a tão doloroso espectáculo. Mas a crueldade dos que vieram dizer-me estas coisas deixou-me tão atordoado, que preciso fazer um grande esforço de memoria para a recapitulação do nosso passado, em melhores tempos para ambos, quando ambos ainda tínhamos patria livre, de que podiamos ufanar-nos: e só assim posso reavivar a clara recordação do homem que vi de perto, no período áureo da sua vida, nobre, digno, altivo, meigo, bom, justo, respeitavel e respeitado.

Apollinario não foi, nem será nunca, um autor para mulheres, como Alfredo de Musset ou Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo ou o Visconde de Taunay. No entanto, ninguem lhes conhecia mais íntimamente a psychologia. Elle fez da Mulher um culto, sem indagar que alguém pudesse consideral-a como *o defeito bonito da natureza*. Também nunca se preocupou com o ser lido por ellas. Era um espirito eminentemente másculo, um talento de combatividade, apellando com rara energia para o que ha de superior no instincto do homem.

Nunca assignou seus livros com o nome proprio, servindo-se sempre do pseudonymo *Iriema*. Não discuto as vantagens ou desvantagens do pseudonymo, que no fim de contas sempre é um nome falso. Si é esse um meio do autor furtar-se aos merecidos louvores, esse mysterio não esconde a virtude da modestia, chegando apenas a mascaral-a no carnaval das vaidades humanas, resguardada inutilmente numa armadura que não evita

os golpes da crítica, parecendo-me preferível entrar na liça de viseira erguida e peito descoberto.

Ao silencioso recolhimento dos claustros, prefiro o tumultuoso vozear das praças e das assembléas onde se desenrolam as grandes batalhas dos pensamentos, dos principios e convicções. Essa apparente modestia lembra as virgens do romantismo, vestidas de branco, com uma fita e uma flor nas tranças, á beira de um lago em noite de luar, pisando de leve e suspirando saudosas á espera de Romeu, com ares de Julieta. Quero antes a mulher moderna, vestida pelo último figurino, passeando de automovel pelas avenidas e abrindo-nos os salões illuminados nos dias das recepções marcadas.

O *pseudonymo*, para mim, como o *anagramma*, tem sempre a sua origem num intuito particular, cujo fim não pode deixar de ter uma segunda intenção, incompatível com a modestia. O nome só é um estorvo quando se pretende ferir por traz da árvore, ou atirar a pedrada e esconder a mão. Mas o Apollinario só sabia atacar de frente, sem nunca descer a pequeninas vinganças. O mesmo fizeram outros grandes homens, desde Bacon, assignando-se Shakspeare, até Aurora Dupin, que se tornou célebre como Jorge Sand; sem esquecer Byron (Don Lupericio), Tirso de Molina (Fray Téllez) e as escriptoras Fernan Caballero e Carmen Dolores. O pseudonymo, assim, no caso de *Iriema*, é uma culpa que se desculpa, embora não tenha razão de ser.

Os versos, os dramas, os romances, as comédias e os contos de Apollinario, são apenas meros pretextos para vivas descrições naturalistas e determinados estados da alma. Ninguém delineou paizagens mais largas e palpitantes do nosso admiravel scenario pampeano. Ninguém tão pouco interpretou melhor os effeitos lógicos do íntimo contacto das raças ibéricas, africanas e selvícolas. As suas conclusões são golpes acerados e certos contra o dominio fatal, o absolutismo burocrático do portuguez, que tentou fazer do nosso indigena quasi um rafeiro do conquistador estúpido e ambicioso.

A sua inspiração de poeta é exótica; precisa, para viver, expandir-se e desatar-se em estrophes ou tropos, da amplitude arejada das savanas nataes, do sol abraçador dos trópicos, do retinir das cimitarras batendo no

aço dos sabres, do esvoaçar das plumagens multicores no coçar dos caciques, do tropel das calvalgatas pelas *cochilhas* á fóra, do farfalhar dos gequitibás e das gra-piapunhas, dos ninhos dos pássaros e dos antros das fe-ras, de serpentes e bromelias, e de lageados envoltos em veus de neblinas, onde a geada immobilisa o curso das aguas correntes, enquanto o *minuano* zune pelos rincões sacudindo o capacete verde dos alterosos coqueiros. A sua concisa e austera maneira de poetar era assim:

O GAÚCHO

Aqui sou rei. Si lanço a frente aos ceus,
Tenho por tecto o azul da soledade ;
Si a desco logo, vejo a immensidade,
O Pampa a desdobrar os escarcéus.

Aqui domino. O rancho de sapé,
Livre alcáçar, não traz grilhões de escravo ;
O peito aberto á luz não roja ignavo,
Passando o temporal me deixa em pé.

O tronco solitário mette dó !
Súplice se estortega na agonia !...
Mas eu, que odeio toda a tyrannia,
O affronto envolto em turbilhões de pó.

Aqui domino a érma solidão,
Tenho um throno, é o dorso do cavallo ;
Este ao longe me escuta, dès que falo,
E vem lampeiro na asa do tufão.

Meu companheiro és tu, ó meu corcel !
Se escutas o clarim, eis-te a meu lado ;
Aos ventos dizes tu, desassombrado :
— Párem ! que o deserto oiça o meu tropel !

Hupa ! brado, e ao estreitar-te o collo nu,
Já devoras, nitrindo, largo espaço !
Sob teus pés o chão se torna escasso...
— Bravo ! diz, quando passas, a nhandú.

E a nuvem branca a esvoejar taful :
— Cavalleiro, eia ! vamos á batalha !
Servir-te-ei, si tombares, de mortalha,
Terás a tumba no infinito azul.

Beija-me os pés o immenso capinzal,
Estremece de júbilo guerreiro :
— Filho, vai na garupa do pampeiro
Colher na pugna a palma triumphal !

Volto, já decorridos muitos sóes...
 Que alegria saúda-me a passagem!
 Que cantos, que cortejo, que homenagem!
 A savana dispensa aos seus heróis!

Aqui domino. A liberdade é Deus,
 Altares — o desfraldo da campina,
 É' lampadario — o sol que além se inclina,
 Brandões — os astros em fulgentes véus.

Jamais tremi!... Quem ódio vota aos reis,
 E á algema que o captivo traz ao pulso,
 Pode exclamar com orgulhoso impulso:
 — Sou livre; oiço a razão que me dá leis.

Sou livre! E quando o digo, sou cruel!
 Firmo o olhar, que longe, longe avança...
 Uma das mãos affaga o hastil da lança,
 A outra anedía as elinas do corcel!

Sini, pela liberdade abraço a cruz,
 Baquearei por ella, inerte, exangue;
 E a gota derradeira de meu sangue
 A' noite ha de fulgir — fanal de luz.

E, quando um dia a morte restrugir:
 — Pára, campeador, de lutas basta!
 — Lutemos, bradarei, que não se affasta
 Quem te afronta, e jamais soube fugir!

Serei vencido, é certo, após lutar!
 Não da terra, ao brandir de estranho gladio;
 Quedarei na cochilha, immenso estádio,
 Meu berço, minha pátria, meu altar!

E ao cahir do gaúcho — o funeral!
 O sol a revestir sanguineo manto,
 A natureza sem o seu encanto,
 A borrasca que estende o seu brial!

Ao principio — silencio... negro horror!
 Espasma a vida em roupas mortuarias...
 E depois? Galopadas funerarias!
 O pampeiro de indômito furor!...

O condor abateu! por terra jaz!
 O lençol da savana é seu sudario.
 Cada hervinha lamenta-lhe o fadario,
 Silentes prantos rolam, reina a paz...

Bolas e laço e o pingo sem rival,
 Companheiros fieis, fieis lhe foram;
 Juntos dormem... Do sol os raios douram
 O Pampa immenso da mansão final.

CARLOS FERREIRA

CARLOS AUGUSTO FERREIRA nasceu em Porto Alegre a 24 de Outubro de 1844 e falleceu no Rio de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1913, poucos dias depois de ter chegado do Amparo, cidade de S. Paulo, onde dirigia um collegio de instrucção secundaria.

Quando o Imperador D. Pedro II esteve em Porto Alegre, em 1865, de passagem para a guerra do Paraguay, Carlos Ferreira escreveu uma patriótica poesia consagrada ao nosso sabio monarca, que foi magistralmente recitada, na presença de Sua Magestade, pelo distincto actor porto-alegrense Sousa Motta.

O nosso Mecenas quiz conhecer o poeta, e ao saber que era elle um modesto official de ourives, mandou chamal-o á sua presença e offereceu-lhe, do seu bolsinho particular, os meios de poder transportar-se para S. Paulo, onde lhe estabeleceu uma mesada para que pudesse completar os estudos preparatorios e matricular-se na Academia de Direito.

Carlos Ferreira, porém, preferiu dedicar-se inteiramente á imprensa, entrando logo de chegada para a redacção do *Correio Paulistano*, de onde passou para a côrte, em 1871, ahi se conservando dois annos, na redacção do *Correio do Brasil*, de onde seguiu de novo para S. Paulo, fundando na capital industrial dessa provincia a *Gazeta de Campinas*, onde Campos Salles fez a sua campanha republicana.

Cumpre observar que Carlos Ferreira, assim que se viu convenientemente collocado na imprensa, escreveu ao mordomo imperial, Barão Nogueira da Gama, pedindo-lhe que fizesse chegar ás mãos do seu magnánimo protector a carta em que agradecia o auxilio prestado até então, não se julgando no caso de continuar a receber a mesada, que pontualmente lhe era entregue, desde que resolvera não se matricular, disposto, como estava, a viver exclusivamente da sua penna.

Quando o seu companheiro de redacção foi nomeado ministro do Governo Provisorio, um dos seus primeiros actos foi dar um logar vitalicio a Carlos Ferreira, que

passou a dirigir um dos mais importantes cartorios de Campinas; e ao ser esse seu amigo eleito presidente do Estado de S. Paulo, o nosso poeta assumiu a redacção do *Correio Paulistano*, sendo o seu nome incluído na chapa de candidatos a uma cadeira na Assembléa Estadual.

Havendo necessidade de modificar-se a chapa official, á última hora, Campos Salles riscou o nome do seu amigo, sem consultal-o. Carlos Ferreira sentiu-se melindrado, ao ponto de, não só deixar o seu posto no jornal do partido, como também abandonar o cartorio, que lhe garantia desembaraçados meios de vida.

Reabriu, então, o seu collegio na mesma cidade, de onde mais tarde o transferiu para a cidade do Amparo, ahi vivendo durante os últimos annos. Adoeceu, em 1900, com uma polynevrites, que o martyrisava, devido ás dores fulgurantes symptomáticas da tabes dorsalis, nunca mais recuperando a saúde, manifestando-se finalmente a hemiplegia, que até o impossibilitava de levar o alimento á bôca por suas proprias mãos, sacudido constantemente por um convulsivo tremor, que muito me penalizou, quando o fui visitar, em 1904.

Os seus padecimentos physicos aggravaram-se ainda mais, com o precoce fallecimento de uma estremecida filha, que elle chamava de sua secretária, pois copiavalle os versos e o acompanhava carinhosa, como Débora a Milton. Foi tamanha a dor do pai, que pouco sobreviveu á sua joven filha.

Carlos Ferreira sahio de Porto Alegre antes da fundação do Parthenon Literario, que o nomeou seu membro correspondente; mas, em compensação, chegou a S. Paulo no momento em que ali se destacavam Castro Alves, Fagundes Varella e Ramos da Costa, o mallogrado poeta das *Scintillações*; no jornalismo, Joaquim Nabuco e Oliveira Bello na tribuna, levantando todos o alto vôo que se estendeu por todos os horisontes da patria.

O primeiro livro de Carlos Ferreira, intitulado *Cânticos Juvenis*, foi publicado em Porto Alegre, em 1867, quando contava o poeta precisamente 20 annos de idade. O segundo, já publicado em S. Paulo, em 1868, intitula-se *Rosas loucas*, e encerra as suas melhores poesias. O terceiro, publicado no Rio de Janeiro, em 1870, intitula-se *Alcyones* e ainda encerra bellos versos, satura-

dos uns de suave lyrismo, vibrantes os outros de rasgos a Castro Alves.

Em 1881, já residindo em Campinas, publicou o seu quarto volume de poesias, intitulado *Redivivas*, onde ha mais arte do que espontaneidade, o que tambem se observa no seu quinto e último livro de versos, que denominou *Plumas ao vento*, onde ha um notavel poemeto ao Imperador deposto e banido.

As suas obras em prosa são: — *Arnaldo*, drama em 3 actos (1865); *Lucia*, drama em 4 actos, (1868); *Magdalena*, drama em 2 actos (1868); *Mártires do coração*, drama em 5 actos (1869), todos de collaboração com o nosso conterraneo Felisardo Junior, estudante em S. Paulo. — *A Calumnia*, drama em 5 actos (1871); *Os pequenos e os grandes*, drama em 5 actos (1872); *O Marido da Douda*, drama em 4 actos (1874); *A Esposa*, drama em 3 actos (1880); *O peccado de Juventina*, comedia em 3 actos (1884); e *A primeira culpa*, drama em 3 actos (1885); *Pedra de toque*, comedia (1889); *A Condessa*, comedia (1905).

Publicou ainda uma interessante collecção de contos, intitulada *Historias cambiantes* (1872), e o romance *A primeira culpa*, de que extrahiu o drama do mesmo titulo.

Deixou em condições de ser dado ao prelo um livro de critica literaria, onde reuniu muitos dos seus folhetins publicados no Rio e em S. Paulo.

Num desses folhetins, Carlos Ferreira apresentou-me ao público da côrte do Imperio, quando eu ainda me achava em Porto Alegre; fez isso, como elle proprio o diz, a pedido da illustre poetisa dos *Crepúsculos*, Amalia Figueirôa, a quem allude neste tópicó: — «Do Rio Grande do Sul voz amiga chama a minha attenção para uma criança de notabilissimo talento, que acaba de dar a lume as suas primeiras producções poéticas.

Chama-se Mucio Scévola Lopes Teixeira, é filho de uma das mais importantes familias de Porto Alegre, e irá muito longe, si o animarem com verdadeiro interesse. São lindissimas as suas primeiras poesias; Mucio é uma pequena ave que começa a ensaiar o vôo aos primeiros symptomas da primavera. Os jornaes do Sul, dando ao público os primeiros cantos do poeta nascente,

annunciam com afã um talento de primeira classe, e parecem querer adivinhar o futuro».

Carlos Ferreira não se contentou com isto; levou mais longe a sua generosidade para commigo: recommendou-me ao seu amigo Fagundes Varella, o grande poeta das *Vozes da América* e de tantos outros livros admiráveis, que também me dispensou os mais entusiásticos applausos, aconselhando-me que me aperfeiçoasse cada vez mais, terminando assim: — «Componha novas obras, e, ou em nossa terra se abafa o talento, ou terá uma bella reputação». (*)

Assim que cheguei á côrte, em 1877, como Carlos Ferreira já tivesse regressado a S. Paulo, tomei passagem para essa provincia e fui até Campinas, para conhecê-lo e agradecer-lhe o que fizera por mim. Voltei seu íntimo amigo, estimando-o como a um irmão mais velho. Em 1882, quando publiquei o volume dos *Prismas e Vibrações*, recebi d'elle nova demonstracção de fraternal affecto, escrevendo elle um novo folhetim, intitulado com o meu nome, onde diz isto:

«Para dar uma idéa do valor real dos *Prismas e Vibrações*, já transcrevemos ha dias uma das suas magnificas poesias — *A Ironia da Estatua*, e agora transcrevemos outra, ao acaso... Mucio nasceu poeta; e creio que, dos de fina raça, elle é por ventura o mais fecundo. Com certesa ha nessa natureza privilegiada a nevrose do genio, uma doença lamentavel si o quizerem, mas indubitavelmente um phenômeno sublime, cuja soluçao é uma só: — o clarão da immortalidade!»

Para que se não diga que estou pagando apenas dívidas do coração, antes de externar o meu juizo sincero sobre este inspirado poeta, transcreverei o que d'elle disseram vozes da maior competencia e reconhecida imparcialidade, como os poetas das *Estrellas Errantes* e do *Eterno Feminino*.

Diz Fernandes Costa: — «Nos versos deste poeta brasileiro (Carlos Ferreira) ha inspiração, ha verdade e ha a expressao de crenças sinceras na virtude, no amor, na honestidade e no bem. Com estes predicados não pode

(*) *Poesias de Mucio Teixeira*, tomo I da edição feita em Paris pela casa Garnier, em 1903.

deixar de haver poesia, verdadeira poesia, poesia de commoções sympathicas e de consolações santas».

Diz Quirino dos Santos: — «Que é Carlos Ferreira, afinal de contas: um romântico, realista ou naturalista? Tudo isso e nada disso: o que elle é — é um poeta. Dentre os reflexos vagos e scintillantes da fantasia, as imagens saem-lhe já da mente com os contornos, com as fórmulas características e palpaveis, impregnadas de um colorido vivo e fiel».

Posso agora falar desembaraçadamente. Já não trato simplesmente de um dos meus melhores amigos; misturo a minha voz ao côro de merecidos louvores, entoado dentro e fóra da patria, no concerto da sua apothese. Para mim, Carlos Ferreira é um dos mais inspirados poetas do Brasil; e do Rio Grande do Sul, incontestavelmente é o primeiro, além de ser tambem um critico notavel, espirituoso folhetinista e comediographo, romancista e dramaturgo.

Na poesia lyrica, acompanhando de perto os nossos mais enamorados sonhadores, desde Casimiro de Abreu até Fagundes Varella, a sua inspiração é de uns brilhos radiosos, como se vê na seguinte estrophe:

Quando o teu vulto, onde o meu ceu se encerra,
 Passou, envolto em vaporoso veu,
 Num mar de flores se inundou a terra...
 Chuva de estrellas rebentou do ceu!

Quando a mocidade acadêmica de S. Paulo realisou uma sessão fúnebre por occasião da morte de Castro Alves, entre os brilhantes poetas e oradores que mais se destacaram, nenhum impressionou mais vivamente o auditorio do que Carlos Ferreira, que apontou para o retrato do poeta, que contrastava com a negrura do crepe que envolvia a moldura, em todo o seu esplendor de mocidade! e disse:

Quando elle entrou nos pórticos celestes,
 Fronte incendiada, fulgurantes vestes,
 Soberbo, audaz condor!
 O Anjo da Gloria ergueu-se ante a conquista,
 Mas... levou, perturbado, a mão á vista,
 Batida de fulgor!

O *Baile das Mumias*, que de todas as suas poesias é a que alcançou maior popularidade, sendo recitada em theatros e salões durante uns vinte annos, tem estrophes como esta:

Silencio... o baile dos mortos
 Vai agora começar:
 Das tumbas surgem gigantes,
 Para o tremendo valsar...
 Já soberbos se agitaram
 Genios, que outr'ora habitaram
 Neste mundo, como nós:
 Por seus cabellos poentos
 Os vermes passeiam lentos,
 Requiringo adorno atróz!

Na poesia épica, em que tanto se distinguiram Pedro Luis, Castro Alves, Tobias Barreto e bem poucos mais, nenhum subiu mais alto do que Carlos Ferreira, quando pergunta a Carlos Gomes, que, ainda empunhando a batuta, acabava de reger a orchestra que executara a sua ópera *O Guarany*:

Quem és tu, que vens, perdido,
 Condor tombado dos mundos,
 Soprar no peito da turba
 Da febre os sonhos profundos?
 Quem és fantasma da gloria,
 Tu, que enches toda uma historia
 Só com teu nome... quem és?
 Rei, tens um throno — o dos Andes,
 Na fronte — a auréola dos grandes,
 E a eternidade — a teus pés!

Basta. Para fechar com verdadeira chave de oiro a porta por onde Carlos Ferreira passou da vida objectiva para a clara esphera da sua perduravel existencia subjectiva, e mesmo para que se veja como era funda a dor daquella alma paterna, desde que a filha amada desceu á sepultura no verdor das suas 18 primaveras virginaes e lindas, darei agora alguns tercetos da sua pungente elegia intitulada

LYRA QUEBRADA

Bem vês, eu vou calado o Gólgotha subindo...
Repara: volta o rosto aos ouropeis mundanos,
E sei sorrir, chorando... e sei chorar, sorrindo!

Dizem que sou feliz, que vivo entre os enganos
Dos loiros ideaes... E' tudo falso, amigo,
O que eu faço é esconder-me aos olhos dos profancos;

E' procurar a sombra, a paz e um doce abrigo,
Onde possa deixar meu pensamento errante,
De saudade em saudade, a suspirar commigo.

Em cada agreste flor tem elle a sua amante,
Em cada ave que canta encontra elle harmonias,
Em cada estrella adora um anjo fluctuante...

Mas já não vive mas de falsas alegrias,
Nem procura encontrar, na noite da orfandade,
O scintillante sol dos já passados dias.

E vive... não! e morre. E em tanta soledade
Si alguma voz amiga o chama do infinito,
Curva-se agradecido ás vozes da amisade.

Ah! porque queres tu ouvir o acerbo grito
De um coração quebrado? Alvoradas tão bellas,
Ennublal-as? eu não... fôra cruel delicto.

Pede um harpejo alegre á harpa das procellas,
Pede ás tumbas o amor de quem já não existe...
E pede gelo ao sol, e trevas ás estrellas...

Mas não procures ver em que é que inda consiste
A lyra, que adorei! finou-se de cansaços...
Imagina que um dia, estando eu muito triste,
Peguei na pobre lyra e fil-a em mil pedaços.

AFFONSO MARQUES

AFFONSO LUIS MARQUES nasceu em Porto Alegre a 19 de Setembro de 1847 e falleceu na mesma cidade a 10 de Agosto de 1872. Fez o curso de humanidades no antigo Lyceu dessa capital, completando os estudos com o erudito padre Santa Bárbara, que era um dos luminares

do clero rio-grandense, o qual suggestionou por tal fórma o espírito infantil deste discípulo, que, por muito tempo, esteve o pobre rapaz no firme propósito de seguir a carreira ecclesiástica, o que fatalmente lhe traria immediato arrependimento, attenta a sua nímia sensualidade.

Empolgado por aquelle forte espírito, que pelo temperamento e a idade via as coisas mundanas por um aspecto muito differente; o meu companheiro e amigo como que se illudia a si proprio, considerando-se um fervoroso crente no seu mysticismo ideal. O Apollinario e o Hilarinho (Hilario Ribeiro) lutaram tenazmente com o novo Junqueira Freire, até que finalmente conseguiram demovel-o do firme propósito em que permanecia. Mas, em verdade, o que mais concorreu para que não desse costas á arena secular, foi o poder occulto de uma varinha de condão disfarçada no *abanico* de linda morena cisplatina.

Orador notabilissimo, como não vi outro tão imaginoso e torrencial, Affonso Marques deixava a perder de vista o nosso brilhante companheiro Oliveira Bello, considerado o mais eloquente da sua geração académica, em S. Paulo. Cooperavam poderosamente para os triumphos tribunicios de Affonso Marques, a altivez do porte, a belleza physica, uma singular maneira de olhar e sorrir, e mais que tudo o seu ar sympáthico de suggestiva e empolgante attracção.

Era finamente insinuante. Alto, de hombros largos e peito marcial; claro, mas desse claro amorenado e pálido dos typos romantizados pelos poetas; de graciosa e dominadora robustez; a testa larga, a cabelleira longa e encaracollada de fios negros e finos; o olhar húmido e brilhante; as sobrancelhas levemente arqueadas; o bigode nascente, mal descobrindo o labio polposo e vermelho; as narinas frementes; o queixo anguloso para diante, denotando coragem, energia, força de vontade; e uns dentes alvos e iguaes, como si fosse o teclado de um órgão de harmonias divinas.

Usava o collete afogado, de largo trespasse, á moda de Castro Alves, não prendendo o relógio a correntes modernas, de oiro scintillante, mas a um extenso cordão, como o que suspende o *pince-nez*, dos cabellos de sua estremecida mão, artisticamente entrançados á maneira antiga, suspenso do pescoço como os collares femininos,

e mettido numa das casas do collete, de onde sahia em linha transversal decrescente até o bolso esquerdo. Vestia-se á inglesa, roupas claras e largas, mas só apparecendo na tribuna todos de preto, dominando logo o auditorio com a sonoridade das phrases que rebentavam em flor numa catadupa de idéas engalanadas com á pompa de um estylo altivolante.

Affonso Marques era professor de geographia e historia da Escola Normal, no curso feminino, quando a morte nos feriu a todos no coração, arrebatando-o quasi repentinamente á admiração de suas alumnas, ao entusiasmo dos companheiros e aos extremos maternas, pois era o filho único e sustentava a casa. Os seus versos só foram publicados depois que morreu. Sentia-se mais á vontade na tribuna das conferencias, do que nos seus passeios ao Parnaso. Mas o pouco que deixou era de primeira agua.

Aquella inesperada morte muito me penalizou. Foi tal o abalo, que adoeci, de tão impressionado e nervoso que fiquei. Fiz-lhe uns versos, que foram publicados no número especial da *Revista do Parthenon* consagrado á sua memoria. Dava pena ver o dr. Caldre e Fião, seu médico assistente, chorando como uma criança, desde que viu a impotencia da medicina, e a áncia com que aquella vida lutava com a morte. O Apollinario parecia um louco, a andar de um para outro lado, falando sosinho, soluçando. Sua mãe... é innenarravel o seu soffrimento! O que mais o prendia á vida, não era talvez a confiança que depositava no futuro, nem a ambição de conquistar um nome glorioso, era deixar a sua pobre mãe, de quem era o amparo e a alegria, e a linda noiva, a quem dias antes tinha feito uns versos onde dizia:

Amanhã... gélida a fronte
Das lutas na desventura,
Quem sabe na sepultura
Não sonharei mais em vão?
Tive o fadario afanoso
De sentir no peito a creença
Ingente, febril, immensa...
E amar-te na solidão!

Mas hoje, que o seio pulsa
 É a mocidade palpita,
 Como a lava que crepita
 Na cratera do vulcão,
 Não posso, não, esquecer-te:
 Hei de na sombra adorar-te,
 Nas minhas noites sonhar-te...
 E amar-te na solidão!

Affonso Marques era alegre no grupo dos amigos e encantador na intimidade das mulheres, que não se continham desde que o viam, chegando algumas a requestal-o... As moças da nossa melhor sociedade corriam á janella para vel-o passar na rua. Sabiam a hora das suas lições na Escola Normal, esperavam-no, tanto na ida como na volta. Eram ellas as primeiras a bater palmas assim que elle apparecia na tribuna do Parthenon. E elle bem merecia tudo aquillo, porque era bom, meigo, carinhoso, digno, verdadeiramente superior.

Gostava de dizer pilherias, no nosso meio, em casa do Apollinario, onde nos encontrávamos todos os dias em horas determinadas. Quando publiquei a minha *Canção do Exilio*, sem nunca ter sahido da patria, perguntou-me o Hilario Ribeiro si eu a escrevera em S. Leopoldo... colonia allemã elevada á categoria de cidade; ao que o Affonso retorquiu: — «Não respondas, Mucio; quem não vê logo que é a nostalgia... dos collegios femininos, onde aprendeste a conjugar o verbo amar?»

Como tivesse sahido do Seminario muito cheio de latim, contava-nos anedotas na lingua de Cicero, fazendo discursos bestialógicos num estylo macarrônico, como esta paródia do principio da *Eneida* de Virgilio: (*) *Ille ego*, aquella égua, *quí condam*, que era do conde, *gracili*, quasi de graça, *modulatus*, o cachorro do mulato, *avenâ*, a vendeu, *Carmen*, no Carmo, *et aggressus silvis*, e ao egregio Silva, *vicina coegi*, visinho do Coelho, *ut quam vis*, a quem viu, *avido pararent*, pararem as aves, *arvâ colono*, na árvore do colono, *gratum ópus*, agarrou na

(*) *Ille ego qui quondam gracili modulatus avenâ
 Carmen, et egressus silvis vicina coegi
 Ut quam vis avido pararent arva colono
 Gratum opus agricolis at nunc horrentia Martis...*

opa, *agricolis*, do sr. Agrícola, *at nunc*, e a poz na nuca, *horrentia Martis*, de um horrendo macho... etc.

Antes eu não fosse vel-o naquella tremenda agonia, que se me gravou na memoria desde esse dia chuvoso de um triste fim de inverno, em que o proprio ceu parecia chorar, enquanto o *minuano* uivava como um cão, talvez querendo varrer dali a morte, que teimava em levar consigo uma das mais bellas esperanças da patria! Elle tinha estado commigo, tres dias antes, em casa de Apollinario. O seu rosto naquella tarde estava ligeiramente inflammado, em consequencia de ter espremido uma espinha, poucas horas antes, levando a mão á face muitas vezes durante a nossa palestra, tentando atenuar a dor pela compressão dos dedos.

Aconselhámo-lo a consultar o médico, quanto antes, que o caso não era para despressar, mas nem por sonho nos passou pela mente a gravidade da moléstia. Sahi, mas não foi ao médico nem se recolheu á casa; foi ver a noiva, que morava pouco adiante, demorando lá até quasi as onze horas da noite. Já então estava febril, mas não fez caso. No dia seguinte, ao amanhecer, o seu estado era tal que foi preciso chamar-se o médico; ardia numa febre de 39 graus, quando chegou o dr. Caldre e Fião, que foi logo receitando, mas já com poucas esperanças. O caso era gravíssimo, a gangrena já lhe rouxeava o ponto intumescido.

A noticia correu por toda a cidade. Os amigos foram apparecendo, a cada momento, ficando os mais íntimos para *fazer o quarto*, todos attônitos e apavorados. Elle percebeu que ia morrer... e queria viver! Tinha delirios estupendos, com intermitencias de lucidez, mas tanto nas horas de desvario como nos instantes em que recuperava a razão, a idéa da morte permanecia implacavel. Elle dizia vel-a, de pé, ora á sua cabeceira, ora na extremidade do quarto, a rir-lhe pela caveira, estendendo-lhe os braços descarnados, que cresciam até tocar-lhe no corpo em labaredas, travando-se então uma luta encarniçada, braço a braço, peito a peito, em que um gigante de armadura de ferro esmagava uma criança nua...

E gritava: — Salvem-me! Acudam-me, que estão me estrangulando! Quando passava a crise do delirio, antes de cahir em estado comatoso, pedia ao médico que ti-

vesse pena delle, — «Salve-me, meu amigo! empregue todos os recursos da sua sciencia!» —

O Parthenon Literario deliberou unanimemente conservar coberta de crepe a cadeira de Affonso Marques, que era o seu primeiro orador, nunca mais se prehenchendo a vaga, ou para melhor dizer, havendo de então por diante só o segundo e o terceiro oradores. Realisou no trigésimo dia do passamento uma memoravel sessão fúnebre em homenagem a tão gloriosa memoria, sendo distribuido o número especial da *Revista* com o seu retrato e biographia precedendo uma brilhante polyanthéa, além da publicação de duas poesias delle.

Então publiquei os meus versos á sua memoria. Vasco de Araujo escreveu: — «Teve logar a sessão fúnebre. A sala estava coberta de luto, velava a extensa bibliotheca uma longa cortina de crepe e apenas um ponto branco se destacava na parede do fundo — era o retrato de Affonso Marques, moldurado de saudades e perpétuas. Lúgubre era o momento; os olhos encontravam-se como que se interrogando e iam cravar-se na cadeira enlutada delle... E' que ali havia um logar de difficil prehenchimento; é que a saudade nos pallidcia a fronte, e não mais reboava ali a sua voz»...

Disse Hilario Ribeiro: — «Pranteemos a sua morte prematura, porque não perdemos só um amigo, perdeu o paiz um vulto talhado para os mais gloriosos e arrojados commettimentos do espirito humano! Era na tribuna que mais se manifestava a sua imaginação opulenta: tinha momentos admiraveis, assombrosos! momentos em que a phrase vehemente tocava as eminencias do sublime!... O' Deus de misericordia, porque não sofreaste o corcel medonho da morte, si na carreira destinada ia esmagar uma cabeça que valia um resplendor?»

Não admira que a sensibilidade feminina ali se desatasse em lágrimas, quando até os homens choravam, O Apollinario, com os olhos húmidos, engulia os sóluços, O Bernardino dos Santos repetia esta banalidade: «ainda me parece um sonho»... O dr. Caldre e Fião, ao abraçar-me, maldizia a hora em que se lembrou de ser médico, perdendo o tempo em estudar uma sciencia, que é mais arte de matar do que de curar, pois a sciencia que tem regras geraes para casos particulares, ha de falhar a

cada momento, vencida pela hereditariedade e as idiosincrasias pessoaes. E accrescentava: — «Esta morte parece-me a fatalidade ao serviço de uma intervenção sãtânica; sim, foi o golpe assestado por um sêr invisivel, o resultado da vingança dos deuses, para que rondem os nossos lares a desolção e o terror. De que serve a mocidade, si nem ao menos Ihe assiste o direito de viver um pouco mais?».

E eu, que começava a ler Pythágoras, respondi-lhe que sim; quem não sabia que os demonios andam dia e noite espalhados na atmosphera?... Desde os philosophos gregos até Bouchout, cada homem tem o seu demonio particular, personificando-lhe a individualidade moral; e quando o demonio fica enfurecido, atira-nos então no abysmo da loucura ou no fundo da cova. (Admitti por muito tempo a concepção demoníaca, que só mais tarde troquei pela das leis atávicas ou idiosincrasias pessoaes). Só assim se explicam as morbosidades e mortes prematuras, de que o nosso amigo parecia um caso typico, tanto nas impressões passionaes como na tendencia mystica, em que me parecia ver o hysterismo de *Hamlet*.

Pode-se-lhe applicar o que disse Rozendo Muniz diante do cadaver de Castro Alves: — «Que de noites perdidas em mystico scismar! que de estrophes brotadas em lágrimas! que de alegrias suffocadas pela só recordação da miseria do próximo! Naquella imaginação juvenil, que lembrava os arrojios do Prometheu do poeta de *D. Juan*, havia um labyrintho de inspirações, um oceano revoltado de idéas, um Vesuvio de amores! Si fosse dado a alguém penetrar os arcanos das evoluções do espirito humano, poder-se-ia ver dentro daquella cabeça — no mesmo pensamento — um *eu* contrariando outro eu, a soberania do poeta resistindo aos caprichos do homem!

Luta gigantesca assim travada num cérebro ainda hontem de criança!... tanto ardor para tão acanhado âmbito! como não sentir vencida a materia? O moço vate bem quizera ser como a sarça do Horeb. Mas Jehovah, por cada chispa que se escapava daquelle estro precoce, diminuia-lhe um dia de existencia na terra. Cumpriu-se a vontade divina, porém fica entre nós, que nos debatemos á mingua de saber, o rasto luminoso de mais um genio subtrahido ás esperanças do Brasil, Como Al-

vares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire...

Não ha duvidar que nesta proficua e sublime transformação da materia, que os inconsiderados appellidam morte ou aniquilamento, vai a incomparavel conveniencia da liberdade aos remigios d'alma para a mansão dos justos. Não ha duvidar que este valle de lágrimas, com todas as suas pretenciosas grandesas, com todas as suas contrastadas paixões, com todos os seus radicados orgulhos e com todas as suas enormes e hediondas misérias, não passa de uma estação transitoria para os espíritos que vôam, embebidos e esbraseados na profunda crença da immortalidade.

Sobre o túmulo do poeta, sobre o túmulo que vale um monumento erguido entre o finito e o infinito, saúdo o esplendoroso passamento desse vulcão intellectual, cujos últimos lampejos na terra serviram de illuminar descrentes, nutrir estoicos, e embevecer até as insensibilidades marmóreas dos *Lovelaces* e das *Dalilas*. A alma é luz; o corpo é lâmpada. Nas incessantes lucubrações do espírito, nesse irresistivel afã de saber, sempre que estalar a materia por incapaz de conter tanto fogo, o mineiro da intelligencia não lastima o socio que se foi, antes admira o prodigio da claridade que sobrevive aos destroços da lâmpada».

Affonso Marques, de natureza ardente e nimiamente vibrante, desde que despertasse do seu sonho de mystico e abrisse os olhos ás seducções do mundo, preso pelo voto de castidade ao cumprimento de um dever que ia d'encontro ás tendencias da sua pujante virilidade, comprehenderia então o erro dos legisladores que impozeram o celibato ao clero, revoltando-se, na explosão de uma sagrada indignação, ou cahiria num desalento tão fundo como o que apressou a morte do poeta das *Inspirações do Claustro* e das *Contradições Poéticas*.

E' um ponto este muito delicado para ser tratado aqui a vol d'oiseau. A anályse, porém, impõe-se, num caso destes. As correntes evolutivas ensinam que nos move-mos dentro de círculos cada vez mais dilatados, sob pena de sermos víctimas da atrophia da immobilidade. A lei de progresso é uma verdade, por conseguinte não podemos deixar de seguir de perto a marcha do nosso tempo. Passou de vez a época das congregações mys-

ticas e dos cylicos da carne. O homem moderno está saturado de principios novos. E mesmo na antiguidade já os pensadores theóosophos comparavam o corpo ao cavallo e a alma ao cavalleiro, devendo este trazer aquelle nutrido e satisfeito, para pôder galopar!

A theologia deve ceder o passo ás sciencias experimentaes, desde que estas se inspirem na moral christã e se firmem no louvavel intuito de uma redemptora missão. Devemos admirar as virtudes excessas, mas sem desconhecer os impulsos pathológicos, afim de se conseguir fazer o diagnóstico differencial que nos permita incluir num quadro clínico todo aquelle que, consciente ou inconsciente, corresponde ao grupo das modalidades funcionaes perturbadas. Si até o desequilibrio, a alteração da personalidade e o hysterismo já foram elevados ás culminancias do canonisado!... *Abyssus abyssum invocat.*

XXII

LUCIANA DE ABREU

LUCIANA TEIXEIRA DE ABREU nasceu em Porto Alegre a 11 de Julho de 1847 e falleceu na mesma cidade a 16 de Junho de 1880, contando apenas 33 annos de idade. Esta joven matrona rio-grandense teve a gloria de ser a primeira mulher no Brasil que subiu á tribuna das conferencias públicas, para falar de assumptos sociaes. Era casada, com um funcionario da Câmara Municipal, e professora de primeiras letras, proprietaria e directora de um conceituado collegio de meninas, onde se educavam as filhas das principaes familias da capital da nossa provincia.

Frequentei assiduamente a sua casa, posso dizer que esta distincta senhora se fazia admirar pelo espirito e pelo coração. Lembra-me, como si fosse hontem, o ardor com que a mocidade do Parthenon a applaudiu assim que ella, radiante de formosura e mocidade, como Hypatia outr'ora, apparecia no alto da tribuna, que se transfigurava num altar, sempre que a sua imagem nella se ostentava. O mais notavel é que não discutia os in-

teresses do seu sexo, convencida do grande alcance moral que ha no axioma chinez que diz — *a mulher deve estar dentro do lar como o coração dentro do peito*. Era a sacerdotisa de uma causa sagrada: batia-se pela abolição do captivo no Brasil, essa mancha que tinha de desaparecer graças a uma outra mulher — a gloriosa e digna Filha de D. Pedro II, Isabel — a Redemptora.

Luciana de Abreu estava reunindo em um precioso volume as suas interessantes conferencias, que deviam ser dadas á imprensa com o titulo de *Prelecções*, quando quasi repentinamente a morte a arrebatou á familia, a sociedade e á patria, que perderam tão cedo uma das mais bellas figuras da sua galeria de mulheres illustres. Penso como aquelle revolucionario francez que disse da mulher: — Pois si ella pode subir connosco ao cadafalso, porque não ha de subir á tribuna dos parlamentos? — Si pode dirigir uma nação, porque não poderá dirigir uma propaganda humanitaria, como a do abolicionismo?

A sua vida não se limitava aos deveres de simples dona de casa. As aulas tomavam-lhe quasi todo o dia. Na penosa tarefa de educar meninas e raparigas já quasi casadeiras, atordoada pelo constante zumbir daquellas abelhas que na colméa das aulas iam fábri-car o mel da intelligencia, nem sei como ainda podia escrever os bellos artigos que fazia imprimir nos jornaes e as conferencias que lhe deram renome. E assim occupada, no desempenho de tão nobre missão, deixava ás outras a ingloria e mallograda tentativa de organizar esses congressos feministas em que tanto se destacam as mulheres inglesas, norte-americanas e francesas, como Maria Desmeses.

A emancipação da mulher, que tanto preoccupa os espíritos varonis do nosso tempo, não é assumpto que possa ser tratado aqui, nem mesmo como uma homenagem á memoria de tão illustre representante do sexo bello e fraco; bello, porque não ha nada mais bello que a mulher; fraco... sim, porque é de vidro, para gemer (como disse Victor Hugo); e forte porque é de bronze para resistir. Qual é o homem capaz de passar tres noites em claro ao lado do amigo moribundo?

e as mãis passam semanas inteiras, sem pestanejar, embalando o berço do filhinho doente.

Os naturalistas só consideram no homem um único gênero estabelecido por Dumeril na ordem dos bimanos, ao qual Bory-Saint-Vincent entendeu dever acrescentar o *orang*, sob pretexto de completal-o. «Si estes zoólogos vêem apenas em nós um mamífero de trinta e duas vértebras, com um osso hyoide e mais dobras no hemispherio do cérebro que qualquer outro animal, como diz Balzac; si para elles não existem mais differenças nesta ordem, que as provenientes da influencia dos climas, que fornecem a nomenclatura das especies, o physiologista deve ter tambem o direito de estabelecer os seus gêneros e sub-gêneros, conforme os graus da intelligencia e as condições da existencia moral e pecuniaria.

A mulher para mim, é uma variedade rara no gênero humano, que vai dia a dia perdendo o prestigio que a carectirisou durante séculos, correndo o risco de despoetisar-se de todo, desde que se confunda com o homem numa promiscuidade que fatalmente trará como consequencia o desaparecimento de seus dons e graças, que serão substituidos por grandes responsabilidades e afanoso labor.

Agora mesmo tratam as mulheres holandesas, á cuja frente se destaca uma Rainha que repelliu com altivez a despótica exigencia dos paizes alliados que prétenderam julgar o kaiser Guilherme II da Allemanha; da reivindicacão de idéas e ideaes das mais complexas amplitudes, formando para isso diversas associações.

Com a revisão da Constituição hollandesa, levada a effeito em 1919, as mulheres obtiveram o direito de voto, do que resultou já terem actualmente representantes femininos nos conselhos municipaes de todas as cidades. Mas, não satisfeitas com a posse do voto, que dizem não ser o sufficiente para a conquista dos seus ideaes, intentam novas e mais amplas reformas nas leis e regulamentos que differenciam os sexos, tanto pelo lado econômico como pelo lado moral. — Luciana de Abreu nunca pensou nisso, contentando-se com pensar em coisas mais de harmonia com o seu tempo e a nossa época.

HILARIO RIBEIRO

HILARIO RIBEIRO DE ANDRADE E SILVA nasceu em Porto Alegre a 1.º de Janeiro de 1847 e falleceu no Rio de Janeiro a 1.º de Outubro de 1889. A familia *Andrade* e *Silva* do Rio Grande não é aparentada com a *Andrada* e *Silva* de S. Paulo, assim como também os *Cavalcanti* (com i) não são parentes dos *Cavalcante* (com e), de Pernambuco, cuja distincção consiste apenas na simples mudança de duas vogaes, — o e e o i.

Hilario Ribeiro, cujos pais dirigiam dois conceituados collegios, um masculino e outro feminino, que funcionavam no mesmo predio á rua de Bragança esquãna da rua da Alegria, mas em compartimentos separados; num tempo em que ainda era condemnado o ensino mixto, que o Imperador D. Pedro II reprovava, dizendo: — «Não acho bom que os rapazes estejam de mistura com as meninas». (*) — Hilario fez os estudos preparatorios dentro do proprio lar.

Aos 21 annos de idade, sendo um dos membros fundadores do Parthenon Literario, fez a sua estréa na poesia e no drama, mostrando-se inspirado no verso e conhecedor do que ha de essencial no theatro, para vivamente impressionar os espectadores. Em pouco tempo, porém, abandonou completamente a literatura, dedicando-se exclusivamente á elaboração de obras didácticas, — o que lhe proporcionou ganhar rios de dinheiro, além de ver o seu nome popularisado por todo o Brasil.

Da sua ligeira passagem pela literatura restam apenas as poesias que publicou nas revistas do Parthenon, meia duzia de discursos, todos notaveis, e os dramas — *Aurelia*, *Lucinda*, e *Risos e Lágrimas*, todos representados no theatro S. Pedro de Porto Alegre, o primeiro pela companhia de Ismenia dos Santos e os outros pela de Furtado Coelho, que confiou o papel da protagonista a Lucinda Simões. O dr. Blake, no *Diccionario Bibliographico Brasileiro* confunde Julio Ribeiro com Hilario, ao attribuir a este as *Cartas Sertanejas* d'aquelle.

O Hilarinho, como lhe chamavam os intimos, por ser de pequena estatura, assim que completou o seu curso

(*) Dêsse também, ao visitar uma escola publica: — «Não convém que o professor more no edificio da escola».

preparatorio, seguiu para a côrte, no propósito de estudar medicina, mas voltou pouco depois, sem se ter matriculado, resolvendo então dedicarse ao magisterio, a exemplo de pai e mãe, encarregando-se da regencia de uma escola pública da capital.

Diz Achylles, seu companheiro e amigo: — «Durante o tempo em que regeu a aula da Azenha, entre a *ponte de pedra* e a embocadura do Campo da Redempção, a escola ficava num alto, rodeada de laranjeiras, que davam ao sitio um aspecto risonho e pittoresco. Foi ahi, nessa vivenda remansosa, com ares de campo, que elle escreveu seus bellos cantos repassados de um doce perfume de saudade. Entre os poetas d'aquella geração Hilario era um dos mais distinctos pela espontaneidade e doçura dos versos.

Além da poesia, cultivou com vantagem o gênero dramático, deixando produções de incontestavel mérito nos dramas *Aurelia* e *Risos e Lágrimas*. Este, foi representado em Porto Alegre a 20 de Setembro de 1870, e o outro pouco depois, sendo ambos acolhidos pela nossa platéa com as mais vivas demonstrações de apreço. Mais tarde deixou a aula pública da *Azenha*, e foi nomeado professor de desenho da *Escola Normal*, onde demorou pouco tempo, para se consagrar inteiramente a uma séria de trabalhos didácticos, que lhe deram a mais invejavel nomeada.

Hilario Ribeiro era uma natureza privilegiada: uma verdadeira vocação artistica; manejava o *crayon* com a mesma facilidade com que dedilhava a lyra e arrancava do piano os mais sentidos e delicados accordes. O teclado debaixo dos seus dedos parecia um outro instrumento desconhecido. Deixando a Escola Normal, escreveu a *Cartilha Nacional*, *Geographia do Rio Grande do Sul*, *Grammática Portugueza*, e os 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º *Livro de Leitura*; todas essas obras foram premiadas com o diploma de 1.ª classe na *Exposição Pedagógica* de 1883 e na *Exposição de objectos escolares* de 1887, ambas realisadas no Rio de Janeiro. Mais tarde na *Exposição Universal* de Paris de 1886, foi conferida uma medalha de prata aos seus importantes trabalhos didácticos.

Foi um dos fundadores do Partheon Literario, associação que prestou reaes serviços ás letras e á causa

da redempção dos captivos. Na roda dos amigos era um encanto ouvir-o com a sua graça maliciosa e a fina ironia de um atheniense nos áureos tempos da Grecia. Na tribuna, porém, sentia-se contrafeito, completamente deslocado como si fosse um posto de sacrificio. Não parecia o mesmo homem das palestras intimas, sublinhando as phrases, fazendo trocadilhos, contando anêcdotas com uma naturalidade adoravel. A's vezes ao estrépito das boas risadas dos companheiros que o escutavam, levava instinctivamente a mão ao coração, como si ali estivesse o seu mal...

Com o intuito de vulgarisar os seus livros, empreendeu uma viagem ás provincias do norte em principios de 1886. Não perdeu o tempo. Conseguiu tudo quanto desejava. Quando voltou trazia na sua bagagem importantes subsidios para o *Brasil Pittoresco*, trabalho de mais fôlego, que seria illustrado com um grande número de gravuras dos mais bellos sitios nacionaes, acompanhados de notas curiosas para tornal-o duplamente interessante.

Havendo fixado residencia no Rio de Janeiro, foi pouco depois nomeado professor do *Lyceu de Artes e Officios*, onde se tornou notavel pela competencia e dedicação ao trabalho. Quando teve de abandonar este posto de honra para ir ás provincias do Norte, em propaganda dos seus livros didácticos, recebeu por essa occasião os mais significativos testemunhos de affecto e sympathia, não só dos seus alumnos como de todos os collegas.

Na excursão ás capitães das provincias, que percorreu, fez diversas conferencias nas escolas normaes, expondo o seu método de ensino e tratando da instrucção pública como si para elle não houvesse mysterios neste importante ramo administrativo. Em toda parte por onde passou foi acolhido com a maior distincção.

Quando a morte o surpreendeu, quando contava apenas 43 annos de idade, tinha em mãos um outro trabalho, que se recommendava pela sua originalidade — era um *Manuscripto Brasileiro*, com authógraphos dos nossos mais eminentes homens de letras. E assim se finou, longe de terra natal, quem tanto procurou honral-a, não só nos árduos deveres de mestre, como nas brilhantes pugnas das letras».

XXII

AMALIA FIGUEIROA

AMALIA DOS PASSOS FIGUEIROA nasceu em Porto Alegre a 31 de Agosto de 1848 e falleceu na mesma cidade a 24 de Setembro de 1878. — Nesta galeria não pode haver o exclusivismo de um sexo, desde que, como já ficou demonstrado nos perfis anteriores de Delfina da Cunha e Luciana de Abreu, a differença p̄hysica e constitutiva do homem e da mulher, não neutralisa a acção desta na solidariedade humana, como se tem visto até nos campos de batalha, em que é tão bella uma Carlota Corday, apunhalando Marat no seu banho de sangue, como Joanna d'Arc, *la Pucelle d'Orléans*, pastora e religiosa, que num dos seus frequentes êxtasis ouviu vozes sobrenaturaes, que dizia serem de S. Miguel e de Santa Catharina, impondo-lhe a missão de salvar a patria, mandando-a abandonar a sua aldeia: e partiu á frente dos soldados, atacando e vencendo os inglezes, lutando mais tarde em Paris, onde foi ferida e abandonada pelos seus, e levada ao tribunal ecclesiástico de Inglaterra, que mandou queimar-a viva na fogueira inquisitorial de Ruão!...

E essas princesas, que mostram másculo valor, immortalizando-se na regencia dos Estados, como a nossa gloriosa Isabel — a Redemptora? E essas rainhas e imperatrizes, que dirigem com extraordinario poder nações potentes, como Catharina da Russia, Victoria da Grã Bretanha e Irlanda e a actual soberana Hollandesa, a gloriosa Guilhermina, que acaba de dar uma lição aos Aliados? E essas poétisas, desde Sapho até Gertrudes de Avellaneda? E as philósophas, desde Hypathia, que ensinava philosophia e mathematica nos cursos públicos de Alexandria, impondo-se pelo seu saber á admiração de Orestes, até Helena Blavatski, que methodisou a theosophia, abrindo um mundo novo á sciencia occidental?

Amalia Figueirôa, sempre triste, pensando não poder encontrar neste valle de lágrimas quem avaliasse os incógnitos thesoiros de sua alma sonhadora, ia definhando lentamente como a flor á mingua de orvalho, até que desapareceu de vez na escuridão de uma sepultura. Caprichosamente educada por seu proprio pai, que era um

homem illustrado, Amalia muito cedo revelou o mais pronunciado pendor para a poesia, não tendo necessidade de sahir do seu lar para respirar um ambiente saturado de inspiração, pois eram poetas seus irmãos José dos Passos Figueirôa, distincto engenheiro civil, que foi lente da Escola Polytechnica da côrte e Revocata Figueirôa de Mello, que exerceu o magisterio primario na cidade do Rio Grande, onde vivem actualmente suas duas filhas, tambem poetisas, Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro, viuva do literato Pinto Monteiro.

Conheci Amalia, quando eu ainda era uma criança, de sete annos de idade, e ella, menina e moça, fazendo lembrar nas graças a heroína de Bernardim Ribeiro. Aca- bava de trocar os seus vestidos curtos pelas saias a ba- lão (que usavam naquelle tempo as donas e donzellas, que sacrificavam nas aras dos figurinos de Paris). Já ella não brincava mais commigo, correndo e saltando pela poética praia de Bellas, embalada pelos murmúrios do Guahyba, á cuja margem demorava a sua casa celebra- da nos versos do cantor das *Rosas Loucas*, que por exigencia métrica lhe diminuiu no alexandrino o número das janellas, que eram tres, e não sei porque se esque- ceu dos lúgubres salgueiros que a sombreavam de uma vaga tristeza; ou no potreiro, no velho jardim e sombrios arvoredos da minha habitação materna, nos Moinhos de Vento, onde eu a engrinaldava com as flores do laranja e ella me coroava com os louros destinados ao templo da arte... culinaria.

Trocara as fitas que lhe atavam os negros e lon- gos cabellos em duas grossas tranças, que cahiam muito a baixo da flexivel cintura esculptural, pelo grande cha- péu engalanado de rendas e plumas oscillantes, o que lhe dava um ar de Maria Antonietta infantil. Amalia era linda. Os seus olhos, muito negros, eram grandes, bri- lhantes e húmidos, com um fulgor tão vivo que parecia ac- cender relâmpagos na sombra projectada pelas pestanas e sobranceilhas arqueadas, de um negro de azas de úrubú, que punha em brando destaque o moreno de jambo da arejada testa e o rubro sanguineo das faces macias e dos labios polposos da boca em flecha, que soltava sorris- os e versos, mostrando dois fios de pérolas alvíssimas num escriptorio de coral forrado de púrpura ideal.

Fui crescendo, já era um rapaz que tinha buço e namoradas, dando que falar á toda a cidade pelas escaramuças que obrigava o meu brioso cavallo a fazer nas ruas e praças, onde passava a gallope; e ella, já moça feita, esquecida pela convivencia íntima de que eu também já fazia versos (o que era uma péssima recommendação para os cautelosos pais de familia), mas confiando na minha amisade discreta e dedicada, me abria a sua alma em flor, não so ao offerecer-me a poesia intitulada *Minh'alma*, que se lê no volume das *Vozes trémulas*, mas ao me contar os seus segredos de noiva, e noiva de outro poeta, o nosso conterraneo Carlos Ferreira, que foi morar em S. Paulo e morrer no Rio de Janeiro.

Amalia passou dois annos na côrte, em casa de seu irmão, dizendo-me muitas vezes ter sido esse o período mais feliz de sua existencia. O Dr. Passos Figueirôa, muito considerado por todos, tinha a casa sempre cheia de familias, reunindo-se ali todas as noites os seus colegas do corpo docente da Escola Polytechnica, os estudantes rio-grandenses e os literatos mais em voga. Palestrava-se animadamente, tocava-se piano e cantava-se, dançando-se aos sábados. Amalia começou a collaborar, então, nas grandes folhas cariocas, sendo mais assidua a sua collaboração no *Domingo*, onde publicou os seus primeiros versos.

Regressando á nossa terra, o grande jornalista e fecundo escriptor allemão Carlos von Koseritz franqueou-lhe as columnas do seu jornal, e o Parthenon Literario publicou em suas revistas mensaes muitas poesias della. Estava consagrada a continuadora de Delfina da Cunha, a poetisa cega de immorredoura memoria. Os versos de Carlos Ferreira, a que me referi, começam assim:

Pequenina era a casa, humilde sim, mas bella :
Tinha uma porta só, somente uma janella.
Era la... muito longe, além de um serro inculto,
Alvo ninho de amor em laranjaes occulto ;
Nas tardes festivaes do doce mez de Outubro,
Quando o sol desmaiava em leito ardente e rubro,
Nos vidros da janella, em fúlgidas combiantes,
Escrevia talvez endechas palpitantes !

Era o éden do amor, guarida predilecta
 De triplíce alliança: a mãe, a filha, a neta.
 A neta, anjo de Deus, criança alegre e bella
 Não tinha pai nem mãe, só tinha a avó por ella,
 E a tia, que era moça, e pállida, e sublime,
 Singela como um anjo e debil como um vime,
 Oh! que saudade amarga! Eu tenho inda na mente
 Os dias que passei ali tão docemente!...

Inda me lembro, ó Deus, dos gritos que soltavam
 Quando alegres na estrada ao longe me avistavam:
 Com as mãosinhas a neta afflicta me acenava,
 A avó dizia: —é elle... e a moça suspirava!

Si eu pudesse falar-lha ainda dos meus sonhos,
 E ouvir o doce som dos labios seus risinhos,
 Eu diria talvez á sua mãe querida:
 — Oh! minha bôa mãe, torna-me alegre a vida,
 E' doce a primavera, o sol tem tanto brilho...
 Senhora, ella consente... eu quero ser teu filho!

A alma deste poeta comprehendeu a alma desta poetisa. Amaram-se. E eram noivos, quando o imperador chegou a Porto Alegre, de passagem para a guerra do Paraguay. Carlos Ferreira fez-lhe uma enthusiástica poesia, que foi recitada no theatro S. Pedro, durante, um espectáculo de gala, pelo notavel artista dramático porto-alegrense Sousa Motta, que foi delirantemente applaudido pela vida que deu aos bellos versos. O imperador quiz conhecer o poeta, que era um pobre official de ourives, mas ja autor de um livro de versos intitulado *Cânticos Juvenis*. O imperador animou-o para que fosse estudar em S. Paulo, offerecendo-lhe uma mesada, que foi acceita, e o poeta trocou Porto Alegre por S. Paulo.

Não poderá ninguem censural-o por isso, por deixar o amor tão perto para ir procurar tão longe a gloria, attentas as condições do *meio* e do *momento*. Elle foi impellido a accuitar o magnánimo offerecimento imperial, no proprio interesse de sua noiva. As suas condições materiaes não lhe permitiriam tão cedo a realisação do seu nobre desejo. Na nossa terra so havia espaço para os políticos e guerreiros, que eram os triumphadores egoistas, andando os intellectuaes aos empurrões, acotovelando-se a cada passo com os burguezes estúpidos

e felizes, que torciam o nariz a todos que viam um palmo adiante do mesmo. Carlos não tinha outra coisa a fazer sinão partir, e partiu. Durante alguns annos, manteve constante correspondencia com a noiva, que regeitou mais de uma vantajoso pedido de casamento, recusando sempre, sempre esperando-o saudosa, e resignada com a sua sorte, fiel ao seu primeiro e único amor.

Ha criaturas assim, condemnadas pelo destino a descer lentamente a vasta escadaria do palacio das illusões, até que escorregam e cahem na sepultura. A sorte delle não parecia mais feliz que a della, pois em S. Paulo, commettendo a leviandade de entrar para a redacção de um jornal republicano, escreveu ao mordomo de Sua Majestade, mostrando-se agradecido aos favores recebidos até aquella data, mas communicando que não podia continuar a receber a mesada imperial, para poder livremente dar expansão ás suas idéas políticas. E começou de então por diante a mourejar dia e noite, comendo o pão que o diabo amassou.

Prolongava-se cada vez mais a ausencia do noivo de Amalia; e a mísera e mesquinha, cançada de tanto esperar-o, intisicou e morreu. Soffreu muito, a resignada victima de tão immerecido infortunio! Eu acompanhei de perto os seus lentos e vacillantes passos pelo duro Calvario do amor e da saudade, onde ás vezes rebentavam flores de umas cartas e poesias que mentiam, para que mais pontagudos espinhos lhe ferissem os pequeninos pés, que sangravam, em quanto ella prosseguia, vergada ao peso de tão grande cruz para tão frageis hombros.

Como já ficou dito, naquelles tempos de tamanha agitação política e literaria, quando cruzavam as ruas da capital gaúcha os heróes que voltavam da guerra, e reuniam-se nos vastos salões do Parthenon os moços intelligentes e estudiosocs, para applaudir os poetas e prosadores de certo renome, como Affonso Marques, Apollinario Porto Alegre, José Bernardino dos Santos, Lobo Barreto e tantos outros, Amalia Figueirôa permanecia indifferente a tudo aquillo, como si vivesse em um mundo aparte, de olhos cerrados á tumultuosa realidade que a cercava, para que o seu espirito mais tranquillo pudesse espraiair-se pelas serenas e amplas regiões da inspiração poética.

A scismadora poetisa dos *Crepúsculos* (*) era uma dessas almas privilegiadas que no borbórinho tumultuoso das ambições subalternas e das tolas vaidades humanas nos diliciam e enlevam com o perfume suave de seus delicados pensamentos, como violeta escondida no matagal espesso, coberto de espinhos e plantas bravas, a quem não arrebatam o suavíssimo aroma o vento frio das noites hibernaes nem o tufão que sacode e desfolha as mais arrogantes e frondosas árvores da montanha.

De *motu proprio* segregada do trêfego mundano, onde raras vezes adormecem as paixões devoradoras que viciam e reseccam o coração, na penumbra do seu modesto e virtuoso lar ella consagrou-se ao culto do seu puro amor e á convivencia das musas, procurando em tão deliciosa saudade e doce companhia espiritual aquella suave e consoladora satisfação que nasce do recolhimento da alma no consorcio do estudo com a elaboração mental. Era a ave, que cansada de ter voado silenciosa por cima da floresta escura, só cantava na macia tepidez do ninho.

Longe de roçar a ponta da aza na superficie bravejante das nossas paixões masculinas, nem de leve maculando a sua inspiração no lodaçal dos erros que ameaçam asphyxiar com miasmas deleterios a verdade e a justiça, solapando os alicerces em que descança o pesado edificio social, ella conservou perennemente, vestal da poesia, no santuario acceso do seu coração, como fogo que dá muita luz e não queima, o amor á religião, á moral, á familia e á patria.

A religião, a moral, a familia e a patria! que melhores fontes de inspiração para o estro de uma poetisa? Que manancial se pode comparar a essas aguas puras e lustraes? Onde mais rico veio de sentimentos e emoções, capazes de perpetuar o psalterio ou a tiorba que os traduza em vibrações sonoras e perduraveis, com a sensibilidade repercutida no alto diapasão do mais transcendente lyrismo, desde o leve sopro do idyllio ou do madrigal, seja nas audacias da ode ou nas lágrimas da elegia, até a tuba harmoniosa e retumbante da epopéa?

(*) Assim se intitula o livro de poesias de Amalia Figueirôa publicado em Porto Alegre, em 1872.

Abençoada seja a alma dos poetas que assim sabem cantar as mais excelsas manifestações do sentir, no seio da natureza e da sociedade.

E Amalia Figueirôa, afflicta e assustada, como a rolinha que escuta o estampido dos tiros no ermo, recuando trémula ante o espectáculo dessas tragedias de scepticismo e injustiças que nos rodeiam, voltou os seus nostálgicos olhos chorosos para o passado, que nos enche de ínclitas tradições de independencia e valor, como que procurando respirar aquella oxygenada atmospherá que vivificava os pulmões dos nossos ancestraes, num tempo épico de patriotismo e de fé, numa idade de amor e de abnegação, — e desatou a sua alma vírginal nesses mysticos e dolentes cantares.

Animada das mais nobres aspirações, que sabia traduzir em inspirações saturadas da mesma transcendencia espíritual, a modesta e encantadora poetisa do Guahyba ia conquistando dia a dia um nome destinado a fugurar na gáleria das brasileiras illustres, mais desejando ser mais celebrada do que célebre, mas isso alcançando pelo plano ascendente da timidez modesta, enaltecida de legítimo orgulho íntimo, de que jamais se jactava, trabalhando a qualquer hora do dia ou da noite, ora nas madrugadas cor de rosa do sul, em que a concha de madreperola do firmamento parece denramar sobre a verdura das campinas orvalhadas o oiro em pó dos primeiros lampejos do sol, ora nas noites de opalino luar ou de profunda escuridão rumorosa e tétrica.

Não commetterei a imprudencia de fazer aqui uma detida análise dessas innocentes e tímidas páginas dos seus melancólicos *Crepúsculos*, escriptas sem outra preocupação que não fosse a de expandir a alma e o espirito por uns descampados que subiam a se perder de vista, retalhados de meandros e atalhos sempre ascendentes e luminosos, vibrantes mesmo de íntimas harmonias que só ella escutava no silencio das meditações mais fundas; isso seria a profanação do augusto tabernáculo dos seus sonhos e saudades, tão palpitantes de meiguice e de ternura, como só as almas femininas sabem expressar em seus enamorados dizeres.

Nem tão pouco estranho não haver encontrado nos seus versos alguma coisa para o povo, lembrando-lhe

a sua historia e as suas tradições, para que assim elle se deileitasse, se instruisse e ficasse mesmo cheio de nobre orgulho, como o que nós sentimos sempre que nos falamos de nossos pais e nossos avós. Esta não é a missão das poetisas, que só devem falar ás almas, não ao cérebro; é a tarefa dos poetas e dos historiadores. Ellas que nos falem dos séres queridos, que já não vivem no plano objectivo, mas que continuam a viver subjectivamente no abstracto das nossas recordações, idealmente concretisadas no espelho mágico da saudade, onde se reproduzem as imagens amadas numa consoladora e maravilhosa resurreição.

A nós é que cumpre despertar na alma do povo o entusiasmo, que só a poesia sabe injectar no sangue que lhe corre nas veias. E tambem a nós é que cabe encordoar de látegos a lyra, para com vingadoras estrophes dar combate a essas torpes apologias do crime, em mal rimadas e venenosas aberrações da fantasia desvairada pelas pseudo-escolas de um *naturalismo* falso e de um *realismo* ignobil. Quanto aos versos de Amalia, basta dizer delles o que já foi dito pelo nosso conterraneo Arthur de Oliveira: — «Não se mede, não se pesa, não se disseca, não se joeira, nem se faz passar pelos cadinhos da critica — o trinar das aves, os arremessos da aguia e o irradiar das espheras».

Na melancólica tarde em que acompanhei o singelo enterro de Amalia Figueirôa, ao chegar ao cemiterio, onde a deixámos numa das catacumbas da parede que fica á direita de quem entra na silenciosa necrópole, muito perto d'aquella em que jaziam meus pais, diante do fúnebre caixão onde repousava a imagem fria da joven poetisa, que estava amortalhada numa vestimenta de noiva, toda de branco, com o seu veu de immaculada alvura e a symbolica grinalda de flores de laranjeira, despedi-me della com uma poesia que terminava por esta estrophe:

Si por ti perguntarem-me algum dia,
Responderei, chorando de saudade:
Deixou na terra a flor — da poesia,
Levou p'ra o ceu a flor — da virgindade.

A fria mortalha do esquecimento, mais fria e pesada que essa outra que envolve a todos no derradeiro somno, já parecia ter-se desenrolado sobre a mais inspirada poetisa do Rio Grande do Sul, do Brasil talvez. Além de meia duzia de velhos amigos da casa, nem um só dos membros do Parthenon, nem um só dos representantes da imprensa de Porto Alegre, a não ser o grande Koseritz e eu, mas ambos em character particular, como amigos, não representando aquella instituição; ninguem mais se via no cemiterio, sinão os coveiros, que indifferentes cumpriam a sua triste missão... As folhas diarias, com excepção da que era dirigida por Koseritz, *so quatro dias depois* foi que tiveram espaço em suas columnas para noticiar o fallecimento da illustre poetisa, e isso mesmo em meia duzia de linhas sem um titulo siquer. — *Ignis, quo clarior fulsit, citius exstinguitur!*

O necrologio feito no jornal do publicista germânico, diz assim, encimado pelo nome da poetisa entre grossas tarjas pretas: — «Baixou hontem ao túmulo D. Amalia dos Passos Figueirôa, a inspirada poetisa rio-grandense, que collaborou em quasi todos os jornaes e revistas desta capital e nos principaes da côrte do Imperio, onde residu durante algum tempo, tendo publicado em 1872 um bello livro de versos — *Crepúsculos*, recebido com applausos da imprensa de todo o Brasil.

Em muitas de suas lindas poesias Amalia Figueirôa de ha muito vinha salientando o presentimento da morte prematura, o que mais uma vez nos convence de que os antigos tinham razão quando denominavam os poetas de *vates*, como synônimo de vaticinadores, aquelles que fazem vaticinios, que sabem ler no mysterioso livro do futuro. Assim ella antevia, resignada e desilludida, o seu próximo fim, o que mais lhe augmentava a tristeza d'alma e os padecimentos physicos.

Soffreu muito a desditosa moça! Lutou desde muito cedo com todos os embaraços, e ultimamente, no mais profundo isolamento, como quem procurava ir aos poucos se afastando do mundo, onde percebeu que não podia demorar; suspirava, talvez, pela aproximação do outro, em esphera mais dilatada, onde pudesse encontrar compensação ás maguas que lhe enlutavam o coração, arrancando-lhe da lyra harmoniosa os mais pungentes soluços.

Paz á sua alma de martyr, para quem a sorte foi tão desapiedada».

O livro dos *Crepúsculos* é prefaciado por Apollinario Porto Alegre, o mestre daquella geração de poetas e prosadores, que diz: — «... O *Canto da Selvagem* tem para mim um pequeno defeito; não é questão de fórma ou metro, e sim de desenho: na *cor local* da provincia, ás margens do Guahyba, transparece a pintura propria de uma região do norte. Na poesia *O Sabio* ha preconceito de fundo, retratou-o em falso; é apregoar a necessidade de acabar-se com a verdade.

As outras são um ramalhete de flores numerosas, recamadas de luz espléndida. Algumas ha com aroma tão tenue e vaporoso, com o colorido tão fino e delicado, que de per si bastariam para dar-lhe a corôa de poetisa. Devia surgir como a Velleda inspirada da nova geração, como o archanjo radiante do futuro, como a consubstanciação luminosa das novas idéas; além do sêr humano ha a patria, — além da patria a humanidade, Que vastos mundos a percorrer nestes dois verbos que exprimem tanto! *Cyclos* immensos, que abrangem tudo». — Eis as duas primeiras estrophes da sua poesia:

MINH'ALMA

A Múcio Teixeira

Minh'alma é qual o cysne que encantado
 Busca as margens de um lago auri-rosado,
 Correndo no areal;
 Ella, a louca, se espraia nas chimeras...
 E vê prismas de eternas primaveras,
 Em busca do ideal.

E assim voga na vida a pobre, tonta,
 Vendo sempre na aurora que desponta
 Uma nova illusão...
 E a vida passa... e o meu destino é triste!
 E a minh'alma, assuetada, não resiste
 A tanta aspiração!

Pode-se dizer de Amalia Figueirôa o mesmo que Lopes de Mendonça disse de Alvares de Azevedo: — «Co-

nheceis nada mais triste que um poeta que morre cedo? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubrementemente sobre um túmulo, quando se esperava encontrar corôas de louros e grinaldas de flores, não é por ventura um espectáculo desolador? Para que veio a morte pousar sobre a fronte que anciava conquistar a gloria? E o poeta tinha o presentimento da sua morte prematura! Nos seus versos vem sempre pousar um pensamento melancólico, uma idéa fixa de que a sua passagem na terra havia de ser fugitiva e rápida!».

Mas para mim, a quem Amalia confiara os mais íntimos segredos do seu coração de noiva e todas as esperanças mortas de sua alma de poetisa, si me fosse confiada a difficil tarefa de escrever o epitaphio para ser gravado em letras d'ouro no márme do túmulo della, eu não faria mais do que paraphrasear o que Ramalho Ortigão disse de Casimiro de Abreu: — «Viveu sofrendo, amou esperando e morreu sorrindo».

Eis algumas poesias de Amalia Figueirôa, que deviam ser colleccionados no seu segundo livro:

NO ALBUM DE DULCE TEIXEIRA

Como o cysne, que passando
Na superficie do lago,
Deixa um traço, scintillando
Das brisas ao brando affago;
Assim o meu nome obscuro,
Que entre as névoas do futuro
Procura um dia brilhar,
Nesta página, a primeira
Do teu Album, deixa a esteira
Do batel do meu sonhar.

* *
*

NA SOLIDÃO

Sonhara uma visão, que inda irradia
Nos meus doces sonhos de donzella;
E rodeei-a de amor e de poesia,
Guiando-me na vida só por ella.

Criança louca! acreditar não pude
 Que eu corria no mundo atraz dum sonho...
 Atravessei, scismando, a juventude,
 E julguei meu porvir sempre risonho.

Nesse anhelos febril, risonho e puro,
 As rosas infantis perdi das faces,
 E arrojé-me, a cantar, para o futuro,
 Tendo só por fanal — luzes fagaces...

Nas horas em que scismo, quando a lua
 Reflecte a pallidez na verde palma,
 Quantas vezes, meu Deus, a imagem tua
 Bate em cheio nas sombras da minh'alma!

VIII

BERNARDINO DOS SANTOS

JOSE' BERNARDINO DOS SANTOS nasceu em Porto Alegre a 20 de Maio de 1848 e falleceu na colonia de Caxias a 1 de Junho de 1892, poucos dias depois de chegar ali. Foi o meu mestre em poesia; corrigiu-me os primeiros versos e prefaciou o livro delles. A nossa amizade durou até a morte delle, tão cedo arrebatado á familia e á patria, mas a minha gratidão ha de durar emquanto eu viver. O seu enthusiasmo pela minha precocidade manifestava-se numa estima de verdadeiro irmão mais velho, chegando a brigar na defesa do meu talento infantil, quando alguém o não acompanhava no terreno da sua exagerada admiração.

Bernardino dos Santos era poeta, orador, romancista, dramaturgo, jornalista, e foi tambem guerreiro, na campanha do Paraguay, como tenente de Voluntarios da Patria, ajudante de ordens do bravo general Barão de Jacuhy, regressando daquella gloriosa campanha com a medalha da rendição de Uruguayana, onde viu pela primeira vez o nosso Imperador D. Pedro II, a quem fez versos nessa occasião, falando-me sempre delle com enthusiasmo e admiração, sem prejuizo das suas idéas re-

publicanas. — *Anch io son pittore!* exclamou Correggio, diante de um quadro de Rafael. Posso parodial-o, dizendo que sempre pensei e senti como o meu mestre em poesia, com quem tive mais de um ponto de contacto, pois também fui militar, e tive, o meu baptismo de fogo na revolta dos Muckers, em 1874.

Bernardino dos Santos foi poeta, orador, romancista, dramaturgo, jornalista e guerreiro. Isto faz lembrar Miguel Angelo, que foi também poeta e esculptor e architecto, manifestando em cada uma dessas modalidades da arte a sua singular grandesa individual. A poesia do meu mestre não tem o fogo de Alvares de Azevedo, nem o brilho de Castro Alves, mas é saturada daquella doce tristesa de Casimiro de Abreu, e do brasileiro de Fagundes Varella. O seu livro das *Flores de Maio* é um odorífero ramalhete das mais preciosas flores da primavera da mocidade.

Além da *simplicidade difficil*, que dá aos seus versos o encanto da mais singela naturalidade, ha na sua poesia a preocupação *regional*, que consorcia o dialecto gaúcho com a viva *cor local* das savanas do Pampa. A preocupação regional não é uma férrea limitação do patriotismo, mas sim uma das suas mais positivas revelações.

Efeito lógico de uma causa superior, a idéa regionalista é mais um elo que prende a corrente que estreita a unidade da patria. Não pode amar a sua nação quem não ama a sua provincia. Além disso, todos os grandes poetas regionaes cantaram sempre as glorias da patria, com o mesmo entusiasmo com que se ufanavam do seu torrão natal.

A historia da Espanha é burilada em seus mármores pelos feitos heróicos celebrados por navarros, catalans, aragoneses, vascos, gallegos, asturianos, andaluzes e castelhanos; e a da França pelas façanhas épicas dos provençaes, normandos, bretões, picardos e borgonhões. Naquella, vemos os poetas Trueba e Bartrina; nesta, Mistral.

Os verdadeiros poetas não se limitam a celebrar as graças das suas bem amadas, ou as tristezas do seu coração; ampliam a esphera dos cantares, passando do objectivo ao subjectivo, iniciando o renascimento do seu idioma e da sua literatura. Si elles têm na lyra uma

corda para a vibração erótica do sentimento pessoal, também têm outra para as grandes paisagens da natureza que o cerca e os feitos memoráveis dos conterrâneos que lhe iluminaram o berço de vivas fulgurações. E o poeta gaúcho, mais que o das outras regiões do Brasil, deve tirar partido dos singulares dons da natureza privilegiada da sua terra, que aos seus incomparáveis feitos heróicos reúne a originalidade de um dialecto preciosíssimo e a amplitude das campinas que se perdem de vista.

José Bernardino dos Santos pode ser comparado a José Victor Scheffel, a viva encarnação da Allemanha do Sul, que derramava as mais palpitantes emoções e doces alegrias sobre milhares de corações femininos. Essa natureza robusta, que parecia talhada pelos moldes dos farfalhantes robles da Allemanha, exclamou, ao morrer na mocidade: — «Quem me dera poder viver mais cinco annos!» — Mas era tarde... o Rheno e o Néckar iam começar a chorar a perda do seu cantor. Assim também a prematura morte de José Bernardino é pranteada nos *murmúrios do Guahyba*.

Reconstruir as idades mortas é a preocupação do scientista; mas a missão do poeta é pintar as coisas vivas que o cercam. Melhor ainda, é consorciar a poesia com a historiographia, tirando de ambas simultaneamente os melhores efeitos. A nossa principal intenção conjectural não é permanecer em determinado campo de acção, mas ir sempre para diante, procurando cada vez mais unir a verdade esthetica á verdade psychológica, mostrando-se assim no poeta um sabio, mas um sabio que sente necessidades artisticas.

Mas a face principal do talento de Bernardino dos Santos não era a poesia, deixando-nos na indecisão de classificar-o mais convenientemente, ora preferindo o orador, ora dando ganho de causa ao romancista. Orador, levou consigo para o túmulo todo o segredo das suas victorias tribunicias, não havendo outro que o acompanhasse de perto, sinão Affonso Marques, nosso commum amigo.

Romancista, basta o livro dos *Serões do Tropeiro* para medir-lhe a força creadora e vivaz, que se manifesta nessas páginas de uma observação genial e nessa

linguagem de uma puresa castiça que faz lembrar os que souberam tirar melhor quinhão na colheita dos labores clássicos. O mesmo pode-se dizer do dramaturgo, cujas personagens vivem dentro e fóra do palco onde collocou a figura trágica e melancólica da *Douda*, ou a personalidade majestosa e mystica de *Frei Christovam de Mendonça*.

O guerreiro, na modesta consciencia da sua obscuridade, que se limitou a cumprir ordens disciplinares até nos proprios campos de batalha, como elle mesmo dizia, sorrindo, nunca teve a veleidade de disputar as glórias do seu chefê e amigo Chico Pedro (Barão de Jacuhy), do Conde de Porto Alegre ou dos Menna Barretos. Mostrou-se calmo á frente do inimigo, avançando ou conservando-se firme no seu posto; e isto já não é pouco, embora não passe do restricto cumprimento do dever.

Este meu grande e generoso amigo era meigo na intimidade, mas transfigurava-se nas polémicas jornalísticas, tornando-se então terrível, mordaz, aggressivo, esmagador. Espirito irrequeto, ambicioso de popularidade e de gloria, afrontava os maiores obstáculos na perseguição do seu ideal. E aquelle leão, soberbo e indomavel, metamorphoseava-se num cordeiro tímido e carinhoso, ao attrito de uns dedos femininos nos seus finos e longos cabellos loiros, ou ás primeiras súplicas do adversario que se confessasse vencido.

E assim vivia, a sonhar acordado, como que embalado numa rêde tecida de illusões. Perdido pelas mulheres, com as quaes era delirante na intimidade, desde que teve a suprema ventura de encontrar na joven e formosíssima esposa um modelo de virtudes, tornou-se para o resto da vida, um marido exemplar. Dava gosto vel-os sempre juntos, nas festas e nos passeios, elle vaidoso por ter merecido possuil-a, ella sempre enamorada do seu poeta, absorvendo-lhe as phrases mais pelos olhos que pelos ouvidos, deliciando-o com os sorrisos de um amor de mulher que se envaidecia de ser Musa.

Do muito que José Bernardino dos Santos deixou esparso pelos jornaes e revistas de Porto Alegre, nada tenho commigo, pois até a colleccção completa das *Revistas do Parthenon* desapareceu das minhas estantes,

graças ao hábito tão commum entre nós de se pedir o livro emprestado já com o firme propósito de não devovel-o. Essas interessantes revistas estão cheias de producções do meu amigo, além de muitos outros trabalhos, em prosa e verso, que enchem quasi todos os números da revista mensal (de 64 páginas in — 4.º francez), intitulada *Murmurios do Guahyba*, de sua propriedade e direcção, onde tambem collaborou o notavel poeta Pedro Calasans, que nella publicou o bello poema abolicionista *Exilada-Isolada*. Este illustre sergipano, que já havia sido deputado á Assembleia Geral Legislativa, era então deputado provincial, em Porto Alegre, e convivia connosco na maior intimidade.

De José Bernardino, de quem ainda espero poder mais tarde dar a biographia documentada, não tenho outra coisa a fazer, agora, sinão recorrer á minha memoria, único palco de onde ninguem consegue retirar de scena os personagens que representaram saliente papel no drama da minha vida. E foi pela sua mão que appareci a primeira vez ao público da minha terra, sendo frenéticamente applaudido logo de entrada, graças ao seu prestigio pessoal, e ao que elle disse então de mim, pobre menino de 15 annos, que com *Vozes trémulas* ensaiava os primeiros cantos.

Bernardino dos Santos, sempre audaz, teve a suprema coragem de assumir um serio compromisso com a posteridade, recommendando-lhe o meu obscuro nome, quando eu ainda era uma simples criança, intelligente, é verdade, mas ignorante, como todos os da minha idade, e tão versatil ainda, que ninguem mais me tomava ao serio. Fiz versos antes de fazer contas de multiplicar e dividir, e antes de ter buço já tinha um livro publicado. A audacia do meu amigo foi para mim o maior dos estímulos, pois não se coadunava com o meu character o desrespeito a um mestre, e eu commetteria a mais grave das faltas si não procurasse corresponder ás esperanças que elle depositou no meu talento. O fogo daquelle entusiasmo, produziu em mim o effeito da neve que chamou Santo Antonio á ordem. Os extremos chocam-se. E creio que o não deixei mal aos olhos dos vindoiros.

Quando tive a veleidade de reunir em livro os meus versos dos 13 aos 15 annos, minha Mãe aconselhou-me

que não fizesse isso sem primeiro pedir conselho a algum dos mais distinctos poetas que se mostravam meus amigos. Eram elles o Apollinario, o Affonso Marques, o Ignacio de Vasconcellos e o José Bernardino dos Santos. Consultei apenas o primeiro e o último. Aquelle, mandou-me esperar algum tempo; que fosse produzindo e publicando pelos jornaes e revistas tudo que me viesse á cabeça, mas guardasse para mais tarde o livro da estréa. Não exigia tanto como Horacio, que mandava esperar dez annos, limando dia a dia; mas era prudente esperar ainda alguns mezes. Roma não se fez num dia. E Deus que é Deus, precisou de uma semana para fazer este mundo, que não me parece a melhor das suas creações...

José Bernardino, porém, com a sua temeridade de guerreiros e audacias que o caracterisavam, não admittia tão pacientes delongas: nada de perder tempo. *Taimés money*. Tempo é dinheiro, e a gloria vale mais que o ouro. Que reunisse em livro tudo quanto tinha feito, e que tudo quanto fosse fazendô apresentasse em novos livros. E acabou dizendo, com a autoridade do seu renome: — «Apresente-me um requerimento nesse sentido, e conte desde já com o meu deferimento». — *Magister dixit!*

Dirigi-lhe nesse mesmo dia a seguinte carta: — «Ilustre Poeta e dedicado Amigo. — Venho pedir-lhe abrigo ás minhas *Vozes trémulas*, mas abrigo verdadeiro e leal. São tímidos ensaios os meus pobres versos, precisam o toque da mão de um mestre; e eu desejava que fosse essa mão a daquelle que, como jornalista ou poeta, dramaturgo ou romancista, conquistou um renome e popularidade invejáveis. Esse dom providencial, com que se elevou por si só na arena litteraria, não me coube em partilha.

Sinto que ás vezes a vocação me arrasta a regiões que eu mesmo desconheço... sinto que o aspirar da gloria me eleva um pouco do nivel commum. A minha obscuridade, porém, traz-me logo a desillusão desses sonhos e o fraquear dessa crença: — desanimo até!...

Preciso da protecção amiga, e creio que m'a não negará. Quero que me diga, com a franquesa do seu caracter, si as minhas poesias devem ou podem ser publicadas; e neste caso, peço-lhe que as apatrocine com o seu nome e honre-me com o seu juizo crítico. — Porto Alegre, 4

de Outubro de 1872. — Seu admirador e amigo — *Mucio S. L. Teixeira*».

Alea jacta est. O dado estava lançado... sabia de antemão que aquillo correria ao encontro dos meus desejos; esperei contente o *ad rejerendum*. E aquelle dia, que em outras condições seria para qualquer de dúvidas e sobresaltos, foi para mim de tanto entusiasmo e alegria, como aquelle que Horacio mandava marcar com pedra branca, por considerá-lo feliz — *Albo lapillo notare diem*. A resposta do mestre, que se desenrola pelas primeiras XXVIII páginas do meu livro de estréa, tem tópicos assim:

«Acabo de ler sua carta, esperançoso menino, e como continuação della abro e volto a primeira página do seu mimoso volume de poesias, algumas das quaes já me não são estranhas por tel-as lido algures. Não demorei em refutação ás elogiosas palavras que me dirige, porque, indo ellas muito além do meu mérito literario, me deixam assim redimido da responsabilidade a que obrigam, e mesmo porque entendo ser bárbara essa abnegação, que concorreria poderosamente para a obra da propria demolição.

Pedi-me que com franqueza de amigo lhe dissesse ao menos o que julgava de suas poesias, e se devia ou não publical-as; vai ouvir-me, pois vou falar-lhe com a mão no coração, em que pungem os espinhos da experiencia. De tudo quanto hei feito na minha vida, inclusive bom e mau, só me accuso de ter sido Voluntario da Patria e ambicionado os fóros de literato. Esses dois annos de sacrificios tão mal recompensados, que perdi na esterilidade dos acampamentos, e os outros seis que desperdicei na fabricação de versos e romances, e na pugna da imprensa política, batendo-me por interesses ingratos, trouxeram-me, creia, não so muitas decepções, como profundo arrependimento, desgostos e tédio. Não seria, pois, lógico, e menos leal amigo, aconselhando-lhe por bom aquillo que em tanto mal me reverteu.

Mas... eis o absurdo produzindo a verdade, como do negro e acre fumo do carvão eflora a mais límpida e brilhante flamma, interessando o creado na maravilha do Creador, — o *fiat lux*. Mas as suas *Vozes trémulas*, esses écos infantis, destroem toda a argumentação que con-

substanciara e robustecera em meu isolamento: e o fructo da meditação que formaram e arraizaram convicções, lá o leva a agua a baixo, como um enorme e pesado madeiro em seu dorso molle e inconsciente o riachinho asoberbado pelo degelo...

Fôra outro o poeta, que as suas estrophes não seriam profanadas pelas minhas impressões: lel-as-ia, si me sobrasse tempo para isso, o que ja seria um milagre, e quando muito sympathisaria com o autor, antolhando-lhe o acervo de decepções que encontraria no caminho a fazer. São, porém, as inspiradas fantasias de suas 15 primaveras, que se me desdobram aos olhos lindas, virentes, majestosas como os panoramas da nossa patria.

As suas *Vozes trêmulas*, meu gentil menino, são mais do que uma pálida esperança entretecendo-se nas caligens do futuro; para mim, que as reputo preciosas, ellas ligam-se ao seu tempo, significam-no, são como um elo a prender o dia que passou com aquelle que ha de vir; facto congênere a uma serie de acontecimentos que se encadeiam brilhantemente, e que portanto tem, como tudo, uma historia. Qual será essa *importante historia* matriz, ou derivação das poesias de Mucio Teixeira? esse menino trêfego, que apenas abandona os brincos infantis, ou que, quem sabe si ainda não atira o seu pião, solta a *pandorga*. (*) e joga pedras ás vidraças do visindario? Perguntar-me-á algum desses *Pyrrinhos* pessimistas... Não lhe demorarei a resposta, que ahí vai mesmo pendurada a essa espasmada interrogação.

E' a historia da literatura contemporanea; é o símile daquella que se encarnou na lucta intellectual dos departamentos contra a centralisação e o exclusivismo de Paris, e que se chamou a *Colligação Literaria das Provincias*. E' ainda, e por mais perfeita assimilação, aquella

(*) No Rio Grande do Sul dá-se o nome de *pandorgas* a esses brinquedos de crianças que no Rio de Janeiro se denominam *papagaios*, e que consistem num polygono, ou coração, etc., composto de cruzetas de taquára grudadas no papel de várias cores, ao qual é preso um extenso cordel, que se desenrola para que a *pandorga* vôle aos caprichos do vento. A origem deste vocábulo gaúcho é espanhola, dizendo-se em lingua castelhana também assim nos paizes do Rio da Prata, quando a rigorosa acceção do termo *pandorga* quer dizer mulher muito gorda, de carnes bambas.

que marcou á literatura dessa tumultuosa França de Luis Felippe e da República, a brilhante invasão dos poetas que irrompiam de todos os ângulos.

.

O Canto do Guasca é a única de suas poesias que tem verdadeira *cor local*: a quadra e a décima a *desbançar* todas as regras da grammática; o dialecto *barbaresco* do camponez rio-grandense, a sem cerimonia ou o inconsciente despejo da dialogia, esse *tocar por diante* a primeira imagem, das que traz ao *rodeio*, completam o typo original que se propoz descrever.

Garantir-lhe o porvir não é aventurar um prognóstico pedantesco, mas simplesmente, compulsando provas autênticas, concluir dellas um juízo. — Nasceu poeta o sr. Mucio. O seu Anjo da Guarda, beijando-o no berço, incendeu-lhe na frente o fogo sagrado! Como Isaac, prepare a fogueira para o proprio sacrificio; obedeça ao decreto dessa sublime fatalidade, a vocação, que o attrai ao martyrio da gloria.

Não se deixe, porém, apenas levar pela indolente correntesa do plácido rio; arme os remos, acurve-se sobre elles, e vogue, vogue, vogue para a foz, para o oceano, para o infinito! Como Colombo, arrojese em busca do seu ideal, mas tambem como elle seja previdente, evitando quanto possivel essas fataes nebulosas, que tantas e tão brilhantes esperanças têm abysmado. Prosiga, pois, e va tão seguro de si, tão crente no porvir, como fica pelo sr. cheio de nobre orgulho patrio e esperanças o seu entusiasta e dedicado amigo — *José Bernardino dos Santos*. — Porto Alegre, 5 de Outubro de 1872». (*)

Parecerá vaidosa ostentação de legítimo orgulho passar para aqui a seguinte poesia, que tanto me lisonjeia, com a qual fui condecorado pela Musa generosa e bizarra do mestre, no dia em que completei 34 annos de idade; mas a razão, é outra, — não tenho nenhuma poesia delle no meu archivo de poetas queridos, como já fi-

(*) *Carta aberta a Mucio Teixeira*, publicada no *Album Semanal*, de Porto Alegre, e transcripta como prólogo no livro — *Vozes trêmulas*.

cou explicado, e quero dar aqui uma simples amostra da sua maneira de poetar. Assim... eil-a:

A MUCIO TEIXEIRA

Vi-te, Poeta, ainda adolescente,
Insinuante, feliz, altivo, ousado ;
Na frente — a estranha luz dum sonho ardente,
No olhar — reflexos dum clarão sagrado!

O teu cabelo tinha um quê do oceano
Quando ao impulso dos tufões ondeia,
Qual juba de leão — que soberano
Encara o firmamento que se arqueia...

Ensaivavas a lyra febrilmente :
E eram tão decés essas melodias,
Que em horas mortas, ao luar pallente,
Nais de uma porta ao teu cantar se abria...

Umbras, então, appareciam,
Indiscretas, medrosas, palpitantes :
Eram lindas mulheres, que te ouviam,
Somnâmbulas talvez... talvez amantes!

Nesse sonho de amor, sempre illusorio,
Brilhavam risos húmidos de pranto ;
Era a guitarra de DON JUAN TENORIO...
Era uma tentação aquelle canto!...

Passou o tempo. — O estro, que acompanha
Tuas aspirações, foi a teu lado ;
Vi afinal teu nome, em terra estranha,
De virentes laureis engrinaldado.

Do proscrito as constantes amarguras
Trocaram-se em triumphos repetidos ;
E da diplomacia nas alturas
Novos louros por ti foram colhidos.

Da lyra d'ouro desprendendo as notas,
A' frente dos poetas brasileiros,
Enches de orgulho os teus compatriotas,
Applaudido entre os proprios estrangeiros!

Bernardino dos Santos, entre os seus preciosos manuscritos, deixou mais alguns romances, dramas e versos, além da auto-biographia, que intitolou de *Memorias de um Rebelde*. E nas revistas do Parthenon e *Murmurios do Gualhyba*, estão impressos mais dois notaveis trabalhos seus, o romance regional *A Douça* e o drama histórico *Frei Christovam de Mendonça*. O seu volume de versos intitula-se *Flores de Maio*, e é notavel o seu romance — *Serões de um Tropeiro*.

AURELIO DE BITTENCOURT

AURELIO VERISSIMO DE BITTENCOURT nasceu em Porto Alegre em 1850 e falleceu na mesma cidade em Novembro de 1919. Nunca sahii da terra do seu nascimento, como Betthencourt da Silva, que nasceu no alto mar, viveu mais de oitenta annos, e nunca atravessou sequer a bahia de Guanabara, gabando-se de nas suas mais largas viagens ter ido da Tijuca ao Corcovado e da Copacabana a Jacarepaguá. O Aurelio tambem já se deu ao luxo de ir do Parthenon aos Moinhos de Vento, e do bairro dos *Tinteiros* ao dos *Bagadús*. Não sei como ha individuos que se contentam com a triste e monótona pacatez dos mariscos, sem nunca sahir do logar do nascimento, como a ostra dentro da concha, ou, para mais poetisar o caso, a pérola no fundo do mar de Baharem, que é onde jazem as mais bellas, desde a *apingentada*, de fôrma de pèra, até a *oriental*, límpida e lustrosa.

O Aurelio era preto, como o Gonçalves Crespo e o Cruz e Sousa; quero dizer, não tão retinto como o conselheiro Rebouças ou o professor Hemeterio, mas daquella pretidão discreta de Luis Gama, limpa e bonita como a *pretidão de amor* que o Camões diz que bem merecia ser trocada pela alvura de Venus... não, não, não é isso, *bolei as trocas*; o que o claro épico disse foi que Venus jurara que trocaria a sua cor pela da captiva que o tinha captivo pelos seus escuros encantos. Preto tambem era o nosso patricio Rafael, que foi talvez o melhor amigo do Imperador D. Pedro II, como se pode ver no meu livro *O Imperador visto de perto*; e longo seria ennumerar os outros pretos que figuram na historia como exemplos de virtudes cívicas, a começar por Scipião, o Africano, que arrasou Carthago e venceu Anibal, para vir a ser ingloriamente morto por Sempronia, a sua desleal esposa.

Sejam as *raças* diferentes *especies* do *gênero humano*, como querem os modernos anthropologistas, ou sejam somente *variedades da especie* (que é o que me parece mais racional), o que interessa averiguar aqui é si essas variedades, ou especies, que se distinguem pelos caracteres exteriores, não são igualmente aptas para receber

e conservar os mesmos principios moraes, sociaes e políticos, ou si algumas são refractarias a certa ordem de idéas, emquanto que outras as acolhem facilmente. Si o mulato, que é um sêr inferior, desde que é o producto hybrido do branco com a preta, ou do preto com a branca, já tem produzido poetas como Gonçalves Dias e políticos como Cotegipe, porque não ha de o negro, que é o fructo dos ramos de uma só árvore, a raça negra, ter as mesmas virtudes e a mesma cerebração do branco?

A causa apresentada, para a explicação do resultado social e político da mistura das raças continentaes, baseia-se na idéa suggerida por alguns naturalistas, de admittir que as aptidões do homem para apropriar-se do que convém ás suas inclinações e necessidades, mudando tambem intellectualmente, não estão desenvolvidas de igual modo entre as raças. Averiguando no que se funda essa crença, vejo que é apenas em observações insufficientes e não adequadas, pois é preciso fazer a distincção entre a educação que se quer impor á força e repentinamente, a um determinado individuo, e a educação progressiva e secular de uma raça. O facto destróe as argumentações em contrário; e diante da multiplicidade de factos que se ostentam na historia, desde a mais remota antiguidade até hoje, tanto pode ser virtuoso o branco como o negro, que até já chegou a ser canonisado, como Benedicto, o tão popular S. Benedicto, de cuja devoção ou confraria, o Aurelio era irmão... remido.

Aurelio de Bittencourt começou a sua longa e notavel carreira pública partindo de muito baixo até chegar bem em cima. Foi sacristão da igreja das Dores, andando pelas ruas de opa e salva de prata, para recolher as esmolas dos irmãos das almas e crentes da Santa Madre Igreja; entrou para a Secretaria do Governô da Provincia como simples auxiliar de escripta, foi nomeado amanuense, subiu a official, até que finalmente chegou ao cargo de director-geral, em que se aposentou, tendo servido como official de gabinete dos últimos presidentes da provincia e de todos os governadores do Estado, até o actual, que quiz incluil-o na chapa de deputados ao Congresso Federal, o que não era possivel, pois assim teria de sahir de Porto Alegre, e elle não commet-

teria a imprudencia de se expor ás perfidias do oceano, ou aos perigos da estrada de ferro, isto já no último quartel da vida, só pela ninharia dos cem mil réis diários, (*) fôra as ajudas de custo e outros achegos parlamentares. Esquecia-me dizer que tambem era tenente-coronel da Guarda Nacional, hoje segunda linha do exército.

Como se vê, é um negro de clara sorte na terra e límpida estrella no ceu. Educado, nessa humilde condição, nos mais rigorosos principios religiosos, foi tão convenientemente instruido, que muito cedo conquistou a estima e consideração das pessoas mais gradas da nossa sociedade, que o receberam sem escrúpulos, numa época e meio em que predominavam os preconceitos de côres. Convivendo na intimidade dos mais distinctos moços do Parthenon, com elles collaborou na sua *Revista*, de onde passou para os jornaes diários, até chegar a ser o redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, que era a primeira folha do Rio Grande do Sul.

Modesto, não se apresentando em parte alguma onde a sua presença não fosse reclamada, de todos captava a estima merecida. Casando-se com mulher da sua raça, interessante e honesta, constituiu um lar respeitavel, educando os filhos de maneira a serem recebidos na melhor sociedade, a todos causando fundo sentimento a prematura morte do seu primogênito, herdeiro e continuador do nome paterno, que pouco depois de se formar em direito fôra nomeado juiz de um dos districtos de Porto Alegre. Morta tambem a esposa, como elle nunca fosse dado aos prazeres da rua, tendo por isso necessidade de amenisar as tristezas do lar apagado pela viuvez, contrahiou segundas núpcias, mais para reaccendel-o ao brando calor de uma existencia pacifica, do que para illuminal-o aos clarões de novos amores.

Nós éramos, tanto nas reuniões do Parthenon como nas salas de redacção, implacaveis com o ultramontanismo do Aurelio, que foi sempre um fervoroso crente, cathólico apostólico romano, praticante. Sempre que elle

(*) Naquelle tempo os pseudos representantes da nação ainda não eram tão cynicos como os de 1920, que, numa época de fome, elevaram o seu subsidio a 150 mil réis diários. Que miseria!...

se referia a pessoas de certa representação, não era capaz de dizer-lhes o nome sem precedel-o dos respectivos títulos; por mais longe que estivesse do bispo, ou do presidente do Estado, só se referia a elles deste modo: — *O senhor bispo... o sr. presidente... o sr. general Fulano, o senhor deputado Sicrano, o senhor senador Beltrano...* Confesso muito a puridade, que nunca tomei a serio a sinceridade das suas crenças, tanto religiosas como políticas, parecendo-me que elle resava pela mesma cartilha de Ferreira Vianna e Carlos de Laet, que foram sempre mais papistas que o próprio papa e mais realistas que o rei; mas, como dahi não vem mal nenhum ao mundo, tenho feito de conta que acredito em todos elles, mas applicando, com restrições mentaes, a todos, o verso de Epronceda: —

« ¡ Que haya un cadáver mas, qué importa al mundo !

Que me perdôe a alma do Aurelio esta teimosa reincidencia das diabruras de outr'ora, que tanto faziam rir ao Affonso Marques, que por um triz não foi padre, quanto mais ao Apollinario, que tanto escreveu contra o celibato no clero, signal de que respeitava as coisas da igreja; perdôe-me tambem esta sincera declaração de que nunca acredetei naquillo em que elle proprio talvez não acreditasse, e não me queira mal por esta rude franqueza, uma vez que sempre me quiz bem. Vamos lá... ponha a mão na consciencia, si é que até lá pode chegar a mão, e diga-me, como si estivesse no confissionario, si não tenho razão de sobra para dizer como aquelle reverendissimo senhor frade que dizia: — *façam o que eu digo, mas não digam o que eu faço...*

E' pena que Aurelio de Bittencourt tivesse desperdiçado a sua bella intelligencia em ligeiros contos e artigos de politica local, chegando quasi a bater á porta dos setenta annos sem ter produzido uma obra de arte que o recommendasse aos vindouros. Nem se me diga que a burocracia lhe absorveu inteiramente o tempo, pois as horas que passou nas sacristias, ou ajoelhado diante dos altares, si as empregasse na elaboração de um livro de costumes regionaes, ou descrevendo as torturas da sua

raça durante os tres séculos da escravidão, ou mesmo numa serie de biographias dos homens que conheceu de perto, a começar pelos presidentes e governadores com quem serviu, outro seria hoje em dia o seu nome nos fastos da nossa literatura.

Machado de Assis, que com elle tem tantos pontos de contacto, ambos da mesma raça e ambos galgando passo a passo todos os postos do funcionalismo, embora não se lhe possa perdoar a grave falta de nunca ter tratado do momentaneo assumpto abolicionista, que tão de perto lhe tocava, ainda assim soube aproveitar muito mais acertadamente as suas aptidões, que aliás em nada eram superiores ás de Aurelio de Bittencourt, a não ser na orientação seguida em mais amplo campo de acção. — Quando publiquei o meu primeiro livro, Aurelio correu ao meu encontro, de braços abertos, radiante de alegria, dizendo pela imprensa, para que todos ouvissem:

— «Tenho agora mesmo entre as mãos um livro de versos. A leitora naturalmente já sorriu, mostrando interesse em conhecer o poeta. Satisfaço com o maior prazer a sua feminil curiosidade — e apresento-lhe o sr. Mucio Scévola Lopes Teixeira. E' um mancebo de 15 annos, que ama o estudo e tem diante de si um largo e brilhante futuro. Na idade feliz em que tudo é visto por um prisma deslumbrante, em que se vive de sonhos e esperanças, Mucio, sentindo abraçar-lhe a fronte o fogo da inspiração, trava da lyra e canta!

O seu primeiro hymno é consagrado a sua Mãe. Prova esplêndida de que ha no seu tenro coração nobres sentimentos; uma mãe é um thesoiro inestimavel, porque é triste si a dor nos fere, e é feliz quando a ventura nos sorri. Quem, portanto, mais competente para merecer o primeiro canto do poeta? — Para a sua idade tem feito muito o sr. Mucio Teixeira, pois não é facil em tão verdes annos fazer bons versos, em que a critica justa e sensata não tem muitos senões a notar. — Porto Alegre, 1873. — *Aurelio de Bittencourt*».

JOÃO FERNANDES

JOÃO DAMASCENO VIEIRA FERNANDES nasceu em Porto Alegre a 6 de Maio de 1850, entre a praça dos Guarany's e a cadeia, no bairro dos *bagadús*, (*) e falleceu na Bahía a 6 de Março de 1910. De obscuro nascimento, mostrou durante toda a vida que não tinha tomado chá em pequeno... como disse o Visconde da *Noite no Castello*, cujo tratado de metrificacão serviu a este ver-sejador para a demonstracão de que a simples observancia das regras do compendio não supre absolutamente a falta da inspiracão, que só bafeja os verdadeiros poetas de raça.

Damasceno era invejoso e de uma ambicão sem limites. Estreando simultaneamente commigo, quero dizer que, publicando o seu primeiro livro — *Ensaíos tímidos*, no mesmo anno em que publiquei as minhas *Vozes trémulas*, (1873), se tornou meu inimigo... só porque a critica applaudiu ruidosamente a minha estréa e não ligou a menor importancia á d'elle.

E esperou pacientemente nove annos, sem a coragem precisa para agredir-me de frente, até que chegou a oportunidade de dar o primeiro bote... á distancia que separava Porto Alegre da capital da provincia do Espirito-Santo, onde eu me achava no desempenho do cargo de secretario geral do governo. Publicou, então, um volume de retalhos de jornacs, que intitulou *Esboços literarios*, no qual me passa uma descompostura, indignado por eu ter publicado, cinco annos antes, na *Revista do Parthenon*, uns versos contra elle, que transcrevi depois no meu livro dos *Novos Ideaes*, onde digo isto:

Canta os anjos do lodo em *tímidos ensaios*,
Saúda a madrugada entre os lençóes da cama,
Toma café com pão á mesa dos lacaios,
E em copos de agua-ardente a inspiracão inflammã,

(*) Da cadeia até a praça da Alfandega, ss moradores da margem do rio eram denominados *bagadús*; da praça da Alfandega até o Caminho Novo, — *Tinteiros*,

estende a mão leprosa ás meretrizes éticas...
 E si cáem-lhe aos pés uns cobres esverdeados,
 Resmungando, em voz fanhosa, exclamações pathéticas,
 Que inspiram compaixão aos rôtos aleijados.

E' o requinte immoral de todos os cynismos,
 A baba das traições,
 A lama dos paúes, a treva dos abysmos,
 O dente dos chacaes, a garra dos leões!

Elle publicou mais livros, em prosa e verso, mas basta dizer que nem sabia collocar os pronomes, preocupado em collocar-se em bem remunerados empregos públicos. Feitas as primeiras letras na escola fêgia do famoso *Amansa Burros*, estudou ainda com Bibiano de Almeida, que o chamava á palmatoria por dá cá aquella palha... e finalmente passou a ser decurião no Collegio do padre Massa, até que entrou no functionalismo público, de onde nunca mais sahio.

Foi praticante na Thesouraria de Fazenda de Porto Alegre, em 1874, até que em 1882 realisou o seu sonho doirado, que era ser conferente da Alfandega de Porto Alegre. Demittido, no mesmo lugar, foi readmittido na Alfandega de Santos, de onde foi transferido para á da Bahia, onde morreu.

GUSTAVO VIANNA

GUSTAVO VIANNA FILHO nasceu em Porto Alegre a 17 de Setembro de 1852 e falleceu na mesma cidade a 11 de Junho de 1876, contando apenas 24 annos incompletos, como Castro Alves e Junqueira Freire, na mesma idade em que mais tarde veio a morrer Francisco Mangabeira, todos poetas de primeira grandesa, sem esquecer Casimiro de Abreu, que morreu apenas com 22 annos. Esta lamentavel successão de tantas mortes prematuras, no nosso Parnaso, levou tambem Alvares de Azevedo, que foi o que morreu mais moço de todos, contando apenas vinte annos, a dizer isto:

«Apagou-se uma das lâmpadas do sacrario: o ciborio das nossas dores recebeu mais uma lágrima. Mais

uma corôa fúnebre em nosso passado, mais um homem assombrado de esperanças e glórias, que foi dormir no escuro do fôssô com a fronte salpicada da cal do enterro! Nas praias do negro rio da morte aportou mais um cadaver esverdeado do passamento; e o crepúsculo das agonias escureceu em sua névoa a historia de um joven sublime! Nós todos que o amávamos, que o respeitávamos, nós o choramos; derramamos sobre o corpo frio das nossas illusões desfeitas uma lágrima, lançamos no thurybulo do templo mais um grão de incenso ».

Poeta lyrico, orador vibrante, folhetinista espirituoso, crítico de comprovada competencia, o talento de Gustavo Vianna já se mostrava familiarizado com os clássicos de diferentes literaturas e os mais brilhantes escriptores do nosso tempo. Redigiu com superioridade mental e moral uma das folhas diarias de Porto Alegre, *O Mercantil*; collaborou assiduamente nas revistas do *Parthenon* e dos *Ensaios Literarios*, de cuja sociedade foi eleito primeiro orador, na vaga aberta com a morte de Lobo Barreto, e publicou muitos trabalhos em prosa e verso no *Album Semanal*, tornando-se notaveis os seus folhetins, firmados todos com o pseudônimo *Pery*.

Collaborou tambem no *Século* e no *Mosquito*, dois hebdomadarios de literatura crítica, o primeiro com gravuras. São desse período as suas *Rectas e Curvas*, onde a graça saltitava e zumbia, borboleteando pelas coisas de actualidade, mordendo ás vezes, ou fincando o ferrãozinho na ponta de um nariz mais arrebitado pelo pedantismo, mas sem ferir, nem produzir sangrias, causando apenas ligeiras echymoses. Quando publiquei o meu segundo livro de versos, em 1875, Gustavo Vianna escreveu um juizo crítico, onde ha este tópico:

«O talento poético de Mucio Teixeira revelou-se espléndido no mimoso livrinho das *Violetas*, lindo ramalhete formado das flores mais mimosas da sua rica imaginação. Naquellas 216 páginas, que formam o volume, o poeta derramou tantas pérolas de sentimento e lyrismo de sua alma inspirada, que difficil se torna escolher esta ou aquella poesia. Pode-se dizer deste seu novo livro de versos: — que se abre com curiosidade, lê-se com prazer e fecha-se com saudade ».

Orador, elle manteve em esphera radiosa as tradições de Affonso Marques e Lobo Barreto, e isso quando as vozes desses eleitos da eloquencia ainda pareciam vibrar nas tribunas do *Parthenon* e dos *Ensaíos Literarios*, principalmente nesta, alcançando verdadeiros triumphos. Dizem que tambem sou orador; acredito; mas fiz a minha estréa tribunicia, no Rio de Janeiro; naquelle tempo eu só sabia recitar os meus versos, o que não era pouco, attenta a minha idade. E devo confessar que então já me pareciam mais sympáthicos os Catilinas que os Cíceros. Catilina, o demagogo, já que assim o querem, que lutou pela patria, pela liberdade e pela vida, espera ha vinte séculos a sua reabilitação. Foi sacrificado em vida pelos rhetóricos, e os rhetóricos o caluniam na posteridade.

Estou ainda por saber em que consistem os progressos realisados ou os beneficios feitos pelos oradores. Não abrindo mão dos sabios da Grecia heróica, dos astrônomos e astrólogos de todas as idades, dos geólogos, naturalistas, chimicos, grandes poetas ou atrevidos navegadores, entre todos não encontro um só que tenha brilhado pelo esplendor da eloquencia; e até em nossos dias, em que por toda parte formigam oradores, principalmente na esphera política, que é onde mais se abusa da palavra, vejo que nenhum dos estadistas que mais têm influido nos grandes successos e transformações sociaes, se haja destacado pela oratoria.

Já se vê que não falo das culminancias tribunicias, mesmo porque as não temos. Grandes ou pequenos, úteis ou prejudiciaes, misturam-se todos elles com a turbamulta que pretende fazer da palavra a vara de condão que faça jorrar do subsidio parlamentar o áureo leite ordenhado nas vasiaas têtas da vacca do Estado. Assim como certos polyglottas, para demonstrar que conhecem muitas linguas, dizem phrases que pescaram de orelha em meia duzia de idiomas, os oradores políticos falam de tudo, sem entender de nada, pronunciando discursos ou improvisando réplicas como quem redige um *a pedido* no *Journal do Commercio*.

Castelar é para mim o maior orador de todos os tempos e de todos os paizes. Sei que nem todos concordam commigo, principalmente na França, onde ainda parece reboar o éco da eloquencia de Mirabeau; mas confesso

que Castelar é o único que me arrebatava. E nem por isso deixo de reconhecer que elle proprio, si não foi tão funesto como o francez citado, ainda assim causou grandes prejuizos á raça latina, formando a escola dos seus ridículos imitadores. E' uma fatalidade que pesa como tremenda maldição sobre a cabeça dos que fazem tamanho desperdicio de palavras. Os arrebatamentos da inspiração, os vôos mais altos, as expressões mais apaixonadas, os movimentos mais rápidos, os gestos mais atrevidos são admiraveis quando partem da cratera inflammada do cérebro de um genio; mas os imitadores de Castelar, si não provocam a hilaridade do auditorio, deixam-me triste e com vontade de mandal-os prégar em outra freguezia...

E' preciso ser um consumado artista na escola da declamação, para começar o discurso em tom familiar, e, de repente, sem que ninguem espere, ou muito menos se atreva a interrompel-o com apartes, cerrar os punhos, apostrophar enérgicamente, ou mesmo chorar, mudando de tom a cada momento, sem precisar recorrer ao clássico copo d'agua, depois de passar o lenço pela testa no fim de cada periodo de légua e meia. Não admitto que haja sinceridade e verdadeiro sentimento num discurso onde se misturam os períodos trágicos com os cômicos e os húmidos...

Referi-me ácima á *turbamulta*; mas não vá um mal intencionado pensar que me refiro apenas á gentalha, pois que neste nome colectivo estão incluidos os senadores, deputados, jornalistas, industriaes e até mesmo oradores. Menos perigosa considero a eloquencia literaria dos oradores, que não arrastam o proletariado aos *meetings* populares, provocando escândalos nos parlamentos e revoluções na praça pública. Esta digressão não é allusiva a pessoa alguma. Procurei apenas amenisar um pouco este assumpto triste como um dobre de sinos.

Não conheço nada mais solenne do que ver alguém morrer. A agonia humana é profundamente edificante. Porque não havíamos de morrer como as flores, num ambiente de aromas, ou como estrellas, numa explosão luminosa?... Disse Alvares de Azevedo que o homem só se lembra de Deus na occasião do perigo; deve-se, então, nesse terrivel momento, pensar muito no Todo

Poderoso, porque a morte é o maior de todos os perigos. Tem, além disso, as terríveis ameaças do Desconhecido... é uma janella aberta para a escuridão de uma praia onde rebentam ondas de dúvidas e uivam ventos frios que se desencadeiam em lamentos.

Este era o meu modo de pensar naquelle tempo. O conhecimento que adquiri mais tarde das coisas da terra e principalmente dos segredos do ceu, fez do supersticioso de hontem o crente de hoje, que pagou o mais pesado tributo de lágrimas e resignação a um largo período de scepticismo e devaneios mysticos. A theosophia transfigurou-me inteiramente, de maneira que cheguei a amar a vda sem temer a morte, como aconselha Apollonio de Tyana.

Neste perfil de Gustavo Vianna falei do orador, do jornalista, do moço cheio de esperanças e do folhetinista fulgurante, sem nada dizer do poeta, que o era, imaginoso e sincero, facil na dicção, destro no manejo da rima, sempre galanteador com as damas e pouco expansivo na sua espaçada visita ás filhas de Apollo. No verso o seu patriotismo era mais fulgurante que ardente, preferindo sempre a prosa, exactamente o contrario do que se observava em mim, que dia e noite andava ás voltas com as nove irmãs, mais dado aos amores do que ao amor, ardendo nas labaredas de passageiras paixões, e terrivel na sátyra. — Eis um soneto do nosso Gustavinho:

O NAUFRAGIO

Sonhando ver o quadro feiticeiro
Do lar distante, que o luar prateia,
A alma saudosa, de esperanças cheia,
Volta contente ao porto o marinheiro.

Quando o lar já divisa entre o nevpeiro,
A tempestade os ventos desenfrea,
E da deserta praia sobre a areia
Desconjunta-se o barco aventureiro!...

E rolam, a boiar, noites e dias,
Corpos inchados sobre as aguas frias
Em que o frio luar lágrimas verte...

Assim fui eu, quando avistava o porto
Que tanto demandei, — tão cedo morto,
Caio, sem força, frio, exausto, inerte!

THEODORO DE MIRANDA

JOSE' THEODORO DE MIRANDA nasceu em Porto Alegre a 29 de Abril de 1852 e falleceu na freguezia de Belém Velho, a 33 kilômetros da capital, poucos dias depois de ali chegar, em procura de melhores ares, não sei em que dia do mez de Julho de 1877. Nas vésperas da sua partida para aquella povoação, indo eu visitá-lo, na sua humilde habitação da rua da Igreja, quasi de frente do sobrado do José Bernardino dos Santos, sahi d'ali desolado, ante a obra da destruição humana, tal a tenacidade com que se prendia á vida quem ia tão cedo desaparecer na morte!...

Morreu com a mesma idade de Affonso Marques; e, como este, agarrava-se a esta miseria da vida com toda a força que ainda lhe restava. Parecia dizer como Apollonio de Tyana: — «Sócratas deixou-se matar, porque não quiz deffender-se; mas eu não, hei de lutar até cair exausto». Elle, porém, não teve a alta visão philosophica, que poderia attenuar-lhe os padecimentos com a consoladora esperanza de uma futura existencia, na convicção com que Apollonio affirmou que ninguem nasce sinão apparentemente, nem morre sinão assim, pois o nascimento é a passagem da essencia á substancia, assim como a morte é o regresso da substancia á essencia.

Theodoro de Miranda, com Lobo Barreto, Gustavo Vianna e Arthur Rocha, vendo que lhes era difficultada a tribuna das conferencias no Parthenon, além de não lhes serem franqueadas as páginas da nossa *Revista*, (fui o único a quem se facilitou tudo isso, sem ter sido socio fundador, devido aos meus poucos annos de idade), resolveram, sem rompimento connosco, fundar uma sociedade congênere, a que deram a denominação de *Ensaíos Literarios*, publicando tambem uma revista mensal.

Na *Revista dos Ensaíos Literarios* e no *Album Semanal* fez Theodoro a sua vigilia das armas, escrevendo tambem no jornal diario *O Rio-Grandense*, de Carlos von Koseritz. Theodoro, além de poeta e prosador distincto, era tambem repentista notavel e orador eloquente. Tinha eu 15 annos de idade, quando lhe disse uma vez que

não sabia decifrar charadas nem me preocupava com isso. Retrucou-me com a seguinte quadra (que é charada, e tem o meu nome por decifração):

Em música chamai por um poeta, — 1 — 2
 Estrella que desponta em ceu de anil:
 Ha de acudir-vos logo á mente inquieta
 Uma fronte altaneira e juvenil.

Zé Theodoro, como lhe chamavamos na intimidade, era de estatura mediana, cheio de corpo, reforçado, gosando dos foros de valente e destemido, impondo-se por façanhas cavalleirosas entre os mais intrépidos arruaceiros do bairro dos *bagadús*, onde morava, merecendo a camoneana alcunha de *Trinca Forte*... O interessante, porém, é que esse espantalho dos proprios valentes, era timido e retrahido, bom e meigo, não provocando ninguem, mas tambem não admittindo que ninguem o provocasse, pois não podia levar desaforo para casa, ajustando as contas ali mesmo...

E' fóra de dúvida que os espectáculos romanos em que lutavam os gladiadores, tinham um objectivo político e civilizador, de que carecem as brutaes corridas de touros e rinhas de gallos da actualidade, que são realmente ridiculas ante as quatrocentas pantheras e os leopardos que Pompeu subjugou na arena, ou os leões que em número ainda maior Cesar viu matar, não falando nas tres mil e quinhentas feras sacrificadas no reinado de Augusto!

Além do bello horrivel de taes hecatombes isso contribuia de maneira efficaz para varrer da crosta do nosso planeta esses animaes carnívoros que tanto ameaçavam o homem, embaraçando-lhe os passos na luta pela vida. E' da contingencia humana essa avidez de emoções fortes, que celebrei nos meus primeiros versos (o que hoje não faço), mas que não é de estranhar num filho e neto de guerreiros, que tambem seguiu a carreira das armas, de que felizmente cedo arripiei carreira.

Facto digno de nota: na nossa roda, que era numerosa, nem um só se embriagava, embora todos bebessemos a nossa cerveja, e vinho ás refeições. O único que bebia

até ficar bêbedo, era o Lobo da Costa, que não convivía connosco, tendo apenas apparecido duas vezes em Porto Alegre, com largo intervallo, vivendo em Pelotas, de onde só se ausentou quando foi ás cidades de S. Paulo, Curityba e Rio Grande. Só no Rio de Janeiro é que tive companheiros dados a esse feio vicio, que é uma molestia curavel, sendo elles o Fagundes Varella, o Lins de Albuquerque, o Manhães de Campos e os irmãos Pedro Paulo e Paulo Pedro do Amaral.

Theodoro era um melancólico, silencioso, taciturno, estudando e produzindo muito, só se expandindo no grupo dos seus íntimos amigos, que eram poucos. Preso-me de ter sido um delles. A' menor allusão á sua pessoa ou a qualquer de nós, não perdia tempo em pedir explicações, ia logo á cara do insolente, dando com vontade, deixando-o resabiado para o resto da vida. Tornou-se célebre a sova que deu nuns *valientes*, que viviam a provocar meia cidade. O caso foi assim:

Theodoro gostava do jogo do bilhar, e costumavamos jogar a nossa partida no saguão do theatro S. Pedro, onde o *Chacaluga* nos reservava os melhores tacos. Havia uns famigerados noctivagos, capitaneados pelo famoso cadete Lapa (sobrinho do Visconde de Pelotas); e esses desordeiros aterrorisavam os burguezes, provocando-os dia e noite, e martyrisavam o triste mulherio de vida alegre, do becco do Poço, rua de S. Jerônimo e adjacencias.

Um bello dia, jogavamos a nossa partida quando entraram elles... começando logo um por cuspir pilherias assim que Theodoro ou eu fazia uma *pivotada* ou errava a carambola. Entreolhámo-nos, e o Theodoro começou a morder os beiços, signal de que o tempo se enfarruscava... A uma nova provocação, o meu amigo atirou o taco sobre o bilhar e, desarmado, encarou-os, perguntando: — Os snrs. não percebem que o meu amigo e eu não estamos dispostos a atural-os?!

Mal os dois se ergueram, num ímpeto, dispostos naturalmente a cahir em cheio sobre nós, Theodoro atirou o primeiro de pernas para o ar, sobre o qual me debrucei, a esganal-o, engalfinhando-se com o segundo, numa especie de valsa de giros rápidos e descompassa-

dos, atirando-o num abrir e fechar d'olhos pelos degraus da escada que conduzia ao porão do theatro, de onde o tiraram com o craneo fracturado, um braço partido e o nariz a escorrer sangue.

Explicado o facto na policia, sahimos victoriosos e applaudidos pela multidão, que logo correu ao theatro da tragedia, acompanhando-nos pelas ruas numa verdadeira apothese. O meu amigo era valente, mas só recorria á sua rijesa muscular em casos extremos. Assim, causou dolorosa surpresa a noticia de que uma tísica galopante lhe estava roendo os pulmões, matando-o em poucos mezes, no vigor dos seus 25 annos de idade.

Mas o poeta, que os homens tanto temiam, era o querido das mulheres, a quem fascinava com o duplo prestigio da inspiração e da valentia. Vestia-se com distincta simplicidade, sempre de preto, os sapatos lustrosos e de salto militar, o chapéu desabado. Era desenhista, na repartição de Obras Públicas, onde ganhava para sustentar a velha mãe, com quem morava. O ordenado chegava para os gastos extraordinarios; era franco, fazia questão de pagar a partida, mesmo ganhando; e mandava servir a cerveja e *sandwiches*.

Sempre que me pedia um livro emprestado, ao restituil-o, levava-me outro, de presente, de alguma novidade scientifica ou literaria. O curto e negro bigode, cahido nas estremidades como o dos chinezes, emprestavalle um aspecto sombrio, mas era alegre, tinha um vasto repertorio de anedotas apimentadas e finas. Parecia á primeira vista um impulsivo, sem enthusiasmos nem dedicações, imperturbavel e frio; mas era leal, sorria com meiguice e falava com ardor.

Era um enérgico e um simples; fiel na amizade e no amor, confirmava assim o proverbio allemão que diz: — *A peór roda do carro é a que está sempre rangendo*. Seguia á risca o conselho de Lavater, que manda desconfiar dos que acham tudo bom, dos que acham tudo mau, e mais ainda dos que são indifferentes a tudo. Tinha um grande dominio sobre si proprio, impondo-se ao respeito de todos. Distinguiu-me com a mais particular estima, que me orgulho de ter sabido conquistar, pagando-lhe na mesma moeda.

Os nossos companheiros reuniam-se de dia em casa

do Apollinario e á noite na minha casa, na chácara dos Moinhos de Vento, onde hoje se ostenta a arrogante Villa Olga, precisamente onde outr'ora se via a casa térrea, vasta e confortavel, de onze janellas de frente, onde desfolhei a flor da juventude. Elle, o Baptista Pereira, o Affonso Marquez, o Lobo Barreto e o Gustavo Viana formavam o meu cenáculo, onde mais tarde se reuniu outro grupo, não menos distincto, de rapazes que se chamavam Julio de Castilhos, Assis Brasil, Homero Baptista e Trajano Cesar.

Alguns iam aos sábbados, dormiam lá, passando o domingo em plena liberdade bucólica, *sub tegmine jagi*, só regressando na manhã seguinte. Eu passava o verão ali e o inverno na nossa casa da rua da Guarda Principal, perto da praça da Harmonia, onde se ouvia o clarim do quartel-general, que me fazia ter saudades de meu Pai, coronel d'engenheiros, que morreu moço, tendo servido ali com o general Caldwell e o Conde de Porto Alegre.

Theodoro, que morava perto, visitava-me ali quasi diariamente. Preso na repartição das 9 ás 3, jantava com sua mãe e tomava o rumo da minha casa. Remechia as estantes, sentava-se a ler, estudando mais do que conversando, e produzindo mais do que estudava. Quantas poesias não escreveu na minha mesa de trabalho!.. Gostava, então, de uma das filhas de um desembargador da Relação de Porto Alegre, que era louca por elle, ao ponto de fazer de mim o seu confidente. Esse desembargador veio morrer no Rio, ministro do Supremo Tribunal.

Quando o pai soube disso, chamou-me em particular, autorisando-me a levar o meu amigo á sua casa, para tomar chá. Levei-o. Ella sentou-se ao lado d'elle, que se mostrava muito embaraçado, obrigando-me a fazer os gastos da conversação. O desembargador disse-me no dia seguinte que não se oppunha áquella natural inclinação; sabia que o meu amigo era pobre, mas trabalhador, de bons costumes, intelligente e esperançoso. Offereceu-se até para conseguir-lhe melhor collocação. Foi precisamente quando a morte o arrebatou, daquella maneira inesperada.

Vim por esse tempo ao Rio de Janeiro, onde apenas estive dois mezes, regressando assim que recebi a noticia da repentina morte de minha Mãe. Estava ainda de ri-

goroso luto quando fui ver o meu amigo no seu leito de morte. Anno funesto para mim, o de 1877!... Já expliquei, num dos volumes do *Almanach do Barão Ergonte* e no meu livro *O Imperador visto de perto*, a influencia do número 7 na minha vida. Voltemos ao poeta moribundo que não vi morrer, nem lhe fiz companhia nos seus últimos dias, porque os médicos exigiram a sua retirada da capital, que só poderia viver em atmospheria mais saturada de oxigenio. Mentira! quando o médico manda o tísico tomar ares, é para não ter de passar a certidão do óbito.

Assim, apenas pude fazer-lhe duas visitas, sahindo cada vez mais penalizado, evitando demorar á sua cabeceira, não só porque a minha saúde estava profundamente abalada pela maior dor que sentira até então, como porque aquillo, que tanto mal me fazia, em nada lhe poderia ser útil. Parece-me ainda vel-o, desfigurado daquella maneira, o olhar quasi vidrado pela dyspnéa, o cabello sacudido pela tosse, as mãos abrazadas pela febre e húmidas do suor frio...

Pudesse eu mandar pôr uma lyra de oiro no mármore da columna quebrada, em cuja lousa deve ser esculpido este epitaphio do poeta allemão: — *Tu não pesaste sobre a terra, a terra te seja leve!* — Theodoro de Miranda deixou numerosos manuscriptos, em prosa e verso, além das poesias publicadas, que dão para tres ou quatro volumes. Conservo muitos dos seus preciosos autógraphos, alguns com dedicatoria a mim. — Eis uma ligeira amostra da sua inspiração:

Mulher, si alguma vez me viste extático,
Silencioso e sombrio a te fitar,
NÃO penses que era amor o que eu sentia:
Artista, apenas uma estatua fria
Parei a contemplar.

E' que em ti adorei a imagem vivida
Desse Archanjo dos livros de Moysés;
Mas não que me passasse pela idéa
Ser Pygmalião, e tu a Galatêa...
Para cahir-te aos pés.

E não procures, orgulhosa e frívola,
Ver si me prendes aos encantos teus ;
Eu sou daquelles para quem na vida
Só ha — do berço a fúnebre jazida —
A dor dos Prometheus !

O brilho ardente de teus olhos lânguidos
Não deslumbra o meu frio coração :
A centelha fugaz dos teus sorrisos
Não me desvenda incógnitos paraísos...
Nem prismas de illusão.

Vejo que és bella : vejo que, frenéticos,
Vão outros olhos se cruzar em ti ;
Quem pode resistir a taes encantos ?
Eu, que na esphera dos amores santos
Por outra me preendi.

Si me encontrares outra vez, extático,
A fitar te, sem nada te dizer,
Não te rias de mim, frívola e fátua,
Sou um artista diante de uma estatua,
A admirar e a soffrer !

LOBO DA COSTA

FRANCISCO LOBO DA COSTA nasceu na cidade de Pelotas a 12 de Julho de 1852 e falleceu na mesma cidade a 17 de Julho de 1888. Conheci-o na cidade do Rio Grande, quando por ali passei, de viagem para Jaguarão, em 1874. Foi-me apresentado em casa de D. Revocata Figueirôa de Mello, irmã da poetisa dos *Crepúsculos* e mãe das poetisas Julieta Monteiro e Revocata Heloisa de Mello, um florido Parnaso feminino.

O Lobo da Costa ficou logo muito meu amigo, indo no dia seguinte almoçar commigo no hotel onde me hospedei, levando-me uma poesia que me dedicou, intitulada *D. Lucinda*, que era uma allegoria á lua, personificada numa donzella pálida e saudosa, num eterno somnambulismo, a inspirar amores ás virgens e aos poetas. Tomou passagem commigo, para apresentar-me o pai, em Pelotas, o escrivão Antonio Cardoso da Costa, que fizera a campanha do Paraguay.

Estava, então, este inspirado e desditoso poeta, no período menos infeliz da sua triste e curta existencia. Tinha o lar paterno, onde encontrava abrigo e alimento, o que bem cedo veio a faltar-lhe, devido ao seu desregramento e o mais completo abandono de si mesmo. Pouco depois seguiu para S. Paulo, com a intenção de matricular-se na escola de direito; mas, em vez de fazer os preparatorios, só fez versos, até que o Visconde de Taunay, sendo nomeado presidente da provincia de Santa Catharina, o levou como seu official de gabinete, único emprego que teve.

Pouco se demorou no exercicio desse cargo, devido á sua lamentavel intemperança. Regressou logo depois á terra do seu nascimento, de onde apenas sahiu duas vezes, indo até Porto Alegre, apparecendo-nos da segunda vez já casado, com uma excellente senhora, que em vão procurou contel-o nas bordas do abysmo em que se despenhou, morrendo de maneira trágica, depois de uma vida de padecimentos e miseria.

Foi mais uma victima da chamada escola byroniana, como si Byron descesse a taes excessos; e errava pelas ruas das pequenas cidades provincianas como Fagundes Varella pelas ruas e praças da grande côrte do Imperio. Assim tambem andava o Bernardo Guimarães, pelas escuras e tortuosas ladeiras de Ouro Preto, o Aureliano Lessa pelos beccos sem sahida de Diamantina, e o Lins de Albuquerque, nas aguas do Varella.

Uma noite, já sem familia nem amigos (a esposa abandonara-o, sentindo-se sem forças para ajudal-o a carregar a cruz nesse Calvario de fome), depois de ter-se recolhido a um catre do hospital da Santa Casa de Misericordia de Pelotas, Lobo da Costa sahiu, frustrando a vigilancia dos guardas e enfermeiros, e nunca mais voltou... Era no rigor do inverno; e elle, doente, depois de repetidas libações pelas tavernas, cahiu, já de madrugada, num vallo de estrada erma, e ali foi encontrado o seu cadaver á luz do amanhecer.

Apesar de uma vida tão desregrada, conseguiu produzir muito, havendo muita coisa boa no meio de muita banalidade. Ha nos seus livros de versos uma grande manifestação de verdadeira poesia. Ha na inspiração deste

incorrigível *bohemio* relâmpagos de scintillação bizarra que furam a escuridão de uma fôrma descuidada, não correspondendo a feitura plástica das suas estrophes á espontaneidade estructural da métrica, assim sacrificada.

Lobo da Costa desconhecia as imperiosas exigencias dos tratados de metrificação, havendo nas suas poesias somente sinceridade e tudo quanto a natureza pode dar sem o auxilio imprescindível da arte; e tanto isto é verdade, que ha uma natural harmonia na música sonora das suas estrophes, onde as syllabas predominantes conservam invariavelmente o mesmo diapasão, chegando até a fazer alexandrinos perfeitos, sem conhecer o segredo da sexta pausa, quando o hemistichio entrelaça a última vogal com a seguinte, isto é, quando a metade do verso deve terminar em syllaba aguda, para que a segunda metade possa começar por consoante, ou então, sendo a palavra breve, mantel-a no singular, começando por uma vogal a que se lhe seguir.

Empregava tambem syllabas agudas no final de versos sem rima, o que só é admissivel nos versos engalanados pela plumagem das rimas, que devem ser todas agudas, ou breves, nunca misturadas arbitrariamente, como o fazem os modernos versejadores — que se consideram *impeccaveis*, mesmo commettendo taes erros. O mesmo fazem os actuaes versejadores lusos mais em voga, talvez para contrastar com os mais exigentes *parnasianos*, que, no inglorio e exclusivo intuito de rebuscar *rimas opulentas* (que disfarçam a pobreza da inspiração), não fazem mais do que macaquear friamente a severa imperturbabilidade das estatuas, não passando, no fim de contas, de simples operarios mechânicos.

Pode-se applicar a Lobo da Costa o que me foi dito por um dos mais eminentes poetas de Venezuela: — «Tú no perteneces al vulgo de los sedicientes poetas, histriones del ingenio, rimadores mecánicos de artificios intellectuales. Tu poesía procede del alma y por eso será perdurable». As modernas correntes literarias, tanto na Europa como entre nós, procuram negar a lei de progresso na poesia, nenhuma sendo impellida por um forte sopro de inspiração genial.

A Allemanha não tem mais um Goethe, nem um Heine; ainda está por apparecer quem possa levantar do túmulo de Campoamor, na Espanha, a sua grande lyra d'oiro; a França já não tem mais Victor Hugo, e nós já não vemos uma fecundidade precoce como a de Alvares de Azevedo, uma tristesa humana tão resignada, como a de Casimiro de Abreu, nem um cérebro tão estrellejado de idéas como o de Castro Alves.

Lobo da Costa deixou os seguintes livros: — *Rosas pállidas*, — *Lucubrações* e — *Auras do Sul*, volumes de poesias; o romance — *Espinhos d'Alma* e os dramas — *A bolsa vermelha*, *O Filho das Ondas*, *Os amores de um cadete*, *O Maçon e o Jesuita* e *Assumpção* (drama histórico, referente á guerra do Paraguay). Deixou numerosas poesias exparsas pelos jornaes do Rio Grande que podem dar mais um livro.

Cinco annos depois da morte de Lobo da Costa, na última estada minha em Porto Alegre, encontrei num baile, uma linda joven de 15 annos, que me impressionou vivamente logo que a ví. Ella, percebendo que me causara impressão, dirigiu-se a mim com todo o desembaraço, perguntando-me, ao estender-me a sua mãozinha:

— Não sabe quem sou?

— Sei e não sei; ou, para melhor dizer, não me lembro de ter tido a ventura de vel-a, sinão agora: mas os seus olhos são muito meus conhecidos. Espere... que parentesco tem a Snr.^a com o Lobo da Costa?

— Sou filha delle, que era muito seu amigo. Abraçei-a carinhosamente; e uma lágrima de saudade, misturada com um sorriso de contentamento, brilhou em tão linda face, reflectindo-se no meu olhar, que a recolheu no âmago do coração.

Das poesias de Lobo da Costa escolho de preferencia a seguinte, cujas incorrecções desapparecem ante a graça do vocabulario gaúcho e a precisão da *cor local*, que é fielmente nella estampada:

LA'

Na minha terra, lá... quando
 O luar banha o *potreiro*,
 Passa cantando o tropeiro,
 Cantando, sempre cantando...
 Depois, descobre-se o bando
 Do gado, que muge adiante,
 E um cão ladra bem distante...
 Lá... bem distante, na serra!
 Nunca foste á minha terra?

Enfrena, pois, teu cavallo,
 Ferra a espora, alça o chicote,
 E caminha a trote, a trote,
 Si não quizeres cançal o.
 Ainda não cantou o gallo,
 E' tempo de viajares;
 Deixarás estes logares,
 Irás vendo novas scenas,
 Sempre amenas... muito amenas!

O laranjal enrubece
 Ao disco argênteo da lua,
 E a estrada deserta e nua
 Logo aos olhos te apparece:
 Uma *restinga* ali cresce
 Beijando a fralda ao regato,
 E lá, no fundo do matto,
 Arde o roçado e fumega
 O nenuphar — a macega.

Si um grlto de fero açoite
 Estruge no ar austero,
 Não tremas. é o *Quero-quero*
 Que vem te dar a boa-noute.
 Um conselho agora dou-te:
 Um pouso tens a teu lado,
 Mas, não lhe batas... cuidado,
 Antes procura outros meios
 Dormindo sobre os *arretos*.

Não que se negue a tal hora
 Agasalho ao forasteiro,
 Mas porque fôras primeiro
 Assustado sem demora:
 — O' Juca! põe-te p'ra fóra,
 Solta o cão... traze o trabuco,
Matemos (*) este maluco!
 Para depois do rebate
 Ir contigo tomar *matte*.

Logo ao romper da alvorada
 Põe á *soga* o teu cavallo,
 Podes passar-lhe um *pealo*,
 Uma *maneira* trançada;

(*) Dar o *matte* ao hóspede.

Depois, vai pedir pousada,
De dia nada receias :
Verás meninas sem meias...
Eh pucha! que lindas moças!
De pernas grossas... bem grossas!

Hão de fazer-te mil festas,
Dar-te attenção e carícias,
Porquanto as minhas *patricias*
São modestas, bem modestas.
Porque são filhos da estima,
Acceita-os, pois, e por cima
Comendo um *churrasco* insosso,
Ellas dirão que és bom moço.

A' noite, escuso avisar-te,
Dança-se a parca *Tyranna* :
Tira a primeira serrana,
Que não ha de recusar te ;
Ali, a um canto, de parte,
O velho fuma um cigarro,
De quando em quando um escarro,
Ao passo que um mariola
Arranha numa viola.

Não te espantem cavalleiros :
Muitos verás de tamancos,
Outros de sapatos brancos,
Ou de botas de *terneiros* ;
Estes serão os primeiros
Na competencia dos pares:
Nem te importes si escutares :
= Eu danço co'a *sia Maruca*,
A *Chica* dança co'o *Juca*. —

Ouvirás após cantiga
Em versos de pés quebrados,
Coisa de tempos passados
Que talvez a rir te obriga.
Si queres, porém, que o diga,
Acho mais graça e belleza
Naquelle simples rudesa,
Que nos folgedos sem lei
De certa gente que eu sei.

Ali verás como incita
O viver da solidão,
Tomando o teu *chimarrão*
Feito por moça bonita:
Verás vestidos de chita,
Muita vida em cada rosto,
Mas, si duvidas do exposto,
E' facil: vai ter ali,
E dirás si eu te menti.

FERREIRA DA LUZ

FRANCISCO ANTUNES FERREIRA DA LUZ nasceu em Porto Alegre a 9 de Setembro de 1853 e falleceu no interior do Estado do Rio de Janeiro em 1896, Fez os preparatorios na terra natal e formou-se em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, indo logo depois de formado para uma cidade do interior da provincia do mesmo nome, onde começou a clinicar, constituiu familia e morreu, vindo apenas uma ou outra vez á côrte, mas sempre de passagem, sem nunca mais ter regressado á nossa terra.

Mas durante o tempo em que lá residi, até 1877, o seu nome não estava esquecido, tal a forte impressão que causou no espirito público a sentida elegia que publicou num dos jornaes de Porto Alegre, (quando apenas contava 17 annos de idade), á memoria paterna.

Foi essa a sua notavel estréa na poesia, ondê a par de metrificacão esmerada ha verdadeiro sentimento e espontanea inspiração. O assumpto prestava-se e o momento era opportuno, pois a terra gaúcha ainda vibrava num frêmito guerreiro, e o poeta chorou, com sympathica ternura filial, descrevendo a morte de seu pai, joven médico militar, o dr. Antonio Antunes da Luz, que os paraguayos aprisionaram na invasão de Matto Grosso, em 1866, inflingindo-lhe os mais prolongados e humilhantes tormentos, até que finalmente o tyranno López mandou degollal-o, quando fugiu para as Cordilheiras, onde cahiu morto num barranco do Aquidaban.

Ferreira da Luz collaborou nas revistas do Parthenon e *Murmurios do Guahyba*, publicando o seu primeiro livro de versos, intitulado *Harmonias Ephêmeras*, quando cursava o sexto anno de medicina, em 1876. A edição foi feita por meio de subscripcão entre collegas e amigos, para com o producto dos exemplares vendidos fazer imprimir a sua these inaugural, que trata *Da Nutrição, Materia, Força e Movimento*; das indicações e contraindicações da sangria durante o estado puerperal; e dos tubérculos mesentéricos.

A edição do seu volume de poesias esgotou-se immediatamente e mereceu os mais justos louvores da imprensa carioca, que naquelle tempo ainda se occupava de assumptos literarios. Doutorado em medicina, foi clinicar no interior da provincia do Rio de Janeiro, onde se casou com a herdeira de um dos mais ricos fazendeiros.

Nas raras vezes que sahia da sua fazenda, para matar saudades da rua do Ouvidor, como me dizia, estavamos sempre juntos, com o Arthur de Oliveira e o Ferreira de Menezes, trocando idéas de abolição e arte, que era o que mais nos preocupava, então, levando cada qual a sua pedra para o templo do abolicionismo, onde predicavamos com o ardor sagrado de sacerdotes e paladinos.

Tinha-o perdido de vista desde a minha infancia, em que recitava de cór os tercetos da sua elegia de piedade filial, por isso foi grande o meu contentamento ao vel-o de novo, já doutor, e casado com herdeira rica, o que quer dizer que não precisava mais recorrer aos collegas e amigos, para publicar os novos livros. Vi-o pela última vez em 1888, nas vésperas da minha partida para Venezuela, vindo elle á grande capital para fazer imprimir mais um volume de versos.

Leu-me, então, quasi todo esse bello poema, ainda em manuscrito. Era uma primorosa traducção, em verso, dos *Ecos de Rig-Veda*, o primeiro dos quatro livros sagrados (*Vedas*) da India, original sânskrito, mas que elle verteu da prosa franceza. O Rig-Veda, como se sabe, instrúe-nos sobre a civilisação dos Aryas indianos, seu culto e organisação social.

E o inspirado poeta gaúcho soube dar a essas estrophes toda a simplicidade primitiva, que é o característico das obras eternas. Antes, porém, tivesse consagrado o seu estro a assumpto puramente nosso. — Eis a poesia com que me obsequiou quando cheguei ao Rio:

A MUCIO TEIXEIRA

Poeta! sonha e ama;
 Mas lembra-te que o século reclama
 A tua voz sonora
 E a viva luz que o cérebro te inflamma!
 Vê bem, que sôa a hora
 De entrar na luta: a Abolição te chama...

Desperta e canta! canta mais ainda,
Que a tua voz é linda
E é alto o teu cantar, sonoro e forte!
Deixa por um instante
Esse ninho de príncipes e fadas
Onde dormes, sonhando, em seio amante;
Quero te nas estradas
Onde o povo reclama os seus direitos,
Desembainhando o gladio coruscante,
Que dos heróis já reflectiu os feitos
E enche de vida a escuridão da morte!...

Desperta e canta! a tua excelsa lyra
Lembre um clarim de guerra,
Dos ruidosos canhões aos estampidos,
Quando o sangue borbulha sobre a terra
E os ais de dor misturam-se aos gemidos
Do que na arena, a estrebuxar, delira!...

Tu, que tão cedo já tomaste parte
Nos renhidos combates da existencia,
E desfraldaste aos ventos o estandarte
Das nossas liberdades, na vehemencia
Dos que sabem lutar pela Verdade,
O Direito e a Justiça;
Da vil escravidão rompe o sudario,
E ao pé da nova cruz deste Calvario
Vem celebrar, cantando, a Nova Missa!

LOBO BARRETO

JOÃO DA CUNHA LOBO BARRETO FILHO nasceu em Porto Alegre a 11 de Setembro de 1853 e falleceu na mesma cidade a 2 de Novembro de 1875. Morreu na flor dos seus 22 annos de idade, como Casimiro de Abreu; e expirou ouvindo os dobres dos sinos pelos que já dormiam no Campo-Santo, trocando todos os sonhos da mocidade pelo silencio frio da sepultura, que o esperava aberta nesse triste dia de finados. Pobre *Barretinho!* Era assim que lhe chamávamos, para não confundil-o com o pai, do mesmo nome, um estimado burocrata, durante muitos annos director-geral da secretaria do governo da provincia, que servira no gabinete de meu Pai, de quem sempre me falava com saudosas referencias, de meu padrinho, o Visconde de Sinimbu e do conselheiro Ferraz, quando presidentes da nossa provincia.

O pai era privado da faculdade de ouvir, desde moço, sendo por isso appellidado *O Coronel Barreto Surdo*; tinha este ponto de contacto com o illustre principe-consorte o Sr. Conde d'Eu, para não bulir com o meu primo Raul Pederneiras, um forte caricaturista e bacharel, que tem o fraco, de não querer sel-o (sem *calembourg*), registe-se, sem fazer concorrência aos seus proverbias trocadilhos, como este, que é novinho em folha: — perguntou hontem por mim, ao Rego Cesar, (*) e como lhe fosse respondido que continuava doente, aconselhou: «Pois elle que trate de *ver si jica são*»...

Refiro-me á surdez do pai deste grande poeta, para salientar um facto, que o caracteriza: dizendo-lhe eu, um dia, umas coisas muito livres, num phraseado correspondente, observou-me que o pai estava ali; e como eu objectasse que não havia risco de ouvir, retrucou: — «Não importa, a sua presença impõe-me o preciso respeito». —

Perdõem os leitores estas divagações, que faço muito de industria, para não chorar, lembrando-me de tantos companheiros mortos em flor. Procuo assim beliscar-me, torcendo o estylo, para com a dor physica disfarçar a angustia moral. São tantos os moços do Parthenon que morreram cedo, que até nisso aquella sociedade precedeu á pseudo-Academia de Letras do largo da Lapa, cujos *immortaes* morrem aos pares, não fazendo outra coisa sinão isso... Basta de pilherias; vamos ao assumpto em alvo.

O meu amigo Lobo Barreto, era aparentemente modesto, mas não escondia o nobre e legítimo orgulho que o seu talento justificava. Tinha tal confiança em si e na sua illustração, que parecia procurar dirigir a conversação para os assumptos mais transcendentés, forçando-nos a interpellal-o, só para mostrar quanto sabia em tão verdes annos.

Si alguém lhe perguntasse si poderia dizer alguma coisa, sobre si mesmo, responderia com Oscar Wilde: «Ah! levantei-me hoje com a idéa de que sou muito pequeno, muito insignificante. Fui hontem visitar a *Torre*

(*) O illustre médico porto-alegrense Dr. João Pinto do Rego Cesar.

Eiffel, e achei-a grande perto de mim. E' terrivel isso de se chegar á convicção de que ha alguma coisa maior do que nós! Si Deus soubesse fazer as coisas, não teria creado as árvores altas e as montanhas abracadabrantes: Eu não amo a Natureza, cuja monotonia desesperadora me aborrece; mas quando estou no campo, gosto de procurar as humildes plantas rasteiras para esmagal-as com o pé. Isso me convence do meu poder. Os artistas que se julgam menores que o resto do mundo, nunca produzem uma obra prima. Custa-me a comprehender como é que Verlaine, que é tão pequeno, poude escrever o admiravel poema de Sagesse, pensando em Deus que é tão grande»...

Lobo Barreto era de todos nós o que parecia destinado a conquistar mais perduravel renome, tal a sofreguidão com que estudava, tamanho o número de suas produções em prosa e verso.

Foi poeta, orador e dramaturgo, não falando nos ligeiros contos e nos scintillantes folhetins com que borboleteava nos jornaes e revistas. Poeta, era inspirado, caprichoso na estructura da estrophe e original na escolha dos assumptos e brilho das imagens, dando aos seus versos fogo e luz; orador, fazia na tribuna dos *Ensaaios Literarios* o mesmo que Affonso Marques fazia na do *Parthenon*, dando-lhe os lampejos do Thabor no momento da transfiguração; dramaturgo, fazia estremecer o grande theatro S. Pedro aos applausos frenéticos com que foi glorificado o seu bello drama *Estrellas e Diamantes*, e não foram menos espontaneas as risadas produzidas pela fina graça da sua espirituosa comedia — *José*.

Theodoro de Miranda, que tão de perto o seguiu na morte, disse: — «Elle sonhou com as palmas do triumpho, mas tudo passou... resta apenas um túmulo e um cadaver, despojos únicos que ahi ficam como o marco final da romaria. Quem pode ser indifferente diante deste féretro? Adeus, meu amigo! Quem, como eu, te ouviu tantas vezes com o coração a transbordar dos sentimentos que nobilitam, fazendo justiça aos mártires do preconceito, não pode ficar aqui silencioso. Abriga-te, romeiro, á sombra das abóbadas seculares da Eternidade; não chegue á doce paz do teu espirito o som estridulo das or-

chestras officiaes. (*) Athleta da liberdade, no Além receberás a justa recompensa que te assiste».

Lobo Barreto morava no sobrado fronteiro ao do Apollinario, mas não comparecia ás nossas reuniões diarias, que eram na hora do expediente da sua repartição. Frequentava, porém, as da minha casa, que eram á noite. Ahí nos lia seus versos, seus dramas e comedias. Leunos tambem os admiraveis capitulos desse estranho livro, de enérgica propaganda revolucionaria, intitulado *Páginas Sombrias*, cujos capitulos são: — I, *Introdução*; — II, *O Povo*; — III, *A Guerra*; — IV, *O Rei*; — V, *O Cárcere e o Cadafalso*; — VI, *Conclusão*. E' pena que as suas obras completas até hoje não tenham sido publicadas em volumes.

O *Prólogo da Revista dos Ensaios Literarios* tambem foi escripto por elle, e tem períodos assim: — «Abrir um livro é abrir a porta que separa o mundo da materia do mundo do espirito; é penetrar nesse templo deslumbrador e espléndido, onde a mão do Eterno depositou a Verdade — lâmpada sublime que despede filtros de luz por todo o Universo. Inquirir do livro o que é o passado, indagar d'elle o que são as éras esculpidas na historia dos povos, é internar-se arrojado nas sombras das tradições, e como o peregrino que em tempos antigos descia ás subterraneas e tenebrosas catacumbas de Roma, ler á frouxa claridade as inscrições obscuras que o genio humano cinzelou nas pedras tumulares».

Era assim que escrevia a prosa, esse rapaz tristonho tímido, acanhado, mas extremamente sympáthico, bonito mesmo. Alto, de um moreno de jambo, o bigode nascente, os cabellos finos, escuros e bastos, atirados para o alto da cabeça e cahindo encaracolados sobre a nuca. Tinha as sobancelhas arqueadas, os olhos negros, brilhantes, mas de um olhor tristonho, como que presentindo o seu próximo fim. Preocupava-se com as roupas, sempre no rigor da moda, mas negras, ou escuras, de chapéu alto e luzidio, bengala e luvas. Tinha tambem

(*) Allude ás ceremonias officiaes do dia 2 de Dezembro, anniversario natalicio do Imperador. Foi nessa data que se realisaram as missas do trigéssimo dia do passamento e a sessão fúnebre da sociedade *Ensaios Literarios* em homenagem a Lobo Barreto, que era o seu primeiro orador e socio fundador.

bons dentes, o que é raro nos rio-grandenses, devido ao uso do *matte* na *cúia*, chupado pela *bomba de prata*, sempre muito quente.

Tinha teimosos presentimentos de morrer cedo. Disse-me isso muitas vezes, vendo-me eu embaraçado para dissidul-o, taes as coisas que dizia, dos positivos symptomas de uma tuberculose incipiente. Eu tambem tinha idénticos presentimentos, justificados pela Lei hereditaria (meu Pai morreu moço e tísico), e pela fraquesa congênita, aggravada por um sensualismo insaciavel. Além disso, eram tantos os nossos companheiros que cahiam mortos no principio da romagem!... Um triste dia a molestia delle explodiu, tomando character galopante. Esteve doente apenas tres mezes, deixando de sahir de casa só na última semana, quando já não tinha mais forças para levantar-se da cama. Resistiu quanto poude, mas foi tudo inutil.

Naquella semana final, sendo muito o soffrimento, não quiz que ninguem entrasse no seu quarto, a não ser a mãe, a irmã e apenas tres amigos, o Gustavo Vianna, o Lobinho (seu primo, cunhado do marechal Machado Bittencourt) e Eu. A idéa da morte, aterrorisando-o, não lhe sahiu mais da cabeceira. Olhava muito para a mãe e a irmã, sem nada dizer, e desatava a chorar como uma criança. — *Já não posso rir*, — disse-me, quando fui visital-o pela primeira vez naquelle triste estado. O coração tem presentimentos prophéticos, que não falham, como os sonhos da madrugada e as visões do crepúsculo... e quando o riso desaparece dos labios de um moço, é que a dor calou fundo e a harpa da vida está prestes a rebentar a última corda.

Quando elle sentiu que era chegado o terrivel momento do trespasse final, ergueu-se, offegante, a meio corpo, como querendo saltar do leito, olhou para todos os lados, levou á bôca a mão da inconsolavel mãe, beijou a irmã, e disse: — *Meus amigos! Levem minha Mãe daqui, que eu quero morrer!* — E cahiu de costas, com a cabeça pendendo para um lado do travesseiro, os olhos ainda abertos, talvez procurando ver si permaneciam ali a mãe e a irmã, que tanto lhe custava deixar abandonadas, sem o apoio dos seus carinhos, e cuja presença até lhe tirava as forças para poder acabar de morrer!...

Não ha descripção que reproduza uma scena destas. Nem o Dante, com todos os horrores hugolinianos da sua torre infernal, seria capaz de dar vida áquelle espectáculo de morte!... E' impossivel reproduzir no crystal do espelho da lembrança o aspecto inédito das lágrimas que não foram derramadas e dos ais que foram engolidos no engasgo que rebenta todas as fibras e enregela um a um todos os átomos do corpo nas convulsões da agonia... Só nos resta a interrogação castroalvina, ao Deus dos Desgraçados, si tanto horror pode ser verdade ou pesadelo...

Lobo Barreto estudou os preparatorios em Porto Alegre e matriculou-se em seguida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; mas teve de abandonar o curso logo no segundo anno, devido a morte do pai, que deixou a viuva e a filha em condições de reclamar a presença e o auxilio do único filho varão, que passou a ser o chefe da familia. O nosso commum amigo Gustavo Vianna, que o substituiu no emprego da Secretaria do Governo, no cargo de primeiro orador da sociedade *Ensaíos Literarios* e tambem na morte, como já ficou escripto, veio a fallecer seis mezes depois, contando apenas 24 annos de idade; Gustavinho disse, diante do cadaver de Barretinho:

«E' certo que mau fado persegue as letras no Brasil, e parece mesmo que se cumpre a prophecia de que Deus não quer que em terra americana os genios da poesia cantem por muito tempo!... Como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Affonso Marques, Lobo Barreto tombou tambem na primavera da vida, cheio de crenças e de inspirações. E elle bem o presentia... E' triste ver assim de chofre apagar-se uma existencia que tanto promettia! ver a fria lagem do sepulcro cahir sobre a cabeça em que ardia o fogo sagrado do genio, o silencio da morte cerrar para sempre essa bôca de onde jorravam torrentes de eloquencia, ver estancar-se uma fonte rica e límpida, ver cahir a árvore que começava a cobrir-se de flores e que tantos fructos promettia!» E Gustavo Vianna, que tão poucos mezes depois tambem baixou ao túmulo, desaparecendo em flor, acabou o seu discurso fúnebre com estas prophéticas palavras: — «Comtigo vai tambem para

sempre sumir-se todo o meu passado feliz, a minha mocidade com todas as illusões e sonhos! Um dia nos encontraremos»... E esse dia já vinha tão perto! — São de Lobo Barreto estas décimas:

A tempestade cessara...
 E as catadupas do ceu
 Não se arrojavam mais bravas
 Nos volteios do escarceu.
 Um povo mau, pervertido,
 Tinha nas ondas morrido,
 — Maldição de Jehovah!
 E na barca da alliança
 Sorria leda a bonança
 Sobre o cume do Ararat.

A mensageira divina
 Todo o mundo percorreu;
 A humanidade jazia
 Num enorme maosoléu!...
 Corpos sem fórma, feridos,
 Já das quedas denegridos,
 A fluctuar sob os ceus...
 Aqui — a terra inundada,
 Além — a luz da alvorada,
 Mais além, num throno, — Deus!

A pomba, núncia da vida,
 Extenuada voltou;
 Não trouxe um ramo virente,
 Não trouxe nada... Voou...
 Sempre voando nos ares,
 Somente encontrava os mares,
 — Morada de Satanaz!
 Mas um dia a mensageira
 Trouxe a palma da oliveira,
 Signal de júbilo e paz.

Eu também sonhei a gloria,
 Foi-me um sonho bem fatal!
 Minha esperança, enlevada,
 Queria achar o ideal...
 E partiu... Voltou caçada,
 Tinha perdido a jornada
 Si tornará, não sei, não;
 Mas, si voltar a bonança,
 Já não encontra a esperança
 No fundo do coração!...

ALVES TORRES

JOAQUIM ALVES TORRES nasceu em Porto Alegre a 5 de Outubro de 1853 e falleceu na mesma cidade em 1890. Era funcionario público, e ninguém colheu mais virentes louros do que elle, nas verdadeiras apotheoses que lhe eram feitas sempre que subiam pela primeira vez á scena os seus dramas e comédias, todos ao sabor da exigente platéa da nossa terra. E' com saudade que recordo essas bellas noites em que o via, radiante de gloria, attendendo aos repetidos chamados á scena, para no dia seguinte permanecer enjaulado na sala da repartição, das 9 ás 3, copiando minutas e attendendo ás partes.

Intelligencia fóra do commum, sem o preparo preciso para soltar vôos mais altos, ainda assim conquistou merecida reputação entre os intellectuaes, causando a todos admiração a faculdade intuitiva que lhe permittia resolver os mais complicados problemas de modo tão criterioso e verdadeiramente surprehendente. Era tambem um character que se impunha, e a sua modestia dava o mais vivo realce aos indiscutíveis triumphos da sua carreira litteraria. O theatro para elle foi sempre um templo, de que se tornara fervoroso sacerdote.

O theatro nacional, que morreu, apunhalado pelos traductores de operetas licenciosas e fabricantes de *revistas annuaes* do mesmo gênero baixo e soez, nasceu com as interessantes *óperas* do carioca Antonio José, que a Inquisição queimou vivo, na flor da mocidade, aos olhos arregalados da metrópole; e teve por corypheus, mantida a ordem chronológica, Araujo Porto Alegre, Domingos de Magalhães, Martins Penna, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Castro Lopes, José de Alencar, Pinheiro Guimarães, Agrario de Menezes, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra, França Junior, Machado de Assis, Sizenando Nabuco, Pires de Almeida, Apollinario Porto Alegre, Ferreira de Menezes, Guimarães Junior, Carneiro Villela, Castro Alves, Hilario Ribeiro, Carlos Ferreira, Alves Torres, Lobo Barreto, Lobo da Costa, Arthur Azevedo, Mucio Teixeira, Arthur Rocha, Luis Nóbrega, Annibal Falcão, Gomes Cardim e Goulart de Andrade.

Muitos outros, poetas e prosadores, têm publicado dramas e comédias, mas nenhum com o applauso das platéas como o meu amigo Alves Torres. Os autores que mais concorreram para transformar o theatro, de templo da arte, que era, em ignominioso bordel, a que está reduzido, são: Arthur Azevedo e o seu collaborador Moreira Sampaio, com as farças *Entre o Cassino. e a Phoenix, Fagundes & C., O diabo e o sapateiro*, etc.; Arthur, porém, penitenciou-se de tamanho peccado, produzindo os dramas *O Oráculo* e *O Dote*.

Oscar Pederneiras, Alexandre Fernandes e José Pisa incorreram na mesma falta; Oscar com as revistas *O Zé Caipora, O Bendegó* e *O boulevard da Imprensa*; Alexandre com *A Jor da arte sociedade, O Diabo na Beocia* e *O Reino do Bicho*; e Pisa com *Os dois Lucas* e *O Mambembe*. Outros seguiram nas mesmas aguas, mas nenhum digno de especial menção.

O nosso theatro de outr'ora teve tragedias, dramas e comedias na altura do theatro espanhol, que, excepção feita dos primores shakespearianos, é o primeiro do mundo. Porto Alegre tem os dramas *Os Voluntarios da Patria, O prestígio da Lei* e *Angélica e Firmino* e as comedias *A Estatua Amazônica, O espião de Bonnaparte* e *Dinheiro é sangue*. Magalhães tem as tragedias (em verso solto) *Olgiato*, e *Antonio José*, que tiveram a honra de ter por protagonista o grande actor brasileiro João Caetano.

Martins Penna não se remontou ás culminancias do drama, mas as suas comedias são finas e graciosas, revelando a acção do meio e do momento, tornando-se assim como que o espelho da nossa sociedade naquella época, produzindo o *Juiz de Paz da Roça, O Judas em Sábado de Alleluia, O Irmão das Almas, O inglez machinista, Os namorados, Os tres médicos, Os meirinhos, O capitão do matto, O jogo de prendas, O noviço, Quem casa quer casa*; além dos dramas, que, como já disse, não agradam tanto, dos quaes destaco *O Nero de Espanha*, por ser em verso.

Os dramas e comedias de J. M. de Macedo são notaveis, principalmente *O Cego, O sacrificio de Isaac* e *Cobé*, todos em verso; e as interessantes comedias *O primo da California, A torre em concurso, O Fantasma*

Branco, O novo Othelo, Luxo e Vaidade, Cincinnato quebra louça, Remissão de peccados, Uma pupilla rica e O romance de uma velha.

Gonçalves Dias tem os dramas *Beatriz, Boabdil, Leonor de Mendonça e Patkull*. O theatro de Castro Lopes é mais notavel: tem a tragedia *Abamoacara*, o drama *A Educação*, e as comedias *Meu marido está ministro, O Compadre Susano, As tres Graças, Um thesoiro, A emancipação das mulheres, Um divorcio original, Um casamento por photographia, O supplicio de um marido e No fim é que se cantam as glorias*.

José de Alencar tem os dramas *Mãe e O Jesuita*, e as finas comedias *As azas de um anjo, A Expição, O demonio familiar, Flor agreste, O Crédito, O que é o casamento, A noite de S. João e Verso e Reverso*. De Pinheiro Guimarães ha só dois dramas, *Historia de uma moça rica e Punição* e o proverbio *Quem casa quer casa*; mas só com esses dramas alcançou grande nomeada. Agrario de Menezes escreveu dois dramas em verso *Calabar e Mathilde*, além de outras peças em prosa, e, vivendo para o theatro, morreu no theatro S. João da Bahia, quando assistia a um espectáculo.

Quintino Bocayuva viu representados com applausos os seus dramas *A Familia, Mineiros da desgraça e Omphalia*. Joaquim Serra tem *O remorso vivo e O salto de Leucaude* (dramas) e as comedias *Coisas da moda e Quem tem bôca vai a Roma*. França Junior só fez comedias: *Meia hora de cynismo, Como se fazia um deputado, República modelo, Inglezes na costa*, etc. O theatro de Machado de Assis é para ser lido, não tem as condições scênicas; suas comedias intitulam-se: *Os deuses de casaca, O protocollo, O caminho da porta, Quasi ministro e Uma ode de Anacreonte* (em verso); e *Lição de botânica, Não consulte médico e Tu só, tu puro amor*.

São de Sizenando Nabuco os dramas *A mulher do século, O cynismo, Octavio e Túnica de Nesus*. E' notavel o theatro de Pires de Almeida, composto dos dramas *A festa dos craneos, A mansenilha, A orgia das virgens, Aspasia, Coração e espada, Despreso que mata, O mulato, Mártires da liberdade, Satânia e Tempestades do coração*; as comedias *Os engrossadores, Retratos a*

bico de penna, O sr. Sempre-viva, Um baptisado na Cidade Nova, etc., além de numerosas tragedias de Euripedes e Sóphocles, traduzidas em verso, de collaboração com Mucio Teixeira.

Apollinario Porto Alegre, Hilario Ribeiro, Carlos Ferreira, Alves Torres, Lobo Barreto, Lobo da Costa e Arthur Rocha (que figuram neste livro), as suas producções dramáticas são descriptas nos respectivos perfis biográficos. O outro rio-grandense que tambem escreveu para o theatro é Mucio Teixeira, que tem os dramas *Alvaro o Farrapo, A Virtude no Crime, Montalvo, O filho do banqueiro, Uma paixão*; as comedias *Amar por medo, O sobrinho pelo tio, Chimica Conjugal* (em verso) e *A Urucubaca*. Traduziu o drama *A flor de um dia* (4 actos, em verso), *Entre o pilar e a cruz, Fausto e Margarida, O Cântico dos Cânticos* (poemas dramáticos) e algumas tragedias, de collaboração com Pires de Almeida.

Ferreira de Menezes escreveu as comedias *Aurora do artista, Entre primos* e *Os campanólogos*. Luis Guimarães tem os dramas *Quedas jataes* e *André Vidal*, e as comedias *A gallinha e os pintos, As pragas do coronel* e *Amores que passam*. São de Carneiro Villela os dramas *Avesa, Brasil e Paraguay, Emilia, Gabriella* e *Maçons e jesuitas*; e as comedias *Como se ganha uma aposta, Entre Scylla e Charybdis, Quando ellas querem* e *A princesa do Cattete*.

Castro Alves fez representar o seu drama histórico *Gonzaga, ou a revolução de Minas*, e deixou entre os seus preciosos manuscriptos os tres primeiros actos de outro drama, intitulado *A prole dos Saturnos*. Luis Nóbrega deixou uns lindos dramas em verso, intitulados *Flor da noite, Laço azul* e *O Segredo*. E' de Annibal Falcão *O doutor Alberto*; de Gomes Cardim *O honesto* e *A Madrasta* (dramas) e as comedias *A tia, Uma prova de consideração, O primeiro cliente, Os loiros* e *A conspiração* e o libreto da ópera de Carlos de Campos — *Um caso colonial*.

A ordem chronológica colloca em último lugar o que tem direito de figurar á frente dos primeiros, o brilhante poeta Goulart de Andrade, com os dramas *Jesus, Depois da morte, Numa nuvem, Sonata ao luar, Renuncia* e *Os Inconfidentes* (todos em verso), *Assumpção* e *Um*

dia a casa cai. Como si vê, o theatro brasileiro tem os precisos elementos; e si o cinema lhe deu o tiro de misericórdia, é porque não temos artistas dramáticos na altura dos autores citados.

Um estrangeiro merece ser citado, não só por ter adoptado a nossa nacionalidade, como porque prestou reaes serviços á scena brasileira, em nada se parecendo com esses actores que trocam o b pelo v, engulindo o p de *receções*... e dizendo *setóras* (por sete horas) *mô pai, mamã, papá e titi*, fazendo rir nos lances mais pathéticos; e essas actrizes que se atrevem a representar papeis que já vimos interpretados por Sarah Bernhardt, que parece uma tela de Miguel Angelo, na mesma galeria onde se penduram essas oleographias baratas.

Furtado Coelho, numa das suas festas artisticas, pediu-me que fizesse o possível para que o Imperador o distinguisse com a sua presença; eu morava, então, no palacio imperial de S. Christovão, e instei para que fosse commigo a presença de Sua Majestade, que o recebeu carinhosamente. Dizendo-lhe o consciencioso artista que levaria á scena *O Casamento de Figaro*, de Beaumarchais, D. Pedro mostrou-se familiarisado com todo o repertório desse fino comediographo do século XVIII, destacando frases da peça escolhida, do *Barbier de Séville* e da *Mère coupable*; e até chegou a fazer allusões espirituosas ás aventuras amorosas do autor célebre e celebrado, recommendando-lhe que continuasse a vulgarisar no Brasil as obras primas do theatro europeu.

Tinhamos, então, autores e actores. Depois dos áureos tempos de João Caetano, ainda o nosso theatro se conservou numa esphera resplandecente de arte, com empresarios da elevação de um Furtado Coelho, um Germano de Oliveira e um Joaquim Heleodoro, que não admittiam que os artistas abusassem, além de serem estes como que fiscalizados pela competencia e o bom gosto de uma platéa exidente, guiada pelos *Fivelas*, sociedade constituida de uma mocidade intelligente e conhecedora da arte dramática, que pateava as peças inconvenientes ou mal representadas.

O theatro do meu amigo Alves Torres compõe-se dos dramas *Fructos da Opulencia*, *O Dever* e *O Marido de Angela* (impressos); *O homem de luto*, *O sexto pec-*

cado mortal, O Esposo, Amor e Sciencia, O Trabalho, Salvador, A Jalha, O baralho, Cabeça e Coração, O lar alheio, Immaculada, A família Doria; e as comédias — O Cometa, Os impalpaveis e A mulher em concurso. Todas estas peças foram representadas no theatro S. Pedro de Porto Alegre.

BAPTISTA PEREIRA

JOÃO MANUEL BAPTISTA PEREIRA nasceu na cidade de S. Gabriel a 8 de Setembro de 1855 e falleceu na mesma cidade a 19 de Dezembro de 1875. De todos estes poetas que morreram moços foi o que morreu mais moço, com 20 annos apenas, como Alvares de Azevedo, e como este manifestando um talento genial.

Poeta, sem nunca ter escripto um verso, mas sabendo sentir, pensar e traduzir em palavras eloquentes tudo aquillo que só os poetas sabem traduzir, pensar e sentir; alma vibrante de inspirações e cérebro illuminado de idéas que valiam poemas; a sua capacidade cerebral ultrapassava a raia das mentalidades mais esclarecidas, só podendo ser comparada á do assombroso poeta da *Lyra dos Vinte Annos* e maravilhoso prosador da *Noite na Taverna*.

Baptista Pereira, Arthur de Oliveira e Annibal Falcão (este era pernambucano) formam a trindade genial da minha geração litteraria, como se pode ver no pouco que aquelle deixou e no muito que este produziu, bastando *A Plástica*, publicada na primeira serie da *Revista Brasileira*, (Rio, 1880). O Baptista desde os 18 annos de idade já se mostrava familiarisado com os clássicos de todas as litteraturas, robustecendo o espirito, nos dois últimos annos, com o mais opulento cabedal de conhecimentos philosophicos.

Era orador de altos vãos e escrevia a prosa com desembaraçado vigor. O patriotismo arrebatava-o, lutando com fogo pela abolição e a república, mesmo com promettendo-se, como se verá adiante. Os spartacos desconheciam o amor da patria, por mais que dissessem possuil-o e o levassem até á ferocidade. Para elles a

patria era o Estado, que absorvia a individualidade; eram as muralhas da cidade, que exigiam o abandono da familia; o Estado era tudo, o individuo nada. As mãis não eram mãis, nem os pais eram pais; a mulher era só spartana, o homem não passava de um cidadão de Sparta. A patria para elles era uma coisa tangivel, material: a terra que pisavam, por ser terra; as muralhas, por serem muralhas. Naquella terra e naquellas muralhas, que não deixavam o inimigo entrar ali, não havia a concentração de todas as lembranças, de todos os amores, de todos os sorrisos, de todas as lágrimas.

Nós, sim, sabemos o que é patria, porque quando longe della ouvimos pronunciar-lhe o nome, o coração bate-nos no peito com violencia e o nosso olhar lampeja, como que reflectindo um raio do sol que nos illuminou o berço. E' longe della que mais a amamos, que não ha bem mais apreciado do que o bem perdido, e a patria é o supremo bem. Este amor é tão vehemente, que arde no coração do menino, inflamma-se no do joven e não se apaga no gelo da velhice. Falem ao ancião nas grandesas da patria, e digam-me si elle não rejuvenece! O romano dizia: — *civis romanus sum*, e dizia-o com orgulho. Eu repito com ufanía o nome da minha patria, mesmo desgraçada como a vejo, porque a sua propria desgraça parece exigir de mim ainda mais amor.

O Baptista era um patriota e um orador. Demonstrava-o nos seus proprios discursos, de eloquencia insigne. Notem que o apparatus da voz humana não é mais que um instrumento que vibra, segundo a habilidade de cada um, a música das notas ou a música das palavras. Um orador é sempre um artista; e si não sentir aquillo que diz, sacrificará o êxito almejado. Não é um actor de nomeada, que não titubeia na representação dos papeis mais odiosos ou ridículos, com tanto que provoque os passageiros applausos do auditorio. Intérprete das mais vivas paixões, dos vicios ou dos erros postos em scena, attrai como as mulheres de certa idade, que ao sentir a acção implacavel do tempo, procuram no artificio um lisongeiro disfarce, para não serem banidas das aras onde ajoelhavam os seus adoradores. O orador não pede applausos á multidão, pois sabe que é facil ba-

ter as mãos e proromper em *vivas*; mas, convencido do que diz, impõe as suas convicções.

Este extraordinario rapaz, alma incontentavel e ambiciosa de gloria, foi um artista dentro de um revolucionario. Artista, sentia tudo quanto dizia, sabendo dizer da maneira mais bella e suggestiva; revolucionario, sem nunca sahir do campo da esthetica, sonhou uns ideaes estranhos e de incomparavel perfeição, que transbordavam dos moldes restrictos em que os outros encerram as suas aspirações, como que procurando Deus na Natureza e a liberdade na sociedade. E bem podia repetir com Becquer, que «nos tenebrosos ângulos interiores do seu craneo, agachados e nus, dormiam os extravagantes filhos da sua fantasia, esperando no silencio que a Arte fosse vestil-os de palavras para poder se apresentar decentemente no scenario da literatura».

Logo que comecei a pagar o meu tributo á nova escola, os meus amigos protestaram. Koseritz foi o primeiro, dizendo-me: — «Mas, meu querido poeta, o que realmente me assustou foi a nova de que estais escrevendo um drama realista»... — Sylvio Romero limitou-se a observar que eu era apenas *realista*, mau grado a moda, por exprimir «a verdade da vida pampeana pelo seu lado innocente e serio». — Baptista Pereira, como se verá mais adiante, foi além delles.

— Que é o *naturalismo* em literatura? perguntava-me. E' o *realismo*, que melhor e mais propriamente se devia dizer — a *realidade*. Si assim é, nada mais facil á intelligencia do que copiar, em vez de idealisar. Mas no fim de contas, em que consiste o naturalismo, sinão em desarraoar em vez de raciocinar? Consiste em dar ás coisas um nome que ainda não figura nos dictionarios; em fazer de um gabinete de leitura um hospital de clínica, submettendo á clínica até a propria alma. Consiste, meu amigo, mas é em dar fóros de cidade á linguagem das tavernas, e em descrever, apresentar, photographar quadros vivos de obscena nudez, preferindo os corpos syphiliticos das mulheres depravadas ás fórmulas esculpturaes das Venus olympicas.

Embora percebesse que havia exageração e um pouco de logographia nesses precepitados juizos, como eram sinceros, fiz-lhes a vontade, voltando-me com armas e

bagagem para o romantismo, de onde nunca mais arredei o pé. E assim, estou hoje convencido de que, longe de qualquer incompatibilidade, sem querer pôr obstáculos entre o idealismo e o naturalismo, tal qual como ambos devem ser compreendidos, o que convém é manter a idéa do seu enlace no mais íntimo consorcio, da sua fusão, pode-se assim dizer, já que delles dependem o bem e o bello, a verdade e a idealisação das verdadeiras obras primas.

Tanto assim, que o *Don Quijote*, essa monumental obra d'arte que não sei quem com justo entusiasmo collocou logo depois da Biblia, nelle se mistura em cada passagem o naturalismo no idealismo e o idealismo no naturalismo. E com uma particularidade, que não sei si outros já observaram: ali sempre o Quixote domina o Sancho; é o idealismo levando atraz de si o naturalismo. E' que o idealismo foi e será sempre o começo de uma revolução moral, ou religiosa, política ou literaria, philosophica ou artística, ou, para melhor dizer, uma génesis; ao passo que o naturalismo só pode ser uma conclusão, um fim, um exodo.

Baptista Pereira e eu eramos cadetes do 5.º regimento de cavallaria, que estava estacionado na cidade de Jaguarão, onde estivemos apenas de passagem, em 1874, elle seguindo dali para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, eu voltando logo á terra natal, com destino á Escola Militar de Porto Alegre. Abandonámos ambos a carreira das armas, por não nos podermos amoldar á disciplina militar. O meu companheiro cursava o 2.º anno de engenharia, quando foi desligado, como cabeça de motim na célebre *revolução do café*. Voltou a Porto Alegre, onde passou o resto do anno, e dispunha-se a seguir para S. Paulo, disposto a estudar direito, quando a morte o empolgou traiçoeiramente, quasi de repente.

Foi victimado por uma lesão cardíaca, que se fez annunciar pela cor macilenta do rosto entumecido, a tumescencia dos pés e o cansaço que sentia ao subir escadas, queixando-se ás vezes disso, mais nada. Nunca, porém, lhe passou pela mente a idéa de morrer cedo. Era alegre, falava pelos cotovellos, como se costuma dizer; escrevendo muito e lendo sempre, até durante as

refeições. Comprava quanto livro novo apparecia, de sciencia ou literatura, lia-o de fio a pavio e dava-o ao primeiro que fosse visital-o, não tendo bibliotheca, mas guardando na cabeça tudo que lia. A sua memoria era prodigiosa.

Voltou da côrte com as idéas saturadas de positivismo. Só nos falava de Augusto Comte, Littré, Laffitte, etc. E queria a todo transe que eu lesse pela mesma cartilha, que ali é que estava o grande dogma da Verdade Absoluta. Aconselhou-me a escrever o *Poema da Humanidade*, propondo-se até a auxiliar-me nisso, faria a divisão dos periodos históricos, em épocas synópticas, synthetizando as épocas em grandes homens, seguindo rigorosamente a ordem chronológica e evolutiva, a partir de *Eva* até chegar á *Ave*, que não era a immaculada Virgem do Catholicismo, mas a *Virgem Mãe* do seu credo, representada pelo protótypo das mulheres, que dizia ser a Clotilde de Veau, quasi brigando comigo quando lhe perguntei si ella tinha sido mesmo a esposa de um calceta...

Para elle não havia nada mais puro e ideal que os amores della com o Mestre, que eram como o das palmeiras, que se reproduzem sem contacto material, a grandes distancias, podendo o olhar transmittir o mysterioso germen que fecunda o embrião humano, como o vento leva nas azas invisiveis o pollen fecundante daquellas alterosas plantas. A sua idéa constante, nos últimos mezes de vida, era metter-nos a todos no seu positivismo intransigente e orthodoxo. Era extremoso em tudo.

Conseguiu, graças á sua eloquencia, catechisar mais de meia duzia de adeptos, não só na Escola Militar, como no Parthenon. O Apollinario e o José Bernardino chegaram a comprar os seis volumes do Comte. Eu já estava clissificado no grupo dos *sympáthicos*; e si elle não morre tão cedo, eu era capaz de trocar o Parnaso, pelo templo da rua Benjamin Constant. Dispondo o evangelizador da nova religião de dotes tão suggestivos e empolgantes, servindo-se da mais prodigiosa memoria para a fiel citação dos textos convenientes, de todos os philósophos da escola, conservava-nos como que hypnotizados pelo poder da sua eloquencia.

Era tambem muito querido das mulheres de vida livre, mas não lhes prestava maior attenção, pagava-lhes generosamente os carinhos, tratando-as com polidez, mas positiva indifferença. Onde escrevi *positiva*, pode ler-se *positivista*. E com aquelle pouco caso, revestido de tamanha liberalidade, mais presas ellas se mostravam á quem preferia abrir-lhes a carteira e conservar fechado o coração. Dizem-me que todos os positivistas são assim; que alguns chegam ao thálamo conjugal de palma e capella, guardando a castidade até tres mezes depois do casamento. Do que me livreí eu!...

Tenho sincero orgulho por ter sido o mais íntimo amigo de Baptista Pereira. A sua amisade era um galardão. Honrou-me tambem com a confiança que tinha nas minhas aptidões literarias, do que deu *immorredoira* prova nas bellas páginas que me consagrou em dois números da *Revista do Parthenon*, a que não tive tempo de responder-lhe, pelo inesperado da sua prematura morte, restando-me apenas poder dar o pósthumo testemunho do meu affecto no meu segundo volume de poesias. (*)

Publiquei tambem uma *Carta aberta a Carlos von Koseritz*, lamentando essa morte, pelas columnas do *Rio Grçandense*, de Porto Alegre; e seu venerando pai, ao lel-a, sahiu da sua *estancia*, em S. Gabriel, e foi á capital só para conhecer-me. Baptista Pereira, pretendendo seguir para S. Paulo, foi, em Novembro, despedir-se da familia, que morava na sua estancia do citado municipio, devendo voltar logo, para tomar em Porto Alegre o vapor que devia conduzil-o a Santos. Mas, logo de chegada, indo a uma caçada de veados, peorou de maneira tal, que cahiu de cama, não se levantando mais.

Si elle já se queixava de cansaço ao subir escadas, é facil imaginar como não se sentiria, durante aquellas desatinadas correrias pelo campo fóra, a galopar por montes e valles... Além disso, quando os veados atravessavam o rio, os seus perseguidores seguiam-no por dentro d'agua, no ardor do enthusiasmo venatorio. Chegou a casa completamente molhado, com tremores de frio e fortes dyspnéas. Amanheceu no dia seguinte completamente inchado, com o corpo todo salpicado de man-

(*) *Violetas*, edição de 1875.

chas esverdeadas... Das manchas rebentaram tumores e appareceu a infiltração nas pernas, parecendo um caso galopante de elephantíase purulenta, que os médicos chamados com urgencia não souberam diagnosticar nem combater.

As dyspnéas estrangulavam-no; respirava aos solavancos, como o náufrago ao embate das ondas, mas com uma lucidez de espírito que a todos admirava, extinguindo-se assim, numa agonia innenarravel, mas com uma coragem épica, dizendo apenas que as maiores dores são preferiveis a uma suffocação como aquella, pedindo ar aos descampados da savana, como Goethe pedia luz aos fulgores de Weimar.

E aquelle horror era assoberbado por maiores horrores: acreditando unicamente na força da materia, convencido de que só tinha diante de si a escuridão sinistra do Nirvana, sem lhe restar ao menos o consolo de já ter deixado o nome perpetuado em livros que déssem a demonstração do seu grande talento e fundo saber, pois só lhe faltou mais algum tempo de vida para escrevel-os, que para isso estava aparelhado em tão verdes annos. Pobre amigo! como foste roubado pela fatalidade!... Era a revolta impotente do archanjo despeñado das alturas, sentindo que de nada lhe serviam as azas, desde que o rigor do seu destino era mais forte que a envergadura dellas!

Dizia-me elle, numa das alludidas *Cartas a Mucio Teixeira*: — «Paremos um pouco, caminheiro ousado do progresso; estamos na quadra feliz em que a alma se expande aos sonhos e ás illusões, e nesta terra em que a poesia resurge dos poros da natureza. Ves? além, o pampa immenso, que se desenrola em horisontes azulados; essas florestas que sussurram sacudidas pelo vento, e os rios caudaes que em catadupas de escuma rolam bramindo pelo alcantil; e os oceanos que marulham, balançando as suas rêdes de vagas; e além, no éther infinito, em ondas de luz e oiro, o sol, lâmpada fulgente suspensa no tecto do ceu!...

E os clarões avermelhados do occidente... e as orlas de púrpura do leite da aurora! No ceu, o vento que galopa bramando; na terra, os gemidos das selvas... de um lado, o suspirar queixoso das auras; do outro, o solu-

çar da araponga nas franças do pinheiral. Tudo isto é um mundo de poesia e amor, porque a natureza borbülha a vida, e o pensamento no meio della despede a lava. Canta, porque tens nos labios uma harmonia ignota; canta, porque tua alma, illuminada com a luz da poesia, é grande como a immensidade! Lembra o passado, como o vate escossez; sonha, como o taciturno allemão sobre as páginas de *Werther*, o livro do coração; delira como Hoffmann, no *Tanoeiro de Nuremberg*; e canta os heróes de nossa patria, como Schiller, o immortal, immortalizando o heróe suiso.

Espaço estreito e ingrato para a elevação do teu genio, procuraste no âmbito das paixões políticas alçar o teu vôo arrojado. Ergueste do túmulo os fantasmas augustos dos mártires da liberdade, aureolando-lhes a fronte com a grinalda dos teus cantos, por isso tiveste de abandonar os teus lares, mas o anjo da gloria seguiu-te na romagem. (*) Quem pode tolher o passo ao rio que se despenha da serra? quem pode suster a subida da aguia quando vôa nos ares? — Deus! Assim, genio, tens por mundo a immensidade e por termo o infinito; poeta, tens a natureza que resplende; homem, tens a liberdade do pensamento, liberdade que emana da vontade immutavel de Deus e da soberania do espirito — Lembra-te, meu amigo, que o genio não colhe louros, si elles não são orvalhados pelo pranto de martyrio; pois o ideal está muitas vezes no soffrer, e o bello tem o seu cortejo de dores.

E' mister, pois, acompanhar o progresso social na sua phase mais brilhante, marchar com o desenvolvimento

(*) Allude a uma poesia a *Tiradentes*, que recitei, fardado de cadete, no theatro São Pedro, na presença do presidente da provincia, conselheiro Dr. José Antonio de Azevedo Castro, e do commandante das Armas, general Victório, Barão de S. Borja. O presidente, espirito emancipado, chegou a applaudir-me; mas o general, jungido ao rigor da disciplina militar, mandou immediatamente recolher-me preso ao estado maior do 12º batalhão de infantaria. Tudo isso explicarei quando chegar a descrever a minha *Vida Militar*. Baptista Pereira, ao publicar as cartas de que dou estes ligeiros tópicos, foi tambem preso, desligado da Escola Militar e recolhido ao nosso regimento, em Jaguarão, onde pouco se demorou, conseguindo logo baixa do serviço militar, que era incompativel com a independencia do nosso caracter de propagandistas revolucionarios. — M. T.

do espírito na senda luminosa que atravessa neste século o positivismo, porque a poesia está na verdade, e esta é representada pelos magníficos trabalhos da moderna sciencia. Ao envez dos bardos da antiguidade, que se inspiravam nos deuses do paganismo, evocando as luzes do Olympo para doirar as suas epopéas, que fundavam a crença nas scenas mythológicas e voltavam-se para o idealismo ou a fantasia, a musa do presente século revê-se no santuario da verdade.

Ha no imo de nossa alma um sentir que nos eleva aos olhos da nossa propria natureza, que nos fortalece contra os embates da fatalidade, que nos alivia as dores, que nos enxuga as lágrimas da tribulação. E' a esperança, no ceu nebuloso da vida, esclarecendo-a, como um ponto de luz na escuridão da tempestade. Quantas vezes essa virgem amorosa da mocidade não nos tem acalentado ao som de suavíssimas harmonias?... E quando o coração, presago de alguma desventura, se entristece por emoções dolorosas, é ella ainda que nos acaricia, com a fronte abatida pelos pesares. E' no desfazer-se a alva espuma das illusões juvenis, que a virgem compassiva nos embaça, á noite, com os sonhos do porvir.

Avante, pois, meu amigo; e contigo essa mocidade ébria de aspirações. O templo do saber nos offerece seus altares, sacrificuemos algumas horas de repouso e desses loucos prazeres que fogem como as nuvens no azul do firmamento»... — Pobre Baptista Pereira! Ainda si a morte te arrebatasse uns dois annos antes, quando dizias isto, porque assim pensavas e sentias, ao menos, já que estavas fatalmente condemnado a morrer cedo, não seria tão triste a tua partida, para as mysteriosas paragens do Além!... Porque, então, a crença te daria forças para a grande viagem, a esperança illuminaria as trévas dessa noite pavorosa, a religião de teus pais te conduziria dos braços delles para o seio de Deus!... Mas o mundo, naquelles dois últimos annos, desmanchou o trabalho piedoso do lar, e o mundo abandonou-te, completamente esquecido de ti, que valias mais que tudo quanto elle tem de espectacular e ephemero!

«Fecunda como o leito do amor e da miseria (diz Becquer), e parecida com esses pais que fazem mais filhos do que os que podem sustentar, a sua mente concebida e dava á luz uns extraordinarios embriões, no mysterioso santuario da cabeça, povoando-a de innúmeras creações, ás quaes a actividade de uma longa existencia não seria sufficiente para dar-lhes fórma. E lá dentro, nus e disformes, revoltos e baralhados em indiscriptivel confusão, sentia-os agitar-se e viver, numa vida obscura e singular, á semelhança dessas myriadas de gomens, que fervem e palpitam numa eterna incubação dentro das entranhas da terra, sem ter forças bastantes para sahir á superficie e converter-se ao beijo do sol em flores e fructos».

Iam com elle, destinados a acompanhal-o na morte, sem que de nenhum restasse outro vestigio sinão o que deixa um sonho da meia noite, que de manhã já não podemos recordal-o. Em muitas occasiões, ante a terrivel idéa do anniquilamento, sublevava-se nelle o instincto da vida, e agitando-se num formidavel e silencioso tumulto, procuravam as suas idéas em tropel sahir das trevas em que jaziam. Mas ai, que entre o mundo da idéa e o da fórma existe um abysmo que só a palavra pode transpor; e a palavra, tímida, preguiçosa, negava-se a secundar aquelles esforços!... Mudos, sombrios e impotentes, depois da inutil tentativa, tornavam a cahir no seu antigo marasmo, como cahem inertes nos caminhos abandonados, assim que passa o vento, as folhas amarelladas que o redomoinho levantou.

Elle queria a verdade e a belleza, isto é, queria a realidade e a arte. Pode-se admittir que a arte seja a verdade? Penso que a arte é o ideal, que sem ideal não ha arte. A escola naturalista, por tantos séculos esquecida entre os primores da poesia e da esculptura, renasceu finalmente na França, não tendo felizmente permanecido muitos annos entre nós. Alguns espiritos impacientes e ambiciosos, com abundancia de coração, e que são idealistas sem perceber-o, attrahidos pela novidade, arrastados pela moda, e obedecendo ao influxo de passageiro enthusiasmo, filho em todo caso de um ideal, podem ter-se lançado atraz dessa luz, que parecia estrella, quando era apenas um fogo fátuo; mas cahiram em si, e retrocederam.

Baptista Pereira era um dos mais bellos typos daquella geração, embora não fosse precisamente um homem bonito. Alto, loiro, de grandes olhos azues, nariz proeminente como o bico da aguia, o cabello cortado á escovinha, as sobranceiras mephytosphélicas, o beijo polpudo como o de um sybarita, queixo anguloso, para dentro, pescoço comprido, face imberbe e com uma ligeira pennugem doirada a desenhar o buço nascente. Parecia de origem teutônica, mas nas veias só lhe corria sangue latino. O seu todo denotava coragem, energia, e uma sensualidade que era desmentida pelos hábitos commedidos pela educação.

Trajava com despretençiosa elegância, mas apurado nas roupas brancas que estavam em contacto com a epiderme. Usava camisas e ceroulas do mais fino linho, meias de fio d'Escossia, pouco se importando com a cor da gravata ou o feitio do *frac*. Excellente e generoso companheiro. Empréstava aos outros as suas bengalas e as suas luvas e gravatas, pagando as entradas no theatro e gastos no botequim. Além da mesada, que era grande, o seu correspondente tinha ordem franca para adiantar-lhe o dinheiro que precisasse. O mesmo fazia esse velho estancieiro gaúcho com o outro filho, o José, seis annos mais velho que o meu amigo, o qual então estudava direito em S. Paulo, onde mais tarde se tornou um dos mais illustres advogados, fixando residencia na bella terra de Amador Bueno, ahí constituindo familia, poucas vezes voltando aos nossos pagos, onde se distinguiu nas discussões que travou com Silveira Martins, que mais de uma vez venceu na Assembléa Provincial.

O illustre Dr. José Baptista Pereira, em quem vim a encontrar um amigo dedicado, por saber da minha intimidade com o seu mallogrado irmão mais moço, e em cuja casa achei carinhoso agasalho durante alguns mezes que passei em S. Paulo, em 1904, mandou buscar as minhas malas ao hotel e exigiu que eu ficasse sob o seu hospitaleiro tecto, onde me encontrei como si estivesse no seio da minha propria familia.

O Dr. José Baptista Pereira era na velhice um eterno joven, com os mesmos sonhos e rasgos característicos do irmão, fallecido na flor dos annos. Typo perfeito do gaúcho, trouxe consigo para a Paulicéa toda a grandesa

da savana natal, zombando da garôa como havia zombado do minuano, afrontando as inclemencias do clima escudado na robustez de uma organização sadia e resistente, até que finalmente uma congestão cerebral tentou fulminar-o, atirando-o da cadeira ao chão, quando jogava *o solo commigo e outro amigo*, o senador José Luis de Almeida Nogueira, que delle diz, no tomo IV das suas *Tradições Acadêmicas*:

«Conhecemol-o estudante de preparatorios, nesta cidade (S. Paulo) em 1868, e nesse anno fomos collegas em rhetórica, no Curso Annexo, discipulos do dr. Paulo do Valle. Até hoje rememora o Baptista alguns episódios daquelle tempo, e jamais se esquece de que tinhamos (pedantismo de *bicho!*) em original a rhetórica de Aristóteles, e que nos rimos delle por haver lido *Phtopicha* onde estava em caracteres gregos *Rétoriké*, assin. *Phtopikh*.

A esse tempo, aos dezoito annos, tinha já o Baptista, imberbe, uma mécha de fios de prata na cabeça. Não admira, portanto, que esteja completamente barbiblanco. Em todo o caso, antes assim: velho por fóra e joven por dentro. Antes assim do que o inverso.

De facto o Dr. Baptista Pereira é hoje, pelo seu viço intellectual, constante bom humor e genio affavel e communicativo, o mesmo rapaz de outros tempos. Com o mesmo temperamento generoso e alguma reflexão a mais.

Foi elle sempre apreciador de boas pândegas, entendamo-nos, de alegres diversões em companhia de amigos. Muito brioso, porém, não sacrificava os deveres escolásticos pela attracção dos divertimentos. E, assim, talentoso como é, sempre conseguiu hombrear com os primeiros de seus collegas.

O Baptista Pereira interrompeu, por molestia, os seus estudos durante dois ou tres annos. Matriculou-se em 1872 na Faculdade do Recife, onde cursou os tres primeiros annos. Veiu a S. Paulo em 1875. O seu prematuro encanecimento tem occasionado varios incidentes, alguns dos quaes interessantes. Uma vez, tendo elle uma dúvida com um individuo já madurão, que não o conhecia, este disse-lhe assim, em tom de indulgencia:

— O que lhe vale é que lhe respeito as cans...

O sujeito tinha, sem querer, tocado no ponto mais sensível do nosso amigo.

— Cachorro! — exclamou este sem se conter. — Tu podias, pela idade, ser meu avô... e não te esmago, porque tenho pena da tua decrepitude!

Numa ocasião, perguntou-lhe pela idade o Martinho Duarte.

— 25 annos — respondeu-lhe.

Nos labios do Martinho desenhou-se um sorriso de incredulidade.

— Acha muito ou acha pouco? — tornou-lhe o Baptista.

— Francamente, acho pouco — disse elle, olhando significativamente para os cabellos do Baptista.

— Tem razão. 25 annos é pouca coisa para a idade de um homem, á medida que 18 annos é muita idade para um burro.

Era o Baptista muito camarada do Bulhões Carvalho, de quem fôra companheiro de casa no Recife.

Vivia, porém, frequentemente a fazer troças ao amigo, O Bulhões era extremamente myope.

Tinha vindo a S. Paulo para defender theses. Foi isto em 1875. Precisava de uma casaca e perguntou ao Baptista qual o melhor alfaiate.

— O Felicio — respondeu este, projectando logo uma brincadeira.

— Pois, então, vamos juntos para elle tomar a medida. E foram.

Ora, o Felicio era um conhecido selleiro, que a esse tempo tinha importante casa de arreios ali pela rua da Imperatriz, quasi ao chegar ao largo do Rosario.

O Bulhões, muito myope, e, além disto, regularmente abstracto, chega com o Baptista á casa indicada:

— Sr. Felicio — diz elle — venho aqui para o sr. me fazer uma casaca...

— ?!

— Sim, para o sr. tirar medida para me fazer uma casaca.

Imaginem o *tableau*.

O Bulhões foi sempre estudante muito sério, e da Paulicéa não conhecia sinão pela fama certas estroinices da vida acadêmica.

Dava-se, por isso, segundo dizia, uma falha nessa quadra de sua existencia.

Fazia-se-lhe necessario, antes de se retirar de S. Paulo e de encerrar essa phase da sua vida, preencher a lacuna e ir, pelo menos, ceiar na tasca do *Amigo Pedro Gallino*.

Era este para o circumspecto estudante um desejo ardente e como que uma idéa fixa. Mas, o meio de realisal-a? Pois não estava ali á mão o Baptista?

Afim de evitar a possibilidade de algum escândalo, deixaram o projecto para depois do grau do Bulhões Carvalho.

No dia aprazado, á meia noite, encaminharam-se os dois amigos para a casa do Pedro Gallino, que demorava no «largo de S. Gonçalo», depois «largo Municipal» e hoje «Praça Dr. João Mendes», esquina da rua da Esperança.

Ali chegados, encontraram fechada a porta, e tiveram que seguir para a *Sereia Paulista* a saborearem os afamados bifés do Fischer com um ovo a cavallo e regados por vinho húngaro. Estava radiante o Baptista com a substituição e o Bulhões furioso por não levar de S. Paulo a impressão de uma ceia no *Pedro Gallino*.

E, com effeito, o exímio jurisconsulto, hoje burguez de grave aspecto, jamais se consolou desta «grave falha na sua vida acadêmica».

No regimen passado, o Baptista Pereira, por mais de um biennio, teve assento na Assembléa Provincial do Rio Grande, e depois da República foi-lhe offerecido, por quem podia, um logar na deputação federal do seu Estado.

Ha 14 para 15 annos que o dr. Baptista Pereira se mudou para S. Paulo, onde advoga e em cujo fôro se tem conceituado pelo talento e pelo character.

Em Novembro de 1893, foi elle victima de um incendio que lhe devorou ou consumiu tudo quanto possuia, moveis, guarda-roupa, joias, e, o que mais o penalizou, a sua selecta livraria, cadernos de apontamentos, albuns, trabalhos inéditos, *recuerdos*, etc.

Estava ausente, na occasião, em S. Bernardo, onde esperava um rancho de amigos para um *pic-nic*.

Mostrou nessa occasião uma admiravel serenidade.

Quando, com a natural prostração de espírito, o interpellara a sua digna consorte:

— E agora, Baptista, que vamos fazer?!

Compreendeu elle que era necessario levantar-lhe o ânimo. Por isso, tirou impassivelmente o relógio, e, verificando a hora, respondeu:

— Agora, Yaiá, vamos almoçar, que já são horas,

Baptista Pereira é casado com uma senhora paulista, filha do finado desembargador Antonio Candido da Rocha, que occupou importantes cargos públicos, entre os quaes a presidencia de S. Paulo, em 1870, deputado por Minas, etc.

Tem elle dado á publicidade varios trabalhos forenses, entre os quaes algumas bem elaboradas razões sobre *seguros*, materia juridica na qual se tem constituído emérito especialista.

Consta que tem tambem, inéditos ou publicados na imprensa jornalística em diversas épocas, escriptos literarios e políticos, além de alguns trabalhos didácticos de regular merecimento que o incendio lhe consumiu.

Qualquer, porém, que possa ser o valor de umas e outras destas obras, toda a gente é concorde em que a melhor producção do dr. Baptista Pereira, a mais notavel, a mais meritoria, socialmente falando — é o seu digno filho, o illustre e talentoso joven Dr. Antonio Baptista Pereira, que o anno passado (1907) fez parte da representação brasileira no Congresso Internacional da Haya».

A congestão não conseguiu fulminal-o, mas reproduziu-se, dez annos depois, deixando-o então hemiplégico, até que finalmente morreu. Dava pena vel-o preso ao leito, como um leão enjaulado, sem movimento nas pernas, mas a gesticular como nos bons tempos de invejavel saúde, conservando cada vez mais brilhante a intelligencia, discutindo sempre com vivo enthusiasmo, até que veio a morte, que o arrebatou poucos momentos depois de chamar por mim, que estava então no Rio.

A morte do meu amigo Baptista Pereira (o João Manuel, pois tambem do José viam a privar na intimidade, muitos annos depois) como ficou dito, inspirou-me esta sentida poesia, que, si não é digna de nota pelo lado ar-

tístico, é digna de figurar aqui, como prova da minha verdadeira amizade e profunda admiração. Eil-a :

BAPTISTA PEREIRA

O genio não colhe louros,
Si elles não são orvalhados
Pelo pranto do martyrio...

(J. M. Baptista Pereira)

Sim, elle já não vive ; a mão da morte
Escondeu-o no chão do cemiterio ;
E o genio, que na frente lhe fervia,
Perdeu-se nas calingens do mysterio...

Sim, elle já não vive ; ó meu amigo !
Como anoitece ao clarear do dia ?...
E a frente, que de louros se ennastrava,
Fria pendeu na sepultura fria !

Democrata e poeta, o seu talento
Deixou no ceu das letras áureo rastro :
Orador, teve na tribuna um throno ;
No verbo um sceptro, e em cada olhar um astro !

Vinte annos só ! — a gloria e o futuro !
Vinte annos só ! — Que espléndida alvorada !
E elle, tão cedo, erguendo-se tão alto,
Rolou cantando na mudez do nada...

Deixem-me soluçar. Ha dores longas,
Que reclamam o bálsamo dos prantos ;
E eu preciso abrandar esta saudade,
Borrifando de lágrimas meus cantos.

Como é triste morrer, quando o talento
Sente a attracção magnética da gloria,
E do templo do estudo abrindo as portas,
Abre ao seu nome as páginas da historia !

E morreste, gigante generoso,
E tombaste, propheta mallogrado !
Como o cedro, no tôpo da montanha,
Pela faisca eléctrica lascado.

Eu, que fui teu amigo e companheiro,
Que tantas vezes pranteei contigo
Essa fatalidade que os poetas
Lança entre nós tão cedo no jazigo ;

Eu sinto avolumar-se o meu tormento
 Pela acção da distancia, pois não posso
 Ir com meus prantos orvalhar o lousa
 Do grande amigo que morreu tão moço!

Em vão contemplo agora o ceu nocturno,
 Procurando-te, triste, com vontade
 De escutar-te no som das ventanias...
 Ver-te num astro, em plena immensidade...

Si além desta viagem tormentosa
 Do berço á sepultura, meu amigo,
 Existe um porto, onde ancorar se possa,
 Encontrando no Além seguro abrigo;

Então, sacode as azas, que roçaste
 No pó, sem as manchar no vôo brando,
 Como o óleo que o cysne tem nas pennas,
 Que não se molham, mesmo mergulhando.

Sinto que a minha vez não tarda muito...
 O Parnaso conduz ao cemiterio...
 Adeus! bem cedo ao menos nossas almas
 Se encontrarão no mundo do mysterio.

O nosso commum amigo Affonso Taunay, digno continuador do glorioso nome de seu pai, o meu saudoso companheiro Visconde de Taunay, publicou pelas columnas do *Correio Paulisiano* o seguinte perfil biographico:

«Alto, erecto, esbelto, typo de puresa caucásea, como entre os riograndenses é tão frequente, ainda ha cinco annos, antes que cruel enfermidade o invalidasse, era o dr. Baptista Pereira uma das figuras de encontro mais sympáthico e attrahente do nosso meio. A' physionomia, prodigiosamente sympáthica, animada pelo mais vivo e bondoso olhar, emmoíduravam-lhe bella cabelleira annelada e cerradas barbas, alvíssimas, num conjuncto que deixava a mais agradável, a mais perduravel impressão.

De sua individualidade, tão cheia de relevo, se desprendia um quê inconfundível de bondade, a todos captivando, desde que lhe ouvissem o timbre poderoso e repassado de calor, as phrases refertas de sinceridade e de franquesa, manifestações inilludiveis de uma personalidade feita de character e de bondade, de intelligencia e de cultura. E realmente, boníssimo coração, recto e fir-

me caracter, nobre intelligencia servida por elevada cultura, viveu José Baptista Pereira a vida dos bons e dos que se deixam conduzir pelos sentimentos affectivos fugindo ao appello e aos cálculos da ambição.

Nascido em Porto Alegre a 11 de Março de 1850, e filho do honrado estancieiro de S. Gabriel João Rodrigues Baptista Pereira e de D. Maria Candida Baptista Pereira, estudou humanidades com o afamado professor Gomes, e estudou-as com grande amor e maior afinco. Intelligencia vivaz, como poucas, facil lhe foi adquirir entre outros os mais sólidos conhecimentos do vernáculo e do francez, da historia, das coizas da antiguidade clássica. Raros havia como elle, senhor dos factos do nosso idioma e dos de nossa lingua-mãe, conhecedor profundo das literaturas brasileira e portugueza, da ingleza e das latinas em geral, sabedor de tantas particularidades do nosso passado como da historia dos principaes povos modernos, e das do mundo greco-romano. Dispondo de espantosa memoria e de taes conhecimentos humanísticos, era-lhe a conversa a mais agradável. Com a maior facilidade narrava entrecchos de um sem número de livros e lhes fazia a synthese e a apreciação com o mais elevado e seguro criterio, e isso de obras lidas havia dezenas de annos, pois raros em nosso tempo leram o que esse incançavel devorador de livros leu. Com igual facilidade recitava enormes trechos poéticos de autores brasileiros e portuguezes, francezes e espanhões, relatava anedoctas históricas, literárias, mythológicas. Dos seus poetas predilectos podia reproduzir páginas e páginas, como o fazia por exemplo em relação aos *Lusiadas* de que repetia, sem o menor desfallecimento de memoria, cantos inteiros.

E o que mais encantava nestas demonstrações de uma cultura geral privilegiada, era a despretenciosidade, a modestia com que revelava tão assignalada superioridade. A grave balda da sua existencia, a feição que o conservou na penumbra, voluntariamente, era exactamente este pendor pela modestia, esta despretenciosidade orgânica.

Matriculado na faculdade de Direito do Recife, ali encetou o seu curso acadêmico, transferindo-se no terceiro anno para a faculdade de S. Paulo, onde, em 1877,

se bacharelou, após brilhantes notas de aprovação. Em 1878 desposou a exma. sra. d. Francisca de Paula da Rocha Baptista Pereira, filha do desembargador Antonio C. da Rocha, que, de 1869 a 1870, fôra presidente de S. Paulo, e voltou ao Rio Grande do Sul, onde, até 1891, viveu, a advogar em Bagé e Pelotas. Dispondo de vasta cultura jurídica e notavel tino causídico, dentro em breve estava á testa de uma banca largamente movimentada, que lhe teria dado a abastança, pelo menos, não fôra elle o homem do desprendimento e do desinteresse, do serviçalismo por excellencia. Não tardara, com effeito, se encontrasse entre os mais afamados jurisperitos da provincia.

Pertencendo a uma familia de conservadores, não podia deixar o seu partido de lhe reclamar os serviços, dotado como era de tão elevadas qualidades e preciosos recursos de cultura e intelligencia. Sem enthusiasmo, deixou-se levar ás pugnas partidarias, pois não era, absolutamente, a política um dos alvos de suas predilecções. Mais para acompanhar amigos e parentes do que para satisfação de instigações proprias, deixou-se incluir na chapa de deputados provinciaes.

Dominadoramente, reinava então o gasparismo no Rio Grande. A muito custo, conseguiam os conservadores enviar meia duzia de representantes á Assembléa Provincial; á Câmara Geral só se elegiam liberaes. Verdadeira sensação causou o modo pelo qual Baptista Pereira enfrentou o famoso tribuno senhor da Provincia. Aos seus prodigiosos recursos parlamentares oppoz uma dialéctica que a todos espantou e uma facilidade de réplica que lhe valeram o respeito e sympathia do adversario e o reerguimento da confiança da sua diminuta bancada.

Facil lhe fôra continuar na vida política; não o quiz, porém; preferiu recolher-se á calma existencia de seu escriptorio, a isto levado por invencivel feição do espirito. Em 1891, voltou a residir em S. Paulo, onde activamente advogou, obtendo valiosos partidos como por exemplo o da Câmara Municipal. Um incendio criminosamente ateado no andar inferior de sua casa, reduziu-lhe a cinzas a valiosissima bibliotheca, uma das maiores do Brasil talvez, acontecimento que, como era natural, sobremaneira o affligiu, mas lhe não tirou a sere-

nidade e a coragem. Por longos annos trabalhou ainda exercendo, até aos últimos dias, o cargo de promotor de residuos.

Victima de cruel paralysisa, quasi seis annos passou com a maior resignação, rodeado dos entes que lhe eram caros, procurando esquecer-se da lentidão das horas na conversa dos seus e dos amigos, com o percorrer das páginas dos seus acompanhadores fieis de tantos annos, dos velhos livros predilectos e dos novos, que á curiosidade insaciavel lhe offereciam. Até ás vésperas da morte, leu e releu sem descanso, abstracto ante as tristezas de sua invalidez. (*) Uma ou outra vez, e isto quando interrogado, falava de seu estado, queixando-se discretamente de que «as pernas lhe recusavam prestar serviços».

Nesses longos annos de immobilidade, teve o ensejo de presenciar novas e as mais prodigiosas demonstrações do affecto e da dedicação conjugaes, incediveis, uma solicitude de todos os instantes, que a todos enchia da maior admiração, pela esposa extraordinaria, que o acompanhava incançavel. Doía-lhe a separação forçada do primogénito, de quem tanto e tão justamente se orgulhava, e da filha tão affectuosa quanto querida; compensavam-no, em parte, desse afastamento o convívio e a amizade do segundo filho, em quem se ia revendo, e daquelles a quem extendera os cuidados do seu coração e de seu aconchego, largamente retribuidos em affecto e dedicação.

E assim encarou o fim com a serenidade dos bons, dos homens de alma limpida. Reconfortado pelos sacramentos da última hora, a vida se lhe extinguiu lentamente, apesar do carinho de facultativos eminentes, que nelle, acima do cliente, viam o amigo. A quantos conheceram José Baptista Pereira restarão sempre a mais suave recordação e a mais funda saudade. Nobre coração, nobre intelligencia!».

(*) Ainda no dia em que morreu, chamando por mim, que estava então no Rio de Janeiro, recitava versos meus.—M. T.

TALLONI JUNIOR

JOÃO BAPTISTA TALLONI JUNIOR nasceu em Porto Alegre a 11 de Setembro de 1856 e falleceu em Lisboa em 1880, depois de soffrer a prolongada insomnia da interminavel noite da cegueira, não podendo dar um passo sem ser guiado pela mão de outrem, pois o tacto, que substitue surprehendentemente a vista, nos cegos de nascença, em nada auxilia aos que perdem mais tarde e de repente o sentido de vêr.

Homero, Milton, o Visconde de Castilho e a nossa conterranea Delphina da Cunha sentiram naturalmente a privação dessa faculdade concedida a todos os séres, mesmo os de fôrmas rudimentaes, mas habituados á sua falta desde que sahiram do berço, foram aos poucos se resignando com a perda de um bem, que nem podiam avaliar, desde que sempre foram d'elle privados; mas ver tudo, admirar o bello por todos os seus aspectos, e repentinamente cegar... isto deve ser horrrível, insupportavel, infernal!....

Foi o que aconteceu a este meu companheiro de infancia. E isto depois de passar mais de vinte annos no pleno goso de todos os sentidos corporaes, de todos se servindo como um requintado sybarita, que era, dos respectivos órgãos saboreando voluptuosamente as sensações recebidas. Dizem os médicos oculistas que o myope não fica cego, e este meu amigo precisava armar os olhos de poderosas lentes, desde a meninice, tal a sua myopia.

O *Talloninho*, como lhe chamávamos na intimidade, desde os mais verdes annos começou a impressionar a pacata burguezia da nossa terra, com uma precocidade que o destacava em toda a linha. Franzino, representando ter uns tres ou quatro annos menos de idade, aos quinze annos já era o rapaz mais elegante da cidade de Porto Alegre, chegando mesmo a fazer ostentoso garbo da sua inexcédível distincção fidalga, que fazia lembrar Petronio, o árbitro das elegancias em uma côrte onde tudo era crystalizado, tanto nos vicios de Nero como na sabedoria de Séneca.

De todos os rapazes do nosso tempo, eu era o único que o acompanhava de perto nas exigencias da moda, preoccupados ambos com os moldes dos últimos figurinos parisienses, dizendo o nosso alfaiate que não tinha freguezes mais exigentes, mas supportando pacientemente as nossas imposições, graças á pontualidade no pagamento. Ameaçavamos quebrar-lhe os grandes espelhos da alfaiataria quando havia uma ligeira ruga nas calças ou na casaca de baile...

Elle e eu dirigiamos a moda naquelle tempo. A modicidade mais caprichosa e endinheirada corria ao nosso alfaiate, o Bins, um allemão intelligente como todos os allemães que tenho conhecido, pedindo-lhe que a vestisse pelo mesmo padrão das nossas roupas de passeio. Passeávamos juntos a cavallo, todas as tardes, nuns fogosos animaes que eram os discretos confidentes das nossas *altas cavallerias*... E só entrávamos no theatro depois de haver começado a representação, provocando os *psios* das torrinhas, onde se empoleirava o bando da multidão anônima.

Tinhamos o garbo de uma alegria satânica em ser os únicos que sabiam enrolar o cigarro sem tirar as luvas, o que ninguem mais fazia com tanto desembaraço, pois o tacto assim educado dependia do hábito adquirido nos torneios de umas justas galantes, onde tambem havia *Jogos Floraes*, em que disputávamos a palma dos sorrisos femininos que engrinaldavam os nossos versos, ás vezes improvisados. Si no theatro éramos o alvo do binóculo das mais elegantes donas e donzellas, no baile era comnosco que ellas preferiam voar nas azas da valsa. O' saudosos tempos da minha gloriosa juventude!

Talloni Junior tambem era poeta. Os seus versos, muito limados, tinham sentimento e idéas, mas eram frios, faltava-lhes o fogo sagrado da inspiração espontanea, que transbordava dos meus, inferiores aos delle na concepção e na fórmula, o que o inciumava, porque as mulheres preferiam a minha naturalidade ao seu burilamento, gostando todas muito mais da minha maneira de poetar. Isto, porém, si o fazia morder os labios, não diminua comtudo a nossa fraternal estima.

Era o filho único do consul portuguez em Porto Alegre, do mesmo nome, como se vê do *Junior* do meu amigo, e que desempenhava as funcções de gerente do Banco Mauá. Viuvo de distincta senhora rio-grandense, morta na flor da mocidade, não quiz contrair segundas núpcias, segundo dizia, só para não dar madrasta ao seu casal de filhos, o meu amigo e sua linda irmã Amalia, dois annos mais nova que elle, intelligente menina que me inspirou muitas poesias, que logo decorava e recitava ao piano, aos sons da *Dalila*.

O consul-banqueiro era um homem intelligente e illustrado, de fino espirito observador e mordaz, um tanto ferino mesmo, o que lhe causou mais de um aborrecimento, chegando a manter polêmicas pela imprensa, das quaes sahia victorioso. Vivia fidalgamente instalado no proprio edificio bancario: um enorme sobrado da praça da Alfândega, com fundos que se estendem num vasto quintal arborizado, subindo a montanha que vai terminar na rua da Ponte, hoje de Riachuelo.

Ali dava aos amigos opulentos jantares, nos domingos, sob as árvores, reinando nesses festins de Epicuro a mais encantadora jovialidade. As senhoras caprichavam nas suas vestimentas de gala, ostentando custosas joias, e os homens disputavam a elegancia em que o Talloninho e eu éramos os mais apurados. Os ditos apimentados do Amphytrião eram sublinhados por sorrisos e gargalhadas, cada qual timbrando em dizer coisas paradoxaes. Mais de uma vez corava, nos seus recatos virginaes, a intelligente Amalia, que acabava de sahir do Collegio das Irmãs, do Rio de Janeiro, espanhada naturalmente das idéas do pai e do irmão (só eu não ousava ferir aquellas infantis susceptibilidades), pois éramos todos livres pensadores, cruzando-se assím os paradoxos e as blasphemias, sendo mais de uma vez discutida ali a prisão dos tres bispos na ilha das Cobras, applaudidos os artigos de Saldanha Marinho, com o pseudonymo de *Ganganelli*.

Como estão agora os tres já mostos, o pai, a filha e o filho, posso falar desembaraçadamente de coisas intimas. Eu sentia por Amalia uma doce affeição fraternal, que era por ella correspondida com uma ingénua ternura esmaltada de encantadoras infantilidades; e só

percebi que esse passageiro enleio dos sentidos havia enraizado alguma coisa mais perduravel no meu coração, quando me foi communicado o seŭ próximo casamento com um dos amigos da casa, vinte annos mais velho que ella, o que me causou surpresa e indignação:

Aquelle casamento influiu na precipitação da minha mudança de residencia para a côrte do Imperio. E muitos annos depois, encontrando-me com ella, ambos nas condições dos amantes de Campoamor, lembrei-me desta *Dolora*:

«Pasan veinte años; vuelve él,
Y al verse, exclaman él y ella:
(¡ Santo Dios! ¿ y este es aquél?...)
(¡ Dios mio! ¿ y ésta es aquella?...)

E' bem verdadeiro o verso de Metastasio (que o meu amigo Raymundo Corrêa traduziu e publicou como si fosse de sua lavra), em que o poeta nos diz que a triste ventura de muitos consiste exclusivamente em parecerem ser venturosos. Voltemos, porém, ao meu saudoso companheiro de infancia, que foi morrer tão longe do lar venturoso, depois de ter derramado lágrimas de sangue na noite da cegueira.

Talloni Junior, que nos primeiros annos da sua curta existencia causava inveja aos mais acariciados pela fortuna, foi muito cedo a vítima resignada de grandes e consecutivas desventuras. Feitos os estudos preparatorios em Porto Alegre, seguiu para o paiz de seu pai, matriculando-se na Universidade de Coimbra, onde conquistou logo de chegada a dupla reputação de *estrôina* e de poeta.

Nas cartas que de lá me escrevia, mostrava privar na intimidade dos mais festejados talentos do tempo. O Gonçalves Crespo, o Guerra Junqueiro, o Anthero do Quental e o João Penha já tinham concluido o curso universitario, mas na lendaria cidade dos estudantes de batina ainda vibravam as retumbantes vozes desses poetas da revolução coimbrã, com os quaes o meu amigo conviveu em Lisbôa, depois delles formados, mas sempre *bohemios*.

De todos mandou-me apontamentos bibliográficos, não descendo a bisbilhotices vulgares, mas levando as minucias da pesquisa intelligente até a informação da altura, da cor, dos hábitos caseiros e costumes característicos de cada um, ficando eu assim conhecendo-os como si os visse e ouvisse a todo o instante. Fiquei sabendo que o Guerra se chama *Abilio Manuel*, que nasceu no Freixo de Espada á Cinta, em 15 de Setembro de 1850 e que naturalmente por ser de espada á cinta foi que tomou aquelle apellido guerreiro para nome de guerra.

De todos, porém, o que mais nos interessava era o nosso glorioso compatriota Gonçalves Crespo, crioulo do Rio de Janeiro, nascido no morro do Pinto a 11 de Março de 1846 e fallecido em Lisboa com 33 annos de idade, depois de ter-se naturalizado portuguez, para ser deputado ás côrtes, secretario do governo na India e redactor do *Diario da Câmara dos Pares* do reino, casando-se com a distincta escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho, a quem deixou mais de cem contos de réis em dinheiro e predios no Brasil.

A *república* de Gonçalves Crespo em Coimbra (escrevia-me o Talloninho), era á rua da Couraça de Lisboa, na qual tambem moravam o Anthero e o Penha. Vi mais tarde, lendo Candido de Figueiredo, que «entre o primeiro andar e o rez-do-chão, como entre duas potencias amigas, havia a mais cordial alliança defensiva e offensiva; mas, como nos aposentos do potentado Penha só havia logar para um leito, uma banca e um cabide, os assessores e dignatarios das duas côrtes agremiavam-se junto da câmara do potentado Crespo, numa ante-sala de tres metros quadrados, com porta rasgada para a rua.

Nesta ante-câmara reunia-se a miude a academia letrada daquelles dois numes do Pindo moderno. Vi lá muitas vezes o Bento Moreno, o Guerra Junqueiro, o Bernardino Machado, *etc.*, sei lá quantos! Parecia aquillo uma assembléa de peripatéticos: por hábito e por falta de cadeiras, poucos ou quasi nenhuns se sentavam; conversava-se, discutia-se, gesticulava-se, berrava-se, fumava-se, passeando. Gonçalves Crespo, sempre desambicioso e expansivo, não tomava a presidencia daquelles conciliábulos. Ninguem presidia.

Era uma *república* sem presidente, mas uma república modelo, em que os mais nobres interesses vinham á baila, sem paixões e sem ódios. Sobre aquellas cabeças pairava um espírito despreocupado e alegre, talvez o espírito de Gautier, do inimitável cinzelador de phrases, que tão poderosa influencia exerceu na educação literaria de Gonçalves Crespo. Alguns livros de Gautier, Sully-Prud'homme, e poucos mais, constituíam a bibliotheca do poeta, apertada numa gaveta de quatro decímetros de largura.

João Penha, que nunca possuiu bibliotheca, além do compendio escolar, ninguem lhe conhecia sinão um livro que elle andava lendo e estudando; estudado e lido o livro, desaparecia, e era substituído por outro, que seguia igual destino. Crespo era excessivamente sóbrio em palavras, mas tinha um certo encanto e originalidade no dizer. A sua voz, um pouco hesitante e tímida, mas apaixonada si o caso o requeria, dava aos seus versos um especial colorido, e uma força persuasiva, só conhecida dos grandes oradores.

Ser funcionario público e chefe de familia eram dois ideaes que Gonçalves Crespo não julgava realisaveis... e contra a sua belleza physica tinha umas grandes apprehensões: era capaz de muito amar, mas não cria que fosse muito amado. A mulher, geralmente leviana, e dominada por apparencias, nunca avaliaria os altos quilates de um coração de oiro, encadernado em pelle trivial, sem o attractivo de uns bigodes petulantes, sem os cabellos loiros... enganou-se. As mulheres muitas vezes acham unanimemente bello o que os homens julgam unanimemente feio; e depois, Gonçalves Crespo não semeou paixões no coração esteril de uma mulher vulgar: houve uma mulher, extraordinaria pela elevação do talento e nobresa dos affectos, que o comprehendeu, que o amou. Poucas vezes o destino terá ligado duas intelligencias tão autênticas e tão sympáthicas.

Disse um dia o Visconde de Castilho, depois de indagar quem era o cantor das *Miniaturas*: — «Percebo que é o estudante mais feio de Coimbra, mas não pode haver talento mais bonito na Universidade». — Diz Camillo Castello Branco: — «Chamam-lhe uns atheniense, outros brasileiro; eu quero que elle seja portuguez, porque

levo o amor da minha patria até ao latrocínio de um poeta... E' portuguez como Garret, francez como Gautier, americano sentimental como Longfellow, *humorist* como Godfroy Saxe, e espanhol como Campoamor. E' de todos os paizes que têm poetas com intercadencias de tristezas, risos, energias satánicas e angélicas maviosidades; mas, na linguagem é portuguez sem joio; poliu os diamantes brutos dos clássicos, encravou-os em adereços de feitios novos, e traz assim tão de festa e tão casquilha a sua musa, que, si acontece de lhe despeitorar o corpete, cobre-lhe os seios de joias».

O meu pobre amigo Talloni Junior adoeceu gravemente no seu segundo anno universitario, transferiu a residencia para Lisbôa, onde os melhores clínicos permaneceram impotentes diante da enfermidade que lhe solapava o organismo depauperado. Submetteu-se ao exame das notabilidades médicas da Allemanha, da Austria, da França e da Inglaterra, soffrendo muito nessas viagens, mas viram todos que se tratava de um caso perdido. Ficou cego, pouco depois, até que a morte completou a obra de destruição, levando-o consigo, na flor da mocidade, e com elle os seus sonhos de amor e aspirações de gloria. — Apenas encontro no meu archivo estes versos delle:

O mundo, que presente o rir sarcástico
Que brinca nos meus labios sem cessar,
Não sabe quão intenso e forte e lúgubre
E' o soffrer, que interrompe o meu sonhar.

E julga que eu não sei o que são lágrimas,
Pois me rio de tudo... até de mim...
Com o rir zombador de Mephystópheles
Em frente do mais casto seraphim.

Comtudo, sobre as minhas faces pállidas
Rola o pranto causado pela dor,
Quando estou encerrado no tugúrio,
Tendo por confidente o Creador.

Cai-me do rosto, então, a espessa máscara
Que me dava apparencias de feliz;
E aquelle que julgavam ser um scéptico
Acurva ante o Senhor, mudo, a cerviz,

E peço ao Homem-Deus martyr do Gólgotha,
 Que foi pelos judeus pregado á cruz,
 Me dissipe dos olhos o crepúsculo...
 Dando-me inspiração, calor e luz.

... Odeio-vos de morte, vis hypócritas,
 Que vos rojaes de face pelo chão!...
 Fingis acreditar no Deus altíssimo,
 Mas tendes Satanaz no coração.

TERENCIO DE MIRANDA

TERENCIO POMPEU DE MIRANDA nasceu em Porto Alegre a 6 de Julho de 1856 e falleceu na mesma cidade em 1891. Poeta e mathematico, abandonou o convivio das musas para se voltar de preferencia para o conhecimento das dimensões, das quantidades, dos números e proporções, achando mais poesia no cálculo, na geometria, na trigonometria e na mechânica do que nos sorrisos ideaes das olympicas irmãs de Apollo. E não andou desorientado enveredando por esse caminho, pois quando poeta, vivia na dependencia dos outros, e assim que se apoiou nas columnas dos logarithmos começou a pisar firme no terreno que conquistou a golpes de talento.

Era o rapaz mais feio da nossa roda e um dos talentos mais bonitos daquela geração. Mas a sua fealdade, que á primeira vista provocava risos, taes as caretas que fazia quando falava, numa gesticulação epiléptica e desconjuntada, tornava-se logo sympáthica e atrahente, graças á sua torrencial eloquencia e ao ineditismo de tudo que dizia. Tinha um grande talento e um grande coração. Feio como Esopo, o fabulista grego, tinha uma alma linda como a flor do Lotus.

Primo de uma das minhas namoradas, cujo paí, um estúpido argentario, não gostava de poesias e muito menos de poetas, Terencio protegeu com tanta dedicação aquelles meus amores, que o tio, sabendo d'aquillo, correu-o de casa, vendo-me eu na obrigação moral de recolhel-o no seio de minha familia, pois não tinha onde cahir morto, embora dispondo de tanta vida intellectual.

Correspondeu á minha hospitalidade com sincero reconhecimento, tornando-se cada vez mais meu amigo.

O seu orgulho, porém, não consentiu que permanecesse ás costas dos outros; e como fosse difficil encontrar um emprego que lhe permittisse viver independente, atirou-se com sofreguidão aos meus compendios, dando inteiramente costas á poesia, e estudou tanto, que em pouco tempo assentou praça e requereu matricula na Escola Militar, onde completou o curso das tres armas com *distincção* em todos os exames, sahindo alferes-alumno no fim de dois annos, começando assim a sua carreira militar brilhantissima, até que a morte veio repentinamente cortar-lhe os largos vôos da aspiração, matando-o já no posto de capitão de cavallaria.

Ha males que vêm para bem, diz o povo na sua inconsciente sabedoria. Na casa do tio, onde só tinha cama e mesa, precisando fazer a escripta de algumas casas commerciaes para vestir-se decentemente, ali continuaria *ao Deus dará*, na mais indolente ociosidade, ao passo que, vendo-se obrigado a conquistar a vida pelo proprio esforço, poz á prova o poder da sua vontade, lutou e venceu, conseguindo assim uma posição de relativa independencia, com direito a chegar ao generalato, por estudo e merecimento, o que só não conseguiu por ter sido assaltado pela morte, pois todos os nossos companheiros de então são hoje marechaes.

Eis uma das poesias de Terencio de Miranda:

A MUCIO TEIXEIRA

Lí teus versos, Poeta, e arrebatado
Por tanta inspiração, venho apressado
Dar-te os meus parabens;
Não sei de quem cantasse, tão criança,
Com tanta inspiração, tanta pujança:
Que musa que tu tens!

Teus cantos infantis têm mais doçura
Do que a fonte que geme fresca e pura
No seio dos sertões;
Tu cantas como as aves na floresta
Quando desperta a natureza em festa
Por entre mil canções.

Agora, que os poetas mais ardentes
 Dormem na campa frios e silentes,
 Todos mortos em flor ;
 Quando tão poucos restam hoje apenas,
 Vens, irmão do cantor das Açucenas,
 Com teus hymnos de amor.

Surges, quando Varella, pesaroso,
 Vendo-se em solidão, silencioso
 Vai conduzindo a cruz...
 Quando Carlos Ferreira afina a lyra
 E Amalia Figueiróa aquí suspira
 Entre prantos de luz.

Bernardino dos Santos, mudo e triste,
 Quando passa por mim, vejo que existe,
 Mas o mesmo não é...
 Dormem os mais no fúnebre retiro,
 Freire, Dutra, Azevedo e Casimiro, (*)
 Ah! mas tenhamos fé!

Outros virão, repletos de harmonia ,
 Como aves dos vergeis da fantasia,
 Soltar novas canções ;
 E tu, que és entre todos o mais novo,
 Tu seras acclamado pelo povo
 Rei das inspirações! ...

Castro Alves, quando apenas despontava,
 Tanta luz do seu estro irradiava
 Que nella se abrasou...
 Mas desprendeu de si tal claridade
 Que ha de ser visto, em toda a eternidade,
 O nome que deixou.

Mas tu, que tão criança já te elevas,
 Astro gentil no meio destas trevas,
 A's plagas do porvir ;
 Tu... não deves chorar, e nem eu creio
 Que a dor já tenha te ferido o seio :
 Tu só deves sorrir.

Teu genio é resplendor de astro brilhante
 Que enche de raios a amplidão distante,
 Num lícido arrebol ;

(*) Junqueira Freire, Dutra e Mello, Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu,

Como és feliz!... invejo-te devéras,
Vendo das tuas quinze primaveras
Tantas flores ao sol!

O teu porvir desponta entre fulgores,
Como por entre cânticos e flores
As mais bellas manhãs ;
As estrellas são noivas, que te beijam ;
E essas aves, que trinam e que adejam,
Parecem tuas irmãs.

Não sei de quem cantasse, tão criança,
Com harmonia assim, com tal pujança,
Que musa que tu tens !
Li teus versos, Poeta, e arrebatado
Por tanta inspiração, venho apressado
Dar-te os meus parabens.

ARTHUR ROCHA

ARTHUR RODRIGUES DA ROCHA nasceu em Porto Alegre a 1 de Janeiro de 1859 e falleceu na cidade do Rio Grande a 26 de Junho de 1888. Distinguiu-se muito cedo como jornalista, dramaturgo, poeta e crítico, escrevendo porém poucas poesias, voltando-se de preferencia para o theatro. Era o filho único de um velho artista dramático aposentado, que exercia simultaneamente as funções de sacristão da igreja da N. S. das Dores e cobrador de bilhetes de theatro, gabando-se sempre de ter sido discípulo de João Caetano, cujos representantes em Porto Alegre eram elle, o Sousa Motta e o Luis Mayrink, irmão bastardo do banqueiro carioca conselheiro Mayrink.

O velho mulato Rocha, pai do nosso bello Arthur, era um honrado chefe de familia, embora não levasse os escrúpulos de ordem moral ao ponto de não augmentar os seus vencimentos com a percentagem que lhe davam as actrizes, que passavam os seus bilhetes de beneficio, andando com ellas de porta em porta por toda a cidade. Era tambem o ensaiador das companhias dramáticas particulares, das representações do Parthenon e da *União Militar*, que davam espectáculos mensaes no theatro S.

Pedro, quando eu fazia o galã dos meus proprios dramas, e o José Caetano de Faria, hoje marechal e ministro da guerra, desempenhava os papeis cômicos, com a mesma fina graça do Vasques, que trazia então as platéas cariocas em consecutivas gargalhadas. Só depois foi que surgiram os Brandões e Machados Carecas, com as suas graçolas lusitanas, reduzindo o theatro nacional ao estado de miseria em que por ahí apodrece.

Dava gôsto vel-o, nos dias 7 de Setembro e 2 de Dezembro, datas da proclamação da nossa independencia e do anniversario do Imperador, trocando a maleta dos bilhetes de espectáculo pela espada, e a opa do Santíssimo pela farda de tenente da Guarda Nacional, atravessando a cidade de carro aberto, com a vistosa plumagem auri-verde do capacete de gala a fluctuar ao vento. Falava num tom rouquenho, como o Alberto de Oliveira fluminense (não o consul portuguez do mesmo nome) e gesticulava, arregalando os olhos, como si declamasse em pleno palco, com attitudes que pareciam estudadas ao espelho.

O Motta e o Mayrink tambem falavam assim, talvez em homenagem á memoria do maior trágico brasileiro e mestre de todos tres, talvez combinados para representar fóra de scena os respectivos papeis na comedia da vida. De todos o mais distincto era o Sousa Motta, não só pelo porte, que era altivo e romanesco, de longa melena encaracolada, capa espanhola atirada para traz e botas (andava sempre a cavallo, no exercicio do seu cargo de fiscal geral dos guardas da municipalidade), como tambem por uma lenda de turbulentos amores com mulheres casadas da alta sociedade...

O Motta recitava com êmphase os meus versos e os do Carlos Ferreira, nos salões e no theatro, arrebatando o auditorio que o embevecia com frenéticos applausos. Confesso que as minhas poesias, recitadas por elle, pareciam-me bellas. O proprio Imperador dignou-se de felicital-o, quando, ao passar para a guerra, o saudou com versos do Carlos Ferreira, recitados do meio da multidão, que a cada estrophe o interrompia com delirantes applausos. Estava radiante! Teve tambem triumphos ao piano, recitando elegias e madrigaes ao som da *Dalila*, tomando então os ares sentimentaes do Furtado Coelho no *Era no outono* ou no *Noivado do Sepulcro*. Destas

victórias da geração romântica, que emudeceu em 1870, foi talvez o último abencerragem.

Arthur Rocha era um rapaz bonito e insinuante, moreno como o Ferreira de Menezes, alto, esbelto, fino e elegante como elle, e como elle tambem myope, com o *pince-nez* de límpidos crystaes em aro de oiro. Feliz nos amores, conquistou mais de uma actriz, além das que representavam fóra do theatro, casando-se finalmente com uma graciosíssima tiple espanhola, que logo retirou de scena, transformando-a em excellente dona de casa. Transferiu, então, a residencia para a cidade do Rio Grande, assumindo a direcção do *Artista*, folha diaria de grande circulação, em cujo posto foi colhido pela morte prematuramente.

Tinha, quando apenas contava 18 annos, fundado e dirigido outra folha diaria, em Porto Alegre, que teve a ephêmera duração de um arma de partido, expressamente creada para o período das lutas eleitoraes, e que foi órgão da dissidencia do partido liberal. Vi-o mais de uma vez, ainda sem buço, nem a idade legal para ser eleitor, receber na sua modesta salinha da redacção os vultos mais salientes da política provinciana; chamavam-lhe por *tu*, davam-lhe fortes abraços, instando para que fosse jantar com elles, ou tomar cerveja, o conselheiro Gaspar Martins, o senador Florencio, o deputado Antonio Eleutherio de Camargo. Escusado é dizer que, passadas as eleições, nem lhe tiravam mais o chapéu; mas, que querem? a memoria dos chefes políticos não é de se lhe tirar o chapéu.

Foram representados, com entusiásticos applausos, em Porto Alegre, Rio de Janeiro e S. Paulo os seus bellos dramas e finíssimas comedias, que em 1877 reuniu em dois grossos volumes, sob o título de *Theatro de Arthur Rocha*, contendo as seguintes peças: — *O Filho Bastardo*, — *Anjo do Sacrificio*, — *José*, — *Os Filhos da Viuva*, — *Deus e a Natureza*, — *A Filha da Escrava*. Foram tambem representadas, mas ainda não impressas, as suas comedias: — *O distrahido*, — *Não jaças aos outros...*, — *Por causa de uma camelia*, e o drama — *Luctar é Vencer*.

Carlos Ferreira escreveu o seguinte, no *Diario de Campinas* de 4 de Abril de 1877: — «O nome do sr.

Arthur Rocha merece a mesma sympathia que me despertam os de Ignacio de Vasconcellos, Mucio Teixeira, Apollinario Porto Alegre e seu irmão, os de Berlink e Aurelio de Bittencourt, e o da illustre poetisa D. Amalia Figueirôa. Os dramas *O Filho Bastardo* e *Anjo do Sacrificio*, do moço rio-grandense, são dois promettedores ensaios; e quando lhes faltassem outros predicados tinham o da singelesa, tão recommendado por Vigny, como uma das principiaes condições para o realce de trabalhos deste gênero, como o provam os admiraveis dramas de Dumas Filho.

O sr. Arthur Rocha pensa somente no ideal da arte, sem que lhe dê a mínima preocupação o lucro material dos seus dramas postos nas mãos profanas dos empresarios dos nossos theatros. Ao contrario, filiasse-se á terrivel escola de d'Ennery, adoptaria os deshonestos propósitos dos theatros do Rio de Janeiro e procuraria lisonjear o gosto depravado das turbas, escrevendo dilates bombásticos sem o menor vislumbre de senso commum e de philosophia, sem a menor intervenção dos preceitos da arte e dos influxos do coração».

Diz Arthur Azevedo, numa das suas *Palestras*: — «De todos os Estados do Brasil aquelle em que o theatro mais tem florescido é o Rio Grande do Sul. Além dos dramaturgos do passado, tem actualmente um número consideravel de escriptores dramáticos, entre os quaes se distinguem Apollinario Porto Alegre, Bernardino dos Santos, Ignacio de Vasconcellos, (*) Carlos Ferreira, Mucio Teixeira, Lobo Barreto, Alves Torres e Arthur Rocha. Os primeiros são mais poetas que autores dramáticos, embora nos seus dramas revelem os indispensaveis conhecimentos técnicos; mas os dois últimos, principalmente Arthur Rocha, occupam lugar saliente entre os que mais honram a literatura theatral de qualquer nação».

E' notavel o longo artigo de Arthur Rocha sobre o meu livro *Sombras e Clarões*, onde a parte bio-bibliográfica

(*) Ignacio de Vasconcellos apenas começou um drama em verso — *A Independencia*, de que só restam os fragmentos do primeiro acto. Tinha mais cabimento a citação dos nomes de Eudoro Berlink e Hilario Ribeiro, autores de magnificos dramas, como — *Mulher e Mãe*, do primeiro, e do segundo — *Aurelia*, — *Lucinda*, e *Risos e Lágrimas*.

phica é da maior importancia. Nesse brilhante *documento humano* estão condensados os principaes elementos de ordem objectiva e subjectiva para a orientação dos meus futuros biógraphos, como se pode verificar nas minhas *Memorias Dignas de Memoria*, tomo III. Arthur Rocha, revelou-se profundo psicólogo nesta brilhante bio-bibliographia, que recolhi agradecido, não pelo que diz do poeta, mas pelo estudo que fez do homem. Penso como Lamartine, que a crítica não mata o que tem de viver, nem dá vida ao que está condemnado á morte. Este trabalho é para mim de valor excepcional, embora se limite aos meus livros da infancia e da juventude, podendo, mesmo assim, ser uma abundante fonte de consulta.

Como ficou dito, a poesia não era a flor cultivada com maior esmero e assiduidade nos jardins da sua rica imaginação, como tambem o jornalismo não conseguiu prendel-o nas suas emaranhadas rês de pescar talentos ávidos de posições salientes e remuneradoras. O theatro absorvia-lhe as mais pronunciadas energias do talento. Ainda assim, como era um eterno enamorado, de vez em quando recorria ás Musas, para mais facil realisação de sonhos que passavam do puro idealismo ao que ha de mais deliciosamente real, como se vê destas estrophes, com a abundancia de rimas que a moda do templo exigia nos idyllios e madrigaes:

NÃO PARTAS

Causa-te o meu amor tamanho assombro?
Então, não tremas... vê? inda é tão cedo...
Reclina a cabecinha no meu hombro,
Vou falar-te de amor... não tenhas medo.

(MUCIO TEIXEIRA)

Não partas: espera... não vês que me matas?
Não vas... e maltratas assim teu cantor?
Reclina em meu peito tua fronte um instante,
Visão deslumbrante dos sonhos de amor!

Si os rogos são tantos, criança mimosa,
Morena formosa, tem pena de mim!
N'lo queiras ver triste quem tanto te adora,
E apenas te implora que fiques... Assim!

A fronte formosa reclina em meu seio,
As sófrego anseio do meu coração:
Si tens na tu'alma de amor os arpejos,
Terás nos meus beijos a eterna canção!

OSCAR PEDERNEIRAS

OSCAR FRANÇA LEITE PEDERNEIRAS nasceu em Porto Alegre a 12 de Junho de 1859 e falleceu no Rio de Janeiro a 26 de Agosto de 1890. Fez o curso de preparatorios no Collegio Pedro II e bacharelou-se em direito na Academia de S. Paulo. Fixando a sua residencia no Rio de Janeiro, onde residiam seus pais, dedicou-se á imprensa, collaborando no *Diario de Noticias*, na *Folha Nova* e no *Jornal do Commercio*.

Poeta humoristico, publicou em 1880 um interessante livrinho intitulado *Historiophobia*, onde mistura os vultos históricos da antiguidade com brasileiros contemporaneos, travando diálogos entre Cicero e Lopes Trovão, Homero e Mucio Teixeira, Cesar e D. Pedro II. Esses versos são graciosos, a rima é facil e as quadrinhas, da maior espontaneidade, beliscam, sem ferir susceptibilidades.

Collecionou tambem, mas até hoje não foi dado ao prelo, o volume de suas numerosas poesias eróticas e satyricas, que intitulou *Sons e Tons*, onde ha uma parodia da *Estrella d'alva*, das *Violetas* de Mucio Teixeira, intitulada *O guarda nocturno*, que é digna de nota. Publicou ainda uma sâtyra allusiva aos embaixadores chinezes Fu e Ku, que teve grande número de edições consecutivamente esgotadas.

Publicou em 1883 o livro — *A Côte em ceroulas*, que é uma serie de episodios de actualidade, narrados numa prosa despretençiosa e amena; e em 1890 o volume *Cargas sem consignaçoão*, composto de perfis biographicos dos artistas dramaticos mais em voga naquelle tempo.

Traduziu o romance *A Martyr* de D. Ennery; fez representar algumas revistas annuaes, como 1888, *O Bendegó*, *O boulevard da Imprensa* e o *Zé Caipora*; as comedias *Cocard e Bilboquet*, *Da noite para o dia*, *O chapéu-alto* e *O jructo prohibido* (traducções); e o drama espanhol *Entre o pilar e a cruz*, que traduziu de Echegaray, de collaboraçáo com Mucio Teixeira.

Deixo aqui o meu perfil literario e pessoal, traçado por Oscar Pederneiras num dos seus brilhantes folhetins,

já para demonstrar o meu reconhecimento, já para que se tenha a idéa exacta da sua maneira facile e graciosa de dizer as coisas e pintar os typos. Eil-o:

«Mucio apparecia em toda parte: nos theatros, nos cafés, nos passeios, emfim, onde cheirava a divertimento, procurassem-no, que o encontrariam de cigarro á bôca, bigode torcido, chapéu desabado, pilheriando á grande... Isto na rua, nos cafés, ou no jardim dos theatros.

Em casa o caso mudava de figura: engolfava-se na leitura e produzia versos, muitos versos, engolfado tambem num chambre furta-cor, de ramagens, fumando sempre. Lia muito, o meu amigo. E escrevia ainda mais. Veio um dia, porém, em que os companheiros o estranharam: andava taciturno e melancólico, perdera a jovialidade primitiva, e pensava em voltar á patria...

Soffrera o poeta um golpe, desses que ferem tão fundo, que é impossivel mitigar a dor que causam: — perdera sua Mãi, o ente querido de sua existencia! Resolveu partir, e partiu. A demora foi curta, felizmente; elle está agora de novo na côrte, segundo dizem os jornaes cariocas; e trouxe desta vez comsigo mais dois livros, o das *Sombras e Clarões* e o poema *Fausto e Margarida*.

Que fecundidade, em um espírito tão juvenil ainda! Tal precocidade espanta, tamanha fecundidade causa admiração; e para mim, se espanta, não deixa de despertar um presentimento triste... Não sou o único a pensar assim; alguém já lhe citou os exemplos que temos tido em Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Castro Alves, todos mortos na flor dos annos...

Mas nada de goivos, onde só deve pairar a jovialidade. Além disso, Mucio não é nenhum tolo, que se lembre de morrer, — quando a sua única preocupação é vir a ser um immortal! — S. Paulo, 1878. — *Oscar Pederneiras*».

ALEXANDRE FERNANDES

ALEXANDRE FERNANDES nasceu na cidade do Rio Grande a 24 de Julho de 1863 e falleceu na Bahia a 30 de Março de 1907. Aos 18 annos de idade trocou a

terra gaúcha pelo murmuroso ninho de Moema, onde logo de chegada fez as suas primeiras armas na imprensa, recommendado pelo seu brilhante talento de poeta, podendo dizer á cidade da montanha o mesmo que lhe havia dito outro poeta (Laurindo Rebello): — « Tu não és minha mãe, e eu sou teu filho ».

De passagem pelo Rio de Janeiro, ahí permaneceu alguns mezes, collaborando na *Cidade do Rio*, e fez então representar o seu primeiro drama nos theatros desta capital e da visinha cidade de Nictheroy. Alexandre Fernandes distinguiu-se como dramaturgo, comediógrapho e jornalista, mas o que elle foi, na mais ampla accepção do termo, indubitavelmente — foi poeta.

O dramaturgo não pode figurar ao lado de um Joaquim Manuel de Macedo ou Pires de Almeida; o comediógrapho tambem não apparecia na esphera de um Martins Penna ou Silva Castro; o jornalista estava longe de um Evaristo da Veiga ou José do Patrocínio; mas o poeta, este sim, appareceu, com brilho, numa esphera onde irradiavam um Castro Rebello e um Francisco Mangabeira.

Vi-o pela primeira vez na terra de Castro Alves, quando lá me conservei desde 1896 até 1899. Visitou-me logo que cheguei ali, as nossas relações estreitaram-se, mantidas por laços de mutua sympathia, que facilmente se transformou em verdadeira amizade. O Mangabeira e elle eram ali os meus companheiros de todos os dias, formado assim o triumvirato da poesia, de que era eu o mais velho representante.

Pude, então, ouvir os mais suaves pipillos daquelles grandes corações, que eram uns quentes ninhos de poesia, onde a ave do amor se abrigava das tempestades da vida, na flor da mocidade. Ambos já estão mortos, posso desembaraçadamente falar de qualquer delles, de Mangabeira, como quem ainda conserva na retina toda a fulguração de um sol que se apagou nas caligens do alvorecer; de Alexandre, como que ainda vendo os bruxoleios de um luar que derramava tibia claridade nas primeiras sombras crepusculares.

Alexandre Fernandes, batido desde os verdes annos pelo tufão da pobreza, emigrou, como as andorinhas em procura de primavera, indo levantar a sua tenda de tra-

balho longe do berço natal. A Bahia recebeu-o de braços abertos, com essa hospitalidade que a caracteriza, sentindo-se ali como si estivesse em seus pagos este peregrino dos Pampas.

Além da pobreza, veio a enfermidade embaraçar-lhe os passos no caminho já tão cheio de espinhos; mas elle, sempre resignado e corajoso, vingava-se do seu triste destino em cantar, sem nunca desanimar, conquistando o terreno em que se mantinha firme, sem lamentos nem desalentos, a verdadeiros golpes de talento e audacia.

Era um nobre coração, de alma aberta a todas as nobres aspirações, devotando-se ao culto da amizade até heróicos sacrificios. Si o seu grande talento tivesse o necessario cultivo, seria incontestavelmente um dos nossos primeiros poetas lyricos. Os seus versos primam pela espontaneidade, o sentimento e as idéas, muitas das quaes são admiraveis syntheses, como esta, com que nos dá a descripção da vida de uma dessas diáfanas *horizontaes*, que passam pelas loucuras da mocidade como plumas ao vento dos caprichos:

A pállida Suzana,
O loiro diabrete,
A flor da saturnal,
Nasceu numa cabana,
Viveu num palacete,
Morreu num hospital!

Pedi-me que prefaciasse um dos seus livros de poesias, o volume dos *Lirios*, que tambem é precedido de uma carta de Thomaz Ribeiro. Entre outras coisas, eu disse isto: — «Alexandre Fernandes é um dos poucos representantes que nos restam da grande dynastia dos lyricos brasonados. A sua poesia é sincera, musical e communicativa; ha de perdurar, porque é nascida da alma, e tudo que vem da alma tem o dom singular da sua origem immortal».

O Visconde de Castilho, ouvindo Gonçaves Crespo recitar versos da propria lavra numa festa acadêmica, disse: — «E' o rapaz mais feio de Coimbra, mas é o talento mais bello da Universidade». — Pode-se parodiar-o, vendo Alexandre Fernandes no grupo dos nossos

poetas. Isto, porém, não quer dizer que o poeta não seja querido das mulheres; sendo, talvez, um dos mais bem aquinhoados na colheita dos fructos prohibidos, contando mesmo uma ruidosa conquista no rol das aventuras galantes.

Seus futuros biógraphos, si forem procural-o nas sombras do jardim das Hespérides, ficarão duvidosos, na indecisão de ter elle vivido realmente neste prosaico fim do século das luzes, ou si é a nova encarnação de um desses menestreis da época em que as castellãs esqueciam os condes, nos braços dos seus pagens. (*)

Diz a credence popular que não pode ser feliz no jogo quem é feliz nos amores. Este poeta, tão atirado ás mulheres, passava noites em claro nas mesas de jogatina. Ganhando uma vez, na roleta do *Damas ao Centro*, uns trinta e tantos contos, associou-se ao deputado Zama, na *Flor da Tarde*, perdendo tudo em menos de tres mezes.

Vi-o passar muitas vezes, pela praça Castro Alves, na direcção daquelle doirado covil, seguido sempre de um numeroso séquito de exploradores, que o cercavam de mil atenções, no miseravel intuito de depennal-o. A Condessa pedia-me, com lágrimas nos olhos, que o arrancasse dessa convivencia, mas o meu amigo só me fazia verdadeiras *promessas de jogador*, que são como as juras das parturientes na hora da *délivrance*...

E a todas essas, a tuberculose seguia a sua marcha lenta e pesada, minando-lhe surdamente os pulmões. Amiudavam-se as hemoptyses, prolongavam-se as dyspnéas, a febre augmentava a certas horas. Mas elle resistia com uma coragem admiravel: disputava a continuação daquella vida, que parecia terminada, resistindo com a energia de quem se bate por uma idéa ou por um direito sagrado.

Vi-o muitas vezes devorado pela febre, ou cahindo exausto depois de uma hemorragia abundante, caracterizada pela expectoração de um sangue vermelho e escumoso; e quando todos se mostravam mais apavorados,

(*) Estão hoje mortos todos os personagens deste drama erótico, por isso posso dizer que a Condessa de Sebastião do Pinho divorciou-se para viver livremente com o poeta Alexandre Fernandes.

elle, sorrindo, cheio de convicção, dizia: — « Ainda não é desta vez ». — E repousava, offegante, respirando aos solavancos, suando frio.

Em Agosto de 1898, deu-se um facto que se me gravou na memoria e no reconhecimento. Conto-o, porque caracteriza este poeta. A Bahia assistiu, então, a uma scena que ainda não foi reproduzida em nenhum outro ponto do Brasil: a representação do drama de um poeta, com todos os papeis masculinos interpretados por poetas e prosadores, e os femininos confiados a senhoras e senhoritas de fina cultura espirital.

O drama era meu, *O Montalvo*, cujos personagens foram distribuidos assim: — Montalvo (Mucio Teixeira); Conde de Palmares (dr. Tito Baptista); desembargador Neves (dr. Silva Castro); Alcindo Flores (Alexandre Fernandes); Arthur (J. Carlos Gomes); Venancio (dr. Castro Rebello). A Viscondessa e Alice foram magistralmente representadas por duas lindas sobrinhas do dr. Odorico Odilon, amigo e companheiro de Junqueira Freire, que era o director do Gymnasio Bahiano.

Alexandre Fernandes deixou de tomar parte nos tres últimos ensaios, por ter cahido na cama; fui visital-o, e disse-lhe que ia dar o seu papel ao dr. Sylio Boccanera, seu collaborador em diversas operetas e revistas. Não consentiu, dizendo que no dia do espectáculo estaria firme no seu posto. E assim aconteceu, entrando em scena com uma febre de 39 graus. Assistiu ao ensaio geral, e á noite entrou em scena, arrancando entusiásticos applausos pelo vivo realce que deu ao seu papel.

Alexandre Fernandes era poeta, dramaturgo, comediographo e jornalista. Além dos jornaes já citados, tomou parte na campanha abolicionista pelas columnas do *Diario de Noticias* de Eduardo del Vecchi. Os livros que publicou são: — *Rosas, Coralinas, Lirios, Magnolias, Ondulações, Pergaminhos e Violetas* (volumes de poesias); *Adelia Carré* e *O grito da Consciencia* (dramas); *A fror da arte sociedade* (comedia); e as revistas theatraes — *O Diabo na Beocia, O Meio do Mundo, O Rei Dinheiro* e *O Reino do Bicho*.

Sinto não encontrar agora no meu archivo a última poesia de Alexandre Fernandes, escripta já no leito de morte, que termina por estes versos:

Assim vou morrendo aos poucos,
Sem acabar de morrer!

De um dos seus manuscriptos é o soneto intitulado
Destino humano, que diz:

Sentir que a vida passa a cada instante
E a cada instante a morte se aproxima;
Seguir estrada á fóra, a baixo e á cima,
Ora, seguro; ás vezes— vacillante;

E sustentar a lucta lacerante
Que tanto esmaga, tanto desanima
Ao triste que a soffrer em vão se arrima
A' sombra da Esperança inebriante;

Prevêr o fim cruel que nos espera,
Que do berço nos leva á sepultura,
Por entre um desengano e uma chímpera;

Chorar, sorrir na dor ou na ventura,
Quando a alma chora ou quando desespera,
Eis o destino imposto á criatura!

CALDAS JUNIOR

FRANCISCO ANTONIO VIEIRA CALDAS JUNIOR nasceu em Sergipe a 13 de Dezembro de 1868 e falleceu em Porto Alegre em 1912. Com 3 annos de idade seguiu com seus pais para o Rio Grande do Sul, nunca mais voltando á terra do nascimento; sendo rio-grandense pelo coração e costumes adquiridos em tão originalissimo meio physico e social, o que transparece em muitas de suas poesias, de costumes gaúchos.

Caldas Junior, Lobo da Costa e Bernardo Taveira foram os únicos poetas que seguiram pelo caminho aberto por Apollinario Porto Alegre e Mucio Teixeira; onde, muitos annos depois, appareceu Alcides Maya, que faz actualmente em prosa o que aquelles fizeram em verso, cooperando todos para a fundação da escola de literatura

regional, que inspirou a outro illustre sergipano (Bittencourt Sampaio) uma das suas melhores poesias — *O Canto do Gaúcho*.

Caldas Junior fez as suas primeiras armas, como jornalista, em 1886, nas columnas da *Reforma*, de onde passou para o *Jornal do Commercio*, de propriedade e direcção de seu sogro, Achylles Porto Alegre, que deu ao genro a chefia da redacção, onde revelou a sua competencia, tanto em assumptos literarios como políticos, firmando assim a reputação que soube manter desde os mais verdes annos.

Em todos esses jornaes mantinha Caldas Junior uma ligeira secção humoristica, em verso, como Octaviano Hudson com a sua *Musa do Povo*, no *Jornal do Commercio* do Rio, Mucio Teixeira com as *Rimas de Montalvo e Tudo por alto*, de *Rialto*, em jornaes de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, S. Paulo e Bahia; Oscar Pederneiras, com as *Bolhas de Sabão* e Bastos Tigre com os *Riscos e Rabiscos*. Caldas Junior manteve os seus *Sueltos*, de 1889 a 1892 na *Reforma*, de 1892 a 1895 no *Jornal do Commercio*, e de 1895 até 1912 no *Correio do Povo* sempre com o pseudônimo *Tenorio*.

Este jornal, fundado e dirigido por Caldas Junior, tornou-se em pouco tempo a folha de maior circulação do Rio Grande do Sul. A vocação jornalistica deste gaúcho honorario era incontestavelmente a mais auspiciosa do seu tempo; si a morte não viesse tão cedo arrancar-lhe a penna da mão, seria elle o digno continuador das tradições de Carlos von Koseritz, Ignacio de Vasconcellos, Eudoro Berlink e Francisco Cunha.

Onde, porém, o seu talento mais brilhava era na esphera da poesia humoristica, chegando mesmo a revelar as mais pronunciadas aptidões para a sátyra, mordaz como a de Gregorio de Mattos, Bocage e Tolentino. Em 1895, estando eu em Porto Alegre, comeci a escrever uma obra intitulada *Poetas do Brasil*, que completei em 3 tomos, mas de que apenas foi publicado o primeiro. Pedindo a Caldas Junior as notas indispensaveis para a sua bibliographia, no dia seguinte respondeu-me, pelo *Jornal do Commercio* (12 de Janeiro) com estas quadrinhas:

CARTA SEMI-ABERTA

Tu queres, Mucio, umas notas
Sobre a vida do poeta
Que fez quadras de pateta
Em quadras pouco remotas:

Mas que nota iria eu dar-te?
A um notario pede-as antes,
Que as notara mais flagrantes,
Denotando ter mais arte.

Um dia... quando eu as tenha,
Dar-te-ei notas do thesoiro,
Que, por terem lastro em oiro,
Mostram feição mais gamenha.

Mesmo então susta as profalsas
Pelo mimo, até lhes teres
Examinado os dizeres:
Que podem ser notas falsas...

Caldas Junior era uma das figuras mais representativas da intellectualidade, em Porto Alegre, no último decennio da sua curta e brilhante existencia; e o seu nome já figurava na lista dos que deviam representar a política gaúcha no Congresso Federal, quando morreu, depois de ligeira enfermidade, que de alguns annos atraz já vinha se fazendo annunciar por uns vagos symptomas de insuficiencia mitral d'envolta com embaraços nos vasos renaes.

Tinha promptos para dar ao prelo cinco volumes de versos humoristicos e satyricos, sob o titulo de *Rabiscos*; um livro de poesias gaúchas, talhado pelos moldes das minhas *Flores do Pampa*, que denominou *Musa Gaúcha*; e dois volumes de poesias lyricas e impressionistas, — *Cisalhas* e *Primogénias*. Pedindo-me que lhe prefaciasse o último dos livros citados, que devia ser precisamente o primeiro a entrar no prelo, escrevi isto, entre o mais que lhe disse:

«Este livro é uma revelação, mas não é a manifestação completa da personalidade do autor. Caldas Junior, que nestas páginas só nos apparece pelo aspecto lyrico, é actualmente diverso do que era, ao escrever as *Pri-*

mogénitas. A lei evolutiva explica perfeitamente esta dualidade: dos 15 aos 20 annos, o poeta foi um lyrico nimiamente suggestivo; de então por diante foi se transformando no humorista, até chegar ao satyrico. E' actualmente um mixto de Henrique Heine e Gregorio de Mattos, ora disfarçando as lágrimas num riso desdenhoso, como o sarcástico soffredor allemão, ora cravando o *bistouri* da critica mordaz nos membros gangrenados do corpo social, como o fazia o fundador da poesia brasileira.

Mas tanto na primeira manifestação da sua sensibilidade poética como na *vis comica* da segunda phase, de intuito mais constructor do que mesmo demolidor, observa-se no seu poetar espontaneo e musical a mais disciplinada obediencia ás leis da esthética. A primeira preocupação do poeta deve ser a sinceridade, depois a fórma. Estamos numa época de tão acrysolado apuro plástico, que alguns artistas do verso chegam a sacrificar a commoção do sentimento ao esmero do estylo.

Não se deve, porém, levar tão longe a ostentação do culto externo, com prejuizo da propria religião celebrada. Diz o clássico que si o engenho pode dar muito; ainda mais que o engenho nos dá o estudo; e tambem confessa que «o artificio é necessario, desde que não seja affectado, pois o muito mimo e o muito beneficio empece a tenra planta». Os jardins regados todas as manhãs, produzem viçosas flores; mas as flores regadas a todo o instante, inclinam-se logo na haste e murcham cedo. — Eis uma página inédita de Caldas Junior, da sua

MUSA GAUCHA

Como carancho em tronqueira
Andava o doutor Salgado
Triste, murcho, abichornado,
Doído da sovaqueira.

Tinha *rabicho* damnado
Pela Corinna o doutor,
Chamava-lhe o seu amor,
Seu thesoiro idolatrado.

E a Corinna, com vaidade,
Tambem deu qnerencia ao moço,
Num namoro feio e grosso
De muita celebridade.

Mas agora a rapariga,
Quando o doutor se achegava,
E madrigaes descantava,
Só lhe dizia: — «Uma figa!» —

Si acaso o tal bacharel
A' cancha lhe ia direito,
Ella safava-se a geito,
Que nem se ouvia o tropel.

Macio como uma luva,
Como guasca retovada,
Ouvia o pobre a estouvada:
— Tire o cavallo da chuva! —

O desgraçado bichano,
De embornal, curto o cabresto
Era um guasca, que de resto
Se tratava todo o anno.

Vivia a pellegueal-o
Como um bagual repassado,
Que houvesse testavilhado
Entre as paredes de um vallo

E quando se lhe inqueria
Porque o bicho assim tratava,
A Corinna gargalhava
E sem rodeios dizia:

— Pois mesmo vou *dar a mão*
A qualquer pernambucano,
Ou algum triste bahiano
Como um terneiro mamão?

E esse, então, que é mesmo um tranca
Que o mez passado, a berrar,
Não conseguiu aguentar
Dois corcovos de potranca?!

E que potranca? — flaquita!
Leve o diabo o tal bahiano,
Si esgaça o pernambucano,
Si montar nalguma eguita,

Que, meio desabusada,
É ja de garrão mais duro,
Seja capaz de ao monturo
Pinchar toda a bahianada.

Deus me livre! Quem quizer
Que jogue com carta branca:
Doutor que cai de potranca,
Em mim não acha mulher.

ALARICO RIBEIRO

ALARICO HERCULANO DE SAMPAIO RIBEIRO nasceu em Porto Alegre a 7 de Outubro de 1869 e falleceu na mesma cidade em 1898. Era meu primo-irmão; e eu, seguindo o exemplo de um tio nosso, que na guerra do Paraguay nunca elogiou os parentes que tinha no seu estado-maior, tambem fui parco de elogios com elle, na minha obra *Poetas do Brasil*, do que elle não se queixou, lembrando-me apenas isto:

O nosso tio Frederico Solon de Sampaio Ribeiro e nossos primos Godolphim e Sebastião Bandeira, que morreram generaes, mas naquelle tempo ainda eram simples tenentes, um bello dia revoltaram-se contra seu commandante, marechal José Luis Menna Barreto, que nunca os elogiava em ordem dia, por mais que se distinguissem nos combates, só para que não dissessem coisa que se parecesse com o que dizia o noivo que vivia a elogiar a noiva. Foram servir sob as ordens de estranhos, e estes lhes fizeram a merecida justiça.

O mesmo fiz eu com Alarico Ribeiro. Em vez de salientar as bellas dos seus versos, preferi apontar os senões, no intuito de prestar-lhe melhor serviço do que se lhe insufflasse o amor-proprio com exagerados louvores. Fiz isto porque vi que o que havia produzido era bom, mas o seu talento promettia ainda muito mais sasonados fructos. E disse-lhe, então:

«Outro que lhe teça a corôa de louros, com que os poetas de raça devem ser coroados. Apenas direi que os seus versos são duros como os tamancos dos aldeões portuguezes e pesados como os galeões de Vasco da Gama ou de Cabral. Mas esses galeões ás vezes iam carregados de prata e oiro e pedraria preciosa, tudo tirado das nossas opulentas minas.

Sopre uma brisa de feição, isto é, desperte nelles um forte sopro de verdadeira inspiração, e as grandes velas abertas nos altos mastros do seu bergantim doirado, de poesia e sonho, fluctuarão á flor dos verdes mares da arte, balouçando a flâmmula da commoção». Agora, porém, que elle já não vive, posso dizer, que era um

poeta rico de originalidade e sentimento, não desperdiçando rimas com banalidades metrificadas, mas engastando o diamante da idéa no aro de uma fôrma concisa e racionada.

Alarico Ribeiro, ao terminar o curso de humanidades na capital, foi nomeado promotor público na comarca da Cachoeira, onde se conservou até rebentar a guerra federalista. Alistou-se, então, nas fileiras da legalidade, e seguiu para a campanha como capitão de um regimento de cavallaria, distinguindo-se tanto nos combates, que, assim que terminou a revolução, Julio de Castilhos o nomeou secretario da repartição de policia de Porto Alegre, em cujo cargo se conservou até á morte.

Modesto e tímido, só aos intimos mostrava as suas primeiras composições poéticas. Era, assím, completamente desconhecido nas rodas literarias, embora já tivesse produzido mais e melhor do que muitos dos mais em voga. Os rasgos da sua personalidade futura apenas se esboçavam, até que um bello dia se atreveu a enfrentar sobrebranceiro a crítica, dando seus versos á publicidade. Era ainda uma figura imprecisa, só mais tarde apresentando um aspecto verdadeiramente distincto, revelando-se da noite para o dia um competente em assumptos de poesia e arte. Procurava, então, resolver o problema do êxito, quando a morte o arrebatou á realisação do seu sonho.

Sabia que o genio poético deve seguir as correntes evolutivas das idéas sociaes, obedecendo ao impulso geral do espirito humano; e penetrar no âmago do sentimento collectivo, para poder analysal-o nas suas mais intimas tendencias e aspirações, reflectindo a luta moral em que se agitam ainda hoje os espiritos, procurando acompanhal-os de perto nessa marcha pelos despenhadeiros das paixões, ou pela estrada-real do seu nobre objectivo altruista.

Esta é para mim a orientação dos talentos que chegam á maturidade, e entre os quaes o poeta, mais que outro qualquer, não pode permanecer estacionario, a entoar hymnos de amor ou elegias sentimentaes, pois o mundo nada tem que ver com as pancadas do nosso coração nem com as lágrimas da nossa sensibilidade.

Os poetas que no alvorecer da existencia só vêem sombras, onde deviam ver fulgores, assim que vão che-

gando ao occaso levam a mão aos olhos, batidos por um clarão que os deslumbra. Temos a prova disto em Campoamor, o poeta humano de sonhos divinos, que se tornou contemporaneo de todas as actualidades, vivendo hoje como vivera hontem e como viverá sempre, pois a humanidade é sempre a mesma, e elle é o seu divino intérprete.

Campoamor na juventude foi um sonhador, como se vê nos volumes das *Ternezas y Flores* e dos *Ayes del Alma*; dos trinta annos em diante começou a se mostrar o philósopho, que gemeu nas *Doloras*, sorriu nos *Cantares* e chorou e sorriu simultaneamente nas *Humoradas*, essas grandes syntheses dos mais profundos sentimentos humanos, até que finalmente na velhice, quando se tornaram brancos os cabellos negros que enlouqueceram tantas mulheres loiras e morenas... passou das originalidades assombrosas de *Los pequeños poemas* á historicidade severa do prodigioso *Drama Universal*, levando sempre na alma o espelho mágico da sua eterna mocidade olympica.

Começou como todos começamos, com a mais ardente fé no coração e os mais vivos enthusiasmos diante de tudo e todos; e acabou, como so acabam os verdadeiros genios da poesia, com a tristesa no fundo d'alma e uns sorrisos irônicos de sombranceira piedade pelas miserias humanas, miserias que começaram por espantalo, até que finalmente lhe inspiraram aquelle mystico scepticismo que transparece nas allegorias e symbolos dos seus inimitaveis poemas.

Os verdadeiros poetas têm a Lyra encordoada para todos os sentimentos humanos, podendô assim tanto vibrar a corda dos amores, que repete plangente essas alegrias tristes dos sonhos irrealisaveis, como a das múltiplas e infinitas harmonias da vibração universal. E ai do poeta que não faça ouvir no seu psalteiro estas notas em alto diapason!

Alarico Ribeiro era assim. A sua crença infantil, acalentada no berço pelas cantigas maternas que o adormeciam sorrindo, era uma luz tibia, que se apagou ao primeiro sopro dos ventos que lhe agitaram os cabellos ao sahir do lar abençoado, para entrar sem destino pelos descampados da savana varrida pelo pampeiro...

Bateu as azas da fantasia por uma esphera de desilusão e desalento. *Nulla est redemptio*. Voltou, então, os olhos para o ceu, com essa tristeza de quem sente o pensamento envenenado pela dúvida, e evaporaram-se-lhe nòs labios os aromas das orações que lhe ensinara o seu *Anjo da Guarda*.

Era um rapaz alto, forte, mas de aspecto sombrio e melancólico, devido ao presentimento que tinha de que havia de morrer moço, como seus dois irmãos mais novos, o Armando e o Aristides, alumnos da Escola Militar, que foram batalhar nas hostes revolucionárias e morreram em combate, um com 17 e o outro com 19 annos de idade. Apesar da sua apparente robustez, Alarico Ribeiro não gosava de perfeita saúde; accusava insomnias e dyspnéas, até que repentinamente se manifestou uma tísica pulmonar de character galopante.

Perdera pouco antes sua virtuosa mãe, e o pai (*) pouco sobreviveu á perda desses tres filhos, todos mortos no alvorecer da existencia. Restam apenas duas irmãs deste poeta, e um irmão, chamado Mucio, que Deus o preserve do funesto dom da poesia, cujos eleitos, por serem os predilectos dos deuses, quasi sempre morrem cedo, como Alarico Ribeiro, a quem nem restava a promessa divina do reino dos ceus, depois de só ter encontrado espinhos neste valle da lágrimas.

Eis uma das primeiras poesias deste mallogrado sonhador;

A UMA PECCADORA

Esses, mulher, que vês ao teu mais leve aceno
De joelhos, para o chão abatendo a cerviz,
Como um rafeiro fiel que se sente feliz
Lambendo á sua dona as mãos, meigo e sereno;
Esses, que na embriaguez dos sentidos, servis
Te compram mal o gôso, entre ficticio e ameno,
Vasando no teu sangue o rábido veneno
Que te corrompe a carne... esses, são todos vis!...
Esses, ó infeliz mulher entre as mulheres!
Si num triste hospital por fim a sós morreres.
Repitirão teu nome entre os risos da orgia...
Mas que importa, mulher? — si te resta o coveiro,
Contente, ao te deixar no leito derradeiro,
Porque ganhou assim o pão para esse dia.

(*) Dr. Cincinnato Herculano de Sampaio Ribeiro, irmão de minha Mãe.—M. T.

Alarico Ribeiro publicou, em 1897, um livro de poesias intitulado *Oásis*, que não cheguei a ver, pois o honestíssimo Correio desta ineffavel república só faz chegar ao seu destino os livros que pagam o exagerado imposto do registro, o que naturalmente não aconteceu com o volume que devia acompanhar a carta de Alarico Ribeiro, em que me perguntava si ainda me pareciam duros e ásperos os seus artisticos versos.

Por occasião da *Festa das Arvores*, celebrada em Porto Alegre em Agosto de 1904, este erudito escriptor e consciencioso poeta teve a satisfação de ouvir, cantados pela bôca de mais de cem mulheres e crianças, os versos que escreveu expressamente para essa olympica solennidade, e que são estes:

HYMNO DAS ARVORES

Côro inicial

Des que surgiu na terra,
O homem, feliz se abriga,
Na paz como na guerra,
A' nossa sombra amiga.
Em nós, além dos pomos,
Tem elle o tronco forte,
Que o guarda até na morte!
As Arvores nós somos.

A Figueira

Figueira annosa, em meio o campo
Em que me vejo, e o pyrillampo
Accende á noite o fogo estranho,
A' tarde, os gados em rodeio,
Mugindo, buscam me; e no seio
Asylo dou-lhes desde antanho.

As Laranjeiras

Cobertas das nossas flores
Vão as noivas para o altar,
Ingenuas e alviçareiras,
Celebrar os seus amores,
Os esponsaes celebrar
Com flores de laranjeiras.

Os becgueiros

Quando Flora reverbera,
A encher de aromas o ar,
Prados e mattas tocando
De pompas, na primavera,
Heis de ver-nos, no pomar,
Galas tambem ostentando.

As Videiras

Aos deuses e heróis outróra,
 As primícias a libar
 Por taças eris já demos...
 Nos sagra o culto inda agora ;
 E mil prazeres sem par
 Pelos festins incendemos!...

O Cedro

Cedro ancestral, de longe venho ;
 Singrei o mar, templos sustenho,
 E pavilhões inda alço aos ares !
 Do monte Líbano descendo ;
 Emtanto, o reino que pretendo
 E' a terra augusta dos Palmares !

O Louro

Aureo loureiro, aos vencedores
 Cingi a fronte, entre victores,
 Assim na justa e no combate.
 Hoje, levanto-me altaneiro
 Em monumento sobranceiro,
 Quando o machado, além, me abate !

O Angico

Angico estrenuo, em minhas veias
 Seiva viril flue a mancheias ;
 A vida expando nas raizes ;
 E sobre mim, pelas florestas,
 A via-férrea estende, em festas,
 Os braços de um a outros paizes.

A Oliveira

A' arca santa da Alliança
 Mandeí o ramo da Esperança ;
 E á Paz, onde entro, dou ingresso.
 Ergo officinas ao Trabalho,
 E os povos chamo, ao som do malho,
 Para a Cruzada do Progresso !

A Figueira

Figueira altiva, em meio o campo
 Onde nasci, e o pyrilampo
 Peneira á noite a luz brilhante,
 Presente fui ás patrias glorias,
 E dellas todas as memorias
 Eu vou contando ao viandante.

Côro final

Os viridentes ramos
 Que agora te entregamos
 E se abrem para o espaço,
 O' mãi ! ó terra opima !
 O' terra ! ó mãi superna !
 Com a affeição mais terna,
 Colhe no teu regaço
 E ao teu calor anima !

MARCELLO GAMA

POSSIDONIO MACHADO, mais conhecido pelo pseudônimo de *Marcello Gama*, nasceu em Santa Maria, em 1878, e falleceu no Rio de Janeiro a 7 de Março de 1915, vítima de um horrível desastre que impressionou vivamente seus numerosos admiradores.

Regressava ao seu modesto lar, á rua Castro Alves, na estação suburbana do Meyer, no bonde do Engenho de Dentro que sahiu do largo S. Francisco ás 4 da madrugada, depois de uma das suas consecutivas noitadas de incorregivel noctívago, quando, na curva do viaducto que ha entre o Engenho Novo e o Meyer, foi cuspido da ponta do banco, onde ia dormindo, cahindo de uma altura de vinte metros sobre os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil!...

Foi uma scena pavorosa! O vehículo parou immediatamente, obedecendo o motorneiro aos imperiosos gritos dos poucos passageiros, que se ergueram como que movidos por um choque eléctrico, conservando-se de pé, voltados para o abysmo de onde o nosso mallogrado poeta foi retirado já em estado comatoso, com o craneo partido, vindo a morrer poucos momentos depois, antes mesmo de chegar ao pósito médico da Assistencia.

Marcello Gama foi vítima da sua intemperança: embriagava-se habitualmente, e foi nesse lamentavel estado que adormeceu no bonde... para despertar na morte!... Que pena! e assim perdeu o Rio Grande do Sul o mais brilhante poeta da actual geração.

O que mais amiudadas vezes conduz a mocidade á embriaguez é um amor mallogrado, ou um tédio profundo, consequente de decepções accumuladas. E li, não sei onde, que, para Terdieu, que escreveu excellente monographia acerca do assumpto (*l'ennui*), o tédio «é o soffrer da vida esgotada ou contrariada, a impotencia momentanea ou prolongada, lethargo queixoso, que vai do mal estar inconsciente ao desespero raciocinado».

Neste caso, porém, o amor não podia ser a causa de tamanho infortunio, pois este poeta amava e era amado, tendo por esposa uma linda senhora rio-grandense, que

compartilhava com surprehendente resignação das grandes necessidades materiaes que ennegreciam o seu lar apagado pela miseria. Foi por conseguinte o tédio, causado pela indifferença dos homens, que o deixavam no mais cruel abandono, sempre que elle lhes batia á porta para pedir trabalho, pois era orgulhoso bastante para lhes pedir dinheiro, mesmo quando mastigava o pão que o Diabo amassou.

Posso dar disto o meu testemunho pessoal, pois, nas poucas vezes que fui ao encontro das suas mais urgentes necessidades, era preciso inventar o meio subtil de não lhe ferir as susceptibilidades, instando para que accitasse *por empréstimo* as insignificantes quantias que mal atenuavam as suas grandes e permanentes necessidades, que elle heróicamente escondia aos olhos de todos.

Este poeta gaúcho era indiscutivelmente o mais fecundo e inspirado da sua geração. Chegou ao Rio de Janeiro precedido de uma brilhante nomeada de *fino parnasiano* e correcto prosador. Fez as suas primeiras armas literarias em Porto Alegre, na redacção do *Jornal da Manhã*, e na bella capital gaúcha publicou os seus dois livros de poesias.

Transferindo para aqui a sua residencia, logo de chegada procurou collocar-se ao abrigo das primeiras necessidades, para poder sustentar a esposa e duas innocentes filhinhas. Foi uma lucta constante, de todos os dias, batendo em vão á porta dos chefes políticos da nossa terra, offerecendo a sua capacidade de trabalho mental aos directores das empresas jornalísticas, de todos recebendo promessas e mais nada.

E os dias passavam: a mulher e as filhinhas sem roupas, sem sapatos, e ás vezes até sem pão!... Era insupportavel o prolongamento de tão penosa e afflictíssima situação. Aconselhando-lhe eu, um dia, que não se entregasse ao abuso das bebidas alcoólicas, pois isso lhe estragava a saúde e era um embaraço a qualquer collocação, respondeu que era o desespero que o arrastava áquelle desregramento; e que procurava assim atordoar-se, para não enlouquecer ao peso de tão dura cruz.

Mas, mesmo assim, mantinha uma certa compostura.

Não andava a cambalear pelas ruas, pois, por mais que bebesse, não perdia a linha, conservando sempre as maneiras distintas que o caracterisavam, sorrindo com ironia da pequenez dos grandes do dia, falando com eloquencia sobre coisas de poesia e arte.

Para fazer face ás mais imperiosas exigencias materiaes, realisou algumas conferencias, todas muito bem feitas, de um lavor artistico com reveladores traços de verdadeira erudição. Lembro-me das que intitulo — *Poetas apaixonados de outróra*, — *A Conjlagração Européa* e — *A intelligencia dos burros*.

Na conferencia sobre os *Poetas apaixonados de outróra*, que foi illustrada por Kalixto, tratava de Maciel Monteiro, Castro Alves e Mucio Teixeira, de todos dizendo coisas galantes, documentadas com os versos delles, dos quaes o eximio caricaturista carioca ia improvisando os perfis, em graciosas caricaturas, dando assim ao auditorio a surpresa mais agradável e palpitante.

Dotado de muito talento, com certo cultivo literario, Marcello Gama era recebido com agrado nas rodas de seus pares, os quaes lhe apreciavam a inspiração de poeta e a loquacidade brilhante de *causeur* encantador, conquistando assim a mais viva sympathia dos que o viam e ouviam.

Deixou poucos versos mas em todos elles uma grande manifestação de poesia. Ha nelles, o que não é commum nestes dias de tão lamentavel decadencia ideal, muita coisa bizarra, talvez *nova*, si é que se pode desmentir a verdade de Salomão, no *Ecclesiastes*: — *nihil sub sole novum*.

E' pena que a fórmula plástica dessas ligeiras composições poéticas nem sempre corresponda á espontaneidade estructural da métrica, ao ineditismo comparativo, ao desembaraço phraseológico e ao profundo sentimento, que traduz com sincera expressão o seu lamentavel estado de alma em tão prolongada crise pathológica.

Elle não desconhecia as rigorosas exigencias dos tratados de metrificaçáo, como se vê na música do seu rimario, em que as syllabas predominantes conservam invariavelmente o mesmo diapassáo, notadamente nos ver-

sos alexandrinos, em que o segredo da sexta syllaba entrelaça o hemistichio, sem quebra de sonoridade.

Mas nem sempre mantêm as mesmas rimas nos quartetos do soneto, e mistura arbitrariamente agudas e breves, numa promiscuidade só admissivel nas quadras populares. As suas valentes estrophes vibram gloriosas como clarins guerreiros em campo de batalha. Emprega tambem palavras agudas no fim de versos soltos, o que só se pode fazer nos que são engalanados pelas rimas.

O nosso grande Fagundes Varella, com quem Marcello Gama tem tantos pontos de contacto, infelizmente commetteu faltas idênticas; e mais graves ainda são as que praticam na actualidade os versejadores de preocupação subalterna, mesmo os mais festejados *parnasianos*, que no inglorio e exclusivo intuito de rebuscar *rimas opulentas* (que disfarcem a pobreza de inspiração), não fazem mais que macaquear friamente a severa imperturbabilidade das estatuas, com o que, longe de serem verdadeiros poetas, não passam de operarios mechânicos.

As modernas correntes literarias, tanto na Europa como na América, nenhuma impellida por um forte sopro de inspiração genial, como que procuram negar a lei de progresso na poesia e na prosa. A Allemanha já não tem um Goethe nem um Heine; ainda está por apparecer quem possa levantar do túmulo de Campoamor, na Espanha, a sua grande lyra d'oiro; a França não teve mais um poeta da elevação de Victor Hugo; e está por apparecer, entre nós, uma cerebração tão fecunda como a de Alvares de Azevedo, uma alma com a tristesa humana e a resignação divina de Casimiro de Abreu, ou um cérebro tão estrellejado de idéas brilhantes como as de Castro Alves.

Marcello Gama, porém, não se parecia com nenhum dos seus companheiros, que andam por ali a se acotovelar nas portas das livrarias ou á mesa dos cafés e confeitarias. Nos versos que deu á publicidade palpita o seu coração generoso e golpeado tão duramente pelo destino. Desafiou corajoso os assaltos da crítica, na convicção de que, aos ligeiros senões que ella poderia apontar nos seus versos, elle poderia antepor as numerosas

bellesas que os estréllam, bellesas que só brilham na auréola dos verdadeiros poetas.

A sua obra poética foi apenas uma aurora envolta em veus de neblinas, mas uma aurora que já prenunciava o despontar de um grande e glorioso dia, todo doirado de sol, engrinaldado das mais inebriantes flores da primavera na exuberancia das pompas de uma natureza tropical, onde a antithese se ostenta desde os pinheiros do Itatiaia até a amplitude encochilhada da savana gaúcha; e a hypérbole, que semeou maravilhaas na incomparavel bahia de Guanabara, irrompe na cachoeira de Paulo-Affonso, ruga na *pororoca* e estende-se pelas longas aguas do Amazonas, o nosso rio-oceano!

Para fechar este ligeiro trabalho com verdadeira chave de ouro, direi com Ruy Barbosa, falando de Castro Alves: — «Tacham-no de faltar-lhe a pureza clássica da palavra, que assignala as obras impereciveis. Certamente a sua privilegiada capacidade se teria opulentado de recursos incalculaveis nas fontes da nossa prodigiosa lingua...

Ninguem mais do que eu deplora que lhe escasseie ás vezes essa flor de veruaculidade, que **acrescenta** ao genio um perfume indizivel. Para esses fecundísimos estudos, tel-o-ia attrahido, creio eu, o seu gosto de artista, si a morte lhe não vedasse a segunda florescencia do seu talento; mas um feliz instincto da sua vocação supprpria, frequentemente, nelle a applicação investigadora, e revelou-lhe no idioma patrio excellencias de primeira agua». — Eis uma de suas poesias:

ODE A' MORTE

NO DIO DE FINADOS

O sol está no ceu e o ceu é cor do sonho...
E emtanto esse dobrar de sinos a finados
Põe laméntos no espaço e torna o ar tristonho,
E íntima-nos a andar de preto e olhos pisados!

Morte! vê como tudo é falso aqui na terra:
Consagrarem a ti as plangencias do sino,
Quando tu, que creaste o verme, a peste e a guerra,
Mereces triumphaes harmonias de um hymno!

E ainda mesmo que tu não fosses bôa e forte
E não dêssees descanso a quem quer descansar,
Que coisa revoltante, ó redemptora morte,
Ter a gente marcado o dia de chorar!

E' por isso que tu, no furor das batalhas,
Tens para consagrar-te estandartes, trophéus,
Pennachos e clarins, e o fumo das metralhas
Que pinta de cinzento a púrpura dos ceus.

Irônica, tu ris, ao ver ás cabeceiras
A sciencia, essa imbecil, auscultando pulmões,
E o sorriso mordaz que collaste ás caveiras,
Faz o rei e o mendigo igualmente poltrões.

Armas, para ajudar-te, os braços dos heróes,
Até que um dia, enfim, tambem os exterminas;
E do vil infusorio aos rutilantes sóes,
Com o mesmo poder sobre tudo dominas.

Quizeste escarnecer das vaidades do homem,
E para celebrar o imperio dos teus actos,
Puzeste ao teu serviço os vermes que o consomem,
E esvasiam-lhe o craneo, e deixam-lhe os sapatos.

Morte! como tu és sarcástica e escarninha!
Róes a carne dos pés, mas os deixas calçados...
Mais que um sapato vil, é mísera e mesquinha
A carne dos que não são em vida enfatuados.

Teu poder é tamanho, ó Morte abençoada,
Que, maior do que Deus, com mais gloriosos feitos,
Já chegaste a metter o infinito no Nada,
Numa cova que tem sete palmos estreitos.

Morte! supremo bem! refugio dos malditos!
Tu, só tu és a paz que a gente sempre alcança;
Tu curas todo o mal, e enfim, quando os afflictos
Já não têm esperanza, és ainda a esperanza!

Nem eu sei comprehender porque causas pavor,
Pois, si encontras alguém que está a gemer de fome,
Com um golpe de foice o libertas da Dor,
Sem lhe indagar a estirpe ou perguntar-lhe o nome!

Chorar! Porque chorar? Si é porque já não soffre
Aquelle a quem se amou, e mais humano rir
E guardar-lhe a memoria, assim como num cofre,
Que a saudade de um morto é doce de sentir.

Faze a guerra, incendeia, ou põe a pique as naus!
Deixa que lavre a peste, ininterruptamente!
Morte! Tu só és má quando levas os maus:
Tu devias levar os bons unicamente!

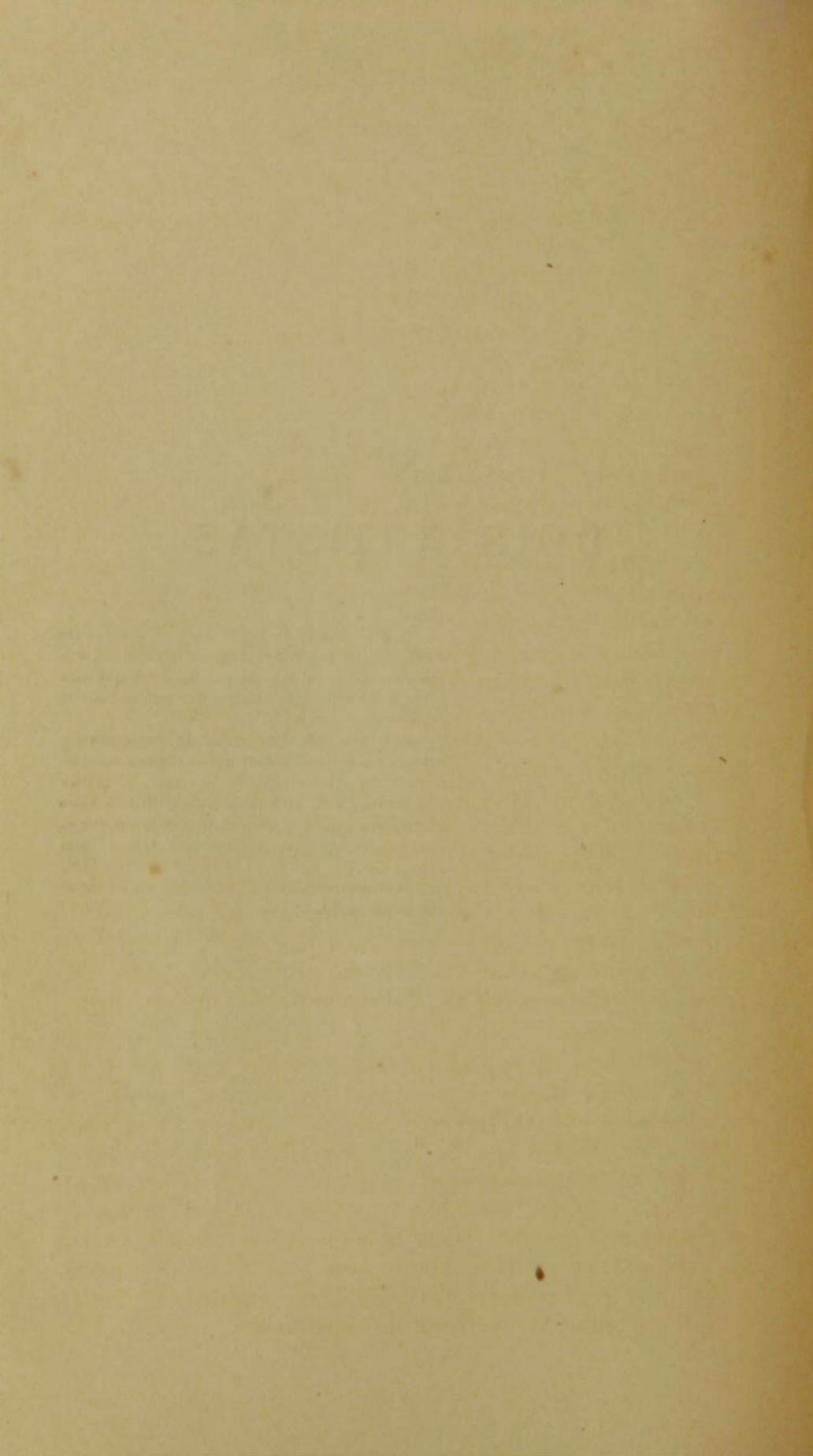
XII

DOIS ARTISTAS

O Rio Grande do Sul é também o berço de gloriosos artistas. A Arte, como diz Bergson, é a visão mais directa da realidade. E' como que uma certa immaterialidade da vida, que bem se poderia dizer um idealismo.

Com tão vigorosos meios de expressão (a pintura e a música) a Arte não se limita a revelar-nos a commoção que domina as almas. O artista não crêa para si, crêa para transmittir-nos a sua inspiração, produz para nós, necessitando que as suas concepções sejam por nós aquilatadas. Assim são os poemas épicos, e os hymnos nacionaes, que nos differentes paizes se transmittem de geração em geração.

(MUCIO TEIXEIRA)



DOIS ARTISTAS

UM MÚSICO E UM PINTOR

ARAUJO VIANNA é o músico. O pintor é Araujo Porto Alegre. Ambos *Araujo*. Isto não é uma simples coincidência. *Ara* é altar; e chama-se *pedra d'ara* a pedra sagrada que se colloca sobre a toalha alvíssima, que representa a túnica de Jesus, quando se celebra o santo sacrificio da missa. E *ujo*, ou *uja*, corruptella de *uga*, *uge* e *ugia*, é o nome de um peixe, derivado do céltico *isc*, agua, voz imitativa do som ou murmurio de corrente liquida que se despenha de cascata e enche rios e mares, cercando a terra por todos os lados, solidificando-se pelo frio, ou pelo calor reduzida a vapores.

Do músico nada posso dizer, sinão que era inspirado e morreu moço. Inutilmente procurei saber da sua vida e obras, batendo insistentemente á porta dos seus *amigos*, que nem me souberam dizer o anno da sua morte... apenas um delles me aconselhou que me dirigisse a um irmão do artista, que vive em Porto Alegre e é empregado no *Banco da Provincia*: escrevi-lhe duas cartas, pedindo as *datas do nascimento e do fallecimento*... nem resposta!

Disse-me um negociante, nosso conterraneo, que o músico Araujo Vianna era tambem um inspirado poeta, recitando-me fragmentos de uma de suas poesias, onde o verso desliza suave, numa espontaneidade admiravel, e que me causou surpresa agradabilissima, por ser de assumpto regional, com viva *cor local* e alguns termos do vocabulario gaúcho. Nada mais posso dizer d'elle, sinão que produziu muito e morreu cedo, mal tendo tido tempo de fazer representar a sua bella ópera intitulada *Carmella*, que foi coroada de frenéticos applausos.

O pintor é Araujo Porto Alegre, o poeta Barão de Santo Angelo, de quem já tratei na parte deste livro destinada aos *Poetas e Prosadores*, restando apenas falar aqui do artista, como se verá mais adiante, demonstrando ambos (o pintor o o músico) que a ethnographia, passando da investigação á evidencia, não por hipótheses, mas por deducções, determina pela Arte a origem das raças, podendo classificar-as aqui pelo seu character musical em Araujo Vianna, e pela pintura e a esthetica da sua architectura, em Araujo Porto Alegre.

A Arte é uma grande asa invisivel que nos transporta á origem dos povos. As suas manifestações são eternas e a sua linguagem é universal. Ella nos guia, pelo amor, á ordem e á justiça; e dispõe do poder de ennobrecer os instinctos e as aspirações, E' um livro de pedra onde as gerações gravam os titulos da sua nobresa; por isso, os povos que não têm monumentos artísticos são livros em branco.

A analogia entre as montanhas da Asia e a cordilheira dos Andes, attesta que se podia passar a pé enxuto da Patagonia ao Canadá, partindo dos cimos do Himalaya; e que nas praias de Guanabara, ou nas margens do golfo de Hudson, os navegadores anticolombianos ancoravam os navios egypcios e phenicios.

O geólogo observa nas areias do nosso continente o sulco das passadas do pesado elephante e dos fósseis da época quaternaria, como que seguindo o rasto do pé humano ali marcado em idades anteriores. A propria pelle dos nossos indígenas é um attestado da íntima convivencia de seus ancestraes com os mongões, dando-se então os cruzamentos que determinaram as variedades dos dialectos selvagens.

As artes partiram da India, ou do Egypto, e atravessaram a Europa; mas antes dessa travessia secular já tinham apparecido na América, porque, além de outras provas indiscutíveis, a arte está na propria natureza humana. De todas as suas manifestações, a que mais nos aproxima da Divindade é a música. E o canto, seu filho predilecto, pode ser considerado como o instrumento invisivel das almas.

Si os cantos religiosos eram as homenagens sonoras dos primitivos povos aos seus deuses, como ainda

hoje vemos em nossos templos, subindo em ondas de harmonia entre nuvens de incenso, nenhuma outra linguagem poderia exprimir melhor os nossos sentimentos e paixões. O som, que é a base constitutiva da harmonia, não encontra veículo de maior elasticidade para as suas múltiplas tonalidades, do que o mysterioso instrumento da garganta humana, que ora é lyra ora é psalterio, violino e órgão, desprendendo ignotas harmonias, umas vezes dulcíssimas como o gorgueio das aves, outras vezes retumbantes como as quedas d'agua das cascatas.

Diz um axioma hermético que «as afinidades da Natureza são a causa efficiente do esplendor e variedade das cores que estão mysteriosamente relacionadas com sons». — Os sacerdotes egypcios cantavam em honra de Serapis um hymno composto das *sete* vogaes, e ao som da *sétima* vogal e ao *sétimo* raio do sol nascente, respondia a estatua de Memnon. Com isto coincide o descobrimento das maravilhosas propriedades do *sétimo* raio do espectro prismático, que a todos supera em potencia química e corresponde á *sétima* nota da escala musical.

«A theoria dos Rosa-Cruzes (diz H. Blavatsky), comparando o Universo com um instrumento musical, é análoga ao ensinamento pythagórico da música das espheras. Sons e cores são números espirituaes; e assim como os *sete* raios prismáticos procedem de um ponto do ceu, assim tambem as *sete* potestades da Natureza são, cada uma, um número das *sete* radiações da Unidade, ou sol concêntrico e espiritual». — Feliz o que comprehende os números espirituaes e reconhece a sua influencia! exclama Platão.

Voltemos, porém, aos artistas gaúchos. Nada podendo dizer da personalidade de Araujo Vianna, o mallogrado compositor e poeta sobre cuja gloriosa memoria a indifferença estendeu a mortalha do esquecimento, ainda mais pesada que a da propria morte, tratarei de novq de Araujo Porto Alegre, não mais do poeta e prosador, embora elle proprio não pensasse assim, quando disse, na sua antobiographia (até hoje inédita):

«Eu não sou poeta; sou um desgraçado artista, deslocado da posição que me competia, e para a qual ha-

via adquirido os mais sagrados direitos. O estado de minha patria, no que toca o conhecimento das bellas-artes, e a perseguição que soffro, foram a causa de abandonar uma vida, que me custou 16 annos de estudos, de viagens, de privações, de toda a sorte de sacrificios que podem acompanhar um moço pobre». — Feita a análise do poeta e do prosador (vide ás páginas 91 a 102), vejamos o architecto e o pintor.

Os pintores, como as águias, procuram a luz, fazendo o ninho nas culminancias illuminadas. A luz e a inspiração devem chegar ao artista directamente puras e severas do ceu. Não lhes serve, para animar-lhes as telas, essa meia claridade, que entra pelas estreitas janelas das nossas habitações urbanas, que não é mais do que um pálido reflexo dos vivos raios do sol batendo nas paredes fronteiras. Nós vivemos numa penumbra, só elles vivem na grande luz virginal em que se embebem os pássaros e as nuvens.

A influencia do meio marcial em que nasceu e viveu até aos 20 annos, fez com que Porto Alegre procurasse a côrte do Imperio, no intento de matricular-se na Escola Militar. Chegou, porém, na época das férias, que aproveitou em frequentar as aulas da Academia de Bellas Artes, conseguindo no mais curto espaço de tempo tornar-se um dos mais applicados discípulos de Debret, adiantando-se tanto, que tres annos depois já era premiado, na primeira Exposição de Pintura, em 1829; e logo no anno seguinte tambem premiado, na secção de architectura.

Si como architecto não chegou ao ponto culminante dos zimbórios, que immortalisam os Buonarotti, na pintura conseguiu dar ao silencio das telas a eloquencia das cores. Diz Wolf, no seu livro *Le Brésil Littéraire*, que Porto Alegre «graças ao painel da reforma da Escola de Medicina, no qual representara ao redor de D. Pedro I o visconde de S. Leopoldo, então ministro do Imperio, e os cathedráticos da faculdade, captara a admiração e as boas graças do monarca, que logo o incumbiu de tirar diversos retratos da Familia Imperial».

Seguiu para a Europa com o seu já citado professor, em 1831, aperfeiçoando-se em Paris com as lições do pintor histórico Barão de Gros, só regressando ao Rio

de Janeiro em 1835, ao saber que tinha rebentado na nossa provincia a revolução dos *Farrapos*, indo buscar sua mãe, que trouxe comsigo, nunca mais voltando á terra natal.

Foi nomeado professor de pintura histórica da Academia de Bellas Artes, «sendo nessa época o único brasileiro da respectiva corporação docente». — Por occasião das sumptuosas festas da maioridade de D. Pedro II, foi Porto Alegre encarregado de decorar o paço imperial da cidade, o que fez com o mais apurado gôsto e maestria, manifestando-se simultaneamente o valor do architecto e do pintor, na edificação da maravilhosa varanda destinada á sagração do juvenil Imperador, que ainda mais tarde lhe confiou a pintura do grande quadro da sua coroação, que ainda hoje se vê no salão nobre do Instituto Histórico.

Porto Alegre foi professor substituto da cadeira de desenho da Escola Militar, e nomeado (em 1854), director da Academia de Bellas Artes. Nesse cargo, «com o largo descortino que o caracterisava, substituiu immediatamente os métodos archáicos do ensino por outros mais racionaes, introduzindo ali, a titulo obrigatorio, o estudo das sciencias auxiliares». — Jubilou-se, em 1857, nos cargos de director e professor, sendo então nomeado consul-geral do Brasil em Lisbôa, e agraciado com o titulo de Barão de Santo Angelo.

Como decorador, preparou a sala do throno do paço da cidade, para o casamento imperial e para as testas baptismaes dos principes D. Pedro e D. Affonso. Deve-se-lhe ainda a antiga decoração do theatro S. Pedro de Alcântara, as ornamentações do edificio do paço municipal, e o projecto de aformoseamento do Campo de Sant'Anna.

Foi premiado, pelos planos que apresentou da igreja de Sant'Anna, do Cassino Fluminense e do Banco do Brasil; fundou o Conservatorio Dramático e a Academia de Opera Lyrica; construiu a parte hidráulica e architectural da Alfândega; suprimiu as goteiras dos beirões dos telhados dos edificios públicos, encaminhando as aguas fluviaes por tubos verticaes de descargas. E como vereador da antiga Câmara Municipal, insistiu pela substituição das vetustas calçadas dos passeios urbanos.

D. Pedro II, que tanto protegeu os maiores poetas e artistas durante o seu longo reinado, e a quem Porto Alegre consagrara o poema *Colombo*, auxiliando-o mais de uma vez com as prodigalidades do seu bolsinho particular, mandou nomeal-o para a carreira consular, dando-lhe condecorações e o título nobliárchico.

E' com a batuta e a pauta musical de Araujo Vianna, e com o pincel e o escopro de Araujo Porto Alegre, que se destaca na nossa historia o sentimento da alma gaúcha, quabrando as bárbaras tradições do pantheismo e levantando o majestoso monumento da liberdade espiritual. Elles encarnam, na música e na pintura, o supremo ideal do bello e o principio transcendente da verdade. Só assim esse povo de poetas e guerreiros pode personificar em dois homens a sua grandesa artística. E assim se verá que o Rio Grande do Sul não é somente a nossa gloriosa Sparta, com os seus ínclytos heróes, — é também Athenas, com os seus sabios, os seus poetas, este músico e este pintor.

A música e a pintura!... A música é um encadeamento harmonioso de sons. O som, admittida a theoria esotérica de que tudo é fundamentalmente vontade, não pode ser outra coisa sinão uma manifestação da propria vontade. Mas a vontade tanto é relativa, como inconsciente, ou consciente: o que também acontece com o som. O ruído feito pela pancada do martello não revela commoção nem intelligencia, que só podem ser despertadas pelo ruído produzido por uma associação de idéas.

Mas uma peça musical, ou uma simples cantiga, já levam comsigo as qualidades de que foram dotadas pelo músico ou o cantor. A música é a linguagem que fala aos corações, sem o menor dispendio de palavras, reproduzindo nas almas os sentimentos que as suas melodias representam. Ha sons intelligentes. As palavras proferidas por uma pessoa geram pensamentos correspondentes na mente de outra pessoa. Assim, o grande actor tem que identificar-se com a personagem do papel que

representa, para que possa produzir o effeito desejado.

O nosso espirito é um alento. Ha uma fórma mais elevada no som, que nem todos percebem: é a palavra consciente de si, que, saturada de tal transcendencia, já é então divina. O orador eloquente, inspirado pela verdade do que diz, emite palavras inconsideradas, que se formam na alma, não no cérebro, e por isso pode inspirar ao auditorio, com os seus proprios sentimentos, mesmo que as suas idéas não sejam traduzidas pela linguagem, todas as commoções e todos os enthusiasmos que lhe transbordam do coração.

Um ruído puramente mechânico não pode produzir os effeitos vivos causados pela passagem do arco nas cordas de um violino, como tambem não pode um pedaço de pau mettido na terra produzir uma árvore. Só transmite vida o que ainda está saturado de vida. Assim, o Verbo, que é Deus, vivifica o som, e é um dos poderes creadores que Deus espalhou no Universo.

A música e a pintura! Quem pode determinar o ponto de partida das bellas artes? Resta-nos apenas a certeza de que o homem, na interpretação da natureza, teve de procurar nas artes imitativas a manifestação do seu pensamento creador, que é um reflexo de Deus. E foi assim que do bello e do grande formou a encarnação fecunda que divinisa a arte em suas múltiplas manifestações.

A poesia, a pintura, a música e a esculptura são irmãs; e embora disponham de diversos modos de expressão, unem-se num só objectivo, chegando por caminhos differentes ao ideal a que todas se destinam. Não pretendo agora, tratando ligeiramente da música e da pintura, remontar-me ás priscas idades, acompanhando-as na sua marcha progressiva até chegarem a nós.

A lembrança de Roma desperta a Italia do seu grande sonho voluptuoso, levantando-se cheia de vida e vigor, robustecida pelo engrandescimento da arte. Acabaram-se os triumphos sangrentos do Capitolio e dos Césares; os gladiadores já não se ostentam no Coliseu. Tarquinio já não impera no circo, nem Petronio aconselha a Nero que leve a esmeralda ao olho para melhor saborear as bellas nuas que palpitam no triclinio.

A arte despertou mais bella ao beijo da liberdade. Outros gladiadores percorrem o caminho cortado pelo sensualismo. A Italia, victoriosa nas artes, vê apparecer na cruzada redemptora a figura de Giotto, o pintor cujos traços enérgicos deviam ser imitados na paleta dos futuros pintores. E Ghiberti e Donatello em Florença?... Fundam-se as escolas; e Leonardo da Vinci, o chefe da florentina, determina as proporções exactas das sombras e da perspectiva.

Artista inspirado, poeta e philósofo, a obra deste pintor é admiravel, pelo sentimento elevado da concepção, a pureza do estylo, o fogo do colorido, a igualdade dos tons, as suaves gradações do claro-escuro, e aquelle indeciso peculiar das suas sombras, que enche de uma poesia intensa *O Baccho* e *A Virgem nos arrecifes*, dando uma gravidade melancólica ao *São João* e á *Ceia de Christo*.

Rafael representa a escola romana, que reúne a graça, a delicadesa e a originalidade. Pintor das bellas celestes, immortalisou nas suas *Madonas* a singular maneira do seu desenho, e a mais pura idealidade na expressão das imagens. Dão testemunho disto a sua *Madona nas nuvens*, que se vê na galeria de Dresde; *Os Peixes*, em Madrid; *A Virgem da cadeira*, em Florença; *A Jardineira*, em Paris; a de *Folligno*, em Roma, não esquecendo os seus frescos das galerias do Vaticano.

Segue-se a escola venesiana, notavel pelo colorido, destacando-se Barbarelli e Ticiano, iniciando este o segredo da transparencia das cores, e dando ao seu *Christo da Montanha* a magestade de um mysticismo histórico e divino. Não ha nada mais delicado do que a sua mistura de tintas na encarnação. Não ha maior suavidade de curvas, nem mais nítida correcção de linhas. O seu desenho é perfeito, e a expressão é verdadeira.

Robusti, o Tintoreto, segue tão de perto Ticiano, que com a energia de tamanha audacia chega a inciumar o mestre. E' da mesma escola Paolo Veronese, artista atrevido e fantástico, cujas obras são fascinantes e irresistiveis. O seu *Christo entre os ladrões* tem a bella amplitude da pintura monumental, que transborda de uma paleta salpicada de magnificencias.

A escola lombarda pode ser personificada em Correggio: — a *Magdalena*, o *São Jerônimo*, a *Zingarella* e o *Christo no jardim das Oliveiras*, são obras imperecíveis, que revelam, a par de todas as vibrações de um claro-escuro inimitável, a harmonia do colorido, a graça e o sentimento de um pincel molhado nas tintas do alvorecer nos trópicos, ou nas sombras de um crepúsculo outonal.

Foi no meio dessa plêiade que appareceu o formidável Miguel Angelo, intrépido e rebelde. O seu genio colossal, forte e audaz, abarcou a um tempo a poesia, a pintura, a architectura e a esculptura. Não foi o primeiro em nenhuma destas manifestações da arte, mas em todas ellas foi grande. Miguel Angelo não tem o suavidade de Correggio, o colorido de Ticiano, nem a graça de Rafael; e os seus sonetos estão longe dos de Petrarca... comtudo quem entra na Capella Sixtina, recúa espantado ante aquelle assombro que elle atirou aos séculos no seu *Juizo Final*. Este artista resume todo o período da restauração: é a verdadeira estatua daquella época de saudades e tristezas, angústias e desalentos, audacias e ousadias, esperanças e aspirações.

As escolas flamenga e hollandesa caracterizam-se pela originalidade na composição, a pureza no colorido, a perfeição no claro-escuro, os vivos contrastes, as hábeis gradações das cores; mas nem sempre se impõem pela correcção do desenho. O fundador da primeira foi Van Dick, mas a sua culminancia está em Rubens. Só a vida de Maria de Médicis inspirou-lhe aquelles admiraveis vinte quadros que estão na galeria do Louvre.

Van Dick, digno discípulo de Rubens, iguala-o no brilhantismo do colorido, chegando ás vezes a excedel-o na finura e elegancia. A sua reputação é mundial, principalmente como pintor histórico, como se vê na *Virgem e o Menino Jesus*, em *Jesus chorado pela Virgem*, ou na *Venus pedindo a Vulcano armas para Enéas*.

Rembrandt sonha com os effeitos mysteriosos da luz; e na interpretação profunda da natureza, enérgico e original, mostra-nos a sua obra envolta no maravilhoso das sombras transparentes e betuminosas. O *Anjo Rafael despedindo-se de Tobias*, o *Bom Samaritano* e o *Philóso-*

pho Pensador collocam-no entre os mais eminentes pintores da escola do Norte.

A Espanha tem uma escola propriamente sua, mas limitada a um círculo estreito. Quando a Holanda e a Italia espalham as radiações da arte, fundando escolas até na América, as admiraveis obras espanholas não transpõem os Pyrineus. Felipe IV conserva Velásquez como prisioneiro de guerra em seu palacio, para que o seu pincel não illuminasse outras galerias.

Ha em Velásquez largos vãos de inspiração ibérica, expansão e naturalismo, cor e força, como que um reflexo fulgurante daquelle sol, que merece mais adoração que o da Asia. Murillo é o intérprete do catholicismo. Arde nas suas télas o fogo sagrado que estrellejou as sarças do deserto, e teve lampejos de oiro nas cordas da harpa do propheta. São de uma belleza dominadora a *Virgem do Rosario* e *O Milagre de S. Diogo*.

Zurbarán espanta, com os seus frades inquisidores, abrindo azas da mais forte envergadura sobre o leito da Morte de *S. Pedro Nolasco*. Rivera, Cans e Goya completam a vanguarda da legião de pintores espanhões. A França procurou em vão fundar uma escola, dispondo apenas de elementos estranhos. Em vão Leonardo da Vinci e Andréa del Sarto emprestaram os seus pinceis a Lebrun, Lesneur e Pousin, vendo coroados os seus esforços em David e Renault, David principalmente, com o *Juramento dos Horacios* e a *Morte de Sócrates*.

O facto de não haver em pintura uma *escola franceza*, não quer dizer que não haja excellentes pintores franceses, todos, porem, filiados a escolas estranhas. E' notavel a tela *Os últimos cartuchos* de Neuville, o pintor dos acampamentos, que parece levar na patrona os pinceis molhados em sangue. Não é menos admiravel a tela de Lanzon — *Os mortos enfileirados*, em que um regimento de couraceiros tenta vencer as linhas prussianas, na batalha de Sedan. *O Christo* de Bonnat, entregou-lhe a cruz da Legião de Honra. Bougereau lembra Rafael, numa idealidade esotérica, no *Nascimento de Venus*.

A verdade é que a arte tem acompanhado de perto a evolução social, mas a lei de progresso parece permanecer ajoelhada ante as grandesas da antiguidade clássica, tanto na pintura como na poesia, na architectura e

na estatuaria. A poesia brasileira conseguiu emancipar-se da tutelar vigilância dos elementos básicos; mas outro tanto não se pode dizer da pintura e da música, cujos representantes indígenas ainda não se lembraram de sacudir dos ombros as pesadas roupagens de alheios moldes.

A pintura e a música!... Toda a grandesa da Allemanha pode ser representada pela poesia de Goethe e a música de Wagner. Repouse agora aquelle na imperturbabilidade majestosa da sua gloria eterna, e vejamos si na mesma altura da sua lyra d'ouro não se ostenta a atrevida batuta do maior dos compositores do mundo, cuja maneira estranha e prodigiosa de reger os seus proprios delirios geniaes deu ás regras do contra-ponto uma tal conformidade e tão lógica concatenação, que ao sopro da sua inspiração as pautas se metamorphosearam em verdadeiros capítulos da methodisada *sciencia dos sons*.

Ha dentro deste incomparavel compositor um insaciavel idealista. Elle é músico e poeta; e tanto no músico como no poeta parece palpitar farfalhante uma floresta virgem de harmonias, e rugir um oceano encapellado de vibrações impetuosas, onde lampejam ardentias estrellares. E assim como ha mysterios insondaveis na profundeza do oceano, ha harmonias incógnitas e sonoridades quasi imperceptiveis nas originallíssimas partituras deste singular monstro de uma concepção incomprehendida pelas almas vulgares.

As inéditas theorias wagnerianas hão de ser por muito tempo ainda inintelligiveis para muitos, soberbas e atrevidas para alguns, exóticas para outros, deliciosíssimas para mim e poucos mais, cujo segredo procuramos devassar nessas inspirações que bem poderíamos denominar *Ecos da Melodia Injuncta*.

Ha criticos que dizem encontrar nas páginas literarias de Wagner as mesmas difficuldades da sua música. Acredito que sejam sinceros na confissão desse absurdo, pois ha uma classe de intelligencias que procuram achar na esthética o agradável e passageiro enlevo, a facil comprehensão de um conto realista ou de um romance de Macedo ou Zaluar.

Nada, porém, está mais longe da verdade, para os

que sabem que a parte philosophica de uma arte, como a música, tem que synthetisar com a maior precisão *esse não sei quê*, áspero e penoso, que traduz a personalidade revolucionaria de todo o sêr que ultrapassa os moldes escolares e se amplia na criação de alguma coisa inteiramente nova sob o sol...

Homem de natureza sombria e taciturna, e artista convencido do seu valor, Ricardo Wagner, que a profundos conhecimentos encyclopédicos reuniu os mais excepcionaes dotes de músico e compositor e poeta, desenvolveu as suas novas theorias com a maior firmesa, a mais serena tranquillidade, sem precipitações nem preconceitos alheios, tomando um caminho não seguido por nenhum dos seus predecessores e contemporaneos, os quaes, sob o pretexto de cuidar carinhosamente da fórmula estabelecida, se descuidaram do fundo intrínseco e psychológico, deixando-o num plano solitario, mal definido mesmo, pensando exclusivamente em agradar ao gôsto das platéas na parte puramente técnica, a pesada phraseologia escolástica escravizada às regras do contraponto.

O estylo de Wgner, aparentemente ruidoso e confuso, é de uma poesia intensa e deliciosa; ha subtilesas d'alma e delicadesas que poderiamos dizer nimiamente femininas, no tumultuar másculo dessas óperas prodigiosas, onde ciciam brisas e retumbam trovões, pallidejam luares em lagos adormecidos e ha lampejos solares mordendo a crôsta das rochas levantadas no meio das ondas revoltas e escumantes, dia e noite batidas por ventos de tempestades.

E assim se explica a razão porque o autor do *Lohengrin* chamou o *Fausto* de Gounod de «trivialidade escripta no tom affectado de uma *lorette*, nauseabunda música de um talento subalterno»; e que haja chamado Rossini de *Senhor Barbeiro*, pagando dessa fórmula olho por olho e dente por dente os baixos insultos de seus invejosos detractores franceses. — Sempre os franceses!...

A prova do seu espirito de justiça está na admiração que manifesta pelos nomes angustos de Beethoven, Gluck, Haydn, Mozart e Weber; no enthusiasmo com que elogia Meyerbeer, e no delirante fanatismo com que se refere á antiga música religiosa italiana, confessando ter sentido

na sua juventude as mais vivas sympathias pela *Mutta de Portici*, de Auber.

Todas as suas raivas, todos os seus furores têm a meu ver completa justificação: não ha natureza humana capaz de resistir com calma e resignação aos prejuizos soffridos por Wagner com a representação do seu admiravel *Tannhauser* em Paris. Quanto aos deuses da sua idolatria, nada ha nisso de censuravel, pois constituem mais um voto respeitavel e autorizado, aos que o mundo musical unanimemente consagrara a Beethoven, Gluck, Meyerbeer e Weber.

Que em alguns dos seus juizos predomina a paixão pessoal, eloquentemente o demonstram os seus qualificativos *inqualificaveis*, com que pretende escurecer o mérito da obra de Gounod, accusado hoje, com razão, de seguir com demasias impetuosas as doutrinas do seu destructor. Mas devemos tomar em conta as circumstancias já mencionadas, collocando-se assim qualquer outro na sua situação. Ponham a mão no coração, consultem a propria consciencia, e digam-me si isto não é humano. Voltemo-nos, porém, para a *Melodia Infinita*.

A Melodia Infinita!... Formosa denominação, que parece envolver um repto sonoro e luminoso dirigido a Aquelle que rege os destinos do Universo! Era preciso que Wagner, guiado por esse lampejo innovador, por esse ideal só seu, do drama Lyrico moderno, que foi o único a interpretar nos accordes da Harpa da Natureza, levasse o seu olhar reformador ao extremo de commover profundamente com as theorias sobre que assentou o systema musical de todos os tempos.

Tenaz nas proprias idéas, prescrutador paciente e erudito, verdadeiro perdulario de raciocinios, Wagner fixou as vistas na historia do mundo antigo, descobriu nelle os fundamentos, o manancial purissimo da melodia, e seguiu por uma linha recta e ascensional o agitado curso da sua genial fórmula musical.

O incomparavel reformador allemão arrancou á Grecia os segredos de sua existencia artistica, onde encontrou a primitiva fórmula melódica, no consorcio dos sons com os bailados. O movimento do baile prendia às leis do rythmo a música e o poema, que o cantor recitava como motivo dos volteios, e estas leis avassalavam de fórmula

tal o verso e a melodia, que a música grega (e esta palavra, diz Wagner, entrelaçava-se á poesia), não pode ser considerada sinão como o baile representado por palavras e sons.

Despida de rythmo a melodia, perdido todo o seu poder de expressão, que destruiu a mão das primeiras communidades christãs, nasceu o canto livre, e foi assim que immediatamente se engendrou a harmonia sob o principio do accorde a quatro vozes. A harmonia substitue o rythmo, servindo de base á expressão melódica, e o contra ponto vem finalmente emancipar a melodia propriamente dita, que assim adquire a sua completa independencia, e dá margem, nas obras dos grandes mestres do século XVII, ao canto da igreja, cuja execução produz nas almas um effeito tão profundo, tão maravilhoso, que nenhum outro se lhe pode comparar.

Asa-se-me a oportunidade de citar aqui as proprias palavras de Wagner: — «Uma observação nos determina sobre tudo a assignalar a creação desta melodia, como um passo para atraz, e não como um progresso, e eis porque eu não soube tirar nenhum partido do quanto a música christã tinha inventado, e cuja importancia é essencial: a harmonia e a polytonia, que constituem a sua base. Sobre um fundamento harmônico tão insignificante, que pode ser livremente despojado de todo acompanhamento, a melodia das óperas italianas contentou-se, quanto á marcha e união de suas partes, com uma estructura de períodos tão pobre, que o músico illustrado do nosso tempo não pode descobrir sem triste surpresa esta fôrma indigente e quasi primitiva da arte, cujos estreitos limites condemnam o compositor mais geniat a uma absoluta immovibilidade».

Ha exaggeração nesta *boutade* do autor do *Lohengrin*? — Não. O terrivel propagador da música do futuro manifesta-se com todo o ardor, com todo o cego fervor de quem quer a todo o transe destruir os obstáculos, que lhe embaraçam os passos. Deixando a Italia, para demorar as vistas na Allemanha, faz constar que se desvanece com a necessidade de secularisar a música de igreja na sua patria, produzindo assim uma obra perduravel e da maior importancia.

Os maestros allemães esforçaram-se em combinar intimamente o rythmo e a harmonia com a expressão melódica, seguindo assim uma estrada diversa da que os italianos tinham percorrido ao desprezar a opulencia harmônica da música christã. E foi assim que o *canto fermo* perdeu o seu imperio absoluto, repartindo-se em partes iguaes entre cada uma das vozes concertantes, adquirindo esta fórma nas mãos de Bach um desenvolvimento que havia de chegar a uma riqueza inexcedível — nas symphonias de Beethoven.

Escusado seria dizer que não faltará naturalmente quem pense que Wagner, ao occupar-se da música e da melodia dos bailados, allude ás polkas, quadrilhas, havaneiras, schottisch e demais músicas *pedestres* dos nossos dias. Deixemol-os nesse engano d'alma ledo e cego; e uma vez resumidas as opiniões de Wagner, quanto á melodia em geral, entremos de vez na sua tão curiosa quão notavel theoria acerca da concepção melódica em particular, sem perder de vista essa melodia que elle chamou *infinita*.

Agitam-se no fundo dos pensamentos de Wagner duas questões intimamente ligadas, mas questões estas que podem condensar-se em uma só, naquella precisamente que elle não resolveu de maneira satisfatoria: — Pode haver música sem melodia? Melodia e música, não são synônimos? — Eis o assumpto em questão, o intrincado problema que elle não resolveu...

Wagner estabeleceu *á priori* que a única fórma musical possível é a melodia; mas fundou a sua opinião em uma crença pueril, impropria da sua genial cerebração. Dizer, como elle disse, que a melodia é uma fórma musical limitada á infancia da arte, é certo, não ha dúvida; mas pretender que essa fórma, desenvolvida indefinidamente, perca os seus attributos essenciaes para converter-se em um silencio indefinivel, admittindo até que a melodia infinita seja a consequencia desse *silencio esotérico*, isto seria ridículo, si fosse dito por outrem...

Esta singular theoria de Wagner está de perfeita harmonia com as suas novas doutrinas em relação ao drama musical; mas, uma vez desligado o poema da fórma convencional, descendo ao realismo até chegar a constituir-se a música uma simples escrava da poesia,

cujos passos deve seguir submissa, então o systema musical que obedece a taes leis deve ser uma successão contínua de peças informes, um desencadeamento melódico sem principio nem fim... e isto é que vem a ser a *Melodia Infinita?*... Mas não seria então essa melodia prescindir das suas primitivas fórmãs?

Não pode haver música sem melodia. A única fórmula musical possível é a melodia. Ninguém poderá desatar o nó que prende a música á melodia. Música é a arte de *combinar* os sons; uma successão de sons *combinados* de certo modo, constitue a melodia: logo, o resultado da música é a melodia.

Já a harmonia se baseia em um principio distincto, embora consista em diversas vibrações simultaneas, isto é, emquanto o principio melódico repousa na successão dos sons, a harmonia requer a reunião delles. Exemplifiquemos esta theoria numa passagem do *Fausto*, de Gounod, que é uma das óperas mais conhecidas no Brasil. Vejamos o final da scena da morte do irmão de Margarida, quando, ajoelhado o côro ante o cadaver, exclama dolorosamente:

Che il Signore l'accolga pietoso nel suo sen!

Uma elevada harmonia religiosa, uma curta e bellissima successão de accordes bastam ao grande compositor para commover profundamente. Harmonia, harmonia grande, é toda harmonia a magnífica phrase citada.

Embora conste de uma successão de accordes, mesmo encerrando-se esta phrase numa successão de sons, que vibram demoradamente, não ha quem a não cante, nem ha quem possa esquece-la depois que a guardou na lembrança. E como se pode apprender e conservar na memoria uma successão de sons ouvidos simultaneamente? Nada mais facil e simples.

A nota do accorde que mais forte e viva fere o ouvido, é indubitavelmente a nota superior. Um maestro encontrará, no baixo fundamental, que é a nota sobre que descança todo o accorde, um encanto especial e um interesse predominante que se impõe a todas as outras notas.

Mas já com os auditorios não se dá a mesma coisa. A melodia existe em tudo, emprestando a sua magia á música, regendo e governando os destinos da arte, tão bella e majestosa nas eternas óperas de Wagner, que é o maior músico da Allemanha e incontestavelmente do mundo.

E' com a batuta e a pauta musical de Araaujo Vianna, e com o pincel e o escopro de Araujo Porto Alegre, que se destaca na nossa historia o sentimento artistico da alma gaúcha, quebrando as bárbaras tradições do pantheismo, e levantando o majestoso monumento da liberdade espiritual. Elles encarnam, na música e na pintura, o supremo ideal do bello e o principio transcendente da verdade.

Só assim este povo de poetas e guerreiros pode personificar em dois homens a sua grandesa artistica. E assim se verá que o Rio Grande do Sul não é somente a nossa gloriosa Sparta, com os seus ínclytos heróes, mas tambem é Athenas, com os seus sabios, os seus poetas, este músico e este pintor.

XIII

UM GENIO

O proprio Théophile Gautier, com a sua poderosa e exactissima técnica universal, não lograria imprimir no forte e polido mármore de seu estylo largo e impecavel, uma idéa fiel d'*Elle*... Elle congela e petrifica os *ohs!* e os *ahs!* da nossa admiração... Desvaira, suffoca, embriaga, convulsiona, subjuga e prende-nos ás brônzeas cadeias de seus ferozes e estupendos entusiasmamos.

(ARTHUR DE OLIVEIRA)



ARTHUR DE OLIVEIRA

I

SEI que a culta Europa não acreditará, ouvindo-me dizer que este meu singular patricio não é romano nem grego, philósopho allemão ou poeta latino, fidalgo espanhol ou democrata suisso, anarchista russo e muito menos positivista francez. Mas juro, «pelo umbigo de Leão XIII», que o Arthur de Oliveira, que todos julgam atheniense, nasceu em 25 de Setembro de 1851 na muito heróica cidade de Porto Alegre, capital da provincia do Rio Grande do Sul, e falleceu a 21 de Agosto de 1882, na côrte do imperio do Brasil.

Nasceu este meu extraordinario conterraneo como nasce qualquer simples mortal; e morreu no duro catre de uma casa de saude, exhalando o último alento sem vela na mão, nem um amigo á cabeceira do seu leito de morte, no mais completo e criminoso abandono. Morreu antes de completar trinta e dois annos de idade, mas tendo vivido muito mais, em tão curta existencia, do que a maioria dos que chegam á maior longevidade, á semelhança dessas árvores seculares que não se vestem de flores nem dão fructos saborosos.

Ha existencias apagadas e silenciosas, onde não brilha um raio do sol nem vibra o rumor das tempestades; outras, porém, são radiosas e retumbantes, lembrando uma orquestração fremente de sonoridades vibrantes, cortadas de relâmpagos, e como que aureoladas pelas sete cores do íris, numa apothese de procellas seguidas de auroras boreaes. Assim foi a vida de Arthur de Oliveira.

Consintam-me dizer que este meu atheniense... gaúcho, impetuoso sempre como o minuano dos Pampas, veio expressamente mandado pelas fadas a este delicioso

valle de lágrimas, só para demonstrar como se pode viver muito — mesmo vivendo tão pouco tempo. Foi um estranho meteóro, que derramou de um jôrro todos os clarões contidos no bôjo do seu esplendor giratorio; e sem nada mais nos dar de si, e da sua rápida passagem por entre as multidões, que foi furando bruscamente, mergulhou de um salto na escuridão da sepultura, com a rapidez com que passa um cometa pelo infinito.

Viveu ainda menos do que o Filho de Deus feito Homem, mas viveu muito mais do que esses nullos octagenarios que se arrastam pela vida de olhos fechados para o ideal e o Além. Era uma personalidade única, inconfundivel, incomprehensivel e por isso mesmo incomprehendida. Conservou num altar florido e dia e noite vivamente illuminado, o seu amor á Arte, dando costas ás conveniencias sociaes, preferindo o tumultuar das idéas á tranquillidade do espirito.

E como que deixava transparecer no brilho húmido do seu olhar nostálgico a vaga expressão de uma indefinida saudade de existencias anteriores, que bem se poderia denominar a prehistoria de muitas vidas e mortes submittidas á lei evolutiva que determina as reencarnações. (*) E como pouco se preocupava com tudo que via á roda de si, tinha todas as insolencias da audacia contra os poderosos do dia, e todas as meiguices da piedade diante dos torturados pela miseria ou vencidos pela desillusão. Si um mau lhe perguntasse: — Quando deixarás de ser implacavel commigo? — elle responderia: — Quando começares a ser bom.

A sua sensibilidade não conhecia a escala ordinaria dos sentimentos communs, ou para melhor dizer, saltava por cima dos sons intermediarios, passando bruscamente do amor ao ódio, ferindo com a maior tensão muscular as teclas das extremidades de um instrumento encordado de tons que só vibravam no diapasão das resas ou das blasphêmias.

(*) O individuo cujo centro vital e consciente está no seu *corpo astral*, tem a consciencia de suas existencias anteriores, ao passo que o que se escravisa ao corpo physico não pode ultrapassar os limites do plano natural. A morte physica é a vida espirital numa esphera superior. Os principios não morrem, só *desapparecem* as fórmias.—(THOMAZ HARTMANN—*A vida finita e infinita*).

Armava diariamente fantásticos navios, de uma esquadra de piratas enamorados, para partir com elles em demanda da ilha encantada, de que possuia o roteiro traçado em sonhos, na esperança de encontrar ali o fabuloso thesoiro do seu grande ideal. E queria levar-nos tambem, por esses novos mares nunca dantes navegados, sem perceber que nessa ilha, como a que o Dom Quixote promettera ao seu fiel escudeiro, os cavalleiros da utopia seriam forçados a desencilhar o *Rossinante*, lerdo e ossudo, já esfalfado para poder galopar nas verdes campinas, pelo mallogro das *altas cavallerias* na plannura encochilhada dos preconceitos burguezes.

Não vejam, os da geração que se levanta agora, para os quaes escrevo de preferencia isto, porque os do meu tempo darão o testemunho de que não exagero; não vejam no fantástico perfil real deste meu amigo e conterraneo, — uma apparição de além-túmulo, visão infernal rodeada dos attributos endemoninhados que aterroram, desprendendo chammas de fogo azul e rubro, em nuvens de fumo saturadas de cheiro de enxôfre, mixto de Arimano e Mephistópheles...

Elle era um homem de carne e osso como qualquer de nós, mas submettido, bem contra a sua vontade, a todas as contingencias da vida humana. O seu defeito capital consistia em não viver como todos vivem, podendo repetir, si se lembrasse de escrever a sua autobiographia, o que Byron poz na bôca de *Manfredo*: — «A minh'alma não se communica com a dos outros; eu não tenho delles as esperanças nem as saudades, e muito menos compartilho das suas ambições e vaidades».

Admirado por uns, escarnecido por outros, a todos causando espanto, Arthur de Oliveira conseguiu o que só raríssimos podem alcançar: uma reputação incontestavel e uma popularidade em toda a linha dos intellectuaes, dentro e fóra da patria. As suas idéas eram exclusivamente *suas*, completamente emancipadas da influencia das idéas alheias, que combatia, com argumentos tambem exclusivamente *seus*.

Eram igualmente *suas* as novas doutrinas que pré-gava, tanto sobre religião e sciencia como sobre letras

e artes; e tão suas, que com elle morreram, apagando-se-nos da reminiscencia, como que se volatilizando no nevoeiro da nossa saudade, sem que possa um só de todos nós, os seus companheiros de todos os dias (e noites abreviadas em claro), conseguir reproduzil-as com fidelidade, embora elle as expoesse com tal claresa, tamanha valentia e tanta convicção, que a todos empolgava, não se atrevendo ninguem a ousar pôl-as em prática, e muito menos contestal-as.

Poeta, sem versos; pintor, sem telas; esculptor, sem estátuas; músico, sem partituras; navegante, sem navio; sonhador acordado, ninguem idealizou mais bellos poemas, mais melancólicas marinhas, ou mais vivos quadros de natureza morta, levantando monumentos que furavam as nuvens, orchestrando óperas de opulentos scenarios, emprehendendo arriscadas viagens a paizes longínquos e incógnitos, percorrendo solitario e sobranceiro os mundos de todos os systemas planetarios pelo infinito a fóra... sem sahir nunca de dentro do seu sonho!

Na descripção do mais simples episodio, enxertava-o de tão transcendentés minucias, era tão convincente a sua argumentação lógica e suggestiva, emprestava tamanha vida aos caracteres que pintava, derramava tão prolongada vibração nos sons que feria com a voz, e tanta luz espalhava nas largas paizagens que scenographava, que o extraordinario se metamorphoseava no natural: e nós víamos e ouvíamos aquillo tudo, que a sua excepcional idealisação creava nas névoas indecisas de uma imaginativa cortada de relámpagos que ziguezagueavam na escuridão de uma tempestade.

Acredito que nunca mais encontrarei, no resto do meu caminho pela crôsta deste planeta, uma figura que se possa comparar á d'elle, com o seu enorme talento e a sua estupenda erudição, em tão verdes annos, que lhe permittiam discutir medicina com os mais conceituados clínicos, jurisprudencia com os mais acatados juriconsultos, mathemática com os luminares da engenharia, como André Rebouças ou Eubank da Câmara, e economia política com os nossos maiores financeiros, como o Visconde de Mauá, que me pediu um dia que lembrasse ao Arthur o artigo que lhe promettera escrever sobre a carteira cambial.

Ainda mais: estava intimamente familiarizado com todas as escolas da Arte nas suas múltiplas modalidades, acompanhando-lhe os primeiros passos na Índia e no Egypto, quando a palma pagã ainda floria nas pétreas mãos da architectura, explicando qual foi daquelles povos o que estabeleceu realmente em seus moldes as imitações.

Elle sabia de cór centenas de versos das epopéas sânscritas, — do *Mahabarata*, de Viasa, e do *Ramayana*, de Valmiki. Demonstrava como a arte está na propria natureza humana, que cada povo tem a sua maneira especial de interpretar-a, mas sempre de harmonia com seus sentimentos e idéas, representando importante papel, na essencia da sua iniciação conjectural, o mysterio religioso, que é o que determina essas analogias e differenças provenientes de diversas origens.

Encontrava na arte egypcia toda a solidez e força, o predomínio das fôrmas brutas da materia, que entranham no pantheismo o poder das suas Divindades. As esphinges colossaes; as altas columnas, e os esguios obeliscos, no pórtico dos edificios; as caprichosas fôrmas dos capiteis; os confusos hieroglyphos; as esculturas talhadas nos granitos de Speos; as profundas cavidades dos funerarios hypogeus, de amplas e espaçosas galerias escuras cobertas de mysteriosos baixo-relevos artisticamente burilados; as Pyrâmides gigantescas, que desafiam a lenta e destruidora passagem dos séculos, tudo revelando nesse povo o sentimento da immutabilidade como principio eterno da infinita sabedoria de Deus.

Passava em revista as obras primas da pintura, remontando-se á monochroma, que reproduzia apenas a obra do cinzel, passando então para aquellas figuras sem as proporções das fôrmas nem o contorno das linhas, quando o Egypto ainda desconhecia as leis do desenho, da combinação das sombras e das regras da perspectiva, com as suas modificações apparentes para a determinação das distancias convencionaes, mas já assim demonstrando a rijesa e severidade da morte, a delicadesa dessas physionomias imperturbaveis na perennal immobildade: os braços cruzados ao tronco, os pés cravados no chão, dolorosa e triste a expressão do semblante.

Entrava triunphante nos dominios da música, que, embora seja de inferior importancia para o estudo archeológico, jogava mais forte com o seu vibratil systema nervoso. Entrava em cheio no assumpto, dizendo que Deus nos deu a linguagem articulada para a manifestação dos nossos pensamentos, e a linguagem rythmica dos sons para a suprema expressão do sentimento e fiel transmissão das nossas commoções.

— «Antes de pensar, sentimos», — dizia elle. É o vagido de dor que desprendemos ao nascer, não é sijnão a primeira nota dessa linguagem que balbucia o canto eterno que entoamos até ao *ai* da última agonia. O som da nossa voz tem a sua íntima essencia na expressão dessas sensações em que a palavra é impotente para interpretal-as. A criança não precisa da phrase, que ainda não sabe pronunciar, sijnão do ruído cadencioso para exprimir o riso e o pranto, e com elle todas as sensações que experimenta. E é assim que, depois de homem, na posse da linguagem e do pensamento, se serve das inflexões musicaes para exprimir a alegria e a dor.

Kastner, o célebre músico, no curioso livro que escreveu sobre *Os Gritos de Paris*, de conformidade com o occultista Colombat, na sua classificação dos gritos de dor nos impulsivos, gravosos, lancinantes, inflammatorios, etc., diz: — «No grito produzido pela applicação do fogo, a vítima deixa ouvir terceiras maiores, a mediana e a tónica; o grito produzido pela acção de um instrumento cortante, dá intervallos de décima, e algumas vezes os sons chromáticos comprehendidos num intervallo de quarta augmentada. O grito das dores pulsativas forma uma sexta maior, descendo chromaticamente sobre a dominante; o das dores lancinantes dá a oitava, sobre a qual o paciente faz uma especie de trémulo horrivel. Os gemidos vibram de alto a baixo, produzindo terceiras menores misturadas com intervallos de tons e meios tons. O da tosse violenta produz um salto de intervallos de quarta justa; e o do parto é notavel pelo intervallo consideravel de uma décima-séptima maior».

O que quero demonstrar, com esta esotérica transcripção, é que, si a música é meio de expressão para a dor physica, tambem o é, e com maior efficacia, para

todos os sentimentos que agitam a alma em suas nobres inspirações. Por isso, tinha razão o Arthur quando dizia que « a música deve ser considerada como a palavra das almas sensíveis, da mesma maneira porque a palavra articulada pode ser considerada como a linguagem das almas intellectuaes ».

Diz Villoteau, na sua *Analogia da Música com a Linguagem*: — « A música não foi inventada pelos homens, apenas foi descoberta por elles. Esta arte nos veio directamente de Deus: foi Elle que a inspirou ás suas criaturas, estabelecendo os principios e as regras de conformidade com as nossas necessidades. Elle ouve todos os sons do nosso coração, que é o instrumento onde vibram todos os sons da nossa sensibilidade, que revelam todos os segredos da sciencia musical ».

Em assumpto tão complexo como este, o Arthur, antes de entrar em análise demonstrativa, investigava a faculdade creadora, vendo que não se pode estabelecer, na origem de qualquer das artes, a jerarchia predominante de umas sobre as outras. A mais natural aspiração humana é poder interpretar a obra grandiosa da natureza, que entranha em todas as suas manifestações o sentimento da belleza suprema. As artes primitivas não apresentam outra origem; e d'ahi a necessidade de umas reproduzirem o poder e a força da natureza inorgânica, ao passo que outras se voltam para a demonstração dos phenômenos physicos e intellectuaes.

A Arte, porém, é uma só, embora sejam muitos os meios de que dispõe para attingir o objectivo único e exclusivo que se propõe: — ostentar na fórma sensitiva a obra immaterial do bello na Creação. A arte da palavra nas fórmas rythmicas da poesia, é a primeira por excellencia, elevando ao throno de Deus a elegia e o hymno. As religiões e o culto erguem os templos; e é a architectura a arte central, assumindo supremacia sobre as outras, que lhe são inferiores e dependentes.

A obra architectônica é acompanhada, no recinto sagrado, pela pintura, a esculptura e a música, como simples accessorios, á maneira de adornos. Os sacerdotes do Egypto são os depositarios dos mysterios do templo e dos thesoiros da sabedoria; são elles os guardas cuidadosos da observancia do culto e da cega reverencia do sacerdo-

cio, meios estes que lhes asseguram um poder discricionario sobre a consciencia collectiva. E', pois, incontestavelmente a architectura, como arte motriz do claustro e das liturgias, a que mais se expande no âmbito dessa atmosphera em que só se aspiram as idéas materialistas do pantheismo.

Nesse periodo confuso das artes, o sentimento só é explicado pelas crenças dominantes de uma época que limita suas impressões, que nellas constituem a sua independencia, apresentam maior ou menor importancia, mediante o valor e a efficacia que possam prestar ao predominio das idéas que symbolisam em uma só a synthese da belleza.

A esphera da arte mal pode circumscrever-se a um limitado espaço; e a belleza de uma religião, de uma crença, de uma sociedade determinada, não traduz de maneira alguma a belleza da arte, que hade ser universal como o tempo e absoluta como a verdade.

Assim como a intuição e a análise deram a conhecer a índole predominante e o caracter proprio dos tempos em que as sciencias e a philosophia pairam sobre culminancias radiosas, assim tambem na esphera das creações ideaes brilham os povos cujas tendencias se manifestam nas convicções profundas do coração, na verdade transparente do ideal, na suggestão empolgante do bello, só assim podendo respirar nas regiões serenas da Arte, a vida que palpita no seio da gloria e nos contentamentos do espirito.

II

Arthur de Oliveira viajou pela Europa, onde privou na intimidade dos maiores poetas e prosadores francezes, quando apenas contava 20 annos de idade! Pouco tempo esteve longe da patria, e nunca mais voltou aos nossos saudosos pagos nataes. Tambem pouco produziu, quando ninguem dispunha de mais elementos para ser o mais fecundo dos nossos escriptores. Apenas deu ao prelo os seguintes trabalhos, notaveis para recomendar qualquer outro nome, mas infelizmente inferiores ás suas extraordinarias aptidões mentaes.

Arthur de Oliveira em 1873 publicou uma monographia carioca, intitulada *A Rua do Ouvidor*, com o pseudônimo de *Bento Gonçalves*, o chefe dos *Farrapos*. Nesse mesmo anno publicou dois pamphletos, com o mesmo pseudônimo, intitulados *Flechas*, no gênero das *Guépes* de Alphonse Kar. Em 1879 escreveu e fez imprimir uma *These de Concurso*, para disputar a cadeira de lente de rhetórica, poética e literatura do Imperial Collegio Pedro II, sendo nomeado, depois de defendel-a na presença do Imperador. A defesa não foi brilhante, como se esperava, devido ao seu estado nervoso, que lhe embargava as phrases, obrigando-o a gesticular, com o olhar angustiado, o que muito nos penalizou, a mim e ao Sylvio Romero, que sentiamos não poder abrir aquella válvula que não deixava conhecer a quantidade de vapor que permanecia em ebulição na caldeira da sua eloquencia. Um dos concorrentes prevaleceu-se daquillo, para disputar a cadeira, mas o Imperador, que pelo pouco que elle disse percebeu o muito que elle sabia, exigiu do ministro a merecida nomeação.

Havia anteriormente publicado alguns artigos literarios, de que me lembro apenas destes: — no *Correio Pernambucano*, em 1871, no *Combate*, do Rio de Janeiro, em 1877 (todos firmados com as suas iniciaes); e tres folhetins, na *Gazeta de Noticias*, em 1877, tambem com as mesmas iniciaes (A. O.)... E nada mais!...

Mais nada?... E como conseguiu, então, apenas com isso, ser aclamado o primeiro dos nossos intellectuaes do seu tempo? — da maneira mais simples, como se vai ver:

Sabendo mais do que todos os outros, e a todos se impondo pelo talento e a erudição. Produzindo muitíssimo mais do que os que mais produziam, embora não transmittisse ao papel essas estupendas conferencias diarias, de horas e horas, sobre qualquer assumpto, ora nos cafés, ora no gabinete dos estudiosos, ora na ante-sala da Câmara dos Deputados ou do Senado do Imperio, de onde quasi sempre sahia de braços dados com o con-

selheiro José Bonifácio, (*) ou com o conselheiro Pedro Luis, seus íntimos amigos e admiradores ferventes.

Transformava outras vezes as ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro em jardins athenienses, ou de Alexandria, como aquella em que a formosa Hypathia, no esplendor da mocidade e aureolada de sabedoria, leccionava mathemática, philosophia e astronomia, applaudida delirantemente pela mesma multidão que pouco depois a assassinou, a pauladas, satanicamente instigada pelo patriarcha Cyrillo, canonisado pela igreja cathólica, que com o seu excessivo zelo provocou as mais violentas desordens, fazendo condemnar no Concilio de Epheso os nestorianos, que começavam a propagar a sua doutrina.

E mais nada sei dizer delle, o Arthur de Oliveira! porque, para descrevel-o tal qual era, fôra preciso poder limitar o illimitado. As fantasias do seu cérebro podiam ser contadas pelo número das areias do mar, das flores da terra ou das estrellas do ceu! A technologia do seu vocabulario era tão abundante e bizarra como a pompa da fauna e a exuberancia da flora das nossas maravilhosas florestas. — «O proprio Theóphilo Gautier, com a sua prodigiosa e exactíssima técnica universal, não lograria imprimir, no forte e polido mármore do seu estylo largo e impecavel, uma idéa fiel delle. Elle congela e petrifica os *ohs!* e os *ahs!* da nossa admiração. Desvaira, suffoca, embriaga, convulsiona, subjuga e prende-nos ás brônzeas cadeias de seus ferozes e estupendos enthusiasmos!».

III

Menino ainda, em Porto Alegre, sendo seu pai comandante do vapor que fazia a carreira entre a capital e Taquary, o Arthur não quiz um dia ir ao collegio, re-

(*) Arthur, tres dias depois de casado, foi visitar José Bonifácio, em Nictheroy, e lá ficou durante a semana inteira. Enquanto os senadores estranhavam a falta do representante paulista, cuja presença se tornava necessaria ás conveniências politicas, a esposa via assim enublada a sua *lua de mel...* entrementes os dois, inteiramente esquecidos de tudo, discutiam literatura e arte, dizendo versos e levantando os seus castellos no ar...—M. T.

solvido a fazer a viagem daquella semana. O pai oppoz-se, elle discutiu; mas, vendo que da discussão nem sempre nasce a luz, escondeu-se... na caixa de uma das rodas lateraes do navio, que era pouco mais ou menos como as actuaes barcas de Nictheroy.

O commandante Oliveira, que bem sabia do quanto era capaz o seu único filho varão, (*) mandou o pessoal de bordo procural-o em todos os camarotes e até mesmo no porão do navio, só dando ordem de levantar o ferro depois de verificado que o menino não estava a bordo. Mas, logo aos primeiros movimentos das rodas, cahiu um corpo humano da pá de uma dellas, onde se escondera o endiabrado collegial, que mergulhou na escumrada que perolisava as mansas aguas do Gua-hyba...

A custo puderam salvá-o, tirando-o d'ali quasi afogado, numa prolongada asphyxia, que o obrigou a conservar-se no leito durante dois ou tres dias. Muitas outras diabruras poderiam ser contadas, si lhe quizessem dar á meninice um capítulo especial em nova edição do livro sobre as *Infancias Célebres*. O meu propósito, porém, é outro. Assim passou Arthur de Oliveira os primeiros annos da sua curta existencia, conservando-se na terra natal até aos 17 annos de idade.

Mandado um bello dia para o célebre Collegio do Caraça, em Minas Geraes, no anno da graça de 1868, o Arthur tornou-se logo de chegada o encanto e o terror dos eruditos padres, que se mostravam assombrados diante de tamanha precocidade do menino gaúcho. Tornou-se dentro de poucos mezes o primeiro alumno em todas as disciplinas, e o último em comportamento. Parecia um Satan illuminado pelo genio! como disse Castelar de Byron.

Arthur distinguu-se particularmente nas aulas de francez e latim. Falava e escrevia correctamente o allemão desde a infancia, recitando com êmphase versos de Goethe, Schiller e Heine, de preferencia *O Sino* e *A Luva*, dando relevo ás onomatopéas daquelle, que parecia repicar numas sonoridades de oiro ou dobrar plangente

(*) Arthur tinha apenas uma irmã, que se casou com um médico e veio residir no Rio de Janeiro, onde falleceu.

nuns gemidos de bronze. Parecia um fino parisiense quando falava na lingua de Racine; e cantava os *Psalmos* de David, durante o banho matinal, lendo Vergilio *sub tegmine fagi*, pois sabia de memoria, não só este final do primeiro verso das *Eglogas*, como também todas as *Geórgicas*, em cuja derradeira estrophe ainda se estende voluptuosa e convidativa a sombra da immortalisada faia, embora o gênero das cupulíferas mineiras, attingindo maior altura e ostentando mais copada fronde, tivesse differente denominação e muito mais numerosa familia vegetal.

Arthur falava-me sempre, com saudosas e vivas recordações, dos seus doirados tempos de collegial no Caraça. Contou-me a poética lenda do mysterioso peregrino que o fundara, na segunda metade do século XVIII, que os padres professores diziam ser um dos illustres membros da desventurada e nobre familia Távora, atirada pelo iracundo Marquez de Pombal ás prisões e ao patibulo. O fundador daquelle instituto indígena (que parecia um viveiro de intelligencias, onde se implumavam poetas e estadistas), conseguira escapar ao deshumano processo da justiça de El-Rey D. José I, vindo refugiar-se naquelle solitario recanto de uma das nossas capitánias.

E tomou então o nome de *Irmão Lourenço*, adquirindo finalmente aquella sesmaria de terras, da região aurífera e diamantina, onde erigiu uma capellinha com os proprios recursos, e auxilios que esmolava sob a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Vieram mais tarde os missionarios da Congregação de S. Vicente de Paula, e ali installaram, em 1851, o Seminario de Estudos Ecclesiásticos, que a tradição popular envolveu em poética lenda.

O viajante que se aproxima daquelle tranquilla solidão, vê ao longe o altaneiro edificio que se levanta e demora no amplo planalto, de forma circular e fechado por extensa muralha de pesada cantaria bruta, com uma linha de palmeiras na frente e escuro arvoredó ao fundo. **É um severo mosteiro, de construção sólida e no estylo dos Jesuitas no tempo colonial, com vastissimo terraço, escadaria e balaustrada, o templo no centro, e duas alas iguaes nos flancos, parecendo esperar a vinda de**

um novo Manuel Antonio de Almeida, para descrever a sua majestosa expressão de solennidade claustral, com tintas tão vivas como aquellas com que coloriu as suas *Memorias de um Sargento de Milicias*.

Ha o destino dos individuos, traçado nas linhas da palma da mão, como a sciencia esotérica explica no ramo da chiromancia; mas o que nem todos sabem é que tambem ha o destino das habitações, das ruas, das cidades, das nações e dos planetas, como a theosophia ensina na demonstração da lei que identifica o mundo moral com o mundo physico, estabelecendo com precisão algébrica um rigoroso cálculo em que é observada a lógica dos phenômenos reflexos.

Arthur de Oliveira, que tudo investigava, na insaciavel sêde de conhecer a alma das coisas, teve a intuição deste singular phenômeno esotérico, quando disse: — «Entre os sitios e os espíritos ha affinidades electivas intensas e mysteriosas, como os sentimentos indefiniveis. Por onde passo, vou deixando pedaços de mim mesmo; e sempre que me lembro do que já fui, como que reintegro o meu proprio eu, na plenitude da personalidade». (*)

A casa onde passámos a infancia deixa uma indelevel impressão no nosso espirito, que a povôa, nas horas de saudade, das visões amadas dos seres que trazemos dia e noite commosco, no âmago do coração. Os poetas da Escandinavia, por mais longe que errassem dos píncaros da sua septentrional península, diziam ouvir sempre os sons do campanario da ermida onde se ajoelhavam para resar. Eu tambem sinto ainda nos meus ouvidos um mysterioso éco das vozes de meus Pais e meus Avós, dos quaes penso escutar as lentas passadas nos longos corredores e desertos salões do velho sobrado da estancia da Estrella, onde vivi feliz no doce conchego da familia durante a minha infancia, como si trouxesse dentro de mim uma dessas rumorejantes conchas de caramujo, que, por mais longe que estejam do mar, conservam no bôjo a repercussão dos rumores oceânicos.

(*) Tópico do artigo de Arthur de Oliveira sobre o livro de poesias *Sombras e Clarões* de Mucio Teixeira. Rio, 1877.

Foi nesse santuario de silencio e mysterio que a alma juvenil de Arthur de Oliveira se embeveceu numa religiosidade mystica, que devia tornal-o um fervoroso crente, que soube conservar sempre acceso no templo do coração o lampadario da fé, e isto numa época de scepticismo em que a mocidade brasileira fazia ostentação das idéas mais livres em religião e política. Era tambem monarchista, e tinha a coragem de dizer em voz alta que o era, quando todos os nossos companheiros pareciam querer desmoronar o throno e o altar, a golpes de phrases retumbantes e inflammados versos alexandrinos:

Feitos os seus estudos preparatorios num abrir e fechar de olhos, appareceu o Arthur repentinamente na cõrte do Imperio, trazendo no olhar um não sei quê das savanas natalicias a contrastar com as alterosas montanhas onde penduraram o ninho os poetas da *Inconfidencia*. Vinha disposto a bacharelar-se em direito na escola de S. Paulo; e aguardava apenas as ordens paternas para seguir para a Paulicéa, quando um industrial allemão estabelecido em Porto Alegre convenceu o commandante Oliveira de que era preferivel mandar o rapaz para Berlim, onde poderia matricular-se na mesma Universidade em que se formaram Goethe e Heine.

Seguiu o joven rio-grandense para o paiz dos limoieiros em flor e do lendario Rheno, onde as loiras e enamoradas *madchen* cantam a balada da taça do Rei de Thule. De lá escreveu isto, em carta dirigida a seu pai, na despreocupaçãõ de que viesse em dia a ser lida por outrem: — «Pela minha última carta falei-lhe do método que sigo, do programma dos meus estudos, do tempo que devia empregar para a capacidade da minha profissão, que não deve sobrepassar de tres annos, das minhas despesas aqui e da maneira como gasto e applico o que me resta fóra do necessario».

O bom do velho pai devia naturalmente arregalar os olhos, recuando de espanto, ou dar uma gargalhada que lhe oxygenasse a alma, ao ler aquelle *método que sigo*, e a sybillina capacidade daquella *minha profissão*... para retomar em seguida a sua habitual seriedade, assim que chegou ao ponto transcendente das *minhas despesas aqui*... «e da maneira como gasto e applico o que me resta fóra

do necessario»... Só quem o não conhecesse, poderia ter a ingenuidade de acreditar em tão irônica vontade de ter método, profissão e economia.

Demonstra em seguida no que empregava os 75 *thalers* da sua mesada, «sem contar as muitas miudesas que se é obrigado a satisfazer neste paiz onde se paga imposto até por um suspiro»... E acrescenta: — «Tenho praticado com muitas familias respeitaveis allemãs, e estudado o character e a índole deste bom povo. O allemão é disfarçado, maligno, sarcástico... As moças, desembaraçadas em alto grau, são de uma força inaudita para esvasiar as algibeiras de um pobre homem». — Percebe-se claramente, neste último tópico, como pagava elle o pesado imposto dos suspiros... que o respeito ás cans paternas o obrigou a singularisar de maneira discreta e cautelosa.

Ha, porém, sinceridade no seguinte período: — «A prática com as familias allemãs é de grande proveito: aprende-se muito e não se corre o risco de cahir nas mãos d'algum ábutre, ou no embrutecimento das *Halles* e *Caves*, onde se fuma e bebe-se como no inferno. Eu, até hoje, ainda não pude beber cerveja, (*) o que é aqui o supra-summo do incrível e a maior aberração humana. Nos hotéis (não pense que os hotéis são como os do Brasil) não se bebe agua, que é um líquido que não se conhece em Berlim, sinão para o banho. Aqui os recém-nascidos se aleitam com cerveja branca, e outras drogas como *Moitrank* e *Polla*. Os allemães têm sempre alguma autorisada opinião para buscarem nella os seus costumes e tendencias. Assim, para provar que se não deve beber agua, elles dizem: — *Schon Doctor Luther spricht, Wasser that's jrelinch nicht*».

Ouçamol-o ainda, nos seguintes períodos da mesma carta: — «A minha proprietaria é uma bôa mulher, amavel e bondosa. Assim, dou graças a Deus de ter cahido nas suas santas mãos. Ella não fala uma palavra de francez (que eu falo correctamente) e obriga-me a falar-lhe *sprach deutsch*, a lingua allemã, e a cantar *Die Wacht*

(*) Arthur de Oliveira detestava as bebidas alcoólicas. Tomava café no inverno, limonadas no verão e agua ás refeições.—M. T.

am Rhein (a guarda do Rheno). O entusiasmo está no seu auge neste momento. (*) As tropas que ficaram em França fizeram a sua entrada no dia 16. A côrte e todos os reis da Allemanha achavam-se ao lado do bom rei Guilherme. Não se pode caminhar. *Unter den Linden* é um inferno, onde saltam em convulsões mulheres de todas as idades e profissões.

O barulho e a multidão têm o dom de me immobilisar hoje. Prefiro o isolamento, a leitura de alguns bons livros que trouxe de Paris, e que alguns homens distinctíssimos, aos quaes fui apresentado, me offereceram, a esses doudos vaivens da multidão e da população que esmaga, comprime e abalrôa de encontro ás tropas, só para ver passar o rei, o Sr. de Bismarck, Roow, de Moltk e outras personagens da mesma especie...

A minha bôa amiga Mme. Schumacker convidou-me para uma partida de campo, que é aqui excellente e necessario durante o tempo da festa, o que aproveitei de bom grado. Cantou-se, fez-se música, todos os mestres e todos os *virtuoses*, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Haydn, Bach, Mendelssonhn, Wagner, Lange, Weber, Straus, e tantos outros que fazem a delicia do mundo inteiro, passaram pelo excellente *Erard* de Mlle. Welleska.

Eu fui condemnado a recitar algumas poesias de Hugo e tiradas de Molière (*L'Avare*, *Le Misanthrope*) e Ronsard. As moças bebiam como homens, e eu, para não ficar desconsiderado, tive de inventar uma historia horripilante para convencel-as dos graves motivos porque não bebo cerveja».

Esquecia-me dizer que para Arthur chegar a Berlim teve de passar por Paris, onde fez coisas pantagruélicas!... Basta dizer que appareceu elle na capital da patria do *Champagne* e do *can-can*, das *coquettes* e *cocttes*, precisamente quando rompeu a guerra, em que os frívolos e effeminados franceses, não faziam outra coisa sinão bradar: — *A Berlim!* — sem nunca sahir dos *boulevards*, onde se acotovelavam com as Venus de dez francos para os crioulos e vinte libras para os ame-

(*) Esta carta é datada de 29 de Junho de 1871.—M. T.

ricanos... enquanto os sizudos e varonis allemães, levando na patrona ou no fôrro do capacete o mappa da França, atravessavam silenciosos o Mosa, para receber em Sedan a espada de Napoleão III.

Desencadeada a tempestade de fogo e sangue, que arrebatou o throno do segundo imperio e afugentou as espavoridas aguias que voaram tão alto no tempo de Bonaparte, assim que os proprios franceses começaram a incendiar Paris, o nosso juvenil compatriota, allucinado de enthusiasmo e sublime de heroismo, no meio dos **communistas, offerecia o peito ás balas da gendarmerie**, realisando assim uma das mais bellas páginas do sonho hugoniano — o *Gavroche*, «le gamin de Paris, spirituel, moqueur, mais plein de bravoure et de générosité».

Começou assim a extraordinaria serie das suas singulares aventuras na Europa. E si na patria do *Chancelier de Ferro* não conseguiu sentar-se nos bancos universitarios, foi simplesmente por ser preso, por dar *vivas* á França nas ruas de Berlim, no momento histórico da victoria allemã na guerra de 70!... O nosso ministro plenipotenciario naquella côrte teve de intervir, e só depois de trocadas notas diplomáticas é que Arthur foi posto em liberdade, com a condição de sahir immediatamente do territorio allemão.

IV

De novo em Paris, a primeira idéa que se empo-leirou no cérebro de Arthur, foi ver Victor Hugo, que acabava de chegar do exilio, onde permanecera durante quinze annos. Assim que o moço gaúcho soube que o sol da inspiração havia rompido as nuvens do horisonte ainda enfumaçado pelos fachos da Communa, correu á residencia do formidavel poeta e insigne prosador, sendo-lhe dito pelo porteiro que o Sr. Victor Hugo não estava em casa.

Nada mais natural. Arthur mordeu os beiços, retirando-se sombrio, para voltar no dia seguinte a bater á porta daquelle templo da sua adoração, onde queria ajoelhar-se diante da divindade palpitante de genio e gloria. Bateu... a mesma resposta da véspera. Des-

confiou, então, ou antes, teve o presentimento de que o porteiro mentia, transformando assim o Olympo da sua idealisação num inferno guardado por um cão. E espancando o Cérbero, rompeu em ameaças e improperios, sacudindo a bengala como si esgrimissem um florete.

Victor Hugo, estranhando tamanho escândalo á sua porta, quiz averiguar o que seria aquillo. — Era o que o nosso Arthur queria! Recuou de espanto, quasi rolando a escada, avançou de um pulo, até chegar perto da sua divindade, e curvando humildemente a fronte radiante de alegria, disse:

— Perdão, Senhor! Basta. O que eu desejava ardentemente era vel-o de perto. Retiro-me em paz...

— Isso não... agora, ha de ter a bondade de dizer-me o seu nome e a sua procedencia.

— O meu nome é tão obscuro que não vem ao caso. O' illuminado Mestre! Imagine o maior poeta do mundo que o mais humilde sonhador do Brasil, um paiz de selvagens, como se diz nesta culta Europa, entendeu de si para si que estar em Paris sem ver Victor Hugo seria o mesmo que ir á Roma e não ver o Papa.

— Venha cá, entre, meu joven amigo. Quero ter a tisação de ouvi-lo, nesse seu francez tão correcto como o do mais refinado parisiense, apenas denunciando pelo sutaque ser estrangeiro o que fala assim tão bem.

E o nosso audaz compatriota entrou desembaraçado e radiante naquella cathedral accesa, onde os fieis que iam de toda parte do mundo, os imperadores e os poetas de alto renome, como D. Pedro II e Heriberto de Quevedo, todos ficavam pálidos e trémulos ante a majestade augusta do pródigo de idéas, que parecia a estatua imperturbavel do genio sobre o seu pedestal de epopéas.

E no vasto salão, adornado de grandes retratos e bustos do maior poeta do seu tempo, ali, onde se via que os mais afamados pintores e estatuarios haviam se esmerado na cópia fiel da physionomia leonina do soberano da poesia, começou logo a mais animada e encantadora palestra entre os dois, Victor Hugo e Arthur de Oliveira! não se podendo dizer qual era delles o que se mostrava mais admirado, si o joven atrevido dian-

te do velho immortal, si o maravilhoso e marilhado ancião ante tão insinuante e extraordinario rapaz.

Arthur estava radiante de alegria e sublime de audacia!... Pudera! si realisava naquelle instante um dos mais teimosos desejos da sua desvairada fantasia! E falava, como si estivesse no grupo dos amigos íntimos. E recitou estrophes de *Les Orientales*, de *Les Voix Intérieures*, de *La Légende des Siècles*, de *L'Art d'être Grand-Père*. E scenas do *Hermani*, do *Cromwell*, do *Le Roi s'amuse*. E episodios do *Burg-Jargal*, de *L'Homme qui rit* e de *Les Misérables*, sem esquecer tópicos do *William Shakespeare*, — o homem oceano!

Disse coisas estupendas! obrigando Victor Hugo a mudar de cor e dar saltos no seu *fauteuil*, de olhos arregados ante o ineditismo de tudo aquillo. O endiabrado rapaz parecia aquelle homúnculo da rainha Victoria, que tinha corda para vinte e quatro horas... E como a lisonja nunca foi planta que brotasse da sementeira de seus labios, teve, a par de apreciações synthéticas, irreverencias selvagens!...

Atreveu-se a dizer que não gostava de *Napoléon le petit*, nem de *Les Chatiménts*, porque «aquellas vergastadas de luz feriram a face da Imperatriz Eugenia... e um poeta não faz uma mulher chorar». — E foi por ahi adiante, nesse tom atrevido, sem se lembrar de que nem todas as verdades se dizem, quanto mais a quem só pretendia dizer a verdade. — E que a *Notre Dame de Paris* é uma cathedral sem Deus!».

Ouvindo o nosso Arthur dizer isto, Victor Hugo estremeceu, talvez de remorso... e ficou perplexo, como que apavorado. Confessou que nunca tinha pensado naquillo... que era assim mesmo, como elle dizia, uma cathedral... sem Deus! Que a critica, mesmo a mais implacavel, como a de Mirecourt, não percebera isso, que realmente era essencial; E agradeceu ao Arthur o ter-lhe aberto os olhos de maneira a entrar-lhe no coração.

Arthur, que até então não havia sahido de dentro do seu sonho, ouvindo aquellas palavras do mestre, cahiu em si e arrependeu-se de ter ido tão longe. Hugo, comprehendendo o seu embaraço, e encantado com tamanha sinceridade, tranquillizou-o carinhosamente, acabando por dizer-lhe que só o deixaria sahir, depois d'elle com-

prometter-se a voltar no dia seguinte, que era o das suas recepções semanaes. Queria tel-o á sua mesa, ouvi-lo de novo, apresental-o á familia e aos amigos da casa.

No outro dia, á hora marcada, o nosso juvenil compatriota, fino *gentleman*, não se fez esperar. Apresentou-se de ponto em branco, estreado uma casaca irreprehensivel, cuja negrura mais destacava o alvíssimo linho do peito da camisa, onde ardia um brilhante cercado de pequeninas pérolas, conforme a moda do tempo. Hugo tomou o seu lugar, á cabeceira da mesa, onde a branca toalha empallidecia ao brilho dos crystaes e porcellanas douradas a fogo, os talheres com finos arabescos e debuchos bizarros no cabo, encimados pelo monogramma que valia mais que muitos brazões hieráldicos.

A' direita do soberano mental sentou-se o meu conterraneo, seguindo-se Théophilo Gautier e Gustavo Doré. A' esquerda sentaram-se François Coppé, Theodore de Banville e o célebre biblióphilo Jacob, o único que não era poeta nem artista, mas distincto polygrapho. Seguiam-se as pessôas da familia, entre as quaes se destacava Paul de Lacroix, secretario perpetuo do Instituto de França e genro de Victor Hugo.

Desenrolou-se tão animada a conversação, que dentro de poucos instantes já chamavam por *tu* áquelle singular estrangeiro, que com todos se mostrava tão familiarisado. Arthur era um tentador, um feiticeiro, que os encantava, conhecendo-os um por um, citando versos e períodos inteiros dos seus livros em prosa, com perfeito conhecimento do assumpto; e quem sabe si até do proprio Jacob não repetiu eruditas anotações?... O mais interessante é que foi elle, o nosso patricio, quem fez os maiores gastos de eloquencia em tão gloriosa assembléa.

Terminado o jantar, a palestra continuou nas outras salas e no proprio gabinete de trabalho (onde o mestre escrevia sempre de pé), prolongando-se a reunião olympica até a meia-noite. Ao sahirem, disputavam todos a companhia de Arthur, instando cada um para que entrasse na sua carruagem. E de então por diante elle só era visto, nas ruas ou cafés, ao lado de algum delles,

principalmente de Gautier e Doré, que se tornaram seus íntimos amigos.

E' digno de nota especial o seguinte episodio das originalíssimas aventuras de Arthur em Paris: numa das vezes em que palestrava com Théóphilo Gautier e Gustavo Doré, num café, este, que não perdia um só dos seus gestos onomatopáicos, acompanhados dos repetidos esgares da tigrina e maleavel physionomia de tão mirobolante *causeur*, traçou-lhe rapidamente a caricatura no mármore da mesa.

Arthur, que gesticulava epiléptico, de pé, no ziguezague das suas constantes danças macabras, assim que deu com os olhos arregalados naquillo... que era para elle uma ignominia, recuou, agachou-se e deu um bote-felino, feroz e ameaçador, bradando:

— Mato-te! si não riscas isto...

— Lembra-te, meu selvagem, que eu ainda não caricaturei um homem que não fosse um immortal!

— Mas nem por isso a caricatura deixa de ser a prostituição da cara!...

— O' filho da loucura! (bradou Gautier — que te fiz eu, para que me não attendas?!... Vamos, acalma-te, *pere de la foudre!*)

E... si não fosse a intervenção do seu «grande e divino Théo», a coisa correria risco de ter um trágico desfecho pelas armas.

V

Um bello dia reapareceu-nos o nosso saudoso Arthur de Oliveira. Voltava á patria sem um pergaminho de doutor, ou de simples bacharel ao menos, mas vinha precedido de uma reputação que o fazia *primus inter pares*.

Começou por mandar-nos, logo de chegada, riscar dos dictionarios vernáculos a palavra *nostalgia*, cuja mysteriosa etymologia se afunda nos mares mythológicos onde nunca cantaram sereias e muito menos cysnes moribundos, que morrem silenciosos, sem um pio.

Demorou uns mezes em Pernambuco, na convivencia de Annibal Falcão e Generino dos Santos, a riscar

phósphoros de ineditismos na escuridão das tolhas diarias e revistas hebdomadarias do Recife, até que finalmente veio fixar a residencia na côrte do Imperio, de onde, de vez em quando, dava uns passeios a S. Paulo e Minas, com escalas por algumas fazendas da provincia do Rio de Janeiro.

Nunca mais, porém, voltou ao nosso Rio Grande do Sul, embora regasse de lágrimas a rôxa flor da saudade, numas doces recordações saturadas dos aromas *que-rencias* dos nossos *pagos* nativos. Falava-me sempre da nossa bella e gloriosa cidade guahybense. — « Já estou com o pé no estribo, para dar um galope até lá » — dizia-me muitas vezes: — « Sigo hoje mesmo! não, não posso ainda... mas vou amanhã, ou depois d'amanhã, o mais tardar »... E aquelle *hoje mesmo*, invariavelmente seguido daquelle *amanhã*, ou *depois d'amanhã*, ia sempre sendo adiado para um amanhã, que por sua vez era transferido para *depois*... sem nunca mais voltar a Porto Alegre.

Depois... infelizmente casou-se. Digo infelizmente, porque esse casamento não podia deixar de ser infeliz, como foi. Desposou uma viuvinha de 30 annos de idade, graciosa, faceira, rica e mal educada. (Posso talar assim, porque ella acaba de morrer, quasi quarent'annos depois da morte d'elle). Si a Marilia de Dirceu, que dizem ter amado o seu enamorado cantor, sobreviveu mais de meio século ao poeta que lhe immortalisou as donairosas graças, não admira que D. Chiquitota, em cuja larga existencia Arthur occupou tão passageiro papel, continuasse a viver folgada e milagrosamente, sempre faceira, rica, e venturosa a seu modo.

O casamento, tratado em 1876, ia sendo adiado, como o regresso aos lares, até que no fim do anno seguinte, sendo-lhe formalmente exigido o cumprimento da palavra empenhada, lá foram elles, de braços dados pela igreja a dentro, até á presença do vigario da freguezia de Sant'Anna, diante do qual proferiram, ajoelhados nos degraus do altar, o *recebo a vós*, que quasi o fez perder a voz...

Logo no dia seguinte começou a luta sem tréguas, que tanto lhe amargurou a existencia. Elle... como já sabemos; ella... caprichosa como todas as moças ricas.

Além disso, morena, graciosa, elegante, de olhos grandes e pestanudos, as sobrancelhas arqueadas, um narizinho assim como o de Cleópatra, e as narinas vibrantes, sobre um leve buço de andalusa. E sabendo da grande desgraça de Victor Hugo e Napoleão na vida íntima... e lendo Balzac, e Flaubert, e Zola...

Eram positivamente dois seres que se repelliam, em obediencia á theoria dos *círculos applicada á força eléctrica humana*, demonstrando como o amor se governa por leis fixas, com as quaes a nossa vontade nada tem que ver. — «Cada um de nós (diz Marie Corelli), anda pela terra acompanhado por um *annel eléctrico universal*. Quando o nosso annel encontra outro, fórma então um só, como si as duas almas se identificassem». — Estes anneis attrahem-se ou repellem-se, produzindo assim o amor ou o ódio. No segundo caso, devemos romper o affecto, porque os círculos eléctricos não se combinam.

Foi o que aconteceu. Tres mezes depois, cada um seguiu para o seu lado, só mais tarde se encontrando de novo, já nas vésperas da morte d'elle, cuja energia estava esgotada pela tuberculose, mostrando-se indifferente a tudo e a todos. Parentes e amigos trataram daquella reconciliação, mas essas duas naturezas antagônicas não podiam levar a cruz do matrimonio ao cimo do mesmo Calvario.

— Amei a mulher de Balzac! (disse-me elle um dia); e accrescentou: — «Mas a mulher de Balzac não deve ser a nossa mulher. Podemos querer tel-a dia e noite comnosco, nas ruas, nos theatros, dentro de casa, mas sem nunca leval-a á igreja. A igreja é um degrau da escada por onde subimos ao ceu do christianismo: e aquella mulher é uma tentação pagã!»

Amou só essa vez na vida, ou para melhor dizer, pensou que amava... pela primeira e última vez! A mulher que lhe causou tamanho desatino tambem pensou que o amava, quando o que sentia não era mais que uma irresistivel fascinação passageira, que a dominava, sem satisfazel-a. Isto ouvi de seus proprios labios, sequiosos de beijos, que não fossem d'elle... E dizia coisas que faziam lembrar as palavras de Alcibíades a Sócrates:

— «Tapo os ouvidos, como se faz com as sereias e fujo o mais depressa possivel; si não quero ficar ali ao

lado d'elle, a envelhecer a ouvi-lo falar! Só esse homem me faz experimentar o sentimento da vergonha, que, penso eu, ninguém suspeitaria em mim... E sinto na sua presença a incapacidade absoluta de contradizer o que elle diz, ou de recusar fazer o que elle me aconselha; mas quando me afasto d'elle, allucina-me a gloria que a multidão lhe tributa!

Por isso tujo e escondo-me d'elle, e quando o vejo, sinto uma grande humilhação, por não ter feito o que lhe disse que devia fazer, e muitas vezes tenho desejado até que não mais elle fosse visto entre os homens... Mas se isso viesse a acontecer, sei bem que me causaria uma dor maior ainda; de modo que não sei para onde me hei de voltar nem o que hei de fazer com um homem destes... Tudo isto me tem feito a flauta desse Sátyro!

E observe como elle se parece com o que digo, e que maravilhoso poder é o que possúe. Ninguém conhece a sua verdadeira natureza; mas, já que comecei, eu vou explical-a. Vemos o gôsto que manifesta pela intimidade de todos os que são bellos, e como elle se faz passar por ignorante, sendo nisto bem apparentemente um Sileno. Mas isto é a fórma exterior de que elle se reveste, como um desses Silenos escondidos; porque, si o abrirmos, encontraremos dentro temperança e sadoria admiráveis.

Elle pouco se importa com a simples belleza, antes despreza mais do que se pode imaginar todos os bens exteriores, quer sejam fortuna ou gloria. Vê essas coisas, e a nós mesmo que as honramos, como nada. Vive entre os homens fazendo de tudo que estes admiram objecto da sua ironia. Eu não sei si os mais viram alguma vez as imagens divinas que estão dentro d'elle, quando se abre e fala seriamente. Eu vi-as, e achei-as supremamente bellas, divinas, maravilhosas!»

VI

O nosso commum amigo Teixeira de Sousa, (*) disse-nos um dia que estava preparando as malas para ir

(*) Dr. José Eduardo Teixeira de Sousa, distincto médico e inspirado poeta.

a Paris. Arthur, batendo-lhe no hombro, disse-lhe, com a maior sinceridade: — «Logo que lá chegares, naturalmente irás á casa de Molière, o nosso querido e picaresco Poquelin! Pois bem, assim que entrares, ajoelha-te, que estás dentro de um templo. E si ao te ergueres, deslumbrado com os fulgores da divindade da Arte, pisares no callo de alguém, ajoelha-te de novo, que pisaste no callo de um genio!»

Jantávamos, uma vez, Lopes Trovão, Aluisio Azevedo e eu, num restaurante barato da rua Uruguayana, ao lado do Alcasar, quando nos appareceu o Arthur, que só tomou assento á nossa mesa depois de indagar si estávamos na altura de poder pagar mais um jantar.

O *garçon* que nos servia era um rapaz alto, loiro, muito magro e com umas suissas de fios longos e oscilantes. O guardanapo em punho, o avental muito branco a contrastar com a negrura das calças, que o agitavam, na fúria de correr de uns para os outros lados, attendendo aos numerosos freguezes.

— *Psio!* (bradou o Arthur): — *O relâmpago de suissas!*...

Estourou uma gargalhada em toda a linha. E o rapaz espantado, sem saber o que queria dizer aquella phrase sibyllina, attendeu immediatamente ao *psio*, com um ar aparvalhado e interrogativo, até que de repente ceou alma nova, ao reconhecer o nosso amigo, pois não havia em toda a cidade *garçon* que o não adorasse, já pelas tradicionaes pilherias, que andavam de bôca em bôca, já principalmente pelo generoso *pourboire* com que os gorgeteava, sempre as suas complicadas finanças o permittiam.

Eu saboreava umas grandes azeitonas cor de café com leite, com o voluptuoso epicurismo de um prisco atheniense; o Trovão rilhava com trovejante appetite um bife com ervilhas, e o Aluisio ia trinchando automaticamente uma pomba grelhada com batatinhas fritas, quando o Arthur, que mal se tinha sentado, se ergue de um salto, como que impellido por uma mola eléctrica, atirando bruscamente a cadeira de pernas para o ar, com estardalhaço, o olhar faiscante cravado na columbina ten-

tação, e a dextra cerrada com o indicador apontando a aza já cortada da mensageira bíblica, que assim não poderia voltar do Ararat á arca de Noé, e bradou, ameaçador e prophético:

— «Suspende, miseravel!... (Voltou-se para o Trovão): — E tu tambem, Zé Lopes?!... ó discolo!... (Chegou a minha vez): — Bandido! ó *minuano!*... Si continuas a devastar as azeitonas, como costumas devastar a vinha do Senhor, deixas-me a ver navios, que é o que se vê quando não se vê nada. (*) O' Mucio! tem piedade desse garfo, que trabalhou mais do que a burocracia nacional das 9 ás 3. Vê que as azeitonas são poucas, e o meu appetite é muito».

Voltou-se para o Aluisio: — «Olha! quando soarem clangorosas as trombetas de que falam as prophcias, e chegar a tua vez de ser ouvido no Juizo Final, um vulto indefinido apparecerá no espaço, ao longe, quasi roçando nas nuvens do ceu, e começará a rolar e a crescer, rolando e crescendo vertiginosamente como um corpo planetario, até cahir sobre a tua cabeça coroada de vermes e branca da última pá de cal... Sabes? é esta pombinha, que não poderá voar do valle de Josaphat, desde que lhe cortaste uma das azas, porque o pássaro sem azas é como o homem castrado, ou a mulher que sai das mãos do Abel Parente. (**)

— E tu, ó douto Doutor José Lopes da Silva Trovão, ó meu retumbante Tronílopes!... O' onomatópico e pantagruélico filho da tempestade! sabes como serás punido, ou para melhor dizer, *justificado?*!... O Altíssimo, o Todo Poderoso, sem saber mesmo como possa castigar tamanho delicto, arrependido de ter feito á sua imagem e semelhança o animal que come os animaes... Deus, sempre piedoso e sempre Deus! com pena de atirar-te ás urtigas, em paz e ás moscas, no mais profundo do inferno, ha de olhar-te de cima para baixo, gastando mais tempo em examinar-te da cabeça aos pés do que o que

(*) Estas comparações, de tão repetidas, tornaram-se banaes; mas n'aquelle tempo, ha mais de quarenta annos, novinhas em folha, brilhavam de originalidade.—M. T.

(**) Célebre médico do tempo, que exterilizava as mulheres por um processo que produziu varios processos.—M. T.

levou em fazer o mundo, e apontando-te o penúltimo círculo traçado pelo Dante, repousará fatigado, debruçando-se ao teu hombro, para perguntar-te ao ouvido: — Pois tu comeste mesmo o *petit-pois*?!»...

Outra vez, estava eu com o Ferreira de Menezes, o Joaquim Serra, o Joaquim Nabuco e o Lins de Albuquerque, (*) á porta de uma confeitaria da rua do Ouvidor, quando passou por nós o Arthur, sem parar, que ia offegante, ás carreiras, abanando-se com o chapéu, de lenço em punho, a enxugar o suor da testa. Instado para que parasse um instante, voltou-se e bradou, num largo gesto: — «Não posso, é impossivel! Como é que ainda a gente anda vestida nesta terra? Desvaira-me a canícula senegalesca! o nosso clima faz ferver a agua da bahia da Guanabara: cheiram todos á carne assada!... Vou perder-me... na curva de uma banheira. Adeus!» — E desapareceu.

Antes que me esqueça: elle não começava narração alguma sem primeiro jurar *pelo umbigo de Leão XIII*, o papa da sua admiração, a quem chamava de Divino Poeta, Iluminado Pastor, Magno Pontífice, Estadista com E maiúsculo, *Lumen in celis*! E expliccava aquelle juramento, dizendo que o umbigo, desde que é a última parte do corpo humano que fica ligada ao ventre materno, é por conseguinte o órgão sagrado, segundo os preceitos do budhismo.

Arthur de Oliveira, na sofreguidão com que investigava tudo, leu naturalmente os grandes mestres do Occultismo, sendo este juramento a prova d'isto, pois H. P. Blavatsky, na sua admiravel obra *Isis sem veu*, diz: — «Os bráhmanes collocavam a consciencia astral no umbigo, o que tambem fizeram Platão e outros philosophos. O versículo IV do segundo hymno do *Nâbhâ-nedishtha* diz assim: — «Ouvide, ó filhos dos deuses! o que fala pelo seu umbigo (nâbhâ) e vos saúda em vossos lares». Muitos orientalistas concordam em ser esta uma das mais antigas crenças induistas. Os modernos

(*) Ferreira de Menezes, advogado e jornalista, era um dos chefes da campanha abolicionista; Joaquim Serra, o poeta dos *Quadros*, escrevia no *Paiz os Tópicos do dia*; Joaquim Nabuco, orador e deputado, tambem chefiava o partido da abolição; Lins de Albuquerque, o poeta das *Fleções e realidades*, redigia *O Mequetrefe*.

fakires, como os antigos gymnosophistas, concentram o pensamento no umbigo e permanecem immoveis, em contemplação, para identificar-se com Atman e *unir-se á Divindade*. (*)

Estavámos outra vez a palestrar no fundo de um café, na rua do Ouvidor, em uma das nossas habituaes assembléas de íntimos, em que era sempre maior o número de assistentes, que a curiosidade prendia ás mesas adjacentes, como que ali hypnotisados pelo poder mágico do Arthur, quando o *reportier* Paula Ney (que tinha a constante preocupação de imitar o nosso amigo nos gestos e nas phrases), disse, com o premeditado intuito de lisonjeal-o, que dançara na véspera uma deliciosa valsa de Chopin...

O Arthur encarou-o com o olhar faiscante, o beijo trémulo, as mãos crispadas, medindo-o de alto a baixo e dos pés á cabeça, com soberano desdem. E irrompeu: — «O' díscolo! ó vampiro! ó tu... que tens de humano o gesto e o peito, e que de humano não tens mais nada! sabes que blasphemaste?!...» (E voltou-se para nós): — Pois ha quem possa dançar, ouvindo Chopin, sem logo cahir tonto na primeira pirueta, morrendo ali mesmo, fulminado por um dos raios vingadores do Olympo?!... (E voltou-se de novo para elle):

(*) O moderno somnambulismo tambem considera o umbigo como «o círculo do Sol e assento da divina luz interna». Muitos somnambulos vêem, ouvem e cheiram pelo umbigo, e isto não é simples coincidência com as primitivas praticas, sinão a prova evidente de que os sabios antigos superavam os modernos académicos em conhecimentos de psychologia e physiologia. Ainda hoje os hypnotisadores persas, que o vulgo continúa a chamar de magos, manipulam sobre o umbigo para ficar em estado de clarividencia e responder as consultas que lhes são feitas sobre roubos, objectos perdidos e assumptos de intrincada resolução.

Diz um traductor do *Rig Veda* que os modernos *parsis* crêem que os adeptos da sua religião têm no umbigo uma chamma, cujo resplendor dissipa toda escuridão e lhes mostra as coisas distantes do mundo physico e as invisiveis do mundo espirital. Chamam a esta chamma a *lâmpada do deshtuz* (summo sacerdote) e tambem de *Luz do dikhtuz* (iniciado), além de outras denominações.

O oráculo de Apollo estava em Delphos, cujo nome deriva de útero, ou abdomen, e ao recinto do templo davam o nome de *omphalos* (umbigo). Os symbolos eram femininos e de significação lunar, o que nos faz lembrar que os arcadianos ou prehelêcos foram anteriores á época em que se introduziu na Jonia o culto lunar. M. T.

— O que se deve fazer, ouvindo aquellas valsas ou os seus nocturnos, é dobrar os joelhos e cruzar as mãos, de olhos cerrados na embriaguez de um êxtasis, como que saboreando a volupia de um vôo celestial, ouvindo as harmonias incógnitas das esferas nos sons dessa divina música do poeta dos madrigaes metrificados na profundeza do sentimento. Si as proprias pernas das bailarinas de profissão se cruzam, como os dedinhos das crianças em oração, quando a *Marcha Fúnebre* do célebre pianista e inspirado compositor varsoviano, cuja melodia é um vinho de notas vibráteis e vibrantes, que nos vai embebedando a alma enquanto o corpo fica suspenso nas azas da commoção!

— Olha... toma! (e atirou-lhe o chapéu, a bengala, os *níckeis* que achou no bolso do collete, as notas de cinco e dez mil reis que tinha na algibeira das calças, o casaco, a gravata, o collarinho, os punhos da camisa), e já começava a desabotoar o collete, disposto a dar-lhe até a propria camisa que vestia, quando bradámos em côro: — Basta, basta! — (Recomeçou, então, a vestir-se, dizendo): — «Vês? dou-te tudo! até a alma do Fausto, que Mephystópheles me emprestou esta noite, num club onde Falstaff bancava a rolêta, ou o pudor de certas mulheres, quando olham para todos os lados antes de entrar em casas de tolerancia... tudo isto é teu, mas com a condição de nunca mais na vida dançares valsas de Copin!»

VII

Arthur de Oliveira era monarchista e cathólico, em uma época de scepticismo e democracia. Admirava Pedro II e Leão XIII, os luminares do throno e da igreja. Só tirou o retrato, depois de muita reluctancia, por imposição paterna, numa photographia de Porto Alegre, quando tinha 17 annos de idade, nas vésperas de embarcar (*)

(*) Conservei essa photographia até 1906, quando me foi furtada do album, vindo eu a saber mais tarde do seu paradeiro. Foi parar ás mãos de Arthur Azevedo, que se comprometteu a devolvê-la, assim que tivesse mandado reproduzi-la; mas o portuguez, encarregado disso, não só deixou de fazer reproduzi-la, como de restituí-la, o que aqui fica bem patente, para que não continue a gabar-se de que lhe fôra offerecida pelo Arthur. M. T.

para o Rio de Janeiro. Nunca mais permittiu que lhe tirassem photographias, porque «o retrato é a edição barata da face humana (dizia) e não quero ter a minha cara ao alcance de todas as bolsas».

Não bebia, sinão agua ás refeições, café amiudadas vezes no inverno e limonadas no verão. — «Estás no regimen do Arthur», — dizia-me o Annibal Falcão, quando eu regeitava a cerveja e o vinho, preferindo o delicioso succo do limão.

Tinha, porém, o vicio de jogar, e jogava mais do que as barcas de Nictheroy em dias de resaca. A roleta era o jogo da sua tentação. Passava noites em claro, ao tilintar das fichas de madreperola sobre o tunesto panno verde de números fatídicos. E gesticulava ferozmente, os olhos esbugalhados, os beiços trémulos, a respiração offegante, o aspeito angustioso, mudo, lívido, compungido, dando saltos na cadeira sempre que perdia a parada, ficando extático quando ganhava. E levantava os braços, como os musulmanos ao curvar a fronte diante dos sacerdotes mahometanos, ou os maçons quando chamam em seu auxilio os *filhos da viuva*, permanecendo sombrio, a olhar com raiva para os bafejados da sorte.

Era tambem supersticioso. Acreditava, como Santo Agostinho, no poder kabbalístico dos Números, e no valor esotérico e exotérico das palavras, «o poder maravilhoso do Verbo», dizia elle. Acreditava tambem na efficacia das orações, dos conjuros e das pragas, dos talismãs, das *benzeduras* e do *mau olhado*. Tinha visto o gaúcho curar a bicheira dos cavallos, por um simples processo *mandingueiro*, e sabia que as *chinas velhas* dos nossos *pagos* curam o cobreiro aspergindo agua-benta com um ramo de arruda, fazendo cruces com tinta de escrever, e a repetir tres vezes a *Ave-Maria* de traz para diante.

Conhecendo theoreticamente o fakirismo oriental, partia dos primitivos ritos búdhicos até chegar ás práticas africanas, ainda hoje adoptadas na Bahia pelos nossos pretos e mulatos em *candomblês*, ou pelos espíritas desta capital, que já lhes emprestam uma fôrma menos empirica, tanto nas pancadas das mesas giratorias como nas

experiencias de levitação e desdobramento do *medium*. Lêra *A Doutrina Secreta* e a *Isis sem veu* de Blavatsky, *A Philosophia Esotérica da India*, pelo brahma Charim Chatterji, os compendios e tratados de Chiromancia e Cartomancia, desde o *Tarot des Bohémiens* até o oráculo de Napoleão.

Tinha presentimentos prophéticos, que se realisavam com a maior precisão. Coisa que elle dicesse com raiva, acontecia mesmo: era *uma bôca de praga*, como dizem as beatas, benzendo-se (o que observei com uma mulher, que tentou regenerar, na evangélica missão do seu apostolado de *Dom Quijote*). Acreditava nos sonhos da madrugada, que sabia interpretar como o propheta Daniel. E tinha amiudadamente pesadelos shakespearianos!... Predisse a morte prematura de alguns poetas e prosadores da nossa intimidade: o Carvalho Junior, brilhante cantor do *Jardim das Hespérides*; o Lins de Albuquerque, o humorista do *Mequetrefe* e poeta das *Ficções e Realidades*; o Ferreira de Menezes, que escreveu *Os Apaixonados* e *O Noivado da Morte*; e todos elles morreram cedo.

Transfigurava-se, então, num hierophante, cujo olhar tinha o sinistro fulgor dos olhos da sacerdotisa de Delphos, na fúria interpretativa dos oráculos. Explicava a maneira como, nos tempos de Amnon, Atriphario e Dodona, em que não só praticavam mulheres, como também gallos e pombas, depois das ceremonias preparatorias do ritual eram communicadas as sibyllinas respostas. Remontava-se a Pistor (o padeiro), assim cognominado por ter advertido aos romanos que os vira em sonho cercados no Capitolio pelos gallos, atirando-lhes pães feitos da farinha que lhes restava, o que fez com que elles perdessem a esperança de tomar a praça pela fome.

Disse-me um dia: — «Eu acredito em sonhos. A noite passada sonhei: vi um horisonte constellado de bicos de gaz; uma serpente enorme pairava na immensidade luminosa, como o albatroz dos mares na branca flor da escuma das vagas do Pacífico. De repente, o horrendo reptil desprendeuse da abóbada diamantina, pregando duas cabriolas como um funámbulo malabrez por cima das minhas espaduas. Um frio agudo inteiriçou-me a espinha. Depois, a monstruosa serpente estendeu-

se a meus pés, como um grande lebreu branco em um repente de entusiasmo lyrico, offerecendo-me um *bouquet* exótico, olhei: a fabulosa Pithon tinha-se transformado em um flexivel chicote de couro cru. Compreendi o symbolo. Eu devo ir á eternidade, sem deixar de existir na curva poeirenta desta vida, com os que me admiram, — e são muitos os fieis de Panurgio».

Como se percebe claramente, na incongruencia das imagens e no fundo mordaz da interpretação do symbolo, ha uma trágica ironia contra a legião que se deixava arrastar pelas suas constantes e geniaes allucinações, chamando aos seus suggestionados admiradores de carneiros de batalhão, embora sem o cruel propósito com que o personagem do *Pantagruel* de Rabelais se vingou do negociante de carneiros, a quem, por lhes reconhecer a índole imitativa, comprou um delles e atirou-o ao mar, para que os outros se precipitassem atraz, como aconteceu, sendo o proprio dono arrastado pelo último, afogando-se assim com todo o seu rebanho.

O Arthur conhecia o segredo de dizer umas coisas inesperadas, rutilantes e quentes como raios do sol em dias de verão, dizendo-as de um modo como ninguem mais o sabia fazer, como si embandeirasse navios de flámmulas multicores, encebasse mastros de cocagne, soprasse flautas de taquara, ou soltasse girândolas de foguetes de lágrimas luminosas, num espoucar retumbante de rôlhas de garrafas de *Champagne*. E transfigurava-se, ficando bello como si fosse um filho dos deuses, ao descrever esses sonhos de ouro sobre azul, ou esses pesadelos de rios de chumbo derretido, a correr entre barrancos íngremes e altos, como os que o Doré pinta no *Inferno* do Dante. E inflammava ao sopro das suas paixões uns colossaes incendios de navios á noite no alto mar, em latitudes incógnitas, sem lanternas accesas nos mastros nem estrellas no ceu. Tinha «a fúria insaciavel de Torquemada (a phrase é delle) e a memoria inesgotavel de Pico de la Mirandola».

Parecia estar, impaciente, a esperar que Ovidio voltasse do seu eterno exilio de gloria, para metamorphoseal-o no cabreiro de Coretas, imitando as suas cabras que saltavam e berravam de um modo estranho na en-

trada da caverna que havia perto do Parnaso, em cuja profundidade ousou penetrar, pagando a imprudente curiosidade com os turbilhões da loucura que fez d'elle um propheta. E evocava o testemunho de Eschilo, que na tragedia *Euménides* nos dá a evolução oracular até chegar á trípode das Pythonisas, que applicavam o ouvido a uma das cornetas do altar para escutar a voz dos sacerdotes apollineos, o que tanto apavorou mais tarde o joven poeta Lucano, em Córdoba; e levou Themístocles, de Athenas, a dizer em Sparta a Eurybiades (que o ameaçou com o seu bastão de commando): — Bate, mas escuta; — e revelou-lhe a resposta do oráculo, em que confiava cegamente, ensinando-lhe a maneira de se defender *com muralhas de madeira*.

Contava-nos tambem a historia da velha estrangeira que quiz vender a Tarquinio, o Soberbo, o sétimo e último rei de Roma, — os *Nove Livros*, que dizia serem os oráculos das Sibyllas. Pareceu ao rei demasiado o preço que ella pedia, a velha foi-se, e queimou tres volumes da grande obra, voltando com os seis restantes, pelos quaes pediu o mesmo preço. Tarquinio riu-se da exigencia, a velha retirou-se outra vez, e queimou mais tres volumes, tornando de novo ao rei, pedindo-lhe o mesmo dinheiro pelos tres últimos que restavam. Isto impressionou tanto ao soberano, que em seguida mandou chamar os seus augures, consultou-os sobre o que devia fazer, e estes, depois das cerimoniaes do estylo, lamentaram a imprudencia commettida na impiedade da recusa de um thesoiro que lhe havia sido enviado pelo ceu.

Ordenaram, então, os augures ao rei que dêsse á mysteriosa velha quanto ella pedisse pelos tres livros que restavam. A mulher recebeu o dinheiro em moedas de oiro e entregou os preciosos escriptos, recomen-dando muito que fossem guardados a sete chaves, sendo em seguida nomeados dois cavalleiros da muito poderosa ordem dos Rosa-Cruzes para a sua guarda, e encerrados num subterraneo do Capitolio, só podendo ser consultados por ordem especial do Senado, em occasião de alta importancia.

Já alludi aos pesadelos shakespearianos do nosso grande Arthur. Eis um delles: — Jantando em uma

fazenda do municipio de Barra Mansa, assim que um dos escravos lhe servia o prato de sôpa, encarou-o e empalideceu, tacteando, trémulo, quasi sem poder segurar a colher. O fazendeiro perguntou-lhe si se sentia mal, respondeu que sim, erguendo-se, dizendo precisar urgentemente falar-lhe em particular. Foram para o vão de uma janella, e o hóspede segredou-lhe o seguinte: — « Aca-bo de ver no branco do olho daquelle negro o signal designativo do crime! Nem preciso examinar si o seu pollegar termina em bola, ou si a linha da sorte, na geographia da palma da mão, toma a direcção do monte de Mercurio...

— Não te comprehendo, Arthur...

— Não ha a mínima dúvida, meu amigo, aquelle teu escravo é o typo do delinquente de Lombroso, segundo as theorias de Gall e de Lavater. Sabes que mais? elle já pensou em assassinar-me, hoje mesmo!... Aquelle prato de sôpa bem pode estar envenenado: ha venenos tão subtis como o dos Borgias, ou o que foi ministrado a Paracelso, no copo de cerveja, ou o do figo que Clemente XIV comeu, no Vaticano!... Olha, esta noite, quando todos já estiverem dormindo, elle entrará no meu quarto, pé ante pé, empunhando um punhal, ou de pistola engatilhada...

— Tranquilisa-te, meu amigo; estás enganado. Aquelle moleque é cria da fazenda, conheço-o desde pequeno, é o pagem da minha inteira confiança, que exerce simultaneamente as funcções de copeiro. Não pode ser nada do que dizes, tu estás sonhando acordado.

— Então... elle ainda não esteve em Fernando de Noronha?

— Não, nunca sahiu d'aqui.

— Pois aqui é que eu não fico mais nem um instante. — E dispunha-se a sahir immediatamente, quando o seu grande amigo e admirador, Barão da Barra Mansa, resolveu mandar o escravo em questão levar um recado urgente a não sei quem, fazendo servir o jantar por outro.

Naquelle mesma noite, já de madrugada, o hóspede acorda sobresalteado: aquelle negro, abrindo com uma gazúa a porta do quarto, avançava, a passos leves e lentos, na direcção do leito de Arthur... que saltou

de um pulo, engalfinhando-se logo com elle, prendendo-o com a sinistra pela garganta, a estrangulal-o, enquanto com a dextra lhe dava sôccos e murros na cara no supremo desespero de quem se vê obrigado a matar para não morrer!...

Viu a gazúa, que o negro se esforçava por querer manejar, tomou-a, e com ella esfuracou-lhe o cráneo, de onde irromperam os miolos, salpicando-lhe o rosto de sangue e massa encephálica... Começou, então, a metter os dedos por aquelles buracos, a puxar-lhe os músculos orbiculares, frontaes e pyramidaes, os zygomaticos, articulares e occipitales... horror!... E acordou, ainda mordendo o travesseiro, já esfrangalhado pelos seus dentes, que arrancaram d'ali a paina, que se lhe empapava no suor do rosto...

Poucos mezes depois aquelle escravo era preso, por tentar contra a vida do fazendeiro.

VIII

Indo de uma feita ao Tribunal Judiciario, onde Arthur entrou pela primeira e última vez, não sei que difficuldades encontrou nos meandros daquella repartição, que não havia meios de poder sahir do labyrintho das rêdes da chicana, cada vez mais emaranhado na teia onde formigam tantas figuras patibulares de advogados de portas de xadrez, escrivães e escreventes juramentados, solicitadores, officiaes de justiça, meirinhos e beleguins.

O que eu sei é que, ao ver-se livre daquillo, que o reteve durante horas e horas, para ver si era possivel encontrar uma petição que dera entrada sem ser escripturada no livro da porta, uma vez fóra dali, de onde sahiu espavorido, a todos perguntava:

— Vocês sabem o que é o fôro?!... Nunca mergulharam naquellas aguas agitadas e sujas?... Pois não haverá mesmo ninguem, nesta heróica e leal cidade de S. Sebastião, que me saiba dizer, pelo amor de Deus Nosso Senhor Jesus Christo, isso que Luis de Camões de certo não diria ser melhor de experimental-o que julgal-o?... Pois não haverá mesmo ninguem neste mun-

do que saiba dizer para que serve aquelle manicómio e penitenciaria de portas escancaradas? Pois então, eu direi, meus amigos e meus respeitaveis senhores, eu em verdade vos digo que aquillo é... é... ora vão lá saber o que é aquillo! — «Imaginem a hypérbole de uma caixinha de alfinetes cujas cabeças tivessem enlouquecido!»...

Precisando uma vez, sem perda de tempo, ir a uma cidade do interior, onde se achava gravemente enferma uma criatura amada, que reclamava a sua presença, passou o dia inteiro numa afflicção inenarravel, forçado a esperar a hora do trem, que só partia ás 5 da manhã.

Sentiu pela primeira vez na vida não ser rico, ou possuir ao menos os fabulosos thesoiros enterrados no morro do Castello, ou na gruta dos Martyrios (em Matto Grosso), já que não dispunha na occasião da quantia precisa para tomar um carro especial da Estrada de Ferro D. Pedro II, que o levasse arrebatadamente, naquelle mesmo instante, da estação central ao ponto desejado; e deu antecipadamente dez mil réis ao creado do quarto do hotel, onde tomou aposento naquella noite, para que o accordasse á hora conveniente.

— Olhe que eu tenho o somno pesado (disse-lhe), costumo falar dormindo. Ouviu? Assim que eu disser: — «Já estou acordado, já vou», — você não se retire nem acredite no que eu disser, continúe a bater á porta até ver-me abril-a. Está ouvindo? Ora veja lá o que faz.

Assim aconteceu. Mas o Arthur, em vez de abrir a porta para agradecer-lhe o cabal desempenho da melindrosa incumbencia, abriu-a... mas foi para atirar as botinas sobre o pobre homem, bradando, em estado somnambúlico: — espera, bandido, que eu já te faço em postas!... (Voltou tranquillamente para o leito, e dormiu a bom dormir até ás 11 do dia).

Extremunhando ainda, assim que abriu os olhos á implacavel realidade, vendo que ainda teria de passar mais um dia e uma noite em tamanha afflicção, passou um telegramma pedindo noticias da pessoa enferma, e dizendo que partiria infalivelmente no primeiro trem, teve,

então, as lamentações de Jeremias e as iras de Saúl. Passou o dia inteiro sombrio e tétrico como o *Hamleto*, monologando pelas ruas a sua odysseia de desolação.

Lembrou-se, de repente, que havia numa loja da rua da Quitanda um admiravel *despertador*, preferivel aos mais obedientes e corajosos creados de hotel. Era realmente um relógio interessante, que elle desembrulhou para que eu visse; tinha annexo um engenhoso aparelho, representando um soldado allemão, que á hora marcada tocava a corneta, vibrante como um clarim em campo de batalha, e em seguida sacudia as vaquetas, tocando um tambor que rufava tão forte como os silvos das locomotivas.

Correu com elle a rua do Ouvidor, para mostral-o aos amigos, com o remorso atenuado pela confiança que lhe restava de poder assim tomar o trem com a maior segurança. Instalando-se no hotel que havia ao lado da estação, não precisou de mais nada sinão collocar á mesa de cabeceira um prato com uns grãos de milho, em cima dos quaes poz o seu disciplinado tambor-mor.

Deu graças aos deuses que lhe proporcionaram tão vigilante camarada, na impossibilidade de sacrificar-lhes o gallo de Sócrates, ou o cão de Cornelio Agrippa. Deitou-se cedo, e adormeceu com a serenidade dos justos.

Mas... este *mas* é de cortar o coração! Assim que o soldado tocou a corneta e começou a rufar o tambor, que parecia aquelle que a anedota poz atraz de Catharina da Russia, quando assistia da janella do seu palacio ao desfilar das tropas em grande uniforme; o nosso dormilão, espreguiçando-se, estirou com tanta força os braços, que com um delles atirou ao chão o valente soldado, até então firme no seu posto, espalhando os grãos de milho e os fragmentos do prato pelo quarto em penumbra. Foi um barulho infernal, como o que fazem os actuaes deputados no Congresso, parecendo vir abaixo o ceu velho... como dizem as velhas que crêem no ceu e no inferno. Pois, apesar de tamanha bulha, elle voltou-se para o outro lado, e continuou a dormir.

No terceiro dia, para não enlouquecer si ainda mais uma vez perdesse o trem, passou em claro a noite in-

teira, commigo e o nosso conterraneo Fontoura, (*) até 1 hora num restaurante, onde ceámos, e de então até amanhecer a perambularmos pelas ruas e praças da adormecida cidade colossal, encontrando então o nosso querido Lins de Albuquerque, (**) que ás tres e tanto da madrugada batia desesperadamente á uma porta commercial da rua da Carioca, muito embriagado, como sempre andava, e ainda mais convencido de que estava batendo á porta da sua residencia, accusando o pai e as irmãs de terem um somno de pedra, quando ali dentro não havia viv'alma, sinão no pavimento superior.

Tivemos difficuldade em convencel-o de que a sua casa ficava a grande distancia, na rua Senador Pompeu, antiga dos Principes, onde morou muitos annos, e na qual veio a fallecer, poucos annos depois, em 1886.

— Vocês estão enganados, meus amigos, — diziamos o Lins...

— Enganado estás tu, — repetiamos nós, — estamos na rua da Carioca.

— Da Carioca?... e deu uma risada. — Si moro aqui, ha tanto tempo, nesta casa, como não hei de conhecê-la como as palmas das minhas mãos?!...

Arthur segurou-o pelo braço, e levámol-o á pharmacia mais próxima, no largo do Rocio, sendo-lhe ministrada uma forte dóse de ammoníaco, cujo sabor cáustico e cheiro picante fizeram-no espirrar como um caprino ao cí. E cuspiu, fazendo tregeitos, com náuseas, mascando improperios e queixas, a engrolar nomes feios contra os amigos pérfidos que o calunniavam, chamando-lhe bêbedo, quando elle bem via que estava na rua Senador Pompeu!...

Melhorou, como por encanto, e ria, a bom rir, da comedia que acabava de representar na inconsciencia de uma formidavel carraspana. Amanhecemos os quatro na estação da Estrada de Ferro, e só assim o Arthur pode finalmente tomar o trem, que em poucas horas o conduziu ao seu destino. Antes, porém, de tomar o trem, bravejava:

(*) Fontoura Xavier, o poeta das *Opalas*, que actualmente é embaixador do Brasil em Lisboa.

(**) Poeta e folhetinista, que morreu moço.

— «Ah! nervos! tenho ímpetos de denunciar-vos *coram populo* á opinião esclarecida do meu organismo. Si não o faço, si vos não levo de rôjo pelos tremedades da accusação, acreditai-me, ó músculos incrédulos! é pela simples razão de que sou um cidadão pacífico: não matei D. Sebastião, não incendiei Moskowa, não empalmei o jardim do Campo da Acclamação, nem raptei a Estrella d'Alva!».

— Bravos! — bradou o Lins: nem sorveste de um trago toda a agua da bahia de Guanabara!...

— Nem da lagôa dos Patos! — disse o Fontoura.

— Nem do Oceano Athlântico! — disse eu.

— «Não! (continuou o Arthur): positivamente não sou o mesmo rapaz que se deitou hontem á noite, ouvindo a chuva tamborinar nas vidraças uma symphonia mais divertida do que todas as partituras do cavalleiro Weber. Uma mosca importuna roda em torno do meu nariz, e menos ditoso que o tio *Toby* do *Tristão* de Shandy, não consigo apanhal-a delicadamente pelas azas, levantar-me, abrir a janella, e atiral-a fóra, com este significativo aperto de mão: — Vai, minha querida amiga, não te faço mal, o mundo é assás vasto para ambos nós.

— «A zombeteira alada ri dos meus esforços, e valsando sempre, diz que eu tenho o estôfo de um bom burocrata; e que devo contar a historia dos meus dias, que passaram em menos tempo do que gastou o anjo do Apocalypse de S. João para fazer o recenseamento dos cento e quarenta e quatro mil judeus que encontrou no ceu, em estado de perfeita graça, isto é, em condições elegíveis».

IX

Arthur de Oliveira aconselhava a todos os poetas e prosadores da nossa roda que *lessem dictionarios*, pelo menos duas horas por dia. Realisava assim uma incumbencia que lhe fôra determinada pelo seu divino *Theo*. E pedia-nos encarecidamente, a mim, ao Theóphilo Dias, ao Lins de Albuquerque e ao Fontoura Xavier, que resistíssemos ás *aguas dos infinitos tobiáticos*, ao ceu de

aniê casimiriano, e aos *campos de esmeralda* onde cantava o sabiá, nas palmeiras de Gonçalves Dias.

— Si vocês querem ser o que eu quero que vocês sejam, então é acabar com isso quanto antes. E' preciso, meus amigos, dar costas á poesia *baudelaireana*, á soffredora *leopardiana*, á revolucionaria *hugoniana*, á *licenciosa* de Parny, á patriótica de Mickewichs, á *caprichosa* de Musset, á *regionalista* de Mistral e á *libertina* de Byron. E' preciso que vocês não se pareçam com nenhum delles, que cada um tenha a sua personalidade, pois os poetas que se filiam a escolas nunca poderão fundar uma escola, que é o que nós precisamos ter, neste meio em que tudo ainda está por fazer.

Queria que fôssemos *brasileiristas*, de um lyrismo simples como o da poesia primitiva de todos os povos em organização, mas de um lyrismo essencialmente *patriótico*. Detestava o verso *difficil*, as rebuscadas *rinus opulentas*, as interminaveis tiradas clássicas e fagulhantes estrophes pyrotéchnicas do nascente *parnasianismo*. Que lêssemos o *Ramayana*, para ver si havia nelle «um mixto vago e indeciso da lua de Londres na face embaciada do Tamisa, ou do sol dos trópicos no dorso escalavrado do Pão d'Assucar. O mais é loucura: ora! quem é capaz de photographar um brilhante diamantino?»

Um bello dia imaginou fundar um grande jornal diario, que devia ter um título facil de se annunciar pelas ruas, (*) que fosse essencialmente nosso, «carioca da gemma», e escripto em linguagem ao alcance de todas as intelligencias. Nada de artigos de fundo, com pedantescas pretenções doutrinarias, e muito menos a ignominia das publicações *a pedido*. E lembrou-se de intitular-o — *O Bonde*; mas, como este título tenha uma etymologia errada e absurda, e além disso não inspirasse confiança ás mãis de familia, devido á *bolinagem* dos *almofadinhas*, e muito menos ao mundo político, que exigiria outro mais apparatuso, passou o nosso jornal a denominar-se — *O Cenáculo*.

Levou o Arthur tres annos com esse firme propósito, até que lhe appareceu a morte, em vez dos accio-

(*) Naquelle tempo ainda não havia entre nós a venda avulsa de jornaes, que eram levados á casa dos assignantes, ou comprados no balcão das redacções.

nistas, liquidando assim uma empresa tão útil e lucrativa, que, sem levar em conta o transcendente alcance moral e social, só no primeiro semestre promettia um lucro liquido de mais de duzentos contos, além dos contos literarios de seus collaboradores, quando para a sua fundação não se precisava mais de uns quinze a vinte contos de réis, si tanto.

Chamo, agora, a attenção da culta Europa para o que vou dizer. Pode ser que a culta Europa não acredite nisto, mas isso pouco importa: acreditará a China, não fazendo do Japão, que já está sacudindo a cabeça em acenos de solidariedade, restando ainda a América do Norte, que é o paiz por excellencia para estes excellentes negocios. Ouçam-me, pois, os mundos, tanto o velho como o novo, que neste solenne momento vou dar á minha debil voz um tom alto e sublimado, num estylo grandioso e camoneano:

O Cenáculo, que nunca foi impresso, nem escripto, apparecia com a maior pontualidade, sendo diariamente lido e commentado por todos nós, seus collaboradores effectivos.

Eu explico: cada um de nós devia ter *uma idéa* por dia; e ai do que não a apresentase ao Arthur, assim que lhe fosse exigida!... ia logo para o olho da rua, perdendo um emprego tão rendoso... no futuro. Elle, em compensação, apresentava-nos tantas idéas quantos fossem os ideólogos presentes, tocando uma a cada um, não contando as que ficavam amontoadas nos escaninhos do seu craneo, para o que dêsse e viesse. Aquelle cérebro illuminado era um kaleidoscopio ambulante, reflectindo as cores do iris, a vibrar como um crystal ferido, na anxiedade da perfeição impossivel!

Quando Salvini representou *O Hamleto* no theatro Pedro II (hoje Theatro Lyrico), Arthur convidou-me para assistir á estréa, e fomos juntos ver a genial interpretação do caso pathológico divinamente tratado por Lord Bacon. Logo no saguão do theatro o meu amigo fez uma das suas. Estendia a mão á caridade dos que entravam um mendigo velho, de nacionalidade argentina, barbas longas e alvas, roupas esfarrapadas, olhos vivos e curiosos, que pareciam illuminar-lhe a calva ampla e lustrosa, como a do Furtado Coelho.

Arthur, parando diante do mendigo, poz-lhe na mão uma moeda de prata, de dois mil réis, que escolheu entre os *nikéis* que recolheu á algibeira do collete. O velho, pensando que o dadivoso esmoler se tivesse enganado, retirou apressado a mão fechada; mas o Arthur, pegando-lhe o braço com força, mandou que abrisse a mão, dizendo — «Não dei *nikel*, não; dei prata, e prata de dois mil réis, como te daria ouro, si encontrasse uma libra no meu bolso. Mas, já que pensaste que eu me tivesse enganado, e assim quizeste lesar-me, entrega-me a moeda!» — Recebeu-a, e foi dal-a a uma preta velha, que estava perto, do lado de fóra, dividindo os *nikéis* com os moleques que estavam parados na rua, para abrir a portinhola das carruagens que chegavam.

E tornando ao espertalhão ludibriado, que estava de bôca aberta, com um ar de aparvalhada surpresa ao ver aquillo, encarou-o, depois de contemplal-o da cabeça aos pés, e disse, batendo-lhe de leve com a mão no hombro: — «No se lo dije á usted? Caracoles! quien todo lo quier, todo lo pierde»... Passou-me a mão pela cintura, e fomos tomar as nossas cadeiras, na primeira fila.

Arthur conhecia Salvini, não sei de que cidade da Europa. Almoçara com elle naquella manhã. As nossas cadeiras eram contíguas, pude ver como elle assistia á representação com as mais vivas demonstrações de entusiasmo, o que não passou despercebido ao grande artista, que de vez em quando trocava olhares com elle. Mas, quando chegou á scena do monólogo no cemiterio... *horresco referens!*

Aquelle mestre da scena, que nos principaes lances parecia consultal-o com o olhar, quasi perdeu a compostura que lhe impunha a gravidade do momento. E porque? — pela muda mas eloquente expressão de descontentamento que então notou na onomatópica physionomia do nosso amigo. Tanto assim, que mal desceu o panno de bôca, o secretario da empresa correu em procura do Arthur, que o cavalleiro Salvini queria falar urgentemente ao egregio senhor doutor Arthur de Oliveira.

Fomos ao camarim do sarapintado heróe da noite, que estava ali desalentado. Assim que nos viu entrar, ergueu-se, cambaleante, e perguntou ao Arthur, abraçando-o e beijando-o: — Mio caro Arturo, che cosa avetta trovato sul mio lavore cosi despiacevole?

— Tutto il monólogo! — disse-lhe o meu extraordinario conterraneo, falando no idioma de Dante como si fosse um florentino. — «O teu trabalho, sempre magistral, cahiu repentinamente das culminancias do Capitolio nos despenhadeiros brutos da Tarpéa. Disseste todo o monólogo com os olhos sempre cravados na caveira. Devias fital-a, silencioso por algum tempo, como que a interrogal-a tácitamente; e assim que começasses a falar, então os teus olhos deviam erguer-se para o ceu, em procura do arcano que não pode ser desvendado na terra».

Deu um salto para traz, pisando em cheio no callo de um dos circumstantes, que se encolheu, com a dor; Arthur curvou-se immediatamente, com verdadeira angústia desenhada no semblante, dizendo: — «Este miseravel (apontou para o salto do sapato de verniz) soffre de uma myopia incuravel». — Estourou uma gargalhada geral. A propria víctima não poudo conter o riso.

Elle, então, batendo no hombro de Salvini, accrescentou: — «Vê lá!» — E recitou o monólogo inteiro, em italiano (como poderia fazel-o no original inglez), mas de maneira tal, que o proprio Salvini ouvia embevecido, como que pasmado, num verdadeiro êxtasis. Abraçou-o furiosamente de novo, beijando-o com frenesi, como costume beijar as mulheres bellas, enquanto todos batiam palmas, impellidos por aquelle rasgo de uma inspiração genial!

O célebre artista, chamando o seu secretario, mandou retirar os annuncios da peça que devia ser levada á scena no dia seguinte, substituindo-a pela *reprise* do *Hamleto*. E vinte e quatro horas depois tive a enorme satisfação de vel-o reproduzir, em scena aberta, com a mais fiel assimilação, a interpretação do nosso Arthur, de quem o artista de fama mundial assim fazia a consagração, copiando-lhe o modo extrictamente exacto, os gestos, as pausas, até mesmo a inflexão da voz. O Ferreira de Menezes, que assistira a tudo, sempre que me

encontrava, durante muito tempo, querendo saber noticias do Arthur, perguntava-me:

— Como vai o nosso *Hamleto*?

Por falar nisto, não vem fóra de propósito observar que Lord Bacon genialmente percebeu, por simples intuição, em 1590, o que a sciencia só veio a admitir, por deducção, no fim do século XIX: que a séde do hysticismo não está no útero, tanto assim, que no seu singular príncipe da Dinamarca apresentou um verdadeiro caso pathológico, que durante quasi tresentos annos provocou a zombaria dos filhos naturaes de Hypócrates.

Seguindo essa falsa corrente de idéas, o papel desse príncipe enfermo foi confiado de preferencia a grandes actrizes, desde Mrs. Bulkey, em Londres (1785); á trágica americana Bartley, em 1819; a Mrs. Shaw, em 1840; a Mrs. Marriot, em 1864; á Judith, em 1866, e finalmente á Sarah Bernhardt, em 1880. E no emtanto nenhuma dellas conseguiu eclipsar o brilho másculo das interpretações varonis, que deram a esse personagem Kemble, Macready, Talma, João Caetano, Rossi, Salvini e Mounet-Sully.

Isto me interessa de perto, porque me martyrisou desde 1873 até 1885. O caso foi este: naquelle anno, contando eu apenas 16 annos de idade, publiquei uma poesia onde ha esta estrophe:

Sou de uma compleição *hystérica* e fransina
 Sujeita ás impressões da mais ligeira idéa;
 Si hei de sentir o amor de Othelo, que assassina,
 Quero o amor que dá vida á amante, na epopéa !

Machado de Assis, numa das suas chrônicas na *Semana Illustrada*, ridicularisou este *hysticismo masculino*... expondo-me assim ao riso alvar dos ignorantes do tempo. Acreditando eu que tivesse incorrido numa censura justa, não tive remedio sinão metter a viola no sacco, sinceramente arrependido de ter dado pábulo á maledicencia da crítica em letra redonda, e dos críticos de meia tigella, que já naquelle tempo formigavam pelas esquinas e cafés. Mais de uma allusão me foi feita nesse sentido, e eu cada vez mais maldizia a hora em que perpetrei tamanho absurdo.

Um bello dia, porém, depois de mais de um decennio de torturas silenciosas, appareceu-me radiante o meu velho amigo Lima e Castro, (*) com uma revista médica em punho, onde se demonstrava scientificamente que a séde do hysterismo está no cérebro, não no útero. Respirei desafogadamente, cahindo em cheio sobre a tolice perversa de Machado de Assis, criticando-lhe os versos de maneira tal, que o conselheiro La Fayette Rodrigues Pereira, ao ler os cinco artigos que publiquei pelo *Jornal do Brasil*, disse ao seu genro Dr. Stöckler, que, si tivesse lido a minha crítica, não defenderia Machado de Assis atacado por Sylvio Romero.

Voltemos, porém, ao Arthur. De outra feita, assistindo á representação de uma opereta espanhola, logo que começou a cantar a appetitosa *tipte*, um portuguez empertigado, cheio de anneis, corrente com medalha, e brilhante cercado de esmeraldas no peito da camisa, sentado na cadeira ao lado da de Arthur, começou tambem por sua vez a cantar, á meia voz, acompanhando a actriz, o que irritou o meu amigo, que se ergueu, encarando-o, e disse em alta voz: — «Ora veja o Sr. o meu caiporismo! compro esta cadeira, sento-me ao seu lado só para ter o gôsto de ouvi-lo, e aquella artista começa a cantar no palco, de maneira que nem me deixa escuta-lo!»

Rebentou uma colossal gargalhada na platéa, camarotes e torrinhãs; a propria actriz não poude conter o riso, interrompendo o canto, emquanto o improvisado cantor, corrido de vergonha, abandonava precipitadamente o recinto, no meio de uma formidavel váia das torrinhãs, assobios e pateada da platéa e risadas nos camarotes.

X

Só encontro agora no meu archivo insignificantes documentos para a justificação do valor mental de Arthur de Oliveira. Tenho apenas o primeiro pamphleto das *Flechas* e a sua *These* de concurso. O mais desapareceu devido a mudanças, viagens e empréstimos. Si ha tanta

(*) Dr. João da Costa Lima e Castro, notavel cirurgião e lente da faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

gente que tem o mau costume de não restituir os livros que nos pede emprestados!... Conservo, porém, na memoria alguns trechos do seu curioso folheto *A Rua do Ouvidor*, que irei recapitulando, mais ou menos, sem a fidelidade de uma transcrição feita ao pé da letra.

«A rua do Ouvidor (diz elle) não é *la puerta del Sol* de Madrid, a *Regent Street* de Londres, o *Boulevard des Italiens* de Paris, a *Passagem de St. Humbert* de Berlim, a *Piazza del Popolo* de Roma, não; a nossa rua do Ouvidor é superior a todos esses passeios arterias, onde esbraveja a vida das mais populosas cidades do velho mundo.

A rua do Ouvidor é um degredo, disfarçado em bazares, alfaiatarias, escriptorios, cujas taboletas resam de negocios com aquellas restricções mentaes que Escobar aconselha aos devotos, ás almas pias do confessorario: pensar numa coisa e dizer outra, annunciar alhos e vender bugalhos. Quem quer entrar no remanso de uma familia e desvendar-lhe os segredos, basta afreguesar-se, tornando-se commensal das modistas, que assim não só apanha os moldes femininos como as suas mais caras illusões.

Uma senhora pensa que foi encommendar vestidos, engano: foi entregar as chaves dos segredos que por ventura tenha. O dinheiro abre a bôca das Sibyllas de te-soira, inflammando-as e agitando-as na trípede do balcão. A mocidade fluminense, como metal de Coryntho, é um amálgama estranho: um pouco de oiro em escoria, brilho de diamante em lympha de paúl, irradiar de estrella em crôsta de seixo, mixto de vicios, sem os toques enter-necedores, e commoventes pudicicias da extrema velhice.

Sem enthusiasmo, sem fé, sem crenças, a mocidade mal vive arrastada por ahí á porta dos salões, no remoinho da sociedade, ao braço das mulheres perdidas, no tapete verde de ignobeis tavolagens, — impudente, fria, calculista até mesmo com as impuresas da decomposição moral que lhe vai pela alma, abatendo e destruindo tudo como a segúre do lenhador as raras vergôn-teas de alguma planta donde corresse ainda a févera da vida.

As portas das lojas são os camarotes e as bancadas dessa platéa singular; os *bravos* são os escarros da sua

forçada espectoração. Essa juventude é doentia; rompeu os pulmões e destruiu a entesadura do corpo nas tristes e vergonhosas *pelynterias*, de que é tão farta e feraz a bôa e virtuosa cidade de S. Sebastião. Assim, os míseros imberbes, tristes, scépticos, incrédulos da grammática (bem se sabe); assim, essas crianças, uma vez soltas do tiravergal que os sujeitava á vigilancia paterna, não mais voltam á terra natal, ao tugurio onde se deslisou a a curta infancia, com aquelles sorrisos que dissipam as trevas da meia idade e os dissabores que trazem os annos aos velhos pais.

Quem volta ao regaço materno, não é uma criança, um adolescente de quinze annos, um filho que os pais á custa de nobres e grandes sacrificios elevaram ácima de si mesmo e de suas condições sociaes; quem volta á casa é um simulacro de homem, um ôdre de *cognac*, um tonel de *bitter*, um manequim que o Raunier vestiu e um ferrador calçou. Na culta Europa os membros do *Jockey-Club* descrêem da casaca brasileira, a sua impiedade chega mesmo ao ponto de pôr em dúvida o uso das calças, e por consequencia de tudo mais...

Mocidade fluminense! aproveita a occasião de pendorares a patria: os productos da Exposição Nacional sossobraram ali nos aifaques da bahia; mette-te a bordo de um transatlântico, vai a Londres, a Paris, a Vienna, expõe-te nas vitrinas das suas *ruas do Ouvidor*, e conquistarás fóros que a nossa diplomacia em vão tem porfiado alcançar. No mappa das nações, então, inscrever-se-á mais um povo candidato á civilisação, como os cães no dizer de Michelet o são á humanidade.

A velhice é torpe: arrebica-se como a loureira, arreja a calva de cabellos emprestados á putrefacção dos túmulos, embarbatana-se, arredonda os quadris; empunha uma chibata de pelintra e lá vai casquilhando como negra fôrra, tafula, insolente de ridiculez, offendendo a luz do sol, que é a mor parte das vezes o mais feroz carrasco que possa topar o desmiolamento de alguns e a toleima de outros muitos.

São admiraveis, comtudo, essas *más caras* da vida. O espartilho é um antídoto poderoso á rebelião das carnes, aos estuos effervescentes da natureza. A velhice é torpe; o demonio da canthárida incendiou-lhe as carnes

flácidas, cobriu-lhe as faces mórbidas e os olhos vidrados. Desse conjunto de elementos estranhos nasceu um monstro híbrido — a civilização fluminense.

A mulher é uma estatua, ídolo de Djaggernat, olhos de diamante em corpo de metal. Desgraçado daquelle que as amou um dia: vulcões sotopostos sobre montanhas de gelo, cujas avalanches as apagam e extinguem. Por isso a mocidade fluminense não as ama, não as respeita, nem as considera. E faz bem essa mocidade; a vida é um sonho mau, — pesadelos de virtudes inúteis, pesadelos tolos, quasi criminosos.

Os capitalistas vivem em apuros; de manhã empenham o relógio no Monte-Socorro, depois, sem relógio, vão ao Banco do Brasil e arranjam centenas de contos. Não sabemos explicar como se explica este phenomeno; cremos contudo que, procurando-se a mulher, como aconselha não sei que Vidocq ou Javert, poderemos achar a chave do segredo»...

E vai por ahí além, sem nunca sahir da rua do Ouvidor. Faz passar diante de nós as principaes personagens de uma comedia humana que em nada se parece com a de Balzac, pelo estylo, embora em ambas se encontrem as mesmas minuncias na descripção, nos typos, nos caracteres; e a mesma observação, o mesmo sentimento, a mesma precisão de phrase e de conceito, mas muito mais picante o sarcasmo e mordaz a ironia.

Volta-se finalmente para os burguezes, e brada: — «Híbridos! dyscolos! hermaphrodias!... masturbai-vos nos charcos das riquezas, deixai-nos, porém, a nós, os perseguidos, as longas avenidas das nossas catacumbas nesta Roma subterranea do presente, que é o Pantheon da immortalidade no porvir. Levantai-vos agora, para cahirdes depois, pulverizados sobre os estilhaços do Moloch da vossa religião. Nós nos deitamos como os pobres monges das Hébridas, envoltos nos farrapos do sudario — que foi pendão!»

O Arthur, com os seus paradoxos e esses dizeres bizarros que faziam rir, quando deviam dar que pensar, dava-me a idéa de um philósofo que tivesse a estranha phantasia de se vestir de palhaço, a fazer jogos malabares de idéas e a dar saltos mortaes, equilibrando-se no arame da sua originalidade, graças á maromba de

uma profunda erudição. E assim, o que em outrem seria ridículo, nelle era sublime!...

Era um funámbulo a girar vertiginosamente numa câmara-ardente, numa dança macabra onde os esqueletos das personalidades históricas se cruzavam com as ossadas das figuras da fábula e da lenda, misturando-se todas num vaivem constante, num rir satânico de caveiras com lucernas faiscantes nas órbitas sem olhos, num sacolejar de tibias, que pareciam as vaquetas de um tambor ru-fando em campo de batalha.

As suas pilherias faziam rir; mas, bem analysadas, fariam chorar. Era meigo, como Jesus quando chamava a si as crianças; justo, como Elle, quando mandava que a lei de Moysés fosse cumprida, mas que a primeira pedra fosse atirada á adúltera pelo que não tivesse culpas; e como Elle tambem iracundo, quando corria a vergastadas os vendilhões que profanavam o templo. — São delle os seguintes aphorismos, dignos de figurar entre os melhores do Duque de La Rochefoucauld:

1

Balzac é o mais profundo philósofo do romance, o Santo Agostinho da Comedia Humana.

2

Schopenhauer era um pessimista allemão, que fazia muito bem em sel-o em voz alta, porque todos o são em voz baixa, sem a coragem de dizel-o.

3

Si Cromwell possuísse um par de botas quando tentou ir a Jamaica, a cabeça de Carlos I não rolaria mais tarde nos degraus ensanguentados do patíbulo.

4

O *Colombo* de Porto Alegre é a única epopéa acabada que conta a nossa literatura.

5

O nome deste poeta (Fagundes Varella), como a trompa mágica de Oberon, faz entreabrir-se a encantada

floresta da poesia brasileira. Elle viu a natureza com o amor de filho e os arrebatamentos de amante; dahi a melodia e as explosões da sua musa.

6

Ha nas suas poesias (de Mucio Teixeira), não só a suavidade e correcção artistica, mas uns tons voluptuosos de lagos tranquilllos e uns reflexos sinistros de oceanos em tempestade. Só a América produz destes seres phenomenaes, que não são lógicos na índole nem submissos nas fórmulas. Ha sempre nelles, mesmo nos espiritos mais disciplinados, uma centelha de Edgard Poe.

7

Não se mede, não se pesa, não se disseca, não se joeira, nem se faz passar pelos cadinhos da crítica o trinar das aves, os arremessos da aguia e o irradiar das espheras.

8

Das mil bôcas das feridas de nossos pais brotaram os cantos da Independencia, as valentes estrophes da liberdade.

9

O senso commun é o deus apregoado. Trazem-no consigo na algibeira das calças, do collete ou da casaca, no lenço perfumado, nos labios saburrosos e até mesmo, ó theólogos! nas espiraes do havana.

Na sua these de concurso, a que já me referi, ha tópicos assim: — «A crítica do nosso século, estudando as obras do escriptor e os momentos da arte, sob o tríplice ponto de vista da anthropologia, da linguística comparada e da philosophia da historia, não só arrancou dos ossuarios do tempo as raças extinctas, para lhes perguntar os segredos do velho mundo, como resolveu o mais difficil problema que por ventura a acti-

vidade scientifica impoz ás suas audaciosas reconstrucções históricas, fonte commum de todas as manifestações do espirito humano.

Applicando a theoria do *meio* ao estudo das epopeas nacionaes, alargou os dominios da exegese literaria, fazendo irradiar uma luz mais intensa e vivificante. Essa irradiação foi como a voz do caminho de Damasco, indicando aos Saulos de Tarso os arrojados destinos que se levantavam diante das interrogações da sciencia, e das vivas aspirações do ideal moderno.

Tirai á inspiração americana a perspectiva azulada das montanhas, a fantástica projecção das florestas seculares, a extensão melancólica e selvagem dos descampados, as miragens ridentes do seu horisonte, as cachoeiras marulhosas que se desdobram em caixões de escuma, os lagos de anil que reflectem os luminosos trisos de um ceu sempre de opaia e púrpura, a doce e profunda magia dos crepúsculos tropicaes, a vibrante symphonia dos pampeiros rugidores, as delirantes tragedias do sol, a cólera tremenda dos seus rios-oceanos, os assombros estupendos da vegetação equatorial, e não comprehendereis as *odysseas indigenas*».

Os proprietarios de jornaes eram já, o que ainda hoje são: uns ambiciosos, que fizeram do sacerdocio um balcão, escolhendo para seus auxiliares jornaleiros em vez de jornalistas, ficando assim a imprensa nas mãos da incompetencia e dos negociadores. Dizia delles o Arthur: — «São os novos mercadores do templo, que, depois de corridos pelo desprezo público, andam mascateando a sua mercadoria de contrabando. E tão hábeis na escolha dos seus auxiliares, que para homens como eu, não têm sequer um pedacinho na columna do obituario». (*)

E accrescentava: — «O folhetim é o *rez de chaussée* do jornal, o oasis para o espirito nauseado das maresias de uma viagem pelo mundo dos annuncios, das gazetilhas antiphilosophicas e dos necrológios mais indigestos ainda que as altas e baixas do cambio para as *Julietas* scismadoras e os *Romeus* de claque. O que eu sei é que o folhetinista tem sua tal ou qual influencia na marcha

(*) O mesmo digo eu aos actuaes donos e directores de jornaes.—M. T.

progressiva da humanidade que passa; digo isto assim, para que a não confundam com a pobre raça humana dos ruminantes que vivem e se agitam só para as victorias do algodão e do linho, almas poderosíssimas desses bastos montões de carne carregados de vil metal e muitas condecorações.

Isto é ficção, juro que é pura ficção! não te arreces, a tua philosophia teria razão em flagelar-me, si o que leste não fôra mero sonho de uma noite dormida com os *diablotins* de Stello. E para reparar a falta, prometto não errar mais nestas *selvas oscuras*, que talvez nos levassem *tra la perduta gente*... O folhetinista não é mais do que o bode expiatorio na hecatombe das novidades semanaes»...

Basta de citações d'elle e de palavras minhas. Já passei para aqui tudo quanto me foi possível desentulhar dos escaminhos da memoria. Falem agora outros, mesmo para que se não diga que houve exagero de minha parte, pois, como se vai ver, só não o admirava quem o não conhecia. Começarei pelo companheiro e amigo nosso que mais se parecia com elle no talento e na illustração, e que tambem morreu moço, — Annibal Falcão.

XI

Diz Annibal Falcão, prefaciando o livro das *Opalas* de Fontoura Xavier, outro conterraneo meu, que é hoje embaixador do Brasil em Lisboa: — «Occupamos aqui o logar que estava reservado a um que é hoje morto — Arthur de Oliveira. Da lembrança dos que o conheceram estou certo se não terá apagado aquella estranha figura, cheia dos arrebatamentos da febre, da louca fúria da arte.

Era um possesso do bello, alma cheia de imaginação — e só de imaginação, — unidade terrivel e compromettedora para a lucidez do espirito e para a saude do corpo. O resultado é que elle desapareceu, tendo a sua existencia sido apenas o promettimento de uma grandesa, que não apoucarão jamais as considerações do scepticismo irreverente e do materialismo daquelles que

só endeosam os vencedores, e não têm lágrimas de saudades pelos heróis vencidos.

O mundo grego, ao qual tinhas tanto amor, pobre moço mallogrado, diria de ti, pela bôca de Homero, que foste amado de Zeus, pois que te arrancou joven á vida. Todavia uma apóstrophe de Ajax diria tambem que te faltou a gloria promettida aos que cedo abandonam este mundo. E é essa a maior dor dos que te conheceram e estimaram; tanto mais pungente para nós, quanto, comparando-o ao teu poder de criação artística, é pobre e frio o que podemos imaginar que aqui dirias, na tua prosa deslumbrante.

A Arthur de Oliveira não succedemos, pois, sinão no empenho da amizade: — o acervo dos seus bens litterarios levou-os elle ao túmulo, como os guerreiros feticistas levavam as suas armas de guerra — as socias da sua tarefa na vida». — E o poeta do livro assim prefaciado, que emmudeceu ha mais de quarenta annos, trocando os sonetos pelas notas diplomáticas, quando aqui esteve licenciado, ao saber que eu estava escrevendo um livro sobre os *Homens do meu tempo*, pediu-me que, quando chegasse a vez do Arthur, juntasse á minha homenagem a seguinte estrophe, que me confiou inédita:

Este não creu no renome,
Nem nós applausos que teve.
Não lhe perguntem o nome:
A gloria lhe seja leve.

Já antes disto, na primeira edição das *Opalas*, encontra-se esta poesia, quasi soneto:

A ARTHUR DE OLIVEIRA

Partiste! mas na extrema despedida
Todo um viveiro esplêndido de sonhos
Se alou contigo aos páramos risonhos,
Deixou cantando as solidões da vida!

Com pouco mais de vinte primaveras
Deve ser um consolo para o morto
Saudar Charonte no sombrio porto
Entre um zumbir dorido de chimeras!...

A dhalia azul como a tulipa escura
Que em vão buscaste nos tojaes da sorte,
Vais procurar talvez na sepultura.

Alchimista ideal da horticultura,
Quem dera encontres no praz da morte
As flores negras de tua alma pura!

Alludem ás singularidades do Arthur as seguintes linhas do seu admirador e amigo Machado de Assis, que lhe devia o maior serviço que se lhe podia prestar naquelle tempo. O literato fluminense, que abandonou os seus compatriotas para fazer parte da camarilha lusitana do conselheiro José Feliciano de Castilho, que aqui vivia a hostilizar o nosso *brasileirismo*, incorreu na justa antipathia da mocidade brasileira. Mas o Arthur, collocando-lhe o valor literario ácima dessa transgressão do patriotismo, reinvidicou os seus fóros artisticos, rompendo a conspiração do silencio, que se metamorphoseu num prolongado côro de louvores.

Machado de Assis, servindo-se textualmente das imaginosas comparações com que o Arthur esmaltava as suas palestras, conseguiu reproduzil-as com fidelidade ao escrever isto: — «Bebia pérolas diluidas em nectar. Comia linguas de rouxinol. Nunca usou papel mata-borrão, por achal-o vulgar e mercantil, empregava arêa nas cartas, mas uma certa arêa feita de pó de diamante. Um dia enamorou-se loucamente de uma senhora de alto cothurno, enviou-lhe de mimo tres estrellas do Cruzeiro, que então contava sete, e não pensem que o portador foi por ahi qualquer pé rapado. Não senhor. O portador foi um dos archanjos de Milton.

Capeava os cigarros com um papel de crystal, obra finíssima, e, para accendel-os, trazia comsigo uma caixinha de raios do sol. As colchas da cama eram nuvens purpúreas, e assim tambem a esteira que forrava o sofá de repouso, a poltrona da secretária e a rêde. Sabe quem lhe fazia o café, de manhã? A Aurora, com aquelles mesmos dedos cor de rosa, que Homero lhe poz. Tudo o que o capricho e a riqueza podem dar, o raro, o exquisito, o maravilhoso, o indescritível, inimaginavel, tudo teve e devia ter, porque era um galhardo rapaz, um bom coração.

Originalão apenas. — «Odeio os carneiros de Panurgio», — dizia elle. *Comme vous savez estre du mouton le naturel, toujours suivre le premier, quelque part qu'il aille.* Comparava a trivialidade a uma mesa redonda de hospedaria, e jurava que preferia comer um mau bife em mesa separada. Gostava da sociedade, mas não amava os socios. Um amigo nosso, o Pires, fez-lhe um dia esse reparo: e sabe o que é que elle respondéu? com um apólogo, em que cada socio figurava ser uma cuia d'agua, e a sociedade uma banheira. — «Ora, eu não posso lavar-me em cuias d'agua», — foi a conclusão.

O Pires achou o apólogo tão bonito que o metheu numa comedia, dahi a tempos. Engraçado é que elle ouviu o apólogo no theatro, e applaudiu-o muito, com enthusiasmo; esquecera-se da paternidade; mas a voz do sangue... Elle espalhava idéas á direita e á esquerda, como o ceu chove, (*) por uma necessidade physica, e ainda por duas razões. A primeira é que era impaciente, não soffria a gestação indispensavel á obra escripta. A segunda é que varria com os olhos uma linha tão vasta de coisas, que mal poderia fixar-se em qual-quer dellas.

Si não tivesse o verbo fluente, morreria de congestão mental; a palavra era um derivativo. As páginas que então falava, os capítulos que lhe brotavam da bôca, só precisavam de uma arte de os imprimir no ar, e depois no papel, para serem páginas e capítulos excellentes, alguns admiraveis. Nem tudo era límpido; mas a porção límpida superava a turva, como a vigilia de Homero paga os seus cochillos.

Espalhava tudo, ao acaso, ás mãos cheias, sem ver onde as sementes iam cahir; algumas pegavam logo... Viveu assim longos annos, despendendo á tôa, sem cálculo, sem fructo, de noite e de dia, na rua e em casa, um verdadeiro pródigo. Com tal regimen, que era a

(*) Lembrei-me agora de um artigo politico de Arthur de Oliveira contra Gaspar Martins (que se gabava de fazer tudo quanto se via no Rio Grande do Sul, desde a lagôa dos Patos até o golpho do Guahyba, além de estradas de ferro, dragagem da barra, etc.), repetindo só: *Eu fiz, Eu aconteci...* ao que o Arthur accrescentou: *Fu chôvo!*

ausencia do regimen, não admira que ficasse pobre, miseravel...

Começara a ficar hypocondríaco; e um dia, estando, á janella, (*) triste, desabusado das coisas, vendo-se chegado ao nada, aconteceu passar na rua um taful a cavallo. De repente, o cavallo corcoveou, e o taful veio quasi ao chão; mas sustentou-se, e metteu as esporas e o chicote no animal; este empina-se, elle teima; muita gente parada na rua e nas portas; no fim de dez minutos de luta, o cavallo cedeu, e continuou a marcha.

Os espectadores não se fartaram de admirar o garbo, a coragem, o sangue-frio, a arte do cavalleiro. Então, comsigo, imaginou que talvez o cavalleiro não tivesse ânimo nenhum; não quiz cahir diante de gente, e isso lhe deu a força de domar o cavallo. E dahi veio uma idéa: comparou a vida a um cavallo chucro e manhoso; e accrescentou sentenciosamente: — quem não for cavalleiro, que o pareça...

Conhecem o caso do anel de Polycrates? Polycrates governava a ilha de Samos. Era o rei mais feliz da terra; tão feliz que começou a receiar alguma viravolta da Fortuna, e, para applacal-a antecipadamente, determinou fazer um grande sacrificio: deitar ao mar o anel precioso que, segundo alguns, lhe servia de sinete. Assim fez; mas a Fortuna andava tão apostada em cumular-lhe de obsequios, que o anel foi engolido por um peixe, o peixe pescado e mandado para a cozinha do rei, que assim voltou á posse do anel...

— Experimentemos a Fortuna, — disse elle; vejamos si a minha idéa, lançada ao mar, pode tornar ao meu poder, como o anel de Polycrates, no bucho de algum peixe, ou si o meu caiporismo será tal, que nunca mais lhe ponha a mão. Mas a idéa bateu as azas e voôu, sem que elle pudesse guardal-a na memoria.

Jurou-me que ia escrever, a propósito disto, um conto fantástico, á maneira de Edgard Poe, numa página fulgurante, *pontuada de mysterios*, são as suas proprias expressões. Quando elle suppunha pôr a mão em cima

(*) Por mais tempo que o Arthur morasse numa casa, nunca ia á cozinha, nem chegava á janella.—M. T.

da idéa, ella batia as azas, plas, plas, plas, (*) e perdia-se no ar, como as figuras de um sonho.

No mesmo volume dos *Papeis avulsos*, á página 295, Machado de Assis ainda escreve mais isto, o que demonstra a grande admiração que lhe causava Arthur de Oliveira: — «*Era um sacco de espantos*»... (**) e em algumas linhas que escreveu, dando-lhe o último adeus, disse que elle era o original deste personagem. Menos a vaidade, que a não tinha e salvo alguns rasgos mais acentuados... era o Arthur.

Para completar esta homenagem pósthuma, tributada ao homem que o reconciliou com o seu meio (num momento hostil para as suas aspirações), transcrevo as seguintes linhas, publicadas na revista *Estação*, de 31 de Agosto de 1882: — «Quem não tratou de perto este rapaz, mal poderá entender a admiração e saudade que elle deixou. Conheci-o desde que chegou do Rio Grande do Sul, com dezeseite ou dezoito annos de idade, e podem crer que era então o que foi aos trinta.

Aos trinta lera muito, vivera muito; mas toda aquella pujança de espírito, todo esse raro temperamento literario que lhe admirávamos, veio com a flor da adolescencia, desabrochou com os primeiros dias. Era a mesma torrente de idéas, a mesma fulguração de imagens. Ha algumas semanas, defini a alma de um personagem com esta especie de hebraismo. Esse personagem (posso dizel-o agora) era o nosso mesmo Arthur, com a sua poderosa loquella e extraordinaria fantasia.

Um sacco de espantos. Mas si o da minha invenção morreu exausto de espírito, não aconteceu o mesmo a Arthur de Oliveira, que poude alguma vez ficar prostrado, mas não exauriu nunca a força genial que possuía. Um organismo daquelles era naturalmente irrequeito. Minas o viu, no collegio dos padres do Caraça, começando os estudos, que interrompeu para continuá-los na Europa.

Na Europa travou relações literarias de muito peso; Théophile Gautier, entre outros, queria-lhe muito, apre-

(*) Arthur dizia estas lindas coisas de maneira onomatópica.

(**) Arthur usava e abusava desta phrase.

ciava-lhe a alta comprehensão artística, a natureza impetuosa e luminosa, os deslumbramentos súbitos do raio. — «*Venez, pere de la foudre!*» — dizia-lhe elle, mal o Arthur assomava á porta. E o Arthur, assim definido familiarmente pelo grande artista, entrava no templo, palpitante de divindade, admirativo como tinha de ser até a morte.

Gautier foi uma das religiões que o consolaram. Sete dias antes de o perdermos, isto é, a 14 deste mez, prostrado na cama, roído pelo dente cruel da tísica, escrevia-me elle a propósito de um prato do jantar: — «O verde das couves espanejava-se em uma onda de pirão cor de ouro. A paleta de Ruysdael, pelo incendio do ouro, não nesitaria um só instante em assignar esse pirão *mirabolante*, como diria o grande e divino *Theo*»...

Grande e divino! vêde bem que esta admiração é de um moribundo, refere-se a um morto, e fala na intimidade da correspondencia particular. Onde outra mais sincera? Não escrevo uma biographia. A vida d'elle não é das que se escrevem; é das que são vividas, sentidas, amadas, sem jamais poderem converter-se á narração; tal qual os romances psychológicos, em que a urdidura dos factos é breve ou nenhuma.

Ultimamente, exercia o professorado no Collegio de Pedro II; mas a doença tomou-o entre as suas tenazes, para não o deixar mais. Não o deixou mais; comeu-lhe a seiva toda, desfibrou-o com a paciencia dos grandes operarios. Elle, como vimos, prestes a tropeçar na cova, regalava-se ainda das reminiscencias literarias, evocava a paleta de Ruysdael, olhando para a vida, que lhe ia sobreviver, a vida da arte que elle amou com fé religiosa, sem proveito para si, sem cálculo, sem ódios, sem invejas, sem desfallecimento. A doença fel-o padecer muito; teve instantes de dor cruel, não raro de desespero e de lágrimas; mas, em podendo, reagia».

Tamanha era a admiração que Arthur de Oliveira causava a todos, que até Machado de Assis, o individuo mais frio e impenetravel que tenho visto, tal qual o seu estylo tumular de mármore rendilhado e frio, que transparece em todos os seus livros: — até este imperurbavel surdo-mudo ante todas as convulsões do seu tempo, da raça, do meio physico e do momento histórico,

vibrou de entusiasmo, e deixou-se empolgar pelas dominadoras suggestões do nosso maravilhoso moço gaúcho!...

E o fecundo escriptor e monótono poeta, já com o bastão de commando á frente dos moços que o seguiam como carneiros de batalhão; não tendo na sua lyra uma ode de indignação nem uma elegia de piedade pela sua propria raça, que via nas vascas do captiveiro; nem um hymno de patriotismo para os nossos heróes, que voltavam triumphantes da guerra do Paraguay; esse modesto e cauteloso burocrata, que se curvava risonho á passagem dos ministros da Agricultura, e que a qualquer político de burgo pôdre tirava o seu chapéu, sem nunca ter provocado uma discussão pela imprensa, de onde mais de uma vez lhe fôra atirada a luva, que se curvava para levantar do chão, sem comtudo aceitar o desafio; e que a ninguem contrariava, nem applaudia tambem, com demasias que pudessem accender invejas... até elle se transformava diante desse extraordinario rapaz!

Só as pilherias arthurianas faziam o milagre de produzir o estoiro da boiada naquelle curral de rêzes votadas ao sacrificio das conveniencias sociaes, num mata-douro de todos os rasgos característicos da individualidade; obrigando-o a dar risadas, quando elle mal sabia sorrir, á socapa; e a arregalar com espanto os seus apagados olhos de myope, amortecidos sob a protecção da luneta, chegando até ao cúmulo de tratar do novo cavalleiro andante, que tanto o espivitava, em dois artigos em prosa e numa poesia, a única talvez do seu rimario em que ha poesia. Só o Arthur era capaz de sacudir esse apáthico systema nervoso, nuns violentos choques eléctricos, que a todos causavam surpresa, sempre que elle se atrevia a metter a mão naquelle sacco de assombros...

O mais interessante, porém, é que, ao mesmo tempo que o meu singular amigo inflammava aquelle frio lago de aguas estagnadas, que era a alma reflectida nas *Chrysalidas* e nas *Phalenas*; sustinha o curso impetuoso da torrente de ironias e epigrammas, que transbordava do livro dos *Quadros* de Joaquim Serra, o qual duas vezes lembrava o seu *divino Theo*, no espírito e na gordura,

correndo para elle, assim que o via, ameaçando furar-lhe o abdomen com a ponta da bengala, obrigando-o a recuar, aos saltos, em plena rua do Ouvidor, o que provocava a gargalhada de todos nós, e suores frios ao alvo do seu mau costume, pondo logo agua fria na fervura recitando-lhe estrophes que sabia de cór.

Aquillo era só a cortezia de chegada, o *bom dia* matinal da sua velha amisade, pois sinceramente admirava-lhe a graça dos seus dizeres maliciosos, repetindo-lhe períodos inteiros dos seus *Tópicos do dia*, o que o enchia de nobre orgulho. E como não pudesse reprimir os ímpetos do primeiro encontro, o Serra, assim que o via de longe, escondia-se no primeiro corredor, ou no fundo da livraria onde diariamente palestrávamos. Mais adiante se verá como a sua amisade era sincera. Quanto á admiração que Machado sentia por Arthur, eis mais uma prova:

A ARTHUR DE OLIVEIRA

«Sabes tu de um poeta enorme,
Que andar não usa
No chão, e cuja estranha musa
Que nunca dorme,

Calça o pé, melindroso e leve
Como uma pluma,
De folha e flor, de sol e neve,
Crystal e espuma;

E mergulha, como Leandro,
A fórma rara
No Pó, no Senna, em Guanabara,
E no Scamandro;

Ouve a Tupan e escuta Momo
Sem controversia,
E tanto adora o estudo, como
Adora a inercia;

Ora, do fuste, ora da ogiva
Sahir parece;
Ora o Deus do Occidente esquece
Pelo deus Siva;

Gosta do estrépito infinito,
Gosta das longas
Solidões em que se ouve o grito
Das arapongas;

E si ama o rápido besoiro,
 Que zumbe, zumbe,
 E a mariposa que succumbe
 Na flamma de oiro;

Vagalumes e borboletas
 Da cor da chamma,
 Rôxas, brancas, rajadas, pretas,
 Não menos ama

Os hippopotamos tranquillos,
 E os elephantes,
 E mais os búfalos nadantes
 E os crocódilos,

Como as girafas e as pantheras,
 Onças, condores,
 Toda a casta de bestas feras
 E voadores.

Si não sabes quem elle seja,
 Trepá de um salto
 Azul acima, onde mais alto
 A aguia negreja;

Onde morre o clamor iniquo
 Dos violentos;
 Onde não chega o riso obliquo
 Dos fraudulentos.

Então olha, de cima posto,
 Para o oceano;
 Verás num longo rosto humano
 Teu mesmo rosto;

E has de rir, não do riso antigo,
 Potente e largo,
 Riso de eterno moço amigo;
 Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus enfermo,
 Que se aborrece
 Da divindade, e que appeteece
 Também um termo...

Os amigos d'elle apreciarão o sentido destes versos. O público, em geral, nada tem com um homem que passou pela terra sem o convidar para coisa nenhuma, um forte engenho que apenas soube amar a arte, como tantos christãos obscuros amaram a Igreja, e amar também aos seus amigos, porque era meigo, generoso e bom».

Assim que correu a noticia da morte de Arthur de Oliveira, José do Patrocínio, que conversava com Joa-

quim Serra e commigo, confessando-se sem forças para escrever-lhe o necrológio, pois seria mister pelo menos o pulso dos seis gigantes que suspenderam o caixão, pesado de sonhos e deslumbramentos de Henrique Heine, que era do tamanho do tonel de Heidelberg, e que só assim poude ser lançado ao fundo do mar, com todos os seus nervos e pensamentos, o seu fundo sentimento e o seu grande amor: — exigiu de cada um de nós um período para o artigo do seu jornal. Escrevemos então o seguinte:

«Arthur de Oliveira vai ser dado á cova. Morreu em plena mocidade, com o cérebro embutido de fantasias, azoinado pelo sussurro da revoada de sonhos, que o invadiram na adolescencia e o avassalaram na mocidade. Era uma cabeça genial! Passou pela vida como um condemnado dantesco, extorcendo-se entre as garras do seu proprio talento. Só estava verdadeiramente alegre quando conversava: e então era simplesmente deslumbrante. A sua imaginação tinha uma flexibilidade funambulesca. Subia alto como um vôo d'aguia, rastejava como uma serpente, descia pela terra como um mineiro, e a sua palavra coloria-se com auroras, sussurros de palmares, berros de fera, lampejos de pedraria. — (*José do Patrocínio*).

Era um idólatra da arte. Nem os filhos de Athenas amaram mais a Grecia. A' sombra da árvore genealógica dos mármores eternos, a sua alma de poeta, semi-nua como uma hetaira, embevecia-se de aromas, e numa moleza indefinivel, como uma lubricidade pagã, imaginava umas olympíadas ruidosas, para chorar o heroismo, o talento, a agilidade, a robustez. Todo o Oriente resussitou naquelle cérebro! Cantou o *Ramayana* sob os verdes bambuaes da India, deslumbrou-se com as decorações dos Radjahs, bebeu a agua sagrada do Ganges. Na Assyria dava alma aos baixos-relevos, fazia vibrar as pedras das ruínas, dava pensamento ás mortas letras cuneiformes. Na Judéa reclinou-se com Débora á sombra da palmeira, carregou o pulso no braço de Judith á hora da vingança, chorou com Esther, pedindo pelos seus, presenciou o espectáculo grandioso do Oreb inflammado, estremecendo á voz trovejante do Deus Desconhecido. — (*Joaquim Serra*).

Em Roma, viveu na intimidade dos cônsules, cercou a frente de pámpanos e myrtho, e fez parte das comitivas ebrifestantes; viu as tragedias do Colyseu, depois de ter batido palmas aos tribunos, e no momento em que as feras devoravam os christãos, elle, chorando, tinha uma expressão admirativa para as seducções do Imperio. Onde quer que estivesse o bello, elle estava, ajoelhado como Antonio aos pés de Cleópatra, trocando um mundo por um sorriso, junto aos *dolmens* com os druidas, sob os cavallos com os gauleses, nos bateis dos piratas normandos. — (*Mucio Teixeira*).

Adelino Fontoura, outro poeta que morreu moço, depois de acompanhar o enterro de Arthur, escreveu isto: — «Dez ou doze carros, quando muito, conduzindo apenas umas vinte e tantas pessoas, acompanharam o enterro ignorando de um morto que seguia na direcção do cemiterio de S. João Baptista... Por fim o préstito entrou na rua da Passagem, onde as palmeiras, militarmente alinhadas, pareciam formar alas á fúnebre trajectory. Em breve chegámos ao cemiterio. Era quasi noite. O caixão, conduzido no meio de um silencio doloroso, por seis amigos do morto, foi depositado á borda do carneiro n.º 59 do primeiro quadro, e desceram-no ao fundo da sepultura.

Tínhamos acabado de deixar ali, dentro daquelle tumulto inexoravel, prematuramente morto no vigor da mocidade e do talento, Arthur de Oliveira, a mais genial, a mais extraordinaria e a mais tumultuosa individualidade literaria da nossa geração. Muitos o conheceram, poucos o comprehenderam, e ninguem certamente o definirá. Para mim elle foi simplesmente um dissipador prodigioso de vida, de talento e de verve.

Os lineamentos constitutivos do originalíssimo perfil literario de Arthur de Oliveira, completamente nullos em meia duzia de folhetins dispersos, única obra que deixou, só se manifestavam verdadeiramente exactos e sufficientemente expressivos, nas suas palestras e nas suas conversações admiraveis. Dotado de um talento verdadeiramente superior, o seu nome não sobreviverá talvez á sua memoria, sinão na memoria e na admiração daquelles que se deslumbravam com os lampejos da sua

palavra scintillante e dominativa. E isto porque a obra insignificante que produziu não dá nem de longe uma idéa do que era realmente aquelle espírito incomparavel.

Todavia, ninguem como Arthur de Oliveira possuia aptidões mais variadas; ninguem como elle possuia tão vasta cópia de conhecimentos; ninguem como elle conseguira tão abundante cabedal literario. Unicamente faltava-lhe a disciplina, a systematisação, a ordem. Não conhecia o modo de se governar e de se dirigir, e esse foi o seu grande mal. O seu espírito, profundamente revolucionario, repellia as duras e pesadas imposições do trabalho, os nobres sacrificios da luta, a carojosa persistencia da vontade, os obscuros triumphos da perseverança, as consoladoras ambições fugitivas da gloria. Foi uma natureza anômala e rebellada, em duelo permanente com os destinos implacaveis da vida material.

O bello, eis a sua religião; o ideal, eis a sua patria. Era ahi que palpitava a sua alma pagã, enlevada na contemplação das coisas maravilhosas, illuminada pelas irradiações da belleza immortal. Era ahi que elle encontrava a consolação e a paz, na doce convivencia dos seus poetas queridos e dos seus artistas predilectos. O mundo para elle foi somente um conjunto de coisas comensinhas e vulgares, *grammaticaes*, como elle dizia, (*) que faziam o seu espírito oscillar constantemente, como um pêndulo, entre o riso e as lágrimas.

Nos seus momentos de expansibilidade flagrante — era divino! O seu espírito impressionavel e imaginoso tinha então todas as notas de uma escala chromática, todas as colorações de um arco-íris, todos os acordes e vibrações de uma symphonia meyerbiana; feria todos os sentimentos, agitava todos os nervos, sacudia todas as fibras, tinha as extraordinarias contrações da amargura, a desdenhosa hostilidade do sarcasmo, a alegria sagittaria e leve, alada e radiante como uma abelha doirada.

O seu talento comparticipava da natureza de um funámbulo e de um philósopho; tinha raciocinios de sabio e jogralidades de *clow*. Dessa dualidade satânica tirava elle os mais surprehendedentes effeitos, sulcando a

(*) A grammática é o talento dos que não têm talento.—
Arthur de Oliveira.

sua conversação de contrastes estravagantes, de paradoxos atrevidos, de idéas conceituosas, de hypérboles, de imagens, de excentricidades. Fazia com as palavras verdadeiros jogos malabares. E muitas vezes, engastando numa phrase espirituosa, percuciente, nova, a lâmina penetrante de uma setta, vibrava-a certamente contra o flanco de uma instituição ou de um individuo, para deixal-os invariavelmente mordidos pelo ridículo. De resto, consagrava á popularidade e á gloria a mais serena e a mais acrysolada indifferença. Talvez por essa razão nunca consentiu em se photographar.

Uma vez, em Paris, Gustavo Doré fez-lhe uma caricatura ligeira, á mesa de um café. Este facto, que para um homem qualquer seria motivo de immortalidade, para Arthur de Oliveira foi simplesmente motivo de desgosto. E apesar de ter pelo genio do grande artista a admiração mais transcendente, não poude resistir á irreverencia de ficar furioso.

A imprensa, a nossa imprensa tão adoravelmente pacata, tinha Arthur de Oliveira como um scelerado. (*) Receiava-o mesmo. Por isso muitas vezes lhe ouvi dizer: — «Nunca me acharam digno de redigir siquer o obituario ou o movimento do porto». — Descança em paz, querido amigo, companheiro insubstituivel, alma affectuosa e bôa. Meigo Arthur! na tua rápida passagem pelo mundo, errante peregrino do ideal, fiveste ao menos a doce virtude de saber encantar e consolar os que te escutavam. De quantos, mais felizes do que tu, poder-se-á dizer a mesma coisa?»

Quando lhe dei um exemplar do meu livro das *Sombras e Clarões* (poesias dos 20 annos), Arthur de Oliveira escreveu isto: — «Mucio Teixeira, que outróra trinava como o sabiá no leque das palmeiras, é actualmente a aguia atrevida que rasga os veus do firmamento, espadanando das azas convulsas umas estrophes de fogo, que vão dardejando como coriscos na escuridão da noite da poesia nesta época de prosaismo utilitario.

(*) A imprensa, até os últimos dias do Imperio, embora já não fosse um sacerdocio, como no tempo de Evaristo da Veiga, ainda assim não se tinha avacalhado tanto como nestes últimos trinta annos, sendo actualmente um balcão, entregue á incompetencia e á venalidade.—M. T.

A sua musa não arrasta a clámyde das Vestaes, nem ostenta o capacete de Minerva; veste o saiote das vivandeiras, sombrêa a fronte com o chapéu emplumado dos garibaldinos, á moda dos zuavos, leva a tiracollo uma espingarda de dois canos, carregada de balas de oiro, com o chumbeiro a transbordar de diamantes pulverisados, que substituem a pólvora, e a espada suspensa do talim, com as salteiras a ranger nos altos cothurnos, ora pelejando com a bravura dos *Farrapos*, ora colhendo as *Flores do Pampa*.

Ha nas suas estrophes, não só a suavidade e a correcção artística, mas uns tons voluptuosos de lagos tranquillos, e uns reflexos sinistros de oceanos em tempestade. Só a América produz destes sêres phenomenaes, que não são lógicos na índole nem submissos nas fórmulas. Ha nelles, mesmo nos espíritos mais disciplinados, uma centelha de Edgard Poe».

Pelas columnas editoriaes do *Jornal do Commercio* prestei-lhe a última homenagem da minha admiração. A modesta musa, que elle tanto amou e encorajou (foi Arthur de Oliveira quem me apresentou ao mundo litterario da côrte, assim que cheguei do Rio Grande do Sul, em 1877), exaggerando as minhas aptidões atravez do crystal da estima e do bairrismo, paga-lhe agora, aqui, a dívida do meu reconhecimento, apresentando-a aos olhos dos vindouros tal qual era, já que o pouca que deixou não basta para entrar victorioso no Pantheon, onde tem direito a permanecer de pé entre os maiores vultos da nossa terra. A seguinte poesia, que reuni ao volume do meu *Campo-Santo*, onde tem por titulo o nome d'elle, appareceu pela primeira vez assim:

O QUE ERA QUEM JÁ NÃO É

(A' MEMGRIA D'ELLE)

Conheci-o de perto. Conheci-o
 O necessario para amal-o : e ame-i-o
 Na insensatez do seu viver sombrio...

Era á primeira vista rude e feio :
Ah! mas transfigurava-se, falando,
Tinha leões na mente, águias no seio!

Parece-me que estou inda escutando
O timbre dessa voz, ora suave
Como um pássaro ao longe gorgendo,

Ora rispido e áspero, qual trave
Onde entra o prego a golpes de martello,
Ou ferrolho, que range, quando a chave

Volteia, tilintando, élo por élo,
Nos grilhões da corrente que resvala
Nas lágeas da prisão de algum castello.

Havia um não sei quê naquella fala,
Que fazia lembrar trovões que estouram,
Quando a chuva no asphalto salta, estalla...

Na idade em que as paixões as crenças douram,
As dúvidas vieram... e roubaram
As crenças delle, e elle... e lá se foram!...

Que estupendos assombros estouraram!
Que loucuras divinas e secretas
Como andorinhas leves emigraram!

Elle tinha os mil nada dos poetas,
A ingenuidade e o riso das crianças,
A febre e a presciencia dos prophetas.

Pobre de almejos, rico de lembranças,
Ai! vivia morrendo de saudades
Quando os mais todos vivem de esperanças!

Sentia umas profundas anciedades,
 Uns tédios ideaes... esse saudoso
 Vago sentir de freiras entre grades...

Que ironia! passava por ditoso,
 Quando está por nascer inda o primeiro,
 Depois que morra o último inditoso.

Passou, sempre sombrio e forasteiro,
 Por entre a multidão, que o estranhava,
 Mas que nem elle viu, de tão ligeiro

E tão preocupado que passava,
 A ver de mais aquillo que não via,
 Sem que chegasse a ver o que enxergava.

Um dia... não esqueço aquelle dia;
 Perguntei lhe:— Onde moras? — que se espera,
 A não ser o cartão de cortezia,

A indicação pedida? Qual! chimera!...
 Disse, soprando a flauta da tolice:
 —« Moro no bairro em flor da Primavera,

Número Tres de Abril.»— E como eu risse,
 Acrescentou:— «*Chalet das Violetas*»...
 E mais diria, se inda eu mais ouvisse.

Estava então alegre. As borboletas
 Sobre uma flor já murcha, muitas vezes
 Vôam, revôam, pousam indiscretas.

Assim tambem nos mais varridos mezes
 De prolongado inverno, o sol brilhante
 Corta a vaporação de uns ceus inglezes.

Num dia de verão, chega offegante,
Suado, esbaforido, na carreira,
Com uns gestos de athleta agonisante.

— Aonde vais?— perguntei-lhe;— «A soalheira
Provoca-me (disse elle), vou vingar-me!
Vou perder-me... na curva da banheira».

E a marche-marche, assim como um gendarme,
Passou, batendo os saltos na calçada,
Qual desertor mettido num alarme.

Encontrou mais adiante um camarada
E bradou, a fugir:—«Vai te! eu prosigo,
Bem sei que estou cheirando á carne assada!»

Era sereno e calmo no perigo,
Nervoso e assustado quando via
Uma criança ao collo de um amigo.

Quando os outros choravam, elle ria;
Ah! mas quelle riso era pungente,
Pois era sempre assim que elle soffria.

Disse-me um dia:— «Sou tão indigente,
Que nem lágrimas tenho... e no entretanto
Quantas rolam no mundo inutilmente!»

Misero! nem o bálsamo do pranto
Suavisava as dores das feridas
Daquelle coração, que sangrou tanto!

Nas insomnias de febre, consumidas
Em soffrer, por saber que a!guem soffria,
Elle apertava as pálpebras doridas,

Arrancava os cabellos, ria, vir...
Mas de um modo, que até lembrar não quero,
Numa explosão de trágica ironia!...

Era outras vezes bom, meigo, sincero,
Cheio de mansidão e de ternura,
Como o tremulo avô, grave e severo,

Quando se curva e beija a face pura
Do netinho gentil que a loira fronte
Roça nas barbas de macia alvura.

Como na superfície de uma fonte
Refletem-se, tremendo, as vivas cores
Do iris, que irradia no horizonte,

Assim nelle também todas as dores
E todas as paixões reverberavam,
Tendo um éco de todos os rumores.

Mil excentricidades agitavam
O seu perfil estranho de selvagem,
Que os impetos do genio assoberbavam,

Quando esteve na Europa, de passagem,
Um pintor, dos mais célebres, lembrou-se
De caricatural o: uma homenagem

Que a bem poucos prestara; elle indignou-se:
—« Pelintra! ousar prostituir-me a cara! »—
Não sei si houve duelo... mas falou-se...

Pobre Arthur de Oliveira! Não raptara
A Estrella d'Alva... sim, nunca de um trago
Sorvera o oceano Atlântico... ou empalmara

O Pão d'Assucar! Dyscolos! que estrago
Causou ao povo, ao clero e á fidalguia
Aquelle pobre millionario mago?!

Amava os vegetaes; e si sentia
O cheiro dos hotéis e restaurantes,
—« Famulentos tupinambás! »— dizia;

« Comem, os animaes, seus semelhantes! »
E nem por uma hypóthese as donzellas
Podiam comer bifes...—Pois os Dantes

Transformam as Beatrizes em estrellas,
Sabendo que ellas comem gallinaceos?
E queixam-se depois de erysipellas! »

Elle ás vezes julgava-se em palacios,
Adornado de púrpuras custosas,
Como um Mecenas escutando Horacios.

—« Criaturas carnívoras... gulosas!
E mastigais as pombas e os cordeiros...
E digeris as vaccas silenciosas!

Depois que a dura enxada dos coveiros
Encher de terra a bôca, que hoje em dia
Encheis de *autos de fe* dos cozinheiros,

O Deus, que a todo o instante nos espia,
Quando soar no val josaphatino
O clangor de que fala a prophécia,

Ha de a contas chamar-nos; e eu, sem tino,
Que poderei dizer, si Elle disser-me:
— Comeste o *petit-pois*? vai-te, assassino!

Vou mandar-te direito áquelle verme
 Que os pulmões te roeu, como roíás
 O peixe, a carne e o vegetal inerme ! »

Elle sentiu as grandes agonias
 Desse atroz e fatal presentimento
 Que tanto lhe encurtou os tristes dias.

Além da febre intensa do talento,
 Veio a febre voraz da enfermidade,
 E a tosse, que augmentava o seu formento.

Cheio de resignada heroicidade,
 Despediu-se de todas as loucuras
 Da sua tempestuosa mocidade.

Do cigarro as fumaças mais escuras
 Elle via fugir... e não podia
 Prendel-as, ou seguil-as nas alturas...

Dos seus vícios fieis se despedia
 Com um olhar tão triste, que mostrava
 Ser o último adeus que lhes dizia !

Quando, por fim, sosinho agonisava
 Num catre de hospital... se retorcendo
 Já nos braços da morte, que o gelava... :

Um cão entrou na enfermaria, e vendo
 O prato da dieta sobre um banco,
 Para o enfermo esgueira-se, tremendo...

Mas elle, arregalando um olhar branco,
 Olhar que leva o coração comsigo,
 Disse, abraçando o cão, no extremo arranco :

— Morro ao menos nos braços de um amigo ! — (*)

(*) Allude ao abandono em que morreu, precisamente na noite em que sua esposa dava uma recepção, em que se dansava e cantava-se ao piano. Nem se sabe ao certo a hora em que expirou. A's 5 da tarde, quando o enfermeiro foi levar-lhe a comida, pediu laranjas, que o médico prohibira, e disse então, ainda com animação:— « Vejo na extrema do horisonte uma cordilheira de bergamotas; e neste deserto, sem oásis, pyrâmides de tangerinas! »... A's 8 horas, porém, quando o enfermeiro voltou com um chá, já o encontrou morto, frio completamente, com um braço cahido fóra da cama, e um cão a lamber-lhe os dedos hirtos. — M. T.

NOTAS

NOTAS

O RIO GRANDE DO SUL

Já estava quasi esgotada a edição do tomo I dos *Gaúchos*, quando Ruy Barbosa, no seu discurso de 16 de Junho de 1921, disse o seguinte, que em nova edição será reproduzido no meu estudo sobre o *meto physico*, como homenagem de reconhecimento a uma das mais poderosas cerebrações do nosso tempo. Diz o radioso estylista :

« Terra de tantas qualidades excelsas, privilegiada na sua maternidade inexgotavel de talentos, virtudes e heroismos, o Rio Grande tem, no thesoiro incalculavel dos seus merecimentos, glorias para encher a guerra e a paz, cimos de luz para se medir com as mais altas grandezas, imprevistos e sobras de magnificencia, para se lembrar até dos mais pequeninos, e lhes deixar cahir um pouco do que lhe transborda dos seios opulentos.

E' de coração e com amor que lhe rendo aqui este preito. Si doutrinas e situações politicas nos tem por tanto tempo separado, nada lastimo eu mais sinceramente na minha carreira pública, tão pouco feliz em tudo. Mas nunca cessei da minha admiração para com o grande Estado, da minha estima ao seu maravilhoso povo, do meu reconhecimento pelos seus serviços á nossa nacionalidade, do meu respeito, si não ao rumo politico das suas instituições, á integridade pessoal, á moralidade financeira, á probidade administrativa, de que é exemplo o seu governo ».

BARÃO DE QUARAHIM

Descendentes deste illustre gaúcho pedem-me que declare que, além dos filhos notavels, que deixou, era tambem sua filha a Baronesa de S. Clemente. Em edição definitiva, os perfis do conselheiro Alfredo Chaves e desembargador Paulino Chaves, que vão aqui na biographia paterna, devem passar para o tomo I, na galeria d'*Os Notaveis*.

JULIO DE CASTILHOS

« A onda invasora da revolução ameaçava leval-o na enxurrada bulhenta e espumante de sangue humano ». Felizmente o governo da União conseguiu chegar a um accordo com os chefes *federalistas*, sendo firmada a pacificação em 1895.— Escrevi, então, este hymno, que foi posto em música pelos drs. Fernando Osorio e Cardoso de Menezes (inspirado autor do *Hymno Acadêmico*, de S. Paulo), e Pedro Borges, distincto compositor porto-alegrense.

HYMNO DA PAZ

Hontem lágrimas, lutas, horrores,
Sobre o Pampa um funéreo *aqui jaz* ;
Hoje — risos e palmas e flores,
A bemdita epopéa da Paz !

Dos gaúchos a lança guerreira
Que lhes caia de prompto das mãos :
Não façamos da nossa bandeira
A mortalha dos nossos irmãos.

Seja a Paz como um iris luzente
Do Cruzeiro do Sul na amplidão ;
O Progresso que marche na frente,
E as paixões que se estorçam no chão.

Dos gaúchos a lança guerreira
Que lhes caia de prompto das mãos :
Não façamos da nossa bandeira
A mortalha dos nossos irmãos.

Mães e filhas, irmãs e consortes,
Que viviam na sombra a chorar,
Já de novo, nos braços dos fortes,
Vão encher de alegrias o lar.

Dos gaúchos a lança guerreira
Que lhes caia de prompto das mãos :
Não façamos da nossa bandeira
A mortalha dos nossos irmãos.

A Vingança que tombe por terra,
Que a Vingança deslustra o Valor ;
E em lugar de cohortes em guerra,
Haja — Ordem, Progresso e Amor.

Dos gaúchos a lança guerreira
Que lhes caia de prompto das mãos :
Não façamos da nossa bandeira
A mortalha dos nossos irmãos !

RITA BARÉM

Entre as biographias de Bibiano de Almeida e Eudoro Berlink devia entrar o seguinte perfil, que não pode deixar de fazer parte desta collectanea:

RITA BARÉM DE MELLO nasceu em Porto Alegre a 30 de Abril de 1840 e falleceu na cidade do Rio Grande a 27 de Fevereiro de 1868. O dr. Caldre e Fião, ao biographal-a, diz: «Grupam-se-me na mente as figuras imponentes de Maria José e de Eurydice Barandas, cujos manes passeiam á sombra das árvores, na penumbra das florestas antigas de Viamão, e alimentam-se das flores e das aguas doces como as da Castalia, neste valle de Tempe que chamamos o Guahyba, onde vêm debruçar-se novos Pindos.

De Maria José ainda conservamos algumas sátyras incisivas, cheias de erudição e de poesia, em que se atiravam ao ridiculo os pretenciosos políticos daquelle tempo. De Eurydice Barandas temos a lyrica poesia que enternece e deleita, traduzindo os seus ferventes e entusiásticos amores por um joven magistrado que ainda hoje vimos... Rita Barém era uma menina bonita, tinha vivacidade e fazia versos. A mocidade sympatisava com ella, que examinada á luz da imparcialidade, revela um talento precoce. Os seus versos, o modo de explicar-se na linguagem métrica, dizem-nos que tinha a alma aberta aos sentimentos delicados. Era o que se chama uma aptidão».

Deu aos seus primeiros versos o titulo de *Lyra dos 15 annos*, no volume publicado em 1855, com o pseudônimo de *Jurity*. Casou-se aos 17 annos de idade, teve dois filhos, que morreram na primeira infancia, inspirando-lhe a sentida elegia intitulada *Lágrimas de Mãe*, pouco lhes sobrevivendo a inspirada poetisa. Ha ainda um outro livro de poesias de Rita Barém, de edição póstuma, cuja revisão muito lhe prejudica a inspiração, que era brilhante e espontanea. A ternura do seu coração de mãe transborda em estrophes como estas:

Jamais acordarás! Lirio suave,
No val da vida vicejaste apenas
Um dia, um dia só!... O' flor de encantos,
Porque tão cedo a fronte immaculada
No seio do sepulchro reclinaste?

..... Morrerei moça!
Sinto que um verme nas doridas fibras
Do meu peito se aninha. Ha de interpor-se
Entre o futuro e eu da morte a noite...

..... Oh! si nas azas
Dos quinze annos fugido houvera ao mundo,
Não sentira esta dor que não tem nome:
Morrer, quando sou mãe, e o filho infante!

Dos seus extremos de mulher apaixonada e ardente, que naturalmente não encontrou no esposo o ideal dos maridos, temos a mais sincera prova nas seguintes estrophes, onde palpita um coração allucinado, nas vivas labaredas de um incendio interior :

Vem! que te importa que maldiga o mundo
O amor profundo que nos liga?...—vem!
Vem, que nos valles de cheirosas flores
Nossos amores viçarão tambem.

Pensa na sombra da floresta virgem,
Nesta vertigem... neste amor ali!...
Aves felizes no sendal dos ramos,
Seremos: vamos... que o serei por ti!

Vamos unidos, como a luz ao astro,
De Ignez de Castro todo o amor lembrai-o...
Nas longas plumas que a palmeira agita
A alma palpita de Virginia e Paulo!

Que mais tu queres da existencia? Escuta!
Quem ama luta? Não lutemos... vem!...
Vamos aos valles de cheirosas flores,
Que é flor de amores meu amor tambem!

Olha, de tarde, quando o sol se esconde,
Dize-me, onde mais poesia viste?
Calam-se os ventos, para ouvir minh'alma,
O ceu se acalma... mas o ceu é triste!

Meu coração, longe do mundo, exprime
Na voz sublime de um archanjo a voz;
Hei de dos seios arrancar os lirios
Dos meus delirios, pr'a t'os dar, a sós!...

Perdidos ambos no deserto infinito,
Que sonho lindo! que visões tambem!
E o ether puro como ven de estreilas...
E a chamma dellas a tremer além!...

Que importa o prado de cheirosas flores,
Si teus amores morrerão tambem?!
Mas, si morrerem, morrerão commigo,
E ao ceu contigo voarei... mas vem!

Oh! não! minh'alma se corôa em flores,
Nos esplendores de celeste aurora:
Deus abençôa só amores santos,
E são meus cantos infernaes agora!

Como se vê, ha nesta poetisa o fogo da volupia que inflammou a poetisa cubana Gertrudes de Avellaneda, quando brada, fremente de ciumes :

Hagan mis dientes con crujidos ásperos
Pedazos mil su corazon infiel ;
Y dormiré, cual en suntuoso tálamo,
En su caliente, ensangrentada piel !

Si en estos campos solitarios, áridos,
Quereis tener magnífico festin,
Dadme sus miembros, dádmelos escualidos,
Y en ellos mi hambre se paciente al fin.

Não sei quem foi que disse que grandes poetas ha muitos, mas verdadeiros criticos ha poucos. A verdade é esta : o crítico literario é o membro de um Supremo Tribunal de Justiça, cujas sentenças devem ser lavradas com a severa imparcialidade de um juiz de Berlim ; e só assim desaparecerão de vez os irreflectidos elogios da complacencia, nivelando as mediocridades com os eleitos da intelligencia, dando-se a Cesar o que é de Cesar, sem tirar de Deus o que é de Deus.

ESTES IMPROVISADOS INTELLECTUAES (pág. 150)

Entre os numerosos patifes que me distinguem com a sua iuvejosa antipathia, destacam-se tres funcionarios da Bibliotheca Nacional: fuão Peregrino, seu primo Basilio Magalhães e Alfredo Mariano de Oliveira, os quaes, pelo muito que alardeam e o pouco que valem, sou levado a crer que o diabo os fez só para ter o gostinho de ali encurralal-os. O primeiro ousou tentar tolher-me a palavra, quando dei uns apartes a José Verissimo, na conferencia que fez, sobre a nossa literatura, com os quaes o atralhei de modo que quasi deixou cahir das trémulas mãos a papelada que lia fahnosamente.

Sabia-se que o titulo daquella conferencia mal disfarçava o intuito de collocar Machado de Assis acima de todos os nossos poetas e prosadores ; e assim, passando pelas diversas phases da literatura como gato por brasas, foi deixando no tinteiro os nomes de alguns dos mais eminentes vultos nacionaes. Quando deu por terminado o periodo colonial, sem ter falado de Gregorio de Mattos, interrompi-o, perguntando-lhe si não conhecia esse formidavel satyrico.—*Ora, é uma figura tão apagada...*— respondeu-me, ao que lhe retruquei : «Tão apagada, que o padre Vieira disse do alto do púlpito : — «Prestam maior serviço á colonia as sátyras de Gregorio que os sermões de Vieira ! »

O auditorio applaudiu-me, o que provocou a intervenção de Peregrino (que presidia a mesa), dizendo-me que em conferencias não eram admittidos apartes... Respondi-lhe que nos mais cultos paizes, sempre que o conferencista claudicava, os entendidos no assumpto elucidavam o ponto em questão.—Mas eu não admitto isto!— bradou apoplético.— Pois quer queira, quer não queira, eu continuarei a chamal-o a contas sempre que for dando mostras de incapacidade!— (*Novos applausos do auditorio*).

Passando Veríssimo do romantismo ao parnasianismo, sem falar de Fagundes Varella, perguntei-lhe:— E não conhece o poeta das *Vozes da América*, dos *Cantos e Fantasias*, dos *Cantos do Ermo e da Cidade*, e do *Evangelho nas selvas*? O pobre diabo, então, voltando-se para o presidente, disse:—«Assim eu não posso continuar...» O melifluo Peregrino, tornando-se iracundo, ameaçou-me de fazer-me sahir do recinto... — Faça-o, si é capaz! — respondi, levantando-me, disposto ao que dêsse e viesse... O auditorio applaudiu-me de novo, dando-me a prova da sua solidariedade; e só a instancias de Alcides Maya, e de outros intellectuaes, permaneci silencioso durante o resto da arenga, mesmo porque causava dó o abatimento moral do ledor, que tremia, e engasgava-se, goguento.

O outro... o Basilio, no prefacio de uma traducção que fez da *Lyrice* de Stecchetti, diz, calumniando-me como um vilão, que fiz uma coisa que só elle e os individuos da sua laia costumam fazer, sem que ninguem lhes tome contas. E escreveu isto:

— « Mucio Teixeira, lendo a *Póstuma*, transformou-lhe o delicadissimo *Medio evo* num soneto, que deu a lume sem a precisa indicação da autoria primordial, e, mais tarde, como afim de absterger-se desse grande peccado, traduziu impeccavelmente *Il canto dell'odio*, uma das mais características e inspiradas producções de Olindo Guerrini».

Assim que me chamaram a attenção para esta ignobil falsidade (pois não tenho tempo para ler quanto livreco por ahí se publica), procurei ver si tamanha infamia tinha mesmo sido perpetrada em letra redonda; e ao chegar ao tópico que atraz transcrevi, tive impetos de lançar mão de um chicote e ir lanhar a cara do patife. Contive-me, porém, mas fui immediatamente á Bibliotheca Nacional, onde elle, assim que me viu, mudou de cor, correndo ao meu encontro, cheio de rapapés e de mesuras, sangrando-se em saúde, dizendo que já tinha verificado o meu nobre proceder na traducção de Stecchetti, tendo sido levado a tamanha leviandade por um dos seus *amigos ursos*, um fuão Faria, de Campinas, que era o único culpado daquella deslealdade.

E comprometteu-se a penitenciar-se em público e raso, emquanto não o fazia em nova edição do folheto onde me caluniava (como si aquillo fosse coisa que merecesse reimpressão). Deu-

me uma outra publicação, que fez, sobre o meu illustre patricio Barão de Santo Angelo, com dedicatória da mais viva admiração ; mas... até agora não cumpriu o seu dever, o que me obriga a explicar o que deu origem á perversa informação que recebeu do meu calumniador Alfredo (ou Alberto) de Faria, o estradeiro campineiro.

O caso foi assim : em 1881, ou 82, era eu redactor d'O *Cruzetro*, quando vi num dos jornaes de Roma a noticia do fallecimento do poeta bolonhez *Lourenço Stecchetti*, em cuja necrologia eram publicadas duas de suas poesias. O meu collega Felix Ferreira, a quem li esses versos, pediu-me que os traduzisse para a noticia que publicámos no dia seguinte ; preferi reduzir a soneto as quadras do *Medio evo*, e essa minha traducção foi transcripta em varios jornaes provincianos, até que finalmente appareceu no *Almanach* de Moreira de Vasconcellos, para o anno seguinte, com o que passei por um aborrecimento, pois um tal Val Florido, da raça dos Farias de Campinas, disse a Arthur Azevedo que vira no album de uma senhora umas quadrinhas de Luis Guimarães que muito se pareciam com o meu soneto, publicado no referido Almanach.

Arthur leviaamente acreditou no mentiroso, e no seu *De palanque* estranhou que dois poetas de renome dentro e fóra do paiz commettessem tão grave peccado. O meu aigo Luis Guimarães, que infelizmente não escrevera no album o nome do autor traduzido, disse-me que o fizera por distracção, mas que não valia a pena tomar aquillo a serio. Respondi-lhe que não socegaria enquanto não varresse a minha testada. E pensando que no *Almanach* fosse omittido o nome do autor por mim traduzido, só respirei quando vi que ali estava o nome de *Stecchetti* entre o titulo e o primeiro verso, e o meu embaixo do último. *Uf!*... dei graças aos deuses, e escrevi uma carta ao Arthur, que a publicou no dia seguinte, restabelecendo a verdade, até que, 37 annos depois, vem este Basilio, empurrado pelo seu *amigo* Faria, dizer que fiz uma coisa... que não fiz, e só poderia ser feita por qualquer delles. Só mandando-os á introducção, que é o que faço, tirando-os com dois pausinhos do covil onde rastejam, para entregal-os ao depreso público.

O último dos meus inimigos da Bibliotheca, o illustre desconhecido Alfredo, ou Mariano, de Oliveira (como queiram), humilhado no meio de tantos livros, por nunca ter escripto um só livro, lembrou-se um bello dia de coordenar pouca coisa do muito que se tem escripto sobre Castro Alves, de quem copiou uns versos e algumas cartas íntimas, pensando que só com isso poderia figurar num catálogo de autores (de obras de outros). Como quem não tem cão caça com gato, elle deu o seu recado da melhor maneira que poude, mas a lingua não o ajudou, ou quiz fazer cumprimentos com chapéu alheio ; e assim, ao copiar do meu livro *Vida e obras de Castro Alves* as cartas que dou, de pág. 88 a 98, disse que as

tinha tirado do *archivo do seu Fulano*... Isto dá vontade da gente gritar:— *Péga!* e levar o apito á bôca... que é o que faço aqui.

ASSIM CERTOS SCIENTISTAS MODERNOS (pág. 150).

Os descobrimentos da sciencia moderna não invalidam de maneira alguma as mais remotas tradições que attribuem incrível antiguidade á raça humana. A geologia, que ainda ha poucos annos não tinha descoberto vestigios do homem além da época terciaria, tem hoje provas incôntestaveis de que o homem já existia sobre a terra muito antes do último período glacial, que se remonta a 250.000 annos.

E' um computo bem duro de roer para os theólogos. E no entanto assim o acreditam os antigos philósofos.

BACON, ASSIGNANDO-SE SHAKESPEARE... (pág. 170)

A questão baconiana está hoje, mesmo na opinião dos criticos mais moderados e discretos, soberanamente julgada. Não ha mais dúvida que o «homem de Stralford on avon», não é o autor das obras de Shakespeare.

A maioria das opiniões, quanto á autoria, attribue a lord Bacon. Esposam essa theoria: Pott, Rawley, Reed, Spedding, Stone Boot, Oheobald, Webb e Willia.

THEODORO DE MIRANDA (pág. 227).

Diz Wilckmann que á primeira vez que se vê o Apollo de Belvedere tem-se vontade de imitar-lhe a altiva e nobre attitude. Assim tambem, a primeira vez que me contaram os rasgos de valentia de Theodoro de Miranda, senti o impulso de imital-o, tornando-me, de tímido que era, um *valiente* quixotesco em noites de luar e serenatas. E lembrava-me dos herôes de Calderon e Corueille, que nos enchem de legitimo orgulho, porque realisam as aspirações dos nossos sentimentos moraes, honrando a natureza humana. Estes caracteres de selecção tiram-nos do diapasão normal, vibrando alto no instrumento da sensibilidade numa escala de clarins em campo de batalha.

BAPTISTA PEREIRA (pág. 251).

Em edição definitiva desta obra, o perfil do dr. José Baptista Pereira, que aqui se lê de páginas 261 a 265, passará para o tomo I, na galeria dos *Notaveis*. Os meus versos á memoria de João

Manuel Baptista Pereira, que vão neste volume, á página 266, escriptos quando eu contava apenas 18 annos de idade, são transcriptos do meu livro intitulado *Violetas*, edição de 1875.

ARTHUR DE OLIVEIRA (pág. 331).

Tracei este estranho perfil em 1883 e só em 1891 publicuei-o pela *Revista do Novo Mundo*. Alcindo Guanabara reproduziu-o na *Imprensa*, em 1911, e agora finalmente apparece, com algumas ligeiras ampliações (no que se refere á arte), em edição definitiva.

ULTIMA PA' DE CAL

Agradeço ao meu velho amigo Achylles Porto Alegre o alto conceito em que continua a ter «o grande poeta, autor brilhante dos *Novos Ideaes* e do *Campo Santo*»; e repillo com a ponta do sapato as telices que diz da minha corôa de barão Ergonte, que não é de *papelão doirado*, como lhe parece, preferindo a ella a *corôa de estrellas de grande poeta* (servindo-me de sua propria phrase). Elevando o poeta para deprimir o scientista, commette a maior das injustiças, pois, si aquelle recebeu de Deus o dom da poesia, este queimou as pestanas no estudo, para chegar ao ponto em que se destaca, pisando firme no terreno conquistado pelo esforço pessoal, e analysando tudo e todos por um aspecto novo aos olhos dos nescios, que improvisam ares de competencia para querer rebaixal-o ao nivel da sua ignorancia.

Diz Achylles que fui seu discipulo; E' verdade: foi elle quem me iniciou nos mysterios da carta do A B C, únicos mysterios que o professor de primeiras letras desvendou até hoje, ensinando-me tambem as duas primeiras operações da taboada, guardando para seu uso particular as outras duas, a de *multiplicar*, para quando aïvelava a máscara de *Carnioli*, e ia cantar de gallo entre as frangas do becco do Paço; e a de *dividir*... o que fazia, quando era conferente da Alfândega de Porto Alegre, ou para os sentimentos de gratidão, tardiamente manifestados, como vou explicar.

Um anno depois de publicado o tomo primeiro do meu livro *Os Gauchos*, os dignos filhos do visconde de Pelotas (dois generaes reformados) se resolveram a deffender a memoria paterna, que tanto maltratei com duras verdades. Reconheço-lhes o sagrado dever de tão nobre procedimento, estranhando apenas que tão tarde se lembrassem disso. Mas o que não admitto é que um *intruso* venha tomar o pião na unha, principalmente o que menos

poderia fazel-o. Esse intruso é o Achylles, e si lhe arranco o fio de barbante que desenrolou com as trémulas mãos, já sem a força precisa para fazel-o girar vertiginosamente, é porque elle bem sabe que o que censura hoje no livro dos *Gaúchos* é a simples reprodução do que escrevi, 28 annos antes, no capitulo VIII da minha obra *A Revolução do Rio Grande do Sul*, de páginas 97 a 101, o que agradou tanto ao sr. Achylles, que foi elle o editor desse livro, impresso por sua conta, nas officinas do *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, de sua propriedade naquelle tempo (1893).

Quanto ao dizer *o seu* Achylles que a minha obra *Os Gaúchos* é uma reprodução, ou coisa que o valha, disse que elle *andou a mourejar ha longos annos...* pelo amor de Deus! não confunda alhos com bugalhos, separe o joio do trigo, e veja a differença que vai do meu livro para o seu... amontoado de frivolidades com o pomposo titulo de *Homens illustres do Rio Grande do Sul!*... Eu fiz uma longa obra de arte, de litteratura e de sciencia, dando á nossa terra um trabalho digno della; ao passo que *o seu* Achylles não fez mais do que incompletos e apagados perfis de individualidades notaveis de mistura com typos da rua, numa promiscuidade intoleravel, e isso sem ordem chronológica e sem nada digno de nota, a não serem as banalidades e os erros de grammatica do meu mestre... de taboada castrada e carta do A B C do Coruja. Ora, meu *amigo*, tire o cavallo da chuva, metta mais livros na mala com que anda o dia inteiro a passar os seus soporíferos livrecos de porta em porta, cumprindo assim o triste fadario de um pedinte, que pode repetir a phrase de Pedro Sem... que já teve e hoje não tem.

JUIZO CRITICO
DAS
OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA
BARÃO ERGONTE
Editadas pela Grande Livraria
LEITE RIBEIRO

EIN LESENSWERTES BUCH

Kurzlich ist im Verlage von Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, ein von dem mamhaften Schriftsteller Baron Mucio Teixeira verfasstes Buch unter dem Titel — *O Imperador visto de perto*, erschienen, das entschieden leenswert ist und in keiner Bibliothek fehlen sollte.

Der Verfasser hat dem unvergesslichen Kaiser D. Pedro II, ziemlich nahe gestanden und deshalb ist sein Urteil von ganz besonderem Werte, zumal es sich auf scharfe Beobachtung und strenge Sachlichkeit gründet.

Baron Mucio Teixeira entwirft von dem gelehrten Monarchen, der von seinem Volke mit so grossem Undank gelohnt wurde, ein treues und anziehendes Lebensbild. Man muss nach dem Lesen des Buches unwillkürlich ausrufen: Brasilien kann stolz auf seinen zweiten und letzten Kaiser sein, der ein wahrer Vater des Volkes und unablässig bemüht war, es gross und glücklich zu machen.

Baron Mucio Teixeira, welcher kürzlich in S. Paulo weilte und uns bei dieser Gelegenheit ein Exemplar des Buches dediziert, ist ein aufrichtiger Deutchenfreund, was ihn uns nur noch sympathischer macht. Er verfasst vor einiger Zeit ein Gedicht — *O Kaiser perante a Historia*, in dem er den Sieg der deutschen Waffen im Weltkrieg voraussagt.

TRADUÇÃO

Appareceu ultimamente, editado por Leite Ribeiro & Maurillo, do Rio, um livro do notavel literato barão de Mucio Teixeira, sob o titulo — *O Imperador visto de perto*, que, sem dúvida alguma, é digno de leitura, não devendo faltar em nenhuma bibliotheca.

O autor conviveu com o inesquecível Imperador D. Pedro II, sendo a sua maneira de julgar de especial valor, tanto mais quando se trata de um observador tão notavel, como o é o barão de Mucio Teixeira.

O illustre escriptor esboça do sabio Monarca, que tão ingratamente foi tratado pelo seu povo, (*) um quadro fiel e attrahente. E' forçoso exclamar-se, depois da leitura deste livro: o Brasil pode orgulhar-se do seu último Imperador, que foi um verdadeiro pai para o povo, esforçando-se sempre para fazel-o grande e feliz.

O Barão de Mucio Teixeira, ora de passagem por S. Paulo, nos dedicou um exemplar do seu livro. E' o notavel intellectual um sincero amigo da Alemanha, o que o torna ainda mais sympáthico. Ha pouco escreveu elle um poema — *O Kaiser perante a Historia*, no qual antevê a victoria dos exércitos germânicos na presente guerra mundial.

(Do *Diario Allemão*, de S. Paulo).

II

O IMPERADOR VISTO DE PERTO POR MUCIO TEIXEIRA

(Barão de Ergonte)

Mucio Teixeira foi um contemporaneo de D. Pedro II, um amigo, um admirador, um íntimo do monarca. Dez annos de convivencia com esse admiravel e formoso espírito do último imperador brasileiro radicaram-lhe na alma, onde jamais silvaram as serpes damninhas da ingratidão, um culto que permanece redívivo e intenso pela personalidade do grande D. Pedro de Alcantara.

Na hora em que uma revolução incruenta baldeou do throno o mais sabio dos soberanos e o mais virtuoso dos homens, as dedicações dissiparam-se como se dissipam as nuvens sob os ventos cálidos do outono; os zelos entibiaram-se e transmudaram-se, na alchimia

(*) O illustre jornalista allemão ignora que o povo brasileiro amava e admirava o seu sabio imperador: os escravocratas, depois da victoria abolicionista, sublevaram a soldadesca indisciplinada, e assim o depozeram e baniram.

do egoísmo humano, em adhesões á nova ordem de coisas; e nesse naufragio geral poucos caracteres emergiram e sobrenadaram da onda dos esquecimentos voluntarios e das defecções coloridas com os mais engenhosos pretextos.

Entre os granadeiros, que, no deserto feito em volta do Imperio, ficaram de pé, como perdidas e teimosas sentinellas ao que para todo o sempre se abysmaram no golphão das tempestades politicas, conta-se Mucio Teixeira. A sua dedicacão não quiz transigir com os vencedores. Na hora da alleluia democratica, que embriagava o paiz, o poeta que fôra durante muitos annos o trovador da côrte e o conselheiro literario do velho monarca, refugiava-se no ermo da sua intransigencia e na pedra votiva dos deuses lares installava, para o culto eterno da sua gratidão, o busto de D. Pedro II.

O seu fervor respeitavel pelas majestades cahidas, não assentava, emtanto, na somma dos beneficios recebidos das mãos dos poderosos de antanho, nem era proporcionado ás grandesas que supportava. Mucio Teixeira não recebera do imperador mais que esta simples dádiva, que hoje parece ridicula e mesquinha: a amizade. Essa pequena coisa sentimental bastou, todavia, para lhe vincular a existencia a um culto cujos fieis, de raros que se vão tornando, receberam nos videirinhos contemporaneos o título de *sebastianistas* maníacos.

O recente livre de Mucio Teixeira, — *O Imperador visto de perto*, é ainda a oblata de um crente, que não esquece os seus deuses, á memoria de D. Pedro de Alcantara. Compõem-no reminiscencias de annos felizes, deslisados na côrte modesta e singea do rei sabio, onde, mais que os assumptos politicos, tinham primazia e preferencia a poesia, a sciencia e a arte.

O último imperador do Brasil honrava-se mais, talvez, em pertencer ao Instituto de França que á constellação dos príncipes do seu tempo. O culto da sciencia tel-o-ia tornado secco e estoico, si o amor da poesia não linimentasse a friesa do experimentador com a sensibilidade do espiritalista. Nota a'gu es Anatole France que a sciencia vale muito menos que a poesia. Ella prosegue friamente a sua obra, sem se inquietar com a sensibilidade dos homens; ao passo

que a poesia consola e anima com os calores do seu entusiasmo e com a doçura de que sabe revestir a vida. Não foi nos compendios de Bichat ou nas regras doutas de Lavoisier, mas nas ficções de Dante que D. Pedro II hauriu o conforto e amparo, e achou o viático para percorrer a longa estrada da vida até ao calvario do exilio.

O memorial de Mucio Teixeira é um valioso contributo anecdótico e psychológico para a historia do derradeiro quartel do Imperio Brasileiro. Ahi se narra o que era a vida da cõrte numa época que já parece obscura e remota; ahi se descrevem episodios que definem e caracterizam o perfil moral do velho imperador; ahi se ergue o velario sobre relances da comedia política, que sempre parece variada e imprevista, sem que a sua substancia se transforme jamais; ahi se dá um relevo de tintas cruas e fortes, em pinceladas decisivas, aos quadros dos últimos annos do imperio.

O barão de Mucio Teixeira offerece á critica, com uma profusão de documentos inéditos, as bases para um juizo sobre o logar que a D. Pedro definitivamente compete no Parnaso nacional. E' um livro sobremaneira curioso e interessante pela sinceridade que o anima, pelo *tom* em que é escripto, pela elevação de propósitos que o inspiraram. Hoje, que está feito o rescaldo sobre as paixões políticas de ha vinte e oito annos, nem os mais férvidos republicanos occultam o seu respeito e sympathia pela memoria do imperador que foi o primeiro brasileiro do seu tempo. No sentimento unânime de D. Pedro II incorporou-se o sagrado patrimonio da nacionalidade; reinvidicamol-o todos, sem abdicação das nossas idéas políticas, como uma immorredora gloria da patria.

Assim, o livro de Mucio Teixeira sobre o imperador, não corre o risco de assoprar paixões inopportunas, e por todos será lido com devoção. O interesse do contexto accresce com a bella e pura linguagem do autor, humanista distincto e vernaculista insigne, que do respeito pela lingua faz um dogma do seu patriotismo e uma consequencia do seu tradicionalismo. Cremos que a *O Imperador visto de perto* está destinado um grande êxito literario.

GOMES DOS SANTOS. (*)

(*Correio Paulistano*).

(*) Autor do bello livro—*Jardim de Academus*.

III

O IMPERADOR VISTO DE PERTO POR MUCIO TEIXEIRA

(Barão de Ergonã)

Mucio Teixeira teve a felicidade de privar, durante largo tempo, com o segundo monarca do Brasil. Residiu, a convite imperial, no torreão do norte do proprio palacio de S. Christovam, occupando os magníficos aposentos que haviam pertencido ao antigo preceptor de Sua Majestade, o bispo de Chrisópolis, e que, depois de expedido o poeta consul geral em Venezuela, foram cedidos ao sr. Conde de Motta Maia.

Durante tres ou quatro annos, essa hospedagem principesca lhe proporcionou a intimidade do soberano. D. Pedro II confabulava diariamente, accessivel e carinhoso, com o seu poeta. Liam juntos as obras dos genios antigos, trocavam impressões, improvisavam versos. O Imperador bem sabia que o seu amigo e protegido era republicano; permittia-lhe acompanhá-lo, como se deu na sua viagem a S. Paulo, em 1886, representando *O Paiz*, de cujas columnas Quintino Bocayuva atirava apóstrophes fulminantes contra o regimen... E, mais ainda: D. Pedro II acoroçoava as convicções reformistas de Mucio Teixeira.

Tudo isso parecia incrível e fabuloso, si não se tratasse do Monarca liberal e magnánimo por excellencia, figura sem par em todos os tempos!

Ao querido protector rende agora o poeta um notabilíssimo preito de gratidão, publicando este opportuno e emocionante volume. Pedro II já tem uma estatua de bronze em Petrópolis, e terá, com o correr dos tempos, ainda outras em outras cidades do Brasil. A medida que se afasta para o passado, o seu vulto cresce na gratidão do povo brasileiro.

Entre todas essas obras da esculptura ha de figurar, porém, com grande realce, o monumento que a literatura lhe acaba de erguer pela penna de Mucio Teixeira. O Imperador poeta, o Imperador amigo e protector das artes e das letras, ali está evocado ao par do perfeito Soberano, sereno na paz e na guerra, preocupado com a gloria e a grandesa do seu paiz, sempre a estremecel-o com o maior ardor, mesmo depois de expulso do seu territorio e abysmado na mais innenarravel dor humana.

Ha certos assumptos que, tratados com a precisa elevação, dignificam e exalçam um escriptor. Mucio Teixeira pode gabar-se de tel-o conseguido com este formoso e sincero livro.

VEIGA MIRANDA (*)

IV

O IMPERADOR VISTO DE PERTO POR MUCIO TEIXEIRA

Não pequeno é o contingente que, com a publicação do seu novo livro, o barão de Mucio Teixeira traz para tornar a figura do último imperador do Brasil, cada vez mais respeitada e admirada.

Para falar do sabio e do poeta, do artista e do homem de governo, exemplo pouco commum na historia da humanidade, e único na nossa tão breve mas tão accidentada historia política, poucos como Mucio Teixeira estariam á altura desse alevantado e nobre mister.

Além do convivio diario com o grande imperador, tem elle as qualidades necessarias de escriptor e estylista insigne, para poder levar a bom termo uma obra que seja, a par de um preito de gratidão, a demonstração exacta das singulares qualidades de cavalleirismo, talento, erudição, patriotismo e bondade de quem foi, alheio ao partidarismo político, um exemplo de homem de Estado e de chefe de família.

Assim, no *O Imperador visto de perto*, soberanas se ostentam essas qualidades, que o autor não deixa de pôr em realce, com o esplendor do seu estylo poético e magistral, dando-lhe o justo e merecido valor.

Descreve-nos Mucio Teixeira a vida de D. Pedro de Bragança, desde a infancia, sem alegria, sem os cuidados maternos, tendo como único confidente e amigo um preto chamado Raphael, que foi um exemplo de dedicação e affecto, até ao terrivel momento em que, víctima da mais negra ingratição, o imperador enfermo se viu forçado a deixar o throno e a patria!...

O Imperador visto de perto é uma obra que se lê sem enfado, rapidamente, já pelo interesse crescente que a figura veneranda de D. Pedro de Bra-

(*) Deputado Federal por S. Paulo, e notavel escriptor.

gança desperta em todos quantos não tenham o espirito obcecado por paixões políticas, nem pelo mau e antigo veso de deprimir tudo o que se passou, para acompanhar com gritos esganiçados o côro dos vis adutores dos *homens do dia*.

O novo livro de Mucio Teixeira não é também desprovido de forte documentação, das mais interessantes coisas e dos mais curiosos factos referentes ao sabio imperador, e inteiramente desconhecidos pelos que não tiveram a ventura de com elle conviver. Vasto manancial de episódios até agora inéditos, *bons mots*, provas de bondade verdadeiramente evangélica e da mais alta magnanimidade, tudo isto se acha compendiado neste livro imperecível.

E' um livro merecedor de repetidas leituras, sob todos os pontos de vista porque se o encare. A linguagem castigada, o estylo fluente, o brilhantismo das idéas e a graça e precisão dos commentarios, tudo isto torna a leitura agradável e empolgante. Quanto á parte material, também nada deixa a desejar, devido ao cuidado dos editores srs. Leite Ribeiro & Maurillo.

WENCESLAU DE QUEIROZ. (*)

V

O IMPERADOR VISTO DE PERTO

Pelo Barão Ergonte de Mucio Teixeira, Consul Geral do Brasil no Reinado de D. Pedro II

.....

Mais uma vez deu Mucio Teixeira um valioso documento da maestria com que maneja a penna, quer escreva prosa elegante, eloquente, correctá, cantante e harmoniosa, quer registre, em versos fortes, cadenciados e vibrantes, seu sentir e seus vãos de imaginação e de grandiloquencia.

A casa editora dos snrs. Leite Ribeiro & Maurillo esmerou-se nessa publicação, que traz na capa um bom retrato do velho imperador, e a reproducção, no texto, de outros retratos, manuscriptos e autógraphos.

Compõe-se o livro de quinze longos capítulos, de um appêndice, de notas, e de um interessante quadro

(*) Juiz Federal em S. Paulo, e o poeta das *Resas ao Diabo*.

synóptico dos acontecimentos históricos brasileiros no mez de Maio.

Fecha o volume um nítido retrato do autor, que nos dá também uma orientação completa a respeito *do poder do Número*, — «que é o invisível, sendo o visível a fôrma, o corpo». Dessas considerações parte para a annotação da influencia do algarismo 2 na vida do segundo imperador, e das coincidencias notaveis entre os acontecimentos e as datas na vida d'elle e de seu pai.

Não visam as 267 páginas do livro resolver um problema histórico, nem firmar-se como documentação; têm antes o character de um louvavel preito de gratidão de um amigo, que não esqueceu ainda a carinhosa acolhida que recebeu do imperador.

FABIO LUZ. (*)

VI

MUCIO TEIXEIRA, BARÃO ERGONTE

O Imperador visto de perto

O sr. Mucio Teixeira, que mereceu a sympathia protectora do Sr. D. Pedro II, publica neste livro, ampliação de uma conferencia realisada ha tempos, annotações, recordações, impressões e documentos sobre o último imperador do Brasil, com quem teve occasião de privar.

Não se trata de um estudo de sociologia, ou de psychologia ou historia. O proprio autor declara: — «Digam outros tudo quanto eu também desejo e espero vir a dizer um dia da personalidade politica e social do sabio e magnánimo imperador D. Pedro II; eu aqui só me proponho tratar do homem íntimo, visto de perto, no sagrado recolhimento do seu lar hospitaleiro — sempre aberto aos humildes e infortunados; paço de reis que mais parecia asylo de caridade, tal a multidão de velhos, enfermos, viuvas e órfãos, a quem diariamente proporcionava esmolas, entremettes naquelles salões se acotovelavam poetas e scientistas, pintores e músicos, esculptores e outros artistas, pais

(*) Distincto médico, inspector-escolar, e notavel romancista do *Ideólogo* e da *Virgem-Mãe*.

de familia sem emprego e estudantes sem mesada, a todos tratando com affecto e solícitude, sempre a todos dando o alento moral e o auxilio pecuniario».

O barão Ergonte reúne anecdotas, traços de character e costumes do imperador-philosopho; e assim, o seu livro é interessantíssimo e tem valor histórico. Será este novo livro de Mucio Teixeira um elemento necessario para a reconstituição do character do nosso grande imperador, incontestavelmente o maior dos soberanos do seu tempo.

Pedro II foi educado por um frade, a quem nomeou bispo de Chrysópolis, — «O frade era virtuoso e illustrado (diz o barão de Mucio Teixeira), mas frio e imperturbavel, severo e duro como todos os professores daquelle tempo, em que a escola ainda era uma jaula, e os collegiaes uns assustados prisioneiros».

Raphael, preto nascido no Rio Grande do Sul em 1791, e fallecido na quinta de S. Christovam, repentinamente, no dia 16 de Novembro de 1889, foi o criado fiel de D. Pedro II, e delle Mucio Teixeira traça um retrato interessante. Esse preto gaúcho sobresahira na guerra cisplatina, e por isso D. Pedro I, o mandara chamar. Ficou servindo na côrte. Banido a 7 de Abril de 1881, D. Pedro I confiou a Raphael a vigilancia de seu pequeno filho.

«Raphael acompanhou D. Pedro II dia e noite, durante mais de meio século; percorreu com o seu senhor (elle sempre chamava o seu velho amigo de *meu senhor*), não só as provincias do sul e norte, como todos os paizes continentaes, europeus, e asiáticos que o Imperador visitou; e na única vaigem em que não pode acompanhá-lo, devido ao seu estado de saúde, o Imperador, assim que desembarcou, antes mesmo de apertar a mão dos seus ministros, abraçou affectuosamente o velho preto, que chorava de contentamento, não se podendo dizer qual delles estava mais commovido».

O Imperador prohibiu á Imperatriz de falar em negocios públicos (para assim conserval-a numa esphera de imparcialidade); e ella, meiga, bôa, e ao mesmo tempo severa, comprehendeu e praticou obediente a recommendação. E' que, para servir a uns, tinha que desgostar a outros; e assim, sendo muitos os pretendentes a qualquer cargo público, que a um só poderia ser dado, para o reconhecimento de um só te-

ria o desagrado de todos os outros, o que lhe traria fatalmente um grande número de desaffectedos. E assim conseguiu ella o ser denominada *A Mãe dos Brasileiros*.

— Isto é lá com o Imperador! — dizia sempre a Imperatriz quando alguém lhe falava em assumptos políticos, ou lhe pedia a protecção para ser despachado. Tinha damas de honra com quem trocava presentes e vivia com estima. Tinha tambem muitos afilhados, dava-lhes «modestas mensalidades, além de dois contos de esmolos que o Imperador mandava distribuir todos os sábados em nome della, sendo tambem distribuidos cinco contos, em seu nome, no mesmo dia da semana.

Mucio Teixeira assistiu a diversas distribuições dessas esmolos. E conta a respeito coisas pittorescas. Assim, via que muita gente bôa ia fingir de pobre. — «Moças bonitas e elegantes, deixavam no alpendre do *Zé Careta* (guarda da quinta), os seus elegantes chapéus de plumas e as finas luvas de pellica, envolviam-se numa escura mantilha e lá iam estender a mãozinha alvíssima á nota de vinte mil réis destinada a cada pobre»...

O autor recorda que poucos príncipes foram illustrados como o nosso segundo Imperador. «Bem moço, falava e escrevia linguas vivas e mortas, inclusive o sânskrito, o árabe e o persa. Chegou a descobrir novos corpos celestes no nosso systema planetario, como se vê no *Anuario Astronômico* de Flammarion».

Na questão dos bispos com a maçonaria, foi enérgico e severo. Partiu para a guerra logo no começo da campanha do Paraguay. Mucio Teixeira não faz um estudo da personalidade política do seu imperial amigo; apenas conta o que viu, ouviu e observou em dez annos de intimidade.

O Imperador foi poeta, e sempre viveu no meio de poetas, e por poetas foi louvado. Cita o barão de Mucio Teixeira esses louvores, e mostra como D. Pedro mandou imprimir as *Hugonianas*. Transcreve o conhecido episodio narrado por Gustavo Rivet, da entrevista de D. Pedro II com Victor Hugo.

Para o poeta dos *Novos Ideaes* e dos *Prismas e Vibrações*, a prosa do Imperador «tinha a nítida clareza e o soberano vigor dos períodos do padre Antonio Vieira ou de Alexandre Herculano». E o seu

verso, sem a preocupação de uma forma rebuscada; era simples e inspirado, espontaneo e sonoro, como se vê nas numerosas poesias reunidas neste volume.

Algumas aneddotas contadas por Mucio Teixeira podem servir aos futuros historiadores. Assim, visitando um hospital, numa viagem a S. Paulo, disse o Imperador: — «Prefiro a escola aos hospitaes. Já que se lembram tanto destes, não se esqueçam tambem daquella, e contem commigo». — No theatro S. José, da Paulicéa, vendo no panno de bôca a representação da scena do Ypiranga, disse: — «Está ali sacrificada a verdade histórica: meu Pai não estava fardado naquella occasião». Em visita a uma escola pública, ao examinar mais de uma menina, notou que todas resavam pela mesma cartilha. Disse, então, á professora: — «Vejo que ellas só sabem *repetir*, mas isso não basta».

Depois de ter mandado retirar do subterraneo de uma cadeia uns pobres escravos, que os *senhores* mandavam castigar ali, vendo uma gaiola num quartel, abriu-a, fazendo o passarinho voar em liberdade, e exclamou: — «Eu não gosto de gaiolas em quarteis, nem de alçapões em cadeias».

Quando o Imperador partiu para a guerra do Paraguay, quizeram erigir-lhe uma estatua; o Imperador pediu que não fizessem isso, e destinassem o dinheiro, obtido em subscrição popular, á construcção de escolas, no que foi satisfeito.

Ha neste livro numerosas aneddotas e reminiscencias interessantes. O autor, ao demais, colligiu varios documentos e reuniu todas as composições poéticas, originaes e traducções, do sr. D. Pedro II. O livro tambem é illustrado com diversos retratos e *fac-similes*. Mucio Teixeira fez assim um trabalho curioso, cheio de factos e recordações, mostrando os varios aspectos da mentalidade forte e do coração nobre do segundo e último Imperador do Brasil.

Editorial do *Jornal do Commercio*.

VII

O IMPERADOR VISTO DE PERTO

PELO BARÃO ERGONTE DE MUCIO TEIXEIRA

Numa bella edição apresenta-nos o illustre poeta e insigne prosador Mucio Teixeira um trabalho de

alto valor para a historia do Brasil. A pessoa de D. Pedro II apparece-nos ahi cercada de uma auréola de gloria, no meio de provas inequívocas de seu relevo intellectual e moral.

Não queremos inculcar o trabalho do barão Er-gonte como obra de historia propriamente dita. Falta-lhe para isso a fria regidez da crítica, e sobra-lhe benevolencia e gratidão, que seu augusto amigo lhe merece. Mas ha nelle um archivo de documentos que servirão ao historiador imparcial que se occupe D. Pedro II.

A aridez não salteia o leitor nestas quasi trezentas páginas. Escriptas com muito calor e brilho, com aquelle enthusiasmo juvenil que o autor imprime á sua palavra, contém este livro abundante número de anedotas e poesias, um verdadeiro florilegio, que longe de fatigar o espírito, o recreia proveitosamente.

Inserer tambem bellas photogravuras, entre as quaes a do Imperador no seu leito de morte. Tratando de suas relações com D. Pedro II, Mucio Teixeira tem occasião de legar aos seus biógraphos dados interessantes de tão gloriosa existencia.

Editorial do *Jornal do Brasil*.

VIII

O IMPERADOR VISTO DE PERTO — TERRA INCÓGNITA

Dois novos livros de um dos melhores polygraphos nacionaes

São devéras notaveis os dois últimos livros de Mucio Teixeira, um dos mais fecundos, variados e brilhantes escriptores brasileiros, contra quem, por injustificados motivos, parece ultimamente organisada uma conspiração de surda má vontade, traduzida em desdenhoso silencio.

Tem elle publicado até hoje nada menos de doze livros de versos, quatorze poemas, nove dramas, e nove livros em prosa, sem contar innúmeros artigos de jornaes e revistas. E não se trata de opúsculos, ou de obras traçadas sem preocupação de idéa ou de fórma, mas sim: de trabalhos de fôlego, alguns com tres e quatro edições, vertidos outros para idiomas estrangeiros.

Está claro que, no meio de tão abundante producção muita coisa haverá merecedora de contradicta,

ou adversa crítica. Mas, de bôa fé, ninguém poderá contestar o engenho, a operosidade, os múltiplos e scintillantes talentos do autor, em cujas páginas copioso material se encontra para selecta anthologia.

Quando Consul Geral do Brasil em Venezuela, nos últimos tempos do Imperio, recebeu Mucio Teixeira das individualidades proeminentes de Caracas, centro muito culto, homenagens extraordinarias, como poucos brasileiros têm merecido. Só talvez Joaquim Nabuco, Embaixador nos Estados Unidos, tivesse sido objecto de preitos análogos.

Dessas manifestações a Mucio Teixeira ficaram irrecusaveis documentos, que devem causar satisfação e desvanecimento a todos os nossos compatricios. Além de capacidade litteraria, outro raro merecimento lhe reconhecerá quem lhe examine a vida, os escriptos e discursos. É a inquebrantavel fidelidade, a illimitada dedicação, o profundo reconhecimento que sempre demonstrou relativamente á memoria de Sua Majestade o Snr. D. Pedro II, o magnânimo, com o qual de perto conviveu.

Emquanto tantos outros patrocinados pelo grande soberano o repudiaram logo após o 15 de Novembro, inventando aggravos, invocando pretextos para justificar a ingratição, Mucio Teixeira sempre timbrou em se declarar agradecido ao Imperador, pondo até nobre altivez em se proclamar seu protegido, não calando, antes publicando e encarecendo os beneficios d'elle auferidos.

Honra lhe seja por esse desassombrado e cavalheiroso proceder, infelizmente excepcional! Muitos peccados devem ser perdoados a quem possui tal sentimento.

Prova dessa corajosa lealdade, dessa sobrevivencia de reverente affecto, desse culto abnegado, desse desinteressando pendor para a verdade e a justiça, sem receio de affrontar os poderosos do dia, os dispensadores de mercês e posições, depara-a superiormente o volume, em grande formato, de cerca de 300 páginas, recente e bellamente editado pelos snrs. Leite Ribeiro & Maurillo, — *O Imperador visto de perto*.

É precioso repositario de factos e commentarios, registrados por fino observador, redigidos em estylo tão singelo quão correcto e elegante, não raro commovente, destinados a tornar bem conhecidas, quer di-

zer sobremaneira admiradas, a bondade, a lhanesa, a longanimidade, a cordura, a virtude, a elevação daquelle que, durante meio século, exerceu a suprema autoridade no Brasil, sem a ninguem perseguir, ou siquer offender, e, afinal, teve como galardão de seus serviços e benemerencia, a deposição, o banimento, o exilio mesmo após a morte!...

Quem quizer d'ora avante estudar a biographia de D. Pedro II, não poderá dispensar o precioso subsidio de Mucio Teixeira, que apresenta o monarca sob novos e sympáthicos aspectos.

O outro livro a que acima alludimos é o poema — *Terra Incógnita*, vasta composição em que o poeta expõe as suas idéas philosophicas e religiosas. Discordamos de muitas dessas idéas, pois consideramos a doutrina do Evangelho, conservada e explicada pela Igreja Romana, como a única verdadeira e inexcedivel em puresa, sabedoria, sublimidade.

Mentiríamos, porém, á nossa consciencia literaria e christã si desconhecessemos a belleza e vibração de numerosos versos das tres partes do poema — *Contemplação e Crença*, — *Os Precursores*, e — *Irradiações*. Na segunda, principalmente, encontram-se magníficas syntheses crystalisadas em soberbas estrophes.

Precede o poema uma interessantíssima monographia do sr. Alvaro Teixeira, digno filho de Mucio Teixeira, monographia em que é apresentado e commentado o juizo sobre este expellido por escriptores nacionaes e estrangeiros. E' calorosa consagração.

CONDE AFFONSO CELSO.

IX

A SEMANA

Creio que nunca tive o ensejo de conversar publicamente, por meio desta columna, sobre a individualidade illustre e interessante de Mucio Teixeira, o bardo de inspiração ardente das *Vozes Trémulas*, dos *Novos Ideaes* ou dos *Prismas e Vibrações*, e ainda de *Fausto e Margarida* ou do *Intermezzo Lyrico*, o biógrapho atilado e douto de Pedro II na obra *O Imperador visto de perto*, e, finalmente, o mago que um conhecimento profundo do occultismo transformou no célebre Barão Ergonte.

Si nunca me proporcionaram os acasos do assumpto esse prazer, nunca houve de minha parte escassez de admiração pelo poeta, nem jamais me faltou a tentação do motivo que elle representa. O que faltou foi apenas o concluído de todas as circumstancias necessarias a isso, especie de conspiração silenciosa dos factos de que hoje me quero aproveitar para regalo proprio, servindo-me do pretexto que o apparecimento do primeiro volume dos *Gauchos* vem proporcionar.

Este é um livro curioso por si mesmo pela sua significação e pelo plano a que obedeceu o seu autor, que por elle consegue, numa clara visão dos acontecimentos e das figuras, levantar a terra rio-grandense do sul aos olhos do leitor com perfeita nitidez e admiravel relevo, sem necessidade de ardis e recursos grosseiros, que muitas vezes empregam escriptores menos bem intencionados.

Seja quando determina o momento histórico em que se produzem os factos e as creaturas se agitam, seja quando descreve esses mesmos factos ou traça o perfil dessas creaturas, ha sempre em Mucio Teixeira uma viva sinceridade de linguagem e um carinho visivel pelo assumpto, que logo seduzem, como duas grandes condições de sympathia, o espirito errante que se debruça sobre essas páginas de emoção e patriotismo.

Falando dos homens, dos acontecimentos ou dos sitios amaveis da sua patria, occupa-se Mucio tambem dos costumes do gaúcho, do seu modo de viver, dos seus gostos e predilecções como tambem da sua arte e mais especialmente da sua poesia, a poesia popular dos pampas, a canção espontanea e fluente que nas horas de tregua e repouso, fugindo de bocas onde as palavras de amor se misturam ás exclamações de bravura, se elevam da immensa planicie, da savana monótona e sem fim, como uma pura emanção da terra gloriosa que se dirige aos altos ceus onde pairam as almas dos heróes.

Foi nesse capítulo, intitulado *Cancioneiro gaúcho*, que me detive com um cuidado especial, muito curioso de conhecer, através do testemunho de um authenticos escriptor rio-grandense, os traços característicos do bello e forte temperamento da gente fronteiriça, nessa linguagem rythmada que falam todos os povos. Sem es-

tar acompanhada de qualquer commentario (*), a parte do livro ahi citada contém uma bôa collecção de quadras de septisyllabos, entre as quaes se encontram algumas na verdade encantadoras, trazendo fortemente marcado o cunho da procedencia. Um exemplo:

Eu, quando inda era pequeno,
Cantava—que retinia :
Eu cantava em Dom Pedrito
E em Porto Alegre se ouvia !

Esta jactancia ingenua é, sem dúvida, da mesma familia que inventou a seguinte bregeirice :

O meu ratinho calungo
Ha tres dias que não rõe ;
Anda røendo por fóra,
Isso mesmo é que me dóe.

E ainda esta outra :

O tatú foi-me na roça,
Toda a roça me comeu ;
Plante roça quem quizer,
Que o tatú quero ser eu.

As duas comparações poderão não ser bastante amáveis, mas o euphemismo, salvo melhor juizo, é um achado.

Nos versos em que figura o cavallo, grande amigo e companheiro do filho dos pampas, é que melhor e mais fielmente se reflecte a alma gaúcha :

Tenho o meu cavallo baio
Quando saio vou branqueando ;
Si quebro o chapéu do lado
As moças ficam pensando.

Moça, me diga o seu nome
E tambem sua morada ;
Eu tenho cavallo gordo,
Um galope não é nada.

Nas altas cavallerias,
Eu, que sou guasca largado,
Tenho sempre á mão o relho
E o pingo rinchando ao lado.

(*) Lamento que o illustre escriptor e brilhante poeta não tenha visto que as quadras do meu livro são precedidas de um estudo synthético do nosso *folk-lore*, como poderá verificar nas páginas 38 a 40 do tomo I desta obra.—M. T.

O cavallo é tudo para o gaúcho, que nelle passa a maior parte da existencia e sem o qual, sem dúvida, seria o mundo um logar inhabitavel. E' ao nobre animal que elle se compara nas expansões de amor, como aqui :

Relinchando de saudades,
Tão longe do meu rincão,
Sou matungo estropeado,
Eu, que já fui redomão !

Da tropilha que te segue
Sempre fui o mais fogoso;
Tenho tranco mui macio,
Sou parceheiro famoso.

E, finalmente, esta, que é a mais gaúcha de todas e a mais bella pela justeza da imagem :

No poteiro de teus olhos
Cupido me boleou;
Que esperança de muscar-me!
Logo o buçal me passou...

Em outras quadras, porém, citadas por Mucio, não reconheço o Rio Grande nem o rio-grandense do sul. São, sem dúvida, versos viajados, desses que andam por todo o Brasil e que já perderam os traços de sua origem. Alguns até trazem um accentuado cunho portuguez, como aquelles que falam da saudade, que é filha da ausencia. (*)

Ha, entretanto, no cancionero apresentado por Mucio uma quadra que está desafiando a investigação dos folkloristas, tanto pela delicadesa da idéa que traduz quanto pela dupla coincidência que apresenta, e que depois apontarei. Eis a quadra :

Quando ha de chegar o dia
Em que ha de a sua mucama
Botar os nossos chinellos
Debaixo da mesma cama ?

A idéa que ahi está, embora tosca e relativa á modestia da vida campesina, é a mesma — tão linda ! — do célebre *Brinde*, de Fontoura Xavier, o encantador lyrico das *Opalas*. Mas não pára ahi a coincidência.

(*) Isto mesmo digo eu, em nota, á página 375 do tomo I desta obra.—M. T.

Recentemente, Carlos de Vasconcellos divulgou uma saudação muito popular nos Estados Unidos, que corresponde exactamente á mesma coisa. E' esta:

*Here's to the wings of Love,
May they never moult a feather,
Till my little shoes and your big shoes
Are under the bed together!*

Naturalmente esse desejo da hora, entre todas feliz, em que se achem sob o mesmo leito os nossos sapatos com os da mulher amada, é uma aspiração universal de todos os amantes, mas isso não tira o interesse de tão singular encontro de idéas, e bem merece a attenção dos estudiosos do *folk-lore*, que, sem dúvida, ahí vão descobrir um vasto campo para as suas pesquisas fecundas.

OSCAR LOPES.

X

MUCIO TEIXEIRA — OS GAÚCHOS

Editores Leite Ribeiro & Maurillo - 1920

O Rio Grande do Sul tem motivos para estar agradecido ao Sr. Mucio Teixeira, que com o seu livro *Os Gaúchos*, cujo primeiro volume acaba de sahir, está escrevendo um minucioso elogio ao meio physico, ao homem, á historia, aos fastos, ao cancionero, á vida do grande Estado. A terra maravilhosa dos Pampas merece isso e mais ainda. O Brasil pode e deve orgulhar-se daquella sua gente, daquella sua historia, daquella sua terra.

Ao barão de Mucio Teixeira faltam, apesar de seu talento, algumas virtudes de critico e historiador, porque é um apaixonado, é um combativo, e, no caso, assentou preliminarmente engrandecer, de qualquer fórma o seu portentoso rincão. Desde que se seja apaixonado e combativo, não se pode deixar de ser injusto muitas vezes. E' assim, que enaltecendo, como lhe cumpre, os méritos incontestaveis do *Parthenon Literario* riograndense, onde se reuniam, em dada época, cincoenta brilhantes intellectuaes, não se limitou a elogial-o, mas preferiu ferir, sem maior fundamento, instituições ou

tras que pelo paiz buscam tambem a prosperidade das letras.

Ao historiador sereno bastaria, entretanto, para collocar bem alto a feição, até mesmo social, do Parthenon Literario, firmar que delle ficaram uma revista, uma bibliotheca e as cartas de alforria que promoveu e legalizou, durante mais de um decennio.

Esse mesmo espinho, entre flores laudatorias, se encontra nos perfis biográficos que traça dos rio-grandenses illustres, nas sciencias, na prática militar, nas letras, na política, nas artes. São bosquejos, muito bem feitos, aliás, esses, em os quaes o autor, em vez de preoccupar-se de numerosas datas, estima demorar-se em traços que melhor definem as figuras moraes ou mentaes desses vultos.

A parte anecdótica, sempre tão interessante, tem, nesses retratos, preponderancia a proposito e descrita na linguagem attrahente do autor. Episodios lindissimos, ou linhas de nobreza de character, são ali apontados e deixam, sem dúvida, numa accentuada expressão de superioridade os homens que formam a esplendente galeia histórica da terra gaúcha. No cancionero, o Sr. Mucio Teixeira, levado sempre pela paixão com que está estrevendo a sua obra, attribue ao poeta do povo do sul certas joias que, ou são brasileiras, de origem local indeterminada, ou são evidentemente do norte.

Tinhamos annotado algumas para essa observação, quando ao fim do volume vimos, do proprio autor, uma advertencia na qual elle mesmo põe em dúvida si certas composições populares são do cancionero regional gaúcho. Entre ellas, está a seguinte, que o Norte tem como sua, e o é, e que constitue uma das mais formosas expansões lyricas da alma popular do mundo:

Esta noite eu tive um sonho,
Meu Deus! qu' sonho atrevido!
Sabi que tinha na rêde
A fôrma do teu vestido.

O terceiro verso, na tradição popular, se refere á *rêde*, genuinamente nortista, e não á *cama*, como está no livro de Mucio Teixeira. Aliás, o cancionero do Rio Grande do Sul não precisa do empréstimo de ninguém. Elle offerece preciosidades, ora lindas, ora fa-

cetas, como tão abundantemente está provado no interessante trabalho, de que nos estamos occupando.

Apesar dos exaggeros, filhos, visivelmente, da benequerença de seu autor ao berço natal, e das opiniões, por vezes intolerantes, graças ao seu temperamento apaixonado, o que se não pode negar é o mérito, a paciência, o esforço de quem escreveu *Os Gaúchos*, em lingua correcta, com enthusiasmo e com essa intenção sempre fidalga de dar realce ás personalidades que honraram o tempo e a terra onde viveram.

Editorial do *Jornal do Commercio*.

XI

FOLK - LORE

Sr. Redactor. — Inserta no *Jornal do Commercio* de hoje (30 de Novembro de 1920), na edição matutina, vem uma controversia a propósito desta quadra popular, que se lê á página 351 do livro do barão de Mucio Teixeira — *Os Gaúchos*:

Esta noite eu tive um sonho,
Meu Deus! que sonho atrevido:
Sonhei que tinha na cama
A fôrma do teu vestido.

O talento fulgurante do meu presado amigo Mucio Teixeira, pol-a no seu livro *Os Gaúchos*, que ainda vou ler, como sendo do sul do Brasil. O *Jornal do Commercio*, corrigindo o vocábulo *cama*, do terceiro verso, para *rêde*, dil-a do norte, e affirma que o é.

Tenho, *data venia*, de Mucio e do grande jornal matutino, que não é possível fixar-lhe região. (*) Mes-

(*) A estas exigencias da critica respondi antecipadamente, pelo meu livro *Os Gauchos*, dizendo, á página 375 do tomo I, que não se pode dizer com precisão si algumas dessas quadras populares partiram do Rio Grande do Sul, ou chegaram até lá, devido ás constantes migrações, emigrações e immigrações, de individuos que levam consigo esses thesoiros da poesia popular.—M. T.

mo porque Portugal também a reclama, por Tinop, em livro publicado em 1903. E sob esta feição:

Esta noite sonhei eu
Um sonho bem divertido,
Que tinha na minha cama
A fôrma do teu vestido.

Eu, porém, conheço-a sob este feitio, especialmente nos sertões do Maranhão, Piauí e Bahia:

Esta noite, á meia noite,
Eu tive um sonho atrevido,
Sonhei que estava deitado
Com a fôrma do teu vestido.

Como se vê, *nem cama nem rede*. E aproveito o ensejo para dizer que, apesar de no Norte dominar a rede e não a cama, lá está arraigada a expressão: *Fulano está de cama*.

Dou-me á liberdade de notar que só vejo real expressão de lyrismo brasileiro nos dois versos finais da quadra exposta por Mucio Teixeira. Os dois primeiros até parecem feitos para aproveitar os dois últimos. A asperesa do segundo, então, si assim posso dizer, contrasta com a suavidade excelsa do trovador brasileiro.

A modalidade por mim colhida pode não ser a legítima, mas quadra-se, a meu ver, nos formosos versos brasileiros, que nunca perdem o natural atticismo,

A. J. DE ALMEIDA RODRIGUES. (*)

XII

OS GAUCHOS POR MUCIO TEIXEIRA (Barão Ergonte)

O nome do Barão Ergonte está cercado de sympathias, tem excellentê *aurea* e já é pronunciado com temor e respeito nos meios acadêmicos... Ninguém pode pronunciar o nome deste hierophante-vate sem estremecimentos nem emoções.

Em Mucio Teixeira tudo é maravilhoso; o maravilhoso assombra; e pouca gente acreditaria hoje na

(*) Dr. Antonio José de Almeida Rodrigues, distincto advogado e publicista.

pillheria de *Don Juan* pedindo o fogo do cigarro do Diabo, que fumava de outro lado, na aneddotica contada por Marmé. No entanto, si Mucio Teixeira nos viesse contar a historia maravilhosa de um duende ou de um mago, certamente a acolheriamos de bom grado.

Trata-se, porém, agora, d'*Os Gaúchos*. Não ha neste livro prophecias, nem contos de fadas, nem as maravilhas do Occultismo se acham nelle condensadas. E' apenas um largo estudo do meio physico, do momento histórico, da vida pampeana, do cancionero popular, e a synthese biographica dos rio-grandenses illustres.

A bagagem literaria de Mucio Teixeira é enorme, cerca de 60 volumes publicados, e o seu espirito ainda não pediu aposentadoria... Trabalhar, trabalhar sempre, este foi o seu lemma, e assim irá certamente até ao fim: trabalhando.

Dos nossos escriptores que se acham alcandorados *sous le couple*, com excepção de Ruy Barbosa, nenhum outro excedeu ainda em fecundidade o barão de Mucio Teixeira, cuja independencia de espirito se vem manifestando desde a sua juventude em todos os actos de sua vida. E é por isso que o admiramos e applaudimos.

Nos trabalhos de Mucio Teixeira, principalmente nos seus últimos livros literarios, o seu espirito de ordem se tem revelado mais vigorosamente. N'*Os Gaúchos* não houve o mínimo esquecimento de factos, individualidades e datas, que, como diz o autor, «poderiam parecer á primeira vista dispensáveis, mas que considero como peças justificativas, na elaboração de um trabalho minucioso e complexo como este, paciente e detalhado, como devem ser todos os *documentos humanos*».

— Porque? — Responde-nos o escriptor: — «A crítica leva hoje a anályse até á curiosidade mais indiscreta; e tem imprescindivel necessidade de fazer isso, porque procura antes de tudo explicar a apparição e o desenvolvimento gradativo do genio individual e do phenômeno sociolátrico, tanto pela acção do meio physico como pelo impulso das condições históricas, que são assimiladas ou repellidas, conforme o grau de iniciativa individual, ou do adiantamento colectivo». (*)

(*) MUCIO TEIXEIRA — *Os Gaúchos*, tomo I, pág. 7.

Só na affirmativa que ahí ficou, da propria lavra do autor desta obra, encontram-se manifestações de conhecimentos altamente reveladores do seu espirito independente e da sua nítida visão psychológica. Naquelles conceitos, onde encontramos motivos excellentes para uma orientação magnífica do nosso espirito, também livre de preconceitos e toleimas, estão encerradas grandes verdades scientificas, que não precisamos determinar.

«A percepção da verdade depende do equilibrio da intelligencia e das emoções», diz Mucio Teixeira. E accressenta: — «Emquanto não entramos no estado transcendente do conhecimento directo da verdade, vemos apenas as sombras que a cercam».

Estudando com pormenores e detalhes tudo quanto se liga á vida gloriosa do seu Estado natal — o Rio Grande do Sul, Mucio Teixeira não quiz apenas apresentar-nos «as sombras que a cercam». Revelou-nos toda a verdade, movimentou os seus quadros, deu-lhes a vida necessaria, fez a apologia do gaúcho, «o typo mais notavel do Brasil (diz elle), tanto na sua vida innocente e simples, como nos rasgos épicos da sua bravura indômita», ou quando, como pretende comparar-se a Deus:

Eu sou maior do que Deus,
Maior do que Deus eu sou:
Eu sou maior no peccado,
Porque Deus nunca peccou.

Este livro de Mucio Teixeira está methodicamente dividido. Nelle se encontram noticias detalhadas dos usos e costumes da vida da savana, e a biographia (com episodios íntimos) dos sabios, dos heróes, dos notaveis, dos estadistas e parlamentares, poetas e prosadores, um pintor e um músico (Araujo Vianna) e finalmente um genio, — Arthur de Oliveira.

E no emtanto parece-nos que o barão Ergonte, com a sua maravilhosa vara mágica de hierophante, quiz transformar a sua terra gaúcha numa verdadeira Thessalia, e, ao fim da leitura, somos forçados a reconhecer que o Rio Grande do Sul, «não contente com ser a Sparta brasileira, também é Athenas».

Editorial do *Jornal do Brasil*.

XIII

OS GAÚCHOS POR MUCIO TEIXEIRA

E' prodigiosa a actividade intellectual de Mucio Teixeira, cuja producção litteraria é uma das maiores e das mais brilhantes.

Poeta de raça, eternamente romântico o que quer dizer bardo que sempre seduz e encanta, é, ao mesmo passo, prosador elegante, como se revela neste trabalho que acaba de consagrar á sua terra natal.

Dividiu o autor o seu livro em quatro partes. Na primeira estuda o momento histórico e o meio physico, no qual faz surgir o typo do *gaúcho*, que lhe merece longo e curioso estudo; na segunda, trata dos tres sabios do Rio Grande do Sul, que são Visconde do Rio Grande, o doutor Joaquim Caetano da Silva, e o Conselheiro Candido Baptista.

Na terceira estuda com enthusiasmo e amor os innumeraveis heróes da sua heróica terra; e por último dá breves noticias e notas de varios personagens rio-grandenses, a que elle chama *Os Notaveis*.

E' um bom livro, que recommendamos ao leitor.

Revista da Lingua Portuguesa, anno II, n.º 10.

XIV

OS GAÚCHOS POR MUCIO TEIXEIRA

Mucio Teixeira é um dos nossos escriptores mais fecundos. A sua obra em prosa e verso é uma das maiores que temos visto, com a circumstancia de que tanto se vislumbra nella o sentimento poético como o espirito crítico. Mucio Teixeira é o poeta espontaneo, imaginoso, sentimental e apaixonado. Nos seus versos vibra toda uma alma lyrica, repassada de impetus amorosos. O escriptor nada fica a dever ao poeta.

A obra que Mucio Teixeira vem de publicar é uma das maiores que até hoje tem produzido entre os seus trabalhos em prosa. Além do mais, tem um grande valor não só no momento, como para o futuro. E' o estudo de um período da vida do Rio Grande do Sul, do seu meio physico, dos seus grandes homens, do cancionero popular, etc.

A primeira parte dessa obra define, desde logo, o escriptor. Mucio Teixeira fala no momento histórico sendo que todo esse capítulo serve de verdadeira introdução. São páginas em que o autor faz uma synthese perfeita da obra e da sua significação histórica. Evidencia a sua opinião sobre as formas de governo e narra um episodio que patenteia o grau de intimidade que tinha com D. Pedro II.

O estudo que Mucio Teixeira faz do gaúcho é um tanto exhaustivo pela preocupação que teve o autor de explicar, detalhadamente, por notas á margem, a significação de varios vocábulos. O processo empresta á obra como que impressão de um trabalho scientifico. Não se trata de um defeito, de uma falha, mas, em todo caso, não é inutil registrar essa particularidade interessante.

O gaúcho é um povo intelligente e a sua inspiração poética nada fica a dever aos nortistas. O seu folk-lore é rico de bellezas e preciosidades. O tropeiro dos pampas é o typo do apaixonado, capaz de fazer as mais arriscadas proesas, comtanto que tenha ao lado o seu cavallo, que é o seu melhor amigo.

«Moça, me diga o seu nome
E tambem sua morada,
Eu tenho cavallo gordo,
Um galope não é nada».

«Cavallo bom e mulher
Foi pelo que fui perdido;
Cavallo bom sempre tive,
Mulher sempre tenho tido».

Na poesia ingênua do gaúcho ha sempre um cavallo, ou seja alusão ou baio. O essencial é que o cavallo tenha alma, seja tambem capaz de amar... A mulher não é uma só: são todas. O gaúcho é, por indole, um temperamento exuberante, e, em materia de amor, o seu dominio vai desde Cangussú até Caçapava. Ninguem fale em mulher feia junto do gaúcho.

Meu tatú de rabo molle,
Meu guisado sem gordura,
Eu não gasto o meu dinheiro
Com mulher sem formosura.

Ha duas coisas no mundo
Que fazem muito berreiro:
Velha braba rabujenta,
Cachorrinho no terreiro.

Ha tres coisas neste mundo
Que me fazem muito mal:
Noite escura, mulher feia,
Cachorrada no quintal.

Uma parte de grande valor dessa obra é a em que Mucio Teixeira fala dos homens do Rio Grande do Sul. Os perfis gaúchos são retratos a bico de pena, como diz o proprio escriptor. O que é facto é que são documentos humanos, collocados em ordem chronológica. Apparecem no primeiro plano *Os Sabios*; seguem-se *Os Heróes*; vêm depois *Os Notavejs*; logo a seguir *Os Estadistas e Parlamentares*, e por último *Os Poetas e Prosadores*, os *Artistas* e *Um Genio*.

Editorial da *Gazeta de Noticias*.

INDICE

	Págs.
Prólogo do tomo II	1

X

ESTADISTAS E PARLAMENTARES

Barão de Quarahim	9
Ferreira Vianna	14
Gaspar Martins	23
Floencio de Abreu	37
Pinheiro Machado	43
Julio de Castilhos	62
Rivadavia Corrêa	75
Pedro Moacyr	80

XI

POETAS E PROSADORES

Delphina da Cunha	87
Araujo Porto Alegre (Barão de Santo Angelo)	91
Caldre e Fião	103
Zeferino Vieira	109
Carlos von Koseritz (Barão de Koseritz) . .	113
Felix da Cunha	118
Bernardo Taveira	125
Ignacio de Vasconcellos	132
Bibiano de Almeida	139
Eudoro Berlink	145
Macedo Junior	147
Menezes Paredes	155
Apollinario Porto Alegre	159
Carlos Ferreira	173

II

	Págs.
Affonso Marques	179
Luciana de Abreu	187
Hilario Ribeiro	190
Amalia Figueirôa	193
Bernardino dos Santos	204
Aurelio de Bittencourt	214
João Fernandes (Damasceno Vieira)	219
Gustavo Vianna	220
Theodoro de Miranda	225
Lobo da Costa	231
Ferreira da Luz	237
Lobo Barreto	239
Alves Torres	246
Baptista Pereira	251
Talloni Junior	271
Terencio de Miranda	278
Arthur Rocha	281
Oscar Pederneiras	286
Alexandre Fernandes	287
Caldas Junior	292
Alarico Ribeiro	297
Marcello Gama	303

XII

DOIS ARTISTAS

Araujo Porto Alegre	311
Araujo Vianna	312

XIII

UM GENIO

Arthur de Oliveira	331
NOTAS	405
Juizo crítico dos livros de Mucio Teixeira.	415

ERRATA

Página	Linha	Lê-se	Lêa-se
7	1	IX:.....	X.....
33	28	juntos.....	junto.....
35	24	dnma.....	duma.....
43	26	consistir.....	consistiu.....
44	19	constituidas.....	constltuidos.....
50	28	Geus.....	Deus.....
53	13	não.....	mão.....
66	17	respeito.....	reposteiro.....
68	20	Gaspár.....	Gaspar.....
69	7	continúó.....	continúo.....
71	6	rio-graudenses.....	rio-grandenses.....
77	29	Semprc.....	Sempre.....
78	29	eeu.....	ceu.....
94	49	Unidos.....	Unido.....
131	42	da.....	dá.....
164	18	Florian.....	Florian.....
166	38	pode uma.....	pode merecer uma.....
176	14	<i>pseudonymo</i>	<i>pseudônimo</i>
"	22	Shakspeare.....	Schakespeare.....
206	3	o cerca.....	os cerca.....
"	"	lhe.....	lhes.....
"	35	romancista Orador.....	romancista. Orador.....
209	15	guerreiros.....	guerreiro.....
216	38	pseudos.....	pseudo.....
219	35	ss.....	os.....
224	13	vd sem temeir.....	vida sem temer.....
"	17	dizr.....	dizer.....
225	17	deffender-se.....	defender-se.....
238	2	mai.....	mais.....
242	34	olhos.....	olhar.....
250	36	exidente.....	exigente.....
255	2	sciencia.....	sciencia.....
256	36	seguiam-no.....	seguiam-nos.....
258	43	incompatível.....	incompatível.....
309	"	coma.....	como.....
385	8	respondéu.....	respondeu.....
"	41	<i>Fu</i>	<i>Eu</i>
411	18	almanahc.....	almanach.....
"	21	aigo.....	amigo.....
422	39	deputado Federal.....	Ministro da Marinha.....
429	36	desinteressando.....	desinteressado.....

OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA

LIVROS DE POESIA

Vozes trémulas, 1 vol. de 212 págs. — *Violetas*, 1 vol. de 200 págs. — *Ondas e Nuvens*, 1 vol. de 250 págs. — *Sombras e Clarões*, 1 vol. de 296 págs. — *Novos Ideaes*, 1 vol. de 400 págs. (4.^a edição). — *Prismas e Vibrações*, 1 vol. de 236 págs. — *Hugonianas*, 1 vol. de 494 págs. (2.^a edição). — *Contos em Cantos*, 1 vol. de 242 págs. — *Poesias e Poemas*, 1 vol. de 238 págs. (2.^a edição). — *Celajes*, 1 vol. de 361 págs. (em lingua castelhana). — *Poesias de Don Mucio Teixeira*, traduzidas por poetas de Venezuela, 1 vol. de 250 págs. — *Campo-Sanção*, 1 vol. de 519 págs., com numerosas gravuras. — *Brazas e Cinzas*, poesias.

POEMAS

Cérebro e Coração, 1 vol. de 212 págs. (3.^a edição). — *Fausto e Margarida*, 1 vol. de 210 págs. (4.^a edição). — *O Inferno Politico*, 1 vol. de 224 págs. — *Intermezzo Lyrico*, 1 vol. de 284 págs. — *Um Sonhador do Século*, 1 vol. de 182 págs. — *O Tribuno-Rei*, 1 vol. de 126 págs. (2.^a edição). — *Os Inconjidentes* (fragmentos), 1 vol. de 92 págs. — *Mulheres do Evangelho*, 1 vol. de 262 págs. (2.^a edição). — *Pequenos Poemas de Campoamor*, 1 vol. de 325 págs. — *O Girafa*, 1 vol. de 110 págs. (2.^a edição). — *Leviandades (de Clymene)*, 1 vol. de 82 págs. — *Caprichos de Mulher*, 1 vol. de 46 págs. — *O Kaiser perante a Historia*, 1 vol. de 25 págs. — *Terra Incógnita*, 1 vol. de 408 págs.

DRAMAS

O Filho do Banqueiro (5 actos). — *Alvaro, o Farrapo* (5 actos). — *A Flor de um dia* (4 actos e em verso). — *Tempestades moraes* (3 actos). — *A Virtude no Crime* (5 actos). — *O Sobrinho pelo Tio* (3 actos). — *Montalvo* (3 actos). — *Chimica Conjugal* (1 acto e em verso). — *A Urucubaca* (3 actos, em prosa e verso).

LIVROS EM PROSA

Memorias dignas de memoria, 5 vols. — *Poetas do Brasil*, 3 vols. — *Synthese histórica da Literatura Brasileira*, 3 vols. — *Vida e obras de Castro Alves*, 1 vol. — *Biographia de Bethencourt da Silva*, 1 vol. — *Relatorio da Exposição de 1900*, 1 vol. — *La administracion del Doctor Rojas Paúl en Venezuela*, 1 vol. — *O Brasil Marcial*, 1 vol. — *Almanach do Barão Ergonte*, 2 vols. — *O Imperador visto de perto*, 1 vol. — *Os Gaúchos*, 2 vols. A ENTRAR NO PRÉLO: *Homens do meu tempo*, 3 volumes. — *Tratado elementar de Sciencia Occulta*, 1 volume, ornado de numerosas gravuras.

NO PRELO :

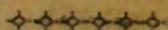
A HERVA DE FOGO

POEMA EM 10 CANTOS

POR

MUCIO TEIXEIRA

BARÃO ERGONTE



O LIVRO DAS ÚLTIMAS POESIAS

DE

MUCIO TEIXEIRA

INTITULADO :

BRAZAS E CINZAS

1851

LA TROBE UNIVERSITY LIBRARY



C 96528 5051 B

BUNDOORA GENERAL

920.08165

T266g 1920 t.2

TEIXEIRA, Mucio Scoevola Lopes,
1857-1926

Os gauchos : estudo do meio
physico, do momento historico, da vida

BRN : 865519

17 SEP 96

